

CARMEN KORN

AS QUATRO AMIGAS

A história emocionante de quatro mulheres que enfrentam os momentos cruciais do século XX com a força da amizade



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CARMEN KORN

AS QUATRO AMIGAS

A história emocionante de quatro mulheres que enfrentam os momentos cruciais do século XX com a força da amizade



 Planeta

CARMEN KORN

AS QUATRO AMIGAS

Tradução
ANA MARIA MOUTOZAKIS



Quetzal

A Maris, Paul, Michael, Hannah
e a todas as crianças que estejam por vir

Índice de personagens

HENNY E SEUS FAMILIARES

Henny Unger, apelido de solteira Godhusen: Nascida em 1900, ao longo da sua vida teve quatro apelidos distintos; no entanto, depois do seu casamento com Lud Peters, que morreu jovem, e do divórcio de Ernst Lühr, encontrou a felicidade ao lado do médico Theo Unger. Embora já não trabalhe como parteira, dá uma ajuda à filha Marike na sua clínica de ginecologia.

Theo Unger: Nasceu em 1892. Em tempos, uma garrafa de cúmel *Helbing* impediu que o jovem médico e a parteira acabassem juntos, e foi outro que se tornou o primeiro amor de Henny. Agora Theo Unger é feliz não só por ter Henny por mulher, como também por ter recebido o presente de uma família.

Marike Utesch, apelido de solteira Peters: Filha de Henny e Lud; nasceu em 1922. Depois da reforma de Theo, dirige sozinha a clínica que partilhavam na Neuer Wall. É casada com Thies Utesch, o seu amor da infância, desde dezembro de 1945, e têm dois filhos, Katja e Konstantin.

Katja Utesch: Filha de Marike e Thies Utesch; nasceu em 1950. O seu namorado, Karsten Jentzsch, pôs a Katja a alcunha de «a Fera», embora tal só seja verdade em parte. Sim, Katja sabe o que quer, apesar de demonstrar uma curiosa indecisão na relação que mantém com Karsten. É louca por ele, mas a fanfarronice e o machismo de que o rapaz se vangloria cada vez a exasperam mais.

Konstantin Utesch: É o irmão mais novo de Katja; nasceu no ano de 1962 e, embora ainda seja uma criança, acabará por se tornar um jovem com muita determinação.

Klaus Lühr: Filho de Henny e do seu segundo marido; nasceu em 1931. *Quando a Noite Cai*, o seu programa na NDR, já é uma verdadeira

instituição. Aos dezanove anos apaixonou-se pelo pianista de *jazz* Alex Kortenbach, que perdeu toda a sua família na tempestade de fogo que assolou Hamburgo quando ele vivia na Argentina; apesar de continuar a carregar esse pesado fardo, a família de Klaus já é a sua há bastante tempo.

LINA E SEUS FAMILIARES

Lina Peters: Nasceu em 1899. Aquela que em tempos foi professora é agora uma das proprietárias da livraria Landmann. O facto de o seu irmão mais novo, durante a sua curta vida, a ter presenteado não só com uma cunhada, mas também com uma sobrinha e um sobrinho, é algo que Lina agradece profundamente.

Louise Stein: Nasceu em 1901; é a companheira sentimental de Lina há já muitos anos. Naquela época, a hora do *cocktail* diante da janela aberta das águas-furtadas onde vivem era uma tradição festiva, mas agora Louise bebe com frequência, e não apenas nos momentos de alegria.

Momme Siemsen: Sócio de Lina e de Louise na livraria; nasceu em 1912. Continua a viver feliz ao lado da sua mulher Anni e das três filhas de ambos na que foi em tempos a pensão de Guste, e onde chegou para trabalhar como aprendiz de livreiro em Hamburgo.

IDA E SEUS FAMILIARES

Ida Yan, apelido de solteira Bunge: Nasceu em 1901, e é provável que a mimada menina Bunge nunca tenha imaginado as reviravoltas que a sua vida daria. Ida encontrou o amor ao lado do comerciante Tian Yan, filho de pais chineses, e em Henny, Käthe e Lina encontrou amigas para toda a vida. Os Yan vivem há anos na casa de Guste, juntamente com a família Siemsen.

Guste Kimrath: Nasceu em 1887 e, durante décadas, abriu as portas da casa que herdou na Rua Johnsallee a todos quantos nela procuravam um refúgio, e a todos ofereceu algo mais do que apenas uma pensão. Esta grande mulher, possuidora de um coração enorme e de uma mente aberta, é uma pessoa importante não apenas para as duas famílias que moram com ela.

Florentine Yan: Nascida em 1941, a filha de Ida e Tian é uma cotada modelo internacional há já algum tempo. Em determinada altura amou dois homens, Alex Kortenbach e o técnico de som Robert Langeloh, mas já se deu conta de que Alex nunca poderá ser seu e de que, apesar de todos os seus casos amorosos, o que sente por Robert é sincero. Chama-o pela alcunha carinhosa de «*husky*», por causa da cor dos seus olhos: um verde e o

outro azul, de vidro, que usa desde que foi ferido na guerra.

KÄTHE E SEUS FAMILIARES

Käthe Odefey, apelido de solteira Laboe: Nasceu em 1900; era vizinha de Henny, que é agora a sua melhor amiga. Devido à sua ideologia comunista, durante a guerra Käthe esteve presa num campo de concentração de onde conseguiu regressar após um grande périplo.

Rudi Odefey: Nasceu em 1900; é o marido de Käthe. De gostos refinados, às vezes quase não é capaz de acreditar que ame desde 1919 uma mulher que não gosta de poesia. No entanto, para ele Käthe continua a ser a rapariga sensual por quem um dia se apaixonou perdidamente.

Ruth Odefey: Nasceu em 1944 e ficou órfã muito cedo; chegou à vida de Käthe e Rudi quando tinha seis anos. Agora Ruth é uma jovem séria, mas muitas vezes também um enigma, inclusive para os seus pais adotivos e para as suas melhores amigas, Katja e Florentine, do mesmo modo que também constitui um enigma o amor funesto que professa por András Bing.

Março, 1970

Käthe tomou um pouco de balanço e saltou. No outro lado do passeio, pareceu ter ficado sem fôlego por um instante, mas logo em seguida acenou com a mão para Henny e voltou a saltar. Foi parar aos braços da amiga, que a abraçou com alívio. Oito saltos da casa de uma até à casa da outra. Um jogo que jogavam quando eram pequenas, antes, quando podiam ver-se da janela das respetivas cozinhas.

– Ainda sou capaz – afirmou Käthe com voz de júbilo.

Os carros reduziram a velocidade, não fosse o caso de essa doida não parar de saltar como um canguru. Os transeuntes viravam a cabeça a fim de olhar para as duas mulheres e riam-se, ficavam espantados. Manias de velhas.

Era o primeiro domingo de um março cujo céu estivera encoberto até esse momento. Seria por isso que Henny e Käthe estavam de tão bom humor?

– Salta tu – propôs Käthe.

Henny negou com a cabeça, e as suaves ondas louras caíam-lhe sobre o rosto; Käthe, por outro lado, tinha o cabelo negro e forte. As duas contavam com uma certa ajuda, pois pintavam-no com a tinta da Wella. Deixavam os cabelos brancos para os respetivos maridos.

– Prefiro ser eu a apanhar-te – respondeu Henny.

– Não me admira, a verdade é que essa saia que trazes vestida é rígida e muito justa. – Käthe esticou o vestido de malha, que aparecia por baixo do casacão a três quartos. – O meu dá de si. Recuso-me a deixar que a roupa me estorve.

Estavam contentes por continuarem magras. Henny iria fazer setenta anos no final desse mês, os mesmos que o século, e Käthe já os fizera em janeiro, embora mentalmente se sentissem mais jovens; onde é que o tempo havia ficado suspenso?

– Vamos passar pela Finkenau? – sugeriu Käthe. – Para homenagear o nosso antigo local de trabalho?

– Demasiadas recordações para mim, já me bastam as recordações da casa dos nossos pais por hoje – retorquiu Henny. – É melhor irmos diretas a casa da Lina, anda.

Lina, a irmã do primeiro marido de Henny. Depois da morte prematura de Lud, a cunhada continuara a ser sua amiga.

– Será que a Ida também lá vai estar? Acho que fazia tenções de ir a Paris visitar a filha, a desaparecida.

– A Florentine vem a Hamburgo na semana que vem.

Henny virou-se para trás e olhou uma vez mais para a casa onde havia passado a sua infância e a sua adolescência, e onde voltara a viver quando as bombas que caíram em julho de 1943 arrasaram a sua própria casa. No segundo andar, uma cortina mexeu-se na janela, como se ali estivesse a sua mãe, que em breve faria quatro anos que tinha falecido.

– Em maio vão inaugurar o Karstadt – comentou Käthe quando entraram na Rua Hamburger. Contemplou os grandes armazéns que ali se erguiam. – Uma massa de cimento. Bonito não é, verdade seja dita.

– Não comeces já com essa ladainha de que antes era tudo melhor.

– Eu seria a última pessoa a fazer isso, mas não posso evitar pensar nos velhos armazéns Karstadt. Lembras-te? A orquestra de dança no terraço?

Como era agradável ver a casa de dois andares que se erguia junto às margens do canal, intacta desde há sete décadas na Rua Eilenau, em cujas águas-furtadas viviam Lina e Louise. Tijolo vermelho, estuque branco. A janela de três folhas estava aberta de par em par nesse dia de clima ameno. Será que conseguiriam ouvir lá de cima Käthe, que começara a cantar uma cançoneta?

*A primavera chegou, o pardal pia,
as campainhas brindam-nos com o seu perfume.
Estou apaixonada por um homem
e não sei por qual.*

Henny olhou para a amiga com um sorriso. A voz roufenha, que Käthe havia conservado após os anos da guerra, conferia-lhe um ar sensual.

– Alguma vez traíste o teu marido?

– Nem nunca pisquei o olho a outro homem sequer. Não creio que haja alguém mais irresistível do que o Rudi.

As risadas ainda se ouviam quando chegaram diante de Lina, que lhes abriu a porta para que entrassem a fim de passar a tarde.

– *Éclairs*. – Käthe salivava de puro prazer ao ver os bolinhos de chocolate em cima da mesa, que estava posta para cinco pessoas. A toalha de renda, a porcelana antiga e boa dos pais de Louise, as jarrinhas de cristal com jacintos azuis e margaridas cor-de-rosa. Uma bandeja de vários andares repleta de *éclairs* e de outras iguarias doces.

Käthe gostava da pastelaria francesa. Nos primeiros encontros que tiveram, Rudi costumava levá-la ao Hotel Reichshof, lia-lhe poemas e pedia *petits fours* para ela, pouco depois de ter terminado a Primeira Guerra Mundial. O facto de ela ingerir esses bolinhos era, na opinião da mãe de Henny, uma traição à pátria.

– Eu e a Lina redescobrimos como se chamavam antes os *éclairs: petits choux* – contou Louise.

– Já ninguém sabe o que é isso – referiu Ida.

– Além de que esse nome nada tem de erótico – acrescentou Käthe.

– A Käthe tem a primavera infiltrada no sangue. Pôs-se a cantar na rua uma canção de *O Anjo Azul*. Não ouviram?

Ida sentou-se ao pé de Käthe.

– Vamos lá a ver se me pegas alguma da tua frivolidade.

– Estás a precisar?

– Preciso de uma mudança. Por dentro e por fora. O Tian é teimoso, não quer nem ouvir falar de trocar o papel de parede nem de estofar de novo as poltronas. No apartamento da nossa filha é tudo tão moderno e tão *sexy* que até mete raiva. Como é que é essa canção de *O Anjo Azul*?

Käthe sorriu.

– A Henny contou-me que a Florentine chega em breve.

– Já não era sem tempo. Não a vemos desde o Ano Novo – retrucou Ida.

– Continua com aquele seu namorado? – perguntou Lina com interesse.

– Sim. O Robert tem muita paciência.

– Gosta muito dela – disse Lina.

As duas coisas eram verdadeiras no caso de Robert.

– A Florentine já vai fazer trinta anos no ano que vem. – Ida tirou uma tartelete de fruta da bandeja. Era provável que tivesse poucas calorias.

– Acabou de fazer vinte e nove – especificou Henny. – Estás assim com tanta pressa de casá-la? Os tempos mudaram.

– Não tenciona casar nem em sonhos. E também não quer ter filhos, embora eu e o Tian fôssemos adorar ter netos.

Henny soltou um suspiro de felicidade: tinha uma neta e um neto, era a única avó no meio do seu círculo de amigas.

Ida fitou-a.

– Não te podes queixar – comentou.

Henny encolheu os ombros. Quase se sentiu culpada.

Era um dia cáldo de primavera, inclusive em Paris. Florentine despira o longo e solto casaco de inverno e acomodara-se numa das cadeiras de vime do café Les Deux Magots. Jean fitava-a, um olhar demorado que pousou no ventre

dela, algo protuberante.

– Nem queria acreditar nos boatos. E, diz-me uma coisa, quem é o afortunado pai?

– É de Hamburgo e não tem nada que ver com o mundo da moda.

– É segredo?

– Sim. – Florentine sorriu.

Trabalhara pela primeira vez com Jean, o fotógrafo do Luxemburgo, dez anos antes, quando dera os primeiros passos como modelo. Seria por isso que sentia ali, naquela esplanada, uma familiaridade que fez com que não recusasse a sua proposta, sentados àquela mesa onde, instantes depois, o empregado lhes serviu duas chávenas de café com leite?

– Deixa-me tirar-te algumas fotos e oferecê-las à *Paris Match*. Com um vestido justo *supersexy*. O diretor de arte vai ficar entusiasmado quando vir Florentine Yan com uma barriguinha. Conheço uma pessoa que poderia conseguir-me um estúdio para os próximos dias neste bairro.

Florentine demorou o seu tempo a desembulhar o torrão de açúcar do papel.

– Queres mesmo fazer isso?

– O mais importante é que tu queiras. Ou achas que o teu homem misterioso não iria gostar? Estão a pensar casar?

– Não tenciono casar nem em sonhos – assegurou ela, repetindo em Paris o que a sua mãe acabava de dizer em Hamburgo. – É-me indiferente o que ele pensa.

– Raios partam as mulheres emancipadas. – Jean levantou-se. – Vou telefonar para a redação.

A ideia de fotografar Florentine como futura mãe era excitante para ele. Tirou uns quantos francos do bolso das calças e desapareceu no interior do café a fim de se dirigir para uma das três cabinas telefónicas que havia no piso térreo.

Florentine contemplou o Boulevard Saint-Germain e, durante um momento, a sua coragem assustou-a. Não queria que os pais ficassem a saber que iam ser avós por intermédio de uma revista, e também não era justo para os dois homens que amava.

Esmsgalhou a bolachinha que lhe haviam servido com o café e deu-a aos pardais, que davam pulinhos em redor da mesa. Será que a *Paris Match* se apressaria a publicar as fotos? Não. Antes de terem tempo de imprimir-las, ela viajaria até Hamburgo e anunciaria a gravidez. Se bem que a sua intenção fosse continuar a ocultar, tanto da família como de Robert, que este não era o único pai possível da criança.

Jean voltou para a mesa com cara de quem lhe tinha saído a sorte grande na lotaria.

– Querem a foto para a próxima edição. Perderam duas páginas duplas sobre o filme da Ali McGraw, *História de Amor*.

A coisa começava a ganhar forma.

Ida regressou à Johnsallee pouco antes das onze horas. Na casa reinava o silêncio, e era provável que já tivessem ido todos para a cama; só havia luz no seu quarto. Quando entrou, Tian soergueu-se e pousou o livro sobre a mesinha de cabeceira.

– Divertiram-se na casa da Lina?

Ida olhou para o marido.

– Fez-me bem passar ali a tarde – respondeu.

– Fico feliz por ter sido um serão agradável. – Se fosse ele a chegar tão tarde a casa, Ida teria feito um escândalo; nesse aspeto, ele sempre tinha sido mais generoso. – A Florentine telefonou. Está ansiosa por nos ver. E ao Robert também.

– Ora ainda bem. E a tua dor de cabeça?

– Passou. Tomei outro paracetamol. Pensei que podia dedicar um tempinho à minha mulher.

– Estou exausta, Tian.

– Anda, vem pousar a cabeça no meu ombro.

Tian seguiu-a com o olhar quando ela foi para a casa de banho. Tanto ele como Ida tinham sessenta e oito anos e continuavam a ser um casal que era um regalo para a vista. Nesse caso, porque é que se sentia tão velho?

Ida regressou ao quarto com uma das suas camisas de noite recatadas, apesar de possuir outras.

– Apaga a luz, por favor.

Só estava aceso o pequeno candeeiro da mesinha de cabeceira de Tian, e o quebra-luz de seda cor de areia emitia uma luz ténue. Tian apagou-o. A luz da Lua infiltrou-se pela janela e iluminou-os com suavidade, e ele viu que Ida despiu a camisa de noite e ficou nua no meio do quarto.

– Despe o pijama, anda – pediu-lhe.

Seria um sonho? Tian levantou-se e obedeceu. Mal se atrevia a respirar, não fosse dar-se o caso de a Ida desnuda desaparecer como uma miragem.

– Afinal de contas, sempre parece que fui contagiada por alguma coisa da Käthe.

Tian não perguntou o que Ida queria dizer com isso. Beijou a mulher e veio-lhe à ideia uma pequena cabana no verão. Eles a amar-se num frio dia de dezembro, aquecendo-se como fogo mesmo sem o calor de uma salamandra. A recordação ajudou-o a voltar a sentir-se jovem e forte ali, no quarto de ambos. Jovem e forte como era naquela época.

- Não. Mais álcool não, Louise.
- É o último. Para dormir bem.
- Estou exausta – respondeu Lina.
- Vem para o sofá em vez de andares aí de um lado para o outro. Já toda a gente se foi deitar.

Lina olhou com severidade para a sua companheira quando viu que esta se servia de outro uísque. Antigamente pelo menos os copos possuíam uma parte de fruta.

- Peço-te por favor, dá outra oportunidade ao psicólogo – implorou.
- Na verdade, estava a pensar antes numa cirurgia estética.
- Não posso acreditar, com esta idade.

Louise levou o dedo indicador à têmpora e puxou a pele até à raiz do cabelo.

- *O Mundo de Suzie Wong* diz-te alguma coisa? – observou Lina.
- Adeus às pálpebras descaídas – retorquiu Louise, esticando agora o queixo e o pescoço.
- O Bob diz que tem clientes que depois de quatro ou seis cortes ficam como acabadas de sair da casca.

- Quem é o Bob?
- É o meu cabeleireiro. É novo no salão.

Lina sentou-se ao lado da mulher que amava e com quem vivia há décadas.

- O que precisa de ajuda é a tua cabeça, não a tua cara – assegurou. – Faz-me o favor de dar outra oportunidade à terapia.

– Já não é preciso que te preocupes com a minha cabeça, a depressão acabará por me passar assim que deixar de ver uma velha jarreta cada vez que me olho ao espelho. Ai, Lina, éramos tão jovens quando nos conhecemos...

Lina suspirou. A juventude chega sempre antes do tempo, bem na hora em que não sabemos apreciá-la de verdade.

- Falei com a Ida a esse respeito. Ela também se mostrou disposta a fazer alguma coisa na cara.

- Vocês enlouqueceram, as duas.
- Não sejas tão antiquada, nos Estados Unidos já toda a gente faz isso.

Lina levantou-se do sofá.

- Não caio nessa – respondeu. – Devias experimentar um descanso reparador para ver como te sentes.

- Teria de dormir cem anos.
- E esse tal Bob conhece algum cirurgião?
- Deu-me o seu cartão de visita.
- Conversa sobre isso com a Marike. Ou com o Theo.
- Os dois são ginecologistas e o que eu quero não é um rejuvenescimento vaginal. Se bem que também não fosse má ideia.

- Estás bêbada – disparou Lina. Fechou a última janela e começou a apagar os candeeiros. – Para a cama.

– Continuas a ter alma de professora – afirmou Louise, contudo pôs-se de pé e dirigiu-se para a casa de banho.

Henny fez um pequeno desvio a fim de acompanhar Käthe a casa. Dali estava a dois passos da Körnerstrasse, onde vivia com Theo há muitos anos.

A silhueta escura de Rudi vislumbrava-se atrás de uma das janelas do piso térreo, onde havia luz. Talvez as tivesse visto diante da casa, ou talvez não, uma vez que se afastou da janela e se encaminhou na direção do interior do apartamento. Podia ser que estivesse só a ser discreto.

– Já alguma vez pensaste que o Theo pode morrer?

– Ele prometeu-me que vai chegar aos noventa.

– Oxalá cumpra essa promessa. – Käthe soltou um suspiro. – Não sei se desejaria viver sem o Rudi. Depois da guerra, quando demorou tanto tempo a voltar, achei que me tinha habituado à ideia de que ele tinha morrido.

– Há algum motivo para estares a pensar nisso agora?

– Não – admitiu Käthe. – Não estamos doentes. Pelo menos, não que saibamos. Acontece que de repente o tempo passa a correr.

– Esta tarde estavas feliz da vida.

Käthe fitou-a.

– Já não gosto da noite, Henny. Na escuridão sou assaltada pelos demónios, ou melhor, pelas recordações. A memória pode ser um lugar assustador. Vejo morrer a minha mãe e lembro-me do Kurt, que talvez tivesse sobrevivido aos nazis.

– Não teria emigrado.

– Ao fim e ao cabo, eu e o Rudi sobrevivemos aos campos de concentração.

– Vocês eram muito mais novos do que o Kurt.

– Ainda não tinha feito cinquenta e seis anos quando se suicidou.

– Ao tirar a própria vida conseguiu conservar a sua dignidade. Para ele era importante que os nazis não o matassem. – Henny começou a sentir frio ao reviver a tristeza que lhe causara a morte do médico e também seu amigo Kurt Landmann.

– Estás com frio – constatou Käthe.

– E tu não?

– Sim. Obrigada por me teres acompanhado. – Käthe inclinou-se para a frente e depositou um beijo na face da amiga. – Dantes era eu que não tinha medo.

– E continuas a ser, quando desatas aos saltos a atirar-te para cima dos carros.

– Hoje não me atirei para cima de nenhum carro.

– Oito saltos: estou orgulhosa de ti.

– Que continuemos vivas durante muito mais tempo – propôs Kâthe.

– Naturalmente, tal como diria o Kurt.

Kâthe ficou a olhar para a amiga, que, apesar da saia justa que trazia vestida, se afastou em passo rápido.

Não foi nada fácil habituar-se às peças de roupa justas e *supersexy* nos estúdios. A cena parisiense começava a emular a imagem *folk* dos *hippies*: vestidos com folhos, muito desalinho e umas blusas boémias que estavam em voga nesse momento e pareciam enormes almofadões bordados.

No ateliê de um estilista da Rue Tiquetonne, Jean encontrou por fim alguma coisa: o jovem estava a fazer experiências com um material sintético que parecia pele de serpente, com que confeccionava vestidos justos.

Florentine achou que com o vestido comprido, que lhe dava pelos tornozelos, de cor branco-giz e motivos estampados negros parecia um pitão que acabara de engolir um coelho e faria melhor deitar-se para fazer a digestão.

– És um soberbo pitão de cabelo negro – descreveu-a Jean. – Na redação vão ficar boquiabertos.

Florentine, que mantinha o equilíbrio sobre os saltos agulha das botas, começava a sentir o seu corpo a ficar diferente.

– És um sonho – comentou a velha Audrey, que estava a maquilhá-la.

Se Robert ou Alex vissem aquelas fotos, não haveria a mínima dúvida de que achariam que estavam a sonhar. Ou melhor, a ter alucinações. Mas porque carga de água é que eles iriam ler a *Paris Match*? Muito embora Alex falasse um francês mais do que aceitável, não acreditava que essa revista fizesse parte das suas leituras. Para além dos jornais, ele só lia a *Der Spiegel* e a *Jazz Podium*.

– Assim – decidiu Jean. – Apoia as mãos na barriga. Florentine Yan, encantada por ser mãe. Perfeito. – Tirou mais uma fotografia com a *Polaroid*, a que se seguiu a câmara *Hasselblad*. – A Audrey tem razão: és um sonho – assegurou-lhe, e em seguida mostrou-lhe as polaroides.

– Pareço uma ovelha sonolenta.

– Não digas parvoíces. Acho-te cheia de vida. Estás de quantos meses?

– Vou iniciar o sétimo.

– Então, quando é que está previsto que nasça a criança?

– Em junho.

– Estás nervosa porquê? Não paras de passar a língua pelos lábios. *Rouge à lèvres*, Audrey.

Florentine deixou que lhe aplicassem o batom e soltou um suspiro.

– Tenho dúvidas de que essas fotos sejam uma boa ideia.

Jean sorriu.

- Demasiado tarde – retorquiu.
- Se não gostasse tanto de te ouvir falar com esse teu alemão desenxabido, não teria acedido – declarou ela.
- Um dia a tua filha vai agradecer-me por te ter tirado estas fotos incríveis no tempo em que estavas grávida dela.
- A minha filha?
- Bela como a mãe – acrescentou Jean. – Calculo que devas ter procurado um pai atraente para ela.

Robert consultou o relógio quando saiu da rádio. Ainda era demasiado cedo para ir para a Johnsallee. Guste tinha-o convidado para almoçar, e encontrara-se lá com Ida e Tian, que já o consideravam como genro, embora ele já tivesse perdido as esperanças de algum dia se casar com Florentine.

E isso apesar de ela já não duvidar do seu amor. Por ele e por Alex, apesar de amar o músico ser em vão, mas isso Florentine também já sabia. Afastou o pensamento que lhe passou pela cabeça e decidiu ir até ao Funk-Eck tomar um café enquanto fumava um cigarro.

Acabava de acender o segundo quando Klaus entrou no estabelecimento. Robert demorou um instante a aperceber-se de que a jovem que acompanhava o amigo e colega desde há anos na NDR era a sua sobrinha. A pequena Katja tinha-se feito uma mulher. Levantou-se quando se aproximaram da mesa que ocupava.

– Sentem-se. Ou querem conversar sobre alguma coisa e preferem ficar a sós?

– É apenas uma crise conjugal – respondeu Katja, e viu que Robert dirigia um olhar inquiridor ao seu tio. – Minha. O Klaus está só a fazer as vezes de muro das lamentações.

– Seja como for, eu já estava de saída – disse Robert. – Vou almoçar na Johnsallee.

– Ouvi dizer que a Florentine chega na semana que vem – comentou Klaus.

– O que não deixa de ser uma boa notícia, porque estou a ficar arruinado com as contas do telefone.

– Não creio que isso seja a única coisa boa do vosso reencontro.

– Sabem bem o quanto eu amo a minha Sweet Florraine.

– Sim – retrucou Klaus. Estava ciente.

– E o Alex vai viajar para Montreux com o Quinteto no domingo, não vai? – perguntou Robert, que não queria pensar no seu amor.

Klaus assentiu.

– Já sinto saudades dele.

Robert levantou a mão para chamar a atenção do empregado de mesa.

Depois de pagar, despediu-se de ambos. «Odeio o Karsten», ouviu Katja dizer quando se preparava para sair. O amor.

Dirigiu-se para o carro e tirou do banco traseiro o saco com as garrafas de vinho, um presente para Guste. Um *riesling* bem gelado. Nesse dia não estava tanto calor como no anterior.

«Espero que mantenhas o olho azul, meu querido *husky*», tinha-lhe dito Florentine pelo telefone. «Sabes bem o quanto gosto de ti assim. Nunca mudes isso.»

Como se intuísse que ele fazia tenções de fazer isso mesmo, substituir o olho de vidro azul por um verde de uma vez por todas. Regressara zarolho da guerra, em 1945, e vinte e cinco anos depois não se importaria nada de voltar a ter os dois olhos verdes.

Diante da casa da Johnsallee, Robert passou uma mão pelo cabelo, ainda negro e farto. Azul ou verde, estava bem conservado. Oxalá Florentine achasse que ele não havia envelhecido nem um único dia.

Não tinha Karsten afirmado em tempos que ele e Katja se davam bem? Ao que tudo indicava, a ideia de que se tratavam como iguais tinha-se esfumado: há já algum tempo que ele se armava em galo de capoeira. Para Karsten, na escola de artes aplicadas onde ela estudava só ensinavam a pintar caixinhas de madeira artesanais, ao passo que ele via tudo o que sucedia no mundo através da objetiva da sua câmara. Acalentava a ideia de ir para o Vietname, como correspondente de guerra. Seria possível acalantar semelhante ideia?

– Fica por cima – propôs Karsten. – Não me importo.

Katja levantou-se da cama e vestiu as calças de ganga e a camisola, sem se dar ao trabalho de procurar as cuecas e o sutiã.

– Tens ideia do quanto soas desagradável? – perguntou-lhe.

– Vamos, miúda, volta para a cama e chega-te a mim, que está frio.

– Ontem estive a falar sobre nós com o Klaus.

– Com o teu tio Klaus, o *gay*.

– Pode saber-se o que é que isso tem a ver?

– Nada. Apenas que não creio que ele e o seu companheiro saibam muito de como são os gajos de verdade.

– Os gajos como tu, não? – Katja ergueu as sobrancelhas e olhou para o rapaz por quem continuava a ser louca.

– Ele deu-te algum conselho?

– Aconselhou-me a deixar-te.

Karsten soltou um assobio.

– E...? Vais fazê-lo?

– Gostaria que voltasse tudo a ser como era em novembro, quando

tirávamos fotografias em Schanze. – Olhou para a fotografia em tamanho de póster a preto e branco que se encontrava pendurada por cima da cama, pregada à parede rugosa com pioneses. Era de Katja, encostada ao arco de uma porta em cujas paredes se liam grafitos com proibições.

Karsten assentiu.

– Amo-te, Fera. Anda, vem cá.

– Vou para casa, quero preparar um trabalho para a aula.

Ele tirou as cuecas dela de debaixo da almofada e atirou-lhas.

– Não há necessidade nenhuma de continuares a viver no mesmo quarto de quando eras pequena. Aqui podes viver como uma adulta.

– Até o meu irmão mais novo me chaga menos o juízo do que tu quando estou a trabalhar. Também tens o sutiã debaixo da almofada?

– Está na cozinha. Tirei-to lá.

Katja espreitou de novo pela porta do quarto quando saiu da cozinha.

– Vem cá – pediu Karsten –, amanhã vou apanhar um avião para Belfast. Pode ser que o IRA me dê um tiro e então hás de arrepender-te por não teres voltado a ir para a cama comigo.

– Tem cuidado, Karsten.

– Amo-te – repetiu ele com voz rouca.

Katja já tinha fechado a porta e começava a descer os seis andares da casa.

– Onde foi que o encontraste? – Ida pegou no ursinho de peluche que Tian tinha na mão e acariciou-lhe o focinho de napa.

– No armário da entrada, atrás da roupa que não usamos. Achei que a Florentine o tinha levado com ela.

– A nossa filha não é nada sentimental.

Tian assentiu.

– Mas o pai dela é – admitiu.

– E o que é que andavas a fazer a vasculhar atrás das roupas que não vestimos?

– A fazer uma limpeza, que na realidade é algo que te agrada mais a ti.

– Do que eu gosto mesmo é de mudar os móveis. – Ida suspirou e pousou o ursinho no braço da poltrona. – Aqui fica muito bem. São os dois velhos.

– Primeiro uma coisa e depois outra – retorquiu Tian. – O aquecimento central tem prioridade. E, por ora, o mais importante é que fiquemos contentes por ver a Florentine.

– Sempre foste um bom pai.

Tian olhou para Ida e sorriu. Depois pegou-lhe na mão e pespegou-lhe um beijo. Havia muitos momentos fracassados no casamento de ambos, contudo amavam Florentine, e nisso estavam ambos de acordo.

– O que aconteceu entre nós há duas noites foi estupendo – declarou Tian.
– Sim – admitiu Ida, de novo com secura, como se quisesse expulsar da memória essa noite de amor de um casal de velhos.

– O Robert faz questão de ir buscar a Florentine ao aeroporto, ouviste o que ele disse, não ouviste? – perguntou ele, tentando mudar de assunto.

– Eu também estava sentada à mesa, Tian. O que foi que achaste do Robert?

– Pareceu-me encantador, como sempre. Porque é que perguntas?

– Achei-o mais sério do que de costume.

– Não vê a Florentine desde o início do ano e receio bem que isso faça com que se sinta inseguro. Tem medo de que ela possa tirar da cartola um amante parisiense. Devia dizer-lhe de uma vez por todas que o ama. Com a idade dela, já estavas casada há nove anos, se bem que, infelizmente, não fosse comigo.

– Hoje em dia, as coisas são diferentes. A propósito, a Florentine faz tentações de passar a primavera e o verão em Hamburgo.

Tian ficou boquiaberto de pura estupefação.

– Ela disse-te isso? Pretende fazer uma pausa no trabalho?

Ida encolheu os ombros.

– E porque é que eu só tenho conhecimento disso agora?

– Talvez não tenha levado isso a sério. Palpita-me que o Robert não sabe de nada; caso contrário, tê-lo-ia mencionado ontem.

– Deve ter recebido alguma proposta convidativa de Nova Iorque ou de Paris e apanhará um avião aqui. Sempre chega na próxima sexta-feira?

– Que eu saiba, sim – respondeu Ida. – Vou descer por uns momentos para conversar com a Guste. A Anni, o Momme e as pequenas foram passar o dia fora e ela não suporta bem o silêncio que reina na casa. Quando a Florentine era pequena, nós nunca tivemos férias para ir esquiar, nem sequer no Harz, que fica apenas a três horas de carro.

– Quando se implementaram essas férias em Hamburgo, a Florentine já tinha vinte e três anos.

– Perdemos muitas coisas, Tian.

Ele não mencionou que Ida demorara demasiado tempo a decidir separar-se de Campmann porque não queria renunciar ao luxuoso estilo de vida que o banqueiro lhe proporcionava. No entanto, o marido de Ida comportou-se de maneira correta quando esta engravidou de Tian: não negou a sua paternidade até que os nazis sucumbiram, impedindo assim que a Gestapo prendesse Tian, filho de pais chineses, por considerá-lo uma «desonra da raça».

– Gostava de te convidar a ti e à Guste para almoçar. Talvez no Ehmke. Achas bem no domingo?

– Ouvi dizer que o Ehmke já não é o que era – referiu Ida.

– Pois então iremos ao Gustav Adolf comer uns *vol-au-vent*.

– Na realidade, tanto faz, vamos ao Ehmke; sabe-se lá se continuará de pé

por muito mais tempo, e a Guste adora o rosbife deles. Podemos dar-nos a esse luxo?

– Bastante mais do que ir esquiar – afirmou Tian.

– Já não estou com o András. – Ruth fitou o pai olhos nos olhos e viu neles incredulidade e também esperança.

Rudi pousou o garfo no prato, ao lado da mussaca, e pegou na mão da jovem mulher que havia chegado à sua vida quando era uma menina de seis anos e que ele e Kätke adotaram porque, após a morte do avô, havia ficado sozinha.

– Não aguento mais ser obrigada a partilhá-lo com outras mulheres. – Ruth esquivou-se a Rudi e continuou a comer o empadão de beringela.

– Aguentaste bastante.

– Porque fui a sua primeira mulher.

– Ruth, por amor de Deus. Acaso és a chefe de uma tribo africana? – Rudi estava hirto, sentado na cadeira de madeira do restaurante grego. Todo o seu corpo se retesava só de pensar em András Bing, aquele arrogante que se considerava de esquerda, um revolucionário.

– Eu sei – reconheceu ela. – Vai contra tudo aquilo em que acredito e o que pretendo alcançar.

– Suplico-te, mantém-te firme na tua decisão.

– Sossega, papá. Eu e o András terminámos tudo.

«Oxalá seja verdade», pensou Rudi. «Meu Deus, faz com que seja verdade.» Olhou pela janela para a rua cujo nome, Schulterblatt, fazia parte de diversas lendas. Quando era jovem, Rudi havia caído nas redes do comunismo, e continuara a ser comunista para os nazis apesar de já não acreditar na sua ideologia havia algum tempo. Era insuportável para si ver que Ruth caía noutra loucura disfarçada de ideais que, não obstante, nada mais fazia a não ser acirrar os ânimos.

– Está a correr tudo bem na redação?

Ruth afastou o prato.

– É possível que me venha embora – contou. – Em Berlim está prestes a surgir um jornal onde poderia trabalhar. Na *Konkret* está tudo estagnado.

– Em Berlim – repetiu Rudi. A expressão de preocupação regressou ao seu rosto.

– O András já não está em Berlim, papá.

Fez uma tentativa para tranquilizá-lo ao utilizar, pela segunda vez, a palavra *papá*, que ele achava uma designação carinhosa; Ruth por vezes hesitava em empregá-la.

– E que espécie de jornal é que é?

- O projeto ainda não está bem definido.
- Mas parece que está o suficiente para que abandones o teu cargo de redatora, onde te encontras apenas há um ano.
- Tu também seguiste o teu caminho em 1933 para assumir a responsabilidade do que consideravas importante.
- Nessa altura, o principal era lutar contra os nazis. Contra quem lutas tu, Ruth?

Ela poderia ter respondido que contra o imperialismo americano, a Guerra do Vietname, mas a única coisa que obteve da parte de Rudi foi um olhar frio. Agora também ele afastou o prato.

- Então, não gostaram da mussaca? – perguntou o empregado de mesa do Olympisches Feuer quando foi retirar os pratos.
- Perdemos o apetite – respondeu Rudi. – Infelizmente.
- Talvez um *ouzo* possa ajudar-vos.

Rudi assentiu com um sorriso. Não lhe apetecia beber o licor anisado, mas sentia-se culpado por quase não ter tocado na comida.

– Para mim, não – disse Ruth. Na ampla testa da jovem desenharam-se umas linhas severas. Abanou a cabeça e os caracóis curtos, que quase lhe chegavam aos olhos cinzentos, ocultaram a severidade.

- Confia em mim, por favor, sabes que podes fazê-lo – pediu Rudi.
- És a primeira pessoa a quem eu conto isto.
- Onde é que está o András?
- Isso já acabou, acredita em mim. Foi para a Jordânia com a Janne.

Rudi não era dos que tendiam a alimentar os medos, nem na sua pessoa nem nos outros, mas para ele o nome de András encontrava-se associado há anos a uma desgraça iminente.

- Para a Jordânia?
- Seria esse foco de agitação um destino de férias?

– Vamos pagar, anda – sugeriu Ruth.

Rudi fez sinal ao empregado de mesa.

- Quem é a Janne? – quis saber.
- É assim que se chama.
- E quem é? Para além de ser a nova primeira mulher do Bing.
- Não vim até aqui para jogar às perguntas e respostas.

Rudi bebeu o *ouzo* e puxou da carteira.

Guste teria adorado sacrificar um boi para comemorar o regresso a casa da filha que tinha desaparecido, contudo conformou-se em preparar um assado marinado em vinagre com cebola, pimenta em grão, bagas de zimbro e bolachas trituradas para o molho. Florentine gostava da carne assada de Guste,

e também das almôndegas de batata que a acompanhavam. Já estava mais do que na hora de se alimentar em condições, nas fotos mais recentes parecia famélica.

Só faltava pôr a pesada travessa de loiça com a carne no frigorífico, onde a deixaria repousar durante seis dias. Guste sentou-se à mesa da cozinha e contemplou o jardim. O baloiço onde Florentine costumava balançar-se estava vazio. Não, tinham trocado a madeira e as cordas, apenas a estrutura de ferro era a mesma. No ano anterior, Momme tirara-lhe a ferrugem e tinha-o pintado; afinal de contas, agora eram as suas três filhas que o utilizavam.

Esperava que ninguém partisse nenhum osso a esquiar. Era muito provável que Momme e Anni enfiassem a mais pequena num trenó em vez de lhe porem aqueles esquis traiçoeiros nos pés. A menina ainda nem sequer tinha cinco anos. Abanou a cabeça. Só gostava de neve no Natal, porque criava o estado de espírito apropriado.

No almoço de quinta-feira, Robert tinha-lhe parecido bastante calado, é claro que a pequena Florentine não lhe facilitava a vida. Em dezembro, o jovem completara quarenta e sete anos, o tempo urgia. Alex continuava sem aparentar a idade que tinha, pensara Guste de novo no dia anterior, quando este fora visitá-la depois da rádio. No entanto, ainda tinha medo de andar de avião, e no dia seguinte precisava de viajar para Montreux com os seus músicos. Sorriu quando ela lhe deu um frasquinho com gotas de valeriana e lhe disse que o que estava mesmo a precisar era de uma anestesia geral.

Guste levantou-se para moer café e pôr ao lume uma cafeteira com água; talvez o aroma fizesse Ida descer, pois iria fazer-lhe bem dar dois dedos de conversa. A despeito da fábrica de café que ainda dirigia, Tian sempre fora um apreciador de chá. Que ideia tão agradável, a de convidá-las, a ela e a Ida, para almoçar no Ehmke no dia seguinte.

Continuava afeiçoada ao velho moinho de café de manivela; há algum tempo que Momme queria comprar um elétrico, mas uma pessoa ficava surda com o barulho que aquelas geringonças faziam. Guste pousou o moinho de café em cima da mesa e voltou para a cozinha. Se quisesse aquecer água, iria ter de acender o lume. Por algum motivo, estava nervosa. Há dias que não era capaz de tirar da ideia que algo se andava a tramar.

Klaus desligou o telefone. Alex aterrara em Genebra são e salvo e já parecia capaz de se concentrar no concerto que dariam em Montreux. O seu querido companheiro precisava de retomar a terapia na Neuer Wall, pois o seu medo de andar de avião estava cada vez pior.

Voltou para a secretária e leu a lista de músicos que haviam convidado para o estúdio da Norddeutscher Rundfunk, entre eles Chet Baker, pela primeira

vez desde que viu a sua grande carreira interrompida: numa briga em que se envolveu na Califórnia perdeu vários dentes, e no final tiveram de arrancar-lhos todos. Uma prótese dentária era o pesadelo de um trompetista.

A preparação do estúdio não era da alçada de Klaus, mas este pretendia incluir no seu programa canções dos participantes.

Quando a Noite Cai possuía um lugar cativo na emissora havia dezassete anos: às sextas-feiras às dez horas, e Klaus, o seu criador, era por esses dias uma verdadeira instituição, conhecido para além da região onde a NDR emitia.

No verão tinham-no convidado para o festival de *jazz* de Newport e ainda não havia confirmado a sua presença; ele e Alex tinham pensado ir de férias justamente nessa altura, e duvidava muito que Alex fosse acompanhá-lo até à costa leste americana, a não ser que pudesse viajar num cargueiro. Era-lhe impensável que concordasse efetuar um voo de longo curso.

Sensível desde pequeno, apaixonara-se para a vida inteira em janeiro de 1951.

Levantou-se quando o telefone tocou de novo. Tinham um segundo aparelho no quarto, mas irritava-o não ter o da sala de estar ao alcance da mão, em cima da mesa. Em todo o caso, talvez devessem reconsiderar a hipótese de se mudarem para um apartamento mais espaçoso; podiam dar-se a esse luxo, mas estavam sempre a desistir da ideia. Para Alex e para ele, aquelas duas grandes divisões com varanda e vista para o Alster eram quase um talismã.

– Olá, maninho – saudou-o Marike. – Queria falar contigo acerca do aniversário da mamã.

– Almoço no Mühlenkamper Fährhaus no dia 26 de março; as amigas dela e respetivas famílias irão três dias depois ao pequeno-almoço da Páscoa, e em junho celebrar-se-á uma grande festa de verão para a Henny e a Käthe na Körnerstrasse – respondeu Klaus.

– Fantástico – afirmou Marike –, mas eu tinha em mente alguma intervenção da nossa parte.

Klaus suspirou.

– Peço-te, por favor: fantoches não.

– Fantoches?

– Cenas da vida da mãe representadas por nós.

– Quiçá a cena da cozinha da Else, quando tu deixaste bem clara qual era a tua orientação sexual.

– Ou as queixas constantes do Ernst à mamã porque andavas na marmelada com o Thies na varanda.

– Vamos acabar por discutir – argumentou Marike. – É melhor começarmos do princípio.

– De certeza que o Theo vai querer fazer um pequeno discurso ao pequeno-

almoço.

– Algo nosso, dos filhos. Tu e eu. A Katja. O Konstantin já pintou um retrato da família. Todos temos bom faro.

– Genial – aprovou Klaus. – Eu sempre achei que tinha o nariz comprido de mais.

– Vê lá se te ocorre alguma coisa. No programa andas sempre a tirar cartas da manga.

– Isso também dá trabalho, maninha.

Klaus suspirou quando a conversa terminou. Não era verdade que a avó gostava de cantar canções nas comemorações familiares quando era jovem? Foi o que Else lhe havia contado. «Mariechen chorava no jardim, sobre a relva dormia o seu filho.» Canções populares. Ele e Marike podiam adaptar a vida de Henny ao poema de Mariechen, e Alex acompanhá-los-ia ao piano. Seria uma bonita atuação.

Foi até à cozinha e serviu-se de um copo de vinho branco que já havia aberto e deixara no frigorífico. Deambulou pela sala grande e iluminada onde trabalhavam, viviam e comiam e pegou na fotografia com moldura de prata da família de Alex: os seus pais, a irmã, o cunhado e duas sobrinhas num estúdio fotográfico do bairro de Grindel. Para o filho que estava longe, na Argentina.

Klaus guardava as fotos de família numa caixa, não tinha nenhuma com moldura de prata. A sua família estava viva e junto de si, não como a de Alex, que havia perecido na cave da sua casa, no incêndio que deflagrara durante uma das noites dos bombardeamentos de julho de 1943.

Henny também não tivera uma vida fácil durante os primeiros cinquenta anos do século: o seu pai falecera no outono de 1914 e depois Lud, o pai de Marike, morrera prematuramente. O casamento difícil com Ernst, o seu pai. O quanto havia temido por Käthe e Rudi, que enfrentaram os nazis e sofreram torturas, em campos de concentração separados. A guerra. A perda da sua casa. A sua mãe tinha vivido muita dor e muito luto.

Os vinte anos que já vivia ao lado de Theo concederam-lhe a felicidade. Klaus esperava que tudo continuasse assim por muito tempo mais.

Abriu a porta da varanda e saiu. Nas árvores despontava um verde cauteloso e envergonhado. Nessa tarde, a escuridão já havia caído sobre o Alster.

– Dá-nos a todos uma vida longa – disse em voz alta, dirigindo esse pedido a um deus em que ele, no entanto, não acreditava.

Florentine já tinha visto no quiosque o último número da *Paris Match*, com Salvador Dalí na capa. A esperança de que talvez não tivessem incluído as suas fotos era absurda, visto que, caso contrário, o telefone do seu apartamento na Place des Vosges teria tocado.

Na segunda-feira à tarde, em contrapartida, alguém tocou à campainha da sua porta de forma demorada e insistente e não parou enquanto ela não saiu da banheira e vestiu o roupão. Talvez fosse o *concierge*, para informá-la de um novo corte no abastecimento da água.

– Quem é? – perguntou Florentine.

– O mensageiro com os exemplares – respondeu Jean.

Ela abriu a porta.

– Fizeste-me sair da banheira.

– As fotos vão recompensar-te por isso – assegurou o orgulhoso fotógrafo.

Dirigiu-se para a antiga mesa de estilo rústico da cozinha e abriu a revista. Na página dupla lia-se, em letras grandes: MAMÃ FLORENTINE.

– Mãe do céu. – Florentine folheou-as. Não havia texto, mas sim uma legenda na segunda página dupla: que estava grávida de sete meses e que o pai do bebé era um segredo, embora se soubesse que era de Hamburgo. Soltou uma risadinha nervosa.

– As fotografias são fantásticas – elogiou Jean. – Seja lá qual for a tua opinião. A *Stern* quer reproduzi-las.

Florentine puxou uma das duas cadeiras e sentou-se. Um pequeno ataque de preguiça.

– Quando?

– Não no próximo número. Ficas aborrecida com o atraso?

– Muito pelo contrário. Não quero que a minha família fique a saber por intermédio de uma revista que vou ter um filho.

– Claro – retorquiu Jean. – O futuro pai já sabe?

Ela abanou a cabeça.

– Imagino que seja coisa dos novos tempos que correm – refletiu Jean. – Ou talvez no nosso pequeno Luxemburgo sejamos algo antiquados. Parece-te bem que te deixe dois exemplares?

– Basta-me um – respondeu ela.

– Está bem. Combinei encontrar-me agora com a minha namorada, assim posso oferecer-lhe um exemplar da *Paris Match*. A propósito, vamos ficar noivos – contou Jean.

Florentine riu-se.

– Como vocês são, os luxemburgueses – comentou.

O telefone tocou pouco depois de Jean se ter ido embora. Era Madame Auber, a diretora da sua agência. Mas ela era a única que sabia, desde janeiro, que Florentine estava grávida e também que ia fazer uma pausa na carreira.

Nessa tarde recebeu mais dois telefonemas. De Paris. O terceiro foi do *husky*, para lhe dar as boas-noites, tal como fazia todos os dias. Robert estava com muita vontade de vê-la e, ao que tudo indicava, não sabia de nada, pelo que Florentine suspirou de alívio. A notícia ainda não tinha chegado a

Hamburgo. Talvez pudesse ser ela mesma a dá-la.

Às terças-feiras, Henny continuava a dar uma ajuda na clínica, que agora estava apenas nas mãos da sua filha, pois desde o início do ano que Theo só se ocupava de umas quantas urgências que quase nunca aconteciam. Depois das aulas, Konstantin, que tinha agora sete anos, ia para a Körnerstrasse, onde convidava os amigos para brincar para alegria do seu avô, a quem não incomodava o barulho que as crianças faziam, mas sim o silêncio. Desse modo, Marike podia concentrar toda a sua atenção na clínica.

De vez em quando, Kätthe, que conhecia a clínica de ginecologia da Neuer Wall havia muitos anos, também ia dar uma mãozinha. No entanto, desde novembro que a ajuda se encontrava em especial nas mãos de Gesche, uma jovem competente, porém calada.

Não falava sobretudo do que fazia às terças-feiras, dia em que não trabalhava, algo que acabaria por vir a ser um problema caso Henny se reformasse, embora esse momento ainda parecesse distante.

– Dou-me bem com ela – afirmou Marike nessa terça-feira. – Só gostaria que fosse um pouco mais comunicativa.

Henny pousou a bandeja com as chávenas de café em cima da secretária da filha.

– A Gesche tem um segredo. Calculo que deva ser algo sombrio e duvidoso.

Marike soltou um suspiro. Encontrar uma boa assistente não tinha sido fácil. Muitas candidatas consideravam-se assistentes de medicina à moda antiga e o trabalho moderno e superior da clínica de Marike desconcertava-as.

Henny e Kätthe tinham sido formadas por Kurt Landmann, que exigia que as suas parceiras agissem com autonomia. Aquele que fora médico da Finkenau durante vários anos já era muito avançado para o seu tempo na década de 1920, um chefe brilhante e estimado, até que em 1933 se vira obrigado a abandonar a clínica por ser judeu.

– A Florentine chega na sexta-feira. A Ida está radiante por ela desta vez, ao que parece, fazer tenções de ficar mais tempo em Hamburgo.

– Na segunda-feira tem uma consulta marcada comigo. Espero que não tenha emagrecido ainda mais, uma vez que o seu ciclo menstrual já é bastante irregular. Há alguma novidade entre ela e o Robert?

– A Ida e o Tian têm esperança de que a filha corresponda por fim aos sentimentos dele. – Henny partilhava essa esperança, pois só ela e Theo é que sabiam o que tinha acontecido em setembro entre Florentine e Alex.

– A Florentine anda às voltas pelo mundo todo há dez anos – disse Marike. – Receio bem que já não seja capaz de abandonar esse ritmo. – Terminou de beber o café e depositou a chávena na bandeja. – Que segredo é que a Gesche

esconderá? O que é que tu achas?

– Uma vida dupla à qual dedica as terças-feiras – respondeu Henny.

Os músicos deram dois concertos em Montreux, o Quinteto chegou a tempo ao aeroporto de Genebra e despachou a bagagem e os instrumentos. Alex ter-se-ia sentido relaxado não fosse o caso de estar prestes a embarcar num avião.

Deteve-se no quiosque a fim de se abastecer de material de leitura, qualquer coisa que pudesse distraí-lo quando o aparelho começasse a rodar pela pista de descolagem. Se os homens estivessem destinados a voar, teriam nascido com asas.

Alex comprou o *Herald Tribune* e a *Der Spiegel* e preparava-se para se virar para Hans, o saxofonista, que se encontrava ao seu lado, quando reparou na capa da *Paris Match*: Dalí com um *blazer* de veludo. O pintor parecia estar sentado num café parisiense, o bigodinho com as pontas retorcidas para cima de maneira incompreensível, como de costume. No entanto, o que chamou a atenção de Alex foi o nome de Chet Baker: a capa anunciava uma entrevista com o trompetista.

– Compra-a – incentivou-o Hans Dörner. – Dá a impressão de que o Baker voltou com a força toda. Fico contente por ele tencionar passar pelo estúdio.

Alex levava uma maleta velha com as partituras numa das mãos quando abandonaram a sala de espera em direção à porta de embarque e na outra carregava o saco com as revistas. Nele havia publicidade ao tabaco *Peter Stuyvesant*, «o perfume do grande mundo».

– Talvez o tabaco te relaxasse – sugeriu Hans. – Devias começar a fumar. De certeza que um *Stuyvesant* te faria bem.

Alex negou com a cabeça.

– Mas se tu mesmo não fumas.

– Preciso do ar para o saxofone – retrucou Hans.

Entraram para o autocarro que os conduziria até ao avião.

Alex tirou do saco a *Paris Match* depois de ocupar o lugar da coxia, apertar o cinto de segurança e observar a assistente de bordo enquanto esta lhes indicava as saídas de emergência e os sacos de papel para os enjooos. Seria Chet Baker o primeiro a conseguir que pensasse noutra coisa.

Fechou os olhos quando o *Caravelle* da Swissair se dirigiu para a pista de descolagem e o aparelho começou a avançar a toda a velocidade. Já no ar, Alex abriu a revista à procura da entrevista de Chet Baker, que leu e traduziu para Hans. Em seguida, pôs-se a folhear o resto da publicação e deparou-se com a *maman* Florentine.

– Ficaste branco como a cal da parede – observou o saxofonista. – Esse teu problema em voar começa a adquirir contornos de histeria. Com o ar

desgraçado que tens, quando chegarmos a Hamburgo vou meter-te num táxi. E não te esqueças de que te disse que era um erro guardar a bengala no estojo do baixo.

Hans olhou para a revista, que Alex deixara aberta em cima da mesinha desdobrável. Este parecia ter mergulhado num estado vegetativo.

– Olha só, é a namorada do Robert – comentou, dando-lhe uma ligeira cotovelada. – Será ele o pai da criança?

Alex respirou fundo e virou-se para Hans.

– Suponho que sim. Há que tempos que o Robert acalenta a esperança de constituir família com a Florentine.

– Quem diria que semelhante brasa de mulher se tenha envolvido com o nosso técnico de som... O mais certo seria imaginar ao lado dela um Gunter Sachs ou um Aga Khan. O Robert tem boa pinta, mas não se pode dizer que seja um bom partido.

– Ela ganha mais do que o suficiente para encher as burras.

– Tu também andaste com ela – recordou Hans. Não aludiu aos rumores que o tabloide *Bild-Zeitung* havia lançado de que o músico de jazz e a modelo eram um casal. Hans sabia com quem Alex vivia. – Queres que te acompanhe a casa depois?

– Agradeço-te, mas não será necessário. O que podes mesmo fazer é ajudar-me a recolher a bagagem.

– Claro que sim. Também vou tirar do tapete rolante o estojo do baixo e vou abri-lo, se o Bert não o fizer antes.

O novo baixista podia ser um tanto ou quanto brusco.

– Hans, obrigado por trabalhares comigo. Por seres tão paciente comigo e com as minhas manias. No ano que vem já serão duas décadas juntos.

– E continuamos a ser uns miúdos imberbes – respondeu ele, risonho.

No espelho do roupeiro havia um bilhete: «Fico feliz por estares aqui. Senti saudades tuas.» Que bem sabia sentir-se querido. Alex suspirou só de pensar que a ferida mal cicatrizada de Klaus corria o risco de abrir de novo. Confessara-lhe tudo no passado mês de setembro: não tinha sido uma aventura, só tinha acontecido uma vez. Embora tivesse sido mais grave do que pensava.

Na revista dizia que Florentine estava de sete meses, por conseguinte era fácil fazer as contas. Será que Robert desconfiava que ela lhe tinha sido infiel? Durante os seis meses que haviam decorrido desde então, houve alturas em que Alex recebeu que assim fosse, mas agora o mais importante não eram os erros e os ciúmes; o mais importante é que havia um bebé a caminho, de Robert ou seu.

Alex pegou no saco de viagem, que continuava diante do elevador no quarto andar, e subiu as escadas até à sua casa, no quinto piso. Desfez as malas. De certeza que Klaus chegaria cedo essa tarde: à quarta-feira não tinha programa.

Abriu o frigorífico e, depois de tirar uma garrafa de *Apollinaris*, viu uma caixa de *Michelsen*, possivelmente para acompanhar alguma iguaria para comemorar a sua chegada. Oxalá não ficassem com o apetite estragado quando Klaus visse as fotos.

Alex tirou as revistas e as partituras da maleta, abriu a *Paris Match* e deixou-a em cima da secretária. Não era uma cobardia não avisar Klaus, deixar que ele visse a revista com os seus próprios olhos e descobrisse? Sem dúvida, e Alex tinha consciência de que estava a ser um cobarde.

Então passou-lhe uma ideia pela cabeça: se o bebé que estava a caminho fosse seu, ficaria algo para a posteridade das pessoas que haviam perdido a vida na cave da casa da Gärtnerstrasse. Embora ele já não se encontrasse ali.

Abraçaram-se como se não se vissem há muito tempo e não há apenas três dias. Logo em seguida sentaram-se no sofá, que antes era amarelo-açafrão e que desde há escassas semanas possuía um estofó novo num tom alaranjado suave, com pequenas almofadas em tonalidades vivas de vermelho.

– Deixei-te a *Paris Match* em cima da secretária – contou Alex depois de terem tomado um copo de vinho e falado sobre os dias em que haviam estado separados.

- Um artigo sobre o Quinteto?
- Fotos da Florentine – corrigiu Alex.

Klaus já se tinha posto de pé e encaminhava-se na direção da secretária. Depois fez-se um silêncio, longo. Alex levantou-se do sofá.

– Imagino que não terás comprado a revista por causa da Florentine, pois não?

- Não sabia que sairia nela.
- Está grávida de sete meses; vou falar com a minha mãe, ou tens a certeza de que foi em setembro?
- Confirma com a Henny, mas acho que se enquadra.
- Dois dias depois do vosso encontro, a Florentine voou para Nova Iorque. Poderia ter havido outro homem pelo meio?
- Não acredito que ela ande por aí a ir para a cama com qualquer homem que se cruze no seu caminho.

Klaus olhou para Alex e viu nesse rosto divino um vislumbre de envelhecimento; podia ser que estivesse apenas assoberbado com o trabalho.

- Devias falar com o Robert.
- Não será melhor deixar que ele pense que é o único que pode ser o pai?

Ou achas que a Florentine irá confessar-lhe tudo?

Klaus sentou-se à mesa de carvalho antiga da sala de jantar e não disse nada. Puxava pelas franjas curtas de um dos jogos americanos de linho que estavam postos.

– Ouviste o que te perguntei?

– Estou a pensar no assunto – retorquiu Klaus.

– O Robert desconfia que se passou alguma coisa entre mim e ela.

Klaus assentiu.

– Talvez já saiba que ela está grávida.

– E não contou nada a ninguém?

– A verdade é que não entendo patavina – admitiu Klaus.

– É filho do Robert.

– O que é que te leva a pensar isso?

– Intuição?

– Ou aquilo que gostarias que fosse?

– Chegaremos algum dia a sabê-lo?

– É provável que não – opinou Klaus. – A menos que a criança tenha os olhos verdes, os dois. – Deixou escapar um sorriso irónico frustrado. – Vais querer pedir a mão dela em casamento, como o homem formal que és?

– A mão em casamento já ta pedi há anos e tu disseste-me que sim. E, na minha perspetiva, é para toda a vida.

– És um sentimental – afirmou Klaus, pondo-se de pé. – Não acredito que a Florentine lhe confesse a história toda. Esperemos que os dois assumam o seu papel de pais e que o Robert não faça perguntas. Afinal de contas, anda a pedir à Florentine que se case com ele desde que a conhece.

– Lamento tanto...

– Esquece isso – respondeu Klaus. – Já conversámos sobre este assunto o suficiente no outono.

Como é que ele se sentia? Não sabia.

Robert levava consigo um ramo de túlipas cor-de-rosa em vez de um ramo de rosas vermelhas. Florentine reagia às rosas vermelhas como se estas fossem um altar desmontável. Consultou o relógio: no enorme painel informativo fora anunciado que o voo proveniente de Paris-Orly já havia aterrado. Será que a teriam retido no controlo de passaportes? Teria perdido alguma mala? Os outros passageiros do avião já tinham saído para o terminal de chegadas.

Então viu-a. Envergava o casaco de inverno solto, de acordo com o tempo que fazia, pois continuava a não haver nem indício da primavera, apenas aquele único dia da semana anterior em que estivera calor. Ele estendeu os braços e as cabeças das túlipas agitaram-se.

Florentine beijou-o. Um beijo demorado e ininterrupto, como todos os que costumava dar-lhe. A alegria apoderou-se de Robert: a sua mulher. Poderia permitir-se semelhante pensamento?

Florentine não lhe disse que, depois de passar pelo controlo de passaportes, fora obrigada a sentar-se num banco, não porque estivesse com problemas de circulação, se bem que durante a gravidez sofria dessa fraqueza de vez em quando. Não, tinha sido por medo.

Imaginara a sua chegada de maneira muito diferente, abrindo o amplo casaco como se fosse uma exibicionista, mostrando a barriguinha.

«Vamos ser pais, *husky*.» Seria ele o pai?

Achou-o jovem, apesar de ter mais dezoito anos e seis dias do que ela. Jovem porque não desconfiava de nada?

– Só tens esta bagagem? – Robert pegou nos dois sacos que Florentine havia deixado no chão.

– Trouxe poucas coisas.

– Não ias ficar aqui uma temporada maior?

– Sim – respondeu ela.

Dirigiram-se para o *Citroën Dois Cavalos*, que Robert deixara mal estacionado. Era um milagre desses tempos que não lhe tivessem passado nenhuma multa.

– É provável que dentro de pouco tempo precisemos de um carro mais apropriado.

Robert fitou-a com cara de interrogação.

– Apropriado para quê?

– Vamos ser pais, *husky* – anunciou Florentine. Por fim tinha largado a bomba. E, agora sim, abriu o casaco cor de beringela.

Robert não podia ter mostrado uma cara de maior estupefação. E, logo em seguida, de felicidade. Estreitou Florentine nos braços e embalou-a como se fossem dançar. Acariciou-lhe o ventre. Pegou nas túlipas, que deixou no banco traseiro, meteu os sacos no porta-bagagens e arrancou com o carro sem parar de sorrir.

– Porque é que ainda não me tinhas contado nada?

– Primeiro precisava de me habituar à ideia.

– Quando é que o nosso filho vai nascer?

– No início de junho.

– Nesse caso já estavas grávida no Natal e no meu aniversário e também na passagem de ano.

– Sei desde novembro – admitiu Florentine.

– E não contaste nada durante todo este tempo. – Abanou a cabeça. – Por isso é que tinhas os seios maiores do que o habitual.

Toda aquela felicidade manteve-se até que pôs o carro em andamento.

– Nesse caso gerámos este filho em setembro, não foi?

Florentine virou a cabeça para ele.

– Sim.

Não, não perguntou se a sua desconfiança de que ela também tinha ido para a cama com Alex era verdadeira. Talvez fosse apenas uma quimera e não fizesse tenções de afugentar a felicidade.

– Vamos dar um lar à criança?

Florentine assentiu.

– Em casas separadas, *husky*.

Ele hesitou antes de perguntar para onde é que ela queria ir.

– Primeiro para a minha casa. Tens tempo?

– Tirei o dia de folga.

– Nesse caso, vem comigo depois até à Johnsallee. Para lhes dar a notícia. Podemos ir de mãos dadas. – Imaginou a cena, tão íntima, e sorriu: Ida e Tian também iriam gostar.

– Os teus pais ainda não sabem?

– Tu és o primeiro – respondeu Florentine.

O aquecimento central estava ligado; o candeeiro junto ao cadeirão *Egg*, o seu preferido, aceso. Havia laranjas na fruteira, prímulas na cómoda. O frigorífico cheio. Tudo graças aos seus pais, uma vez que Robert não possuía as chaves do apartamento de Florentine.

– Deixa a bagagem no vestíbulo, *husky*. – Florentine tirou uma jarra de vidro da cristaleira, encheu-a de água e colocou nela as túlipas.

– Queres que te ajude primeiro a despir o casaco?

– E tudo o resto. Estou com uma vontade doida de ficarmos a sós por um momento, tu e eu. Vem cá.

– Não irá fazer mal ao bebé?

– Está bem protegido. Quando a barriga crescer mais, podemos fazê-lo noutras posições.

– No tapete berbere? Ou será demasiado duro?

– Melhor na cama, *husky*, mas vem já. Disse que estaria na Johnsallee dentro de hora e meia.

Depois permaneceram deitados juntos na cama, Florentine encostada a ele e Robert contemplando o céu pela janela, cuja brancura leitosa dava a impressão de que havia nevado e não apenas chovido, e pensou que precisava de conversar com Alex. Na esperança de ouvir que tudo aquilo não passava de imaginação sua.

A notícia correu como um rastilho de pólvora. No próprio dia da chegada

de Florentine, à noite, já quase todos os seus amigos sabiam que estava grávida.

– A Ida está doida de felicidade – assegurou Henny quando regressou depois de falar ao telefone. Não tinha dito à amiga que já sabia desde o dia anterior, por Klaus. Sentou-se ao pé de Theo, que se encontrava no cadeirão de couro, com o jornal aberto. – Pode ser que o Alex nos dê um terceiro neto.

– Aquele que gostarias de ter tido do Klaus?

Henny ficou em silêncio durante um bocado antes de responder com outra pergunta:

– Não és tu que dizes sempre que o Alex é como um filho para ti?

Theo assentiu.

– O Robert estava com a Florentine quando esta anunciou que estava grávida?

– Sim. Brindaram com espumante aos jovens pais.

– Não devíamos pôr em causa a paternidade do Robert. Eu também acho que é ele o pai, pois o Alex só se deitou com ela uma vez.

– Uma teoria interessante para quem é ginecologista – comentou Henny.

– Foi apenas uma tentativa. – Theo sorriu.

– Para desanuviar o ambiente?

– Não creio que a longo prazo isso pressuponha um risco para a relação dos nossos filhos.

– És um grande otimista.

– Trata-se da minha resposta ao pessimismo próprio da idade. Faz parte dos planos da Florentine e do Robert algo tão antiquado como casar?

– A Ida logo me contará. – Henny levantou-se e agachou-se a fim de aticar de novo o lume da lareira ao mesmo tempo que matutava na pergunta de Theo: «Aquele que gostarias de ter tido do Klaus?» Alguma vez se tinha sentido descontente com a homossexualidade do filho?

Apanhara um susto naquele dia de novembro de 1947, na cozinha da sua mãe, quando Klaus lhes dera a notícia no seu décimo sexto aniversário. Não havia perdido Ernst de vista em momento algum, não fosse o caso de ele se precipitar sobre o filho que tinham em comum para lhe fazer ainda mais mal do que já lhe havia feito com o seu desprezo. A princípio também sentiu medo de que Klaus pudesse desviar-se do bom caminho, um caminho que ela desconhecia por completo, mas que sabia que existia.

Só quando Alex entrou na vida do filho, se apaixonaram e iniciaram uma relação estável é que se esqueceu de tudo. No início existia uma certa ambivalência em Alex, visto que antes nunca tinha amado nenhum homem e, no entanto, Henny sabia que ele era fiel ao seu filho.

E isso era algo que não havia mudado. A tarde que passara com Florentine em setembro devera-se a circunstâncias especiais. Mas agora o facto de ele

poder ser o pai daquele bebé era uma possibilidade que lhe causava dores de cabeça, embora pretendesse dar a entender o contrário. Sobretudo à frente de Klaus. O medo pelos filhos estava sempre presente, tivessem eles a idade que tivessem. Uma mãe passava a vida inteira a tentar que eles fossem felizes.

Henny voltou a sentar-se.

– Talvez devesse falar com o Alex – sugeriu. – Para que aborde o assunto como se a tarde que passou com a Florentine não tivesse existido.

– É o que fará em qualquer dos casos, sabendo como ele é. Não é amigo do confronto. No entanto, todos nós iremos procurar indícios quando a criança nascer.

– Pois é – concordou Henny. – E espero que apontem sem hesitações para o Robert.

– Pode ser que algum dos três tenha um grupo sanguíneo pouco frequente.

– Vou pedir à Marike que verifique qual é o da Florentine. Na segunda-feira tem consulta marcada na clínica.

Theo assentiu. De qualquer das maneiras, era importante saber qual era o grupo sanguíneo da mãe antes do parto. Mas isso Marike também sabia.

Katja não tinha contado a ninguém que apresentara uma candidatura para iniciar um estágio na DPA, a Deutsche Presse-Agenture, mas tinha sido admitida e no outono poderia começar a formar-se como fotojornalista na agência. Seria boa ideia contar a novidade a Karsten, que considerava esses planos uma incursão no seu domínio, apesar de mal ter levado a sério os estudos de Katja na escola de artes aplicadas?

Contou-lhe na praia do Elba, em Övelgönne. Karsten já tinha desatado a correr pela areia a fim de lhe mostrar como se manuseava a câmara para fotografar uma pessoa em movimento.

– Talvez fosse melhor que tivesses um filho, como a tua prima. – Não parava de dizer que Florentine era sua prima.

Katja deteve-se e fitou-o com severidade.

– A Florentine não vai deixar que lhe ponham uma coleira, assim como eu também não deixo – disparou.

– Apesar da criança?

– Acho que até é bem possível que seja o Robert a dar-lhe de mamar.

Karsten devolveu-lhe o olhar erguendo as sobrancelhas.

– Pois então, é isto que temos – replicou. – Bom, experimentemos outra vez com uma pessoa em movimento: vai até àquele muro, eu fico aqui, à beira da água. Ajusta a velocidade de disparo para 1/125, focando-me a mim. Se eu começar a andar, tu movimentas-te comigo.

Dessa vez disparou de uma assentada só. Duas repetições, para jogar pelo

seguro. Em seguida, Karsten encaminhou-se para ela e beijou-a.

– E agora vamos ao Zum Bäcker, comer linguado. Como recompensa – propôs.

– Recompensa para ti ou para mim?

– Para os dois. É mesmo verdade que queres ir a Belfast e ao Biafra?

– Quando terminar o estágio, deverá haver outras zonas de conflito.

– E Katja, a *Fera*, vai lá estar.

– Não me chames assim. Mostra-me mais coisas. Pessoas diante de edifícios, por exemplo.

– Pessoas a fazer amor – corrigiu Karsten. – Depois do almoço vamos para minha casa.

Katja não levantou objeções.

Ruth chegou e começou a percorrer as diversas divisões, como se estivesse a despedir-se. Käthe olhou para Rudi. Também estaria com a mesma impressão?

– Estufado de carne picada! – exclamou Ruth. – É a isso que me cheira, não é? – Era um dos seus pratos preferidos. – Como vocês são bons.

Sim, sempre o foram, desde o momento em que Ruth se tornara filha de ambos. Ou até mesmo antes. Outrora, na casa meio em ruínas da Rua Hofweg, quando o avô ainda era vivo e lhes confiara a neta.

– Comportas-te como se nunca mais tencionasses voltar aqui – comentou Rudi.

– Parvoíces. Já te tinha dito que voltaria para Berlim, a única diferença é que não nos veremos todas as semanas.

– Esse jornal clandestino. – Rudi lembrou-se dos panfletos que imprimiam no hectógrafo na sua casa em 1933. Uma medida desastrada para enfrentar os nazis.

Ruth abanou a cabeça.

– Como assim, clandestino?

– Vamos almoçar – sugeriu Käthe, que nunca tivera jeito para cozinhar, mas o puré de batata da Pfanni que acompanhava o estufado de Rudi saía-lhe que era uma maravilha.

Sentaram-se à mesa, que, embora fosse domingo, tinham posto na cozinha.

– Se ficam mais descansados em saber, vou conservar o apartamento de Schanze e deixo-vos a outra chave.

Com efeito, tranquilizava-os. Um pouco. Apesar de Rudi e Käthe nunca terem espiado a filha, apreciavam manter um certo controlo. Não fosse dar-se o caso de András se instalar lá.

– Já sabes onde vais viver em Berlim?

– Num apartamento partilhado. É gerido pelo jornal.

– É em Kreuzberg também?

Ruth assentiu.

– Mas isso nunca será antes de junho. Até essa altura ficarei em Hamburgo.

– Em junho, a Florentine vai dar à luz – comentou Käthe.

Ruth pousou no prato o garfo com um pedaço de carne assada.

– Vai ter um filho? A Florentine? É do Robert, por acaso?

– Sim – respondeu Käthe. – É um bom rapaz.

– Um filho. Nunca me passaria pela cabeça que a Florentine fosse tão burguesa. – Não tivera a própria Ruth a sua primeira grande briga com András por defender Rudi Dutschke, o ativista que se casara alguns anos antes? Sim, mas esses tempos tinham acabado.

– Não sabia que havia algum mal em ter um filho – observou Rudi. Uma das desilusões da sua vida era não ter tido filhos com Käthe. Claro que talvez tivesse sido uma reviravolta sensata do destino, com os nazis, os campos de concentração, a guerra. O que diria agora a sua inteligente filha? Que os filhos estorvavam a revolução?

– No apartamento que vou partilhar em Kreuzberg também vivem crianças – contou.

Isso tranquilizou Käthe e Rudi, muito mais do que ficarem com a chave do apartamento de Schanze.

– Viste o catálogo da Molden? – perguntou Louise. – Estão a oferecer a autobiografia de Knef, devíamos encomendá-la em grandes quantidades. Só sai em agosto, mas em finais de março há uma pré-edição na revista *Jasmin*.

– Falaremos sobre isso quando o Momme voltar. – Nesse exato momento, Lina estava a colocar nas prateleiras mais exemplares de *Jakob, o Mentiroso*, de Jurek Becker. O livro continuava a vender-se muito bem. *A Cavalo Dado...*, de Hildegard Knef, não obstante, prometia ser um *bestseller*, assim como o novo de Simmel, que fora publicado em fevereiro.

Não era habitual que as duas «mandachuvas» estivessem juntas na livraria. Lina continuava a trabalhar amiúde na Landmann, Louise ia menos vezes, mas Rick encontrava-se em Londres para alugar de novo a casa que herdara do tio e Momme continuava na Suíça.

A segunda-feira tinha começado indolente, haviam vendido dois exemplares de *Die Häschenschule*¹ e um cliente havia perguntado pelos *Textbücher*² de Helmut Heissenbüttel, que no ano anterior vencera o Prémio Büchner, mas não os tinham em armazém e precisavam de os encomendar.

– Não consigo tirar essa história da Florentine da cabeça – comentou Louise. – Carregar o fardo de uma criança agora.

– Tal como já te disse, estou muito feliz por ela.

– Claro, porque és louca pelo Robert – replicou Louise. – Se te tivesse conhecido quando eras nova, nem terias feito caso de mim.

– Teríamos ultrapassado a diferença de idades com toda a facilidade – assegurou Lina. – Teria ido com ele para os baloiços na marmelada e brincar com as suas formas de areia.

– Agora vai ser a Florentine a ter de se sentar na areia. A propósito, amanhã vais ter de ficar aqui sozinha por uns instantes. Tenho consulta marcada com o cirurgião plástico que o Bob me recomendou. É de manhã. De qualquer das maneiras, as coisas aqui estão tranquilas.

Lina pousou os dois livros que ainda tinha na mão e segurou a companhia pelos ombros.

– Por favor, não faças isso.

Louise soltou-se das mãos dela e apercebeu-se, aliviada, de que a sineta da porta estava a tocar: acabava de entrar um cliente.

Lina retirou-se para o escritório. De que teria medo? Seria assim tão mau que fizessem umas pregas, uns finos cortes na raiz do cabelo e atrás das orelhas de Louise? Se fizesse isso, talvez voltasse a ser a mulher alegre que fora em tempos.

Reparou no bilhete que Rick havia pregado com pioneses na parede, por cima da secretária:

*Farewell dearest, fare thee well
and blessings with thee go.
May sunshine be upon thy path
and flowers around thee grow.*

Lina arredou a cadeira para trás e contemplou o pátio das traseiras, cinzento, que se abria do outro lado da janelinha do escritório. «Adeus, amada minha, adeus. Que a sorte te acompanhe, que o sol ilumine o teu caminho e que as flores te rodeiem.» Era um poema alegre, de amor, mas a ela pareceu-lhe um epitáfio.

Levantou-se e regressou à livraria, onde Louise e o cliente se encontravam embrenhados numa conversa. Entrou uma senhora com um menino pela mão. Talvez vendesse outro exemplar de *Die Häschenschule*.

– Caramba, parabéns! – exclamou Marike, e dito isto levantou-se da cadeira atrás da secretária a fim de dar um abraço a Florentine.

– De certeza que já sabias.

– É um segredo de polichinelo desde que chegaste na sexta-feira. Acho-te fantástica, e logo eu que estava preocupada que tivesses emagrecido.

Florentine espetou o ventre para a frente.

– Mediremos a dimensão da barriga depois.

Sentaram-se no recanto que Marike havia mobilado com o sofá de dois lugares e as poltronas de couro negro.

– Engordei seis quilos.

– Estás em que semana?

– A partir de hoje, na vigésima sétima. O bebé deverá nascer nos primeiros dias de junho.

– Vamos ver se assim é. Submeteste-te a algum exame médico em Paris?

– Sinto-me bem, quase não precisei de ir ao médico.

– Isso é algo que vai mudar – respondeu Marike. – A primeira coisa que faremos hoje é uma análise sanguínea. Alguma vez tiveste rubéola?

Florentine assentiu. Ia dizer que não fora fácil para si tomar a decisão de ter aquele filho, que considerara a hipótese de abortar, mas a confissão não se enquadrava com o entusiasmo e a alegria que Marike demonstrava.

– Tenho a certeza de que o Robert deve estar doido de felicidade.

Florentine assentiu pela segunda vez.

Marike fitou-a com atenção.

– E tu?

– Decidi ter a criança, mas não sei como é que ela se vai encaixar na minha vida.

– Queres continuar a viajar pelo mundo? Não é suficiente para três o que o Robert ganha na NDR?

– E és logo tu quem me quer impingir o modelo clássico de família? Conheces-me assim tão mal?

Marike hesitou.

– Não – reconheceu ao fim de um bocado. – Vou ajudar-te para que o teu filho chegue ao mundo são e salvo. Quanto ao resto, não me meto.

Ovos de Páscoa no meio da neve. Que frio fazia no último domingo de março. Konstantin tinha os dedos dormentes enquanto corria pelo jardim e ia enchendo a cestinha de guloseimas. No entanto, o rosto de quantos se haviam reunido na Körnerstrasse irradiava calor e ternura quando brindaram a Henny com espumante; quem quisesse podia fazê-lo com licor de ovo, tal como sempre se fazia na Páscoa.

– À Henny e aos novos avós – brindou Lina, erguendo a taça.

Os futuros pais não se encontravam ali; apetecia-lhe uma escapadela até uma ilha, dissera Florentine, caminhar pela areia, sentir o vento na cara. O entusiasmo que a sua gravidez havia despertado era demasiado para Florentine.

Evitava o encontro com Alex. A mera ideia de vê-lo com Henny e Theo presentes deixava-a muito nervosa. Não poderiam evitar-se para sempre, mas a primeira vez que se vissem não poderia ser à frente de tanta gente.

Henny sorriu a Alex, que regressava do jardim com o seu afilhado, que trazia coelhinhos de chocolate nas mãos, o cabelo e os ombros cheios de flocos de neve. Konstantin vislumbrava mesmo debaixo da neve o brilho do papel dourado.

– Venham aquecer-se os dois – convidou-os.

– No ano que vem vou mostrar ao filho da Florentine os esconderijos – declarou Konstantin. – A avó e o avô escolhem sempre os mesmos.

– Nunca deixam de te surpreender. – Henny captou o olhar de Alex. Ainda não haviam tecido qualquer comentário acerca das novas circunstâncias, apenas ele e Theo é que tinham conversado.

Klaus estava a cortar outra fatia de salmão quando o cunhado entrou na cozinha.

– Gostei muito da canção que ganhou a Eurovisão, a da Irlanda – observou Klaus. – Como é que correram as coisas em Amesterdão?

– Bem, como sempre. Trabalho – retorquiu Thies. – Eu diria que a canção da Dana era sobretudo agradável.

– *All Kinds of Everything*. Gostei.

– Porque és um romântico. Aconteceu alguma coisa entre ti e o Alex?

– Porque é que dizes isso?

– Não sei, pareceu-me. – Thies tirou uma fatia de salmão.

Um dia chuvoso, a terça-feira a seguir à Páscoa. E a temperatura continuava a ser apenas de cinco graus. Alex encontrava-se diante do número 58 da Rua Gärtnerstrasse pela primeira vez desde que a guerra havia terminado e tinha regressado da Argentina.

Recordava a casa da sua infância, dos tempos da fundação, as varandas com os atlantes, as balaustradas de ferro forjado, as janelas altas... Contudo, agora erguia-se aí um prédio dos anos cinquenta. À esquerda, na parede de tijolo, a placa da praxe: DESTRUÍDO EM 1943 – EDIFICADO EM 1957.

Alex não olhou para a cave, não queria que lhe acomessem as imagens, mas viu a sua mãe, na varanda do primeiro andar, seguindo com o olhar o filho de dezassete anos, sem se despedir com a mão, fitando-o apenas durante um bom bocado, de forma que ele sentiu que ela o observava e virou a cabeça na sua direção. Uma despedida para sempre. Quem poderia imaginar.

«És a cara chapada da tua mãe», costumava dizer-lhe o pai. Com quem se pareceria o filho de Florentine? Ou não sairia a ninguém, uma criança que por fora não se parecia com ninguém da família?

Alex deu meia-volta e começou a andar na direção do elétrico a fim de ir até à Hallerstrasse e depois para a rádio, gostava de percorrer todo o trajeto a pé, mas agora já não se atrevia.

Falar com Robert. Deveria forçar a situação?

Desde que Robert soubera que Florentine estava grávida, não se tinham encontrado no estúdio, apenas se haviam visto de longe na cantina. Daí a pouco entraria no estúdio de gravação, sozinho, para ensaiar os novos arranjos ao piano. Estaria Robert na sala de controlo?

«Temos de falar, Alex.»

«Sim, Robert.»

No entanto, quando Alex entrou, não havia ninguém na sala de controlo de som nem tão-pouco no estúdio. Despiu o casaco e deixou-o em cima de uma das cadeiras tubulares de metal cromado que os músicos costumavam ocupar, tirou as partituras e levantou a tampa do piano. Logo em seguida sentou-se na banqueta e começou a tocar.

Então apercebeu-se de um movimento pelo canto do olho atrás da grande divisória de vidro. Alex ergueu os olhos, e Robert e ele entreolharam-se.

– Vem cá – convidou-o Alex em voz baixa, ignorando o botão do intercomunicador.

Robert entrou, encostou-se ao piano e inspirou fundo, como se logo em seguida fosse mergulhar em água fria.

– Deixemo-nos de rodeios: foste para a cama com a Florentine em setembro?

Alex sustentou-lhe o olhar.

– Sim – admitiu. – Uma vez. Quando estava a sentir-me muito mal e ela quis devolver-me a autoestima.

Robert assentiu.

– A nossa Florence Nightingale. – Afastou-se do piano e sentou-se numa cadeira. – Usaram preservativo?

– Não. Sentia-me demasiado angustiado com tudo o que estava a acontecer.

– Eu uso-os sempre que a Florentine tem muitos voos. Em setembro acabava de regressar de Nova Iorque.

– Nesse caso, poderia muito bem ser eu o pai do bebé – argumentou Alex.

– Na primeira noite, depois da festa que a Guste deu no jardim, não usei nenhum.

– Não usaste? De propósito?

– Queria dar um empurrãozinho ao destino – admitiu Robert. – Como podes ver, consegui-o. Achas que és tu o pai?

Terá Alex titubeado?

– Acho que és tu – respondeu.

Levantaram-se os dois ao mesmo tempo. Da banqueta do piano, da cadeira.

Ficaram de pé frente a frente.

– Lembro-me da tua primeira gravação para a NWDR, nessa altura ainda tocavas para os ingleses.

– Sim – disse Alex –, eu também me lembro.

– Quando entraste no estúdio, pensei: «As mulheres vão cair rendidas aos seus pés, só espero que sobre uma ou outra para mim.»

Alex sorriu.

– E depois ficaste surpreendido por o sujeito em questão ser tão reservado.

– Como é que eu podia adivinhar que acabarias por te apaixonar por um homem?

– Só que naquela época nem eu mesmo sabia disso. Era apenas tímido.

– *It's a Long Way to Love* – disse Robert. – Essa canção existe? O título é-me familiar.

– *It's a Long Way to Tipperary* é a única que conheço.

– Seja como for, o caminho foi longo para nós.

Viraram-se para a porta quando Thies entrou.

– Ainda bem que estão aqui os dois – disse. – Temos de falar.

Alex e Robert entreolharam-se por um instante.

– Chet Baker – elucidou Thies. – Outra vez um problema com as drogas: expulsaram-no da Alemanha.

– Li que estavam a gravar um novo LP nos Sunwest Studios – contou Alex.

– Uma coisa não invalida a outra.

– Não retires o convite ao Chet Baker, peço-to por favor.

Thies olhou para Alex.

– Não creio que a polícia alemã reaja melhor do que há seis anos ante um problema com heroína – retorquiu. – Não quero que isso ponha em risco o estúdio inteiro. Peço-te que penses em quem poderia vir no lugar dele.

Alex puxou para perto de si uma das cadeiras tubulares de metal cromado quando Thies saiu do estúdio, e Robert sentou-se ao seu lado.

– Daqui tem-se uma outra perspetiva da sala de controlo – observou Robert, olhando para a grande divisória de vidro. – De vez em quando devia-se mudar de ponto de vista.

– Oxalá que tu e a Florentine se casem.

Robert soltou um suspiro.

– É mais fácil que o Baker abandone as drogas.

1 Livro infantil alemão, o título poder-se-ia traduzir como *Escola de Coelhoinhos*. (N. da T.)

2 *Livros de Texto*. (N. da T.)

Junho, 1970

No primeiro dia de junho, Ruth foi a casa dos pais deixar-lhes as chaves. Ao que tudo indicava, em Berlim estavam a precipitar-se os acontecimentos depois de um comando ter tirado da prisão, empregando a força, Baader, o autor do incêndio de várias lojas. O apartamento de Kreuzberg enviou o sinal: tinha chegado o momento de Ruth ir para lá. A atividade política precisava de documentação jornalística.

A antiga redatora-chefe da *Konkret*, a revista para a qual Ruth trabalhava desde há três dias, havia participado na libertação e em seguida fugira num automóvel; talvez a coisa não tivesse saído como o previsto, mas o resultado foi que Ulrike Meinhof se viu obrigada a passar à clandestinidade.

Revistaram o apartamento que partilhavam em Berlim. As rusgas começavam a tornar-se frequentes e a perturbar as crianças, assegurou Geert, que era uma espécie de chefe de família na Rua Urbanstrasse, no bairro berlinense de Kreuzberg.

– Já? – perguntou Kätke quando Ruth deixou as chaves em cima da mesa da cozinha, onde também repousava a revista *Stern*, que havia reproduzido as fotografias de Florentine grávida que tinham saído mais cedo na *Paris Match*. A publicação esclarecia que a modelo já não se encontrava no sétimo mês de gravidez, mas sim prestes a dar à luz. – Na *Stern* há umas fotos da Florentine – disse para Ruth.

– Já as vi. – No dia anterior, Ruth tinha comprado a revista no quiosque da Susannenstrasse, pois Katja telefonara-lhe e contara-lhe sobre as fotos. Porque é que não disse que ela, Katja e Florentine tinham combinado encontrar-se no dia seguinte para se verem? Kätke tinha esperança de que as jovens se mantivessem em contacto. – Não tenho muito tempo – desculpou-se Ruth.

– Senta-te e espera que o teu pai chegue a casa. Quer ver-te antes de partires para Berlim.

– Entre Hamburgo e Berlim só existe a zona de ocupação, não um oceano.

– Não sei o que será pior – retrucou Kätke, cuja maior preocupação era o facto de Rudi estar a sofrer. À noite acordava sobressaltado e, quando ela acendia a luz, ia dar com ele sentado na cama, tapando a cara com as mãos,

como se quisesse impedir que Käthe visse a expressão do seu rosto. Seriam os horrores do passado que o perseguiam? Outros novos?

– Quem são as pessoas com quem vais morar? Porque é que não voltas a viver com os rapazes? Deram-se bem e divertiram-se juntos.

– No apartamento deles não há espaço. – Ruth não fazia tenções de explicar o motivo por que não podia voltar a viver na Körtestrasse. Stefan e Jens eram agora uns betinhos universitários.

– Eu e o teu pai gostaríamos de conhecer as pessoas com quem vais morar – afirmou Käthe. Tirou a cafeteira do lume quando a ouviu apitar. A cafeteira tinha sido comprada pelo seu sogro, Alessandro; a sua intenção era construir um ninho para eles, e o recipiente necessário para preparar um café italiano era indispensável. Käthe encheu as pequenas chávenas e passou o açucareiro a Ruth.

– Isso está fora de questão. Não quero que metam o nariz na minha vida.

Käthe sentou-se à mesa da cozinha e mexeu o café.

– Tenho vinte e cinco anos – acrescentou Ruth.

– Para nós serás sempre a nossa menina.

Ter-se-ia Ruth impelido a dizer que não era bem assim? Durante um instante, foi o que pareceu a Käthe.

– O papá pode ir depois de amanhã à estação. Parto às duas e picos da Dammtor. – Quando se pôs de pé, Ruth ouviu alguém a meter a chave na fechadura.

– Já se vai embora – informou Käthe a Rudi. – Para Berlim. Depois de amanhã.

– Por favor, não ajam como se eu tivesse um bilhete para o *Titanic*.

– Os passageiros desse barco também se despediram com alegria – referiu Käthe.

Pouco depois, Rudi e ela encontravam-se na varanda. Nos vasos havia gerânios vermelhos, nesse ano não tinham plantado amores-perfeitos, em março fizera muito frio.

– De que é que tens medo? – perguntou Käthe depois de dizer adeus a Ruth com a mão.

– Não sei – admitiu ele, passando-lhe uma mão pela cintura. – A Ruth vai meter-se em sarilhos. Disso tenho a certeza absoluta.

Ruth, Katja e Florentine combinaram encontrar-se no Olympisches Feuer, na Rua Schulterblatt.

O dono do restaurante mostrou a sua adoração por Florentine assim que a viu, uma beleza com um vestido de linho branco que lhe chegava aos tornozelos e que quem sabe se um dia teria sido uma cortina feita à mão que se

encontrava pendurada em algum lar do período guilhermino. E era evidente que a jovem estava prestes a ser mãe. O coração batia-lhe depressa no peito, mas também fez uma vénia a Ruth; ou não seria ela uma cliente fixa do seu estabelecimento?

Katja atrasou-se. Quando chegou, Florentine já havia contado que estava a começar a sentir-se entusiasmada com a chegada do bebé.

– São as hormonas – explicou Ruth. – Achava que sentias alguma coisa pelo Alex, mas dá a impressão de que neste momento é apenas *gay*.

– O *husky* tem jeito para ser pai – respondeu Florentine. – Não podia ter encontrado outro melhor.

– São esses os critérios segundo os quais uma mulher escolhe um homem? – perguntou Ruth, franzindo a testa.

– Acontece que tu não podes estar mais envolvida com o feminismo – afirmou Katja, que se havia sentado à mesa e estendia a mão na direção da barriga de Florentine. – Posso?

Esta assentiu, sorridente.

– Falas como se para ti o feminismo fosse um lamaçal em que uma pessoa se afunda – disparou Ruth, esforçando-se por centrar a atenção na ementa. Alguma coisa com carne. Talvez repetisse e pedisse *bifteki*. Fechou a ementa e olhou para Katja.

– Não – respondeu esta. – Muito pelo contrário. Tenciono pisar com os dois pés um terreno reservado aos homens, o fotojornalismo, e não me passa pela cabeça tirar fotografias a animaizinhos.

– Estarias disposta a ir para a guerra? – perguntou-lhe Ruth. – Para o Vietname? – Havia um certo receio na sua voz?

– Sim – declarou Katja. – Imagino que gostarias de me ver do lado do Vietcongue. E tu? Voltas para a selva de Kreuzberg? A *Konkret* não é esquerdista o suficiente para ti?

– Vou pedir costeletas de borrego – decidiu Florentine. – Quem havia de pensar que eu iria ser a mais delicada das três?

– Trata-se de algo passageiro – replicou Katja. – Pouco antes de dar à luz, a parturiente transforma-se numa vaca sensível.

– A nossa caçula está muito sabichona hoje – opinou Ruth.

– E descarada – acrescentou Florentine.

No entanto, as três pareciam satisfeitas quando fizeram o pedido ao empregado de mesa, incluindo Ruth.

– Fazes tenções de voltar a voar depois de o bebé nascer? – quis saber Katja.

– Sim. – Florentine examinou a salada que o empregado lhe serviu. Sem repolho, só lhe faltaria agora ter gases.

– E quem é que vai cuidar dele? – perguntou Ruth.

– O *husky*. A Ida e o Tian. Uma ama-seca que ainda tenho de arranjar.

- Vais amamentá-lo?
- Ouvi dizer que pode ser sensual. Podemos falar de outra coisa? O que vais tu fazer em Berlim, Ruth?
- Ler Carlos Marighella e dar início à luta armada – retorquiu Katja. – O seu *Manual do Guerrilheiro Urbano* circula por aí e em Kreuzberg é de leitura obrigatória.
- Que grande disparate – opinou Ruth. – Vocês não sabem nada de nada.
- O empregado de mesa aproximou-se com uma dose de molho *tzatziki* que serviu a Florentine.
- O iogurte grego e os pepinos são bons para a mamã – contou. – É da parte do dono.
- A Florentine só lhe apetecia revirar os olhos, porém agradeceu com um sorriso e começou a comer. No entanto, logo em seguida pousou o garfo no prato e deu a mão a Katja e a Ruth.
- Vamos manter-nos unidas para sempre. Aconteça o que acontecer.
- E imagine-se que nem bebeste nada – replicou Ruth.
- As vacas são sensíveis e sentimentais – acrescentou Katja.
- Tu e essa tua língua afiada. Calculo que as nossas mães e avós se tratem com mais carinho. – Florentine esboçou um sorriso ténue.
- A minha bisavó materna não tinha muito tato.
- A Else – recordou Florentine. – Sim, era uma mulher muito especial. Vocês vão à festa que se vai realizar no verão para a Henny e para a Kätthe?
- Ruth negou com a cabeça.
- Pois eu estou bastante animada – afirmou Katja. – Espero que vás com o bebé e com o Robert, para que este o embale.
- Pode ser que continue de resguardo.
- Qual é a data prevista para o parto?
- Amanhã – respondeu Florentine. – No entanto, não sinto nada.
- De certeza que vai nascer muito antes de 21 de junho – vaticinou Katja. – Vão por mim, pois vivo rodeada de ginecologistas e de parteiras.

Florentine apanhou um táxi para ir para a Johnsallee. Passariam esse bonito dia primaveril no jardim, e Robert juntar-se-ia a eles mais tarde, segundo o que haviam combinado. Entrou com cuidado para o carro, o bebé já havia descido de maneira considerável. «Que não lhe ocorra a infeliz ideia de tê-lo aqui», advertiu-a o taxista.

O velho *Mercedes* do seu pai encontrava-se à frente da casa. Quando bateu à porta, primeiro na dos pais e depois na de Guste, a ideia de que o trabalho de parto podia ter início de um momento para o outro já se lhe havia sumido da mente.

- Vê se andas devagarinho – aconselhou Guste, que foi quem abriu a porta.
- Não sei se eu seria uma parteira adequada.
- Tu podes fazer qualquer coisa, Guste. A Ida e o Tian não estão em casa?
- Guste hesitou, mas logo em seguida disse a verdade:
- Apanharam um táxi. O teu pai não se sentia bem.

Florentine levantou um pouco o vestido de linho branco antes de subir o degrau seguinte, não fosse dar-se o caso de tropeçar e ter a criança nas escadas da Johnsallee.

- O que é que ele tem?
- Estava com taquicardia. Foram ao médico.
- Nos últimos tempos isso acontece-lhe com muita frequência, não é verdade?

– Sim – respondeu a boa da Guste. – Fica com o coração acelerado à mínima coisa.

- Onde é que eles foram?
- Ao hospital universitário, ao UKE. O vosso médico de família não atendeu o telefone. É provável que jogue ténis às quartas-feiras à tarde.

Florentine pensou que a coisa devia ser grave se Ida tinha acompanhado Tian. A sua mãe não era mulher de dispensar grandes cuidados e atenções.

- Os teus pais não vão gostar que eu tenha dado com a língua nos dentes.
- E o que mais é que podias ter-me dito? Que tinham ido ver espreguiçadeiras novas?

- Pois não seria absurdo nenhum, agora que falas nisso – resmungou Guste.
- As três pirralhas da Anni e do Momme quase acabaram com elas.

- A propósito, onde é que estão os Siemsen?
- O Momme está na livraria e a Anni e as meninas foram ao parque.

No jardim reinava uma imensa paz, Florentine respirou fundo e sentou-se num dos cadeirões de vime. Estava preocupada com Tian, o seu forte e bem-parecido pai. Sofrera uma depressão depois da morte da sua tia, Ling. Em seguida, o défice cognitivo. Tirando isso, sempre havia gozado de boa saúde.

Guste saiu para o jardim e pousou em cima de uma mesa um jarro com limonada fria que ela mesma havia preparado.

- Já trago os copos – acrescentou, voltando a entrar em casa.
- Em julho, Tian faria sessenta e nove anos. Florentine esperava que o pai não estivesse gravemente doente e que pudesse desfrutar da companhia do neto. Apoiou as mãos sobre o ventre: o bebé não dava pontapés havia já alguns dias. Marike dizia que ele já quase não tinha espaço para fazer ginástica.
- Há quanto tempo é que eles foram? – perguntou quando Guste regressou com uma bandeja com copos e umas taças com morangos.
- Há duas horas e meia.
- Isso é muito tempo, não achas?

– Não, em se tratando das urgências no UKE.
– O Tian já lá esteve antes?
– No sábado. Não foi assim há tanto tempo, a bem da verdade. – Guste serviu a limonada. – A Ida falou com a Henny, e o Theo arranhou-lhe um cardiologista. Tens tudo pronto para o bebé?
– Vou tê-lo na Finkenau, é um dever familiar. Na Milchstrasse já tenho o berço e o muda-fraldas.
– O Robert tem as mesmas coisas no apartamento dele?
– Não, mas agora tem as chaves do meu.
– Caramba, o vosso caso progride a uma velocidade assustadora. Há quanto tempo é que vocês se conhecem? Seis anos?
– Em outubro faz oito.
– E já deste as chaves ao rapaz. Mas pelo menos tiraste o Alex da cabeça.
– Claro – afirmou Florentine. Levantou-se quando, ao olhar na direção da porta do terraço, viu que os pais saíam para o jardim.
– Está tudo em ordem – assegurou Tian. Dirigiu-se para a mesa com movimentos ágeis, mas tinha os lábios brancos e olheiras. – Calculo que a Guste te terá dito que sofri uma ligeira taquicardia.
– Não foi uma ligeira taquicardia. – Ida sacou de um papel. – Uma taquicardia no seguimento de uma hipotensão.
– Balelas – objetou Tian. – Sou apenas um avô nervoso que tem a tensão de rastos.

Guste lembrou-se do pânico que vira refletido nos olhos de Tian ao início da tarde.

– E o que foi que vos disseram no UKE?
– Que devemos marcar uma consulta com o cardiologista que o Theo nos recomendou e que tome os comprimidos que me receitaram.
Guste ofereceu a Tian um copo de limonada.
– Pois então faz isso mesmo – incentivou-o.
– Papá – disse Florentine, olhando para o pai com o maior carinho. – Quero-te na festa de formatura do bebé que virá ao mundo um dia destes.
Tian sorriu.
– É essa mesma intenção que temos todos – respondeu ele.

Klaus dobrou o jornal e levantou-se da mesa. Não conseguia distrair-se, só pensava no iminente nascimento do filho de Florentine, como se o futuro pai fosse ele mesmo.

Estava previsto que nascesse há dois dias, conforme Henny lhe havia dito, mas de momento não havia notícias. Estaria Alex tão calmo como aparentava? Nesse momento tentava equilibrar a bandeja que queria levar para a varanda,

com movimentos tudo menos ágeis. Nenhum medicamento lhe fazia tão bem como em tempos lhe fizera o veneno de Boston.

– Tens os *jeans* coçados. Dão-te um ar *hippie* – comentou a fim de mudar de assunto e esquecer o outro.

Alex deteve-se.

– Achas que sou demasiado velho para vestir isto?

– Aí só está escrito *Levi's*, não o ano em que nasceste.

Alex ergueu as sobranceiras, mas não disse nada. Decidiu que primeiro levaria para a varanda a bandeja com os *croissants* e o café sem sofrer nenhum contratempo. Klaus foi atrás dele.

– Continuas com a ironia carinhosa? – perguntou Alex.

– Desculpa. Estás mais jovem do que nunca.

– Nos últimos tempos tens tendência a lançar farpas.

– Estou nervoso – confessou Klaus. – Preocupa-me o facto de a criança poder parecer-se contigo. Falaste com o Tian a esse respeito? – Dispôs as chávenas e os pratos sobre a mesa de teca.

– Não – retorquiu Alex.

– Mas vocês conversam sempre sobre tudo.

– Ele e a Ida estão entusiasmados com a ideia de terem um neto. E de que adianta causar-lhes um desgosto? Ao fim e ao cabo, já somos quatro num barco que oscila.

– Não achas cansativo?

Alex sentou-se.

– Eu também estou entusiasmado – assegurou. – Com o filho do Robert.

Klaus assentiu.

– Vejo que treinaste bem o discurso. – Serviu o café e sentou-se.

– Na tua opinião, o que é que eu devia fazer? – perguntou Alex.

– O Theo leu algo sobre uma tipificação nova. Não sei como funciona, mas ao que parece é mais segura do que os grupos sanguíneos. O de vocês os três não podia ser mais enfadonho.

– Sabes qual é o grupo sanguíneo da Florentine? Não faz parte do sigilo profissional?

– A Henny disse-me.

– E a tua mãe também sabe qual é o do Robert?

– Isso perguntei-lho eu. Creio que, como parte interessada que sou, tenho direito a sabê-lo. É O positivo, tal como a Florentine. Só tu é que és O negativo. A nova tipificação denomina-se HLA4.

– O Theo falou-me dela. – Alex parecia irritado.

– E achaste que não valia a pena comentar isso comigo?

– A análise nem sequer chegou à clínica. Tu e eu somos um casal e o Old Green Eye e a Florentine são outro. Deixemos as coisas como estão.

– Há muito tempo que não lhe chamavas isso. «Old Green Eye.» Isso significa que esperas que o bebé tenha os olhos verdes do Robert?

– Não. E se os tiver castanhos também não prova que é meu filho: o feliz avô também os tem dessa cor.

Klaus pôs-se de pé quando o telefone tocou. Alex mordeu o lábio inferior ao ouvi-lo dizer «mamã». Olhou para Klaus quando este regressou.

– A Ida ligou para a Henny: as águas da Florentine rebentaram e o Robert levou-a para a Finkenau.

– O Konstantin também nasceu num domingo. Talvez seja um bom presságio.

– Um bom presságio de quê? – Klaus despenteou o cabelo escuro do seu companheiro. – Vejo por aí um cabelo branco ou outro. Arranco-os?

– Não. Diz-me quais seriam as consequências se soubéssemos que sou eu o pai.

– Só tenho medo de que isso possa vir a separar-nos – respondeu Klaus.

O filho de Florentine nasceu a meio da tarde do dia 6 de junho.

– É um menino – revelou o médico. – Um rapaz esplêndido.

Florentine sorriu.

– De que cor tem os olhos?

O doutor Havekost ficou atónito. De vez em quando, as mulheres perguntavam se os filhos tinham tudo direitinho, mas aquela era a primeira vez que ouvia semelhante pergunta. Fitou os olhos do recém-nascido, que pestanejou.

– Azuis – retrucou. – Quando nascem, todos os bebés os têm azuis ou castanhos. É frequente a cor mudar ao longo do primeiro ano. – Contemplou a bela jovem, cujos olhos eram de um azul-escuro. Florentine Yan parecia menos cansada do que outras mulheres depois de dar à luz. – A Gisela já lhe traz o menino, assim que o tivermos pesado, medido e lavado.

– Poderia chamar o pai? Já pode entrar, não já?

Robert levantou-se de um salto quando o médico saiu da sala de partos. Recebeu os parabéns como se estivesse em transe.

– Encontram-se bem os dois?

Teria ouvido Florentine gritar?

– Estão bem e recomendam-se – respondeu o doutor Havekost. – Venha comigo.

Robert debruçou-se sobre a mãe e o bebé e beijou-os aos dois com extremo cuidado.

– Lembras-te da igreja coberta de areia em Skagen, *husky*?

– Sankt Laurentius. Lembro-me muito bem dela.

- Disse-te lá que, se alguma vez tivéssemos um filho, lhe chamaria Lorenz.
- Nesse caso, isso quer dizer que estás convencida de que o filho é meu.
- E tu não?
- Sim. Completamente.
- Porque é que não esquecemos a conversa que tiveste com o Alex, meu querido *husky*? Confia no meu instinto.

Deveria ter comentado com ela essa conversa? Robert olhou para Lorenz, que era a cara chapada de Florentine.

- Vai telefonar aos meus pais, anda.
- Se quiser, pode telefonar do meu consultório. – Teria sido essa a única frase que o médico ouvira?

- Pesa 3 quilos e 520 gramas e mede 52 centímetros – disse Robert pelo telefone.

- Parabéns, papá orgulhoso – felicitou-o Guste. – A Ida e o Tian já vão a caminho. Não quiseram esperar.

Quando voltou para a sala de partos, só ali viu a parteira.

- O seu filho encontra-se na sala de recém-nascidos e a sua mulher está lá em cima, na ala particular – informou Gisela Suhr, e em seguida agarrou no não tão jovem pai, a quem fraquejaram as pernas de pura felicidade.

As três folhas da janela alta estavam abertas de par em par nesse domingo, e Louise encontrava-se refastelada numa das cadeiras de plástico verde-lima de Charles Eames, que haviam comprado poucos dias antes, enquanto escutava o que Lina dizia.

- Era a Ida? – perguntou quando Lina desligou.
- Era. O bebé nasceu ontem. Um rapaz. Acho que devíamos ir à Finkenau para lhes dar os parabéns.

- De certeza que deve estar toda a gente com a Florentine. Não podes ir sozinha? Preferia dar uma escapadela com o *Jaguar*.

- Está um tempo magnífico, é melhor levars o descapotável.
- Mas não o velho carocha – retorquiu Louise, levantando-se. – Os bancos estofados que tínhamos eram mais confortáveis.

- Devias ter fechado a janela para que não se molhassem com a chuva.
- Quem é que iria adivinhar que ia cair tal dilúvio? Quer dizer então que é um rapaz. Possui traços chineses ou parece-se mais com o Robert?

- Devia ter perguntado isso?
- Seria racista?

Lina olhou para Louise. O *lifting* que lhe tinham feito nas pálpebras e na testa não corra lá muito bem: os seus olhos pareciam mais rasgados e pequenos, como os dos mongóis. Isso era racista?

Louise acendeu-se do espelho que pendia sobre a mesa que fazia as vezes de bar e afastou o cabelo do rosto. O espelho antigo, a quem estavam permitidas as manchas próprias da idade, pois faziam-no parecer mais valioso, devolveu-lhe o seu sorriso. Nenhum outro desenhava uma imagem tão suavizada e, embora a própria Louise estivesse ciente da ilusão, partilhou-a.

– As suturas são uma obra de arte – declarou. – Quase não se veem. Claro que já se passaram cerca de oito semanas.

Lina não disse nada. As suturas continuavam a ver-se com nitidez.

– Dás-me as chaves do *Jaguar*?

– É uma pena que não queiras ir, mas enfim. Leva-me até à estação, quero comprar umas flores na Petzoldt. Depois passarei pela Finkenau. Não tencionas mudar de roupa?

Louise contemplou-se.

– É necessário?

– Pelo menos abotoa um pouco mais o vestido.

– O peito vai ser o seguinte – comunicou Louise, e dito isto pegou nas chaves e atirou-as a Lina.

– O Lorenz é um amor – comentou Henny quando saiu para o jardim.

Theo ergueu os olhos das rosas, de onde eliminava pulgões, que em junho haviam atacado a variedade *Great Maiden's Blush*. Começara a matar a bicharada sem se dar conta, quando o que mais desejava era sentar-se no banco novo quando regressaram da Finkenau.

– A verdade é que possui a beleza da Florentine, apesar de os dois possíveis pais também serem bem-parecidos.

– Pensava que tínhamos combinado não duvidar da paternidade do Robert.

– É verdade. E também não voltarei a falar com ninguém sobre as tipificações; caso contrário, o Klaus continuará inquieto e, no que diz respeito ao Alex, dá-me a impressão de que não está interessado em saber. Sabes se eles irão ver o bebé?

– Os avós ficariam chocados se não o fizessem, pois o Alex é o melhor amigo do Tian. A propósito, ele e a Ida vão passar por aqui mais tarde a fim de brindar ao neto.

– Nesse caso, vou pôr um vinho no frigorífico. – Theo contemplou as mãos, arranhadas por causa das rosas. Mãos de cirurgião. Sentia saudades de exercer medicina.

– Há muito tempo que não tocas piano.

– Uma pequena pausa artística.

– A Ida é da opinião de que o bebé possui as feições mais achinesadas do que a Florentine.

Theo sorriu.

- Espero que não atire isso à cara do Tian.
- Tem medo por ele. Por causa do desmaio que sofreu.
- Na terça-feira tem consulta marcada com o cardiologista. Hoje em dia é possível arranjar solução para muitas coisas.

– Até se pode transplantar um coração. – Henny abanou a cabeça.

– Bom, vou lavar as mãos – decidiu Theo.

Henny dirigiu-se para o banco de madeira branca, que tinham recebido no dia anterior, com as almofadas azul-claras. No entanto, não se sentou, preferiu dar um passeio pelo jardim. O lilás, que se erguia no local onde *Goliath* estava enterrado, já havia florescido. Quando dessem a grande festa para comemorar o início do verão, o flox tardio estaria em flor, assim como a roseira trepadeira cor-de-rosa e a lavanda.

– Dois dias depois da festa é o nosso aniversário de casamento – observou Theo quando regressou com as mãos limpas.

– O casamento foi em junho, mas casar mesmo só casámos um ano e meio depois.

– Recordo com especial emoção esse dia de junho.

– Espero que ainda nos reste muito tempo pela frente – desejou Henny.

– Eu vou fazer setenta e oito anos.

– Um garoto. – Henny sorriu.

– O Tian tem menos nove anos.

– Com que então também estás preocupado.

– Devia cuidar da saúde – retorquiu Theo. – Pensa muito pouco em si mesmo e demasiado na Ida. Pus duas garrafas de vinho do Reno no congelador. De Rüdesheim.

«Uns vêm e outros vão.» Era uma frase de Else. Henny assustou-se quando lhe veio à ideia a máxima da mãe. Else proferira-a quando Lud morrera, muito embora Marike já tivesse três anos.

– A que propósito é que vem essa cara tão tristonha assim de repente?

– Não é nada – assegurou Henny. – Vem sentar-te ao pé de mim no banco.

– Têm um filho lindo, parabéns.

Robert pôs a mão sobre a de Alex, que repousava no seu ombro, e ergueu os olhos.

– Viste-o?

– Fomos vê-lo ontem. Julgo saber que a Florentine irá para casa com ele esta semana. Vais tirar férias?

– Já o fiz. Para os primeiros dias. Estava com esperança de que a minha irmã mais velha voltasse para Hamburgo, agora que o marido morreu, para cuidar

do Lorenz, mas pretende ficar em Colónia.

– Os avós não podem dar uma ajuda?

– O Tian não se encontra bem de saúde.

– Tem hoje consulta marcada com o especialista – referiu Alex, que estava preocupado com o amigo. Não era o primeiro desmaio que sofria. – E a Ida?

– Ajuda, e o Tian também quer fazê-lo. A Florentine não quer aceitar nenhum trabalho antes de setembro, mas estamos à procura de uma ama-seca.

Alex preparava-se para sair da sala de controlo quando, já na porta, se virou para trás.

– Estás a ver a senhora Kuck como ama-seca?

– Aquela da cantina que é louca pelo Sinatra?

– Já não trabalha lá.

– Mas é a mulher a dias dos pais do Klaus, não é?

– Vai lá uma vez por semana. Acho que ainda poderia dar conta do recado.

– Vou conversar a esse respeito com a Florentine. Alex, esta manhã fui à conservatória do registo civil registar o nascimento do Lorenz e submeter um pedido para que possa usar os apelidos Yan Langeloh.

– Soa bem – aprovou ele. – Espero que não sejam tacanhos e de vistas curtas.

Ruth bateu com o pé na caixa de garrafas de dois litros vazias que se encontrava na varanda e ouviu o «chiuuu» irado de Tine do outro lado da porta de vidro entreaberta: Tine tentava adormecer as crianças. Garrafas de vinho de Frascati, que no apartamento partilhado se bebia em abundância. Também se fumava muito, charros, além de tabaco. Geert, Friedhart e Ruth estavam na varanda, uma vez que Tine não permitia que se fumasse dentro de casa.

– Acha que o fumo é prejudicial para as crianças – disse Geert. – Ela e a sua nova obsessão com a saúde. Como o extrato de levedura da ervanária que barra nas sanduíches. Começo a ter vontade de comer patê de fígado.

– Eu dantes não fumava – comentou Ruth.

– Acaso não fuma a redação inteira? Por causa da pressão e assim.

Ruth encolheu os ombros. Porque havia começado a fumar maços de *Gitanes*? Acusava a pressão em Berlim? Na *Agit 883* havia problemas graves, a revista tinha publicado no dia 5 de junho um texto intitulado «RAF. Construir o Exército Vermelho», que não passava de um plano estratégico para o grupo, fundado em maio. Ruth nem sequer trabalhava para a 883; a publicação que estavam a desenvolver ainda não se encontrava na berlinda.

Ficara a saber do nascimento de Lorenz, pois para Rudi qualquer ocasião era boa para telefonar. O facto de Florentine se encontrar bem e de o bebé ser

saudável pareceu um motivo aceitável até mesmo para Ruth.

Não tinha nada contra as crianças, apenas não se encaixavam na sua vida. András era o único homem que tinha amado até ao momento, mas agora ele estava a viver com Marianne, que atendia pelo nome de Janne. Ruth não sabia qual era o seu paradeiro, mas tinham regressado do Próximo Oriente. András já não desempenhava o grande papel a que aspirava, a liderança fora assumida por outro com quem partilhava as iniciais.

– Tu andaste com o Bing, não foi? – perguntou Geert com interesse. Seria capaz de lhe ler os pensamentos? – Tenho medo de que lhe salte a tampa de um momento para o outro e apareça por aí. Não vai aceitar assim sem mais nem menos ter perdido a importância.

– Sabem onde ele está? – quis saber Ruth.

– Para os lados de Frankfurt. Ele e a Janne andam a ver objetos.

– Objetos?

– Objetivos – esclareceu Geert. – Que valham a pena.

– Que valham a pena para quê?

– Não é possível que tu estejas aqui e sejas assim tão ingénua.

– A luta – especificou Friedhart. – Vê se metes isso na cabeça, Ruth, a luta. Deixar de lado a conversa fiada quando se pode exercer a violência, e não só contra coisas.

A porta da varanda abriu-se um pouco mais.

– O jantar está servido – anunciou Tine. – Não façam barulho, as crianças acabaram de adormecer.

– O problema é que tu és uma santinha – objetou Geert quando entraram na cozinha para jantar as sandes com extrato de levedura, aipo e beterraba ralada. – E a verdade é que a Ulrike também é.

– Espero que em especial o pai dos meus filhos não se meta em sarilhos – comentou Tine ao mesmo tempo que punha na mesa uma garrafa de sumo de maçã sem filtrar do Dr. Koch.

Com a *Spiegel* do dia nas mãos, Rudi tinha uma opinião distinta da de Ulrike Meinhof, que tinha sido autorizada a anunciar a fundação da RAF num texto não corrigido.

«E, como é natural, poderia levar um tiro.» A frase ressoava-lhe nos ouvidos. Teria Ruth alguma coisa que ver com aquilo? Acaso não o sabia desde há muito tempo? Levantou-se e foi à procura de papel de desenho e das tintas; já não desenhava muito, mas talvez isso o ajudasse.

Não, não o fez. Não conseguiu traçar uma única linha. Andava às voltas pelas divisões que há já tanto tempo o seu pai havia mobilado para Käthe e para ele; nessa época, Alessandro não fora capaz de convencê-los a instalarem-

se ali. Kätthe e sobretudo ele achavam que o conforto era excessivo. Rudi tinha medo de esquecer o horror dos nazis e a guerra e, por conseguinte, todos os que haviam morrido.

Seria isso que também preocupava Ruth? Acharia que a vida se tinha tornado demasiado alegre, demasiado *pop*, que os objetivos da classe operária tinham desaparecido da vista e do pensamento? Era sobre isso que discorria Meinhof no texto, intelectuais que ansiavam por se solidarizar com os trabalhadores a fim de receber a absolvição.

Qual seria o motivo que levava Ruth a procurar residência em casas deterioradas e porque é que não tocava no dinheiro que o seu avô lhe havia deixado como herança, resultante da venda da moradia?

Se Kätthe estivesse com ele, poderiam sentar-se ao pé dos gerânios e falar sobre o verão, que prometia ser bom, sobre a festa que dariam. Contudo, Kätthe não estava em casa precisamente por isso, tinha ido visitar Henny de modo a ocupar-se dos preparativos.

Rudi deteve-se diante da consola do vestíbulo, onde repousava uma pequena bandeja de porcelana que antes continha um pente e ganchos para o cabelo rebelde de Kätthe e onde agora havia chaves. Um porta-chaves simples, grande, com duas chaves, em que Rudi pegou. Para ir até Schanze.

Três quartos de hora mais tarde, encontrava-se à frente da casa; meteu a chave de Ruth na fechadura da porta velha e subiu as escadas íngremes. Rudi apanhou os panfletos de publicidade do capacho e meteu no bolso uma carta da companhia Hamburgische Electricitätswerke; talvez fosse uma fatura que Ruth se tivesse esquecido de pagar.

Não fazia nem duas semanas que Ruth se tinha ido embora. No apartamento estava tudo como sempre, a sua filha levava apenas uma mochila de pano quando ele insistira em acompanhá-la até à estação de Dammtor e despedir-se dela diante do comboio que a levaria a Berlim.

A revista *Stern* continuava ao pé da cama, aberta na página onde se via Florentine grávida. Se venerava Florentine, acaso ansiava a filha pelo *glamour*? Porque era isso mesmo, Ruth venerava a filha de Ida e Tian, disso tinha a certeza absoluta, embora também reprovasse com frequência o estilo de vida que levava.

No guarda-fatos estavam penduradas as calças e as camisolas de inverno, talvez voltasse mais cedo e Berlim fosse algo passageiro. Rudi fechou o guarda-fatos. Tinha ido ali em busca de respostas, não para bisbilhotar.

Na cozinha, junto ao lava-loiça, colada com fita-cola, estava a capa da *Twen* de novembro. De novo Florentine. Com os lábios pintados de vermelho-vivo.

Em cima do velho fogão a lenha, que Ruth nunca utilizava, havia um fogão elétrico a que também não parecia que desse muito uso, e junto dele uma panela estava lavada. Quando Rudi era pequeno, na sua casa havia um fogão a

lenha, depois passara a ser a gás; trazia-lhe más recordações. Grit, que na realidade não era sua mãe, tinha metido a cabeça no forno e havia tirado desse modo a própria vida.

Não abriu o forno, mas sim a gaveta para recolher as cinzas, e encontrou um bloco de carvão do tamanho de um tijolo embrulhado em papel de jornal; Grit também os embrulhava em jornal para não sujar as mãos quando acendia o forno. No entanto, quando pegou no embrulhinho, percebeu logo que aquilo não era carvão.

Levou-o para a mesa da cozinha e retirou o papel. Diante dos seus olhos surgiram quatro volumosos maços de notas de cem marcos.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi um assalto a um banco. Ou acaso teria Ruth retirado o dinheiro da conta da Caixa Económica de Hamburgo que Rudi lhe abria quando venderam a moradia de Langer Zug? A herança de Gustav Everling. Não podia ser outra coisa. O que queria ela financiar com esse dinheiro? A luta armada?

Quatro maços contendo cinquenta notas cada um. Vinte mil marcos.

As mãos tremiam-lhe de tal maneira que conseguiu com muita dificuldade embrulhá-los de novo no papel de jornal. Rudi deixou o embrulhinho onde o encontrou. Aquilo era algo que não se podia esclarecer pelo telefone. E menos ainda com Ruth de pé no corredor do apartamento que partilhava em Kreuzberg.

Rudi iria a Berlim.

– Ainda não é necessário operar-me – contou Tian. Pretendia minimizar a gravidade da doença coronária que lhe haviam diagnosticado, não desejava que o vissem como um doente.

Alex preparava-se para responder, mas não o fez, uma vez que o empregado de mesa lhes serviu o bule de chá e as bandejas de vários andares com as sandes.

– Tratar uma arteriosclerose só com comprimidos? – perguntou ao fim de um bocado.

– Tu andas há vinte anos a lidar com a tua doença e não tiveste de passar pelo bloco operatório.

– Pois – retorquiu ele. – Onde é que iriam abrir?

Tian levantou a tampa do bule para não perder de vista o líquido, uma vez que não devia estar demasiado forte, essa era a sua tarefa ali, no salão da lareira do Vier Jahreszeiten há já muitos anos.

– Diz-me uma coisa: qual seria a pior coisa que te poderia acontecer? – perguntou.

– Perder o Klaus.

– E a segunda pior?

– Não poder voltar a tocar piano. – Passou pela cabeça de Alex a imagem de Chet Baker desdentado. Thies havia retirado o convite ao trompetista, contra a vontade de Alex. – Sinto-me grato por nunca me ter acontecido nada nas mãos. – Olhou para Tian. – E a ti?

– No meu caso, agora são três coisas sem as quais não poderia viver. Alex sorriu.

– Juntou-se agora o Lorenz.

– Nunca me atrevi a acalentar muitas esperanças de que a Florentine nos desse um neto. Que felicidade tão grande. Alguma vez lamentaste o facto de não ter filhos?

– Sou o afortunado padrinho do Konstantin.

– Que, diga-se de passagem, é um garoto encantador. Devias ter visto a ternura com que o Konstantin tratou o bebé quando ele e o Thies estiveram na Finkenau. – Retirou as saquetas de chá e depositou-as nos pratinhos dispostos para esse efeito. O chá era capaz de estar um pouco escuro; Tian tinha-se perdido nos seus próprios pensamentos. – O Konstantin vai fazer oito anos em breve, não é?

– Sim, no dia 6 de outubro.

– Espero continuar aqui quando o Lorenz os fizer.

Alex ergueu as sobrancelhas.

– Tenho a impressão de que estás a esconder-me alguma coisa, meu velho amigo.

Tian fitava absorto os agriões das sandes de salmão que comera pela metade.

– Ainda não precisam de me operar – insistiu.

– Não deixes chegar ao ponto de acabares nas urgências. Agora também já se fazem *bypasses*.

– Tenho medo de me ficar na mesa das operações. – Tian pousou no prato a sandes meio comida. – Até parece que estou a ver o anestesista a aproximar-se da Ida, a dizer-lhe que lamenta muito o facto de, infelizmente, eu não ter sobrevivido à operação.

– Lês romances de médicos?

– Só tenho pesadelos. – Tian pegou na sandes de salmão e comeu-a. – Tu não?

– Sim. – Alex olhou de soslaio para Luppich, que se dirigia para uma das mesas que havia defronte da lareira, bastante afastada da janela, onde eles estavam, acompanhado por uma mulher jovem, quiçá uma cantora que esperava assinar um contrato com uma editora discográfica. Dentro de alguns dias tinha uma reunião com ele para falar sobre a nova produção. Cumprimentaram-se com uma inclinação de cabeça, e Alex captou o olhar de interrogação de Tian. – É o produtor dos meus discos.

– Nesse caso é melhor pormos uma cara alegre, não vá ele pensar que estás a atravessar uma crise artística. – Tian serviu o chá, que fez muita espuma e tinha um leve sabor amargo.

– Tian, também não quero perder-te.

– Tens menos dezasseis anos do que eu. Não sejas demasiado otimista.

– Por favor, esforça-te ao máximo – respondeu Alex.

Era raro Rudi ocultar alguma coisa de Käthe, mas não lhe falou sobre o dinheiro que havia encontrado em casa de Ruth. Só queria ver como ia a vida da filha em Berlim, disse quando a informou da sua viagem.

– Ver o quê ao certo? – quis saber Käthe.

«Que na vida da Ruth não há violência», pensou Rudi. Isso andaria muito próximo da verdade.

No dia em que embarcou no comboio fazia muito calor. Ruth parecera seca quando ele lhe anunciou a sua visita. Na sua opinião, a viagem a Berlim era precipitada, não tinha ela praticamente acabado de chegar?

Rudi chegou da parte da tarde e propôs-lhe apanhar um autocarro e ir para sua casa, ver o quarto e sentar-se depois com todos à mesa da cozinha, mas Ruth preferiu esperar por ele num outro lugar, no Leierkasten, perto do mercado da Praça Marheinekeplatz, pelo menos era em Kreuzberg, embora isso fizesse com que se sentisse afastado da vida da filha.

Era um edifício antigo e degradado que fazia esquina. Quatro degraus conduziam ao local, que ainda se encontrava bastante vazio; homens de uma certa idade, que pareciam ser do bairro, bebiam cerveja e aguardente. Numa das mesas do fundo estava Ruth, a fumar.

Rudi absteve-se bastante de tecer qualquer comentário, limitando-se a dar-lhe um abraço quando Ruth se pôs de pé e se encaminhou para junto dele.

– Isto está bastante sossegado – observou ela. – Com o tempo que faz, toda a gente está lá fora.

– Não preferias que nos sentássemos lá fora?

– Acabo de pedir uma cerveja. Se quiseres conversar sobre alguma coisa, vai ser melhor que o façamos aqui e não numa cervejaria barulhenta ao ar livre.

Ele também pediu cerveja. Faltavam-lhe as palavras, coisa que raras vezes lhe sucedia.

– Queres comer alguma coisa? – perguntou a Ruth.

Ela recusou com a cabeça.

– Imagino que deverás ter lido a *Spiegel*, o texto sobre o Exército Vermelho. É isso, não é?

– Essa é uma das coisas – afirmou Rudi. – Fui a tua casa. Buscar o correio. – Agora Ruth olhava para ele fixamente. – E encontrei os vinte mil marcos.

– Quem haveria de dizer que serias capaz de me espiar.
– Dar uma vista de olhos ao velho fogão de carvão foi antes uma volta sentimental pela minha infância. É o dinheiro da venda da moradia?

Ruth assentiu.

– Quero comprar um carro.
– Claro, e o mais lógico é guardar o dinheiro destinado a isso na gaveta das cinzas. E também estás a pensar em tirar a carta ou vais pôr outro a conduzir?
– O sarcasmo não combina contigo, papá.
– Tens alguma coisa que ver com o Exército Vermelho?
– Conheço pessoas do meio. – Rudi tinha o nome de András na ponta da língua, mas não disse nada. – Onde é que fazes tenções de ficar?
– No teu quarto, se puseres um cobertor no chão já é suficiente para mim.
– Como daquela vez na idílica Körtestrasse. Tenho a certeza de que gostaste.
– A de agora não é idílica?
– Sim. A Tine, o Geert, os filhos deles. O Friedhart não está, se quiseres podes ficar no quarto dele.
– O que é que vais fazer com esses vinte mil marcos? Diz a verdade.
– Talvez fazer uma viagem. E comprar um carro. E ter aulas de condução.
– Quando vinha para cá, passei à frente da sucursal da Caixa Económica de Berlim Ocidental. Podias levantar dinheiro da tua conta na Caixa Económica de Hamburgo sem que te cobrem nada por isso.
– Não faças muitas perguntas se não quiseres saber as respostas.

Quando se preparavam para sair do Leierkasten, achou que não era capaz de se mexer do mesmo sítio. Talvez fosse apenas a sensação de se encontrar num beco sem saída.

– Os *pigs* sacaram das pistolas – disse o garoto com o pijama azul da Tausendsassa. – *Pigs* significa «porcos» em inglês.

Tine parecia constrangida.

– É assim que os Panteras Negras chamam à polícia – explicou. – Toca a andar para a cama, o Micky já está a dormir.

– Porque é mais pequeno do que eu – argumentou o irmão mais velho de Micky.

– A polícia veio aqui? – perguntou Rudi quando Tim foi para a cama.

– Desde que libertaram o Baader, a polícia berlinense gosta de aparecer nos apartamentos de Kreuzberg – respondeu Geert, que serviu vinho e parecia muito tranquilo. Não, o jovem do Baixo Reno que era pai de dois filhos e trabalhava como desenhador gráfico não parecia do tipo que tomava parte na luta armada. – A Ruth contou-nos que eras antifascista.

– Continuo a sê-lo – especificou Rudi.

Ruth ficou nervosa. Geert sentia-se demasiado à vontade com o seu pai e corria o risco de dar com a língua nos dentes.

– Têm algum número da vossa revista? – perguntou Rudi.

– Nada que se possa mostrar ainda – interveio Ruth. Todos viram o olhar de perplexidade que dirigiu a Geert. – Já viste o bebé da Florentine?

Rudi deixou-se distrair.

– Fui em jeito de peregrinação – retorquiu, sorridente. – O Lorenz é um lindo bebé, claro que também não é de admirar.

– A Florentine? – indagou Geert, interessado. – Aquela que apareceu na *Stern*?

Mais tarde, na cama do quarto de Friedhart, Rudi contemplou um póster de Che, um retrato que fora tirado por Alberto Korda em 1960, sete anos antes de Ernesto Guevara ter sido executado. Ernesto, o guerrilheiro argentino a quem todos chamavam apenas Che e cujo nome também gritavam os estudantes nas manifestações.

Continuava a ser antifascista. Isso seria verdade? «Sim», pensou Rudi antes de adormecer por fim.

Last Night When We Were Young, cantava Frank Sinatra quando a senhora Kuck chegou. Florentine estava sentada no cadeirão *Egg*, dando de mamar a Lorenz. A princípio, a senhora Kuck sentiu-se algo constrangida ao ver o belo quadro, mas não durou muito tempo.

– Pôs essa música por minha causa, senhor Langeloh – comentou. – Achava que o único que sabia que sou admiradora dele era o Klaus Lühr. – Elfriede Kuck aproximou-se de Florentine. – A senhora também é uma celebridade. Alguma vez se encontrou com o Sinatra nos Estados Unidos?

Robert estava algo aborrecido. Quando tencionaria a senhora Kuck dirigir-se ao seu filho, a verdadeira estrela? O bebé separou-se do peito de Florentine com uma pequena sucção, virou a cabecinha na direção da voz desconhecida e, depois de mostrar por uns instantes os seus olhos azuis, adormeceu.

– Caramba – exclamou a senhora Kuck. – É uma graça e dá vontade de mordê-lo todo. E a quantidade de cabelo negro que já tem!

Robert mantivera uma longa conversa com a mãe de Klaus, Henny, a experiente parteira, e na opinião dela Elfriede Kuck estava em condições de exercer as funções de ama-seca.

– Pegue no bebé – pediu Florentine, e a mulher assim fez, com carinho e delicadeza, segurando Lorenz nos braços com segurança. Florentine levantou-se e sentiu-se satisfeita com a imagem que a senhora Kuck transmitia.

– A sua namorada é tão bonita, senhor Langeloh, e o Lorenz também. Que sorte tê-lo tido na sua idade.

– Vem cá, velho *husky* – convidou Florentine quando a senhora Kuck se foi embora e Lorenz dormia na alcofa. Puxou Robert para o grosso tapete berbere branco; era a primeira vez que faziam amor depois do nascimento do bebê. Florentine apagou outras recordações que o tapete lhe trouxe.

Luppich propôs uma produção com títulos *pop* dos anos sessenta. Adaptados ao *jazz*. Desde o *Stand By Me*, de 1961, a *Here Comes the Sun*, do último LP dos Beatles, passando pelos Procol Harum e o seu *A Whiter Shade of Pale*. Alex concordava com a ideia, mas irritava-o isso de «adaptados». Soava a algo dos Swingle Singers. No entanto, tinha aprendido por experiência própria que Luppich lhe permitia tomar grandes liberdades artísticas.

Luppich só perguntou quem era o cavalheiro chinês que tinha visto no Vier Jahreszeiten quando saíram juntos do edifício da Philips.

– É um velho amigo meu. O pai da Florentine.

Luppich deteve-se no meio do burburinho da Mönckebergstrasse.

– É daí que vem a sua familiaridade com a menina Yan? Vi as fotos na *Stern* e calculo que o pai da criança não seja você.

Alex não disse nada.

– Senhor Kortenbach, sei desde há uns tempos, pois o meu faro não me engana, que mantém uma relação com o Klaus Lühr, e não é precisamente desde ontem. Vivemos numa época liberal, poderia rebater o senhor.

– Pois é – respondeu Alex.

– Os dois sabemos o efeito que o senhor causa nas mulheres, a cantora que me acompanhava no Jahreszeiten ficou encantada. Espero que exista uma certa ambivalência em si.

– Vamos pôr fim a esta conversa, senhor Luppich. – Alex disse-o com cordialidade, e inclusive acrescentou um sorriso.

– O senhor é um dos melhores cavalos das cavaliças da Philips, ainda que às vezes tome o freio nos dentes, senhor Kortenbach.

– Também devíamos gravar o *Pretty Woman*, do Orbison – observou Alex.

– Não sei porquê, mas simpatizo consigo – afirmou Luppich quando se separaram.

– Não sabe porquê, mas simpatiza comigo. – Diante da mesa, Alex esvaziava a velha maleta, que era uma pasta bastante nova quando terminara o ensino secundário no Liceu Kaiser-Friedrich-Ufer em 1934. Na viagem de ida para a Argentina e na de regresso tornara-se uma maleta, onde sobretudo guardava partituras.

– Quem? O Luppich? Ele disse isso?

– Sim. E também que sabe há bastante tempo que mantenho uma relação

contigo.

- Caramba – retorquiu Klaus. – Espero que não o tenhas desmentido.
- Duvidas da minha lealdade?
- Estou a falar de amor e de declará-lo – comentou Klaus.
- Mas se eu te digo todos os dias que te amo.
- Ainda que não sejas *gay* e vivas apenas com um homem há quase vinte anos.

– Achas que sou um cobarde.

– Acho – respondeu Klaus, e dito isto levantou-se do sofá. – Vou para a cozinha e tu toca alguma coisa, *The Man I Love* não estaria mal. Assim fazemos as pazes e seguimos em frente.

– A nossa relação preocupa-me – admitiu Alex.

Klaus estava a descascar uma cebola quando ele entrou na cozinha, lhe rodeou a cintura com os braços e o beijou como há muito tempo não o beijava. Klaus continuava com a faca numa das mãos e a cebola na outra quando retomou a compostura.

– Caramba, o que é que foi isso? Quero mais.

– Queres que te beije na cantina à frente de toda a gente?

– Seria uma declaração e peras.

– Quando nos encontrámos, o Tian perguntou-me o que era a pior coisa que me podia acontecer.

– Não poder tocar piano – aventurou-se Klaus a dizer enquanto pegava noutra cebola grande.

– Isso seria a segunda pior coisa, a primeira seria perder-te.

– E eu que pensava que talvez desejasses uma mulher.

– O que aconteceu com a Florentine ainda continua a atormentar-te.

– Devolves os olhares que as mulheres te lançam. Namoriscas. E dantes não fazias isso.

– Faz parte da minha profissão.

– Será que o Luppich conseguiu influenciar-te?

– No próximo LP voltarei a cantar. Achas que *The Way You Look Tonight* poderia referir-se a um homem? O mundo não se encontra assim tão avançado a ponto de eu poder sair *out of the closet* quando cantamos canções de amor. Nelas só se fala de homens e mulheres.

– «*Out of the closet*»?

– Sair do armário, revelar a homossexualidade.

Klaus pegou na faca de serrilha e cortou a cebola em rodelas com energia.

– É isso que tencionas fazer?

– Para ti sempre foi claro desde o princípio que eras *gay* e mantiveste-te fiel a isso. Para mim foi diferente. Na minha vida, isso só aconteceu por intermédio do amor que sinto por ti.

– Refugias-te sempre no inglês quando alguma coisa te atormenta. Tal como em setembro, quando quase não conseguias andar.

Klaus deitou a cebola na panela, juntamente com a manteiga, e abriu os cubos de caldo.

– Sopa de cebola – constatou Alex.

– «*Out of the closet*» – repetiu Klaus. – «*Gay*.»

– É muito importante para mim que mantinhas aceso o lume da fogueira.

– Também não te importarias de procurar calor noutro lugar, isso também te agrada.

– Sabes muito bem que nunca fui muito sexual.

Klaus foi buscar o moinho de pimenta.

– Quando estavas mal, lançaste-me à cara que era apenas o teu enfermeiro e que não te desejava.

– Foi uma estupidez pela qual te pedi perdão.

– O segredo de um casamento longo é não haver separação – disparou Klaus. Era a sua própria crise que estava agora a vir à tona.

– Não devias ter declinado o convite para o festival de *jazz*. Nem que tivesses ido sozinho, já que ele tem medo de ir de avião até Nova Iorque, uma nova experiência ter-te-ia feito muito bem – opinou Marike.

Era sexta-feira à tarde e estavam sentados na galeria comercial Alsterarkaden, fazia um tempo de verão excelente, a ver se durava até domingo, o dia em que Henny e Käthe dariam a sua festa no jardim da Körnerstrasse.

Klaus tinha ido buscar a irmã à clínica, na realidade faziam tenções de combinar os últimos pormenores da festa antes de ele ir para a rádio a fim de emitir o seu programa, *Quando a Noite Cai*; no entanto, agora estavam a falar sobre um assunto muito diferente.

– Tinhas dezanove anos quando se conheceram.

– Achas que a nossa relação já viu dias melhores?

Marike contemplava os cisnes que nadavam no canal Alsterfleet.

– Não. Continuam a amar-se. Mas tu eras muito jovem e o Alex era mais vivo. Ao fim e ao cabo, é catorze anos mais velho do que tu.

– Apesar de ninguém achar que se nota a diferença – enfatizou Klaus, soltando um suspiro. – Tu conheces o teu marido desde o primeiro ano da escola primária.

– A Florentine perguntou-me uma vez se nunca tinha sentido a necessidade de estar com outro homem.

– E...? Sentiste?

– E tu?

Marike e Klaus pegaram em simultâneo nas respetivas chávenas de café antes de olharem um para o outro.

– Agora que me aproximo dos cinquenta, talvez tenha medo de ter perdido algo importante na vida – admitiu ela.

– Talvez se deva apenas ao espírito da época. É um desses espíritos que não se deixam meter na garrafa. Fala-se muito de liberdade e de aventura. A *Stern* não fala de outra coisa.

– No domingo teremos oportunidade de ver como brilha um casamento longo.

– A Käthe e o Rudi? Perseguição, campos de concentração, guerra. Quando uma pessoa passou por coisas como essas sabe quais são os valores que na realidade importam.

– A mamã e o Theo também conseguiram ser felizes desde há muito tempo. Klaus assentiu.

– O que me dá cabo da cabeça é o facto de o Alex continuar a agir como se só fosse *gay* por minha causa, «o único», *the one and only*.

– Preferias que houvesse outros homens na vida dele?

– É evidente que não. Contudo, o que na verdade quero é que ele seja sincero consigo mesmo.

– Acho que o que ele diz é verdade. Se não fosse por ti, o Alex estaria com uma mulher.

Klaus tinha na ponta da língua um nome: Florentine. Não, seria melhor não aumentar o círculo de pessoas que sabiam disso, por mais que confiasse em Marike.

– Nunca deixarei de amá-lo – declarou.

No entanto, Marike não ouviu essa frase: toda a sua atenção se encontrava concentrada numa jovem que avistara na outra extremidade da galeria: Gesche, que nesse dia lhe pedira para sair ao meio-dia. Ia de braço dado com um ancião de aspeto frágil que Marike julgou conhecer.

– Achas que era ele?

– Acho – afirmou Marike. – Apesar de não o ver há muito tempo.

– Não lhe contes nada.

Marike olhou para a mãe. Não devia contar nada a quem? A Gesche ou a Ida?

Henny estava apoiada no parapeito de uma das janelas do primeiro andar, a contemplar o jardim, os convidados. O dia estava a dar-lhe muitas das coisas que esperava dele.

– Anda, vamos voltar para junto dos outros – propôs Marike.

– Lembro-me do dia em que o conheci, achei-o muito petulante, mas a mãe

da Käthe simpatisava com ele, e ele também se entendia bem com a Anna. O que terá ele que ver com a Gesche?

– Quantos anos terá agora?

Henny encolheu os ombros.

– É mais velho do que o Theo. – Pela porta aberta do terraço ouviram-se acordes de piano. – O Klaus também o reconheceu?

– Não. Ele mal o conhece, esteve mais presente na minha infância. A Ida traz um vestido lindo, fazem um belo casal, a Ida e o Tian.

– Agora é muito mais carinhosa com ele – comentou Henny.

– Gosto de observar uma festa de cima. Olha para a Katja e o Konstantin; embora haja uma diferença de doze anos entre ambos, a Katja trata o irmão mais novo como se tivessem a mesma idade.

– É o que veem os olhos da mãe.

– E o que é que veem os teus olhos de mãe em relação ao Klaus e a mim?

– Apenas nove anos de diferença. – Henny sorriu.

Marike reparou no irmão, que se aproximou da porta do terraço e, por conseguinte, do piano.

– O Klaus e o Alex estão a atravessar uma pequena crise.

Durante um momento, Henny correu o risco de responder que não se podia descartar a possibilidade de que Alex fosse o pai do filho de Florentine, contudo permaneceu em silêncio.

– Toda a gente neste jardim sabe que estamos juntos há muitos anos e no entanto jamais me passaria pela cabeça beijar-te neste momento.

Alex ergueu os olhos das teclas, estava a tocar *Stand by Me*, a canção adaptava-se bem à versão de jazz.

– Porque é que estás a dizer-me isso?

– Porque fico triste que o facto de expressar o amor que sinto por ti te incomode.

– Não me incomoda. Acontece que sou apenas muito tímido.

– Tanto faz se esta época é mais liberal ou não, pois continua a haver coisas que não se fazem.

– Fico aliviado por saber que o meu jovem companheiro sentimental vê as coisas dessa maneira.

– O teu jovem companheiro que em breve fará quarenta anos.

– Este ano por enquanto serão só trinta e nove – retorquiu Alex num tom de voz decididamente afetuoso.

– Já viste a família Yan Langeloh? – perguntou Klaus.

– Vieram? Achava que tinham ido visitar uma das irmãs do Robert.

Quando Klaus se virou para Katja, que se aproximou do terraço, ouviu que

Alex perdeu o final da canção, algo que nunca tinha acontecido ao líder do Quinteto Kortebach.

– Quando fizer setenta anos, tu e eu iremos até ao mar – decidiu Rudi.

– Mãe do céu, é verdade: o meu atraente Rudi fará setenta anos em julho – recordou Käthe. – Podíamos ir até ao fiorde de Kiel, em Laboe; os meus pais foram lá no domingo depois do casamento de ambos, uma excursão de um dia, foi essa a sua lua de mel.

– A tua família e a minha passaram por dificuldades e apertos.

– E foi por isso que quando a guerra terminou resistimos tanto a viver com conforto, tal como faz agora a Ruth.

Passeavam pelo jardim, de mãos dadas. Detiveram-se diante da lavanda.

– Podíamos voltar a Itália em setembro – sugeriu Rudi. – Para não esquecer as minhas raízes italianas.

– Parece-me bem. Se pudermos ir de comboio – especificou Käthe. – A Henny disse-me que o Alex também tem medo de andar de avião.

– Isso para ele constitui um obstáculo muito maior do que para ti.

– Deixa-me beijar-te – pediu Käthe. – Ali, ao pé da roseira trepadeira, onde ninguém nos verá.

Marike continuava debruçada da janela do primeiro andar quando viu Käthe puxar Rudi até junto da roseira trepadeira e beijá-lo. Depois de lançar uma derradeira vista de olhos pelo jardim, Henny dirigiu-se para o banco de madeira, onde Ida e Tian estavam sentados na companhia de Guste.

Será que a mãe não iria contar nada sobre Gesche e Campmann, isto se é que era mesmo ele que vira na galeria comercial? Marike afastou-se da janela a fim de descer também e ao fundo das escadas deu de caras com o marido.

– Hoje estás tal e qual como quando eras uma rapariguinha – elogiou-a Thies, rodeando-lhe o pescoço com os braços.

Marike riu-se.

– Duvido muito. Thies, acho que estás com os copos.

– O ponche de morango é traiçoeiro, vou ter cuidado. Gosto da fita de veludo lilás que trazes ao pescoço. A Daliah Lavi também tinha uma quando esteve na emissora para apresentar o seu *single*.

– Gostas?

– Da Lavi? Sim. É uma mulher atraente, simpática. E inclusive também gosto da canção *Liebeslied jener Sommernacht*, embora fale outra vez do feitiço cigano.

– Vamos até ao jardim? Acho que sou a única que ainda não viu o Lorenz.

Ao ver a cara de preocupação de Lina, Theo abeirou-se dela.

– A Louise já está bêbada – constatou Lina. – Vou levá-la para casa.

– Recusou de forma bastante categórica todas as minhas tentativas de convencê-la a voltar a fazer terapia – lamentou-se ele.

– Eu sei. E com a cirurgia estética as coisas têm vindo de mal a pior. É possível que já tenha apanhado uma tremenda desilusão por não se sentir mais jovem depois dos *liftings*.

– É verdade que tem menos rugas, mas acho-a tão esquisita.

– Acima de tudo reduziram-lhe muito a expressividade – opinou Lina.

– Surpreende-me que seja logo a Louise a encarar tão mal o envelhecimento, teria esperado uma atitude como essa em especial da parte da Ida.

– A Ida agora tem uma nova ocupação: o neto.

– A Henny e a Kätthe vão começar outra partida na mesa que existe defronte das roseiras. Vai ter com elas, Lina, eu levo a Louise a casa.

– Obrigada, Theo, mas ela não vai querer. Eu sou a única que ela permite que a veja nos seus maus momentos. – Lina pensou que Louise proporcionaria um desses momentos maus à frente do jardim inteiro de um momento para o outro se bebesse o copo de ponche que acabava de tirar da bandeja.

O que era feito da mulher segura de si mesma que ela fora em meados dos anos vinte, quando entrara na vida de Lina? Num dia de março de 1926, o cabelo escuro com franja, vestindo umas calças e um *blazer* comprido, descontraído e elegante. Acabava de chegar de Colónia para trabalhar como dramaturga no Teatro Thalia.

A emancipação era o estandarte que fazia gala em carregar. Duke Ellington compôs a sua *Sophisticated Lady* seis anos depois, Louise Stein tinha-se antecipado.

De tudo aquilo não restava nada. Nada. Lina atravessou o jardim a correr a fim de apanhar Louise antes que esta se estatelasse no chão.

³ Prato típico grego que consiste em carne picada e bastante condimentada, recheada com queijo *feta*. (N. da T.)

⁴ *Human leukocyte antigen*: antígenos de leucócitos humanos. (N. da T.)

Novembro, 1970

Robert deu uma última vista de olhos antes de fechar a porta; duas divisões vazias que de repente lhe pareceram grandes, com a vista desafogada que desfrutava das janelas do décimo segundo andar. Vivia ali desde 1955, tinha sido um dos primeiros inquilinos. Quando se interessara pelo apartamento, era provável que tivesse ajudado se ao candidatar-se tivesse mencionado que havia crescido ali antes de uma mina aérea ter arrasado a casa em julho de 1943.

Durante os primeiros anos foram muitas as mulheres que entraram e saíram da sua casa, mas ele nunca quis compromisso com nenhuma, e então conheceu Florentine. Era uma ironia do destino que logo ela não quisesse passar pela conservatória do registo civil, se bem que para ele esse encontro tivesse pressuposto o fim da sua vida de solteiro.

Optou por descer as escadas em vez de apanhar o elevador, como se quisesse prolongar a despedida. Em cada patamar detinha-se por alguns instantes. Porque é que lhe estava a ser tão difícil?

Há dois dias, o bebé e ele tinham passado a primeira noite no apartamento novo, e Robert achou que não tinha sonhado com nada durante o pouco tempo em que havia dormido. A sua mãe dizia que aquilo com que uma pessoa sonhava na primeira noite era importante, apesar de ela nunca ter arredado pé da sua casa até que a mina aérea a destruiu. Os pais encontravam-se a salvo no *bunker*, no mesmo lugar onde poucos anos antes ainda se erguia a sinagoga da Praça Bornplatz. O que teria feito com que fossem para ali em vez de se refugiarem na cave, onde por certo teriam encontrado a morte?

Teria o bebé sonhado? O menino, que tinha cinco meses e que ainda não tinham desmamado, esteve insuportável; o biberão com leite em pó era um fraco substituto do peito de Florentine. Ainda assim, Rudi estava satisfeito por ela ter esperado até àquele momento para aceitar o seu primeiro trabalho em vez de o ter feito em setembro.

Los Angeles. Apenas mais três horas de voo do que até Nova Iorque e, no entanto, ele achou essa distância tão longa como se o destino fosse a Lua. Moda de primavera na praia de Malibu. «Estamos com vinte graus, *husky*»,

disse Florentine pelo telefone. Tinham passado o dia inteiro na «praia dos mexilhões», ela apoiando-se o tempo todo nas rochas irregulares às quais aderiam os malditos moluscos, sujando a roupa toda, namoriscando com gaivotas, e o fotógrafo que nunca se cansava do pano de fundo.

Agora Lorenz partilhava as noites com Robert e os dias com a senhora Kuck ou com os avós, na Johnsallee. Por enquanto tudo corria bem, embora na sexta-feira Robert quase tivesse adormecido durante o programa, com uma canção de Cole Porter que durava quatro minutos e meio.

Tinha-se realizado um dos seus sonhos, ter um filho com Florentine; ao longo dos últimos meses tivera a sensação de que eram uma família, mas agora estranhava a sua nova vida. Porque é que ainda não estava familiarizado com as três divisões de Winterhude?

Gostaria de viver ainda mais perto de Florentine, mas não se podia dar ao luxo de alugar uma casa na zona da Milchstrasse. Na Rua Lattenkamp vivia em duas divisões pequenas, a terceira, a maior, era de Lorenz, com bastante espaço para instalar uma cama desdobrável para a senhora Kuck quando esta lá ficava a dormir nos dias em que Robert trabalhava de noite.

Era isso que queria?

Passava pouco das quatro horas, mas já começava a escurecer quando saiu de casa para se dirigir para o carro. Tinha de ir entregar as chaves do seu antigo apartamento, depois ir até à Budnikowsky comprar fraldas, leite em pó e o óleo de bebé da Bübchen. Robert arrancou com o *Volkswagen Variant*, que substituiu o *Dois Cavalos*. Tudo era diferente.

Ligou o limpa-para-brisas e, ao contemplar os chuviscos de novembro, foi invadido por um calor repentino nesse dia húmido, quiçá porque lhe veio à ideia a canção de embalar que cantava à noite em voz baixa para Lorenz: «O homem da areia virá, em casa sem fazer ruído entrará e nos seus sonhos procurará o que de mais belo houver para ti.»

Na primeira noite que havia passado no apartamento novo não tivera pesadelos. E ao seu lado encontrava-se o bebé. Era um homem feliz.

Guste abanou a cabeça ao ver o que Anni tirava de dentro da caixa e colocava em cima da mesa da cozinha: demasiado cor-de-rosa, Florentine nem em pequena gostava da cor.

– Olha – disse Anni. – Está como novo.

Anjinhos barrigudos que dançavam em círculo no *babygro* cor-de-rosa. Ida disse que era «engraçado», e os seus gostos também não se coadunavam com os de Anni. Guste não era capaz de entender por que motivo ela comprava *babygros* na Hamburger Kinderstube, a loja situada na Avenida Jungfernstieg, que eram demasiado caros, quando as meninas cresciam num abrir e fechar de

olhos, mas a roupa usada que via em cima da mesa dificilmente seria do agrado de Florentine. Para além do facto de Lorenz ser um menino.

– Este só a Turid é que vestiu – acrescentou Anni.

Turid era a mais nova das três filhas de Momme e Anni, que haviam nascido quase umas a seguir às outras durante a primeira metade dos anos sessenta. Momme, que havia demorado a decidir-se, queria ter uma família inclusive mais numerosa, mas Anni impôs o seu veto depois de ter tido Turid.

– No sótão há outra caixa.

«A intenção é boa», esteve Guste prestes a dizer, mas teria sido um golpe mortal, portanto mais valia manter a boca fechada; Anni não teria entendido as exigências estéticas de Florentine. No quatinho que Lorenz possuía na Milchstrasse, o móbile que pendia sobre o muda-fraldas era uma peça de arte moderna daquele suíço que tudo o que fazia dava a impressão de ter ido buscar ao ferro-velho, quando o que devia haver nesse sítio eram estrelas e a Lua; de certeza que na casa de Robert era tudo mais acolhedor.

– Vamos deixar a caixa no quarto para que a Florentine lhe dê uma vista de olhos quando regressar dos Estados Unidos – decidiu Guste. Depois só teria de fazer de tudo para que Anni não estivesse presente nesse momento; Guste não punha as mãos no fogo por Florentine no que respeitava a ter tato.

– Estou desejosa de que chegue o Natal – observou Anni. Segurava na mão um barrete como o do Pai Natal, porém mais pequeno.

– Ainda estamos no triste mês de novembro.

– O Momme diz que na livraria há bastante movimento, as pessoas já começam a comprar presentes.

– Cada ano começam mais cedo – comentou Guste. Não sabia porquê, mas nesse dia encontrava-se de mau humor; talvez fosse por causa das articulações, que estavam a moer-lhe o juízo, afinal de contas já tinha oitenta e três anos, não era nenhuma rapariguinha. – Vou preparar um chocolate quente, que levanta o ânimo. As meninas não tarda estão aí a chegar; hoje não vais buscar a mais pequena?

– A Ida ficou de trazê-la. Queria ver se a creche seria indicada para o Lorenz.

– Mas ainda é cedo para isso – opinou Guste.

Quem havia de pensar que Ida seria uma boa avó e uma esposa atenciosa para Tian? Milagre, milagre. E, para que estes se verificassem também nos seus joelhos, melhor seria tomar um comprimido.

O ministro do Armamento de Hitler que agora se armava em ancião ilustre. Lina empilhou uns quantos exemplares de *Por dentro do Terceiro Reich – Memórias*, de Albert Speer, na mesa que havia mal se entrava na livraria. O

livro vendia-se bem, dizia-se que o tinha escrito ao longo de vinte anos, entre 1946 e 1966, os mesmos que havia passado na prisão de Spandau, juntamente com Baldur von Schirach, o líder da Juventude Hitleriana. Na prisão berlinense já só se encontrava Rudolf Hess.

O outono chegou em força em matéria de livros. *O Padrinho*, de Puzo, *Casais Trocados*, de John Updike, e *Und Jimmy ging zum Regenbogen*, de Simmel, encabeçavam a lista, empatados com *A Cavalo Dado...*, de Knef.

Sim, de facto, os quatro podiam viver bem da livraria, e Lina propusera a Louise fazerem uma viagem juntas até ao Sul, em janeiro, depois da campanha de Natal. Não havia Louise sempre gostado de viajar? Com a capota do carro descida, um lenço no cabelo e óculos de sol.

Lina evocou as imagens dos primeiros anos e soltou um suspiro. Desde junho, não se tinha passado um único dia em que Louise não estivesse embriagada, e já quase não ia à loja. E ela começava a sentir indiferença, o que talvez fosse o mais assustador de tudo isso. Não, o mais assustador era a derrocada de uma mulher que havia amado e que apesar de tudo continuava a amar.

– Os atores de Tchékhov apresentam a mesma expressão de melancolia que tu tens agora quando cortam as árvores em *O Cerejal*.

Lina assustou-se, não tinha dado pela presença de Rick, que de repente surgiu atrás de si.

– A Wally continua a fazer de Varia? – quis saber.

– Não retiraram a obra de cartaz, só receiam pelos encenadores; o Hans Lietzau seria o terceiro desde 1967 a ir-se embora. Vais comemorar o aniversário da Louise?

– Diz que fazer sessenta e nove anos não é motivo de alegria.

– Qual é a alternativa a envelhecer? Morrer jovem? Como o meu tio e o companheiro, o Hugh? A Louise é uma ingrata. Tem-te a ti, um bom rendimento, o vosso pequeno apartamento encantador... – enumerou Rick.

– O que ela tem é uma depressão e não se deixa ajudar.

– O Hugh morreu porque se sentia culpado por ter deixado cair bombas e o Tom morreu de desgosto, talvez as duas coisas possam ser classificadas como depressões.

– Estou com medo – confessou Lina. – Há já algum tempo.

Rick assentiu.

– Eu sei. Venham almoçar no fim de semana, a Louise e a Wally dão-se bem. Quem sabe consegues distrair-te se ela se centrar noutra pessoa.

– A Wally não atua?

– Não. Não faz parte do elenco da obra do Thomas Bernhard. Graças a Deus. Essa história do Boris dá vontade de uma pessoa se atirar pela janela.

Uma alegria depois da outra.

Pouco antes das seis e meia ouviu-se a sineta e na loja entrou um magote de clientes. Momme olhou para Lina e para Rick, um olhar exortativo para que abandonassem o divã do psicólogo e pensassem no negócio.

– Eu falo com a Wally e tu com a Louise – decidiu Rick, e logo em seguida dirigiu-se ao cavalheiro que havia tirado da mesa o livro de Speer.

Uma sexta-feira ao fim da tarde, Alex embateu de encontro à porta do corredor, que era de vidro.

Depois de perder o equilíbrio, estendeu a mão esquerda numa atitude instintiva, à procura de alguma coisa onde se agarrar. Só quando já estava estendido no chão é que se soltaram os vidros da porta; ainda assim, sangrava com abundância. Conseguiu arrastar-se até ao sofá e tentou mexer os dedos da mão.

Pouco depois, quando Klaus o encontrou, o sofá alaranjado estava cheio de sangue e Alex prestes a perder os sentidos. Klaus foi buscar uma gravata ao guarda-fatos e amarrou-lha com força ao braço, ligou para o número das emergências e tentou em vão localizar Henny e Theo, que faziam tenções de ir ao teatro e depois ao bar do Reichshof. Desligou o telefone, sem saber se havia de plantar-se à porta para poder abri-la ao médico ou aos paramédicos da ambulância ou continuar a segurar Alex nos braços.

Klaus já se encontrava há três horas diante de uma sala do bloco operatório do UKE. Levantou-se quando a porta se abriu e saiu um médico que o informou de que iam levar Alex para um quarto e que ele podia entrar para vê-lo.

– Está fora de perigo?

– Sim, efetuámos uma intervenção na artéria radial, pois tinha um vidro enterrado lá dentro. – O médico olhou para Klaus, que soltou um profundo suspiro de alívio. – Sei qual vai ser a pergunta que vai fazer-me a seguir: um colega contou-me quem é o paciente que operámos.

– E então? – perguntou Klaus. – Vai poder continuar a tocar piano?

– Tem alguns tendões cortados, mas pelo menos não foi danificado nenhum nervo. Na vida quotidiana não terá grandes problemas, mas para um pianista os critérios são outros.

– Pelo menos não foi danificado nenhum nervo – comentou Alex quando Klaus se sentou ao seu lado na beira da cama. Falou com a voz sumida. – Isso significaria o fim da minha carreira como pianista.

– Tinhas um vidro na artéria do antebraço – contou Klaus. Estavam sozinhos no quarto; a cama contígua encontrava-se vazia. – Teria sido o fim da tua vida, estiveste quase a esvaír-te em sangue. Foi uma sorte que, depois do programa, o Robert tenha querido ir-se embora depressa em vez de ficarmos a

conversar; caso contrário, teria chegado tarde de mais. – Afastou o cabelo da testa de Alex. – Por conseguinte, essa era a pior coisa que te podia acontecer, hã? Não poderes voltar a tocar piano.

– Não. – Com a mão direita, Alex pegou na de Klaus. – Continua a ser a segunda pior coisa. E o cirurgião tem a certeza de que poderei voltar a tocar.

Klaus ficou em silêncio. Não havia percebido nele tanta confiança assim.

– Que horas são? – quis saber Alex.

Klaus olhou para o relógio.

– São quase quatro.

– Devias estar na cama.

– Vou ficar aqui até adormeceres. – Teria gostado de se deitar na cama ao lado, para ficar junto de Alex. E por causa do medo que sentia de todo aquele sangue que iria encontrar assim que chegasse a casa.

– Importas-te de me deixar o relógio? Não sei onde está o meu.

– Os paramédicos tiraram-to quando trataram de ti. É provável que esteja ao pé do sofá.

Alex anuiu.

– O sofá ficou em muito mau estado?

– Sim – reconheceu Klaus, e dito isto beijou-o nos lábios ressequidos.

Alex não tardou a adormecer, quicá uma consequência benévola da anestesia. Klaus pôs-se de pé e acariciou a mão enfaixada, que apresentava uma ligadura volumosa. Não permitir que Alex voltasse a tocar piano seria uma ideia absurda do bom Deus. Oxalá assim não fosse.

Quando por fim se meteu na cama, a altas horas da madrugada, depois de varrer os vidros, limpar o parquê e tentar dar um jeito ao sofá com pouco entusiasmo, para depois decidir que se limitaria a tirar o sangue da correia do relógio de pulso de Alex, que deixou ao seu lado, em cima da almofada, Klaus não dormiu grande coisa. Às oito horas já se encontrava de novo a pé, ligou a Henny e a Theo e também a Robert, e depois para a fábrica de tapetes Reimann para que fossem buscar o sofá; não acreditava que o estofó novo pudesse salvar-se.

Theo deixou Henny na Schwanenwik a caminho do UKE. Ao ver a mãe à porta, Klaus abandonou-se por fim à exaustão que sentia e refugiou-se nos seus braços assim que ela pousou o saco que trazia.

– Trouxe-te um frango grande – disse Henny.

Canja de galinha. Klaus quase se sentiu reconfortado, a sopa também faria bem a Alex. Será que ainda tinham a lancheira dos tempos em que a avó lhe preparava a comida?

Henny preparava-se para dizer: «Eu cozinho e tu vai para o sofá», mas

conteve-se a tempo. Dirigiu-se para a sala a fim de examinar o sofá.

– Fizeram-lhe alguma transfusão? – perguntou.

– Não sei. Talvez o Theo nos possa esclarecer as questões médicas.

– Claro – retorquiu a mãe, ao mesmo tempo que tirava o que trouxera no saco. – Dá-me a panela grande. Também te trouxe uma lancheira, para o caso de já não terem a vossa, para que mais tarde possas levar um pouco de sopa ao Alex. O que lhe dão de comer no hospital universitário não creio que o ajude muito a repor as energias.

– Fazes-me tanto bem – afirmou Klaus. – Obrigado, mamã.

Henny pousou o aipo na bancada da cozinha e abraçou o filho, que entretanto desatara a chorar.

– Na segunda-feira vão mudar-me o penso, talvez possam dizer-me mais alguma coisa nessa altura. No entanto, só saberemos de facto como está a situação quando me sentar ao piano e tentar tocar *Rhapsody in Blue*.

– A mim o que me deixa feliz é que continuas vivo – respondeu Klaus.

– Pois. – Alex tentou sorrir e tomou mais uma colherada de sopa com bastante frango. O bife de porco do almoço estava intacto e frio, ninguém tivera tempo para lho cortar, portanto Alex só havia comido um pouco de chucrute e de puré.

– O Theo falou com algum dos médicos?

– Não. Foram-se embora depois de fazerem a ronda das visitas. Aos sábados há um silêncio sepulcral.

Klaus tirou o pijama que lhe havia levado e ajudou Alex a vestir as calças, mas as mangas do casaco eram demasiado estreitas para que a ligadura e a tala pudessem passar por elas.

– Mas o pijama é novo – queixou-se Alex quando Klaus abriu a tesoura do canivete suíço e cortou a popelina cinzento-pérola. Não obstante, era melhor aceitar isso do que vestir uma camisa de dormir do hospital com que ficaria seminu.

Klaus estava a abotoar-lhe o casaco quando entrou uma enfermeira, que olhou com reprovação para o prato com o bife e em seguida lhe mediu a tensão e tirou a temperatura.

– O senhor tem febre. Está com 38,6. É muito possível que a ferida tenha infetado. O médico já voltará cá daqui a pouco. – Levou consigo o prato ao sair.

– Vou ficar até o médico chegar – afirmou Klaus. – É uma chatice só teres telefone na segunda-feira. – Olhou para o rosto aterrorizado de Alex. – O que é que te parece se te ajudar a tomar banho?

Alex negou com a cabeça. Sentia-se demasiado fraco.

– Só para que não tires conclusões precipitadas, digo-te que sou teu amante e que estou a exercer as funções de enfermeiro a título temporário.

– Lamento muito voltar a pôr-te nesta situação. Ao fim e ao cabo, trata-se de uma consequência do distúrbio neurológico. Se não tivesse perdido o equilíbrio, não teria ido de encontro à porta.

Quando chegou, o médico colocou um cateter no braço direito de Alex e aproximou um suporte para soro a fim de administrar o antibiótico, que foi entrando na veia gota a gota. Agora Alex já nem sequer era capaz de pegar no copo de água sozinho.

– Posso ocupar a cama aqui do lado? – quis saber Klaus.

O médico sorriu.

– Ocupe-a no fim de semana, se desejar, vai poupar trabalho às enfermeiras. Em todo o caso, este é um quarto individual.

Na terça-feira, do outro lado das janelas do consultório de Marike, via-se um dia enevoado de novembro. A sala de espera estava cheia, Henny e ela mal tinham tido tempo para falar. Marike soubera na véspera pelo irmão como estavam as coisas no hospital universitário: a febre baixara graças ao antibiótico, os cortes pareciam estar a sarar bem, mas Alex sofrera uma crise quando, durante a ronda das visitas, se mencionou uma ancilose do dedo mindinho. Os seus colegas cirurgiões não eram as pessoas com mais tato do mundo; precisavam de ter falado sobre isso à frente do seu paciente já de si tão preocupado?

– Não consigo dar vazão às análises do laboratório – observou Henny quando Marike saiu do seu gabinete. – Hoje temos cistites para dar e vender. Começa a irritar-me o tratamento especial que a Gesche exige, já para não falar do facto de estar a cuidar precisamente do Campmann.

Gesche dissera que era seu tio-avô, mas não era verdade, uma vez que Henny sabia que Campmann não tinha irmãos. Nem ela nem Marike fizeram mais perguntas a fim de descobrir a verdade e reagiram não contando a Gesche que o conheciam.

«Talvez seja o seu *sugar daddy*», opinou Thies quando Marike falou com ele sobre o assunto. Contudo, ela imaginava mais pretensiosas as amiguinhas dos *sugar daddies*, Gesche dava a impressão de esfregar a cara com uma escova de cardar. Tinha a tez completamente lisa e avermelhada e não usava maquilhagem nenhuma. Campmann preferiria ter uma mulher mais vaidosa ao seu lado.

– Pareces cansada, mamã – observou Marike.

– Fiz o bolo para o Klaus de madrugada. Queria levá-lo a todo o custo, embora ele não queira pensar no aniversário dele enquanto o Alex não voltar

para casa. Oxalá corra tudo bem com a mão dele. Vou mandar entrar a próxima paciente.

A meio caminho do gabinete, Marike virou-se para trás.

– Poderá sempre continuar a compor. Para isso não é necessária a mão esquerda de um virtuoso.

– Imagino que ele deva achar isso muito limitado – respondeu Henny, e dito isto dirigiu-se para a sala de espera e chamou uma mulher muito jovem, que não parava de morder a ponta da trança. Tamanho nervosismo apontava para uma gravidez não desejada, embora a paciente não tivesse trazido nenhuma amostra de urina.

A alma de Robert caiu-lhe aos pés quando Florentine lhe disse que de Los Angeles seguiria para Paris a fim de falar com a agência e dar uma vista de olhos ao apartamento que possuía na Place des Vosges antes de voltar para casa. Teria insistido demasiado em dizer que Lorenz, a senhora Kuck e ele dariam conta do recado muito bem sozinhos?

Ficou de tal maneira perplexo com os novos planos que se esqueceu de mencionar o acidente que Alex havia sofrido, apesar de quase não lhe saírem da cabeça as consequências que poderia ter. Pelo telefone, Alex parecia resignado. Chet Baker e ele. Adeus à arte que praticavam, às suas capacidades e à sua destreza.

«Pelo menos, tu não és viciado em heroína», consolou-o Robert, e a resposta foi uma gargalhada atormentada.

Por esses dias estavam programadas gravações do Quinteto, que foram de imediato canceladas. Hans Dörner, o responsável depois de Alex, não estava disposto de forma nenhuma a pensar noutro pianista. Para Robert isso significava um horário mais tranquilo, só tinha previsto *Quando a Noite Cai* para meados de dezembro. Poderia ter passado todo esse tempo com Lorenz e com Florentine. Esperava que ela não retomasse a sua vida parisiense. A sorte tinha pés de barro.

Robert estacionou na Milchstrasse, à frente da *boutique* de Jil Sander. Florentine adorava a sua moda de linhas sóbrias, mas ainda não havia trabalhado para a jovem estilista, que era três anos mais nova do que ela. Saiu do carro, pegou nos sacos das compras e dirigiu-se para o apartamento de Florentine, passando defronte do que em tempos fora o Herschel, um bar onde certa vez beberam demasiados martinis depois de terem ido juntos ao cinema, Florentine e ele, Alex e Klaus; isso já fora há seis anos. Ter-se-ia atrevido então a tentar ter um filho com Florentine?

Robert tirou a chave do bolso, a senhora Kuck só chegaria com o pequeno por volta das cinco, porque ele não contava sair tão cedo da rádio. «Vai ao meu

apartamento uma vez por outra», pedira Florentine. «Quero que o Lori se habitue às duas casas.» Lori?

Depois do denso nevoeiro do dia anterior, o sol dera um ar da sua graça, e no firmamento ainda havia vestígios de vermelho. «O menino Jesus está a cozinhar bolachinhas no forno», dizia Klaus quando o céu se tingia de vermelho. Guardava com carinho esse ditado da sua avó como uma recordação preciosa e também fazia tentações de falar a Lorenz sobre o menino Jesus que cozinhas bolachinhas no forno.

O grande salão a que Florentine gostava de chamar «*living room*» encontrava-se banhado por uma luz que só era possível quando o outono caminhava para o seu final. Robert foi à cozinha arrumar as compras. Tinha-se esquecido de abrir a caixa do correio, e o melhor seria descer agora mesmo, antes que Lorenz e a senhora Kuck chegassem. Bom, porque não?

Desceu no elevador e abriu a caixa do correio: duas cartas, que levou para cima consigo até casa. Agora o sol vespertino entrava no quartinho do menino, refletindo-se no móvel de Jean Tinguely. Robert deixou as cartas no muda-fraldas e aproximou-se da janela. Logo em seguida deu meia-volta e regressou para junto do muda-fraldas. Algo lhe chamara a atenção, uma etiqueta com um «R», de «*registered letter*». Um sobrescrito bastante volumoso que havia deixado em cima do protetor de tecido indiano branco estampado com estrelinhas, ao pé de uma carta do Warburg Bank. Não se tinha enganado, a carta era de Nova Iorque e o remetente a Ford Modeling Agency. Robert sabia quem eram, Eileen Ford dirigia uma das agências de modelos mais importantes do mundo.

Foi acometido por um mau pressentimento; e se nesse sobrescrito houvesse um contrato? Seria por isso que a agência parisiense queria falar com Florentine? Ele achava que ela se dedicaria à maternidade a tempo inteiro, mas dava a impressão de que, prestes a fazer trinta anos em janeiro, Florentine tinha em mente uma carreira ainda mais ambiciosa. Longe dele e de Lorenz. Nova Iorque. Haveria alguma coisa mais internacional?

A campanha tocou. Eram o seu filho e a senhora Kuck. Quem diria que teria jeito para ser pai, ele, que sempre tinha sido o irmão mais novo de quatro irmãs?

E a mãe do garoto andaria à procura de um apartamento em Nova Iorque? Vendo por esse prisma, Paris parecia um bairro periférico de Hamburgo. Contudo, seria melhor não deixar voar a sua fantasia, talvez tudo aquilo ficasse em águas de bacalhau. Robert abriu a porta e acercou-se do elevador, onde de um momento para o outro surgiria a senhora Kuck a empurrar o carrinho de bebé.

Por que motivo é que Florentine nunca o punha a par dos seus planos?

Em agosto, o dinheiro ainda continuava no mesmo sítio, e em setembro e em outubro também. Rudi tinha ido dar uma vista de olhos à Susannenstrasse, e, não obstante, agora a gaveta das cinzas estava vazia. Teria Ruth ido a Hamburgo e partira à sorrelfa, sem os avisar a ele e a Käthe de que se encontrava na cidade? O contacto que mantinham com a filha limitava-se a um telefonema por semana, e era frequente ela parecer de mau humor; se Käthe e Rudi lhe telefonavam, eram raras as vezes que a apanhavam no apartamento que partilhava em Berlim.

Ele lia coisas sobre pais que haviam perdido os filhos por causa da droga. Leu Timothy Leary, antigo professor de Psicologia e defensor das drogas, que havia induzido uma geração inteira a tomar LSD, prometendo-lhe uma espiritualidade nova e êxtase, ocultando que a droga podia causar esquizofrenia.

Estariam Käthe e ele a ponto de perder a filha por culpa do Exército Vermelho? Do grupo de Baader, Meinhof e Ensslin cada vez se falava mais nos jornais, embora até ao momento ainda não tivesse conseguido convencer o grande público. Que provocação lhe parecia aquele nome, ele que havia conhecido outro Exército Vermelho e que fora obrigado a lutar contra ele.

O apartamento estava frio e cheirava a humidade; talvez devesse acender a velha salamandra, caso contrário, da próxima vez que Ruth ali fosse encontraria bolor nas paredes. Veio-lhe à memória um dia de novembro de há muito tempo. De 1933. Quando a polícia municipal de Hamburgo fora buscá-lo a casa às quatro da madrugada para fazer o trabalho sujo da Gestapo.

Não encontraram o hectógrafo onde imprimiam os panfletos. Era isso que procuravam ou teria sido vítima de outra perseguição, nesses tempos em que toda a gente denunciava toda a gente?

Quando regressara do campo de concentração de Fuhlsbüttel, a que se limitavam a chamar Kola-Fu, estava destruído pelas torturas a que o haviam submetido e tinha o frio entranhado no corpo. E na alma.

Na pá de latão havia carvão, de certeza que irradiaria algum calor, e ele ficaria ali até que o lume se fosse apagando aos poucos. Ruth possuía alma de mártir, dissera Henny certa ocasião.

Também teria ele alma de mártir? Não. Ele tinha sido um herói por acaso. Teria preferido que o deixassem em paz e ter-se-ia dedicado com entusiasmo apenas às litografias que imprimia na Friedländer e a ler poesia. Se os nazis nunca tivessem chegado.

O que teria Ruth feito com o dinheiro? A carta de condução só podia ter-lhe custado uma fração daquele montante. Em setembro tinha ido a Heidelberg e enviara-lhes um postal ilustrado do castelo. Não possuía veículo próprio, tinha ido com um amigo no carro deste.

Rudi deitou mãos à obra com a salamandra, que mal aqueceu, de maneira

que procurou alguma coisa que pudesse queimar. Na despensa havia jornais, chamou-lhe a atenção um cabeçalho: o chanceler Brandt viajaria até Varsóvia a fim de assinar o tratado que ratificava a Linha Óder-Neisse como fronteira ocidental com a Polónia.

A notícia era da segunda-feira anterior. Rudi pegou no jornal, leu a data – 9 de novembro – e pegou noutro jornal, da véspera. De repente foi invadido por uma sensação de mal-estar, como se pudesse haver mais alguém no apartamento. Quem é que teria deixado o *Frankfurter Rundschau* na despensa? Ruth? Teria ali estado?

Dirigiu-se para os dois quartos e vasculhou os armários e debaixo da cama. Levantou a colcha de retalhos que a cobria. Alguém havia dormido ali, claro que também não se podia descartar a possibilidade de Ruth não ter mudado os lençóis quando fora para Berlim.

A salamandra já tinha arrefecido quando fechou a porta do apartamento e deu a volta à chave. Sabia que Ruth tinha dois jogos de cama. Haveria um terceiro? A filha ficaria ainda de pior humor se lho perguntasse.

Luppich só soube do acidente quando Alex já se encontrava em casa; achava bem que Kortenbach fosse tão discreto, mas, na qualidade de seu produtor, desejava que o mantivessem informado. Ele não era a imprensa.

Era sempre a mesma coisa com Kortenbach: desconfiava do público, e isso era algo a que nenhum artista se podia permitir. O *Bild* não se interessava muito por ele desde que deixara de estar com Florentine Yan. No entanto, no caso atual, Luppich sentiu um grande alívio ao não ler nada nos jornais, era melhor que não se misturassem especulações sobre o final de uma carreira, algo que esperava ser possível evitar. Luppich pediu para ser recebido na Schwanenwik.

Alex abriu-lhe a porta, bastante embaraçado; entre eles, o trato nunca havia sido muito pessoal. Luppich sentou-se no sofá, que já exibía um novo estofado alaranjado quando Alex saiu do hospital. Ele sentou-se ao piano, que continuava a ser o lugar onde se sentia seguro, e virou costas a Luppich, com a mão engessada e enfaixada sobre as teclas, como se não fosse sua.

– Se lhe apetecer um café expresso, a cafeteira está preparada, só preciso de acender o lume.

– Foi o Klaus Lühr quem o preparou?

– Sim – respondeu Alex. – Já sabe que vivemos juntos, por isso deixemos esse assunto de lado, peço-lhe.

– Terei o maior prazer em tomar o café expresso mais tarde – aceitou Luppich. – Esse é um assunto que, ao que tudo indica, o senhor continua a encarar com bastante timidez. E faz bem, não me agradaria ver nas parangonas

dos jornais: KORTENBACH HOMOSSEXUAL. – Alex estremeceu ao de leve. – O tabu continua a existir, conheço pessoas do nosso ramo que andam de mãozinhas dadas com louras quando o amante é o empresário. E tudo isso com medo de que o público feminino não queira voltar a ouvir as canções de amor se descobrir que o seu ídolo se encontra nos braços de um homem.

Essas preocupações não haviam atormentado também Luppich? «Faça-me o favor, e faça-o a si mesmo também, de comparecer à entrega do prêmio acompanhado por uma mulher.» Foram as palavras dele quando atribuíram um prêmio a Alex pelo seu primeiro LP de *jazz*. Fora a primeira vez que Florentine o acompanhara. Pensar na sua carreira de solista era-lhe doloroso.

– Precisamos de falar do futuro. Fico aliviado por saber que *Remember the Sixties* está gravado e misturado. O disco chegará às lojas antes do Natal.

– Não sei o que vai acontecer no futuro. Logo veremos quando me tirarem o gesso e eu tentar tocar piano – respondeu Alex.

– O senhor é um dos melhores pianistas que conheço, e já estou neste ramo há algum tempo, senhor Kortenbach.

– Sou-lhe muito grato por estar onde estou, senhor Luppich.

– Quando é que lhe tiram o gesso?

– Em finais de novembro, à partida. Espero poder voltar para o Quinteto; o Hans Dörner, o meu saxofonista, aposta forte em mim.

– Vai alguém substituí-lo ao piano?

– Sim. Nas gravações de estúdio que não puderam ser adiadas. Contudo, o pianista faz parte da grande orquestra de dança e, além do mais, pretende voltar para ela.

Luppich meteu a mão no bolso interior do *blazer* axadrezado e tirou um cartão de visita da carteira. Logo em seguida pôs-se de pé e deixou-o sobre o teclado do piano.

– É de um fisioterapeuta. O Altmann conseguiu ajudar um guitarrista com quem colaboro de vez em quando.

Alex lançou uma vista de olhos ao cartão: um consultório na Rua Poelchaukamp. Não, era impossível que ele soubesse que o terapeuta era o rapaz de catorze anos que tirara Henny e Marike de uma cave em chamas na Mundsburger Damm durante uma das noites de bombardeamentos.

– Agora sim, vou aceitar tomar um café expresso – acrescentou Luppich.

– Isso já foi há meio ano – observou Ida.

– Cinco meses – especificou Henny. – Em junho aconteceram tantas coisas: o nascimento do vosso neto, a crise de saúde do Tian, a festa.

– Apesar de tudo, gostava de ter sabido por ti.

– Há vinte e quatro anos que te separaste dele.

– Essa tal Gesche, dirias que tem ar de dominatrix?

No andar de cima, Theo ergueu os olhos da secretária quando ouviu a gargalhada de Henny. Ficava feliz por haver algum motivo para rir, pois de há um tempo a esta parte voltaram a ser atormentados por inúmeras preocupações.

– Eu diria antes que tem ar de recatada: trança loura, sem vestígios de maquilhagem, sandálias *Birkenstock*. Porque é que perguntas se parece uma dominatrix? Achas que o Campmann é chegado a um chicote?

– Aqui há uns anos tinha esse tipo de tendências.

– Alguma vez te pediu para fazer isso? – Henny não acreditava: Ida nunca lhe tinha falado sobre o assunto, que segredos é que a amiga guardava?

– Era bastante exigente, mas para esse tipo de jogos ia ao bordel. Encontrei-me com ele há quatro anos, estava no Alsterpavillon e sentou-se à minha mesa. Contou-me que havia uma mulher na sua vida que de vez em quando se armava em dominatrix com ele.

Henny abanou a cabeça e serviu mais chá.

– A Marike disse que o achou velho e frágil.

– O Campmann é só um ano mais velho do que o Theo.

– Nem todas as pessoas envelhecem da mesma maneira. Talvez esteja doente.

Ida assentiu. Preferia não falar de doenças. Mas então chegou a pergunta que esperava.

– Como é que está o teu marido?

– Os medicamentos mantêm-no estável, mas o cardiologista é da opinião de que a longo prazo não poderá evitar passar pelo bloco operatório.

– Perante esse cenário, será boa ideia adiar a cirurgia?

– O Tian tem medo, mas oculta os motivos. O acidente do Alex afetou-o imenso.

– Se não o tivessem operado, o Alex teria morrido.

Ida tirou outra bolachinha *spéculoos* da taça.

– Eu sei – retorquiu. – O Tian fala com ele pelo telefone todos os dias. Certa ocasião, o Alex disse-lhe que se sentia grato por nunca lhe ter acontecido nada nas mãos. Essa frase persegue o Tian. É como se um pressentimento sombrio se tivesse tornado realidade e acontecesse às pessoas justamente o que mais temem. Talvez seja por isso que tem medo de ser operado; nos últimos tempos, o Tian tende a pensar neste tipo de coisas, além de que antes já padecia de acessos de melancolia.

Viraram-se para Theo, que acabara de entrar.

– As senhoras gostariam que eu abrisse uma garrafa de vinho? – perguntou.

– O Tian deve estar mesmo aí a chegar, vamos à Lattenkamp; o Robert está a trabalhar e a senhora Kuck vai ao aniversário de uma amiga.

– Não era hoje que a Florentine chegava? – indagou Henny.
– Primeiro tem de ir a Paris. Oxalá não viajasse tanto.
– Imagino que de momento não será assim – aventurou-se Theo a dizer, julgando ter ouvido o barulho de um motor a *diesel*, o *Mercedes* de Tian. Theo dirigiu-se para o corredor a fim de abrir a porta ao amigo, e entretanto pensou no que Ida dissera a Henny quando ele entrara na sala de estar.

O terapeuta tirou a ligadura e observou a mão, as cicatrizes ainda estavam vermelhas e tinham-lhe tirado os pontos poucos dias antes. Logo em seguida passou a mão pelo carpo e pediu ao paciente que mexesse os dedos com cuidado, que os esticasse, que os abrisse. Alex não conseguiu fazer nada do que ele lhe disse, quase não respirava, de puro medo do que o jovem pudesse dizer-lhe em seguida. No entanto, Altmann não dizia nada.

- Há esperança?
- Infelizmente, sustar a respiração não ajuda.

Alex olhou para o terapeuta, que devia ter mais ou menos a idade de Klaus. Parecia experiente e bastante prudente.

- Imploro-lhe que me ajude – suplicou.
- Vou tentar, senhor Kortenbach.

Altmann colocou uma ligadura nova e marcou-lhe as primeiras dez sessões.

Quando saiu do consultório e se viu na rua, Alex prometeu a si mesmo que, se conseguisse voltar a tocar piano e a dirigir o Quinteto, nunca mais sairia sem a bengala, nem sequer quando tivesse um dia supostamente bom. A odiada bengala em troca de uma mão esquerda que bailasse sobre as teclas.

Consultou o relógio, que usava no braço direito: o *Junghans* de Klaus, que agora ostentava o *Longines* de Alex desde aquela noite no UKE. Como se usar esse outro relógio pudesse trazer-lhe sorte.

Eram quatro e meia e nesse último dia de novembro já reinava uma imensa escuridão. O táxi que a assistente lhe havia chamado chegou, e Alex entrou nele.

Diante da cozinha escura, Ruth quase não se atrevia a virar-se. Acabava de entrar no apartamento e acendeu a luz do corredor, ainda tinha a chave na mão.

- Calma, sou eu.
- O que é que estás a fazer aqui?
- A descansar.
- E como foi que entraste?

András riu-se.

- Quando estávamos juntos, fiz uma cópia da chave para mim. Ainda bem

que sou providente. Intuí que tu e eu ainda não tínhamos terminado.

Ruth girou nos calcanhares. András usava os caracóis negros pelos ombros, parecia obra de um pintor pré-raphaelita. Quem tinha à sua frente era um atraente rapaz de outro século. Não num carvalhal, nem tão-pouco na margem de um lago com nenúfares, mas sim no corredor da sua casa, no bairro de Schanze. Magoava-a olhar para András.

– Onde é que está a Janne? – quis saber. Deitada na sua cama, quiçá? Ele tinha saído do quarto.

– Aborreceu-se.

– Contigo?

– A espera que antecede a luta cansa.

Ruth esteve a ponto de concordar.

– E tu? Continuas na sombra do que o Geert faz?

– Viajo muito pela zona – ripostou. – Objetos. Objetivos. Qualquer coisa que nos possa ser útil.

– É o que fazemos todos. Espero que não te importes que me aqueça um bocado em frente à salamandra. Novembro tem sido um mês asqueroso.

– O meu pai tem a chave do apartamento.

– Pois então troca a fechadura. Viajas sozinha por aí?

– Não – respondeu ela. Na realidade esse teria sido o momento perfeito para pô-lo dali para fora, mas deixou escapar a oportunidade.

– Deixei uma garrafa de *Smirnoff* lá fora, no parapeito da janela, para arrefecer.

– E pretendes bebê-la comigo?

Ele acenou.

– Em honra do Jimmy Hendrix. Os bons morrem cedo. E depois faço tenções de ir para a cama contigo.

– Uma recaída na vida boémia?

– Vamos adiar a revolução só por alguns dias – propôs András, e dito isto abriu a janela da cozinha a fim de ir buscar a garrafa.

Encheu dois copos e ofereceu-lhe um. Bebeu o seu de um só trago. Depois tirou uma pistola das calças de ganga, pousou-a em cima da mesa e levantou a camisola de Ruth.

5 Uma vez que não está publicado em português, o título original em alemão poderia traduzir-se por *E Jimmy Foi ao Arco-Íris*. (N. da T.)

Janeiro, 1972

– O que se há de fazer, se o senhor não tem televisor? – comentou a senhora Kuck. – Mas, quando o menino está a dormir, seria bom poder ver alguma coisa, como o *New York, New York*, do Werner Baecker. O Frank Sinatra foi ao programa dele. A bebida preferida dele é o uísque.

Do colega da NDR ou de Sinatra? Em vez de perguntar, Robert comprou um televisor que a senhora Kuck achou pequeno, apesar de ser um *Grundig* a cores. Daquela maneira talvez pudesse voltar a ver os olhos azuis de Sinatra com os arranha-céus como pano de fundo.

– A minha mãe estava sempre debruçada à janela. Com os cotovelos apoiados numa manta – contou a senhora Kuck. – Naquela época, Nova Iorque não existia.

Teria de se contentar com o que o senhor Langeloh havia comprado. Na Milchstrasse havia um aparelho muito mais elegante, mas lá só cuidava do menino quando os pais saíam, e isso era algo que não costumavam fazer quando Florentine, a título excepcional, estava presente. Nesses momentos preferiam isolar-se os três enchendo-se de mimos. Ou, pelo menos, era isso que ela supunha.

Elfriede Kuck desligou o televisor; no quarto contíguo, Lorenz tinha-se mexido, já estava de pé na caminha quando ela entrou, e levantou os braços. Ela pegou-lhe ao colo e começou a cantar. A melodia de *Kindlein mein, schlaf doch ein*. No entanto, a senhora Kuck cantava *Maikäfer flieg*⁶.

*Der Vater ist im Krieg.
Die Mutter ist im Pommerland.
Und Pommerland ist abgebrannt.
Maikäfer flieg!*⁷

Não podia dizer-se que fosse lá muito alegre, mas Lori ria-se. Ele não sabia o que era a guerra.

– Meu chinesito – disse a senhora Kuck, depositando-lhe um beijo no pescoço. Era a carinha chapada da mãe, o menino; do pai não tinha muito,

mas, ainda assim, era ele quem se esforçava para que tudo corresse bem e para que Lori se sentisse seguro, apesar de a mãe andar sempre a correr de um lado para o outro.

O menino já tinha um ano e meio e andava e dizia algumas palavras. «Papá.» Essa dizia na perfeição. A senhora Kuck deitou-o no muda-fraldas.

– Não – disse Lori. Isso também dizia bem.

– Tens as calças molhadas, vou vestir-te umas enxutas.

Olhou para o relógio de parede com o macaquinho que pendia de um dos ponteiros: já era meia-noite menos um quarto e o senhor Langeloh devia estar mesmo a chegar; o programa terminava às onze horas, já devia ter saído da NDR. Esperava que não houvesse gelo nas ruas quando ela fosse para casa.

Depois teria tempo livre. Florentine chegava nesse mesmo dia de Paris, no comboio noturno, e era provável que ficasse em Hamburgo durante alguns dias. Verdade seja dita, quando ela ali estava, fazia questão de se ocupar de tudo. Elfriede Kuck olhou para o relógio. Será que ele tinha ido buscá-la e era por isso que estava atrasado? Iria com ela para a Milchstrasse? Não, a ser assim, ter-lhe-ia dito.

Não deixava de ter a sua graça chamá-la assim, Florentine, com a maior tranquilidade, quando afinal de contas ela era uma estrela e o senhor Langeloh uma pessoa normal, como qualquer outra. No entanto, a ele nunca chamava Robert.

Lori estava sentado ao seu lado, no sofá, a beber água de anis do biberão, que era o mais simples. Ambos olharam para a porta quando esta se abriu. E entraram os dois: o papá e a mamã. Primeiro Lori estranharia a presença deles, mas depois soltaria gritos de júbilo, isso já ela sabia de cor e salteado.

– Vou levá-la a casa – ofereceu-se Robert. – Está demasiado frio para ficar à espera na paragem do autocarro a uma hora destas.

– Não me vou fazer de rogada – retorquiu a senhora Kuck.

Florentine deixou o caro casaco de camurça de qualquer maneira nas costas do sofá e pegou no filho ao colo. Verdade seja dita, eram uma família de pleno direito. E ela havia recusado a proposta de Nova Iorque; caso não o tivesse feito, só passaria alguns dias por mês em Hamburgo. Todavia, quando se dirigiam para o carro, a senhora Kuck teve a impressão de que o senhor Langeloh não estava feliz.

Rudi encontrava-se no canal de Mühlentkamp, na estação de correios, e examinava cada uma das dezasseis fotografias do cartaz onde se lia PROCURA-SE: Andreas Baader, Ulrike Meinhof, Holger Meins, Gudrun Ensslin. A fila superior. Não conhecia a maior parte dos restantes nomes.

Desde o ano anterior que esses cartazes se encontravam pendurados nas

estações de correios, e, embora Rudi soubesse muito bem que Ruth não figurava neles, as fotos exerciam uma atração mágica nele. Contemplá-las demorada e pormenorizadamente transformara-se num feitiço, numa maldição; oxalá nunca ali visse a cara da sua filha.

Em outubro registara-se a primeira vítima mortal na polícia, um jovem agente, Norbert Schmid, que morrera no bairro de Poppenbüttel durante uma detenção fracassada dos terroristas que procuravam. Os ânimos estavam exaltados. Em dezembro tinham assassinado a tiro Georg von Rauch em Berlim, que fora a segunda vítima, desta vez do outro lado.

Onde é que estaria Ruth? Não conseguira localizá-la em parte nenhuma quando quisera perguntar-lhe o motivo por que haviam mudado a fechadura da porta de sua casa. No outono fora até ao apartamento de Schanze e a princípio não quisera admitir que lhe fosse recusado o acesso à casa.

Tinham falado pela última vez no final do verão, depois de uma jovem terrorista ter morrido em Hamburgo num tiroteio com a polícia. Aquilo que Ruth dissera a esse respeito deixara-o gelado: «As vítimas estimulam a revolução.»

Acaso não a tinha feito amar a paz? Não tentara ensinar-lhe a odiar a guerra? As tardes passadas no Cinema Europa-Palast com ela: *A Ponte*, um filme antibelicista de Bernhard Wicki. Ruth fora uma adolescente altruísta que se empenhara na organização Serviço de Reconciliação de Ação pela Paz. O que é que se teria passado?

Desceu as escadas, saiu para a rua e quase tropeçou de tão absorto que se encontrava nos seus pensamentos. O que podia fazer? Começava a enervar Käthe com os seus medos, o pragmatismo dela, ao que tudo indicava, era maior do que o seu: «Não se prendem os viajantes», alegava Käthe. Mas não seria isso apenas uma forma de autodefesa?

Pouco antes do Natal, Rudi viajara até Berlim e, quando se dirigira para o apartamento de Kreuzberg, encontrara-se com Geert, Tine e as crianças. Era provável que a única coisa que interessasse a Geert naquele momento fosse o jardim de infância; Friedhart e Ruth tinham saído do apartamento. Quando lhes perguntou onde estavam, Tine encolheu os ombros; parecia atemorizada.

Rudi levantou a gola do sobretudo e meteu as mãos nos bolsos, pois no tecido cinzento-antracite caíam flocos de neve branca. No entanto, na realidade não fazia assim muito frio, se estava gelado era por causa dos seus pensamentos.

Passou em frente à peixaria Böttcher e olhou para a mercadoria quase como que por instinto. Há anos que se limitava a cozinhar, a comer, a viver. Pragmatismo. Algo banal. Só assim fora capaz de sobreviver nos tempos difíceis. Entrou e, ao ver Henny ao balcão, o seu rosto iluminou-se. Amigos. Isso não era nada banal.

Em dezembro, Katja e duas antigas colegas da escola de artes aplicadas foram morar juntas na Rua Papenhuder, não muito longe do lugar onde havia passado a sua infância: os pais e Konstantin viviam a escassos passos dali.

No corredor do espaçoso apartamento antigo havia algumas caixas por abrir, mas o quarto de Katja estava perfeito para quem gostasse de despojos. O sofá de estilo modernista, que havia encontrado no lixo, ocupava o centro do quarto num soalho de madeira riscado. A secretária onde trabalhava era um achado resgatado do sótão da Körnerstrasse. Tinha comprado a colcha indiana da sua cama às Samanthas, que possuíam uma loja na cave que cheirava a madeira de sândalo.

As três jovens tinham convidado as respetivas famílias nessa enevoadá tarde de domingo, para que pudessem constatar que viver num apartamento partilhado não era sinónimo de anarquia.

Só faltava Klaus, que estava em Paris a entrevistar Stéphane Grappelli, o violinista de jazz. Agora era Klaus quem viajava e não Alex.

Este estava a conversar com Henny quando Katja entrou na cozinha. A mão esquerda descansava relaxada no cabo da bengala; Katja sabia do voto que fizera de nunca se separar dela se conseguisse voltar a tocar piano.

Havia quatro semanas que Alex voltara a integrar o Quinteto; dera por terminada a sua carreira como solista, pois achava que já não era um virtuoso. No entanto, a felicidade de voltar a trabalhar no familiar mundo do estúdio, sentar-se ao piano e arrancar-lhe sons mais do que aceitáveis fazia com que se sentisse agradecido o bastante para respeitar o voto. Caso contrário, receava despertar a ira dos deuses, tal como havia dito a Henny.

Hans Dörner, o seu saxofonista desde o princípio, exortava-o para que retomasse os concertos em direto, mas ele não se atrevia. Se cometesse algum erro no estúdio, podia sempre repetir, ao passo que no palco se sentiria envergonhado.

– Vou fazer mais café – informou Henny assim que viu Katja. – Deixo os jovens a sós para que possam conversar.

– *You are pulling my leg* – respondeu Alex, «estás a gozar comigo», mas não, Henny não estava a gozar com ele, só que às vezes se esquecia de que Alex não era tão jovem quanto aparentava.

– Tu e o teu inglês – comentou Henny.

Katja sorriu. Sempre tivera um fraquinho por Alex, desde pequena. Este ensinara-lhe a tocar piano, tal como fazia agora com Konstantin. Não havia a menor sombra de dúvida de que o seu irmão mais novo tinha mais talento do que ela.

– Vejo que quase não largas a bengala – observou, acariciando-lhe a face.

Alex pegou-lhe na mão e beijou-a.

– Ainda tenho o medo metido no corpo. Como é que vão as coisas com o

Karsten? Há muito tempo que não o vejo.

– O Karsten mudou desde que salta de helicópteros americanos no Vietname. Agora é o tipo duro que fingiu ser durante muito tempo. Neste momento andamos a evitar-nos um pouco.

– Continua a fazer fotos para a *Stern*?

– Sobretudo para a agência de notícias France-Presse.

– É isso que tu queres fazer?

– O estágio termina dentro de pouco mais de um ano, mas espero que a DPA entre em contacto comigo antes disso e não continue a fotografar apenas porcarias.

– O que é que tens em mente? E, por favor, não me digas que é o Vietname.

– Essa guerra terminará em breve.

– Contudo, vai haver outra – assegurou Alex. – Espero que não vás para nenhuma guerra, Katja. A vida já é bastante perigosa por si só. Tu e o Karsten estão a pensar dar outra oportunidade à vossa relação?

– Não – negou ela. – E depois a Ruth foi para a guerra há já algum tempo. A Kâthe e o Rudi não sabem nada dela desde setembro.

Alex assentiu. Ele e Klaus tinham sabido da notícia por intermédio de Henny.

Henny reuniu-se a eles.

– Querem um café? – perguntou.

– Sim, obrigado – aceitou Alex. – Vou sentar-me nesse sofá que dá a impressão de que vai desintegrar-se assim que lhe incida um raio de sol.

Katja sorriu.

– Com que então leste o *Drácula* – comentou. – Vou ver como estão os meus queridos pais. Parece que não fazem tenções de sair do meu quarto escuro.

Quando Henny e Alex entraram no seu quarto, Katja ouviu que ele perguntava por Ruth. Katja estava muito preocupada, ela e Florentine precisavam de falar o quanto antes para ver como podiam salvar Ruth.

– Nunca te prometi um mar de rosas – disparou Robert com amargura.

– Exato. Sempre disse que não queria o modelo clássico de família, *husky* – lembrou-lhe Florentine. – E não te esqueças de que eu disse não à Eileen Ford.

– E agora assinas um contrato com uma multinacional de cosmética que te manterá escravizada em Paris.

– Acharia perfeito se tu e o Lori fossem visitar-me com frequência a Paris. O parque infantil do Jardim do Luxemburgo é muito bonito.

– E, de vez em quando, um elefante branco – ripostou Robert.

– Na realidade é cinzento. Se calhar nos tempos do Rilke era branco, mas

tenho a certeza de que o Lori iria adorar o carrossele.

– E eu vivo a minha vida com a senhora Kuck, não? – Sentou-se no tapete berbere e olhou para o teto. Lorenz dormia ao seu lado, depois de ele ter voltado a mudar-lhe a fralda debaixo do móvel de Tinguely.

– Por agora são apenas três anos de contrato.

– Nessa altura, o Lori já estará prestes a ir para a escola.

– Tu e eu chegámos muito mais longe do que alguma vez pensámos.

Isso era verdade. Mas será que as coisas não podiam ser muito mais fáceis? Trabalhar como supermodelo internacional a partir de Hamburgo? Afinal de contas, ali também havia aeroporto.

Florentine sentou-se ao seu lado, no tapete, um lugar que convidava à luxúria.

– *Husky*, amo-te e amo o Lori. Será que isso não basta? Nunca te enganei, sabias muito bem com quem te ias meter.

– Com alguém que nunca para de viajar e que não se compromete.

– Se me comprometer com Paris, viajarei menos.

A Robert apeteceu-lhe dizer que também poderia comprometer-se com Hamburgo, de maneira duradoura, mas não tinha nem vontade nem forças para provocar uma crise; Florentine podia zangar-se a ponto de ficar pior do que uma barata.

– Então quer dizer que me abrias as portas da casa da Place des Vosges? – Era algo que ela lhe havia negado durante anos, uma vez que pretendia manter separada a vida que tinha em Paris da que levava em Hamburgo.

– Sempre que lá quiseses ir com o Lori.

– Se não tivesse os horários que tenho... – respondeu Robert.

Florentine sabia até que ponto esses horários o limitavam. Seria por isso que se oferecera para lhe abrir as portas da sua casa? «Não, é melhor não pensar mal», decidiu quando ela começou a desabotoar-lhe as *Levi's 501*.

– Vamos aproveitar o tempo agora que o Lori está a dormir – sussurrou Florentine.

Aproveitar o tempo. Iria visitar Katja antes de partir para Paris de novo, como sua amiga; Florentine também estava preocupada com Ruth.

Era a primeira vez que ia ao apartamento de Katja. O mobiliário pareceu-lhe bizarro, mas de certo modo fascinante, até mesmo ela se surpreendeu; de certeza que tinha algo que ver com as canções de Barbara, cujo LP se ouvia no gira-discos portátil, estilo mala, da Philips. A bonita canção *Göttingen* fez com que Florentine sentisse saudades da vida boémia.

– Onde é que foste desencantar este sofá?

– No lixo. Continuava aí defronte no último dia de recolha, na

Hartwicusstrasse. O Thies estava em casa e ajudou-me. Os dias de recolha provocam autênticas correrias, os carros passam por aqui a meio da noite a dar voltas às casas.

Florentine acomodou-se no sofá.

– Nós temos uma diferença de idade de nove anos, não é?

– Sim – confirmou Katja.

– Passei a adolescência em lugares irreais, e este, em contrapartida, é real. Se bem que à primeira vista dê a impressão de ser um desses cenários novos – opinou Florentine. – O mundo da moda tem muito de artificial. Lembras-te de quando te dei uma ajuda para que pudesses fazer o estágio com o Gundlach? Já nessa altura sabias o que querias.

– Se formos acreditar nas histórias que a família conta, tu já sabias mal deixaste de usar fraldas. A propósito, com quem é que está o teu filho? Com a senhora Kuck?

– Com o Robert. Hoje está de folga.

– Vocês são felizes?

– De uma maneira geral, somos bastante felizes, mas não íamos falar sobre a felicidade da Ruth?

– Queres fumar um *bidi*? Compro-os na loja indiana lá de baixo.

– Esses cigarros perfumados? Melhor não. Fazes ideia de como podemos entrar em contacto com a Ruth?

– No final do ano estava em Berlim, uniu-se não sei a que grupo de esquerda para fundar uma nova associação quando o Georg von Rauch morreu. Escreveu-me uma carta, mas, quando lhe respondi, ela já tinha mudado de morada. Devolveram-me a carta.

– Contaste isso à Henny? Ou à Käthe?

Katja abanou a cabeça negativamente.

– Não podemos salvar a Ruth – afirmou Florentine. – Ela não quer que ninguém a salve.

– Serias capaz de acolhê-la se ela te aparecesse à porta de casa?

– Sim – assegurou Florentine. – Sempre.

Katja assentiu.

– Aqui também teria um lugar.

– Vocês falam abertamente sobre a Ruth?

– Porque não? – Katja encolheu os ombros.

Florentine levantou-se e olhou para a Rua Papenhuder.

– A verdade é que foste morar mesmo ao virar da esquina.

– Por outro lado, tenho pensado em fazer grandes viagens. Vem, vamos fazer um chá. A propósito, o Alex veio cá no domingo. Calculo que já deves saber pelo Robert que ele voltou a estar à frente do Quinteto.

– Sim – respondeu Florentine, e dito isto seguiu Katja até à cozinha. – Bolas,

é preciso um grande azar, ir logo cair de encontro à porta de vidro.

– Trata-se de uma consequência do distúrbio do sentido do equilíbrio de que padece. Se calhar, os deuses exigem um tributo pelo seu talento.

– E pelo seu físico – acrescentou Florentine. Esperava que os deuses a deixassem em paz. – A *Stern* fez-me perguntas sobre a capa de junho do ano passado. Na revista figuravam a Veruschka e a Romy Schneider. Lembras-te? – Porque fora ela lembrar-se disso agora? Porque estavam a falar de Alex?

– «Abortámos» – respondeu Katja. – Infringia o artigo 218. Claro que me lembro. Porque é que foram fazer-te perguntas logo a ti? Mesmo um ano antes tiveste o Lorenz.

– Talvez tivessem pensado que havia engravidado outras vezes e que tivesse abortado. Estive prestes a fazê-lo, Katja. Inclusive já tinha consulta marcada com o médico. Contudo, quando cheguei à clínica, arrependi-me e voltei para trás.

Katja sentou-se ao pé de Florentine, que se havia instalado à mesa da cozinha.

– Arrependeste-te alguma vez de não o teres feito?

– Não. Sou feliz com o Lori. E tu, queres ter filhos?

Katja pousou o que lhe restava do *bidi* num pires. Tinha-lhe dado apenas três passas, aqueles charros gastavam-se depressa.

– Sim, mas não com o Karsten. O nosso caso praticamente acabou. – Levantou-se de um pulo quando a chaleira começou a apitar de forma ruidosa. Verteu a água a ferver no bule de barro e introduziu a saqueta cheia de *Earl Grey*.

– Então, afinal o que vamos fazer em relação à Ruth? – recapitulou Florentine.

– Só podemos esperar que ela entre em contacto com uma de nós.

– Será que não telefona ao Rudi e à Käthe?

– Não – garantiu Katja. – Se o fizer, ligará para ti ou para mim.

– Está como novo – assegurou o mecânico ao mesmo tempo que entregava a Lina a chave do *Jaguar*. – Limpámos os carburadores e afinámo-los. – O ligeiro sotaque cantado e sussurrado dizia a Lina que o homem era de Colónia. Às vezes, a Louise escapava-lhe uma ou outra expressão. O homem deu umas pancadinhas no capô quando ela ligou o motor. – Belo carro.

Lina sorriu-lhe e fez marcha-atrás a fim de conseguir sair do pátio estreito. Quem se dava ao luxo de possuir um *Jaguar* que começava a envelhecer fazia bem em contar com uma oficina que gozasse da sua confiança. Simpatizava com o jovem mecânico, que era novo; a verdade é que ela sentia um fraquinho especial pelos renanos.

Foi para a Gänsemarkt, embora Louise estivesse em casa com um pouco de febre, mas não queria deixar Momme e Rick sozinhos com o inventário. Estacionou na Dammtorstrasse e primeiro entrou na farmácia Schwan para comprar as pastilhas *Allenburys* que Louise queria. Desde os tempos em que trabalhava no teatro, Louise depositava uma confiança cega nessas pastilhas, porque de há um tempo a esta parte se queixava com frequência de que tinha a garganta seca. E, no entanto, Lina não achava que Louise estivesse pior, já não examinava à lupa cada ruga e quase não falava das humilhações da idade.

– Dois do *Altherrensommer*, de Hagelstange – dizia Rick quando ela entrou na livraria. – Seis do *Ilhas na Corrente*, de Hemingway.

Momme escrevia no atril que tinham adquirido há pouco tempo.

– E do *Retrato de Grupo, com Senhora*, de Böll? – Gostava muito desse livro.

– Doze – respondeu Rick.

– A ver se este ano lhe outorgam o Nobel.

– Se o ganhar, vão voar-nos das mãos – declarou Rick. *Alright*. Nenhum exemplar devolvido com defeito.

– A Louise telefonou – disse Momme. – A febre subiu-lhe e além do mais custa-lhe a engolir. É melhor ires para ao pé dela.

– Queria ajudar-vos a fazer o inventário – objetou Lina.

– Pareceu-me que era urgente.

Lina pensou que com Louise era sempre. Deixou escapar um suspiro quando voltou a sair da livraria Landmann. Antes de entrar no carro, voltou à Schwan para comprar uma caixa de *Neo-angin* e infusão de salva.

Pouco antes de chegar à Eilenau, decidiu meter o *Jaguar* na garagem que havia alugado em Lerchenfeld. Nesse dia não o utilizaria mais; sentar-se-ia com Louise, que deixara deitada no sofá, e ler-lhe-ia uns contos de Dorothy Parker: um elixir que surtia um bom efeito na sua companhia.

Lina lançou uma vista de olhos à escola de Lerchenfeld, onde desde 1969 se ministravam aulas conjuntas a raparigas e rapazes. Quanto haviam lutado alguns colegas do corpo docente e ela mesma pela educação mista, em vão, e isso já fora há quarenta anos.

Nas escadas que conduziam às suas águas-furtadas ouviu *Someone to Watch Over Me*, de Gershwin. Se Louise não estivesse com dores de garganta, teria cantado em altos berros os seguintes versos da letra da canção:

*I'm a little lamb
who's lost in the wood.
I know I could
always be good
to one who'll watch over me.*

Lina apurou o ouvido. Era Louise que cantava ou apenas Ella Fitzgerald? O disco arranhava um pouco, talvez devesse comprar outro novo.

Abriu a porta de casa. A pastora do cordeirinho que se havia perdido acercava-se.

Henny segurava nas mãos a caixa cor de laranja com a pequena carruagem: Hermès, Paris.

– Mas o meu aniversário é só em março.

– E nunca me esqueci de nenhum ao longo destas últimas décadas – referiu Klaus. – E agora abre a caixa. Espero que gostes das cores.

Era evidente que gostava. O azul-celeste condizia com os seus olhos e o cabelo louro. Hortênsias.

– É lindo, Klaus. – Henny levantou-se do cadeirão de Theo e dirigiu-se para o corredor a fim de pôr o lenço diante do espelho. A seda envolveu-lhe o pescoço com suavidade.

– De certeza que não terias gostado tanto dos cavalos – comentou Klaus, que fora situar-se atrás dela. – Os lenços da Hermès estão cheios de cavalos.

Henny sorriu.

– Os cavalos deixo-os para a rainha de Inglaterra. – Virou-se para o filho e abraçou-o. – Trata-se de uma prenda muito bonita. Simplesmente lindíssima.

– Aquilo que tu fazes por mim e pelo Alex é tudo menos simples.

– O Alex esteve presente na pequena inauguração da Katja – contou Henny.

– Ele disse-me. Tive pena de perdê-la, mas a entrevista correu bem. O Grappelli fala um bom inglês, e infelizmente o meu francês deixa bastante a desejar.

– Fico feliz por conheceres o mundo. Pode ser que eu me arrependa um pouco por não ter viajado muito.

– Ainda vais a tempo. A propósito, onde é que está o Theo?

– Na Eilenau. A Lina pediu-lhe que fosse dar uma olhadela à garganta da Louise. Não conseguiram localizar o médico de família delas.

– Às quartas-feiras à tarde não há maneira de encontrá-los.

– O Alex contou-me que continua a ir uma vez por semana ao fisioterapeuta da Rua Poelchaukamp.

– Sim, a mão dele cansa-se com facilidade. E ele ainda espera adquirir mais segurança com digitações concretas. Quando começaram a fisioterapia, nem o Alex nem o Altmann acharam que pudesse voltar a tocar. Claro que demoraram um ano a consegui-lo.

– Estás com tempo? Para acender a lareira e fazer café?

Klaus consultou o relógio.

– Não tenho mais de meia hora – replicou. – Tenho de ir para a emissora.

Serve uns sumos que eu trato da lareira. O café demora mais.

– Posso oferecer-te *Rotbäckchen*. Tenho-o aí para o Konstantin.

Klaus sorriu.

– Aceito.

Tirou uns toros de lenha do cesto, agachou-se diante da lareira e acendeu o lume com facilidade. Chiava e crepitava quando Henny entrou com dois copos na sala de estar.

– Lembras-te dos Altmann, que viviam ao pé de nós, na Mundsburger Damm? Às vezes costumavas brincar com o filho mais novo.

– O Heinz. O mais velho chamava-se Günter, tal como o terapeuta do Alex. Não se separava do seu gramofone portátil.

– Era dois anos mais velho do que tu. No outono, depois da grande ofensiva, encontrava-se à minha espera um dia diante da entrada da Finkenau para que lhe desse um conselho. Queria ser enfermeiro.

– Quer dizer então que se tornou fisioterapeuta. Isso significa que temos de lhe agradecer pela segunda vez. Como é que não associei quando ouvi o apelido...

– Imagino que na lista telefónica deva haver mais uns quantos.

– Da próxima vez que o Alex tiver consulta vou com ele. O pequeno Günter, do terceiro andar. – Klaus levantou-se. – Deixa-te estar, fica aí sossegada junto ao calor da lareira, eu vou para a rádio.

Contudo, Henny já se tinha posto de pé a fim de acompanhar o filho à porta.

– Pode ser que o Altmann te reconheça e conheça o teu programa.

– Klaus Lühr não é um nome que se possa classificar como exótico.

– Obrigada pelo lenço lindíssimo.

Klaus inclinou-se para dar um beijo à mãe.

– Não tens de quê, mamã – respondeu.

O estado da garganta de Louise não agradou nada a Theo, mas este, que começara por ser médico de clínica geral, não era o mais habilitado para fazer um diagnóstico. Pediu a Lina que insistisse com Louise para que esta marcasse uma consulta com Schaake, na Neuer Wall, o melhor otorrino de que se lembrou.

Theo não partilhou com ninguém a suspeita que tinha, mas conseguiu desconcertar Henny quando, assim que chegou a casa, se trancou no escritório. Começou a consultar obras especializadas; eram muitas as coisas que se encaixavam, incluindo o consumo abusivo de bebidas alcoólicas durante anos.

– Entra – convidou quando bateram à porta. Fechou o livro e olhou para Henny, que trazia uma caixa cor de laranja na mão. Isso trouxe-lhe uma vaga

recordação de Elizabeth: ao longo dos vinte e quatro anos que estiveram casados, Theo vira algumas caixas como aquela.

– Interrompo?

Theo abanou a cabeça, sorridente. Em novembro, ele e Henny haviam comemorado vinte e dois anos de casamento. Esperava com sinceridade chegar a fazer as bodas de prata com ela, pois Theo tinha esperança de viver mais uns quantos anos; embora em setembro fizesse oitenta anos, sentia-se bem.

A rapidez com que tudo podia acontecer. Mas a que propósito é que vinham esses pensamentos agora?

Henny tirou da caixa um lenço de seda. Com hortênsias azuis. Da Hermès. Já lhe poderia ter ocorrido essa ideia. Era bonito, combinava com a pele delicada e rosada de Henny, com os seus olhos radiantes.

– O Klaus trouxe-mo de Paris.

Theo assentiu. Achou que a sua expressão era de entusiasmo, mas não conseguiu que o presente o distraísse daquilo em que estava a pensar.

Henny pousou o lenço.

– O que foi que viste na garganta da Louise?

Seria justo transmitir-lhe a preocupação? Não seria melhor poupá-la antes de tirar conclusões precipitadas?

– Faltam-me os conhecimentos necessários de otorrinolaringologia para poder dar uma opinião.

Todavia, ao que tudo indicava, já o tinha feito; Henny parecia alarmada.

– Achas que pode ser um tumor?

– É melhor não fazermos conjecturas – respondeu Theo. – Pedi à Lina que a leve a uma consulta com o doutor Schaake. Infelizmente, vai ter de levar a Louise à força, se possível inconsciente, porque para trás ficaram os tempos em que ia ao médico por vontade própria. A não ser que a questão esteja relacionada com a estética.

– Vamos sentar-nos em frente à lareira – sugeriu Henny. – Estou a ficar com frio.

Käthe surpreendeu-se ao ver a geada na janela da cozinha. Dantes, no inverno congelava todos os dias, quando ela era pequena e também durante a guerra, mas nas janelas em que ainda havia vidraças e não cartões. Na Finkenau costumavam usar radiografias velhas para tapar as janelas.

Rudi entrou na cozinha e seguiu o olhar dela.

– Geada – constatou. – Há muito tempo que não a via. – Sentou-se à mesa com ela.

– Estou com frio – comentou Käthe. – Tenho a sensação de que não vou

conseguir aquecer o inverno inteiro. Há muito tempo que não me acontecia isto. Achas que a nossa filha cometeu algum delito?

Comoveu-o que ela dissesse «a nossa filha», uma vez que, de uma maneira geral, Käthe se mostrava muito mais reservada quando expressava o que sentia por Ruth.

– Talvez tenha participado no assalto a algum banco – aventurou-se ele a dizer.

Dos dois, Käthe tinha sido sempre quem possuía um lado mais infrator, de maneira que ficou surpreendida por Rudi dizer tal coisa como se nada fosse, como se roubar um banco fosse como passar a mão por todas as campainhas de um intercomunicador e fugir a correr depois.

– Desde que ninguém fique ferido... – acrescentou Rudi. – Deve ser assim que financiam o movimento.

«E que comprem armas», pensou. «Sobretudo devem comprar armas.»

– Mas a Ruth ainda tem o dinheiro da venda da moradia de Langer Zug – observou Käthe. – Ou será que já não tem?

Rudi encolheu os ombros.

– Não faço a mínima ideia. A conta está no nome da Ruth. – Porque é que continuava a ocultar da mulher que encontrara os vinte mil marcos na salamandra da Susannenstrasse e que esse dinheiro havia desaparecido?

– Estamos aqui de braços cruzados, à espera de que aconteça alguma desgraça. Não creio que consiga aguentar por muito mais tempo. – Käthe arredou a cadeira e levantou-se. Acariciou o cabelo branco e ainda ondulado de Rudi. – Se tivéssemos tido filhos nossos, do nosso próprio sangue, as coisas teriam sido diferentes. – Desatou a chorar.

– O que é que tu tens, Käthe? – Rudi sentou-a no seu colo e então o choro deu lugar a veementes soluços. – Pelo amor de Deus, Käthe.

– Recorri a uma abortadeira. Engravidei pouco depois de termos começado a ter relações. Ela ajudou-me a livrar-me do nosso filho, mas fez um trabalho de carnicheiro. É por isso que não temos descendência, Rudi.

Embora continuasse a amparar Käthe, parecia ter ficado petrificado, como se a bruxa má lhe tivesse lançado uma maldição. Só ao fim de um bocado é que Rudi foi capaz de formular uma pergunta:

– Porque é que não confiaste em mim na altura?

– Tive medo. De ficar sem nada. De perder a formação na Finkenau. Se calhar também tive medo do meu pai, que de qualquer das maneiras achava que eu era demasiado ambiciosa por querer ser parteira.

– Teria casado contigo na mesma hora.

– Também tinha medo disso.

– Mantiveste o silêncio durante cinquenta anos – disse em voz baixa.

– Perdoa-me. Perdoa-me, Rudi.

– Porquê agora? Porque é que me contas isso agora, num dia de janeiro, quando faz pouco tempo que comemorámos as nossas bodas de ouro?

Käthe falou com um fio de voz e ele viu-se aflito para entender o que ela disse.

– Por causa da má sorte que a Ruth nos traz. Como se fosse uma vingança.

Rudi abanou a cabeça. Que ideia mais estapafúrdia.

– A Henny sabe? Contaste-lhe?

Käthe assentiu.

– É a única pessoa que sabe, mas só lhe contei muitos anos depois. Tomei a decisão sozinha.

– Recorrer a uma abortadeira. – Engoliu em seco para não chorar, embora não fosse má ideia dar livre curso às lágrimas.

A perda foi como se lhe tivessem tirado o chão debaixo dos pés. A perda de quê? Do filho que não chegara a nascer? Teria brincado com ele no recinto de areia e nos baloiços da Bartholomäusstrasse? Teria empurrado o baloiço? Teria sido mais prudente e não se teria juntado à Resistência? Não saber de nada durante tantos anos. Não ter podido ser pai até Ruth ter chegado à sua vida.

Contudo, também vieram os nazis, a guerra, as bombas. O que teria sido da criança? Se fosse um rapaz, teria sido obrigado a combater na Segunda Guerra Mundial.

Mas acaso Henny não criara e sustentara os filhos durante essa mesma época? Começou a embalar Käthe no seu colo, Rudi, que oferecia sempre consolo. Agora que eram velhos, Käthe saía-se com aquela história.

– Vem à festa da Scherz, vai fazer-te bem – assegurou-lhe Rick. – Haverá canapés e *cocktails*.

Louise teria gostado dos *cocktails*, mas estava em casa, encarando à primeira vista com uma serenidade espantosa o facto de que na semana seguinte o otorrino lhe daria a conhecer o seu diagnóstico. «Uma dor de garganta. Tive isso milhares de vezes.»

Scherz havia publicado um novo romance de Agatha Christie. A rainha Isabel acabava de agraciar a escritora com o título de Dama do Império Britânico. Infelizmente, a *dame of crime*, que na altura tinha oitenta e um anos, não estava em Hamburgo.

Lina sentia-se deslocada, embora gostasse do Hotel Atlantic, mas quase não conseguia distrair-se. Rick apresentou-lhe o cônsul britânico, que conhecia bem. Ela tinha um copo de *Pimm's N.º 1* numa mão e Hugh e Tom na lembrança.

Não pretendia ficar muito tempo, talvez Louise também estivesse a beber *cocktails* em casa, em demasia. Talvez acabasse por ruminar na situação e

sentisse medo do diagnóstico, apesar de o médico não ter manifestado a sua suspeita à frente de Louise, a quem tinham feito uma radiografia.

«Um cancro traiçoeiro, o carcinoma do esófago. Os sintomas demoram a manifestar-se e, por conseguinte, também a sua descoberta.»

Mas o melhor era não precipitar os acontecimentos. Fora também o que dissera o doutor Schaake. Lina esforçou-se para centrar a atenção de novo no cônsul; sentiu alívio quando viu chegar Felix Jud, o livreiro mais famoso de Hamburgo, grande conversador, e ela pôde esquivar-se à conversa sobre o Anglo-German-Club. Procurou Rick e, como não o viu, dirigiu-se para o bengaleiro ao mesmo tempo que procurava a ficha. De repente começou a sentir-se inquieta.

Recebeu o telefonema da parte da tarde. O doutor Schaake podia recebê-las nesse mesmo dia, os resultados do laboratório já tinham chegado.

Poderia significar algo de bom?

Louise encheu de armanhaque o frasco de bolso em prata que herdara do pai. Lembrou-se de que Kurt Landmann gostava de armanhaque. Tirou a chave do *Jaguar* da consola do corredor e olhou-se por um instante ao espelho que estava pendurado por cima. Não era tão benevolente, nem de perto nem de longe, como o espelho antigo da mesa que fazia as vezes de bar, mas nesse dia Louise achou-se aceitável. Dava a sensação de que havia recuperado a segurança em si mesma.

Não apagou as luzes, pois Lina ainda não estaria em casa quando ela voltasse, e Louise queria que a luz a recebesse. O *Jaguar* arrancou à primeira, afinal de contas, acabara de fazer uma revisão. Àquela hora era possível encontrar lugar para estacionar na Neuer Wall, as lojas estavam prestes a fechar.

Quando saiu pela porta giratória do Hotel Atlantic, Lina fez sinal ao porteiro, que mandou parar um táxi de imediato. Deixara o *Jaguar* na garagem, uma vez que fazia tenções de beber álcool na apresentação do sexagésimo romance de Agatha Christie, mas estava sóbria.

Soltou um suspiro quando o táxi parou à frente da sua casa e viu luz na janela das águas-furtadas. Louise estava à sua espera. A que propósito viria, então, tanta preocupação?

Louise estacionou o *Jaguar* mesmo à porta do consultório, mas três quartos de hora depois, quando se encontrou de novo na rua, nem o viu, passou à frente do carro vermelho-vivo. Teria sido mais fácil digerir o diagnóstico se

Lina estivesse ao seu lado? Não. Fora o que decidira quando recebera o telefonema. Não queria que a sua companheira sentimental estivesse ao seu lado; a única coisa que faria seria tapar o sol com a peneira. O cordeirinho iria sozinho.

Ali estava o carro. Louise entrou, tirou o frasco de bolso da mala e bebeu. Bebeu até à última gota. Não tomou o caminho direto para casa. Virou na Ponte dos Lombardos, prosseguiu em direção à Rothenbaumchaussee e hesitou entre virar à direita e entrar na Johnsallee. Descreveu uma curva larga e meteu pela Bellevue, cujo prolongamento era a Körnerstrasse.

Quanto mais cedo operassem, melhor, tinha dito o doutor Schaake. Ao volante do *Jaguar*, Louise abanou a cabeça. Não permitiria que lhe desfigurassem o rosto. Nem o cancro nem os raios de um tubo de cobalto. Louise acelerou.

– Que estranho – comentou Henny ao fechar as cortinas. – Vi passar o *Jaguar* aqui à frente. Será que a Lina vem visitar-nos? Se bem que ela avisa sempre antes; espero que as duas estejam bem.

– Se calhar era outro *Jaguar* – opinou Theo, cujo ruído forçado do motor lhe chamara a atenção. – A Lina não conduz com essa temeridade. E só têm consulta marcada com o doutor Schaake na semana que vem.

Devia ter virado na Rua Hofweg, mas Louise continuou em linha reta a toda a velocidade. Até onde apenas um varandim a separava das frias águas do canal. Um varandim que não conseguiu deter o monstro vermelho que foi de encontro a ele veloz como um raio e permitiu que se afundasse nas águas negras.

6 Não havendo correspondência em português para estas duas canções infantis alemãs, os títulos originais podem traduzir-se como *Dorme, Meu Menino* e *Voa, Escaravelho*. (N. da T.)

7 O pai está na guerra. / A mãe na Pomerânia. / A Pomerânia está em chamas. / Voa, escaravelho. (N. da T.)

8 Alusão ao poema *Das Karussell* (*O Carrossel*), um dos mais famosos do escritor Rainer Maria Rilke (1875-1926). (N. da T.)

9 Poderia traduzir-se por *O Verão dos Anciãos*. (N. da T.)

Abril, 1972

Assomada à janela, Lina permaneceu muito tempo a contemplar o jardim das traseiras da Körnerstrasse, que despertara para a primavera. Havia ranúnculos brancos, o lilás exibia rebentos verdes.

– Viste quando tiraram o *Jaguar* do canal – comentou, virando-se para Henny. Não era a primeira vez que pronunciava essa frase.

– Sim – respondeu Henny. – Eu e o Theo, no dia seguinte.

À tarde, os mergulhadores resgataram Louise, morta, algo que apenas Theo viu, que a identificou para depois ir com Henny até à Eilenau. Ambos souberam de imediato que acontecera algo de terrível, que afetava alguém próximo, quando ouviram a chiadeira do metal pouco depois de o *Jaguar* vermelho ter passado à frente da sua janela como se fosse um fantasma.

– Mas só o Theo viu quando o mergulhador resgatou a Louise.

– Para de te torturares – aconselhou Henny.

– No dia seguinte, os mergulhadores voltaram para prender o *Jaguar* com cabos, e depois este foi puxado por um guindaste.

– E colocaram-no de imediato na caixa do camião – disse Henny, a fim de abreviar a tortura.

Theo tinha-se recusado a contar uma vez mais a Lina o que tinha acontecido quando vira o cadáver de Louise nos braços do mergulhador do corpo de bombeiros.

– Anda, vem tomar uma chávena de chá – sugeriu Henny. – Ainda está quente.

– Oxalá pudesse voltar atrás – refletiu Lina. – Talvez tivesse ido direta para casa em vez de ir ao Atlantic.

– Talvez fosse obra do destino. Como quando o Lud morreu na ponte. – Henny passou um braço pela cintura de Lina e conduziu-a com delicadeza até junto do cadeirão de couro, defronte da lareira.

– É a terceira vez que fracasso. Prometi à minha mãe que cuidaria do Lud. O Kurt morreu sozinho. E agora a Louise.

– Já chega – ordenou Henny em tom pesaroso. – Para de te fustigares, Lina.

– Desculpa. Não paro de repetir que nem uma obcecada aquilo que

sucedeu, como se fosse possível corrigir as manobras do destino.

– Porque é que não falamos sobre o futuro? – propôs Henny.

– Ainda não pensei nisso – respondeu Lina, e dito isto acabou de beber o chá com o olhar perdido.

Em frente à casa, Henny despediu-se de Lina com um aceno da mão quando ela se foi embora. No velho *Volkswagen* descapotável de Louise.

– Enterra-a no nosso jazigo – propusera Rudi em janeiro. Até ao momento só ali descansava o seu pai, Alessandro Garuti; o jazigo era demasiado grande para a pequena família de Rudi. – Ou preferes que fique sepultada na zona judia do cemitério?

– A Louise não era religiosa – contou Lina. – Os nazis fizeram com que fosse judia.

Louise gostara da lápide de mármore branco com rosas que Garuti havia encomendado; ela e Garuti partilhavam o desejo de sublimidade. Sem dúvida de que ela gostaria de ser ali enterrada, se chegasse a gostar de algum sítio para isso.

E agora havia ali uma pequena pedra com o nome e as datas de nascimento e de falecimento de Louise. Lina mandara gravar, além disso, a palavra hebraica *hineni*: «estou aqui», em memória da sua mãe.

Nesse dia de abril, Rudi e Käthe foram ao jazigo e colocaram narcisos na floreira. Nas árvores cantavam os pássaros.

– É algo estranho estar à frente do nosso próprio túmulo – observou Käthe.

– Estranho, na realidade, não é – especificou Rudi. – Queres ouvir um salmo?

– É mais curto do que um poema?

Rudi sorriu: há cinquenta e três anos que amava uma mulher que não queria saber da poesia para nada.

– O salmo 103 – retorquiu. – É breve.

*Os dias dos seres humanos são como a erva:
brota como a flor do campo,
mas, quando sopra o vento sobre ela,
deixa de existir e não se conhece mais o seu lugar.¹⁰*

– Esse eu conheço – afirmou Käthe. – É assim que começa *E Tudo o Vento Levou*.

Apesar de contas, Käthe sempre lia livros.

Alex ergueu as sobrancelhas quando avistou Luppich por detrás da divisória

de vidro: na sala de controlo de som, o produtor escutava as explicações que Robert lhe facultava sobre o novo misturador ao mesmo tempo que saudava alegremente com a mão o pessoal do estúdio de gravação. Era a primeira vez que Luppich ali entrava.

No ano anterior, Alex tinha trabalhado sobretudo como arranjador; podia ocupar-se dos arranjos musicais inclusive com a mão esquerda incapacitada. Em dezembro tinha começado a tocar de novo com o Quinteto, e desde então Luppich incentivava-o a planear o álbum seguinte, que a Philips queria associar ao êxito de *Remember the Sixties*, mas Alex não se achava capaz de gravar um disco a solo.

– Os novos extras que o senhor Langeloh possui – comentou Luppich quando Alex entrou na sala de controlo. – Atreva-se, senhor Kortenbach.

– Não se trata de uma questão de atrevimento, senhor Luppich. Já não sou capaz de tocar como antes, nisso não me podem ajudar nem sequer as inúmeras faixas do misturador.

Robert abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de ideias.

– Há de chegar o momento em que abandonarei a produção – mencionou Luppich. – E então o senhor sentirá a minha falta.

O ramo da música sem Luppich? Não iria estar ali para sempre?

– Quando? – perguntou Alex com interesse.

– O mais tardar em 1975 – respondeu Luppich. – E até lá gostaria de produzir pelo menos mais uma coisa consigo.

– Com o Quinteto não tenho problema nenhum, mas na qualidade de solista?

Alex encolheu os ombros. Deus sabia o quanto lhe custava dizer aquilo.

– Vamos aguardar até que volte a sentir-se seguro de si mesmo – sugeriu Luppich. – Espero que não precise de três anos para isso.

– Acho-te pensativo – disse Alex depois de Luppich se ter ido embora. – Estás farto de saber que já não toco como antes.

– És demasiado duro contigo mesmo – opinou Robert, a quem estava a passar algo muito distinto pela cabeça nesse momento: Alex e Lori não se pareciam em nada, nem um bocadinho. Porque é que se lembrara disso? Há algum tempo que não tinha a menor dúvida. – Disseram-me que estás empenhado a fundo nos preparativos do estúdio.

– Foi ideia do Thies. Quando ma propôs, tudo indicava que nunca mais voltaria a tocar piano.

– Keith Jarrett e Charlie Haden. Duas autênticas estrelas. És capaz de me ligar o som?

Alex assentiu. Esperavam-nos alguns instantes agradáveis, escutar Keith Jarrett, um excelente pianista. Se bem que isso também magoasse Alex.

– A primavera afeta-me mais o estado de espírito do que o outono – afirmou Ida. Estava acorçada diante das hortênsias, de onde eliminava galhos do ano anterior. Ao seu lado tinha uma caixa com doze vasos de capuchinhas. Não havia nada melhor para combater os parasitas.

– Sobretudo, se andares a escavar buracos na terra – observou Guste. – Não é algo que te apaixone de maneira especial. – Ela estava sentada no banco, a observar. Podia muito bem fazê-lo, com os oitenta e cinco anos que completaria muito em breve. – Ainda está demasiado frio para as capuchinhas. É melhor pô-las no alpendre e dispô-las no parapeito da janela, onde apanhem luz. Acho que é melhor o Momme cortar a relva amanhã, pois dá a impressão de que o tempo se vai aguentar.

Ida levantou-se e examinou as unhas, que se encontravam cheias de terra negra molhada.

– Não consigo tirar a imagem da cabeça. A Louise a afundar-se naquele canal escuro.

– Se há alguma coisa que aprendi nesta vida é que é necessário espantar os horrores, ajuda a seguir em frente. – Guste aconchegou-se no velho e largo casaco de malha.

Era isso mesmo que Ida sempre havia pensado, mas agora achava que era uma falta de sensibilidade para com Louise.

– Quantas pessoas nos deixaram já – meditou Guste, pensando no velho Bunge, o pai de Ida. Ele e ela haviam formado um casal simpático; pensou também na irmã de Tian, Ling. E no seu pequeno Jacki, que tombara na batalha das Ardenas. – Mas o teu marido está bem.

Ida assentiu.

– Vou pôr adubo no que está murcho e depois vou lavar as mãos.

– De caminho vai ver o que o Tian está a fazer. Lá em cima não se ouve nada.

Ida foi encontrá-lo na cozinha, na cave, não no primeiro andar, no seu quarto. Tian estava sentado à mesa com um livro quadrado à sua frente. Ida acercou-se: amostras de tecidos.

– Olha só este verde. É como o começo da primavera.

– A mim faz-me lembrar mais a polpa para fazer sopa de ervilhas – afirmou Ida. – O que é que estás a fazer aqui?

– A satisfazer desejos. Há anos que falas em estofar de novo as poltronas.

– No outono instalámos o aquecimento central e não foi nada barato.

– Antes de não podermos fazê-lo – advertiu ele. – Vê só a Louise.

– Isso foi uma decisão dela.

– Na realidade, não. A única coisa que a Louise fez foi abreviar o calvário.

– Gosto mais do amarelo-vivo – resolveu Ida.

– Pensei que querias algo novo.

As pequenas poltronas já se encontravam na Hofweg quando Ida ainda vivia com Campmann. O «*boudoir* do pintainho», tal como Campmann chamava à saleta de Ida, a transbordar de amarelo. Naquela época as poltronas estavam estofadas de seda, mas desde os anos cinquenta o tecido era de linho. Ida sentou-se ao pé de Tian e contemplou as amostras de tecido com ele.

– Ora vejamos – disse. – O mais importante é que seja uma cor luminosa.

Louise tinha-se afundado no canal escuro.

As imagens não saíam da cabeça de Ida.

Katja abriu a porta vestida com um quimono que havia comprado na feira e que usava amarrado solto, deixando à mostra a parte superior do peito. Calculou que alguma das suas companheiras de apartamento se tinha esquecido da chave. Quando viu quem se encontrava à sua frente, levou as mãos à seda artificial para que o quimono não se abrisse.

– Acho que sou a única pessoa que não conhece o teu apartamento – declarou Karsten a sorrir. – Tem um dragão dourado nas costas?

Nas costas possuía o carácter chinês que significava «amor», ou pelo menos fora isso que lhe garantia o vendedor ambulante da feira, mas não o disse a Karsten quando o deixou entrar. Este começou a encaminhar-se para a sua esquerda, em direção ao quarto dela, deixando-se guiar sabe-se lá por que instinto.

– Prefiro ir para a cozinha.

– Tu e eu partilhamos demasiada intimidade para ficarmos na cozinha – afirmou Karsten. – Ou será que queres apresentar-me as tuas companheiras de apartamento?

– Não estão em casa. Quem foi que te deu essa informação?

– Tive de ir à NDR e dei de caras com o teu pai na receção. Palpita-me que ele não sabe que me deixaste.

Claro que não, sobre essas coisas conversava era com a mãe.

– O que é que foste fazer à NDR?

– Uma entrevista sobre a situação no Vietname. Que o Nixon está a mandar retirar soldados americanos ao mesmo tempo que intensifica os bombardeamentos. Estavam ansiosos por conhecer a opinião de uma testemunha ocular.

– Pelo menos voltaste são e salvo.

– Ao contrário de muitos outros – retorquiu ele, e dito isto instalou-se no sofá de estilo modernista ao mesmo tempo que examinava o quarto. O seu olhar deteve-se nas fotografias, que Katja mandara emoldurar não há muito tempo.

– São tuas? – Ela assentiu. – Quem é a velhota extravagante com a gaiola do

pássaro?

– É uma vizinha do quarto andar. Costumo levar-lhe as compras e em troca ela deixa-me fotografá-la.

Karsten pôs-se de pé e observou as quatro fotos com atenção.

– As escadas fazem-me lembrar Cartier-Bresson.

– Pode ser que me tenha inspirado nele. Gosto das cenas da vida quotidiana.

– És boa – elogiou-a, e depois voltou a sentar-se. – A das bicicletas é a melhor. Também tirei muitas no Vietname. Há já muito tempo que não me restrinjo à guerra.

– O que é que queres, Karsten?

– Voltar para ti, meter-me nessa cama quentinha, debaixo da colcha indiana com espelinhos. Ouvi dizer que uma das tuas primas pertence ao Exército Vermelho.

– Não é minha prima, assim como a Florentine também não é.

– Pelo menos consegui captar a tua atenção.

– O que é que sabes sobre a Ruth?

– Os jornalistas são uns coscuvilheiros quando se sentam ao balcão do Rex e bebem de mais.

– O Rex?

– Um hotel em Saigão. Um colega meu está a trabalhar numa reportagem sobre o Exército Vermelho. Parece que já não se limitam a rabiscar palavras de ordem nas paredes das casas. O mais provável é que as coisas fiquem muito feias.

– És capaz de me facultar o contacto da Ruth?

Karsten negou com a cabeça.

– Isto é, posso tentar, se fores boa para mim. – Olhou para o recanto onde se encontrava a cama.

Katja admirou-se por Karsten não ter ficado furioso quando ela lhe gritou que se fosse embora.

– Pode ser que acabemos por ficar juntos um dia, Katja – aventurou-se a dizer, virando-se para trás já à porta. – Fera.

Cefalù. Estava farta daquela povoação. O calor, a areia, o lavadouro medieval, o teatro que representavam todos os dias, todas as noites: um casal em lua de mel. *Sicilia mia Sicilia*.

Ruth contemplava os pés, enfiados numas sandálias de salto douradas que comprara na feira. Antes faziam os seus pés pequenos, bronzeados, parecer bonitos, mas agora tinha os dedos do pé direito ligados: pisara uma concha partida na praia e a ferida tinha infetado.

– Tencionas passar o tempo todo sentada nesse muro? – András parecia

impaciente, mas suavizou o tom de voz quando viu o carro dos *carabinieri*, que passava devagar pela beira da praia. – Devíamos pirar-nos daqui e depressa. Sair da Sicília. – Deu um beijo na nuca de Ruth, terno até mais não poder.

– Para com isso – disparou ela.

András só se afastou quando deixou de ver os *carabinieri*.

– Na sexta-feira embarcaremos no *ferry* e em finais de abril estaremos em Frankfurt – assegurou. – E depois começará a ação. – Queria dizer que ele sabia ao certo o que iria começar? – Anima-te. Vamos comer uma piza ao Pino.

Foi a coxear ao lado dele até ao Pino, o bar da praia.

– Tudo isto é ridículo – afirmou. – Aqui só estamos a brincar.

– Espera e verás. Em Frankfurt e em Heidelberg vão acontecer coisas muito importantes.

Onde é que ele ia buscar essas informações? András não contava a Ruth para quem telefonava na Alemanha quando se encafuava na cabina da *piazza*, com as moedas de quinhentas liras que iam juntando. Ruth sentou-se na cadeira de plástico, a uma das mesas desconjuntadas, e András afastou a cortina de missangas coloridas da porta e entrou no bar da praia.

Duas pizzas *margherita*. A mais simples. Começavam a ficar sem dinheiro.

– Em Frankfurt vais tentar de novo levantar dinheiro da tua conta – decidiu András quando voltou com um jarro de vinho.

Como é que tal coisa podia passar-lhe pela cabeça? Apesar de as suas fotografias ainda não constarem dos cartazes de PROCURA-SE, com certeza figuravam em alguma lista.

Ruth estava farta, mas dava voltas cada vez mais rápidas naquele carrossel. Há tempos que se sentia mal.

A primeira vez que foi à livraria depois da morte de Louise, Lina sentou-se no gabinete e ficou a contemplar o papel de parede como se estivesse a viver um pesadelo do qual precisava de acordar.

*Farewell dearest, fare thee well
and blessings with thee go.
May sunshine be upon thy path
and flowers around thee grow.*

Será que já nessa altura tivera algum pressentimento?

– Tira-o – pediu quando Momme entrou no gabinete. – Por favor, tira daqui o papel. – Debatia-se contra as náuseas.

– O bilhete do Rick?

Lina assentiu.

Momme retirou os pioneses e meteu o papel no bolso do *blazer*, olhando para Lina com cara de preocupação. Como poderia ajudá-la?

– Volta a trabalhar o dia todo, anda. Eu e o Rick já não temos mãos a medir.

Lina fitou-o.

– Sou uma velha enlutada, não creio que vão querer ter alguém assim ao pé de vocês o dia inteiro.

– Enganas-te. Se não fores tu a fazê-lo, vamos ser obrigados a contratar alguém. – Não era verdade. À exceção da campanha natalícia, davam boa conta do recado, e em maio entraria um aprendiz. – Lina, encarrega-te do aprendiz que vai entrar no mês que vem. Eu não possuo a capacidade necessária para me ocupar dele como deve ser. – De todos eles, era Lina Peters, a antiga professora de liceu, quem mais jeito tinha para dar formação aos novos.

– Queres manter-me ocupada.

– Também. Em todo o caso, sempre será melhor do que ficar sentada em frente da janela da tua casa a olhar para as garrafas em cima da mesa e a ouvir *Someone to Watch Over Me*.

– Achas que é isso que eu faço?

Momme pousou as mãos nos ombros tensos de Lina.

– Sim – afirmou, começando a massajá-los.

– Fala-me sobre o aprendiz. Agora chama-se «educando», não é?

– Não é que seja nenhum miúdo – contou Momme. – Quer mudar de profissão.

– Seja, já não tem vinte anos.

– Quase trinta.

– Não havia nenhum mais jovem?

– Quis esse. É professor e até há pouco tempo era filiado no DKP¹¹.

Lina virou-se para Momme.

– Exonerado – deduziu.

– Há quem lhe chame «resolução sobre extremistas» – referiu Momme.

– Faz-me lembrar os nazis.

– O NPD¹² também se enquadra neste decreto contra os radicais.

– Parece mentira que o Brandt tenha sido capaz de fazer tal coisa.

– Foi apenas mais um a juntar-se ao coro dos defensores.

– O Brandt é o chanceler, Momme.

– Seja como for, os ânimos estão exaltados. É possível que seja apresentada uma moção de censura. Nem sequer o Prémio Nobel da Paz lhe servirá de alguma coisa.

Lina mergulhou nos seus pensamentos. Ela e Louise tinham comemorado o facto de em outubro ter sido concedido o Prémio Nobel a Willy Brandt pela

sua política conciliadora com o Leste. Poderia ter imaginado que três meses depois a sua companheira estaria morta?

– Como se chama o aprendiz? – quis saber.

– Nils – retorquiu Momme. – A mãe costumava ler Selma Lagerlöf, estás a ver como é: Nils Holgersson, os gansos selvagens. Os Luetken são de Ottensen há várias gerações. O pai passou a vida no estaleiro.

– Quer dizer então que mamou nas tetas do comunismo desde muito pequeno.

– Mais ou menos isso.

– Nesse caso, conheces a família.

– Trata-se de um companheiro de armas. Karl Luetken é alguns anos mais velho.

– Já não tenho o disco.

Momme fitou-a com cara de interrogação.

– *Someone to Watch Over Me*. Deixei-o num banco do Parque Eilbektal. Assim que cheguei à esquina arrependi-me, mas quando voltei para o buscar já lá não estava.

– Não te julgava capaz de fazer tal coisa. Não és nada sentimental.

– Desde que te conheço, houve alguns momentos como este, em que te surpreendo.

– Quando saíste disparada como uma bala da herdade do meu primo, em Fahretoft, foi um desses momentos. – Momme olhou para Lina. – Desculpa.

Ela abanou a cabeça.

– Os *Jaguars* também têm uma palavra a dizer – assegurou. – E volta a afixar o papelinho do Rick, anda. Vou ter de aguentar este tipo de coisas. – Momme tirou o papel do bolso do *blazer*. – Vou encarregar-me do Nils.

Que remédio, se quisesse viver mais um pouco. Lina levantou-se e deixou que Momme a abraçasse. «*May sunshine be upon thy path.*»

De vez em quando era assaltado pela recordação: madeira clara, frescura primaveril, cheiro a limpo. Contudo, lá fora via-se a fachada insípida da estreita casa da Herbertstrasse. Melhor dizendo, tugúrio. Prostíbulo. Bordel. Casa de má fama.

A governanta, que mantinha tudo em ordem. Junto à cozinha encontrava-se o quarto com o enorme trocador para os cavalheiros que gostavam que lhes pusessem fraldas. Pó de talco. Creme.

Nunca tinham posto nenhuma fralda a Campmann, o que ele queria era o chicote; fora assim que se tinham conhecido, em St. Pauli. Na realidade ela fazia as vezes de puericultora, com o avental e a touca bem engomados, mas naquela noite substituíra a dominatrix.

Gesche ficou a contemplar a Neuer Wall pela janela. Estava a fazer uma pequena pausa para descansar, a próxima paciente entraria pela porta a qualquer momento. Não, não podia contar aquilo, embora soubesse que a doutora Utesch estava confiante de que começasse a falar de uma vez por todas.

No dia anterior, a doutora chamara-a ao seu gabinete e dissera-lhe que, por mais satisfeita que estivesse com o trabalho desempenhado por Gesche, o ambiente da pequena clínica ressentia-se se uma das duas ou das três não contava quase nada sobre a sua vida pessoal.

Não tinha engolido a história do tio-avô, mas por que razão é que era importante para a doutora Utesch e para a senhora Unger saberem quem era a pessoa com quem ia de braço dado na galeria comercial Alsterarkaden?

Então viera à baila na conversa o apelido Campmann. E não fora da sua boca. Gesche afastou-se da janela como se lá em baixo se encontrassem os primeiros fotografos dispostos a publicar nos jornais a sua relação escandalosa. No entanto, não havia nada de escandaloso naquilo: um cavalheiro de uma certa idade que havia tirado uma jovem do prostíbulo, se bem que em privado ele continuasse a gostar de usufruir dos seus serviços.

E até mesmo isso tinha acabado: Campmann já não tinha forças, não viveria muito mais tempo, ela era apenas a sua cuidadora: acompanhava-o às terças-feiras a fim de ser submetido às transfusões de sangue.

Mas quem é que iria adivinhar que uma grande amiga da senhora Unger tinha sido casada durante muitos anos com Campmann? O mundo era uma aldeia, tal como os seus pais diziam com frequência. Estavam na Alemanha Oriental, onde essa aldeia era ainda muito mais pequena.

«É bom para mim», havia afirmado no dia anterior, quase com insolência. Graças a ele, Gesche havia retomado os seus estudos de auxiliar de ginecologia, mas isso era algo que guardava só para si. Tal como tantas outras coisas. Apenas essa frase: «É bom para mim.»

Estremeceu ao sentir uma mão no ombro. Quando se virou para trás viu a doutora Utesch.

– Desculpe por tê-la importunado ontem, Gesche. O Campmann é um assunto seu.

A interpelada assentiu.

– A minha mãe conheceu a Ida Campmann no dia em que o meu pai sofreu um acidente mortal. Eram todos muito jovens. Foi por causa dessa história que partilham que despertou a nossa curiosidade. Sinto muito.

– Agradeço-lhe por me ter contado isso. De vez em quando faz bem falar sobre assuntos pessoais – redarguiu Gesche.

Talvez um dia contasse a verdade à doutora Utesch.

Klaus tirou do piano a partitura de estudo da editora Eulenburg: *Rhapsody in Blue*, de George Gershwin. Abanou a cabeça.

– Não me digas que estás a pensar em tocar a rapsódia inteira! – perguntou assim que Alex entrou em casa vindo do terraço. – Vai cair-te a mão.

– No vaso grande nasceram jacintos-de-uva – contou Alex.

– O Altmann vai passar-se dos carretos. Porque é que não te centras primeiro nas peças curtas? Julgava que ainda tinhas o medo entranhado no corpo.

– E tenho. Ou acaso já me viste alguma vez sem a bengala durante estes últimos meses? E depois o Altmann não vai ter nenhuma síncope. Diz que, na melhor das hipóteses, poderá fortalecer a mão, que devo apenas saber quando parar.

Klaus absteve-se de perguntar qual seria o pior dos cenários.

– Da próxima vez que fores vou contigo, para que ele saiba que o teu namorado cuida bem de ti.

– Tinhas um macaco chamado *Jocko* – mencionou Alex. – O irmão mais novo do Altmann talvez gostasse dele.

Era melhor não lhe contar que *Jocko* tinha ardido em julho de 1943, no apartamento da Mundsburger Damm. O fogo trazia más recordações a Alex.

– Foi um amigo da escola que mo ofereceu. Os pais eram judeus polacos. A família foi expulsa logo em 1938.

– Já me tinhas contado, sim. Imagino como não deve ter acabado o *Jocko*. Sei que também caiu uma bomba sobre a vossa casa.

– A propósito, qual é a profissão do Heinz Altmann? – perguntou Klaus.

– O irmão mais novo? É professor. Tal como o teu pai.

– Um pede conselho à minha mãe para escolher a profissão e o outro torna-se professor como o Ernst. Pelos vistos, os meus pais foram bons exemplos na vizinhança.

– É isso mesmo que diz o Günter Altmann.

– Quer dizer então que dão à língua.

– Tenta distrair-me ao mesmo tempo que me puxa pelos nós dos dedos. E ficou mesmo muito satisfeito por ter notícias tuas e da Henny.

Alex sentou-se ao piano, mas não pegou na partitura, optando por tocar uma canção curta de Richard Rodgers: *It Might as Well Be Spring*.

Vieram-lhe à ideia os seus inícios como pianista, a tocar num bar de Bahía Blanca. As suas canções sentimentais deviam incitar as pessoas a consumir álcool. Depois, as tardes no clube britânico já ali, em Hamburgo, onde tocava as canções de Vera Lynn que os soldados lhe pediam.

Não obstante, fora longe à frente de um Quinteto que gozava de respeito, compondo bandas sonoras, embora só o fizesse desde que George Rathman estava nos Estados Unidos.

– Podes acreditar em mim quando te digo que me tornei uma pessoa humilde – afirmou, voltando-se para Klaus, que se havia sentado no sofá.

– Será que gosto de ti humilde? – perguntou Klaus. Não teria também ele sentido humildade quando Alex esteve a ponto de se esvair em sangue? A crise que julgara ter sofrido antes do acidente passara a ser uma necessidade quando sentira medo de perder Alex. – Tiveste alguma notícia nos últimos tempos do George? Que tal está ele a dar-se em Nova Iorque?

– Gostava de voltar a trabalhar comigo.

– Para isso terias de fazer um voo transatlântico.

Alex levantou-se e dirigiu-se para o sofá alaranjado.

– Sei que viver comigo não é fácil.

– Nesse caso, isso significa que já lhe disseste que não.

Alex rodeou Klaus com o braço esquerdo. A manga da camisola macia subiu e deixou à mostra as cicatrizes, agora já de uma tonalidade clara, do pulso.

– Sim – admitiu.

– Que espécie de projeto é que é?

– Um filme a puxar para o documentário sobre o William Sydney Porter, mais conhecido como O. Henry.

Klaus assentiu.

– Adoro os contos dele – declarou. – Tu e o George teriam feito um filme fantástico sobre ele.

– Por falar em contos...

– Não mudes de assunto – observou Klaus. – Os contos que eu escrevo e que escrevi não estão prontos para ser publicados. Ainda não chegou o momento de abordar às claras textos de cariz homossexual.

– É uma pena. Tenho a impressão de que tu e eu andamos às voltas com este assunto há vinte anos.

– Na vida, nem todos os sonhos se realizam. – Klaus levantou-se. – Apetece-te uma sandes? Com presunto de Parma?

– Façamos o possível para realizar esses sonhos.

– Vou tentar encontrar um editor quando tu embarcares comigo num voo de longo curso – prometeu Klaus da cozinha.

Alex não disse nada. Limitou-se a esboçar um sorriso forçado.

Diante do pequeno berço, Ida contemplava Lori, que dormia. Era verdade, aquele lindo pequenote parecia-se muito com Florentine, mas talvez ainda mais com Ling, a irmã de Tian. Ida não via nada de seu na carinha do neto, até mesmo o azul dos olhos era diferente, e também não se parecia com o seu genro.

Passara a chamar Robert assim, embora Florentine continuasse a não se

mostrar disposta a casar com o pai do seu filho. A quem fora a filha buscar tanta teimosia? A ela não, de certeza. Não tinha ela obedecido e casado com Campmann para ajudar o pai com os problemas financeiros que enfrentava? E não demonstrava também dia após dia a sua paciência na Johnsallee quando Anni resolvia armar-se na doce esposa de anúncio de margarina?

Ida decidiu dar uma volta pelo apartamento de Florentine. Estética pura. Descalçou os sapatos e sentiu o espesso tapete berbere debaixo das finas meias de náilon. Acercou-se da grande janela das águas-furtadas e apreciou a vista das árvores, que exibiam as primeiras folhas. Ficava contente por saber que o Alster se encontrava próximo, ela sempre quisera ter uma casa com vista para o lago. Infelizmente, não fora possível. Sentou-se no cadeirão *Egg* e apurou o ouvido: no quarto do menino reinava o silêncio.

Ainda assim, talvez se sentisse mais satisfeita agora do que alguma vez na sua vida. O aumento da família, o renovado afeto por Tian, um afeto que nascia do amor e do hábito.

A nota amarga era que Florentine passava demasiado tempo em Paris; sem a paciência que Robert demonstrava, esse modelo de vida já teria fracassado há muito tempo. Ele assumia as noites solitárias para se agarrar à ilusão de que tinha uma família.

O que faria Florentine nas suas noites parisienses? Iria jantar a um restaurante na companhia de Joel Grey e Marisa Berenson? Ida quase tinha deixado passar a foto da *Quick*, de tal maneira estava absorta a ler o artigo do racionalista Oswalt Kolle, que incentivava a mulher a posicionar-se por cima do homem durante a prática sexual. Fora o cabeleireiro quem lhe dissera que Florentine era mencionada nas colunas sociais. «São atores do *Cabaret – Adeus Berlim*, o filme com a Liza Minnelli», contara-lhe. «Estreia no outono na Alemanha, alguns amigos meus já o viram nos Estados Unidos. Joel Grey e Berenson. A sua filha conhece toda a gente.»

«Toda a gente.» Ida foi até à cozinha e tirou o sumo de tomate do frigorífico. Depois de se servir de um copo, tirou o molho inglês da prateleira onde se encontravam as especiarias e adicionou umas quantas gotas. Depois de atravessar a sala de estar, deteve-se diante da grande fotografia a preto e branco emoldurada. Uma estampa do Marais, o bairro onde se situava a Place des Vosges. Era a imagem nostálgica que Robert contemplava quando passava as tardes e as noites ali em vez de passá-las no seu apartamento. Em maio queria ir visitar Florentine a Paris com Lori.

Quanto a si, precisava de tirar tralha das suas divisões. A velha secretária de carvalho maciço que pertencera ao pai só estorvava, não passava de um trambolho demasiado escuro. Algum tempo atrás, quando Alex se instalara no quarto da cave da Johnsallee, ela insistira para que levassem a mesa para cima. Afigurara-se-lhe estranha a ideia de haver um novo inquilino na casa de Guste,

um homem por quem viria a apaixonar-se depois.

Sentiu um ligeiro aperto no coração. Tinha tido muito poucas aventuras, e infelizmente Alex tinha resistido aos seus encantos. Franziu a boca ao de leve ao recordar o quanto demorara a perceber que Alex amava o filho de Henny.

O espelho do vestíbulo devolveu-lhe a sua imagem. Uma mulher muito magra com umas calças justas, um camiseiro e um casaco de malha informal. Não se maquilhava muito, isso fizera-o apenas quando trabalhava com a senhora Romanow, cuja agência de modelos já tinha fechado. Uma maquilhagem discreta favorecia-a. E também o cabelo claro pelos ombros, que o seu cabeleireiro ondulava com suavidade.

– Continuas estupenda, Ida – disse em voz alta.

Demasiado alta. Lori acordou. Agradou-lhe a ideia de que a sua beleza também estivesse no menino, embora não se distinguisse à primeira vista: as feições exóticas de Tian eram demasiado dominantes. Em todo o caso, o menino possuía os melhores genes.

Ida encontrava-se à frente do espelho com o bebé nos braços quando Robert chegou.

– Ida – disse Lori, apontando para o espelho. Era um nome fácil de pronunciar para uma criança que ainda não havia feito dois anos. Em seguida, o petiz virou-se para Robert e acrescentou: – Papá.

Como soava ternurento.

A proximidade do Frankfurter Kreuz era a melhor coisa que se podia dizer do bairro de Niederrad; o lugar no parque de estacionamento pertencia ao apartamento que Friedhart tinha alugado, a partir dele o elevador conduzia ao quinto andar. Três divisões que durante os primeiros dias partilharam com Friedhart. No entanto, este não ficou ali muito tempo, as coisas não estavam famosas entre ele e András; foram uma única vez juntos a uma garagem de Hanau e envolveram-se numa violenta discussão. Já durante os tempos que haviam passado em Berlim, Friedhart considerava András um fanfarrão.

Ruth passava muito tempo sozinha no apartamento. Começava a escrever cartas a Rudi que interrompia. Por fim enviou um postal ilustrado do Monumento Niederwald que comprou numa estação de serviço. Pelo menos daria sinais de vida, para que Rudi e Käthe pensassem que se encontrava em Rüdesheim.

Ela e András passaram o dia inteiro sentados no velho *Renault* de um conhecido, a vigiar caixas económicas. Nenhuma das sucursais era adequada para ser assaltada. Abandonaram a operação, tal como abandonavam tudo. A única coisa que fizeram foi enterrar as armas que Friedhart lhes havia escondido no bosque, seguindo as suas instruções.

Em finais de abril ouviram no rádio do carro que a moção de censura contra Willy Brandt fracassara. A Rainer Barzel, o líder da oposição, que já havia apresentado o seu governo-sombra, faltaram-lhe votos para derrotar Brandt. Ruth não gostava da ideia de que tivessem declarado guerra a um governo liberal de esquerda. Sem saber como, tinham acabado na clandestinidade e não sabiam o que queriam encontrar.

Christian Anders cantou *Ich lass' dich nicht geh'n* depois das notícias da Hessischer Rundfunk. András olhou para ela e sorriu. Porque é que continuava com ele? Ruth não encontrou a resposta. Seria o eco distante do amor?

András parou o carro numa rua bastante movimentada e logo em seguida embrenhou-se no meio do trânsito para atravessá-la, uma vez que queria ir a uma cabina que havia no outro passeio. Demorou muito tempo a falar ao telefone.

Uma moto deteve-se ao pé de Ruth.

– Não pode parar aqui – informou o polícia.

– O meu namorado está a telefonar para o hospital, a mãe dele foi operada hoje – mentiu. Como era fácil para si mentir. O agente afastou-se quando viu que András se dirigia para o carro. – Somos demasiado imprudentes – queixou-se.

– Dentro de quinze dias tem início a ação – contou András. – E também vai chegar dinheiro, será trazido por um mensageiro.

Foi a primeira vez desde há muito tempo que Ruth voltou a sentir paixão quando foram para a cama nessa noite.

Talvez fosse apenas a sensação de alívio por não ter de continuar a esperar mais.

– E depois disse para com os meus botões: vou passar pela loja do Momme para fazer uma visita – contou o senhor baixinho. Afastou o boné de marinheiro azul-escuro da testa, pois estava-lhe grande.

Lina não esclareceu que a livraria Landmann tinha mais dois proprietários. Agora só dois, Louise era a terceira.

– Gosto de mulheres altas. A minha também era. Alta e esperta. O rapaz herdou isso dela – acrescentou o homem, olhando para Lina com a cabeça algo inclinada para trás.

Esta de repente caiu em si.

– Karl Luetken – disse. – O pai do nosso novo aprendiz.

O interpelado sorriu.

– Isso significa que você é a Lina – deduziu. – O Tommy já conheço. – Estendeu-lhe a mão.

Lina fitou-o sorridente e recebeu um forte aperto de mão. «Tommy»? O

nome que davam aos soldados britânicos depois da guerra? Estaria Luetken a referir-se a Rick?

– Está sozinha na loja? O Momme não está?

– Hoje são os anos dele, um número redondo, por conseguinte tem o dia livre – retorquiu Lina. – Uma comemoração com a família. – Viu que Rick saía do gabinete.

– Eu sei, eu sei. Aliás, trouxe-lhe uma garrafinha de cúmél. Mas estava convencido de que o aniversário tinha sido ontem. Se calhar durante a guerra comemorávamos antes; ao fim e ao cabo, podia ser que um de nós não continuasse vivo no dia seguinte.

Rick e ele cumprimentaram-se com cordialidade.

– Só queria ver se estava tudo bem, na segunda-feira é o Dia do Trabalhador, mas a 2 de maio o rapaz estará cá de pedra e cal. – Luetken deixou o cúmél junto à caixa registadora. – Bom, pois então desejo-vos muita sorte. Espero que nessa altura haja mais movimento na loja, para que o aprendiz não fique para aí de braços cruzados a ver navios.

Lina e Rick entreolharam-se e desataram a rir quando a sineta da porta parou de tocar e Luetken já ia a meio da Praça Gänsemarkt.

– É uma figura – comentou Rick. – Palpita-me que vai aparecer por aqui com frequência. Voltou a chamar-me «Tommy»?

Lina assentiu.

– Vai fazer-nos bem – afirmou.

¹⁰ As citações da Bíblia em português foram retiradas da Bíblia dos Capuchinhos. (*N. da T.*)

¹¹ DKP (Deutsche Kommunistische Partei) são as iniciais em alemão do Partido Comunista Alemão. (*N. da T.*)

¹² NPD (Nationaldemokratische Partei Deutschlands) são as iniciais em alemão do Partido Nacional-Democrático da Alemanha. (*N. da T.*)

Setembro, 1972

Quando Katja saiu do cinema, o sol de setembro ainda brilhava com intensidade. De repente decidira ir ver na sua folga *Sacco e Vanzetti*, o filme sobre dois operários italianos condenados à morte por serem anarquistas depois de terem sido submetidos a um julgamento controverso na América dos anos vinte. O filme abordava o tema sensível do momento, tinha dito um colega da agência.

Os jornalheiros ofereceram-lhe uma edição extra quando se encontrava na rua. Sentiu um arrepio de frio, apesar do calor que fazia nessa tarde de rescaldo do verão, ao ver a fotografia do encapuzado atrás de um parapeito de cimento e ler os cabeçalhos.

Os Jogos Olímpicos. Munique. Décimo primeiro dia. Durante a madrugada tinha ocorrido um atentado contra a delegação israelita e tinham feito reféns. Com isso, um comando palestino que atendia pelo nome de Setembro Negro pretendia que libertassem não só prisioneiros de cadeias israelitas, como também Ulrike Meinhof e Andreas Baader. Katja quase não compreendeu o texto da edição extra, pois os acontecimentos pareciam-lhe demasiado terríveis.

Os Jogos tinham começado bem, eram os primeiros na Alemanha desde as Olimpíadas de Berlim em 1936, com Hitler no poder. Katja enfiou-se na primeira cabina telefónica que encontrou e ligou para a DPA para perguntar se precisavam que fosse até lá.

Para a cerimónia de abertura, Kurt Edelhagen compôs a *Einmarsch der Nationen* com os seus três orquestradores. Dava a impressão de que a primeira medalha de ouro iria para o líder da banda, uma Alemanha alegre, uma mistura de *swing* e de folclore. No estádio, os convidados de honra levantaram-se e aplaudiram com entusiasmo ao ver a desenvoltura e a vivacidade que os alemães eram capazes de demonstrar.

Klaus quase não podia acreditar no desfecho dessa desenvoltura e vivacidade. Dois membros da equipa olímpica israelita mortos, nove reféns.

Leu as notícias no telex e telefonou a Alex.

– *The eleventh day* – observou, sombrio.

O que era isso? Uma citação de uma tragédia de Shakespeare? Ou estava apenas a refugiar-se de novo no inglês? «Porquê inglês e não espanhol? Passaste catorze anos na Argentina», perguntara-lhe Klaus certa ocasião. Alex respondera que na Argentina não passava de um apátrida, a sua pátria era o «American Songbook» e o jazz.

– Querem a libertação de cem palestinianos que se encontram em prisões israelitas e também a da Meinhof e do Baader – contou Klaus. Nesse momento, informavam na tira de papel que a primeira-ministra israelita, Golda Meir, se recusava a negociar uma troca.

– Vem depressa para casa – pediu Alex.

– Não vão conseguir libertar os reféns – aventurou-se Käthe a dizer. – Estou com medo de que a Ruth tenha alguma coisa que ver com isto.

Não, Rudi não acreditava nisso. Dava a ideia de que era uma coisa apenas dos palestinianos, mas receava, isso sim, que em maio a sua filha tivesse participado nos atentados aos quartéis do exército norte-americano em Frankfurt e em Heidelberg. Quatro mortos e inúmeros feridos. Pelo menos, Ruth estava perto, a não ser que só pretendesse fornecer uma pista falsa com o postal ilustrado que lhes enviara de Rüdesheim.

Vieram-lhe à ideia os cartazes de PROCURA-SE e cinco das fotos da fila superior. Os que eram foragidos e procurados haviam sido detidos em junho, primeiro Baader, Meins e Raspe, após um tiroteio com a polícia defronte de uma garagem em Frankfurt onde se encontravam os produtos químicos necessários para fabricar as bombas.

Dias depois capturaram Gudrun Ensslin na Linette, uma *boutique* da Avenida Jungfernstieg, em Hamburgo. E, por último, Ulrike Meinhof, em Hanôver. Os líderes da RAF estavam na prisão.

Será que agora iria aparecer a fotografia de Ruth nos cartazes? Ele e Käthe estavam muito nervosos. Rudi telefonou a Henny e a Theo. «Venham cá a casa», disse-lhes.

Sofrimentos partilhados diante do televisor. Transmissão durante quase um dia inteiro de um cerco que durou quase um dia inteiro.

Os ultimatoss dados pelos terroristas venceram. O líder do comando recusou a proposta de Genscher, ministro do Interior, de ser trocado pelos reféns. Agora negociava-se pôr à disposição um avião com destino a um país árabe levando os atletas israelitas.

No entanto, nessa terça-feira só voaram dois helicópteros com vítimas e

carrascos. Desde o recinto olímpico até ao aeródromo de Fürstentfeldbruck, onde aguardavam os francoatiradores.

O rádio estava ligado quando Katja entrou na cozinha, às seis da manhã.

– Não conseguiram libertá-los – informou Gunda com os olhos marejados de lágrimas. – Pouco depois da meia-noite. Todos os israelitas morreram, e também um polícia alemão e cinco terroristas.

Katja assentiu e serviu-se de café que Gunda havia preparado e que se encontrava numa garrafa térmica em cima da bancada da cozinha.

– Lançaram uma granada de mão na direção do primeiro helicóptero e depois dispararam contra o depósito de combustível do segundo.

Katja sentou-se à mesa da cozinha e deu uma laçada no cinto do quimono.

– Ontem à tarde fui ao cinema ver *Sacco e Vanzetti* – contou. – Conheces o filme?

Gunda levantou-se e saiu da cozinha. Regressou com um disco:

– Pela banda sonora – respondeu. – *Nicola and Bart*.

Puseram o *single* no velho gira-discos portátil, estilo mala, da Philips, que pertencia a Katja.

Here's to you, Nicola and Bart.

Rest forever here in our hearts.

The last and final moment is yours.

That agony is your triumph.

Ao ouvir a canção de Joan Baez, Katja deu, por fim, livre curso às lágrimas.

– Com que então uma viagem pelo Reno – disse Lina. – Lembras-te de quando eu e a Louise lá fomos? Antes fui visitar-te à Kanalstrasse e tu falaste-me do Ernst pela primeira vez e hesitaste quando te perguntei se ele era generoso nas suas opiniões.

– Lembro – afirmou Henny. – Estávamos sentadas na varanda, nos vasos havia fúcsias vermelhas, de que o Lud tanto gostava; plantava-as todos os anos no verão, até que o Ernst insistiu para que puséssemos gerânios. Espero que ninguém se aborreça se para comemorar os oitenta anos do Theo prescindirmos da festa e formos fazer uma viagem pelo Reno.

– Quem é que iria aborrecer-se convosco? Há anos que abrem as portas da vossa casa com a maior generosidade, bem merecem ficar os dois um tempo a sós.

– Era isso mesmo que eu queria ouvir. – Henny sorriu.

– Vão ficar hospedados, tal como nós, no Hotel Krone, em

Assmannshausen? Foi lá que conhecemos o Hugh e o Tom, o tio do Rick.

– Sim. E em Godesberg fizemos reserva no Dreesen. Um quarto com varanda em ambos. Ler com vista para as vinhas. Olha, o Rick já me separou os livros que o Theo quer.

Lina viu que estavam ali *Wallenstein*, de Golo Mann, e *Agosto 1914*, de Soljenítsin.

– E algo mais alegre? O novo romance do Kishon.

– Estás com bom aspeto, Lina. Acho-te rejuvenescida.

Ela fez uma careta.

– A Louise morreu e eu pareço-te rejuvenescida?

– A conversa que acabas de recordar... – Henny titubeou.

– Diz – retrucou a cunhada.

– Nessa época perguntei-te se ficavas triste pelo facto de quatro anos depois da morte do Lud haver outro homem na minha vida. Tu respondeste que ficavas contente por mim, porque a vida continuava.

– Nessa altura ainda tínhamos a vida inteira pela frente.

– Ainda não terminou – objetou Henny.

– Na minha não voltará a haver nem uma mulher nem um homem. – Lina fez um sinal a Nils, que olhou para elas. – Já conheces o nosso *edu*?

– *Edu*?

– A Lina quer dizer *educando* – esclareceu Nils Luetken. Fez uma vénia diante de Henny; o jovem a quem haviam recusado um cargo de professor por pertencer ao DKP e que era provável que continuasse a ser comunista no fundo possuía uns modos quase fora de moda. No entanto, agora, em vez de olhar para elas, tinha os olhos fixos na porta. – Karl *ante portas*. A presença do meu pai aqui é excessiva.

Lina sorriu.

– Deixa-o – disse. – O único senão é que não devia passar primeiro pela padaria. Começo a notar os pastelinhos folhados nas ancas.

Será que a porteira não se encontrava no prédio? De certeza que teria pegado no telefone para informar Florentine de que duas pessoas se preparavam para subir a fim de visitá-la. A princípio, Florentine só viu Ruth à porta, mas depois, da escuridão das escadas, surgiu um homem.

– Podemos entrar? – perguntou Ruth.

– Andam à vossa procura? – quis saber Florentine.

– Ainda não – respondeu András.

«À primeira vista é bonito», pensou Florentine.

E depois? Achava-o simpático? Florentine ainda não sabia, enquanto eles estavam sentados à sua mesa antiga, de estilo rústico, a comer pão com queijo

e a beber vinho tinto. A terceira cadeira era uma banqueta que Andrés levara para a cozinha para poder sentar-se.

– Podemos ficar aqui umas duas noites? – perguntou Ruth.

– Quem é que anda atrás de vocês?

– Os franceses é que não são – replicou Andrés.

– Custa-me muito ter de te pedir isto – afirmou Ruth.

– A Katja perguntou se eu te acolheria se me aparecesses à porta de casa e eu respondi que o faria sempre.

– Pois então está tudo resolvido – decretou Andrés.

– Estava a referir-me à Ruth. Não tenho duas camas.

– Posso aninhar-me com a Ruth naquela que tens.

Sim, bonito era, mas não lhe parecia nada simpático; era insolente. Florentine chegou à conclusão de que sentia muitas saudades de Robert. Da sua formalidade, da vida normal. Afinal de contas, talvez fosse mais burguesa do que gostaria.

Os dias de maio que passou com Lori e com Robert, o Jardim do Luxemburgo, lançar um barquinho à água no lago, a menina que ofereceu uma gaiota de borracha a Lorenz para o consolar quando ele quase caiu do carrossel e desatou a chorar, algodão-doce para esquecer as lágrimas de vez, *Barbe à papa*...

Durante esses primeiros dias idílicos em Paris explodiram bombas em cidades alemãs que feriram e mataram pessoas. Será que as duas pessoas que se encontravam sentadas à sua mesa tinham tido alguma coisa que ver com isso?

– Quais são os vossos planos? – perguntou a Ruth.

– Descansar dois dias e depois partir para a Alsácia – respondeu Andrés. – Os ânimos andam muito agitados por aí desde a ofensiva de maio. Foi o nosso contributo para a luta pela libertação do povo vietnamita.

– São um grupo temerário – opinou Florentine.

– Temos objetivos – responderam Ruth e Andrés em uníssono.

Este pegou na fotografia que havia atrás de si, no parapeito da janela.

– São o teu marido e o teu filho? – quis saber.

– Sim – respondeu Ruth por Florentine.

– Tens influência – afirmou Andrés.

– Sobre quem? – perguntou Florentine. – Sobre o meu marido e o meu filho?

– Sobre todos esses peixes graúdos. Sachs. Friedrich Karl Flick. O pequeno Bohlen und Halbach. E se calhar também conheces o Pompidou.

– Sobrestimas-me.

– A que propósito é que vem isto? – perguntou Ruth. – Será que pretendes sequestrá-los a todos?

András riu-se e serviu-se de outro copo de vinho.

O telefone tocou e ele assustou-se.

– Meu querido *husky* – disse Florentine quando atendeu. Reparou na tensão expectante de Ruth e de András e não mencionou a presença deles, intuindo que Robert não aprovaria essas visitas, uma vez que via apenas o perigo, não os laços que a uniam a Ruth. – Não tarda irei para casa – prometeu antes de desligar.

Talvez só quisesse que fossem uma família.

Robert continuava com o telefone na mão. Achara qualquer coisa de diferente. E aquele «Não tarda irei para casa» soara como uma maldição. A verdade é que Florentine fazia tenções de ir ao Havai na segunda quinzena de setembro para realizar uma sessão fotográfica, mais longe do que nunca. Só o voo durava mais de vinte e duas horas.

Foi ao quarto de Lori e ficou a contemplar o filho, na caminha. Desta vez em Lattenkamp, em sua casa.

– Outra vez, papá – balbuciou o menino ensonado. Nessa tarde, Robert tinha-lhe cantado um monte de vezes *LaLeLu*, a canção de embalar. Lori costumava cantá-la com ele, o pequeno dava todas as notas, pelos vistos possuía sentido musical.

Robert olhou para o relógio: passava pouco das onze, hora de ir para a cama. No caminho para a casa de banho deteve-se diante do telefone e hesitou: não sabia se devia voltar a ligar para Paris. Decidiu fazê-lo, para se assegurar de que estava tudo em ordem. Ouviu o telefone tocar durante um bom bocado, mas Florentine não atendeu. Talvez tivesse ido ao Chez Claire, um café da Place des Vosges que ficava aberto até depois da meia-noite, algo que fazia de vez em quando. Em maio tinham ido lá.

Quando por fim adormeceu, foi assaltado por uns sonhos disparatados.

Ruth e András sustiveram a respiração e não soltaram o ar enquanto o telefone não se calou, passado um bom bocado. Estavam sozinhos no apartamento, Florentine tinha-lhes dito que ia visitar uma tal Claire. Eles não sabiam quem era.

– Podemos confiar nela? – perguntou András na cama, que se encontrava no lugar que havia sido o quarto da criada, onde além disso só havia uma tábua de engomar e um estendal.

– Descansa que ela não vai dirigir-se para a esquadra de polícia mais próxima – afirmou Ruth para tranquilizá-lo. – Em todo o caso, quero que passemos aqui apenas duas noites e nem uma única além disso.

András apagou o candeeiro de pé com pescoço de cisne.

– No estendal só há roupa interior de algodão, que enfadonha – observou. – Achei que só permitiria que tocassem na sua pele peças minúsculas de seda e de renda.

– Isso não passa de um preconceito e ponto final – disparou Ruth.

András já estava a dormir quando Ruth ouviu Florentine chegar. Escapuliu-se do quarto e foi encontrá-la na cozinha, com uma garrafa de *Evian* na mão.

– Ele tem o sono pesado? – quis saber Florentine. Ruth assentiu. Florentine pousou a garrafa de água e abraçou-a. – Afasta-te. Dele, do grupo inteiro. Tu não gostas de violência e essa não é uma luta em prol da justiça. Agora é apenas uma questão de matar e de que alguém te mate.

– O András precisa de mim – respondeu ela. – Faz-se de forte, mas trata-se apenas de uma fachada. Quero impedir que morra no meio de uma chuva de balas.

Florentine afastou-se dela.

– Deixa que eu e a Katja te ajudemos a sair disto. Ou então a Kätthe e o Rudi.

– E como é que queres que eu faça isso? – perguntou Ruth. – Candidatando-me a um emprego de redatora na *Für Sie*? Receio bem que o meu certificado de bom comportamento não seja famoso. – A gargalhada que soltou foi crua e demasiado veemente. Como se quisesse chamar a atenção de András, que agora já estava à porta.

– Confidências? – perguntou, olhando para Florentine. – Deixa-a em paz. E podes enfiar os teus conselhos onde muito bem entenderes. Anda, Ruth, vamos. Vamo-nos embora daqui amanhã de manhã.

Quando voltou a ficar sozinha na cozinha, Florentine bebeu o copo com água em pequenos goles. Ajudou-a a acalmar-se.

– Não podemos salvar a Ruth, Katja – disse em voz baixa.

Rudi apalpou o sobrescrito que trazia no bolso interior do *blazer*, um gesto que repetia sem cessar há já uma hora. Não era uma sorte que tivesse sido ele e não Kätthe a abrir a caixa do correio? Se a chave que havia no sobrescrito pertencia à nova fechadura do apartamento de Ruth, não diria nada.

O selo do sobrescrito era francês, o carimbo postal quase não se conseguia ler, talvez o número pertencesse ao departamento de Estrasburgo. Percorrera a pé o longo trajeto que separava Uhlenhorst de Schanze, a fim de se acalmar. O primeiro contacto com Ruth desde há um ano, sem contar com o postal de Rüdesheim. O que iria encontrar do outro lado da porta se a chave servisse?

Chegou à Rua Schulterblatt e passou à frente do Olympisches Feuer quando viu o novo cartaz de PROCURA-SE na porta do restaurante grego e se deteve. No fundo de tudo, no canto:

RUTH EVERLING
28 ANOS
ALTURA: 1,71 M
OLHOS CINZENTOS

Ainda não tinha vinte e oito anos, iria fazê-los no mês seguinte. Porque se agarrava ele a esse dado? O dono e o empregado de mesa do restaurante, que tantas vezes os haviam atendido, também teriam reconhecido Ruth? «Tenham cuidado, vão armados», lia-se no cartaz. Ruth detestava violência. Rudi sentiu vontade de gritá-lo a plenos pulmões para que a rua inteira o ouvisse: «A Ruth Everling odeia violência.»

No seu trabalho de jornalista, ela nunca tinha utilizado o apelido Odefey, caso contrário seria esse a figurar no cartaz. «Rudi Odefey» constava das listas da Gestapo. «Nem se compara», disse ele para com os seus botões ao mesmo tempo que se dirigia para a Susannenstrasse. Apalpou o sobrescrito e tirou lá de dentro o pedacinho de cartão onde a chave estava colada. Rudi encontrava-se frente à entrada, cuja porta abriu com a chave de sempre, e depois subiu as escadas íngremes. Uma vez lá em cima, serviu-se da chave nova.

Que foto seria aquela? Onde é que a teriam ido buscar? Será que a tinham detido alguma vez? Teria cadastro? Quando abriu a porta, o apartamento cheirava a humidade, como se lá tivessem deixado alguma coisa molhada.

E, de facto, assim era: uma toalha turca largada de qualquer maneira na cozinha, ao pé do lava-loiça, mas além disso desprendia um odor a gente morta. Rudi deu uma vista de olhos em redor. Ruth tinha estado ali. Ou então outra pessoa. Há um ano que se apercebera de que a filha pretendia excluí-lo da sua vida. Porque é que lhe permitia voltar agora?

No chão da despensa havia uma garrafa vazia de *Smirnoff* e na tábua de cortar um naco de pão duro como uma pedra. Ruth quase não bebia álcool, será que ali tinha estado algum homem? Rudi levantou a tampa do caixote do lixo, onde havia apenas um papel amarrotado, que tirou de lá e alisou: a capa da *Twen* com Florentine, que outrora se encontrava por cima do lava-loiça colada com fita-cola na parede pintada a óleo.

A cama estava desfeita, no guarda-fatos ainda havia roupa de Ruth e uma meia preta que se enchera de buracos. A meia era de trama fina, não de malha grosseira, como as dos terroristas de Munique.

Rudi viu um balde de plástico ao pé da sanita. Levou-o até à pia da cozinha e encheu-o de água e de detergente para a loiça, o único produto de limpeza que encontrou. E então esfregou a casa de alto a baixo.

Teria intuído há dois anos, em junho, que seria útil continuar a pagar a conta da eletricidade e da água quando encontrou na porta a carta da companhia Hamburgische Electricitätswerke?

Da próxima vez que ali fosse levaria os seus utensílios de pintura e, se continuasse a existir a florista à porta, comprar-lhe-ia flores para a mesa da cozinha. Sempre que lá fosse.

«Mudanças», pensou Florentine. «Mudanças vitais.» Tinham começado ali, no Havai? Na praia de Kamakahonu, diante da qual se encontravam os recifes de coral? Na antiga igreja cristã, a primeira do Havai, onde entrou para se refugiar do calor? Acendeu velas, como no Ticino durante a segunda viagem que fizera com Robert. Motivos pitorescos para a reportagem de moda. O fotógrafo mostrava-se entusiasmado, ele não se teria lembrado de fotografar a sua modelo na igreja de Mokuaukua.

Não. As mudanças começaram na Place des Vosges, quando Ruth e András estiveram em sua casa.

«Mudanças», pensou Florentine quando viajava no avião da Lufthansa de regresso a Hamburgo. Lori e Robert. Tian e Ida. Alex, que continuava a ter um lugar no seu coração. O que havia de mais valioso do que estar rodeado pelas pessoas que amávamos?

Em Hamburgo, Robert aguardava-a no terminal das chegadas, com Lori ao colo. Era uma sorte ser recebida com tanto carinho. Ela pensou nisso, ele pensou o mesmo. Florentine deu-lhe um beijo demorado que rematou com outro no olho direito, que ele fechou. O olho de vidro parecia riscado.

– Precisas de o trocar?

– Já marquei uma consulta na Schlüterstrasse.

– Põe um verde. Há muito tempo que queres voltar a ter os dois olhos verdes.

Robert fitou-a com uma expressão inquieta.

– Já não queres ter um *husky*?

Pousou o menino no chão para poder pegar nas malas de viagem, e Lori agarrou-se à mão de Florentine.

– Quando fiz escala em São Francisco vi um *husky* siberiano com os olhos verdes – respondeu ela.

Robert deixou Florentine e o petiz na Milchstrasse e ele conseguiu estacionar por fim o carro junto à Igreja de São João. O bairro estava cada vez mais na moda, automóveis espampanantes entupiam as ruas estreitas, quase não se conseguia estacionar. Na garagem alugada encontrava-se o carro vermelho de Florentine, o *Peugeot* descapotável, que já tinha seis anos. Ela quase nunca conduzia desde que o filho tinha nascido.

Dois olhos verdes. O que é que estaria a acontecer a Florentine? Lembrou-se da conversa telefónica que haviam tido quinze dias antes, em que a achara esquisita: «Não tarda irei para casa.»

Estaria a preparar-se para se separar com tato? Um gesto generoso antes de lhe dizer adeus? Que só precisava dele para cuidar de Lori? Invadiu-o um medo desmesurado enquanto carregava com as malas para casa.

Lori veio recebê-lo à porta com um sorriso radiante e uma bonequinha havaiana nas mãos.

– Não pude evitar comprá-la – comentou Florentine. – E para vocês trouxe umas camisas havaianas, que estão nas malas. – Riu-se.

– Alguma coisa mudou – disse Robert.

Florentine olhou-o fixamente com ar pensativo, ou então foi o que ele achou. No entanto, só voltou a tocar no assunto após o jantar, quando, depois de ter levado Lori para a cama e cantado *LaLeLu* as vezes suficientes, se instalou no cadeirão *Egg* e ele no tapete berbere.

– Vamos para a cama, *husky*, fazer amor.

A luz ténue do candeeiro no seu corpo. O tom suave da sua pele, que brilhava como seda. Robert inclinou-se na direção da mesinha de cabeceira, abriu a gaveta e tirou um preservativo.

– Não o ponhas.

– Vens de outro fuso horário – recordou-lhe. – Sabes bem que em casos como este não podemos fiar-nos muito na pílula.

– Não a tomo desde a última vez que me veio o período.

Robert endireitou-se.

– O que é que se passa?

– Tens muito jeito para ser pai, meu querido *husky*.

– O que é que queres dizer com isso?

– Que quero ter outro filho teu – declarou Florentine.

Fevereiro, 1975

– Conhecemo-nos há vinte e dois anos – observou Luppich. – Nada mais, nada menos. Fico muito contente por eu e você podermos ter a possibilidade de realizar uma última produção antes de me reformar.

Add the Blues. Era o título que Klaus havia proposto para o trabalho. E enquadrava-se tão bem com as canções que gravavam desde finais de janeiro no estúdio 10 da Oberstrasse que ninguém duvidava de que o álbum não fosse ser editado com esse mesmo título.

Luppich olhou para Alex, que era cerca de uma cabeça mais alto do que ele e se apoiava quase de maneira displicente na bengala de madeira de ébano com castão de prata.

– Não lhe parece que chegou o momento, agora que a nossa colaboração se aproxima do fim, de revelar o segredo do seu ferimento de guerra, senhor Kortenbach? Há muito tempo que não o vejo sem a bengala; precisa dela como consequência desse tal ferimento? Lembro-me de que há alguns anos o senhor não a usava.

– Nessa altura dependia de um medicamento que infelizmente foi retirado do mercado. Sem ele o meu andar é instável, e a culpa é do meu precário sentido do equilíbrio. Além de que quero evitar a todo o custo cair de novo.

– Trata-se de uma consequência dessa bala que lhe passou a rasar a cabeça? – insistiu Luppich.

Alex soltou um suspiro. Tempos antes, numa estreia no Cinema Streit's, contara essa mentira em vez de dizer ao produtor que um distúrbio neurológico lhe causava problemas de vez em quando. Queria evitar que corresse o boato de que uma doença em estado avançado pudesse pôr fim à sua carreira antes do tempo. A história do ferimento de guerra parecera-lhe inofensiva. Revelar a verdade agora?

– Permita-me guardar esse segredo, o outro o senhor já conhece.

Luppich sorriu. Era um homem muito curioso.

Tinham gravado *Gloomy Sunday*, e a canção seguinte era *God Bless the Child*. Alex não havia cedido ante a insistência de Luppich: não cantava em nenhuma das peças, gostava demasiado de Billie Holiday e de Nina Simone, e a

hipótese de ele cantar parecia-lhe uma blasfémia.

No entanto, voltara a adquirir uma qualidade ao piano que o satisfazia, embora, salvo quando gravava, continuasse a manter o pulso ligado, algo que ao fim de quatro anos o fatigava em excesso. Se trabalhasse no estúdio durante semanas, precisava de ir ao fisioterapeuta, sem ele não teria sido capaz de conseguir aguentar.

– Ouvi dizer que a Florentine Yan já tem dois filhos. Calculo que deva manter o contacto com ela por intermédio do seu amigo, o cavalheiro chinês; estou enganado?

– Não está enganado, com efeito. Agora tem também uma filhinha.

– E não sente nem uma pitada de inveja?

Alex arqueou as sobrancelhas. Luppich encontrava sempre um limite que ultrapassava com a maior desfaçatez. A verdade era que ele e Klaus tinham sentido um grande alívio quando dois anos antes, em julho, Loretta nascera.

A menina invalidou a teoria médica sobre a definição da cor dos olhos e, ao cabo de algumas semanas, já possuía os olhos verdes do pai. Não restavam dúvidas de que era filha de Robert. Será que Alex ainda pensava que podia ser o pai de Lorenz? Procurava não o fazer, só de vez em quando era assaltado por essa ideia.

– Não, inveja alguma – respondeu.

– Bom, pois então amanhã toque *God Bless the Child* – recapitulou Luppich a sorrir. Saíram do estúdio da Oberstrasse e Alex decidiu dar um pequeno passeio e ir visitar os seus amigos da Johnsallee.

– Calculo que só terei mais uma primavera – contou Guste. – A ver se chego a junho, ao meu aniversário: serão oitenta e oito. Algum dia lá teremos de partir para o outro lado.

Cada um deles tinha à sua frente chávenas com chocolate e tomavam-no na cozinha da cave. Lá em cima, as filhas de Momme e de Anni faziam uma barulheira tremenda. Os Yan não estavam em casa.

– Estão a tomar conta dos miúdos na Milchstrasse. Agora que são quatro, a jovem família faz tenções de se mudar para um apartamento grande. Sabias disso?

Alex negou com a cabeça. Em todo o caso, era boa ideia terem por fim uma casa em comum.

– Fica mais um pouco neste lado, Guste – pediu Alex.

– *I do my best*, como tu mesmo dirias. – Guste sorriu, pensando no jovem que chegara à sua casa havia tanto tempo e que queria morrer. Continuava sem grande saúde, mas lá ia arranjando maneira de superar os seus achaques.

– Não te esqueças de que em setembro queremos beber o teu ponche de

bagas de sabugueiro.

– A Louise adorava. Também leva pera. – Guste olhou para Alex. – Já que estamos a começar a embebedar-nos mentalmente, gostava de te perguntar uma coisa.

– Pergunta – retorquiu Alex, com uma tensão que não escapou a Guste.

– Sempre foste um homem com segredos. Talvez seja melhor não os desvendares – opinou após uma certa hesitação.

Alex deixou passar a ocasião de descobrir se Guste desconfiava que tinha ido para a cama com Florentine. Esse segredo não era só seu.

– A Florentine e o Robert andam à procura de apartamento na Sierichstrasse – contou Guste. – A Ida diz que são bastante grandes. – Levantou-se. – Vou pôr umas batatas na frigideira. Não me sai da cabeça que estás pele e osso desde 1949.

– Foste a primeira pessoa que me fez fazer parte de uma comunidade, Guste. Já quase não consigo explicar a mim mesmo como foi que aguentei todos aqueles anos solitários na Argentina.

– Além de que no início me achavas demasiado metediza.

– Fui obrigado a aprender de novo a conviver.

– E depois o Klaus entrou na tua vida e, com ele, a Henny e o Theo – recordou Guste. – Com eles soltaste-te. – Para ela, Alex tinha sido um filho desde o primeiro dia, tal como Jacki. Eram da mesma idade, Alex e ele, só que Jacki não sobrevivera à guerra.

– O Klaus foi o último dos três que eu conheci. Foi uma sorte tremenda encontrar uma família nova e em Konstantin um filho, apesar de ser apenas seu padrinho.

– Gostarias de ter tido um filho?

Outra vez esse assunto. Primeiro Luppich e agora Guste.

– Essa é uma pergunta que não voltei a fazer a mim mesmo desde que me apaixonei pelo Klaus.

Guste fungou ao de leve, por causa das cebolas que estava a picar.

– Tenho umas costeletas no frigorífico. Apetece-me uma, comes a outra?

– Não conheço ninguém que goste tanto de engordar as pessoas. Primeiro um chocolate e agora costeletas com batatas.

Guste deitou as cebolas na frigideira e lavou as mãos com água fria. Em seguida abriu o frigorífico. Alex levantou-se para pôr a mesa.

– Quero-te deste lado da vida, Guste – afirmou. – Por isso, não tenhas muita pressa em abandoná-lo.

– Gostava de voltar a fazer um parto – confessou Marike. – Agora deixo as minhas pacientes nas clínicas quando estão na reta final da gravidez e elas

regressam com os bebés que outros ajudaram a trazer ao mundo. O Konstantin disse-te que quer ser médico?

Não, a avó ainda não sabia de nada.

– Mas ele ainda só tem doze anos – replicou Henny, pousando a chávena de café. O rapaz sabia cedo de mais o que queria da vida. Dava a impressão de que Konstantin já se havia despedido da infância.

– Tenciono encarregar-se do consultório lá mais para a frente, desse modo daria continuação a uma tradição, e de certeza que o Theo vai ficar muito contente. A Neuer Wall fica situada num local estupendo, seria uma pena deixá-la.

– Mas tu ainda és muito jovem – comentou Henny. Da sua parte, já era apenas uma visita no consultório da filha desde que Gesche passara a trabalhar lá cinco dias por semana; depois da morte de Campmann, já não havia motivo algum para ficar com as terças-feiras livres.

Marike riu-se.

– O Konstantin ainda tem um longo caminho pela frente.

– Eu também gostava de fazer um parto mais uma vez – afirmou Henny. – Sinto saudades do trabalho, embora às vezes sonhe com partos que não correm bem.

– Hoje em dia muitas coisas são bastante mais seguras do que antes. Nos Estados Unidos, o Bräutigam familiarizou-se com o uso da ecografia, que é muito útil não só como ferramenta de auxílio no diagnóstico pré-natal – observou Marike. Levantou-se a fim de recolher as chávenas; o horário do almoço terminara, e Gesche e as pacientes não tardariam a chegar.

– O Bräutigam? O chefe do serviço de ginecologia do Hospital Marienkrankenhaus? Tenho de contar isso ao Theo, pois continua a interessar-se imenso por todas essas coisas.

– Como é que está a Kätthe? – perguntou Marike quase no último momento, quando Gesche já havia chegado e a sua mãe já se encontrava de casaco vestido à porta do consultório.

– Mal. Ninguém sabe por onde é que anda a Ruth, e o Rudi está tão preocupado com a Kätthe que se fecha em si mesmo. Passa dias inteiros a desenhar no apartamento da Ruth, em Schanze. A Kätthe diz que são desenhos tão sombrios como aqueles que costumava fazer quando era prisioneiro de guerra.

– Como é que podemos ajudá-los?

– Eu proponho-lhe fazer algumas coisas para se distrair, mas a Kätthe nem sequer tem vontade de ir ao cinema ou de ir comer bolos. E o Theo também quase não consegue aproximar-se do Rudi; arranja sempre alguma desculpa quando o Theo quer encontrar-se com ele.

– Achas que a Ruth tem consciência do que está a fazer aos pais? Ou será

que nem sequer se importa com isso há já muito tempo?

– É mais provável a segunda hipótese – opinou Henny, e dito isto abraçou Marike e despediu-se com um aceno de mão de Gesche, cuja aparência continuava a ser tão esmerada e discreta como no decurso dos primeiros anos, mesmo depois de ter herdado uma pequena fortuna de Campmann.

Nessa noite, quando estava sentada na companhia de Theo junto ao calor da lareira, Henny esqueceu-se de mencionar a ecografia e o Marienkrankenhaus.

– Já sabias aos doze anos que querias ser ginecologista? – perguntou-lhe.

– Nem sequer conhecia essa palavra – respondeu Theo. – Mas a verdade é que queria ser o médico de Duvenstedt, afinal de contas cresci nesse consultório.

– O teu irmão não partilhava dessas ambições?

– O Claas nasceu para ser funcionário público. – Theo suspirou: a última vez que vira o irmão mais novo tinha sido no enterro da mãe de ambos. E isso já fora há muito tempo. A última notícia que soubera a seu respeito era que agora vivia em Lauenburgo. Levantou-se a fim de servir um xerez a Henny. – E quem é o ginecologista de doze anos? Não é o Konstantin, pois não?

– O próprio.

– E contou isso à mãe dele?

– Sim. A Marike está entusiasmada.

– Pelos vistos, está a tornar-se um rapaz ambicioso. Há poucos dias passou por aqui e tocou-me uma peça de piano que faria com que o Alex se sentisse bastante honrado. As aulas estão a dar os seus frutos.

– Dentro de pouco tempo, o Konstantin terá aulas com uma professora de piano que estudou com o Heinrich Neuhaus. O Alex diz que já não pode ensinar mais nada ao garoto.

– Típica dele, essa modéstia excessiva.

– Creio que tocar piano implica um esforço muito maior do que ele quer admitir – observou Henny. – O Klaus diz que ele voltou a ir ver o Altmann várias vezes por semana.

– Por falar em filhos e em preocupações: a Käthe veio cá a casa... Com a quantidade de coisas que os dois aguentaram, e esta situação ainda por cima ameaça acabar com eles.

– Começo a ter raiva da Ruth – declarou Henny, e ela mesma se assustou com a sua própria afirmação. Porque é que dissera tal coisa?

Theo fitou-a com atenção.

– Compreendo-te, mas isso não servirá de ajuda para ninguém. A Käthe pediu-me para falar com o Rudi e tentar descobrir o que ele faz na Susannenstrasse. Vai para lá todos os dias a partir do meio-dia.

- Tem um horário fixo?
 - Desde princípios de fevereiro. A Kätthe diz que desse modo tenta tecer uma teia para que os dias não o subjuguem. Amanhã irei a Schanze.
 - A Kätthe e o Rudi pagam a renda do apartamento?
 - Não. O mais surpreendente é que continuam a depositar dinheiro na conta que a Ruth tem na Caixa Económica, é o único movimento que se verifica na conta.
 - É muito estranho que o senhorio não lhe tenha rescindido o contrato há que tempos.
 - Talvez desconheça os círculos por onde se movimenta a sua inquilina.
 - O que é que pensas dizer ao Rudi?
 - Que já vai sendo tempo de se preocupar com a Kätthe e que, mesmo que dê a filha como perdida, não pode continuar a deixar-se arrastar pelo desgosto.
 - Que sorte tivemos nós com os nossos filhos e netos – comentou Henny.
- Oxalá assim continuasse. Henny contemplou o lume, que já não era tão vivo, e pôs-se de pé a fim de tirar dois toros de lenha do cesto de vime e atirá-los para a lareira. Kätthe aguentara muito mais privações do que ela. A única coisa que nunca tinha sofrido nenhum dano era o amor que Kätthe e Rudi professavam um pelo outro, por mais duras que tivessem sido as provas com que a vida os presenteara. Recusava-se a pensar que houvesse alguma coisa que pudesse mudar isso.

A velhota franzina que veio receber Theo à porta da Susannenstrasse à primeira vista não confiou nele.

– Vamos, entre – convidou-o, fechando a porta depois. – A campainha não funciona há alguns dias, mas ninguém trata de nada.

Subiram as escadas íngremes até ao primeiro piso.

– Aqui vivo eu, mas o senhor vai ter de subir até ao terceiro andar. Bata com força com os nós dos dedos, pois pode ser que a campainha também não esteja a funcionar.

– Assim farei – respondeu Theo. – Obrigado por me deixar entrar.

– Vê-se que o senhor é um homem de bem, a gentilha não deixa eu entrar. Esta manhã armou-se lá em cima um belo estardalhaço. Claro que pode até ter sido no último piso, é indiferente. Há bastante tempo que não vejo a jovem do terceiro andar. O senhor conhece-a?

– A Ruth é filha de dois bons amigos meus.

– Nesse caso, o senhor dos caracóis grisalhos é o pai, não?

– Sim – replicou Theo. Afinal tinha reparado na presença de Rudi.

– Foi isso mesmo que pensei, ao reparar nas parecenças.

Algo que dificilmente podia ser verdade, já que, ao fim e ao cabo, Rudi não

era o pai biológico. No entanto, Theo assentiu, sorridente, e despediu-se. Subiu mais dois andares e só respirou fundo quando viu a placa que havia por cima da campainha. Não era aquela porta. Acercou-se da outra. Viu algo pelo canto do olho que o fez hesitar quando se preparava para tocar à campainha sobre a qual figurava o nome de Ruth. Só quando olhou de novo é que se deu conta do motivo do seu desconcerto: a porta estava lacrada. A algazarra da manhã tinha sido causada pela polícia.

Theo consultou o relógio: passava pouco do meio-dia e meia hora.

Será que Rudi tinha ali estado meia hora antes e, ao ver a faixa de isolamento da polícia, voltara para casa com Käthe? Podia ter-se cruzado com ele na estação de metro de Feldstrasse.

Theo apurou o ouvido, nas escadas reinava o silêncio. Não sabia o que fazer, mas por fim desceu e voltou a deparar-se com a Susannenstrasse. Levantou a gola do sobretudo, teve a sensação de que durante os dez minutos que haviam transcorrido a temperatura tinha baixado.

Quando Theo passou diante do Olympisches Feuer, alguém deu umas pancadinhas na ampla janela: Rudi. Theo sentiu o coração acelerar de pura alegria e gratidão ao ver o amigo que lhe acenava. Os óculos ficaram embaciados por causa do calor quando entrou no restaurante. Os dois homens abraçaram-se como se um deles tivesse desembarcado no cais depois de ter passado semanas em alto-mar.

- A polícia selou a porta.
- Bem sei, acabei de ver.
- Foste ao apartamento? Porquê?
- Para falar contigo.
- Podias ter ido a nossa casa para isso. Ou então teria eu ido à vossa.
- Está à vista que não fomos capazes de fazer isso – respondeu Theo. Sentou-se à mesa e pegou na ementa, mas pediu apenas uma cerveja, tal como Rudi. – Vais à polícia? Será fácil provar que não tens antecedentes.
- Achas que eles não estão na posse da lista que tinha a Gestapo?
- «Repressão policial»? Também tu comesas a acreditar nisso? Li que a RAF gosta de utilizar estas duas palavras.
- A RAF – repetiu Rudi com amargura. – Sobre o que é que querias falar comigo?
- Que precisas de salvar a Käthe.
- Salvar a Käthe?
- Está a afundar-se porque tem medo de te perder. A Käthe diz que não te mostravas tão reservado quando regressaste dos campos de concentração ou da guerra.
- Quando voltei da Rússia, talvez tivesse razão ao não ser capaz de acreditar na sorte durante muito tempo.

– Tiveste muita sorte.

Rudi bebeu um trago de cerveja, que já ali se encontrava há demasiado tempo e perdera o gás.

– A Kätke fez um aborto, estava grávida de mim – contou. – Soube disso não há muito tempo.

Theo tentou dar a impressão de que não sabia de nada, mas Henny tinha-lhe contado muitos anos antes, depois de ele se ter recusado a fazer um aborto a uma das suas pacientes.

– Estás chateado com ela por causa disso? – perguntou-lhe.

– Não estou chateado com ela. Tinha dezanove anos e eu dezoito. A Grit não teria permitido que eu me casasse com ela, não se podiam nem ver. Repara só nas coisas que me acontecem com esta idade...

– Sempre te admirei por nunca teres caído na amargura.

Rudi ergueu os olhos.

– E estou a fazê-lo agora?

– Só te peço que não esqueças que a Kätke é o amor da tua vida.

– E sê-lo-á até ao dia da minha morte, Theo.

– Muito bem. Queres que vá contigo à polícia? Imagino que não vais querer voltar a entrar naquele apartamento.

– Não. Vou tentar rescindir o contrato de arrendamento.

– E se a Ruth voltar?

– A Ruth não vai voltar. – Rudi fez um sinal ao empregado de mesa e pagou as cervejas. – Ali em baixo, à esquerda – indicou quando Theo abriu a porta.

Theo assentiu: já tinha visto a foto de Ruth noutros cartazes.

– Vamos ter com as nossas mulheres, anda – propôs.

Cinco divisões e uma cozinha espaçosa. Na parte da frente, uma varanda; nas traseiras, uma marquise. Um corredor comprido como a Ponte Köhlbrand, que fora inaugurada em setembro do ano anterior. «Este apartamento é grande de mais», disse Robert para Florentine. «Ou será que estás a pensar em aumentarmos a família?»

Num dos quartos instalar-se-ia Pina, que Florentine havia conhecido na feira da moda de Milão. Lá, Pina era pau para toda a obra, e também seria isso mesmo em Hamburgo. A senhora Kuck não podia dar conta de duas crianças sozinha.

Robert teve pena de se desfazer do pequeno apartamento nos arranha-céus de Grindel, mas a mudança deixou-o feliz. Acaso achara isso possível durante os muitos anos de namoro?

Desta vez também Florentine renunciava a alguma coisa: ao apartamento de Paris. Pretendia alugar o estúdio de Pöseldorf, desse modo cobririam em parte

as despesas da Sierichstrasse. Contudo, Florentine fazia tenções de aceitar muitos trabalhos para poder dar-se ao luxo de ter a vida que acima de tudo gostava de levar. Já tinha trinta e quatro anos e continuava sem ter uma vaga na agenda.

Robert empurrava o carrinho com Loretta em direção ao Alster; a filha tinha dezanove meses e, ao contrário de Lori, bastante mais tímido, era um autêntico furacão. Também ele era assim esperto e agitado, garantiam as suas irmãs, e nisso concordavam as quatro.

Na Sierichstrasse reunira-se com o pintor para decidir a cor com que pretendiam pintar as paredes. Mas afinal o que estava a dizer? Era melhor não se deixar enganar. Tinha as amostras que Florentine lhe havia dado antes de partir para Londres. Se fosse um passarinho, Robert não teria permissão para colocar nem um raminho sequer por sua conta no ninho.

– Etta – disse Loretta, dando gritos de alegria. – Lori.

A senhora Kuck acabava de ir buscar Lorenz à creche. Depois, Robert encarregar-se-ia das crianças, uma vez que tinha o dia de folga. Alex continuava no estúdio da Oberstrasse e graças a isso o horário de Robert era mais flexível.

A partir da Sierichstrasse entrou na Bellevue.

– Robert – ouviu alguém chamá-lo pelo nome.

Quando se virou para trás deparou-se com Lina, que saía da Körnerstrasse. Seria difícil para ela ver a ponte na outra extremidade da rua quando ia visitar Henny e Theo? A ponte cuja balaustrada Louise abalroara com o *Jaguar*? Continuava a chamar de imediato a atenção o sítio onde haviam consertado a balaustrada e a alvenaria.

– A tua filha é a tua cara – comentou Lina assim que os alcançou, olhando sorridente para o carrinho. – Os mesmos olhos verdes e o mesmo cabelo negro.

Um negro que Robert conseguia com uma pequena ajudinha, ao contrário de Alex, que deixava que os primeiros cabelos brancos lhe assomassem às ténporas. Contudo, não era ele que empurrava um carrinho, nem a quem perguntavam se o bebé era o seu primeiro netinho.

– A Henny contou-me que vão mudar-se para a Sierichstrasse. É uma ideia sensata, essa de parar de viver em dois apartamentos.

– Sim – concordou Robert. – Além disso, ficaremos perto da Körnerstrasse, por isso a Henny e a Ida poderão encontrar-se quando a Ida estiver a tomar conta das crianças. Como é que tu estás, Lina? Quase não nos vemos.

– Muito bem. No entanto, já se passaram três anos e ainda não sou capaz de levar as roupas da Louise à Cruz Vermelha. O perfume dela está impregnado em tudo.

– Ainda tens as roupas no guarda-fatos?

Lina abanou a cabeça.

– Meti-as no baú que a Louise trouxe de Colónia para Hamburgo. E não veio de barco, mas sim de comboio. Sempre teve tendência para exagerar, até na escolha da bagagem.

Robert sorriu.

– Espero que venhas à inauguração do apartamento – afirmou. – Sinto um grande carinho por ti desde que te conheci. Na festa que a Guste deu no jardim, quando desci da pereira e vieste apresentar-te.

– O afeto é mútuo – assegurou ela.

Ambos pareciam constrangidos, apesar dos vinte e quatro anos que os separavam.

– Etta – intrometeu-se Loretta, para quem a conversa estava a durar demasiado tempo. Tentou descer do carrinho.

– Vais para a Milchstrasse?

– Sim, a senhora Kuck vai levar o Lorenz para casa.

– Lorenz e Loretta – disse Lina. – Bom, eu vou andando para o carro.

Voltaram a cabeça uma vez mais e despediram-se com um aceno de mão.

Lorenz e Loretta. Como recordação de uma igreja coberta de areia em Skagen, a Igreja de São Lourenço. E também por causa de uma promessa que Florentine fez quando se amavam na areia. Quando Loretta nasceu e Florentine insistiu em dar-lhe esse nome, passou pela cabeça dele que talvez ela estivesse a cumprir a promessa então, com a menina.

Cruzar a fronteira dos Países Baixos com a Alemanha já se havia tornado demasiado perigoso em outubro; permaneceram na região de Aquisgrano até que nos primeiros dias de novembro chegaram a Coblença, não muito longe de Wittlich, em cuja prisão o ativista Holger Meins estava prestes a morrer.

Ruth e András mudaram de novo de localização no início de fevereiro, foi uma coincidência que se tratasse do dia em que a direção da RAF, em Estugarda, pôs fim à greve de fome na prisão de Stammheim. Em Hanôver foram buscar documentos de identificação roubados e em branco, que levaram para Hildesheim a fim de serem falsificados. András fartava-se de reclamar, pois só lhes atribuíam tarefas triviais e insignificantes.

Ruth encontrava-se por detrás das cortinas nesse apartamento, não muito longe da catedral de Hildesheim, onde já estavam há duas semanas. O dia apresentava-se feio e chuvoso. András já saíra de casa há três horas, tinha ido procurar uma loja de artigos de caça.

– Quero que me mostrem uma coisa – dissera. – Com o cabelo tão curto como o tenho agora, pareço um respeitável caçador da Baixa Saxónia em busca de javalis.

Ruth usava agora o cabelo pelos ombros, em vez do cabelo curto e ondulado com que aparecia no cartaz de PROCURA-SE. Ela e András tinham trocado de penteado. Pintada de loura, parecia uma Goldie Hawn mal-humorada.

No apartamento tinha vivido até janeiro a tia de Friedhart, que depois se mudou para um lar de idosos. Os vizinhos saudaram com cordialidade os bons amigos do sobrinho, que se haviam deslocado até ali a fim de fechar o apartamento.

De vez em quando, Ruth e András levavam para baixo caixas de cartão e móveis pequenos, que transportavam no carro com matrícula falsa de Aquisgrano até ao ferro-velho ou a um ponto de recolha da organização Arbeiter-Samariter-Bund, ou então visitavam a tia de Friedhart, que se mostrava agradecida.

– Temos de ter muita paciência – afirmou András. – Em abril está planeado algo muito importante em Estocolmo.

Por sua vez, não mostrava a paciência que pedia.

E depois Ruth já estava a perder a sua. Onde é que András se havia enfiado? Hildesheim era demasiado pequena para andar a vaguear por ali. Estaria a fazer tenções de se ir embora? De fazer alguma coisa? De se entregar?

De vez em quando pensava nisso, mas não dizia nada. Seria amor, então? Ruth soltou um suspiro de alívio quando viu passar o carro de András.

– Porque é que demoraste tanto?

– Pedi que me mostrassem armas, conversei com um caçador. Para caçar javalis é necessário armas de grande calibre.

– Espero que não tenhas dado com a língua nos dentes.

– Não sejas tão severa, Ruth. Hoje iremos ao jugoslavo comer um belo churrasco. Vai fazer-nos bem.

A churrasqueira Branko era um edifício baixo revestido de fibrocimento que se encontrava no parque de estacionamento de uma loja de materiais de construção. O churrasco era perfeito para fazer com que uma pessoa se tornasse vegetariana. Ruth só tinha visto tamanha quantidade de carne queimada no Branko.

András era um leão voraz e a cada três dias devorava quilos de carne. Nessa noite também aviou sozinho uma boa quantidade da carne que havia na travessa; Ruth só comeu o arroz e as tiras de pimento.

Branko pousou na mesa dois copos de *slivovitz*¹³.

– Da parte do cavalheiro lá do fundo – disse.

O cavalheiro do fundo era a única pessoa além deles os dois que permanecia no restaurante depois das nove horas; ali as noites terminavam depressa. Ruth lançou uma vista de olhos e viu que o homem erguia o copo para brindar com

András. Não lhe agradou.

Quando se pôs de pé a fim de ir pagar ao balcão, András caminhava aos esses. Na sua mesa havia quatro copos vazios, ela não tinha bebido nenhum; o cavalheiro do fundo já não se encontrava no restaurante.

Ruth sentou-se ao volante, só lhes faltaria chamar a atenção por conduzir em estado de embriaguez.

Um carro-patrulha atravessou-se atrás do seu carro, impedindo que Ruth fizesse marcha-atrás. A luz azul intermitente cintilava silenciosa.

As portas abriram-se de repente, András disparou logo em seguida.

Quando lhe puseram as algemas, corria pelas mãos de Ruth um sangue que não era seu. Ao pé do carro com matrícula de Aquisgrano jaziam dois corpos sem vida. Um deles era o de András.

¹³ Bebida alcoólica muito forte, incolor e destilada a partir do sumo de ameixa, muito semelhante ao bagaço. (*N. da T.*)

Abril, 1975

– Dou graças por não poder matar mais ninguém nem que alguém a mate – afirmou Käthe.

Com efeito. Era isso mesmo que Rudi pensava, mas Käthe recusou-se a ir com ele ao estabelecimento prisional quando o advogado estabeleceu o regime de visitas para os pais. Foi Katja quem o acompanhou.

Rudi não reconheceu a mulher de cabelo comprido e louro que apareceu nas fotografias de todos os jornais. Ruth, que quando era pequena quisera mascarar-se de tília vermelha na festa de Carnaval da escola, mas na loja já não havia papel crepom de cor vermelha.

«Só vou poder ser uma tília cor-de-rosa», foi o que disse a menina quando surgiu à porta da cozinha. No dia em que o avô pediu a Käthe e a Rudi que cuidassem dela, pois iria morrer em breve, Theo também se encontrava na cozinha da casa meio em ruínas. Rudi contou essa história a Katja, que conduzia o velho *Ford* para ir até Lübeck-Lauerhof.

– Não te tortures recordando coisas da infância dela – aconselhou Katja.

– Neste exato momento parece-me que é a única coisa que me resta – respondeu ele. Estava com medo de ver a filha.

No entanto, depois tudo se desenrolou demasiado depressa. Levaram Ruth para o outro lado da divisória. «Com a sua roupa», pensou Rudi, claro que acaso não costumava parecer cinzento tudo o que Ruth vestia? Via-se o seu cabelo escuro crescer, o louro tinha sido cortado à altura do queixo.

– Estás viva – disse Rudi. – E isso é o mais importante.

Ela não disse nada. Parecia contemplar a estreita superfície de fórmica onde apoiava as mãos. Só ergueu os olhos quando anunciaram que o tempo da visita chegara ao fim.

– Claro, papá.

Voltava a oferecer-lhe aquela palavra para o consolar? Rudi tentou sustentar-lhe o olhar para não voltar a perdê-la.

– Amamos-te, Ruth – disse-lhe. – A Katja também está do teu lado. Trouxe-me até aqui, está à espera lá fora.

Um instante depois já só viu as costas de Ruth e as da carcereira, que levava

a sua filha do locutório, separando-a dele sabe-se lá por quanto tempo.

Katja levantou-se quando Rudi saiu para o corredor e perscrutou-lhe o rosto.

– Muitas detenções acabaram mal com mortos de ambos os lados – comentou. – E eu que acreditava que já tinha deixado a violência para trás.

Ela deu-lhe a mão quando saíram do velho edifício que fazia as vezes de ala de máxima segurança em Lübeck-Lauerhof. Quando seguiam pela A1 começou a chover com intensidade, amainando um pouco apenas quando chegaram a Hamburgo e o céu os brindou com um crepúsculo avermelhado.

– A Käthe está à tua espera na Körnerstrasse – informou Katja. – A Henny e o Theo não queriam que ficassem sozinhos quando regressasses de Lübeck. Espero que aches uma boa ideia.

Rudi hesitou. Fazia tenções de empregar a tática da avestruz, mas, quando Katja parou defronte da casa da Körnerstrasse, profusamente iluminada, deu-se conta de que era uma ideia fantástica.

Olhos cor de violeta. Lina sorriu quando Karl Luetken se atreveu por fim a dizer-lhe que tinha os olhos cor de violeta.

«Menina dos olhos cor de lilás», costumava chamar-lhe Louise. Lud esculpira-lhe um medalhão de madeira de tília sobre o qual colara uma ametista violeta, porque combinava com os olhos de Lina.

Não queria deixar entrar mais ninguém numa vida em que sentia de forma dolorosa a falta de Louise, apesar de os últimos anos que passaram juntas terem sido um tormento.

Lina estacionou diante do Museu de Altona, uma vez que não queria meter-se no labirinto de ruelas de Ottensen, e dirigiu-se a pé para a Spritzenplatz, onde Karl Luetken vivia há muitos anos; primeiro os três num pequeno apartamento e agora sozinho, desde que a mulher tinha morrido e o filho saía de casa.

Ao fim de três anos continuavam a tratar-se por você, apesar de ser ao jeito de Hamburgo, ou seja, usando ao mesmo tempo os respetivos nomes próprios. Talvez Karl Luetken esperasse que fosse Lina a mudar essa situação propondo-lhe que se tratassem por tu; ela tinha mais dez anos do que ele e, embora ele gostasse de afirmar que não passava de um simples operário, os pequenos pormenores pareciam-lhe importantes.

Passos leves no empedrado, o seu corpo continuava a ser ágil, não sentia muito a idade. Não, Lina não fazia tenções de voltar a partilhar a vida com outra pessoa, mas o copo de vinho no Zur Traube e os passeios nas margens do Elba faziam-lhe bem.

Quanta gravidade vira em Käthe quando esta fora à livraria buscar o volume

de poemas de Franz Werfel que encomendara um dia depois de Rudi ter ido a Lübeck. E, apesar de ter dito que se sentia aliviada, Momme e Lina tiveram a sensação de que o peso dos últimos três anos a esmagava.

Karl Luetken já estava à espera dela à frente da casa e cumprimentou Lina com um aceno de mão quando ela chegou à Spritzenplatz.

– Vamos ao Traube ou ao Dunkelmann tomar uma boa cerveja *Holsten*? Onde é que prefere ir, minha querida menina? – perguntou, piscando-lhe um olho.

Nem ao Traube, revestido de madeira, nem atrás dos espessos cortinados do Dunkelmann nessa tarde de domingo. Melhor seria agarrar aquele vislumbre de primavera e ir até ao Elba. Descer a denominada Escadaria de Jacob até à praia de Ottensen, em Övelgönne, e tomar uma cerveja no Strandperle, o nome que recebia desde há dois anos o pequeno restaurante que quando a maré subia quase se situava dentro do próprio Elba.

Lá em baixo, no passadiço de madeira, entre os cães e as pessoas que comemoravam a chegada da primavera, Lina começou a falar-lhe de Käthe, de Rudi e de Ruth. De tudo o que haviam passado. Depois pegou no copo e propôs a Karl que parassem de se tratar por você.

Tinham de esperar que se apresentasse o documento formal de acusação. Depois estabelecer-se-ia o regime de visitas. Foi isso que o advogado havia dito. E também que com a pistola de Ruth não se efetuara nenhum disparo. Rudi sentou-se na varanda, que acabava de limpar; esperava que Käthe ficasse contente ao ver os amores-perfeitos brancos e lilás. Não se devia abandonar as boas tradições, na vida de ambos já tinha havido uma interrupção demasiado longa.

Rudi pegou no pequeno livrinho de capa mole, uma edição de 1918. Aqueles primeiros poemas de Werfel tinham sido publicados pela primeira vez em 1911. *Der Weltfreund*¹⁴. Será que queria animar-se?

*Sou um corsário em praças ensolaradas,
uma festa estival com mulheres e bazares,
a claridade impede-me de ver.
Quero sentar-me na relva
e viajar ao ocaso com a Terra.
Oh, Terra, ocaso, felicidade; oh, estar no mundo.*

Retomar a vida, agora que Ruth gozava de proteção. Acabava de lhe passar pela cabeça a palavra *proteção*? Proteção estatal. Um pensamento extravagante, esse que acabava de albergar logo ele. Que compreendia o significado das

palavras *repressão policial*.

Ouviu alguém falar, soube que eram Käthe e Henny e olhou para a rua. Iam de braço dado, Käthe pareceu-lhe mais baixa, mesmo tendo sido sempre as duas da mesma altura. Rudi levantou-se e viu também o que Käthe levava na cesta: amores-perfeitos. Brancos e lilás. Ficou feliz por terem tido ambos a mesma ideia, se bem que agora ia ser obrigado a comprar mais vasos.

Proteção. Ele conseguira voltar a desfrutar dela depois do nazismo, da guerra, da prisão nos montes Urales. Ruth soltaria uma gargalhada trocista se soubesse que lhe tinha passado pela cabeça a ideia de que agora ela podia desfrutar de proteção.

Ruth não se teria rido, quase sentia alívio por ter deixado para trás a vida na clandestinidade, András já não precisava dela. Não conseguira protegê-lo da chuva de balas, morrera na sequência dela. Uma separação brutal, e no entanto não chorava a sua perda, limitava-se a pensar que estava como que anestesiada e por isso não sentia nada.

Os dias ociosos atormentavam-na, até que lhe foi permitido sentar-se a uma mesa comprida com outras mulheres a colar caixinhas para a marca de gelados *Langnese*. Gelados. O rótulo de riscas vermelhas e brancas situava-se no canto superior esquerdo. Quando era pequena, Käthe e Rudi compravam-lhe sandes de gelado *Langnese* e gelados de pauzinho. De morango, de baunilha.

Tinha enterrado armas. Explosivos. Certa vez, dinheiro num saco da Tengelmann. Falsificara documentos. Mas também se encontrava numa das últimas filas do comando que fizera explodir três bombas no Edifício IG Farben, em Frankfurt, que era a sede da CIA e do V Corpo do exército norteamericano. Não havia fabricado nem colocado nenhuma bomba, mas aceitara, isso sim, de forma tácita as mortes que se tinham verificado.

Ainda não se arrependia, mas também não sentia pena. András estava tão morto para ela como o seu sentimento de pertença à RAF.

«*Freedom is just another word for nothing left to lose.*» Florentine encontrava-se na varanda da Sierichstrasse, a ouvir Janis Joplin, que nesse momento discorria acerca da liberdade no gira-discos. *Me and Bobby McGee*. Não ter nada a perder. Teria Ruth mais alguma coisa a perder além da liberdade, que já lhe haviam tirado?

Florentine puxava com delicadeza pelas pétalas das margaridas-do-cabo que a senhora Kuck havia plantado. «São as mais agradecidas. Na varanda há corrente de ar», explicou a senhora Kuck. Era verdade. O cabelo negro de Florentine esvoaçava. O seu era mais escuro do que o de Robert, que escondia a bisnaga de tinta da Wella. Tinha medo de parecer demasiado velho ao lado

dela, apesar de possuir um aspeto mais juvenil do que antes. Talvez porque já quase não fumava, por ser pai de duas crianças pequenas, além de que os dois olhos verdes lhe ficavam de facto muito bem.

Poderiam as coisas ter sido diferentes se naquela noite na Place des Vosges tivesse conseguido convencer Ruth a afastar-se de tudo aquilo? Se András não se tivesse metido pelo meio? Nessa altura, Ruth já carregava a culpa pelo atentado de Frankfurt, o delito mais grave de que era acusada. Dificilmente teria evitado a prisão, nem tão-pouco a campanha de difamação que o *Bild-Zeitung* havia orquestrado, mas pelo menos, isso sim, não era responsável pelo ocorrido no parque de estacionamento de Hildesheim, a morte do polícia, a morte de András.

Florentine entrou em casa. No apartamento ainda não havia muitos móveis, apenas os quartos das crianças já estavam prontos, o tapete berbere e o cadeirão *Egg* pareciam perdidos na sala com as paredes cor de baunilha e o teto alto, estucado. Na cozinha encontrava-se a mesa de estilo rústico que mandara trazer de Paris; agora as cadeiras eram seis, para além de uma cadeira alta de bebé. A cozinha era grande, tal como tudo naquela casa.

Na quinta-feira seguinte chegaria Pina, que de certeza iria dar-se bem com as crianças. A rapariga roliça estivera na linha da frente dos acontecimentos na feira da moda. Esperava que a senhora Kuck não sentisse ciúmes.

– O Sinatra é praticamente italiano – comentou Robert. – Isso vai fazer com que a Pina caia nas suas boas graças.

Florentine pôs de novo o braço do gira-discos sobre o disco de Joplin. «*Nothing left to lose.*» Era muito o que ela tinha a perder agora. Durante muito tempo tinham sido apenas os seus pais e Guste, mas agora encontravam-se no topo da lista Lorenz e Loretta, e também Robert.

Alex. Na festa de inauguração poria de novo os pés numa das suas casas, nunca mais voltara à casa da Milchstrasse, nem sequer na companhia de Klaus.

Será que iria fazer bem a Ruth vê-las a ela e a Katja quando lhes fosse permitido? A ver o que diria Katja.

– Tens visto o Tian nos últimos tempos?

Klaus pousou o jornal e olhou para Alex, que estava sentado à mesa, a examinar uma folha de contactos. Era preciso desenhar a capa do novo álbum, e ele pedira para fazer parte da escolha da imagem para que não voltasse a ser um primeiro plano seu. Até ao momento, Luppich tivera bom olho para encontrar uma foto de Alex com um olhar expressivo emoldurado por longas pestanas e impô-la. Klaus levantou-se, espreitou por trás e apontou para uma.

– Esta é a de que mais gosto.

– Às vezes o teu gosto e o do Luppich coincidem – comentou Alex. – Não

quero inclinar a cabeça e parecer um sentimental, mas apenas um homem atrás do instrumento que toca.

– Sobretudo atrás – especificou Klaus. – Porque nas outras só se vê o piano. Porque é que perguntaste pelo Tian?

– Vi-o há uns dias na casa da Guste. Convidou-me para uma seleção de sobremesas e a ele também. Porque lhe ofereci um presente para animá-la. Não faz muito tempo que me falou em partir para o outro lado.

– Está doente?

– O Tian diz que não é nada de grave. Se calhar está apenas um pouco cansada de viver.

– A Guste? Nem parece dela – objetou Klaus. – Quer dizer então que lhe ofereceste uma prendinha para animá-la. – Sorriu. – De certeza que adorou. És um bom rapaz.

– Talvez seja mas é um sentimental. E o Tian também me parece mais ou menos estável, se bem que da última vez que nos encontrámos no Jahreszeiten tenha ficado com falta de ar ao subir as escadas do hotel.

– Devia ser operado.

– No entender dele, uma operação tem mais que ver com morrer do que com viver.

– Parvoíces – respondeu Klaus. – Os *bypasses* funcionam às mil maravilhas.

– Há alguma novidade sobre a Ruth?

– Estão à espera de que seja apresentado o documento formal de acusação.

– Achas que seria capaz de se suicidar? A tua mãe disse uma vez que a Ruth possuía alma de mártir.

– Eu lembro-me – afirmou Klaus. – Espero que tenha superado isso. Já é suficiente que esse tal András tenha morrido como um mártir.

Talvez András tivesse tido a sua próxima oportunidade em Estocolmo. Não haviam tido esperanças de pertencer ao comando de Holger Meins, que assaltou a embaixada alemã em Estocolmo com seis pessoas, fez reféns e barricou-se nela? Uma vez mais, o objetivo era a libertação dos cabecilhas.

Dois diplomatas mortos. Dois terroristas mortos. Katja ouviu a notícia na DPA. Se András ainda fosse vivo, teria participado na tomada de reféns? Katja ficou no escritório à espera de ser um dos membros da equipa de fotógrafos que se deslocaria a Estocolmo. No entanto, depois da meia-noite, quando leu no telex que haviam explodido o piso superior da embaixada, a decisão que se tomou foi outra.

– Na semana que vem vais para o Vietname – anunciou o seu chefe. – A guerra está prestes a terminar. Quero as tuas impressões.

– Mas vai haver outra guerra – garantiu Alex já na cozinha da sua casa, na

Rua Papenhuder. Essa guerra já tinha começado, sete dias antes, no Camboja, quando os Khmers Vermelhos entraram em Phnom Penh.

Ruth encontrava-se na prisão de Lübeck, afastada das notícias. Só tomou conhecimento do ocorrido em Estocolmo alguns dias depois. E também de que a Guerra do Vietname tinha terminado.

Em casa de Florentine e de Robert reinava uma imensa paz. Não se tinham casado, mas era essa a impressão que dava a sua festa de inauguração: espumante nas taças, flores nos jarrões. As crianças corriam de um lado para o outro no meio deles, demonstrando que a vida continuava. *A boa vida*. Embora o mundo estivesse destroçado.

– Ainda vos faltam pormenores – observou Klaus.

– Se me deixassem – aventurou-se Robert a dizer –, afixaria uma montanha de pósteres do Carl Larsson em todas as divisões da casa.

– Sempre procuraste o idílico.

– Quase o encontrei. E tu também.

– Sim – admitiu Klaus, olhando para Alex, que estava a conversar com Lina e com o senhor franzino e simpático que a acompanhava.

– Eu usava esses tecidos nos anos vinte – dizia Ida nesse instante, tocando na blusa de Katja.

– Comprei-a na feira – contou esta. – Mas em Grindelallee há uma loja que confeciona vestidos de viscose com padrões antigos: a O'Hara.

– Fazes tentações de fotografar a Guerra do Vietname?

– Essa guerra já terminou – acrescentou Katja. – Agora vou ver apenas as repercussões.

– Não nos agrada nada a ideia de viajares para esse sítio – disse Henny, detendo-se junto de Ida e Katja.

– Se ainda fosse perigoso, o redator-chefe não o permitiria – opinou Ida. Katja não negou, não queria deitar mais achas na fogueira; sabia que a sua família se preocupava com tudo, mas tornara-se jornalista para fotografar o que sucedia no mundo e não soberbos coelhos machos na Associação de Cunicultura. – Florentine! Vi um candeeiro na Prediger que ficaria estupendo aqui.

Henny olhou para Klaus, que já havia tentado tranquilizar Marike e ela com o assunto do Vietname. Continuava a falar com Robert, que nesse momento se preparava para pegar ao colo num Lori que corria para os seus braços. Robert levantou o menino no ar e este soltou gritinhos de alegria. Também Alex observava a cena carinhosa, que o distraiu por um instante da conversa, mas logo em seguida continuou a conversar com Lina e com Karl Luedken sobre as demolições de que Ottensen se havia livrado.

Klaus foi ter com Theo, que estava sentado no novo sofá de couro; Konstantin acabava de se levantar para ir à cozinha servir-se de outro prato de sandes de queijo que Guste havia preparado, bandejas cheias que Tian tinha levado para a Sierichstrasse.

– Sabias que ele quer ser ginecologista? – perguntou Theo, olhando para o neto.

– Ele contou ao Alex – replicou Klaus.

– Vem sentar-te um bocadinho ao pé de mim. Como é que vocês têm passado? O Alex não teve uma consulta com o Bunsen?

– A análise ao sangue da praxe, que causou alarme no novo laboratório.

– O que houve assim de tão alarmante?

– A presença de arsénico no sangue do Alex. É possível que tenham pensado que queriam envenená-lo. A ideia do médico argentino de tratar a suposta leucemia de que ele padecia com arsénico irá persegui-lo enquanto for vivo.

– O arsénico foi um precursor da atual quimioterapia.

– Eu sei, mas oxalá o argentino tivesse feito um diagnóstico melhor. De certeza que o Alex seria mais saudável sem essa substância no corpo.

– Verificou-se alguma alteração?

Klaus abanou a cabeça.

– Continua tudo na mesma – respondeu.

– E quanto aos planos de viagem da Katja, qual é a tua opinião?

– Ao fim e ao cabo, ela não vai sozinha, mas sim com dois colegas.

– E isso faz com que seja mais seguro?

– Não podem impedi-la – referiu Klaus.

– No início dos anos vinte, os meus pais compraram os candeeiros a gás na Prediger – dizia Käthe a Henny nesse momento. – Na casa da Ida já tinham luz elétrica há bastante tempo. Quando penso que fui visitá-la à Rua Hofweg para lhe propor que contratasse a minha mãe como mulher a dias e que somos amigas há tanto tempo, é um milagre, a bem da verdade.

– A quantidade de coisas que vivemos desde então – observou Henny.

– É por isso que eu e o Rudi já nos vamos embora. Ainda não estamos com ânimo para comemorações. Pede desculpa por nós aos anfitriões, anda.

– A Käthe e o Rudi saíram à francesa? – indagou Theo pouco depois, ao mesmo tempo que tirava duas taças de espumante, uma para si e outra para Henny, da bandeja que Pina lhes ofereceu. – É provável que isto seja demasiado para eles.

– Quem ama o perigo, nele perecerá – disse nesse momento Guste na cozinha. Contudo, só se havia queimado com o tabuleiro de folhados de queijo que estava a tirar do forno.

Outubro, 1975

Viu-se uma luz sobre os telhados das casas cinzentas, como se ameaçasse tempestade, mas talvez fossem os deuses, que vituperavam de novo devido ao sacrilégio de dividir Berlim com um muro. Katja entrou no metro na Avenida Kurfürstendamm e atravessou estações mortas depois de o comboio ter abandonado a Kochstrasse, a última estação do setor ocidental.

Na estação ferroviária de Friedrichstrasse entregou no guiché o passaporte, onde havia carimbos do Vietname, e o visto para os Estados Unidos. Em seguida esperou que lhe pusessem o carimbo de entrada e entregou os seis marcos e cinquenta que precisava de trocar obrigatoriamente. Depois saiu para o setor oriental da cidade, sob o céu com luz de Willink, que naquele lado parecia mais importante do que no outro, talvez porque ali havia muito mais ruínas.

Tirou de um dos inúmeros bolsos do colete um papel com o esboço bastante críptico que havia feito um companheiro da DPA credenciado em Berlim Leste há já dois anos. Era suposto que o esboço a levasse à Rua Clara-Zetkin. Katja pôs ao ombro o saco com as câmaras e avançou.

Apenas um equipamento reduzido, duas das suas *Nikon*, com que não pretendia tirar fotos; queria conhecer o correspondente do jornal *Süddeutsche Zeitung*, que, ao contrário dos outros colegas da Alemanha Ocidental, não só trabalhava em Berlim Leste, como também ali vivia com a família. Aborrecia-a um pouco trabalhar em exclusivo para a agência? Estaria a apalpar o terreno para ver como seria trabalhar de maneira independente?

No escritório do *Süddeutsche Zeitung* havia um rapaz sentado no tapete de fibra de coco. Com as pernas cruzadas como um índio, lia o *Der Spiegel* enquanto as pessoas atrás dele falavam ao telefone. Era atraente e jovem. O cabelo negro e curto, que ainda assim lhe caía sobre a testa; óculos de armação redonda, que parecia de fino arame.

- Jon – apresentou-se o rapaz, ao mesmo tempo que se punha de pé.
- É um nome americano – referiu Katja.
- O nome de um garoto que com dois anos não era capaz de dizer Jonathan – elucidou ele. – E assim ficou.

O correspondente, que se aproximou deles, sorriu e não disse nada. Till Arent também sentiu a magia do momento.

Quando saiu do país que se chamava RDA, Katja levava numa das mãos um pequeno cartão: JON FELDMANN. ATOR. RUA STRASSBURGER, PRENZLAUER BERG. Um lugar desconhecido para ela.

O tal Jon não lhe saía da cabeça.

– Porque é que não nos debruçamos mais de perto sobre a RDA? – perguntou ao seu chefe de secção na DPA. – Gostaria de ir lá tirar umas fotos, preparar uma ampla reportagem sobre o país e as suas gentes.

– E a que propósito é que vem tanto interesse assim de repente? – quis ele saber. Tinham ido tomar qualquer coisa ao Gurke, em Mittelweg, um local que não ficava muito longe da agência, agradável.

– Conheci uma pessoa em Berlim Leste que gostava de voltar a ver – admitiu Katja.

– Nesse sítio são todos da Stasi¹⁵ – advertiu o chefe. – Não te apaixones por ninguém de lá. Só te vai trazer problemas.

Arent avisou-a por telefone de que tinham enviado correspondência para a caixa de correios na parte ocidental da cidade. Com o endereço da agência.

– Foi o Jon Feldmann que me pediu – disse.

Uma carta de amor que no dia seguinte Katja tinha nas mãos. Endereçada a Katjuscha. Para Karsten era Katja, *a Fera*. Leu a pequena carta de Jon. Tinha nascido no mesmo dia que ela, dois meses antes, a 19 de março de 1950. Trabalhava no Teatro Volksbühne. A educação socialista não lhe deixara nenhuma moça, escrevia Jon, coisa que devia ao irmão mais velho, com quem vivia desde que tinha dez anos. Esperava ser o espírito livre que o irmão pretendia que fosse.

– Podes vir até cá? Tenho dois dias sem récita, segunda e terça-feira.

Na terça-feira, Katja tinha de estar em Madrid, onde o regime franquista se encontrava à beira do colapso e a morte do ditador se aproximava. No entanto, na segunda-feira voou cedo para Berlim com a Pan Am. Aterrou em Tegel e deixou num cacifo a bagagem para Madrid. Chegou pouco depois das nove horas à Friedrichstrasse, onde obteve um visto de um dia. Quando saiu da estação avistou Jon.

Um dia inteiro para tentar perceber se aquele amor não passava de um grande equívoco e só era possível sob o dramático céu de Willink.

– Tens os olhos vermelhos. Tudo isto é caso para chorar?

– Ontem à tarde estava a usar as lentes de contacto no palco. O plexiglas provoca ligeiras irritações.

– Plexíglas?

Jon sorriu.

– Vocês têm lentes de contacto melhores.

Quis a sorte que fosse um dia ameno de outubro.

– O tempo vai melhorar amanhã, que é o dia da República – contou Jon.

Mostrou-lhe os lugares onde havia passado a infância em Prenzlauer Berg e convidou-a para comer no Metzger Eck, na esquina com a Rua Strassburger.

– *People will say we are in love* – observou Jon quando foram depois para sua casa.

– Conheces a canção? É do *Oklahoma*, um musical.

– Os artistas têm acesso de vez em quando à decadência ocidental.

– Pelos vistos isso não vale para as lentes de contacto – sublinhou ela. – Diz-me qual é a tua graduação e da próxima vez trago-te umas lentes decadentes.

– Quero ficar colado a ti. Vais ter de partir à meia-noite. E nesse sentido eles são inflexíveis, para dizer a coisa de maneira prudente.

– O teu irmão trabalha?

– A partir de casa, mas hoje tem uma entrega, por isso dispomos do apartamento só para nós até às seis. Vais conhecê-lo mais tarde.

Antes da meia-noite, quando chegaram à estação de Friedrichstrasse, ao Palácio das Lágrimas, onde se derramavam tantas por causa das separações, permaneceram um bom bocado abraçados.

– Amo-te, Katjuscha.

– E eu a ti, Jon – retorquiu Katja. Não se tratava de um equívoco.

Käthe deu uma vista de olhos ao cartaz de PROCURA-SE que estava afixado à porta da Caixa Económica. Só esperava que tirassem esses cartazes de uma vez por todas: continuavam a figurar neles Ruth e András, com o rosto cruzado com um X.

– Apesar de tudo, amo-te, Ruth – disse para a fotografia da jovem de caracóis curtos e negros. Era algo que não dizia com muita frequência; a relação que Ruth e ela mantinham era na verdade bastante reservada. Teria sido algo no comportamento de Käthe que impelira Ruth a ser como era?

– Disparates – garantira-lhe Rudi. – Não metas essas coisas na cabeça.

A busca dos erros cometidos.

Na florista já se viam os primeiros arranjos com ramos de abeto para o dia de Todos os Santos, em novembro, e isso mesmo só se tendo passado oito dias do mês de outubro. Queriam ir a Ohlsdorf no sábado, para visitar o túmulo do pai de Rudi, que agora era também o de Louise; não era necessário um dia em concreto. Käthe entrou na loja e comprou cinco ramos de lisiantos, cor-de-rosa e brancos, porque Henny gostava de flores delicadas.

Henny tentava mantê-la animada, convidava-a para o jardim ou, com aquele tempo, para se sentar à frente da lareira; a sua amizade era um tesouro.

Käthe passou defronte da nova construção de tijolo que se erguia na esquina com a Körnerstrasse e logo em seguida viu-se diante da casa tão familiar. Theo abriu-lhe a porta e chegou à entrada um agradável aroma a algo doce.

– A Henny está na cozinha – informou ele, encarregando-se de guardar o casacão de Käthe. – Apostou na terapia do bolo de sementes de papoila. Como um pedaço e depois deixo-vos a sós, vou ao consultório.

– Ao consultório?

– Essa é uma terapia contra o aborrecimento da idade. A Marike, que é muito esperta, convida-me de vez em quando para comentar comigo algum caso. Sabe que me faz bem.

– A verdade é que é fantástico que o consultório fique na família.

– O senhor doutor ginecologista ainda está no terceiro ano do secundário – recordou Theo.

– O futuro dos filhos. – Käthe soltou um suspiro. – Nós continuamos à espera de que marquem a data do julgamento. Para os que estiveram na prisão de Stammheim demoraram quase três anos depois de os terem prendido.

– Esses são acusados de delitos de outro calibre.

– Oh, que bonitas, as flores – disse Henny quando saiu da cozinha. – Achava que já estavam sentados à mesa.

Henny tinha posto a mesinha redonda do canto da sala de estar, onde agora tomavam café os três e comiam bolo contemplando o jardim outonal, onde floresciam as últimas rosas.

– Sempre fui capaz de sair dos imbróglios em que me meti por minha conta – contou Käthe depois de Theo se ter ido embora, quando Henny e ela estavam sentadas diante da lareira. – Mas agora já não.

– Fizeste tudo o que podias, Käthe.

– Lembras-te de que há uns anos te falei dos demónios que me perseguem durante a noite? Vejo os mortos, os dias que passei em Neuengamme. Pois agora a estes juntam-se as imagens de um parque de estacionamento em Hildesheim. Arrependo-me de as ter visto.

– A Ruth está viva. E o András não devia perturbar-te.

– Participou num acontecimento em que uma pessoa perdeu a vida. Não foi só o András.

– Não te martirizes com esse assunto também – aconselhou-a Henny. – Já carregaste bastantes coisas nas costas durante toda a tua vida. – Dito isto, estendeu um braço a fim de agarrar na mão de Käthe.

I'm Not in Love soava no rádio da cozinha de Katja.

– Caramba – observou Florentine. – Ora aí está uma novidade. Como é que vais resolver o assunto Este-Oeste? O Jon está a pensar em submeter um pedido para poder sair? Irão permitir-lho? Não sei quais são as probabilidades.

Katja recordou a tristeza que vira nos olhos de Jon quando conversaram a esse respeito. Era demasiado cedo para falar sobre isso, mas fora ele quem abordara o assunto sobre como poderiam viver o seu amor.

– Ainda não sabemos de nada – admitiu.

– Quem sabe o Volksbühne não venha atuar em breve na RFA. A companhia Berliner Ensemble já foi a Frankfurt. Se o fizesse, o Jon poderia ficar aqui de vez.

– Talvez – retorquiu Katja, não muito convencida. – Queres mais leite com o chá? – Levantou-se e colocou em cima da mesa o leite, que foi buscar ao frigorífico.

– Está delicioso, com a pimenta e o mel. Aprendeste a prepará-lo assim no Vietname?

Katja sorriu.

– Numa cozinha de Berlim Leste – replicou. – Feito pelo irmão do Jon.

– Com que então ele tem um irmão.

– Catorze anos mais velho do que ele. Cuidou do Jon, que ainda nem sequer tinha dez anos, quando, depois da morte da mãe, também faleceu o pai.

– Vivem juntos?

– Numa casa antiga e grande, onde já viviam os pais antes da guerra. O irmão dele é desenhador de filmes de animação na DEFA¹⁶.

– Bolas, Katja. A coisa não vai ser fácil.

– Pois não – admitiu ela. – E quando é que é? A propósito, vi as tuas fotos na *Elle*. A alça das jardineiras escorregava-te pelo ombro nu. Muito sedutor. És tão bonita como quando tinhas vinte anos.

– O *husky* diz o mesmo. – Em Florentine não havia vestígios de perturbação.

– Vocês também percorreram um longo caminho. Quem haveria de dizer que acabariam por ter dois filhos e que viveriam juntos?

– Pois é – reconheceu Florentine. – Eu não, mas está bem assim. Escuta, porque é que ainda não tivemos notícias do advogado da Ruth sobre a autorização para poder visitá-la?

– A justiça é lenta – respondeu Katja. Era possível que ela também tivesse comido muitas vezes o pão que o diabo amassou com as autoridades.

– Não sabia que o senhor cantava tão bem – elogiou a senhora Kuck. – Até agora só o tinha ouvido cantar *LaLeLu*.

Robert sorriu.

– O sentido musical é uma condição do meu ofício – declarou. A canção

que estava a cantar não era nenhuma do Sinatra, mas sim da banda 10cc, que estava na moda esse ano.

*I'm not in love,
so don't forget it.
It's just a silly phase
I'm going through.*

Continuava a cantarolá-la quando saiu de casa com Etta ao colo. Ainda bem que o pediatra ficava ao virar da esquina; precisava de auscultar a menina, que começava a sofrer os primeiros acessos de tosse do outono. Robert entrou na Poelchaukamp.

A vida com as crianças estava bem organizada: a senhora Kuck, Pina e os seus turnos na rádio facilitavam as coisas. Florentine continuava a viajar muito, mas fazia questão de aceitar trabalhos sobretudo em cidades europeias e de passar no máximo quatro noites seguidas fora de casa.

As fotografias na edição francesa da revista *Elle*: para ele, Florentine encontrava-se no auge da beleza. Não fora há muito tempo que havia comentado que não fazia tensões de continuar a posar para as câmaras quando fizesse quarenta anos, mas por enquanto só tinha trinta e quatro. Havia tempo mais do que suficiente para pensar no que faria depois, não se imaginava a dedicar-se em exclusivo à família. Era provável que isso pusesse em risco a sua vida em comum.

Deu de caras com Alex quando saiu do médico.

– Caramba, hoje na NDR não há valmalma. Tu e eu na Poelchaukamp.

Alex riu-se.

– O Klaus e o Thies estão a defender o forte – retorquiu. – Fui ao fisioterapeuta, por causa da mão. E vocês?

– Fomos ao pediatra. A Etta tem tosse, mas está tudo bem com os pulmões.

– Viu que a filha tinha começado a fazer gracinhas para Alex. – Pode saber-se que efeito é esse que exerces sobre as mulheres? Com dois anos já te fazem olhinhos.

– Talvez ela se tenha dado conta de que eu gosto muito de crianças.

– Não pegaste em muitas ao colo, pois não?

– Peguei na Katja e no Konstantin quando eram pequenos, mas o garoto cresceu muito depressa. Parece uma pessoa adulta, apesar de ter feito treze anos no início da semana passada.

– Não chegaste a conhecer as filhas da tua irmã?

– Não. Nasceram quando eu já estava na Argentina. E depois já conheces o resto da história.

Robert assentiu.

– Tu e eu vemo-nos muito pouco fora da rádio – observou.
– Antigamente vinhas com frequência a minha casa, vamos retomar esse hábito, Old Green Eye. Traz as crianças. – Alex hesitou. – E a Florentine também, quando cá estiver.
– Passa cá mais tempo do que antes.
Os dois homens entreolharam-se. Tinha sido bom esse encontro, para ambos.

Cartão negro com o rebordo dourado. Papagaios de cores vivas. Agora Ruth também colava caixinhas de bombons da Stollwerck, as *Knuspergold*. Simultaneamente pensava no modo como havia conhecido András, havia bastante tempo, no Cinema Türkendolch. As noites passadas no bairro de Schwabing. *Jazz* em casa. Depois as intermináveis discussões, que por fim a tinham conduzido até Lübeck-Lauerhof, onde se encontrava agora.

As outras mulheres recebiam visitas dos amigos, mas o Ministério Público tinha indeferido o pedido de Katja: para os membros da RAF, o regulamento era outro. Para além do seu advogado, só os pais podiam ir visitá-la uma vez por mês. Contudo, o único que lá ia era Rudi. Kätthe não se sentia à vontade se tivesse dois funcionários à sua frente a ouvir tudo o que diziam, alegava ele. No entanto, não só receava o feitio de respondona de Kätthe, como também não achava que os seus nervos fossem capazes de suportar muito mais.

Cartão negro com o rebordo dourado. A caixa seguinte. No Türkendolch tinham visto *Das Haus in der Karpfengasse*¹⁷; András nem sequer entrara na sala, passara o tempo todo a deambular pelo *foyer* do cinema. Abordara-a. Convidara-a para tomar um refresco de cola. Como é que não fora capaz de se livrar dele na segunda vez?

Iria a tempo de fazer alguma coisa da sua vida quando recuperasse a liberdade? Os anos que havia perdido na clandestinidade. Os anos que perderia na cadeia. Já se encontrava há oito meses em prisão preventiva.

Por fim tinham arranjado o telefone, escrevia Jon. Mas, ao contrário do que sucedia com as cartas, que Till Arent punha no correio em Berlim Ocidental, através daquele meio de comunicação a Stasi não perdia pitada de nenhuma conversa. Quando, por fim, conseguiu telefonar-lhe, o coração de Katja batia com tanta força que teve a certeza de que os espiões conseguiriam ouvi-lo.

– Tenho ensaio geral na quinta-feira às dez horas. Não me avisaram com muito tempo de antecedência, mas será que poderias vir? Ao meio-dia já deverei estar em casa.

No dia anterior, ela tivera trabalho em Berlim. Pouco depois das onze dirigira-se para a Friedrichstrasse e apanhara o metro na estação de Senefelder

Platz. Jon ainda não tinha chegado. Foi Stefan quem lhe abriu a porta, quem a conduziu ao seu quarto, grande e iluminado, e lhe serviu uma chávena de chá de um bule que repousava em cima de um aquecedor de cerâmica azul e branca. Convidou-a para se sentar e por sua vez tomou assento diante da grande mesa onde desenhava. Também havia um sofá-cama com uma manta de retalhos e um piano antigo ao lado.

– Quem é que toca? – perguntou Katja.

– O Jon, mas é péssimo. É muito apegado a ele, porque o piano pertenceu à nossa mãe.

– Como é que os vossos pais morreram tão próximos um do outro?

– Ela morreu de cancro e depois ele suicidou-se.

– E deixou sozinho um menino de nove anos?

– Teve um pressentimento de que eu estava preparado para cuidar dele. Talvez também tivesse pensado que um jovem alegre seria mais benéfico para o Jon do que um pai mergulhado na tristeza. O casamento dos nossos pais era simbiótico, não podiam viver um sem o outro.

– Por conseguinte, cuidaste do Jon durante estes anos todos.

– E há quatro anos que é ele quem cuida de mim.

Katja franziu a testa e olhou para Stefan com ar inquisitivo. Era muito parecido com Jon: o cabelo escuro, que o mais velho usava mais comprido; o rosto de feições marcadas. Ele não usava óculos.

– Não te contou nada?

– Que trata de ti não.

– Acode-me quando fico inconsciente no chão, quando tenho espasmos e convulsões e me sai espuma pela boca.

– És epilético?

– Desde que sofri um acidente de moto. Traumatismo cranioencefálico.

Katja ficou em silêncio.

– Pois olha que não se nota nada – observou ao fim de um bocado.

– Não, exceto nesses momentos. Mas por causa disso não posso viver sozinho, Katja.

A amarga revelação só chegou passados alguns instantes, e então veio-lhe à ideia a tristeza que havia visto nos olhos de Jon quando abordaram o assunto de sair dali.

Stefan levantou-se e aproximou-se da janela. Pôs-se a contemplar uns telheiros, outras casas altas e antigas do outro lado do pátio.

– Nunca tinha visto o meu irmão como neste mês de outubro – comentou. –

O Jon está louco por ti.

– São frequentes os ataques? – indagou Katja.

– Dois em doze dias, por exemplo.

– E não é perigoso, sobretudo na rua?

– Quase não saio de casa sem o Jon. Só quando tenho de ir ao Hospital Charité ou à DEFA. E nesses casos vou de táxi de porta a porta.

Katja rodeou a chávena com as mãos, como se quisesse aquecê-las.

– Não vou interpor-me na felicidade do Jon se ele quiser viver contigo. Não obstante, são muito poucos os que conseguem sair daqui.

– Ele não vai abandonar-te – garantiu ela.

Stefan virou-se para trás: só então se aperceberam de que Jon se encontrava à porta do quarto do irmão, procurando o olhar de Katja.

– Devia ter-te contado logo desde o princípio.

– No escritório do Arent?

– Quando senti a flecha – respondeu Jon. – No escritório do Arent.

Não estariam também feridos pelas flechas do amor naquele exato momento, em frente à casa da Rua Strassburger, quando decidiram por fim ir até ao Wasserturm, o antigo depósito de água?

– Nem sequer vais tentar sair daqui. – Era uma afirmação.

– Não posso deixá-lo aqui, já fez muito por mim. Subordinou a sua vida às necessidades de um garoto, e na altura era mais novo do que tu e eu agora. – Não se atreveu a beijar Katja, limitou-se a dar-lhe a mão no campo aberto do Wasserturm. – O que é que vai ser de nós?

– Será que não temos futuro entre o Leste e o Oeste?

– Quero ter um futuro contigo, Katjuscha – pediu Jon.

O Sol ainda não se tinha posto quando Jon acompanhou Katja à estação de Friedrichstrasse. O seu visto diário só expirava daí a sete horas.

– Preciso de pensar em tudo isto, Jon.

Seria capaz de viver em Berlim Leste? Jon esperava que assim fosse.

No último instante, Katja lembrou-se de que trazia no bolso as lentes de contacto. Quando pegou nas caixinhas, Jon desatou a chorar.

As lágrimas que ambos derramaram fizeram jus ao Palácio das Lágrimas de Berlim. Quando o comboio passava pela plataforma morta da Französische Strasse, Katja pensou que não poderia viver em Berlim Leste. Não, não vagaria entre os dois mundos.

15 A Stasi, forma abreviada de Ministerium für Staatssicherheit (Ministério para a Segurança do Estado), era a principal organização da polícia secreta da República Democrática Alemã. (N. da T.)

16 A DEFA (Deutsche Film-Aktiengesellschaft), fundada em 1946, foi o estúdio de cinema estatal da República Democrática Alemã. (N. da T.)

17 Drama alemão estreado em 1965, não havendo registo de que tenha sido exibido nas salas de cinema portuguesas. Poderá traduzir-se o título como *O Beco das Almas Perdidas*.

(*N. da T.*)

Janeiro, 1977

As acusações por homicídio e tentativa de homicídio no atentado ao quartel do exército norte-americano em Frankfurt no dia 11 de maio de 1972 foram retiradas, mas Ruth foi condenada pelos preparativos do mesmo. Restava saber qual seria a sentença por posse ilegal de armas, falsificação de documentos, roubo agravado e por pertencer a uma organização criminoso.

Cinco anos e seis meses.

– A Ruth terá trinta e seis anos quando sair da prisão – constatou Käthe. – É possível que nós já tenhamos morrido.

Diante de Henny e Käthe, sentadas junto à janela da confeitaria Vernimb, havia uma chávena de chocolate quente para cada uma. Do lugar onde se encontravam podiam ver a Rua Spitaler, coberta de neve.

Pela sua parte, Henny fazia tenções de continuar neste mundo. Theo tinha-lhe prometido chegar aos noventa, e ela queria estar presente. Naquela época de novo turbulenta, Käthe tinha tendência a ver tudo negro. Conheceriam a paz os anos setenta?

– Olha para a Lina. Goza a vida, embora esteja sozinha. Tu tens o Rudi.

– E a Lina tem o Luetken – referiu Käthe.

– Não se trata de uma relação amorosa. Acho que o Kurt foi o único homem com quem ela foi para a cama na sua vida.

– No final, o sexo também acaba.

– É assim no teu caso? – indagou Henny.

Käthe esboçou um sorriso travesso.

O assunto conseguiu arrancar Käthe ao seu pessimismo, era necessário mantê-lo vivo. Ela sempre gostara de falar sobre o desejo e a paixão.

– Bom, no nosso caso ainda não terminou, se bem que é mais uma faísca ocasional.

– Gostas de empregar um estilo floreado para falar sobre esse assunto – comentou Käthe. – Tens de agradecer essa inibição à tua mãe.

Nesse momento foi a vez de Henny sorrir: ali estava a Käthe de sempre. No entanto, o bom humor desvaneceu-se um segundo depois.

– Com tudo o que aconteceu, já podemos dizer adeus à possibilidade de ter

netos – afirmou.

– A Ruth devia ter tido um filho com o András?

Käthe abanou a cabeça.

– Nesse caso, porque é que achas que será demasiado tarde quando puserem a Ruth em liberdade? A Ida tinha quase quarenta anos quando a Florentine nasceu.

– Diz-me cá uma coisa, quem é que vai querer ter um filho com uma mulher que pertenceu à RAF? E isso se ainda por cima ela não acabar por pôr fim à própria vida, tal como fez aquela Ulrike Meinhof.

– Käthe, és uma ave de mau agouro.

– Dás-me chocolate quente e bolo e sentas-te com uma ave de mau agouro. – Apesar de tudo, Käthe não pôde evitar sorrir de novo.

– E que dentro de um minuto vai procurar uma coisa bonita na Peek & Cloppenburg que possa oferecer-lhe pelo seu aniversário – respondeu Henny.

– Antes disso vem o aniversário da Lina.

– Vamos comprar-lhe um cachecol quentinho – decidiu Henny. A sua cunhada costumava andar com o pescoço descoberto, mesmo em pleno inverno.

Há já mais de um ano que não tinha contacto com a jornalista de Hamburgo, afirmou Jon quando nesse dia de janeiro se viu sentado num gabinete da Rua Normannenstrasse, o quartel-general da Stasi. Seria possível que soubessem da existência das cartas que Till Arent enviava a Katja através de Berlim Ocidental? Não se tinham voltado a ver desde que se despediram no Palácio das Lágrimas, tinham demasiado medo de se abraçar, de intensificar ainda mais o tormento de estarem separados. Contudo, as cartas continuavam ali. As suas e, embora menos frequentes, as de Katja, que depositava no correio interno da *Stern* e Till recolhia no escritório da revista em Berlim Ocidental, na Kurfürstenstrasse. Teria acabado tudo caso não existisse esse serviço de mensagens?

– Tenta ir com ela para o Ocidente – propôs-lhe Stefan.

– O que é que seria de ti então?

Stefan não disse nada.

Todas essas cabalas quando Jon não teve dúvidas de que Katja não iria com ele para Berlim Leste.

– Poderíamos apresentar um pedido de saída conjunto.

– Claro, e eu ia viver contigo e com a Katja. Não, Jon. Isso não faria bem a ninguém. Eu já dou graças por poder continuar a desenhar. Achas que poderia fazê-lo em Hamburgo? Um epilético? No Ocidente têm menos consideração. E, se apresentarmos os pedidos, tu ficarias sem o teu contrato e eu sem

trabalho na DEFA. Além de que passaríamos a fazer parte da lista dos indesejáveis.

Jon saiu da central do Ministério para a Segurança do Estado e percorreu a pé o longo trajeto que conduzia ao teatro, não muito longe da Rua Strassburger. Queria espairecer, pôr as ideias em ordem. Sobre o quê? O seu amor por Katja? Quanto a isso, não restava a menor dúvida. Só esperava que ela não começasse a duvidar do seu amor por ele.

O funcionário da Stasi ignorou o facto de Jon se ter recusado a espiar Till Arent. É possível que já houvesse um exército de colaboradores informais a seguir o rasto do correspondente.

O ambiente tinha mudado depois de terem retirado a cidadania a Wolf Biermann após a sua atuação em Colónia em novembro do ano anterior, uma digressão de concertos que as autoridades da Alemanha Oriental haviam autorizado o músico a fazer. Desde então assinavam-se petições, faziam-se corajosas demonstrações de solidariedade, eram muitos os intelectuais e os artistas que queriam abandonar o país.

Jon entrou por uma das portas laterais do teatro, que se situava na Praça Rosa-Luxemburg. Era a primeira leitura da comédia de Aleksandr Sukhovo-Kobylin, na qual tinha um papel. Jon consultou o velho *Zenith* que trazia no pulso, o relógio do seu pai. Apesar do passeio a pé que havia dado, chegaria a tempo. A Stasi gostava de convocar as pessoas de madrugada, tinha-lhe custado levantar de manhã quando o despertador tocara, às cinco e meia da manhã.

Foi uma sorte que à noite estivesse em casa quando Stefan sofrera um violento ataque, a paragem respiratória ultrapassara os trinta segundos habituais. Quando caíra batera no rebordo da mesa de desenho, e Jon tratara da ferida que sangrava na cabeça do irmão quando, ao cabo de dois longos minutos, este foi voltando a si a pouco e pouco. Não, Jon não podia abandoná-lo. E isso era algo que punha sempre fim a todas as cabalas.

Entrou e, depois de se sentar ao pé dos colegas, pousou o texto em cima da mesa, um primeiro passo para preparar o papel de Nelkin em *O Casamento de Kretschinski*.

Katja não duvidava do amor que sentia por Jon. No entanto, também não tinha muito tempo para remoer o assunto, pois a sua vida tinha adquirido uma velocidade vertiginosa.

Desde que trabalhava como fotógrafo, Katja não tinha mãos a medir, embora a *Stern* continuasse a ser a sua principal cliente. O seu talento para ver o que havia de especial nas cenas da vida quotidiana fazia com que se encontrasse entre as favoritas dos redatores gráficos. Diante da câmara de

Katja tudo se tornava fotogénico, quer fosse uma lixeira em Itália ou uns homens embriagados num *pub* irlandês.

Quando as suas companheiras de apartamento se foram embora, quase em simultâneo, deu graças por poder ter o apartamento enorme só para ela, já que podia dar-se a esse luxo. Cogitou na hipótese de propor a Jon que pedisse autorização para partir com Stefan, apesar de calcular que o irmão de Jon não quisesse viver com eles os dois. E ela?

No ano anterior tinha ido quatro vezes a Berlim Ocidental tirar fotografias, e por quatro vezes dera meia-volta quando ia a caminho da Friedrichstrasse, já nas escadas do metro. Isto porque sentia medo de tomar a decisão repentina de ficar no lado oriental, uma vez que não suportaria voltar a deixar Jon quando se fechasse atrás de si a porta que conduzia aos comboios do setor ocidental.

Nessa noite rondava o telefone cinzento-escuro do corredor, junto ao qual se encontrava o papelinho com o número de Jon. 00 372. O indicativo de Berlim Leste. Depois de marcar o 7, deteve-se. Deu umas voltas pelo apartamento, onde as duas espaçosas divisões continuavam vazias, e marcou de novo. Susteve a respiração quando atenderam. Ficou em silêncio.

– Katja? – presumiu Stefan, perspicaz. – O Jon está no teatro.

– Só queria ouvir a voz dele – disse. – Desculpa.

Stefan continuou à escuta depois de Katja ter desligado. E então ouviu um segundo clique. Desligou o telefone de antes da guerra e ficou a contemplar o vazio.

Há já algum tempo que Rudi andava preocupado com o estado de espírito de Käthe, mas, quando esta lhe pediu que lhe lesse uns poemas, ficou alarmado até mais não poder.

– Será que estás à beira da morte? – perguntou-lhe.

Ela sorriu.

– É possível que pretenda corrigir algumas coisas. Passaste a vida inteira a suportar o facto de eu não querer ouvir os teus poemas.

– Por isso mesmo te pergunto – disse ele. – Vais morrer?

Leu-lhe «Tudo É Espetacular», de Joachim Ringelnatz. E «Para Ana Flor», de Kurt Schwitters.

– Gostei dos dois – opinou Käthe. – Podes ler-me mais algum, se quiseres.

Passara uma vida inteira a pensar que eram demasiado áridos?

– Joseph von Eichendorff. O poema, «Varinha Mágica».

*Dorme uma canção em todas as coisas
que aí sonham continuamente,*

*e o mundo levanta-se para cantar
se tu apenas a palavra de encanto encontrares.*

Talvez tivesse encontrado por fim a palavra mágica.

– A Ruth cumprirá a sua pena e depois vai correr tudo bem – afirmou Rudi.
No entanto, nenhum dos dois acreditava nisso.

– E o que é que tencionas fazer com todo este espaço? – perguntou Marike, que se encontrava naquele que havia sido o quarto de Gunda. – Está ótimo assim, com a porta de folha dupla aberta; parece tudo muito mais amplo.

– Pintar – respondeu Katja. – E comprar uma mesa comprida. Morro de vontade: uma mesa para comer, beber e orar.

Marike olhou para a filha com cara de espanto.

– Tu rezas?

– Na esperança de que o céu me ajude. – Katja soltou uma gargalhada. – Não liguês ao que eu digo. – Franqueou a porta, entrou no seu quarto e sentou-se no sofá. – Vem sentar-te aqui ao pé de mim, mamã.

– Devem ter-te estraçalhado o soalho à facada.

– Construir um ninho. Era o que eu gostava. Trata-se de uma das canções preferidas do Klaus: *«He'll build a little home just meant for two.»*

– O Jon – deduziu Marike. – Ainda o amas.

– Sim. – Katja levantou-se e aproximou-se da estante. Levou à mãe uma fotografia emoldurada.

– Não ma tinhas mostrado.

– Recebi-a em dezembro, um embrulhinho através de Berlim Ocidental. Tinha-lhe pedido uma foto.

– Ele tem alguma tua?

– Suponho que vinte e quatro. O Jon tirou umas fotos minhas em outubro com a minha *Nikon*, e eu tinha acabado de lhe pôr um rolo novo. Quando acabou, ficou com ele.

– É atraente e simpático. Oxalá só lhe faltasse a nossa bênção, o Thies também vai gostar dele.

– Tu continuas a dar-te bem com o papá?

– É o meu melhor amigo. Conheço-o desde que tinha seis anos. Às vezes penso como vão ser as coisas quando o Thies se reformar. Se será capaz de viver sem a NDR.

Katja hesitou um instante, não sabia se devia insistir, mas decidiu que não o faria.

– Não sei, podiam ver-se em Praga. Ou em Budapeste – sugeriu Marike.

– E depois cada um voltaria para o seu lado do Muro, é isso?

- Em maio vais fazer vinte e sete anos.
 - Queres dizer que a partir dessa idade começa a ser tarde para ter filhos?
 - É impensável que o Muro venha algum dia a cair – opinou Marike.
- Katja também estava convencida disso.

A ténue luz do salão da lareira do Vier Jahreszeiten mal conseguia ocultar as profundas olheiras de Tian.

– Não faças essa cara de susto, sei que estou com mau aspeto, e se não o soubesse a família logo se encarregaria de mo dizer.

– Mulher, filha e genro?

– Oxalá a Florentine se casasse depressa com o Robert.

– Bom, parecem muito felizes assim, com os seus filhos.

Tian olhou para Alex.

– Gostava de ver a situação regularizada. Talvez eu tenha sofrido em excesso por não ter podido casar-me com a Ida durante tanto tempo.

– Eu dou graças por poder viver com o Klaus sem correr o risco de que nos denunciem por conduta imoral.

– Há pouco, quando te vi entrar no salão... – disse Tian, deixando a frase a meio.

Alex esperou que ele prosseguisse.

– O que foi que se passou? – perguntou ao fim de um bocado. Preocupava-o o quanto Tian parecia lento.

– Pensei que a bengala era apenas um acessório.

– Bom, talvez nalguns dias seja mais um apoio mental. No entanto, também há que ter em conta os outros dias.

– Lidas bem com a tua doença.

– Sim – admitiu Alex. – Se pensar que tinha trinta e um anos quando voltei a Hamburgo para morrer, vejo que cheguei longe. Tian, imploro-te, opera-te.

Tian ficou a olhar para os pequenos bules que acabavam de lhes servir.

– A Florentine não para de me atazanar – retorquiu.

– E a tua mulher não?

– Peguei à Ida o medo que tenho de ser operado.

Alex olhou para o teto do salão da lareira, todas as frases que ficavam agarradas ao estuque, as que haviam proferido e as que não. Seria lícito pressionar o amigo a fazer algo que sabia que lhe inspirava um medo de morte?

– Vou ser operado. No outono.

– Porque é que queres esperar tanto tempo?

– Porque quero viver mais um verão.

Alex soltou um suspiro. Guste queria ver mais uma primavera. E se

presenteasse também Tian com um mimo para animá-lo? No caso de Guste, ao que parecia tinha sido de grande valia: esse ano faria noventa anos e voltava a estar fresca que nem uma alface.

– O Robert mandou arranjar a casinha que o Momme construiu para as filhas; a mais pequena vai fazer doze anos e já não brinca nela, mas o Lori e a Etta fá-lo-ão, e quero ver isso da espreguiçadeira.

– Poderias fazer a mesma coisa durante a convalescença.

Tian dedicou-se ao chá, tal como sempre fazia. *Earl Grey* para Alex, *Darjeeling* da primeira colheita para ele.

– Vais para o UKE?

– Mudemos de assunto, pode ser? – pediu Tian. – E conta-me o que tens feito. Há já dois anos que lançaste o último álbum.

– Um ano e meio desde que foi editado.

Add the Blues tinha tido um bom acolhimento por parte da crítica, mas o disco não se tinha vendido tão bem como *Remember the Sixties*. A Philips, cujo nome passara a ser Phonogram, mostrava-se hesitante, e Luppich já não estava na empresa para os incentivar a partir para outra produção.

– Vamos produzir outro LP com o Quinteto.

– Faz-te falta aquele produtor baixinho e irritante.

– Pois é – reconheceu Alex. – Quem haveria de pensar. – Luppich previra-o quando, cinco anos antes, em abril, anunciara com grande antecedência o final da sua carreira de produtor.

– O Lorenz possui um ouvido bastante musical, e é algo que me fascina porque é óbvio que eu não tenho nenhum. Quando canto, a Ida tapa os ouvidos. Assim que fizer sete anos, o Lori vai começar a ter aulas de piano.

Alex já sabia, o Old Green Eye tinha-lhe contado.

– O pai é dotado de sentido musical – afirmou. – Claro que é algo que se considera um dado adquirido quando se é técnico de som, mas a verdade é que o Robert possui um talento especial. Infelizmente, não pôde vir a ser engenheiro de som, devia ter feito o exame final do ensino secundário. A mim ninguém pediu o título.

– Hoje em dia é mais comum. Achas que o teu chá está forte o suficiente?

– Está perfeito. És um mestre a preparar chá.

– Não me sobrou grande coisa da minha herança chinesa, mas já gostava desta pequena cerimónia quando era pequeno, embora os chineses não façam tanto teatro como os japoneses.

– Acabaste por ser feliz com a Ida?

– Sim – garantiu. – No final, sim. É muito mais afetuosa, pois teme que eu morra. E a família da Florentine é uma grande dádiva. Dois netinhos queridos.

Quando saíram do Jahreszeiten já tinha escurecido. Tian pediu para dar o braço a Alex. Dantes era o contrário.

Ida deu a mão a Lori quando atravessaram a Rua Hofweg. Durante um momento cogitou a hipótese de lhe mostrar a moradia próxima onde havia crescido a sua avozinha, mas o menino ia com a pesada pasta às costas, portanto o melhor era irem diretos para casa; além do mais, de certeza que Lori estava com fome depois de ter saído da escola.

Pina havia preparado uma lasanha, de que Henny também desfrutaria. Tal como ela, Ida sentia-se feliz por morarem tão perto, mesmo ao virar da esquina, se bem que também não se pudesse dizer que a Johnsallee, do outro lado do Alster, fosse como cruzar o Atlântico.

– Só duas somas – pediu Lori. – O Konstantin prometeu-me que iríamos ao cinema.

– Mas não a meio da semana, o Konstantin tem de fazer muito mais trabalhos de casa do que tu.

– *O Peito ou a Perna*, o filme com aquele divertido senhor francês – contou Lori, sem pestanejar ao ouvir a objeção da avó. – Um menino da minha turma já foi ver.

– Mas esse filme é para meninos de seis anos?

Lori assentiu com veemência.

– Tu sabes quem é esse divertido senhor francês que fez um novo filme? – perguntou Ida a Henny já à mesa da cozinha, enquanto comiam.

– Fernandel – respondeu Henny.

– Não, esse não é – negou Lorenz. – A mamã sabe quem é ele.

– O Fernandel não morreu há muito tempo? – perguntou Ida. Quem sabe se nessa mesma noite Florentine se encontrou com o francês divertido no La Coupole. Desse modo, o cabeleireiro de Ida poderia mostrar-lhe uma fotografia na *Bunte* e comentar uma vez mais encantado a celebridade que era Florentine. Esta encontrava-se em Paris há dois dias, para ser fotografada exibindo uns magníficos sapatos *Charles Jourdan*.

– A Pina também sabe quem é – acrescentou Lori, mas tinha ido levar Etta à ginástica. Ida preferia poupar-se a tal coisa. A monitora sempre jovial pedia-lhe que participasse e que se sentasse nos tapetes de borracha. Rodeada de mulheres jovens e flexíveis.

– O Tian consentiu que lhe ponham o *bypass*. No outono.

– Espero que passe a primavera e o verão sem problemas.

– O que é que se passa com o avô? – quis saber Lorenz.

– Vai ser operado. Assim vai voltar a sentir-se bem e não vai ficar com falta de ar quando brincar convosco – explicou Ida.

Henny viu a expressão de preocupação da amiga, mas Etta distraiu-a, ao entrar nesse momento com Pina na cozinha.

– Como é que se chama aquele divertido senhor francês que entra no novo filme? – perguntou Lori, olhando para Pina com atenção.

– Louis de Funès – respondeu ela.
Com que então era esse.

Florentine não teria aceitado realizar a campanha publicitária de sapatos se não fosse pelo fotógrafo Guy Bourdin. Bourdin não colocava o produto em primeiro plano, optando por contar histórias com as suas fotografias a preto e branco.

Uma mulher que espera o amante num quarto elegante, uma cadeira branca, um vestido negro, sapatos de salto agulha *Charles Jourdan* que poderiam ser uma arma letal. Perigosamente altos. Pontiagudos como um estilete.

A decoração fora montada no estúdio que Bourdain possuía no Marais, um bairro que Florentine conhecia bem. Sentiria saudades da sua vida em Paris, da sua casa na Place des Vosges?

À noite, quando não acompanhou os outros, indo em vez disso ao Chez Claire, foi assaltada pelas recordações; não só as boas, mas também as daquela noite de setembro de 1972. András, que a impedira de continuar a conversar com Ruth, que agora se encontrava numa cela da prisão de Lübeck, ao passo que a vida dele terminara em Hildesheim, num tiroteio com a polícia.

Tinha contado esse episódio ao fotógrafo, que ficara cativado pela história, chegando até a inspirá-lo. Fantasiou com a ideia de que os sapatos *Charles Jourdan* pudessem ser uma arma na história que queria contar. Assassínio e homicídio. Bourdin adorava a provocação, mas a assistente dissuadiu-os: o cliente acharia estranho.

Florentine gostou que Claire a cumprimentasse com entusiasmo. Teria sido um erro prescindir do apartamento que tanta liberdade lhe havia concedido? Então veio-lhe à ideia outro casal: Katja e Jon.

Sentiu uma imensa gratidão quando no dia seguinte pôde embarcar com toda a facilidade num avião para regressar a um lar onde a esperavam Robert e as crianças. Sem um muro que os separasse.

Maio, 1977

– É a ti que tenho de agradecer o facto de fazer noventa anos em junho – afirmou Guste. – Às tuas palavras de encorajamento e ao teu presentinho. Vais tocar no dia do meu aniversário? Primeiro vou mandar afinar o velho *Schimmel*. Mas toma bastante cuidado para não voltares a cair da banquetta.

– Isso foi já há quase trinta anos, Guste.

O passado parecia estar muito mais próximo do que o presente.

– Vamos para o jardim. Traz o jarro da limonada, eu levo a bandeja com os copos.

Tian ocupava um dos cadeirões de vime, não perdendo Etta de vista, que trepava pela casinha de madeira branca; Ida estava com Lori no alpendre, mostrando-lhe o ninho que os melros haviam feito na madressilva-do-japão. Alex pousou o jarro de vidro em cima da mesa, abraçou o amigo e pegou em Etta ao colo, que passava a correr por ali. Sorriu ao ver Ida com Lori. Sentia-se pouco à vontade quando estava ao pé do menino, como se não tivesse o direito de se aproximar muito dele.

– Temos o jardim só para nós – assegurou Tian. – As três adolescentes foram-se embora, e a Anni encontra-se na cidade.

– Exato. Por conseguinte, o alvoroço hoje fica apenas por nossa conta.

Só então é que Alex a viu, era provável que Florentine estivesse em casa e tivesse saído para o jardim atrás dele; como estava bonita com aquele vestido indiano.

– Não devias estar no estúdio? – perguntou-lhe. – Pensava que tu e o Robert tinham de gravar.

Alex assentiu e consultou o relógio de Klaus, que continuava a usar.

– Ainda disponho de um ou dois minutos – afirmou. A verdade era que só quisera dar um pulo até ali para ver como estavam Tian e Guste.

– Não tenhas pressa, sentem-se – instou esta última ao mesmo tempo que enchia os copos. – De certeza que tu e o Alex só irão voltar a ver-se no dia do meu aniversário.

– Como é que queres a festa? – perguntou-lhe Florentine.

– Quero que venham todos e que comam e bebam com fartura.

- E quanto às homenagens e aos cânticos de louvor? – observou Tian.
- Com Alex ao piano chega e sobra. Diz-me uma coisa: vais tocar?
- Prometo-te – replicou Alex. Bebeu a limonada e pôs-se de pé. – Agora sim, vou para o estúdio. Ainda bem que daqui até lá é um pulinho.
- Pois então não te ponhas a pular muito – advertiu Guste. – E não te esqueças da bengala, está encostada à mesa da cozinha.
- Alex virou-se para levantar a mão antes de entrar na casa.
- Noto uma certa tensão entre ti e o Alex – comentou Ida com a filha. – É como se vocês os dois fossem divorciados.
- Estive apaixonada por ele durante muito tempo – admitiu Florentine. – Talvez por isso nos sintamos algo inibidos.
- Ficava feliz por Florentine falar do passado, Guste sentiu-se satisfeita. Dava a impressão de que o assunto estava resolvido de uma vez por todas.
- Pouco a pouco começa a envelhecer – observou Ida.
- Se assim não fosse, seria como o Dorian Gray – disse Tian.

Lina abriu de par em par a janela de três folhas e puxara uma cadeira. A primavera presenteava-a com as vistas mais belas do canal: o verde cintilante, a flor dos castanheiros do outro lado da ponte, a luz dos dentes-de-leão à beira da água.

Em dias assim, Louise costumava inaugurar a temporada dos *cocktails* diante da janela aberta. Lina sentia saudades das horas que passavam as duas a sós, mas não do álcool.

Vinda do canal Eilbek chegou uma aragem fresca, e Lina levantou-se para ir buscar o cachecol que Henny lhe havia oferecido e que ela preferia usar como se fosse uma romeira. Já em criança não gostava de usar cachecol, nem sequer quando o Alster estava congelado e ela patinava que nem uma louca. Lud nunca se atrevera. «Caguinchas», chamava-lhe o pai.

Como tudo aquilo ficara para trás. Quantas pessoas já os haviam deixado desde então. O que é que se podia fazer com a vida numa altura dessas? Ia até à livraria dois dias por semana. Desfrutava das excursões que fazia com Karl, dos passeios pelas margens do Elba em Övelgönne e Teufelsbrück. De vez em quando, iam ao teatro.

No Kunsthalle, Karl Luetken não era uma companhia muito paciente, para ele já lhe chegava o Museu de Altona. Era capaz de passar dias inteiros na sala das figuras de proa, sonhando acordado que era um marinheiro; ele nunca estivera no oceano, só se havia relacionado com os barcos no estaleiro.

Kurt Landmann era um apaixonado pelo Museu Kunsthalle, Lina e ele partilhavam o amor pelos pintores da Secessão de Hamburgo. Deixara-lhe os *Banhistas na Praia do Elba*, o quadro que Hopf havia pintado em 1925. A

Natureza Morta com Figura Negra, de Emil Maetzel, também um legado de Kurt, estava na casa de Henny e Theo.

Lina levantou-se de novo para ir ver a tela de Eduard Hopf, que se encontrava pendurada por cima do sofá de dois lugares de couro negro que Louise comprara pouco tempo antes de morrer, porque lhes custava levantarem-se do sofá que tinham, de tão afundado que estava, e ao qual tinham dado bom uso.

Porque não beber um pequeno copo de vinho à saúde de Kurt e de Louise? Será que teria prosseguido a frágil relação amorosa com Kurt caso Louise não tivesse chegado de Colónia para lhe pegar pela mão e a arrebatá-lo e lhe mostrar outra espécie de amor?

Casar-se com Lina poderia ter protegido Kurt, tal como Theo protegera a sua esposa judia. Contudo, naquela época ninguém sabia o que iria acontecer, os nazis ainda eram apenas um retumbar surdo no Sul.

Lina serviu-se de um copo de vinho. Era próprio de Louise ter sempre uma garrafa de vinho branco no frigorífico; durante muito tempo, os vinhos foram do Reno, e Lina mantinha o costume vivo, embora agora houvesse amiúde um bom *chardonnay* francês.

Voltou a sentar-se ao pé da janela. Envolta no cachecol, cuja cor, de acordo com Henny, era de «sumo de amora».

Aprender a viver sozinha. Era o que tentava fazer há cinco anos.

Das vinte e quatro fotos de Katja, nada feito. O empregado da droguaria da Kollwitzstrasse pôs um pacotinho fino em cima do balcão à frente de Jon.

– Pratique mais. Foque com mais cuidado, tenha em atenção a contraluz. O rolo era bom, *Kodak Tri-X*, o mesmo que usam os profissionais do outro lado do Muro.

Nesse dia de outubro, Jon estava demasiado desesperado para pensar nas suas aptidões como fotógrafo. Mandara ampliar uma das fotos, que se encontrava em cima da mesa do seu quarto; as oito restantes tinha-as guardadas numa pasta onde se lia «Volksbühne», onde, aliás, levava alguns textos do teatro para casa.

Stefan não tivera intenção de a abrir, acontecera por acaso quando se encontrava no quarto de Jon, à procura da chave da cave. Era intrometer-se em demasia na vida particular do irmão mais novo, e envergonhou-se no mesmo instante em que viu a primeira das fotos de Katja. Meteu-a na pasta e saiu do quarto dele.

Estava sentado à mesa de desenho quando Jon chegou a casa.

– Queres ir dar um passeio, Stef? Está um dia fabuloso.

– Tens tempo?

– Sim. Podemos ir ao Metzger Eck, puseram umas mesas cá fora.

– O último *grand mal* foi há seis dias – recapitulou Stefan.

O «grande mal», o nome que recebiam os ataques em francês, que também se usava no seu idioma. Uma variante que era quase elegante.

– Hoje não te vai acontecer nada. Os antiespasmódicos impedi-lo-ão.

– Espero que tenhas razão – respondeu Stefan. Levantou-se.

Correu tudo bem quando se sentaram no Metzger Eck a tomar uma cerveja.

– Tens sabido alguma coisa da Katja nos últimos tempos? – perguntou-lhe Stefan.

– Nada desde fins de abril.

– Então não faz assim tanto tempo. Lembras-te do mercado de Natal da Praça Marx-Engels?

– A que propósito é que te foste lembrar disso num dia de maio em que faz algum calor?

– Porque me lembrei do garoto pequeno que eras nesse tempo – retorquiu Stefan. – Que ficava boquiaberto com tudo. E que se deslumbrava com tudo. Até mesmo com o pouco brilho que tinha o mercado. Agora nessa praça situa-se o Palazzo Prozzo.

O ataque chegou de súbito quando já estavam em casa: por detrás dos edifícios cinzentos do outro lado do pátio, o Sol estava a pôr-se. Estendido no chão ao lado de Stefan, com o braço sobre o peito do irmão, Jon esperou que o *grand mal* passasse e Stefan recobrasse os sentidos.

– Este fim de semana é provável que o tempo piore, podíamos ir ao cinema. – Klaus deixou na mesa o saco de pãezinhos que acabava de comprar na Pritsch, na Rua Papenhuder, onde ainda tinham um forno de onde emanava um aroma agradável. – Gostaria de ir ver *Das Brot des Bäckers*¹⁸, está em exibição no Abaton.

– O Thies comentou comigo sobre o filme – observou Alex. – Acho bem. O que é que te leva a crer que o tempo vai piorar?

– Disseram na NDR. E tu e eu confiamos nas previsões deles – replicou Klaus.

Alex dobrou o *Frankfurter Rundschau*, abriu um pãozinho ao meio e barrou-o com manteiga.

– Quando prenderam a Verena Becker, encontraram a arma com que disparou contra o Buback, o motorista dele e a escolta policial.

– Que coisa horrível no que acabou por se transformar o que há dez anos nos parecia uma boa ideia.

– Estás a referir-te aos protestos estudantis?

– Sim – corroborou Klaus, e dito isto dirigiu-se para a cozinha, pois acabara

de soar o temporizador que indicava que os ovos estavam prontos.

– Há alguma novidade sobre a Ruth? – perguntou Alex.

Klaus pousou os suportes para os ovos em cima da mesa e sentou-se.

– Que novidade é que queres que haja? O que ela vai dobrar e colar a seguir naquele sítio? A última coisa creio que eram caixas de bombons. O Rudi vai visitá-la uma vez por mês.

– Li que aos presos da RAF que se encontram em Stammheim lhes concedem quase todos os livros que pedem para estudar. Os que estão a cumprir prisão perpétua vão acabar por se doutorar todos.

– O Rudi não me disse nada sobre darem livros à Ruth.

– A Käthe continua sem lá ir?

– Sim – respondeu Klaus. – Se afinal o tempo não estragar tudo, a Henny sugeriu que fôssemos até à Körnerstrasse para desfrutar do jardim.

– Vejo que não gostas de falar sobre a Ruth.

– Deprime-me. Quando era pequena era muito amorosa...

Alex assentiu.

– Ir a casa da Henny e do Theo também me parece perfeito. Há muito tempo que não os vejo.

– Por outro lado, é verdade que te encontraste com a Florentine e com o Lori.

Alex ergueu os olhos.

– E também com a Guste, o Tian, a Ida e a Etta.

– Não era minha intenção dizer que foi um encontro furtivo, esse teu com a Florentine. A Ida contou à minha mãe. O Lori vai fazer sete anos em junho, como o tempo passa depressa.

– É verdade – afirmou Alex. – E este ano também lhe darei um presente, porque é o neto do meu melhor amigo e o filho do Old Green Eye. Tinha pensado comprar-lhe um dos livros de partituras para crianças da C. F. Peters e um álbum com as primeiras canções fáceis, já que pretende ter aulas de piano.

– Estás a contar-me isso para que fique registado em ata.

– Às vezes sinto-me interrogado quando se trata do Lori.

– Parvoíces – negou Klaus. Abriu o seu ovo. Com um golpe seco. Alex dava sempre umas pancadinhas na casca com a colher de chá e em seguida retirava a parte superior. – Porque é que não lhe dás tu mesmo as aulas? Fizeste isso com o Konstantin durante anos.

– Foi uma exceção. A Marike contou-te que o Konsti desistiu das aulas? Eu acho que é uma pena, mas é claro que, afinal de contas, o que ele quer é ser médico, não pianista. Pode ser que toque de vez em quando por puro prazer e assim não se esqueça de tudo.

– Tu sempre tocaste por prazer?

– Não nas noites de Bahía Blanca, nem tão-pouco no clube dos soldados britânicos. Aí era como uma daquelas máquinas de discos onde introduziam moedas para que tocassem o que eles queriam.

Klaus sorriu.

– Uma vez por outra, também eu meti uma moeda – admitiu. – Podíamos convidar os Utesch. Pode ser até que a Katja também alinhe. Passa cada vez mais tempo fora, como fazia dantes a Florentine.

Klaus ainda não sabia que a sua irmã tinha medo de que Katja pudesse abandonar Hamburgo para ir para Berlim Leste.

Estaria Katja a cogitar nessa hipótese? Acaso nos dias que passava em Hamburgo não fazia todos os possíveis para arranjar o apartamento onde agora morava sozinha? Nas divisões da parte da frente tinham afagado o soalho, e ela havia comprado uma mesa antiga de carvalho, comprida, «uma mesa para comer e orar», disse o antiquário. Tal como ela queria. Dava para sentar doze pessoas, e tinha duas tábuas adicionais que lhe permitia tornar-se ainda maior. O que é que tinha na cabeça? Abrir uma pensão para jovens solteiras?

Katja não rezava à mesa de carvalho, fazia isso noutra parte: na ponte de Schwanenwik, quando na outra margem do Alster o Sol se punha, ou então no jardim dos avós, debaixo da tília que crescia onde se encontrava enterrado o mastim. A relação que Katja mantinha com Deus era semelhante à de Klaus, o desejo de possuir uma fé muito maior do que a fé em si.

«Meu Deus, ajuda-me. Para que eu e o Jon não fiquemos mais tempo separados.»

As viagens distraíam-na, e nesse aspeto as coisas eram bastante mais fáceis para si do que eram para Jon, que se movimentava apenas entre a Rua Strassburger e o teatro, e além do mais quase ninguém estava de bom humor no Volksbühne depois de os responsáveis do Ministério da Cultura terem criticado a programação da temporada.

«Demasiado Heiner Müller», escreveu Jon a Katja. Uma pena, pois ele estava com esperança de poderem exibir uma reposição de *Guerra sem Batalha*.

Katja fotografou mineiros no País de Gales, e o desenhador de Andy Capp em Newcastle. Levou a Stefan um desenho de Flo, a mulher de Andy Capp, assinado por Reg Smythe, que enviou para Berlim por intermédio do correio interno.

Numa tarde chuvosa telefonou a Klaus para a NDR: «Meu querido muro das lamentações, vem visitar-me, anda.» Pediu-lhe que fosse a sua casa nessa mesma tarde.

Klaus viu a fotografia de Jon Feldmann. Sabia que a sobrinha amava o ator

de Berlim Leste, mas só compreendeu a magnitude do drama quando Katja lhe falou sobre Stefan.

– O muro das lamentações é capaz de aceitar o teu *kvitel*, mas não de dar um bom conselho. Ir viver com ele em Berlim Leste seria muito mais complicado do que eu poderia dizer-te neste momento.

Sentaram-se à mesa para doze pessoas, com dois copos à sua frente.

– A propósito, andas a alimentar-te bem? – perguntou Klaus. – Vou preparar-te alguma coisa para comer. – No entanto, encontrou o frigorífico vazio, nem sequer macarrão havia. Abanou a cabeça. – Estás muito magra, Katja. Vamos ao Roma, anda, convido-te.

– O Alex deve estar à tua espera.

– Tem um concerto em Lübeck.

– Não sabia que tinha voltado a atuar em público.

– Se não o fizesse, os outros quatro membros do Quinteto tê-lo-iam linchado.

– És feliz com o Alex.

Klaus sorriu.

– É o amor da minha vida, mas nem sempre sou feliz com ele. E o mesmo vai acabar por acontecer contigo e com o Jon.

– Nesse caso, achas que algum dia viverei com o Jon?

– Acho – retorquiu com firmeza. Que outra coisa poderia ter dito?

Saíram de casa e dirigiram-se para a Hofweg para comer a massa em roda de parmesão que Carlo Cametti preparava.

Florentine não tinha em mente uma pensão para jovens solteiras, mas sim apenas uma pensão; acaso não tinha nascido na pensão de Guste? Projetos. Isto porque chegaria o dia em que deixaria de posar frente às câmaras.

Quantas coisas mais lhe passavam pela cabeça? Uma agência. De nível superior à da senhora Romanow. Ser fotógrafa. Mas não estava ela farta de todo esse ambiente? Queria mesmo, de verdade, ficar atrás de uma câmara?

Uma pequena e simpática pensão para artistas. Florentine levantou-se de um pulo e estalou os dedos quando a ideia lhe ocorreu.

Audrey resmungou: nesse momento estava a pôr-lhe as pestanas postíças.

– Tem um pouco mais de consideração – pediu Jean. – Trata-se do último trabalho da Audrey antes de se reformar. Eu sou o único que continua a trabalhar com ela.

– Um dia destes vou gerir uma pensão para artistas.

– Um dia bem longínquo – especificou Jean. – Continuas a ser demasiado boa nisto.

Florentine e Jean mostraram um ao outro as fotos dos respetivos filhos.

Ambos haviam constituído família.

– A vida acaba por ser muito diferente do que uma pessoa imaginava... – observou Florentine. – Quem diria que eu seria mãe de dois filhos?

– A minha vida decorre de acordo com o previsto – afirmou Jean.

Florentine encolheu os ombros. Que grande fanfarrão. Contudo, sentia-se feliz por voltar a estar diante da câmara do fotógrafo luxemburguês, embora o que estivessem a fazer fosse algo convencional.

Casacos de peles para as senhoras que saíam de limusinas para entrar nas Galeries Lafayette, no Saks Fifth Avenue ou no Harrods, saindo depois carregadas de sacos acetinados. Quantos visons morriam para se confeccionar um casaco que dava pelos tornozelos? Era mesmo verdade que tinha chegado a vestir pele de leopardo na sua vida particular? Devia essa crítica a Katja, que erguera o dedo indicador moralista em nome de Ruth.

– Será que amanhã já terminámos? Quero voltar para casa.

– Eu também – concordou Jean. – A propósito, continuas sem te casar com o pai dos teus filhos?

– Sim – declarou Florentine. – Não quero estragar todos os planos que fiz em tempos para a minha vida.

Não levaria os sacos com as câmaras. Limitou-se a meter uma *Nikon* na sua mala de camurça. Envergou um vestido leve que lhe dava pelo meio da perna, pois nesse último sábado de maio fazia calor quando Katja saiu da pensão da berlinense Rua Bleibtreustrasse.

Tê-la-ia visto Jon com outra coisa que não fosse calças de ganga? Cortou para a Avenida Ku'Damm, o vestido preto às bolinhas brancas agitando-se quando desceu as escadas do metro. Pensou a contragosto nos trâmites que a aguardavam quando chegasse à Friedrichstrasse.

Há dezanove meses que não se viam, seria tudo diferente do que diziam as cartas de Jon? Katja saiu na Praça Senefelder e levou a mão ao fiozinho de ouro que trazia ao pescoço, que lhe havia chegado a Hamburgo no dia do seu aniversário, do qual pendia uma âncora.

Surpreender Jon. Seria uma boa ideia?

– Vamos até à cervejaria Pratergarten – propôs Jon. – Misturar-nos com as pessoas, comer salsichas e beber cerveja. Assim podemos distrair-nos. Estamos os dois tristonhos.

Abotoou a camisa branca de náilon e enfiou o cinto pelas presilhas das calças. A camisa iria colar-se-lhe à pele, mas não tinha mais nada à mão. Chegara o momento de pôr roupa a lavar na máquina.

– Não te apetece? – perguntou ao ver que Stefan não dizia nada. Sofrera o

último ataque havia apenas dois dias, era muito pouco provável que fosse ter outro nesse mesmo dia. – Stef? – insistiu. – Aconteceu alguma coisa?

– Vem cá – pediu Stefan, que estava debruçado na janela.

Jon acercou-se do irmão e viu Katja do outro lado da rua.

¹⁸ Filme de comédia alemão estreado em 1976, não havendo registo de que tenha sido exibido nas salas de cinema portuguesas. Poderá traduzir-se o título como *O Pão do Padeiro*. (N. da T.)

Outubro, 1977

A estrela da RAF no canto superior esquerdo da foto instantânea. Um pedaço de cartão branco que o exausto Schleyer segurava nas mãos.

DETIDO HÁ TRINTA E UM DIAS

– Não vai aguentar – afirmou Theo, desligando o televisor. Já não conseguia suportar mais as notícias do telejornal. 1977 tinha-se transformado no ano do terror.

– Sentes-te bem? – perguntou-lhe Henny. – Estás pálido.

– Sim, estou bem. Faltam-me cinco anos para completar os noventa. Se a Guste conseguiu, eu também vou conseguir.

– Vou preparar um pouco de vinho tinto com ovo – propôs Henny. – De certeza que algum efeito há de fazer.

Theo, médico reformado, tinha as suas dúvidas quanto ao valor terapêutico do remédio, mas pelo menos o álcool que continha era relaxante. Henny herdara a paixão que a sua mãe, Lotte, tinha por ele; tratava-se de um elixir de esperança, e nos dias que corriam isso era algo que era necessário ministrar em doses industriais.

Desde que tinham sequestrado o presidente do patronato e assassinado as quatro pessoas que o acompanhavam, a maioria dos alemães defendia o restabelecimento da pena de morte. Face aos acontecimentos brutais, Theo dava graças por ninguém do seu círculo mais próximo ser a favor.

«Não se trata de uma crise nacional, apenas uma aglomeração de perigos», assegurou Herbert Wehner, líder do grupo SPD. E Helmut Schmidt, o chanceler, manteve-se firme e irredutível nas negociações com os terroristas, cujo objetivo uma vez mais era que libertassem os presos de Stammheim mediante a pressão que exerciam. O terror nada tinha que ver com a política.

– É uma sorte que a Ruth se encontre a salvo em Lübeck – comentou Henny quando voltou para a sala de estar. Pousou os copos em cima da mesinha de apoio que havia ao pé dos cadeirões. O facto de ser verdadeira não tornava a ideia menos desconcertante.

– O que foi que a Kätthe e o Rudi te contaram? – perguntou Theo.

– O Rudi diz que a Ruth está arrependida. Há algum tempo que desconfia disso, mas agora a Ruth fala sobre o assunto.

– Isso aumenta as probabilidades de conseguir recuperar o controlo da sua vida. Não creio que seja obrigada a cumprir a pena na íntegra.

– A cor já voltou à tua cara. O vinho tinto faz-te bem.

Theo sorriu.

– És uma verdadeira especialista a misturar vinho, açúcar e gema de ovo – retorquiu. – A minha mãe deve estar toda satisfeita a observar-nos lá do céu.

– Oxalá volte a reinar a paz no país – desejou Henny. Recostou-se e olhou para Theo: quanto o amava.

– *Imagine*, do Lennon – disse Klaus. – Vai ser a primeira canção que poremos a tocar no programa da manhã. Não é nem *jazz* nem nova, mas a letra fala do que todos nós pensamos. – Klaus estava sentado na sala de controlo de som, deixando papelinhos na mesinha com uma caligrafia apertada e não muito legível. Pegou numa *spéculeos* prematura e quase derrubou a chávena de café que Robert havia deixado ao pé das bolachinhas natalícias.

Robert gostou da ideia.

– E também *Where Have All the Flowers Gone*, do Pete Seeger. Um programa dedicado à paz, porque não? *Quando a Noite Cai* pela paz. Para assinalar um contraste entre as notícias diárias.

– Já conheces as diretrizes do Thies: quando muito, um título que não seja de *jazz*.

– Impõe-te. O criador do programa és tu, há aquilo que parece uma eternidade – opinou Robert. – O único que está há mais tempo no ar é *Entre Hamburgo e o Haiti*.

– Tinha vinte e um anos quando comecei com o programa *Quando a Noite Cai*. – Klaus abanou a cabeça, surpreendido por ser tão jovem quando começou. – O Alex diz que o Tian já tem uma data marcada para a operação, é verdade?

– Dia 18. E já não era sem tempo, quase nem consegue respirar. Para trás ficaram os dias em que jogava futebol com o Lori no corredor.

– O UKE possui uma boa equipa de cardiologistas, embora não se atrevam a realizar transplantes.

– Não creio que se deva às suas capacidades. O perigo de se verificar uma rejeição continua a ser demasiado elevado. A Florentine tem andado a ler tudo o que existe e mais um pouco sobre o assunto para convencer o pai da necessidade de ser operado.

- Vejo que estás a dar-te às mil maravilhas com a Florentine – disse Klaus.
 - Sim. – Robert sorriu. – A Sweet Florraine anda agora com umas fantasias de abrir uma pequena pensão para artistas.
 - E pôr fim à sua carreira internacional?
 - Quer poupar para essa pensão de artistas. – Começou a rebobinar no grande misturador, tocando quase com carinho nos reguladores. – O Lennon já está. Do *Flowers* só temos a versão alemã, com a Marlene Dietrich. Vou procurar o original.
 - Acho que vamos pôr o Lennon e pronto. Vou passar-te a lista de títulos de jazz quando conseguir decifrar as minhas próprias anotações. Vem tomar outro café comigo, anda.
- Foi Thies quem acabou com a idílica cena da segunda sala de controlo de som. Da porta informou que haviam sequestrado um avião da Lufthansa que se dirigia para Frankfurt vindo de Maiorca.
- Está a passar agora mesmo no telex. O *Boeing* vai a caminho de Roma.
- O horror ainda podia ir mais longe.

No dia seguinte, nas notícias vespertinas, Karl-Heinz Köpcke revelou no noticiário a relação existente entre o *Landshut*, o avião sequestrado, e o rapto de Hanns Martin Schleyer. Os dois comandos terroristas tinham como objetivo pressionar mais ainda Helmut Schmidt: agora também estava em jogo a vida de oitenta e dois passageiros e cinco membros da tripulação do avião, que depois de voar sem rumo durante dezassete horas aterrara no Dubai e ali estava, no meio das dunas.

Jon ouviu a notícia assim que chegou a casa. Dirigiu-se para a saleta onde se encontrava o televisor e pôs a mão no ombro de Stefan.

- Em comparação com isto, do outro lado do Muro as coisas quase são apazíveis – comentou o irmão. A imagem no *Color 20* começou a estremecer.

- Espero que a Katja não se meta num avião para o Dubai – disse Jon.

- Os terroristas precisam de combustível, não vão ficar ali. – Stefan soltou um profundo suspiro, tal como havia feito Bölling, o porta-voz governamental, depois de ter lido a lista de exigências. Queriam a libertação de quatro dos prisioneiros de Stammheim e de sete membros da RAF que se encontravam detidos noutras cidades. – Estive na Gürtelstrasse, Jon.

- O que é que há lá?

- Um lar de idosos.

- Aos quarenta e um anos, não achas um pouco prematuro, Stef? – Jon tentou empregar um tom de sarcasmo.

- Só quero encontrar uma solução, mas não admitem casos como o meu. – Antes morto do que trancar-se naquele lugar, mas isso Stefan não disse.

No dia de maio em que Katja tinha aparecido sem avisar tivera momentos mais alegres. Insistiu para que fossem os três à Pratergarten, na Kastanienallee. Riram, cientes de que em parte riam para não chorar. No entanto, a avaliar pela descrição que Katja fizera da polícia popular da RDA na estação de Friedrichstrasse, ficou bem claro que não seria capaz de se adaptar a viver ali. Quando Stefan se retirou para o seu quarto, Jon e a sua Katjuscha tiveram uma conversa séria.

– O que é que vocês estão a pensar fazer? – perguntara Stefan ao irmão mais novo no dia seguinte, de manhã.

Jon tapara a cara com as mãos e não respondera. Não esperava ser capaz de conseguir encontrar uma solução. Nem no verão nem no outono.

Stefan levantou-se e ligou o televisor com o volume baixo.

– Não queres telefonar-lhe? Há momentos em que as pessoas que se amam desejam conversar.

Jon abanou a cabeça.

– Não estou com vontade de passar horas à espera de falar com ela, para depois me dizerem que não está em casa.

– Vocês são muito jovens – observou Stefan. – Estes anos são preciosos.

– Tu também és demasiado jovem para te enterrares num lar.

– Não achas que *casa de repouso* soa muito melhor? É essa a opinião dos camaradas. – Stefan era capaz de ser bastante sarcástico.

– Não – negou Jon, estremecendo em seguida quando o telefone tocou.

– Estou em Estugarda – informou Katja. Estava com esperança de que os quatro terroristas tivessem desviado o avião para essa cidade. Pelo menos era muito melhor do que o Dubai.

Ida soltou os pequenos berloques da corrente da pulseira.

Uma pequena tartaruga branca, um elefante negro. Pousou os animaizinhos de jade na palma da mão e ficou ali a contemplá-los. Os talismãs tinham-lhe sido oferecidos por Tian há já muito tempo. Olhou para Tian, que entrou no quarto. Porque é que lhe ocorrera que agora se assemelhava mais a Florentine? A sua filha parecia tudo menos doente. Talvez porque as faces de Tian estavam mais encovadas, as maçãs do rosto mais marcadas?

Tian aproximou-se dela e reparou nos animaizinhos que Ida segurava na mão.

– Eu fico com a tartaruga e tu com o elefante – decidiu esta. – Vamos pendurá-los ao pescoço. Comprei uns fios bastante singelos.

– Amuletos – respondeu Tian, comovido. – Não creio que me deixem usar um fio durante a operação.

– Mesmo que durante a operação não to permitam, leva o elefante contigo

para o hospital. Podes deixá-lo no quarto e pô-lo depois.

– Os médicos vão abrir-me o tórax.

– Mas depois irão coser-to, com um coração que passará a bater às mil maravilhas lá dentro – animou-o Ida.

– Não quero que vás ao UKE – pediu Tian. – Saber que estás à espera do lado de fora do bloco operatório seria angustiante para mim. – Pretendia desse modo apagar a cena do seu próprio pesadelo? O médico a abeirar-se de Ida num silêncio esmagador?

– Se não quiseses que eu vá ao hospital, irei para casa da Henny e do Theo.

– Parece-me uma ótima ideia. Apetece-te sair para dar um passeio até ao Alster? Está tudo tão lindo.

Ida abriu uma gaveta do toucador e tirou dois fios finos, onde pendurou a tartaruginha e o elefante.

– Claro – replicou. – Sentes-te com forças para ir dar um passeio?

– Sim – garantiu Tian, deixando que ela lhe pusesse o fio ao pescoço.

Foi Florentine quem levou Tian para o hospital universitário, no bairro de Eppendorf. Não no carro da família, mas sim no vermelho, que tirou da garagem. Tian insistiu em levar a maleta quando percorreram os dois passos que os separavam do edifício onde se encontrava a unidade de cardiologia. Florentine teria gostado de dar a mão ao pai, mas, se lhe dispensasse demasiados cuidados, a única coisa que conseguiria era desconcertá-lo. Durante toda a sua vida só havia pensado em Ida.

– Cuidem dela – pediu.

– Agora tu vens em primeiro lugar.

Análises ao sangue. Conversas prévias à operação, que se realizaria no dia seguinte, bem cedo.

– Anda, vai-te embora – pediu Tian. À tarde, Alex iria lá ter.

Alex saiu da rádio às seis horas e foi diretamente para o hospital, procurando transmitir tranquilidade.

– Sei quais são os teus medos – assegurou –, mas precisamos de confiar que vai correr tudo bem.

Estavam sentados junto à janela do quarto individual, cada um na sua pequena poltrona como as da Johnsallee, que Ida conservara a vida toda e estofara de novo por diversas vezes. Agora eram cor de laranja, tal como o sofá da Schwanenwik. Não queria Ida um tecido luminoso?

– Preciso de te dizer uma coisa. E gostava que me desses uma resposta antes de eu ser operado – pediu Tian.

Alex fitou-o com cara de interrogação.

Katja olhou para o relógio: oito e meia. Duas horas menos do que em Mogadíscio, onde se encontrava agora o avião da Lufthansa sequestrado. O comandante do *Landshut*, que morrera, fora lançado do avião.

Eram muitos os companheiros que aguardavam diante do robusto edifício de segurança máxima de Stammheim. Para quê? Para ver o sinal da vitória de Baader, Ensslin, Raspe e Ingrid Möller? Apesar de nenhum deles acreditar que o governo federal fosse ceder.

Estavam a aguentar há três dias, o cansaço começava a propagar-se entre eles. Katja telefonara aos pais e garantira-lhes que estava tudo calmo. «Não te esqueças de comer», recordara-lhe a mãe. «Como é que estás a alimentar-te aí?» Não restava a menor dúvida de que era irmã de Klaus.

Contemplou a vedação, o arame farpado. Eram tantas as coisas que não se podiam resolver... Não, não podia viver no Leste, acomodar-se não era uma das suas qualidades. Katja, *a Fera*. Sorriu ao recordar-se de Karsten. Onde é que ele andaria?

Era possível que fosse a primeira alemã do lado ocidental a entrar na Hohenschönhausen, a prisão da Stasi. O olhar assustado de Jon quando, no belo Prater iluminado pelo sol, ela dissera em voz alta o que não se podia dizer em voz alta na RDA.

Katja encontrava-se na furgoneta *Volkswagen* de um colega de há muitos anos da DPA, a aquecer-se com café de uma garrafa térmica, quando pouco depois da meia-noite a unidade antiterrorista GSG 9, comandada por Ulrich Wegener, tomou de assalto o *Landshut*, matou três dos quatro terroristas e libertou os reféns.

Foi Alex quem esperou nessa madrugada junto do bloco operatório onde Tian estava ligado à máquina coração-pulmão.

Não tomou conhecimento da libertação dos reféns em Mogadíscio, nem tão-pouco do suicídio de Baader, Ensslin e Raspe nas respetivas celas de prisão. Alex lia sem vontade um exemplar da *Reader's Digest* que havia encontrado na pequena sala de espera, mas pela sua cabeça desfilavam vinte e seis anos de amizade.

Quando a porta se abriu, levantou-se da cadeira de um salto. Era Florentine, de mãos dadas com Robert.

– Não aguentava mais esperar em casa. Sabes alguma coisa?

Alex abanou a cabeça.

– Há quanto tempo é que está lá dentro?

– Não chega a três horas.

Ainda se passaram mais quinze minutos, em que esperaram em silêncio, até que o médico chegou e se dirigiu a Florentine, que se pusera de pé juntamente

com Alex e com Robert.

– Não pudemos fazer nada, sinto muito. O seu pai demorou demasiado tempo a ser operado, o seu estado geral era mau.

Um pesadelo que se tornava realidade. Abraçaram-se os três, a chorar. Florentine, Alex, Robert. O grande receio de Tian de não sair vivo da sala de operações tinha-se confirmado. Só havia um pormenor do apocalipse que imaginara que variava e que ele mesmo havia corrigido: não era a Ida que comunicavam a notícia da sua morte.

Ida estava com Henny e com Theo, a tomar o pequeno-almoço. Não tocou na comida, apenas bebeu um café puro ao mesmo tempo que contorcia as mãos.

A libertação do *Landshut*, a morte dos terroristas em Estugarda, o cadáver de Schleyer no porta-bagagens de um *Audi*, tudo isso parecia apenas um tamborilar surdo que ficou em segundo plano nesse dia.

Porque é que o que o ser humano mais temia tinha de se tornar realidade?

– O que é isto? – perguntou Alex, olhando para Klaus. – Uma profecia autorrealizada? – Ficou a observar as cicatrizes brancas do punho esquerdo. – E fui eu que o convenci a ser operado.

– Quem o convenceu foi a Florentine e o Theo. Toda a gente disse isso – retorquiu Klaus. – Lembra-te do que disse o médico, que o Tian tinha demorado demasiado tempo a decidir-se. – Sentou-se ao pé de Alex, que apoiou a cabeça no seu ombro em busca de consolo.

– No domingo vamos reunir-nos todos na Johnsallee.

– A Henny contou-me. Ela e o Theo também irão. Queres que vá contigo?

– Sim – pediu Alex. – Ainda bem que sou eu quem tem mais probabilidades de morrer antes de ti. Se fosse ao contrário, não o suportaria.

– O avozinho está no céu? – perguntou Etta.

– Claro – respondeu Lori.

Era uma pergunta tola, mas deu a mão a Etta quando iam a caminho da casa da Johnsallee; afinal de contas, a sua irmãzinha era muito mais nova do que ele. Atrás deles seguiam a mamã e o papá. Lorenz virou-se a fim de se assegurar de que os pais estavam por perto.

Florentine segurava a maleta que Tian levava para o hospital seis dias antes, Robert quisera pegar-lhe, mas ela não abriu a mão. Na maleta não havia muitas coisas; Tian tinha levado o pijama, o estojo dos produtos de higiene, e, na mesinha de cabeceira, Robert e ela tinham encontrado o fiozinho com o elefante de jade negro. Nesse domingo à tarde, Florentine colocou-o por baixo da camisola, talvez Ida sofresse se o visse.

A sua mãe comportava-se com toda a valentia, não fora acometida pelo nervosismo que costumava assaltá-la. Tian tinha morrido, não lhe restava outro remédio a não ser comportar-se como uma mulher adulta de uma vez por todas, com os seus setenta e seis anos.

A porta estava aberta de par em par; Guste, na ombreira, e da sala de estar chegava a voz de Henny e Theo, de Anni e Momme. Eram raras as vezes que punha a grande mesa do salão, onde há tantos anos se sentavam os hóspedes da sua pensão, mas agora tinha-a engalanado com a grande toalha branca de *à jour*, sobre a qual repousava um serviço de café de doze peças.

As filhas dos Siemens não quiseram sentar-se à mesa, optando por se oferecerem para os servir. No dia anterior, Susanne completara quinze anos, ela e as suas irmãs mais novas haviam sempre morado com Tian. Sentiriam muitas saudades dele em casa.

Guste tinha cozido no forno quatro bolos de manteiga simples. Demasiados. Contudo, era bom ocupar as mãos quando a cabeça e o coração se encontravam noutro lugar. A verdade é que devia ter sido ela a partir. Como é que iriam continuar as coisas na casa que havia já tantos anos entregara nas mãos dos Yan e dos Siemens? Já fizera valer de sobra o seu direito a viver nela para o resto da vida.

Alex e Klaus levaram dois ramos de rosas, um para Ida e o outro para Guste. Guste pôs o seu em cima do velho piano e depois sentou-se à mesa na companhia da sua numerosa família. Ao lado dos garfos de sobremesa encontravam-se as colheres da fábrica de pratos de Bremer, presente de Alex. Guste pegou na sua para ser a primeira a servir-se do creme de baunilha. Não comer também não serviria de nada, mas é claro que talvez ninguém quisesse bolo. O que sobrasse congelaria. Depois do enterro, no início de novembro, de certeza que cairia bem.

No meio do jardim outonal, Alex estava a pensar no seu amigo e na derradeira conversa que tinha tido com ele, na segunda-feira da parte da tarde. Nunca iria contá-la a ninguém, nem sequer a Klaus.

– Vais arrefecer – ouviu este último dizer. Virou-se na direção da porta do terraço e viu que Klaus lhe trouxera o cachecol. – Preferes ficar sozinho? – perguntou-lhe em seguida.

– Não, fico feliz por estares aqui – respondeu Alex.

Florentine encontrava-se debruçada na janela do quarto dos pais. Acabava de guardar a maleta do pai no guarda-fatos.

– Não quero desfazê-la – disse a mãe atrás dela. – Neste momento não seria capaz.

– Eu entendo, mamã – respondeu Florentine. Avistou Alex e Klaus, que passeavam de braço dado pelo jardim.

– O elefante negro – comentou Ida. – Encontrei o fiozinho de prata entre as coisas dele?

Florentine enfiou a mão debaixo da gola da camisola e, depois de abri-lo, depositou o pequeno fio na mão de Ida.

– Ou será que queres ficar com o elefante? – perguntou ela.

– O destino deles é ficarem sempre juntos.

Ida assentiu. Desabotoou o botão superior da blusa e pôs o fio para que assim a tartaruga e o elefante permanecessem juntos.

Fevereiro, 1980

Katja atravessava a Ponte Krugkoppel em passo de corrida quando a fita do cabelo lhe escorregou para os olhos. Deteve-se. Precisava de comprar roupa desportiva, tudo o que possuía já dera o que tinha a dar, até o elástico das *leggings*.

– É uma sorte que a menina tenha parado – ouviu uma voz ofegante dizer ao seu lado. – Que velocidade. Pensava que se tratava de uma corrida de resistência e não de um *sprint*.

– Karsten. O que é que estás a fazer aqui?

– Não tenho apenas bagagem, mas sim um quarto luxuoso totalmente mobilado nesta cidade.

– Um passarinho contou-me que vivias em Nova Iorque.

– Melhor dizendo, na América Central.

– Na Nicarágua, suponho. Perigoso, tal como tu gostas.

Karsten sorriu.

– Não mudaste nada. Um passarinho contou-me que estás mesmo apaixonada por um ator de Berlim Leste. Complicado, tal como tu gostas.

– De facto – reconheceu Katja –, é verdade.

– Posso convidar-te para tomar um café? No Bobby Reich?

– Corri meio Aussenalster, primeiro preciso de tomar um duche. Quem foi que te falou do Jon?

– Imagino que não vais deixar-me subir até à tua casa, pois não?

– Podes vir – respondeu ela, uma vez que tinha imensa curiosidade em descobrir o que ele sabia sobre Jon. – Mas mantém as mãos quietas, Karsten.

– Tenho de ir a correr contigo?

– Vai lá a casa às seis – respondeu Katja, prosseguindo a sua corrida.

Katja envergava uma camisola grossa e calças de ganga, tinha o cabelo ainda húmido depois de tomar duche. No lume, a cafeteira estava pronta; sentado à mesa da cozinha, Karsten lançava uma vista de olhos.

– Há quanto tempo é que vives aqui sozinha?

- Fez três anos em janeiro.
- Seria um belo ninho para ti e para o teu Jon.
- O que é que sabes sobre ele? – Pousou a garrafa de *grappa* em cima da mesa, caso ele quisesse deitar um pouco no café.
- Sei que utilizas o correio interno da *Stern*.

Katja ficou branca. Quem é que teria dado com a língua nos dentes? Por aquele andar, a informação não demoraria a ir parar às mãos da Stasi.

– Não te preocupes. Do teu correio encarrega-se uma secretária que faria tudo para vos proteger. É uma romântica.

- E por isso passa-te essas informações? – Katja serviu o café.
- Passámos uma noite agradável e deixei escapar o teu nome para saber como é que estavas. Não paro de ver as tuas fotos na *Stern*.
- Quanto mais gente souber, mais perigo nós corremos.
- Katja, sou um patife, um aventureiro, um mulherengo, mas não sou um traidor, isso é que não, nem tão-pouco sou tão idiota a ponto de andar por aí a falar sobre esses assuntos.

Era verdade. Karsten nunca lhe havia dado motivo nenhum para pensar o contrário.

- Esses idiotas do outro lado não o deixam sair?
 - Nunca apresentou um pedido. – Katja contou-lhe a história inteira.
- Karsten permaneceu calado durante um bocado. Pegou na *grappa* e encheu a chávena de café, entretanto vazia.
- De certeza que prefeririam deixar sair o irmão em vez dele.
 - O Stefan trabalha para a DEFA, é desenhador de filmes de animação. Depende dessa mínima independência, não vive às custas da nação socialista.
 - Porque é que confidenciava tudo aquilo a Karsten?

- O irmão tem de ir com ele – afirmou este.
- Não creio que o Stefan seja da mesma opinião.
- Se sofre apenas ataques de tantos em tantos dias e fora isso não se nota nada nele, também poderá trabalhar no lado ocidental capitalista, além de que o teu apartamento é bastante grande. Tira o Jon desse dilema angustiante e oferece duas divisões ao irmão dele.

- Karsten, acho que preciso de reconsiderar a opinião que tenho de ti.
- O que me importa é a tua amizade, Fera. Alguma vez disseste ao Stefan que seria bem-vindo na tua casa?

Ela hesitou.

- Propus ao Jon que vivêssemos aqui os três.
- Mas a ideia não te deixa lá muito entusiasmada, pois não?
- Sou fraca, Karsten. Quero ficar de uma vez por todas com o Jon, e no lado ocidental. E também simpatizo com o Stefan.
- Quando é que tencionas voltar?

- No final de fevereiro.
- Pois então sê clara, Katja. É evidente que o irmão pensa que não passa de um estorvo. É com ele que tens de conversar. E, faças o que fizeres, não te esqueças de que a Stasi vos tem debaixo de olho, ao Jon e a ti.
- E se não deixarem o Jon sair?
- Não vão deixar, disso podes ter a certeza absoluta. No entanto, pode ser que haja outra maneira de o teu amante e o irmão dele conseguirem atravessar a Cortina de Ferro – respondeu Karsten. – Estou a trabalhar numa reportagem que está relacionada com isso.

Stefan tirou o bule do aquecedor e serviu o chá de pimenta. Num dos desenhos foi-se espalhando uma mancha de humidade, nesse dia estava trémulo.

Em março, o seu irmão mais novo faria trinta anos. Jon não estava nada bem, a cada dia que passava sofria mais por estar separado de Katja. No teatro só lhe davam migalhas, embora recebesse boas críticas. Seria por causa do amor que sentia por Katja, que dificilmente podia ter escapado à Stasi? Ainda não havia chegado nenhuma das habituais «recomendações» do Ministério da Cultura para que renunciasse à relação.

Stefan bebeu um gole de chá. Há algum tempo que se lhe metera na cabeça que devia fazer alguma coisa. Sair para passear, sozinho. Procurar o perigo. Sair do caminho soava melhor do que suicidar-se. Chamasse-lhe o que lhe chamasse, não podia dar a impressão de que havia sido assim, Jon já fora obrigado a superar o facto de o pai ter tirado a própria vida.

Contemplou as películas de desenho que tinha à frente, um anjo e o desenvolvimento do seu movimento, um pequeno 26 que escreveu na parte inferior da nova película. Podiam chegar a ser duzentas para um filme pequeno de um programa infantil. Sentia saudades de trabalhar com os colegas da sala de desenho do Babelsberg Studio. Eram muitas as coisas de que sentia saudades.

Era ridículo pensar que podia enfiar-se debaixo do elétrico da Torstrasse sem que o Jon desconfiasse de alguma coisa. Além do mais, e se em lugar da morte só conseguisse arranjar uma invalidez ainda maior?

- Combina encontrar-te com a Katja em Praga, eu cá me arranjarei sozinho. Ofereçam a vós mesmos o presente de acordar juntos de manhã.
- Vou falar com ela a esse respeito.

Será que Jon o tinha feito? Planear passar uns dias com Katja em Praga? Para comemorar um aniversário? De preferência, o dela. Em maio, Praga era lindíssima.

A sua própria data festiva então, em setembro de 1971, um passeio curto na

MZ, a moto em segunda mão que comprara nesse mesmo ano. À tarde fazia tentações de ir com Jon a Ganymed, um local que Brecht e Kurt Weill haviam frequentado, perfeito para o estudante de teatro que Jon fora outrora. Em vez disso, alguém não respeitou uma cedência de passagem na estrada entre Potsdam e Berlim.

Se ele não existisse, Jon teria mais probabilidades de arranjar maneira de passar para o lado ocidental. Stefan levantou-se e acercou-se da janela. Para contemplar o triste pátio, que era o que fazia sempre quando não lhe ocorria mais nada para fazer.

Nesse ano faria nove anos desde que Jon passara a cuidar dele, e ali estava Stefan, a pensar qual seria a melhor maneira de um epilético morrer sem que o irmão mais novo desconfiasse que havia sido um suicídio.

Ida dirigiu-se para o Johanneum; o diretor não teve pressa em atender a avó que se interessava pelo colégio que Lori começaria a frequentar esse ano. «Só o melhor para os nossos netos», prometera a Tian; Ida prometera muitas coisas a Tian a título póstumo. As coisas não lhe corriam mal, protegida pela família de Florentine e pela dos seus amigos, mas sentia saudades de Tian. Tê-lo-ia amado o suficiente?

Henny comentara que Konstantin se mostrava entusiasmado com o Johanneum, mas Konstantin era um rapaz que se formaria com notas brilhantes em qualquer lugar. No ano seguinte terminaria o liceu e depois iria estudar Medicina. O estágio em Boston, no Hospital Geral de Massachusetts. Tinha tudo planeado. Henny achava inquietante a forma como Konstantin planeava a sua vida, na qual, ao que tudo indicava, não havia tempo para um primeiro amor.

Lori também era um pequeno pensador, mas não um aluno apaixonado. Gostava de fazer gazeta, inclusive às aulas de piano. Podia ser que a exigência e a estrutura por que era conhecido o liceu de Winterhude fossem mais indicadas para ele do que um ensino menos específico.

– Latim ou grego antigo? – perguntou Florentine. – Para o Lori?

– Ele gosta de ler – afirmou Ida. Também a ela lhe teria feito bem se lhe tivessem exigido mais na escola, mas o estabelecimento da menina Steenbock não fora aquilo a que se pudesse chamar muito educativo.

– *Jim Botão e Lucas, o Maquinista*¹⁹ – retorquiu Florentine. – E não *A Guerra das Gálias*, de Júlio César, no seu idioma original.

– Lá chegará – respondeu Ida. Estava sentada à mesa da cozinha e Pina servia-lhe *zuppa inglese*. Dificilmente haveria uma sobremesa mais rica em calorias, mas Ida já não se importava de engordar uns quilinhos.

Quem é que iria vê-la nua?

Florentine foi a única pessoa a quem Katja confidenciou que pretendia levar os dois irmãos para o lado ocidental. Encontravam-se nas dependências das traseiras, as que Katja planeava atribuir a Stefan. Estaria a adiantar-se aos acontecimentos? Será que o orgulhoso Stefan concordaria?

– A sério que queres mesmo fazer isto? – perguntou-lhe Florentine. – Lembrei-me de ti quando o Dutschke morreu na véspera de Natal. Um ataque epilético na banheira. Uma morte trágica para um herói.

– O Dutschke era isso mesmo? – alvitrou Katja. – Um herói?

– Eu simpatizava com o movimento estudantil – afirmou Florentine. – Estas divisões também dariam belos quartos para as crianças. E se não deixarem o Jon sair?

Só quando se instalaram no sofá de estilo modernista é que contou a Florentine o que Karsten havia insinuado.

– Passaportes falsos – disse Florentine. – Escapar pela Hungria ou pela Checoslováquia. Deve ser isso que ele tem em mente. Conheci uma mulher em Paris que tinha fugido assim da RDA. Achas que o Jon e o Stefan estarão dispostos a correr esse risco? A fuga da República é punida com a prisão.

Katja ficou em silêncio.

– Não creio que exista outra maneira de podermos ficar juntos – deliberou por fim. – Em outubro fez quatro anos que eu e o Jon nos conhecemos. Estamos a perder tempo.

– A Ida e o Tian demoraram dezassete anos a ficar juntos.

– Sentes saudades do teu pai?

– Sinto – respondeu Florentine. – O Tian fazia com que as pessoas se sentissem bem. Sabia acalmar os ânimos, sobretudo os da Ida, mas também os meus. O facto de ter levado a sério a vida com o *husky* devo-o ao meu pai e à sua enorme integridade. Para ele teria significado muito ver-nos casados, tenho muita pena de não lhe ter proporcionado essa alegria.

– Vais fazê-lo, de qualquer das formas? Vais casar com o Robert?

Florentine negou com a cabeça.

– Isso já não serviria de nada ao Tian.

– Sê a minha madrinha quando eu me casar com o Jon.

– Primeiro tira-o de lá – aconselhou Florentine. Pôs-se de pé e começou a sacudir algo das calças pretas. – E manda estofar o sofá; o tecido larga algodão, tenho o traseiro cheio dele.

Konstantin subiu a correr os quatro degraus da entrada, o relógio de relevo em bronze marcava oito e doze. Era raro chegar atrasado, mas nessa sexta-feira de manhã ficara desconcertado com o encontro que tivera no autocarro.

Era evidente que a rapariga não ia descer na Dorotheenstrasse para ir com

ele para o Johanneum, a vida não lhe facilitaria as coisas. Caso contrário já teria reparado nela no pátio do liceu, pois os rapazes ainda constituíam a maioria.

As poucas paragens que haviam percorrido juntos tinham sido suficientes para transformá-lo num palerma apaixonado. Quando o autocarro se deteve duas paragens mais à frente, em Winterhuder Markt, Konstantin desceu por fim, e o olhar que ela lhe lançou foi... como se quisesse retê-lo. Ou teria sido fruto da sua imaginação? O coração já lhe martelava descompassado antes de desatar a correr para chegar mais ou menos a tempo ao primeiro tempo de aulas: era alemão. Tinha preparado bem *Emilia Galotti*, de Lessing, um drama em cinco atos.

A rapariga ruiva podia ter a sua idade, mas só depois é que Konstantin se apercebeu de que ela não levava nenhuma pasta. De modo que não se dirigia para nenhum dos liceus de Eppendorf ou de Hoheluft.

Continuava a pensar nela enquanto subia as escadas até ao quinto andar da casa de Schwanenwik a fim de ir visitar Alex, que estava sozinho, como quase todas as sextas-feiras à tarde.

– Acho-te esquisito – comentou o padrinho em jeito de saudação.

Pão com manteiga e rosbife, como sempre. Konstantin comeu com apetite. Serviu-se do molho tártaro, não tanto como de costume.

– O que é que se passa, Konsti? – Alex olhou para o rapaz, que agora tinha a mesma idade que ele quando partira de barco rumo à Argentina.

– Não contes nada ao Thies quando o vires na rádio. Nem tão-pouco à mamã. – Alex encontrava sempre a sua mãe a comprar iguarias na Paulsen.

– Valorizo muito que confies em mim. Podes ficar descansado que não contarei nada.

– Como foi quando te apaixonaste pelo Klaus?

Alex engasgou-se com o pão que estava a comer. Será que Konstantin pretendia revelar-lhe que gostava de rapazes? Seria isso?

– Sou demasiado curioso?

Alex bebeu água.

– Não – replicou. – No início não queria admitir o quanto estava apaixonado. Antes dele só houve mulheres.

– Apaixonavas-te por elas?

– Um pouco.

– Acho que tanto faz, que seja um homem ou uma mulher, quando te dá com força. O que foi que sentiste quando te apercebeste?

– De que estava apaixonado pelo Klaus?

Konstantin assentiu e em seguida adicionou o molho: voltara a ter apetite.

Alex sorriu.

– Pressão – respondeu. – A princípio foi difícil para mim manter uma

relação homossexual, mas não duvidei do meu amor pelo Klaus em momento algum. Konsti, queres dizer-me se te apaixonaste por um rapaz ou por uma rapariga?

Era possível exibir-se um sorriso mais rasgado do que aquele que Konstantin esboçava nesse momento?

– Agora entendo – afirmou. – Ficarias escandalizado se eu gostasse de rapazes?

– Como poderia? – replicou Alex.

– É uma beldade ruiva do sexo feminino – respondeu o rapaz. – Vou contar-te um drama amoroso entre cinco paragens de autocarro.

Depois de ouvir, Alex engoliu em seco no final. Aquele rapaz era fantástico.

– Já te vais embora? – perguntou quando viu que ele se punha de pé.

– Amanhã tenho de apanhar o autocarro às sete e vinte da manhã.

– Mas amanhã não tens aulas.

– Não te esqueças de que a rapariga não levava pasta – referiu Konstantin. – Pode ser que tenha sorte e ela faça aquele trajeto todos os dias.

– Põe os rapazes de sobreaviso – disse Karsten. – As fotos para os passaportes serás tu a fazer. E se quiserem fazer algum comentário e não estiverem na rua, mas sim em casa, vão para a casa de banho e abram as torneiras todas. É possível que haja microfones ocultos.

Microfones num apartamento onde viviam um ator e um desenhador? Katja levou para a mesa da cozinha a *quiche* ainda quente para deixar Karsten de bom humor, uma vez que não podia despi-la a ela.

– O Jon não é nenhuma estrela – observou. – Por que diabo é que a Stasi iria espia-lo a ele e ao Stefan?

– Não tem que ver com o facto de ser uma estrela ou não. Escapam-se-lhes um monte de artistas; como é que achas que a Stasi os tem cadastrados, assim como ao teu Jon desde que te conhece e tu vais tanto ao Leste?

– Que reportagem é essa em que estás a trabalhar, Karsten? E como é que vamos desencantar dois passaportes falsos?

– A nova geração da RAF começa a impacientar-se. Ainda não apanharam os assassinos de Buback, Ponto, Schleyer.

– A Ruth foi acusada de falsificação de documentos, entre outras coisas.

– Sendo assim, a tua prima podia ter-te dado algum conselho. Deixa estar, Katja, só precisas de saber que eu sou capaz de conseguir passaportes em branco e conheço um bom retocador. Isso, sim, vai custar um bom dinheiro. E também vamos precisar de um visto e de um carimbo de entrada na Checoslováquia. Trata tu disso, pois em março estarei na Nicarágua.

– A sério?

– A sério. – Karsten serviu-se de uma dose generosa de *quiche*. – Sou correspondente de guerra. Então, trata de confiar em mim, miúda.

Theo colocou o relógio de pulso no elegante estojo e guardou-o na gaveta da sua secretária. Henny queria um relógio novo como prenda de aniversário, aquele que tinha não funcionava bem. O delicado modelo da Baume & Mercier iria agradar-lhe, Henny fazia questão de dar corda ao relógio todos os dias.

Comprara-o no dia anterior na Becker, na Praça Gerhart-Hauptmann, e fizera-o lembrar-se do carrilhão de antes da guerra. «A cidade de Hamburgo às margens do Elba», o hino da cidade. Naquela época, a praça ainda se chamava Pferdemarkt.

Theo saiu do gabinete. A porta do lado continuava fechada, lá dentro falavam em voz baixa. Desceu as escadas e sentou-se com Henny à mesinha redonda no canto da sala de estar, as chávenas de café continuavam ali; Henny lia o *Abendblatt*.

– Sabes sobre o que é que tanto congeminam os dois? – Serviu-se de café. – Queres outro?

– Sim. – Henny ergueu os olhos do jornal. – Imagino que falem sobre o tal jovem que vive em Berlim Leste. O que eu não sei é o que é que o Klaus tem que ver com o assunto.

A neta pedira-lhe para se encontrar com Klaus em sua casa.

«Não fiquem aborrecidos se formos para o quarto do Klaus», advertira Katja. Não, aborrecidos não estavam nem Henny nem Theo, apenas perplexos. Porque é que combinara encontrar-se com ele em casa dos avós e não na casa dele?

– Começo a ficar histérica e paranoica – admitiu Katja no andar de cima da casa da Körnerstrasse. – Pode ser que estejam inclusive a vigiar a minha casa e nesse caso é melhor que não te vejam entrar.

– Duvido muito que os tentáculos da Stasi cheguem até Hamburgo. – Sentado no velho cadeirão de vime, Klaus tentava digerir o que Katja estava a contar-lhe. Ajudá-los a fugir. Quiçá dentro de pouco tempo ele fosse parar à tristemente famosa prisão de Bautzen, em vez de estar na companhia de Alex no sofá alaranjado. No entanto, a viagem a Praga que a sobrinha lhe pedia que fizesse, de modo a tentar obter o visto e o carimbo de entrada, não tinha por que implicar perigo algum.

– Tenho consciência do que estou a pedir-te. Conversa sobre isto com o Alex, a ver qual é a opinião dele sobre envolveres-te neste assunto. Gostaria de tratar de tudo eu mesma, mas há algum tempo que me têm debaixo de olho.

Katja parecia desesperada, Klaus nunca a tinha visto assim. Parou para

pensar.

– Jaroslav Král – ocorreu-lhe ao fim de um bocado. – Podia entrevistá-lo.

– Um músico de *jazz* checoslovaco?

Klaus assentiu.

– Embora seja jovem, dirige uma orquestra há já alguns anos. Sempre quis conhecê-lo.

– Serias capaz de entrar em contacto com ele?

– Claro – declarou Klaus. Podia ser uma escapadela agradável, e assim teriam o carimbo e o visto como modelo para o retocador que Karsten conhecia.

– Tudo isto partindo do princípio de que o Jon e o Stefan querem vir para Hamburgo, e ainda por cima desta maneira, que não deixa de ser perigosa. Contudo, o Jon está ainda mais desesperado do que eu. Na última carta que me escreveu falou-me sobre um dramaturgo que foi obrigado a abandonar o teatro e que se encontra isolado por completo por ter solicitado um pedido de saída do país.

– E o Stefan?

– Acho que fará qualquer coisa para que o irmão mais novo seja feliz. – Estaria a ser demasiado otimista? Deixava-se arrastar a pouco e pouco pelo turbilhão da ideia da fuga. Ela e Klaus olharam para a porta quando bateram.

– Apetece-vos um café? – perguntou Henny.

– Já descemos – respondeu Katja.

– De qualquer das maneiras, vou entrar em contacto com o Král – decidiu Klaus.

Viajou para a RDA numa terça-feira. De ambos os lados do Muro havia neve. Jon estava à espera na estação com um anoraque de inverno, o capuz de pelo sintético colado ao rosto. Ao vê-la com o casaco curto cor de vinho, perguntou: «Não tens frio com isso?», e depois estreitou-a nos braços.

Na grande mala de mão, Katja levava uma câmara com uma objetiva de 85 milímetros, que era especialmente indicada para retratos; a polícia popular estivera a examiná-la com atenção, mas mais com cara de desejo do que com desconfiança.

Talvez devesse ter contado logo o plano a Jon e a Stefan, Till Arent continuava a ir buscar cartas duas vezes por mês aos escritórios da *Stern*. Não confiava nos correios ou será que queria apenas olhar para a cara de Jon quando este ouvisse o que tinha pensado fazer na rota Berlim-Praga-Hamburgo?

No metro falaram do ataque que Stefan havia sofrido dois dias antes, do péssimo estado do aquecimento em sua casa. Só quando se dirigiam para lá a

pé, pelo largo e deserto passeio, é que Katja lhe falou do seu plano e viu a cara de desconcerto dele.

– Vai correr bem? – perguntou Stefan na antiquada casa de banho. Uma banheira de ferro fundido em que Jon havia fixado um chuveiro. Nesses dias frios, a água não saía muito quente, mas a pressão era forte o bastante para fazer barulho.

– Nesse caso, isso quer dizer que virias, Stef?

Stefan olhou para Katja, procurando a resposta no seu rosto. Depois olhou para Jon e encontrou-a no dele.

– Adoraria que vocês fossem para a minha casa, Stefan. Poderíamos lá viver os três sem problema, e tu terias duas divisões só para ti.

– Vamos dar o primeiro passo – retorquiu Stefan em voz tão baixa que mal se ouvia. – O que é que é preciso fazer para tirarmos umas fotos de passaporte que pareçam ocidentais?

Eram muitas as coisas que ainda precisava de conversar com Jon enquanto a água corria, mas este não podia dizer que não.

O telefonema do advogado chegou no último dia de fevereiro, que nesse ano era o dia 29. Kätke ainda agarrava com força o telefone quando Rudi abriu a porta, carregado com os sacos das compras.

– O que foi? – perguntou. – Uma má notícia?

Kätke abanou a cabeça. Devagar, como que em câmara lenta.

– A Ruth vai sair da cadeia em abril – respondeu, desligando por fim.

Rudi e ela abraçaram-se e nenhum dos dois disse mais nada. Na semana anterior tinham-se passado cinco anos desde o dia do tiroteio num parque de estacionamento de Hildesheim.

Abril, 1980

Chuva misturada com neve no dia a seguir à Páscoa, e o advogado levantou a gola do sobretudo de pelo de camelo quando saiu com Ruth da prisão de Lübeck.

– Levá-la-ia de muito bom grado até Hamburgo – declarou –, mas creio que estão à sua espera à saída.

– O meu pai – aventurou-se Ruth a dizer.

– Duas mulheres. Vi uma delas numa revista não faz muito tempo.

Ruth sorriu ao ver Florentine e Katja. Teve a sensação de que tinha cem anos mais do que as suas radiantes amigas. Poderiam retomar a sua amizade assim sem mais nem menos?

– Começaremos do zero. – Florentine abraçou-a.

Não. Não era possível começar a vida do zero. A bagagem pesava demasiado. Mas talvez se pudessem tirar as conclusões apropriadas.

Sentiam-se bastante constrangidas quando entraram no carro de Katja, que continuava a ser o velho *Ford* no qual cinco anos antes Rudi a havia levado até Lauerhof. Para ela tinha sido mais importante comprar uma mesa grande, cara, do que um carro novo. Katja olhou para Ruth quando arrancou, deixando para trás o estabelecimento prisional; Florentine insistira para que Ruth se sentasse à frente.

– Podemos começar por te pôr a par de tudo o que aconteceu – sugeriu Katja.

– Algumas coisas eu sei – observou Ruth. – Que trabalhas como fotógrafa para a *Stern*, Katja. Que a Florentine teve outro filho. E também que o teu pai faleceu, Florentine. O Rudi contou-me.

– Também ouviste falar do Jon?

Katja olhou pelo espelho retrovisor, não fosse dar-se o caso de Florentine comentar com ela os planos de fuga.

– Não. Quem é o Jon?

– Um amor complicado – afirmou Katja. – É ator em Berlim Leste. Vai-se lá saber como acabará tudo isto.

– Vocês detêm o controlo das vossas vidas. A minha escapou-me das mãos.

- Isso é porque o András morreu?
- Não – replicou Ruth. – Calculo que a Käthe e o Rudi sabem que vocês vieram buscar-me, não é verdade?
- Estão à nossa espera na Marienterasse – respondeu Katja.
- Melhor assim, prefiro não ficar a sós com eles.
- Lembram-se de quando fomos almoçar ao Olympisches Feuer? Quando eu já estava grávida do Lorenz?
- Já sei o que vais dizer. – Ruth virou-se para trás.
- Vamos manter-nos sempre unidas, aconteça o que acontecer – entoaram em coro Katja e Florentine.
- A sua amizade sobreviveria.

O nervosismo de Käthe aumentava a cada segundo que passava. Sentara-se à mesa da cozinha, que estava posta para cinco. Agachado à frente do forno, Rudi regava com molho o estufado de carne picada.

- Parece mentira que ainda sejas capaz de te agachar – observou Käthe.
- O problema não é agachar-me, mas sim levantar-me. – Fechou a porta do forno e apoiou-se de modo a pôr-se de pé. – Devias ter ido visitar a Ruth comigo uma vez por outra, agora não estarias com medo.
- Há tanto tempo que não a vejo...
- Há quase dez anos – replicou Rudi. Sempre lhe dissera para ir sozinho, não só à penitenciária de Lübeck, como também a Berlim, quando Ruth vivia no segundo dos apartamentos que havia partilhado em Kreuzberg. Friedhart, um dos seus antigos companheiros, ainda continuava na lista de pessoas procuradas.
- Não vai querer ficar a morar connosco – declarou Käthe.
- O quarto de quando era pequena será apenas provisório.
- O que é que vai ser da vida dela? Nós não vamos continuar aqui por muito tempo.
- Ainda não partimos, Käthe, não estejas com tanta pressa de ir ao encontro da morte. A Lina ofereceu-se para falar com o Momme e o Rick, talvez possam contratar a Ruth para trabalhar na livraria.
- Lá não são precisas quatro pessoas. Inclusive para a Lina a livraria já era mais uma coisa para a ajudar a seguir em frente depois da morte da Louise.
- Será que a minha Käthe de antes podia voltar?
- Qual delas?
- Käthe e Rudi sobressaltaram-se quando a campainha tocou.
- A Käthe que agarra a vida pelos cornos – respondeu ele.
- Foram juntos à porta para receber a filha.

Henny contemplou as casas da Marienterrasse do outro lado do canal de Hofweg. Como é que estariam os seus amigos? Ruth já teria chegado? Katja tinha-lhe contado que iria buscá-la a Lübeck de modo a levá-la de volta para casa.

A meio do caminho, Henny já tinha os sapatos cheios de lama; Hofweg era uma obra que parecia não ter fim. Quando não escavavam para os canos de gás Hein era para os da água, e agora estavam a retirar as calhas do elétrico. A carreira 18, que naquele dia de passagem de ano havia desempenhado um papel importante na vida de Kätke e na dela, já não existia há bastante tempo; por ali só passavam agora as carreiras 1 e 3.

Levara na mala o sobrescrito que chegara no correio nesse dia para Katja. Henny hesitou um instante. E se fizesse um pequeno desvio a fim de passar pela casa de Kätke e entregar o sobrescrito a Katja ali mesmo? Talvez fosse importante e urgente. No entanto, no fim decidiu não o fazer. Era melhor que, nesse primeiro dia, Ruth não visse demasiadas pessoas, de certeza que a liberdade lhe pareceria uma coisa estranha.

– Porque é que enviam a correspondência da Katja para nossa casa? – perguntara Theo ao mesmo tempo que revirava o sobrescrito de grande tamanho carimbado no aeroporto de Frankfurt. – Nos últimos tempos mostra-se muito reservada. Será que tem que ver com o trabalho? Pergunta ao Klaus, é provável que ele saiba de alguma coisa.

Ainda precisava de andar um bom bocado a pé até chegar ao cimo da Rua Hofweg, queria comprar umas iguarias em Moscato. Continuará a ter vontade de passar pela Papenhuder a fim de colocar o sobrescrito na caixa do correio da Katja? Primeiro iria às compras na loja de produtos italianos. Theo adorava o azeite da Ligúria, o salame curado e o delicioso queijo *gorgonzola* desde que Garuti vinha carregado com grandes sacos desses produtos cada vez que regressava de San Remo, coisa que fez durante muitos anos.

Gostava de encher Theo de mimos. Estava muito bem para os oitenta e sete anos que tinha. Talvez devessem ter subido mais a fasquia, pois o aniversário dos noventa anos aproximava-se depressa de mais.

Oxalá Ruth ainda conseguisse encontrar a felicidade; Kätke e Rudi mereciam, pensou Henny quando entrou na loja de Moscato e notou os deliciosos aromas. A bem da verdade, sempre se importara com a felicidade dos outros, mas isso era algo que lhe fazia bem.

– Mas vai ser uma solução temporária – deixou bem claro Momme, que já havia encarado com profundo ceticismo o movimento estudantil, com que Lina e Louise simpatizavam.

«Começa por ser um lume brando que irradia calor, mas acaba por se tornar

tão forte que ninguém é capaz de apagá-lo. Deem ouvidos ao vosso Momme.» Essas palavras vieram à cabeça de Lina quando se encontrava no gabinete da Landmann, pedindo que contratassem Ruth. Continuava a ser uma das proprietárias da livraria, mas seriam os outros três que teriam de trabalhar com ela. Foi Nils quem acabou por sair em sua defesa.

– Porque é que haveria de meter uma comuna na casa? – comentou Momme. – Espero que a Ruth tenha deixado para trás de verdade a ideologia da RAF. Contar com uma mulher na equipa seria bom, mas a verdade é que preferia que tu continuasses a dar-nos uma mãozinha de vez em quando, Lina.

– Talvez antes do Natal. Se continuar viva e com saúde – respondeu Lina, citando a mulher do cônsul Buddenbrook.

– Dá-me o telefone da Käthe, vou ligar à Ruth. Afinal de contas, é uma tradição acolhermos os Odefey. Já o fizemos com o pai, quando expusemos os desenhos a carvão que Rudi trouxe da guerra.

– Esse foi um dos meus projetos mais caros, que a arte fizesse parte da loja – comentou Lina. – Porque é que o pintas de uma maneira tão negativa?

Momme sorriu.

– Eu sei. O velho Momme às vezes tem tendência para o derrotismo.

– E as mulheres da Johnsallee consentem-te tal coisa?

– Sinto saudades do Tian. Agora sou o único homem da casa.

– Pelo menos, a vida ferve à tua volta – observou Lina.

– Sentes-te sozinha? – perguntou Nils.

Lina viu que a fitava e supôs que pensasse em Karl. O pai de Nils teria gostado de passar mais tempo com ela.

– Sim – reconheceu. – Mas nunca mais me adaptarei a viver com alguém. Perdi o jeito ao longo destes últimos oito anos.

– É uma pena – retrucou ele.

Os fatos de Tian ainda se encontravam no guarda-fatos. De vez em quando, Ida colava o rosto ao casaco de fino *mohair* e aspirava o aroma da água-de-colónia *Penhaligon's*, de Londres, que Tian usara durante toda a sua vida. Agora tirou o príncipe de Gales; era apenas uma intuição, mas no bolso interior encontrou o relógio do pai, de que andava há algum tempo à procura em vão. Tian guardava como um tesouro o relógio de bolso em ouro da A. Lange & Söhne Glashütte, que Ida lhe oferecera quando Bunge morrera.

Abriu o relógio, tal como lhe havia mostrado Carl Christian Bunge tantos anos antes, mas o familiar tiquetaque trouxe-lhe a imagem de Tian, não a do seu pai, graças ao qual ela havia chegado até ali, até à Johnsallee, um refúgio onde pôde viver o seu amor com Tian na época nazi. Ficaria a morar com os Siemens quando Guste já ali não estivesse?

Porque é que Tian não tinha chegado à velhice? Afinal de contas, Theo estava a fazer esse favor a Henny. Ida sentou-se diante do toucador e pousou o relógio. Aquele tiquetaque era como o batimento de um coração.

– Com que então estás aqui.

Ida olhou e viu Florentine à porta. A filha tinha-lhe dito que passaria lá por casa? De vez em quando esquecia-se de algumas coisas.

– Estava aqui perto e lembrei-me de te vir visitar – explicou Florentine. – Eu e o *husky* já almoçámos na cantina. – Tinham-se encontrado lá com Klaus, que daí a poucos dias voaria com destino a Praga. O projeto Jon entrava na sua primeira fase de execução, apesar de Klaus só ter mencionado o festival de *jazz* em Praga. Acaso não sabia que Florentine estava a par de tudo? – Queres desfazer-te dos fatos do papá?

Ida abanou a cabeça.

– Andava à procura do relógio de bolso. Quero dá-lo ao Lori quando ele entrar no Johanneum.

– É demasiado cedo – opinou Florentine. – Oferece-lho quando ele terminar o liceu. – Acercou-se do toucador. – Lembro-me de como o papá o tirava do bolso do *blazer*.

– Eu além disso lembro-me do meu pai, que fazia a mesma coisa.

– Pequenos tesouros que nos sobrevivem – replicou Florentine. Pousou as mãos nos ombros de Ida. – Vais conseguir.

Mãe e filha entreolharam-se através do espelho.

– Vou conseguir o quê?

– Oferecer o relógio ao Lori quando ele acabar o liceu.

– Ele que se livre de reprovar algum ano – advertiu Ida.

Florentine sorriu.

– Continuas a gostar de viver aqui?

– Enquanto a Guste cá estiver.

– Metade da casa pertence-te. Podem comprar-ta.

– Não descalces os sapatos antes de chegar à margem do rio.

– Um provérbio chinês? – quis saber Florentine.

– Veio-me à cabeça assim de repente – respondeu Ida. – Talvez tenha sido o teu pai a sussurrar-mo.

Não havia sido sempre mais forte o seu amor quando Tian não se encontrava presente?

– Fico feliz por teres o teu *husky* – afirmou Ida. – Nunca te esqueças de lhe demonstrar o amor que sentes por ele.

A almofada onde o funcionário da alfândega checoslovaco passou o carimbo tinha acabado de ser recarregada com tinta e o visto e o carimbo de

entrada distinguiam-se na perfeição sobre a águia imperial do passaporte de Klaus. O retocador ficaria satisfeito.

Sentada à mesa da sala de estar da Schwanenwik, Katja segurava o passaporte aberto na mão.

– E agora isto irá para o ateliê de um falsificador na medina de Casablanca, não é? – perguntou Klaus. – Espero voltar a ver o meu passaporte.

– És um romântico – respondeu Katja. – Irá para uma loja de fotografia de St. Pauli, onde se encontra um velho especialista que durante décadas se dedicou a retocar os crachás que o Partido exibia na lapela.

– Aquelas insígnias redondas dos nazis? – Sentado à frente dela, Klaus contemplava os passaportes em branco, que haviam chegado de Frankfurt num sobrescrito de grande tamanho. – Onde é que o Karsten os terá ido desencantar?

– Suponho que nas reservas da RAF.

– Ele anda metido nisso?

– Está a trabalhar numa reportagem.

– O nosso homem no submundo – respondeu Klaus. – Ficas para almoçar? Trouxe-te enchidos de Praga. E, se isso não te chegar, preparo-te um *palačinky*²⁰, tenho compota de alperce.

– Para quem só lá passou uma noite, vejo que te embrenhaste a fundo na culinária da Boémia – observou Alex, que acabava de entrar.

Klaus levantou-se a fim de abraçá-lo.

– Para ti reservei uma surpresa especial – anunciou. – Uma cordial saudação de Jaroslav Král. E o que foi que me perguntou o Jaroslav? Imagino que você deve conhecer o Alex Kortenbach, não? Sim, respondi eu, conheço-o bem. Tenho o privilégio de gozar de uma estreita amizade com a estrela. Quer convidar o Quinteto para o Reduta.

– O famoso Reduta – disse Alex. – Um dos melhores clubes de jazz. Estava a falar a sério ou já tinham emborcado umas quantas *Budweiser*?

– Anotei na agenda as datas que podem escolher. Em novembro. Devias consultar os outros o quanto antes e resolver o assunto.

– O Hans vai ficar doido. – Alex olhou para Katja. – Nesse caso irei de comboio até Praga com o Quinteto e levarei os passaportes ao Jon e ao irmão dele. Vou metê-los entre dois cadernos de música ou então escondo-os no forro da pasta das partituras.

– Não conhecia essa tua faceta contraventora – comentou Klaus. – Está tudo muito bem, exceto uma coisinha de nada: irás de avião com o Quinteto.

– Eu disse de comboio.

– Achas que os rapazes vão viajar para Praga num comboio de Chelas? Com as malas todas na bagageira? Incluindo o estojo do contrabaixo?

– Tens coragem para fazer isso, Alex? – perguntou Katja. – Também terias

de lhes entregar duas malas pequenas com roupas ocidentais. Além dos bilhetes da Lufthansa.

– Um convite oficial do Jaroslav Král para o Quinteto é uma boa fachada, Katja. Tenho coragem, sim.

– E eu irei visitar o velho especialista em insígnias do Partido. – Klaus já tinha posto um pé na cozinha para se ocupar dos enchidos. Também havia trazido pão com sementes de alcaravia.

– Pelo menos, disso encarrego-me eu – afirmou Katja.

Teria sido apenas uma coincidência que nesse dia ela entrasse no autocarro na Gertigstrasse? Às sete e meia da manhã? De onde é que viria àquela hora, se não era da casa dos pais? Konstantin só conhecia uma vida protegida e segura. Já tinha comido uma malga de *muesli*, que Marike ou Thies lhe preparavam todos os dias, e bebido um copo de leite maltado antes de ir para o liceu.

«Esfumou-se», contara Konstantin a Alex, que partilhava o seu sofrimento, mas não sabia o que fazer.

Ao longo do mês de março, Konstantin perdera todas as esperanças de voltar a ver a rapariga ruiva. O seu primeiro amor tinha-lhe proporcionado dez minutos de proximidade e semanas de sofrimento.

Em abril contou tudo à irmã.

– Anda, vamos ao cinema – propôs Katja. – Eu também não estou muito animada.

Solo Sunny, um filme da DEFA. Jon tinha-o visto em janeiro e agora chegava às salas de cinema do outro lado do Muro. Katja olhou para Konstantin e apercebeu-se até mesmo na sala às escuras de que o irmão se encontrava mergulhado nos seus pensamentos. A história de Sunny, uma cantora que parte em digressão pelas povoações da Alemanha de Leste, quase lhe foi indiferente, mas quando a mulher começou a cantar *Blue*, Konstantin agarrou na mão de Katja.

*Blue. The dawn is growing blue,
a dream is coming true
when you will come my way
some sweet day.*

Olhou para a irmã, que disse em voz baixa: «Jon.»

*Red. The sun is rising red
and all my love you'll get
when you will come and stay*

someday.

Quando saíram do Holi para a claridade da tarde de domingo, tinha começado a chover. As lágrimas confundiam-se com a chuva se erguesse o rosto na direção dela.

– Nem sequer sei como se chama – lamentou-se Konstantin.

– Talvez os irmãos Utesch sejam uma trupe.

Quando se dirigiam para o carro de Katja, que se encontrava debaixo da ponte do caminho de ferro aéreo da Isestrasse, Konstantin viu a rapariga no semáforo.

– Vai lá falar com ela – incentivou-o a irmã, que seguiu em frente e ficou à espera dele um bocado ao pé do carro. Konstantin e a rapariga ruiva não estavam muito longe.

– Vamos a pé para Winterhude – informou-a ele, dizendo-lhe adeus com a mão.

Katja entrou no *Ford* e pensou que, debaixo do guarda-chuva dela, quase dava a impressão de que Konstantin e a rapariga já se conheciam.

Jon desligou o telefone.

– A Katja viu o filme do Konrad Wolf, foi ao cinema com o irmão. Eles também gostaram – contou.

– Ouviste um estalido na linha?

Jon assentiu.

– Deviam ter mais cuidado – advertiu Stefan. – Não se ponham com muita lamechice quando falarem pelo telefone, senão vão desconfiar e duvidarão que queiras ficar nesta nossa bonita nação.

Os dois passavam muito tempo na sombria casa de banho. A quantidade de coisas que se diziam com as torneiras abertas...

– Não quero viver às custas da Katja.

– Haveremos de arranjar emprego. Os dois.

– O piano. Onde é que vamos deixar o piano da mãe?

– Talvez o Till possa guardá-lo para nós.

– Vou levar-lhe as joias dela e depois ele que as mande para a Katja em Hamburgo.

– E também o pequeno quadro a óleo.

– E as outras coisas?

– O que não puderem utilizar vão atirar pela janela quando já estivermos em Hamburgo ou em Bautzen.

– É mesmo verdade que queres envolver-te nisto, Stef?

– Sim.

No quarto de Stefan selecionaram documentos e antigas fotos de família e meteram tudo numa caixa que em tempos contivera bombons recheados de brande. Falaram de futuros filmes de desenhos animados para os quais Stefan desenharia no outono e no inverno. Falaram sobre o quanto Jon ficara feliz por ter conseguido um papel importante numa produção televisiva da DEFA para janeiro de 1981. Nem tudo o que diziam era verdade, mas esperavam que estivessem a ouvi-los. Desta vez.

²⁰ Sobremesa típica de Praga, que consiste numa espécie de crepes enrolados recheados de compota. (*N. da T.*)

Novembro, 1980

Ruth continuava a viver a título provisório, mas os aposentos de que dispunha em Grindelfhof eram extraordinariamente luxuosos em comparação com os lugares em que havia estado antes. Uma casa de banho só para ela, inclusive com banheira; aquecimento central que não precisava de carvão. O Cinema Abaton à vista, e também estava perto do At Nali, restaurante de cozinha turca na Rua Rutschbahn em vez de grega na Schulterblatt. O bairro da universidade era colorido, e não cinzento como Schanze quando Ruth passara à clandestinidade com Andrés.

Na livraria Landmann, na Gänsemarkt, Ruth tinha um tratamento cordial com Nils e amável com Rick, mas a relação que mantinha com Momme continuava a ser fria; este criticava as recomendações de livros que Ruth fazia e chamava «agitação» às conversas que mantinha com os clientes.

*Zeugen der Anklage*²¹ era uma dessas recomendações, o segundo romance de Günter Wallraff, que punha em causa os métodos do tabloide *Bild-Zeitung*. *Das neue Schwarzbuch: Franz Josef Strauss*²², de Bernt Engelmann, que abordava o escândalo do homem que se apresentara às eleições legislativas contra Helmut Schmidt e fora esmagado e humilhado. *Os Filhos da Droga*, sobre a vida miserável de adolescentes toxicodependentes em Berlim. Ruth continuava sem apreciar o mais fácil. Momme talvez criticasse sobretudo a sua incapacidade de aceitar o superficial.

Ruth tentou retomar os seus contactos jornalísticos; teria gostado de ter uma secretária numa redação, fosse ela qual fosse, num canto do fundo. Poder escrever sem que figurasse o seu nome. Contudo, dava a impressão de que queimara todas as suas oportunidades de singrar nesse meio.

Estava a hibernar na livraria Landmann. No sentido mais literal da palavra. A campanha natalícia encontrava-se em andamento. Olhava para Nils, ele e ela eram os jovens ali, ambos se encontravam na segunda metade da casa dos trinta. Nils cumprimentava-a com um aceno de cabeça e sorria, desenhando palavras com a boca. Ruth entendia-as e sorria por sua vez. Voltava a mostrar-se demasiado séria, outro alvo de crítica da parte de Momme: «Aquele que não sorri não pode estar atrás do balcão de um estabelecimento comercial.»

Momme estava a fazer um favor a Lina, era tudo. A sua relação com Ruth não podia ser classificada de outra maneira. Não, Ruth ainda não era feliz.

Talvez devesse ficar em casa a escrever. Até encontrar alguém que se interessasse pelos seus textos. Ainda tinha dinheiro na conta, da herança do seu avô Everling.

Jon estava na rua quando os transportadores de Birkholtz acartaram com o velho piano para a sua furgoneta *Barkas*. Voltaria a vê-lo? Talvez se Till regressasse ao lado ocidental com a família e levasse consigo o piano.

– Já não era sem tempo. Ninguém conseguia aguentar mais essa charanga desafinada. Espero que alguém o tenha comprado, embora isso me espantasse bastante.

Jon virou-se para a vizinha.

– Vão arranjá-lo e afiná-lo – retorquiu. – Depois voltará a ter bom som, senhora Kopenke.

– Não se for o senhor a tocá-lo, senhor Feldmann.

Sentiria falta dessa indelicadeza na outra Alemanha?

Till Arent tivera a ideia de mandar afinar o piano. Despertaria menos suspeitas do que se o levassem dali para Friedrichshain. Podia ser que acabasse na cave de Till, mas ainda assim era um consolo saber que o instrumento que havia pertencido à mãe estava ali, o correspondente já era um amigo há bastante tempo.

Jon dirigiu-se para a Estação Ostbahnhof a fim de comprar os bilhetes da Deutsche Reichsbahn para Praga, de ida e volta, para o dia 15 de novembro. Sábado. O regresso a Berlim Leste no dia seguinte.

– Não é a melhor estação do ano para viajar – comentou o homem atrás do guiché.

– Vamos a um concerto de *jazz*. Os checoslovacos têm uns músicos fabulosos.

– Então os nossos não lhes bastam, agora que o Manfred Krug se passou para o outro lado?

– Queríamos mimar-nos de alguma forma precisamente num mês tão triste como novembro.

Jon falava num fio de voz, como se não estivesse habituado a pisar os grandes palcos. Ter-se-ia o medo já instalado nas cordas vocais? Stefan parecia mais calmo desde que calculara que sofreria o próximo ataque um dia antes de partir e não em Praga.

Reservara um quarto duplo no Embaixador, na Wenzelsplatz, o mesmo hotel onde o Quinteto ficaria alojado. Katja enviara-lhe um artigo do *Jazz Podium* pelo correio interno onde aparecia uma fotografia de Alex

Kortenbach, o companheiro sentimental do seu tio.

Na penúltima fase da sua fuga, Till deslocava-se com frequência aos escritórios da *Stern*. Tanto vaivém. Oxalá chegasse o momento em que ele e Stefan pudessem compensar Till por tudo o que estava a fazer por eles.

Jon atuou pela última vez no Volksbühne em *A Peliça do Castor*, de Hauptmann; com a estreia da nova obra de Heiner Müller, a 12 de novembro, nada tinha que ver. De algum tempo a esta parte, quase não tinha trabalho. Por ordem do Ministério da Cultura, porque estava apaixonado por uma jornalista de Hamburgo? Ter-lhe-iam montado uma armadilha em que ia cair agora?

Jon olhou em redor para ver se pela rua passava algum transeunte que chamasse a atenção por parecer insignificante e entrou na casa onde morava desde que nascera. Sentiria saudades dela? Não, se a seu lado estiverem Katja e Stef.

Uma das malas era de Alex; a outra, de Florentine. Ambas com sinais de uso, abertas em cima da mesa de Katja. Jon e Stefan usavam o mesmo tamanho em tudo. Calças de ganga. Camisas. Sapatos, cuja sola Katja desgastou com uma lixa. Uma camisola quente para cada um. *Blazers*. Estojos de produtos de higiene contendo escova de dentes, pente, creme *Nivea*. No de Jon havia o necessário para alguém que usava lentes de contacto; no de Stefan, antiespasmódicos. Numa das malas, Katja meteu, além disso, a última edição da *Spiegel*.

Ter-se-ia esquecido de incluir roupa interior e peúgas se não fosse Klaus, que quando foi até lá verificou a lista e voltou para Karstadt. Comprou *boxers*, com que gostava de ver Alex, e meias *Burlington*.

– Obrigada por me ajudares.

– A felicidade da minha sobrinha é muito importante para mim. Onde é que foste arranjar os medicamentos?

– contei tudo à mamã, que passou a receita.

– O círculo de iniciados expande-se.

– Não vais desconfiar da tua própria irmã, pois não?

– Claro que não – respondeu Klaus. – Mas não me surpreende nada que a Marike tenha ido aos arames.

– A felicidade da filha é muito importante para ela.

– Não podes imaginar o quanto ficarei feliz quando estivermos todos sentados aqui, a esta mesa. E que não haja ninguém em Bautzen – acrescentou Klaus. Começava a ficar preocupado com Alex.

– Claro que imagino, nem sabes o quanto – replicou Katja. Deixou-se cair no sofá, que agora era vermelho como as cadeiras dos teatros, e bebeu um gole

do vinho que Klaus lhe havia servido. As probabilidades de as coisas correrem mal eram muitas.

– Importas-te se der uma vista de olhos pelos aposentos destinados ao Stefan?

– Não – replicou a sobrinha. – Ainda não há grande coisa para ver, apenas uma cama e um guarda-fatos. O resto compraremos quando eles chegarem.

– És tu que estás a pagar tudo isto?

– Sim, e o Jon e o Stefan não acharam piada nenhuma, mas em breve voltará a entrar dinheiro nesta casa.

– Eu e o Alex podemos dar uma ajuda. Temos dois salários desde há muito tempo.

– Vocês já fizeram o suficiente – alegou Katja.

Klaus aproximou-se da estante e pegou na fotografia emoldurada.

– O Jon vai precisar de um agente.

– Tem esperança de que alguma companhia daqui o receba.

– A do Thalia? O Striebeck é um diretor genial. Não fica a dever nada ao Boy Gobert. E, no que diz respeito a rigor, é como o Schauspielhaus. No ano que vem vão levar a cabo uma importante reforma e passarão para os palcos dos Teatros Kampnagel e Operettenhaus.

– Estás bem informado – afirmou Katja.

– Embora a minha onda seja o *jazz*, estou a par do panorama cultural em geral, os colegas vão-me contando.

– O Quinteto parte na quinta-feira, não é verdade?

– O voo destina-se a Frankfurt e sai de madrugada. E às nove e vinte partem para Praga.

– O Alex perdeu o medo de andar de avião?

– Qual nada. Teria preferido ir à frente do Quinteto e viajar de comboio, mas desta vez as coisas já são bastante complicadas por si só para que ainda por cima eles viajem separados. E, quando partirem, a ideia é ficar de olho nos irmãos Feldmann. A propósito, não te esqueças de retirar a parte do voo de ida nas passagens do Jon e do Stefan.

Katja tirou os bilhetes da Lufthansa da secretária e fez o que Klaus lhe disse à frente dele. Depois entregou-lhos.

– Talvez o melhor seja o Alex colocá-los entre dois cadernos de música.

– Por norma é um medricas – comentou Klaus.

– Amanhã à tarde vou buscar os passaportes à Rua Wohlwillstrasse. Depois passarei por vossa casa.

– Deram-lhes o mesmo apelido?

– Não podia ser de outra forma. São demasiado parecidos.

Pôs-se de pé a fim de mostrar a Klaus as dependências antes que este pegasse nas malas para levá-las para sua casa.

«Não te assustes, mas o fim aproxima-se. Agora há bastante gente jovem à tua volta, por isso poderás prescindir da tua velha Guste, que está cada vez mais adoentada.»

Seria possível anunciar-se uma morte de uma maneira menos sentimental?

No entanto, Guste não proferiu estas palavras quando Alex foi visitá-la à tarde. Achou-o demasiado nervoso para sobrecarregá-lo com mais esse peso. É claro que podia ser que o seu instinto estivesse errado e a morte não a rondasse. Apesar de na realidade ter a certeza disso; nesse aspeto era como um animalzinho na natureza, que também sabia quando se aproximava a sua hora.

– Desembucha – preferiu dizer quando Alex e ela se viram sentados na cozinha, na cave. – É apenas o medo de andar de avião?

Alex fitou o rosto familiar, que já não estava muito rosado nem rechonchudo; Guste parecia estar toda encolhida. Não tinha pensado contar-lhe qual era o verdadeiro motivo da sua viagem a Praga, mas fê-lo. Se não fosse em Guste, em quem é que poderia confiar?

– Caramba – exclamou ela. – Vocês são uns verdadeiros heróis. – Preparava-se para continuar, mas calou-se quando Anni entrou na cozinha, cumprimentou Alex e logo em seguida pegou em duas maçãs e foi-se embora. – Pode acontecer-te alguma coisa?

– Não creio que os funcionários da alfândega queiram ver outra coisa quando eu chegar para além do passaporte e do convite oficial do clube de jazz. Os outros dois passaportes e os bilhetes de avião vou colá-los com fita-cola aos cadernos de música, embora quase nem olhem para a pasta onde levo as partituras.

– Tens alguma experiência com os métodos usados no Bloco de Leste?

Alex abanou a cabeça.

– Nem te ofereci nada, que cabeça a minha. – Guste levantou-se com dificuldade.

– Isso sim é que é preocupante – observou ele.

– A culpa é tua, por contares histórias tão rocambolescas. Apetece-te um café com bolachas?

Alex olhou para o relógio.

– Preciso de ir andando, Guste. Perdi a noção do tempo. O Klaus vem buscar-me e depois passamos pela casa da Katja para ela nos dar os passaportes.

Guste abraçou-o quando se despediu.

– Cuida bem de ti, és um bom rapaz – disse-lhe. Ela também o faria, cuidar-se-ia um pouco mais. Gostaria muito de conhecer aqueles dois rapazes de Berlim Leste.

Klaus estacionou de qualquer maneira e saiu do carro quando viu Alex. Parecia apoiar-se com força na bengala, algo que sucedia no momento menos apropriado, uma vez que no dia seguinte, às seis e meia da manhã, tinha de estar no aeroporto de Fuhlsbüttel, fazer o *check-in* e despachar três malas.

– Acabo de decidir que amanhã vou levar-te ao aeroporto – resolveu. – Para me encarregar da bagagem.

Alex tinha pensado chamar um táxi, mas o taxista dificilmente levaria as malas até ao balcão do *check-in* da Lufthansa.

– Não escapa nada a esse teu olho clínico – respondeu. – Nem sequer com a pouca luz que os candeeiros da rua irradiam. Estou um pouco nervoso, já vai passar.

O mais certo era acontecer o contrário, que o nervosismo piorasse. Klaus devia ter proposto uma segunda viagem a Praga em trabalho em vez de permitir que Alex arcasse com uma grande parte da responsabilidade no que se propunham fazer. Nos bons momentos gostavam de esquecer que a saúde de Alex não era a melhor.

Katja já se encontrava sentada nas escadas do quinto andar quando eles saíram do elevador. Tinham-se atrasado tanto porquê?

– Cheguei antes da hora – disse Katja. – Estava impaciente para ter os passaportes nas minhas mãos de uma vez por todas. – Também ela reparou nas dificuldades de Alex. – Vais dar conta da bagagem?

– *With a little help from my friends.*

Alex não estava apenas um pouco nervoso: tinha medo.

– Eu vou levá-lo ao aeroporto para me encarregar de despachar as malas. Assim só terá de se preocupar com elas em Praga.

– Aí o Hans dar-me-á uma ajuda – afirmou Alex. Iria achar estranho que levasse três malas, uma vez que Alex não era grande amigo de levar muita bagagem.

– Primeiro despe o sobretudo – propôs Klaus. – Talvez seja preciso recapitular um pouco o plano. Mostra lá esses passaportes. A propósito, como é que eles se chamam agora?

– Jan e Stefan Aldag. – Katja abriu os passaportes da República Federal. – Jonathan é demasiado chocante. Olha só como eles são, Alex.

– Ele e o irmão são muito parecidos.

– É verdade – concordou Klaus. – Que relógios é que usam?

– O Stefan não usa; o Jon usa o *Zenith* do pai.

Suíço.

– Ótimo – aprovou Klaus. – Mostra-me o visto e o carimbo de entrada. – Soltou um assobio. O modelo que levava de Praga em abril era bom. A única diferença era que no que tinha à sua frente agora se lia «15. Listopadu²³».

– E a revisão do plano?

– Acho que vais ter de contar tudo ao Hans Dörner, Alex. – Olhou para a sobrinha. – É de confiança.

– Porquê? Seja como for, vai ajudar-me com as malas.

– No aeroporto, mas como é que estás a pensar levar duas malas para o quarto dos rapazes se precisas de uma das mãos para te apoiares na bengala?

– Farei duas viagens.

– Quanto menos passeares pelos corredores do hotel, melhor. É provável que os da Stasi se tenham antecipado a vocês e já estejam em Praga.

– Depois decido isso na altura.

De certeza que estavam a esquecer-se de alguma coisa. Alex, de momento, já se tinha esquecido por completo de que tinha duas noites de concertos em Praga.

– Sentes-te bem? – perguntou Hans quando o *Boeing* alcançou a altitude de cruzeiro. Nenhum outro membro do Quinteto se sentava ao lado de Alex quando viajavam de avião, Hans Dörner era o único que se mostrava compreensivo com a fobia que ele sentia.

– Talvez precise que me ajudes em Praga.

– Eu trato da bagagem, não te preocupes. Desde quando é que viajas com três malas? És uma diva em muitos sentidos, mas isso das malas é novidade.

– Hans, tu e eu conhecemo-nos há bastante tempo.

– Pode-se dizer que sim.

– Neste momento tenho alguma dificuldade em andar.

– Já percebi. Mas vais ver como vais ser capaz de subir ao palco com elegância. Até agora sempre conseguiste.

Alex baixou a voz.

– As malas pequenas destinam-se a dois homens que vão assistir ao nosso concerto no sábado, são de Berlim Leste, e no domingo vão para Hamburgo conosco fazendo escala em Frankfurt.

Hans Dörner permaneceu em silêncio durante um bocado.

– Como é que te foste meter numa empreitada destas? – perguntou ao fim de um bocado.

– Coisas de família.

– Caramba, tranquiliza-me saber que não estás às ordens de uma organização internacional para ajudar pessoas a fugir da República.

– Deixa-te de brincadeiras.

– Não estou a brincar.

– Talvez eu possa ir sozinho.

– Podes pedir-me tudo o que precisares. – Hans Dörner chamou a hospedeira: evidentemente que ainda era demasiado cedo para pedir um

Bloody Mary, mas não para um café carregado de bastante açúcar.

Stefan não se enganara: o *grand mal* chegou um dia antes da viagem. Agora contavam com seis dias de tranquilidade, quiçá oito, se não houvesse nenhuma alteração. Não correriam o risco de que caísse redondo no chão no aeroporto de Praga, nem em Frankfurt. E também não teria de pregar um susto de morte a Katja logo à chegada.

– Vamos até ao vagão-restaurant tomar um café – propôs quando seguiam no comboio rumo a Praga.

– É provável que seja a última vez que tomamos alguma coisa em chávenas de porcelana da fábrica nacionalizada de Colditz – afirmou Jon. – E se alguma coisa correr mal... – Não continuou a falar, não queria pensar nisso.

– A vida continuará como sempre foi – referiu Stefan. – Promete-me que não vais entrar em desespero. Aconteça o que acontecer.

Seria possível prometer uma coisa dessas? Jon assentiu.

Brumaire. O mês da bruma. Não só em Paris, mas também em Praga. Foram a pé da estação até ao hotel. Só levavam um saco de viagem, que Jon transportava. Não viram muito da cidade.

O quarto era bastante cinzento e sombrio, num hotel em cujo vestíbulo se respirava o esplendor de uma outra época. Teto artesoadado, lustres e candelabros. Dois pisos mais acima, o Quinteto tinha quartos melhores, os músicos de Hamburgo proporcionavam divisas.

De repente, Jon e Alex viram-se frente a frente lá em baixo, no vestíbulo. Hóspedes do hotel que se reconheciam e que se cumprimentavam com um sorriso.

– Está tudo nas malas – informou Alex em voz baixa. – Vou levá-las dentro de quinze minutos. Darei umas pancadinhas na porta. Qual é o número do seu quarto?

Jon reparou que Alex usava bengala. Não sabia nada a esse respeito.

– É melhor o senhor dizer-me o número do seu – pediu, olhando para o teto, como se Alex estivesse a falar-lhe da arquitetura do lugar. – Dentro de um quarto de hora deixe as malas em frente à porta e eu vou lá buscá-las.

Não seria tudo mais fácil do que haviam pensado? Alex começou a preparar-se mentalmente para o segundo concerto que o Quinteto daria no Reduta.

Quando se viram sentados numa das primeiras filas do Reduta, Jon e Stefan viveram uns momentos de felicidade. Seria esse o seu mundo? Muito em breve?

– Pode ser que consigamos.

– O quê?

Stefan abanou a cabeça ao de leve. De repente tinha a sensação de que alguém os observava. O Quinteto tocava *They Can't Take That Away from Me*, a velha canção de Gershwin.

– A vida pode ser tão fácil... – comentou Jon. Esperava que ainda pensassem a mesma coisa no dia seguinte àquela hora, em Hamburgo.

– Temos de sair cedo – recordou-lhe Stefan. – Primeiro temos de ir à estação buscar o saco ao cacifo.

– Eu sei – respondeu Jon. – O nosso avião parte às onze e cinco, ao meio-dia e um quarto estaremos em Frankfurt am Main.

– Os músicos vão no mesmo voo?

Jon confirmou.

– Vai ser uma noite curta para o Quinteto – observou. Alex Kortenbach inspirava-lhe uma grande simpatia desde que se haviam conhecido, no vestíbulo do Ambassador. Os seus solos de piano eram sensacionais. Jon soubera por intermédio de Katja que essa capacidade ficara comprometida durante um certo tempo, na sequência de uma queda há já alguns anos.

No palco, os cinco tocavam *How Deep Is the Ocean (How High Is the Sky)*. Acabava de entrar o saxofone de Hans Dörner. E tudo isso estava a acontecer em Praga.

– Isto não é real – disse Stefan.

Jon olhou para o irmão mais velho; tinham vivido momentos difíceis.

– Inclusive vai ser melhor – assegurou-lhe. – A sorte sorri-nos.

Chamavam a atenção os dois homens vestidos de bege que se encontravam algo afastados? A Alex sim, e sentiu o pulso acelerar-lhe. Enquanto Jon e o irmão iam avançando na fila do controlo de passaportes, os homens pareciam absortos numa conversa e já não olhavam para as pessoas que aguardavam na fila. Alex estava bastante mais atrás, com os quatro restantes membros do Quinteto.

De uma maneira geral, os músicos eram sempre os primeiros a chegar ao aeroporto, nem que fosse apenas por causa da bagagem que precisavam de despachar, mas nesse dia custara-lhes a levantar da cama, uma vez que a sessão que tinham improvisado com Jaroslav Král depois do concerto em si prolongara-se até às duas da madrugada.

– Os rapazes estão lá adiante? – perguntou Hans em voz baixa.

– Sim. Ainda têm três pessoas à frente.

– Ah, são esses. Vi-os no Reduta. Quando estivermos na sala de embarque vou perguntar-lhes se gostaram do concerto. Não vai fazer mal nenhum a ninguém se entabularmos uma conversa sobre a noite passada. Só estarão a

salvo depois de entrarmos no avião.

– Quando o aparelho estiver no ar – especificou Alex.

Hans tinha razão, ele também faria o mesmo. Talvez se dirigisse a Jon chamando-o pelo seu nome falso, como se se conhecessem de Frankfurt ou de Hamburgo. Mas por enquanto continuariam a aguentar firmes ali; ao que tudo indicava, o funcionário checoslovaco observava à lupa cada palavra dos passaportes. Seria o procedimento habitual ou teriam recebido alguma denúncia?

Chegou a vez dos Feldmann. Alex ficou tenso. Esqueceu-se do medo que tinha de andar de avião. Temia de tal modo pela felicidade de Katja e dos rapazes lá à frente, sendo que Stefan foi o primeiro a fazer deslizar o passaporte naquele exato momento, que procurou apoio adicional em Hans para não perder o equilíbrio.

Stefan fora acometido por uma desconcertante leveza desde que acordara nessa manhã. Como se não estivesse tudo em jogo ali. Pela primeira vez desde que sofrera o acidente de moto atrevia-se a guiar a sua vida por outro caminho que não fosse o da resignação e isso conferia-lhe forças. Acaso não se havia dado por vencido há muito tempo?

– Não te esqueças de que és um bom ator – recordou a Jon quando este saiu da estação sem o saco de viagem da Alemanha Oriental a fim de se reunir ao irmão e às malas alemãs ocidentais no táxi.

Meia hora antes, Stefan tinha pago a conta do hotel na receção, em coroas. Pelos vistos, ninguém estranhou as roupas ocidentais que envergavam agora, Katja fora capaz de atinar com o estilo deles, embora o tecido dos *blazers* fosse de melhor qualidade.

– Isto não é a mesma coisa que subir a um palco – respondeu Jon, que no entanto interpretou bem o papel de Jan Aldag. O saco com as bolachas *Karlsbader Oblaten* que haviam comprado no dia anterior constituía toda a bagagem de mão que levava. Chegou a sua vez e mostrou o passaporte.

Olhou para o irmão, que já se encontrava do outro lado.

Alex viu pelo canto do olho que um dos homens de bege parou de falar e se aproximou. Jon ainda estava à frente do guiché, o que estaria a dizer? Só quando Hans lhe puxou pela manga é que Alex se apercebeu de que o tipo de bege se encontrava ao seu lado, identificando-se como agente da StB²⁴, e lhe pedia o passaporte.

Atrás dele, o baixista começou a rir.

– É o líder da nossa banda – esclareceu Bert, o que lhe granjeou um olhar severo da parte do homem.

- Porque é que sou alvo de suspeitas? – quis saber Alex.
- Porque o senhor está muito nervoso.
- Ele tem medo de andar de avião – interveio Hans.

Entretanto, Jon já se encontrava com Stefan do outro lado do controlo de passaportes.

Três dos membros da banda de *jazz* desataram à gargalhada quando o *Boeing 737* da Lufthansa descolou com destino a Frankfurt. O líder do Quinteto, detido pela polícia secreta checoslovaca. Não faltaria mais nada.

- Contigo não há mesmo como passar despercebido – comentou Hans.

Alex não disse nada. Estava pálido e tinha a testa perlada de suor. Só quando se viram a sobrevoar as nuvens é que a tensão cedeu e se permitiu olhar para o outro lado da coxia na direção de Jon e de Stefan, que estavam sentados, em silêncio, e de mãos dadas.

Jon sentiu que Alex olhava para ele e virou-se na sua direção. Sorriu.

- Obrigado – disse.

No aeroporto de Hamburgo, diante da porta deslizante do terminal das chegadas, Katja e Klaus mexiam-se, inquietos. Baixo, bateria e trompete, empurrando a volumosa bagagem. Cumprimentaram Klaus com um aceno de mão. Outras pessoas, desconhecidas. E mais ninguém. Se Alex não lhes tivesse telefonado do aeroporto de Frankfurt, teriam entrado em pânico.

- Onde é que eles estão? – perguntou Katja.

Já não havia mais controlo de passaportes. Sim, haviam tido de mostrar os documentos falsos em Frankfurt, mas tinham-se limitado a fazer sinal a Jon e a Stefan para que avançassem. Uma sensação nova na vida deles.

– Se calhar tiveram de mostrar na alfândega o que compraram – alvitrou Klaus. – Vai-se lá saber que iguarias é que o Alex traz para o jantar de hoje.

Katja e ele sustiveram a respiração quando a porta voltou a abrir-se. Katja soltou um grito, demasiado agudo, tendo em conta o tom grave da sua voz.

Stefan e Hans sorriram entre si um tanto ou quanto inibidos quando Jon abraçou Katja e Alex abraçou Klaus.

- *Voilà* – disse Katja. – Já estão em casa.

Jon achou muito mais fácil sentir-se assim. «Em casa», com a mulher que amava. Stefan recordou a leveza que havia sentido de manhã, o assombro quando o avião descolara. Agora a sensação era de estranheza.

– Vamos, vou mostrar-te as tuas dependências. – Katja estendeu a mão a Stefan. – Ainda não tem muitas coisas, para que arrumes tudo ao teu gosto.

Talvez a primeira coisa seja uma mesa de desenho, não?

Stefan deteve-se à porta que fazia a comunicação entre os dois quartos. Também ali havia uma porta de folha dupla. Olhou para Katja e sentiu a pressão que recaía sobre ela.

– Serão perfeitas para desenhar e para viver – declarou. – Obrigado. – Não era um bom momento para expressar as suas dúvidas se poderia ou não desenhar na Alemanha Ocidental. Katja não merecia isso.

– As salas são tão luminosas como as que tinhas em casa – opinou Jon. – A única coisa que lhes falta é o encanto da decadência.

– Isso é algo que iremos obtendo com o passar dos anos – afirmou Katja. – No guarda-fatos está tudo o que o Till Arent me enviou: as joias, os documentos. Faz-te falta uma mesa, e a ti também, Jon.

– Compraremos tudo o que falta quando eu e o Stef começarmos a ganhar dinheiro.

– De momento, venham comigo. Preparas tu o chá, Stefan?

Era astuta, Katja. Enquanto enchia o filtro com chá preto, tendo diante dos olhos o aquecedor de Bunzlau da sua mãe, que chegara a Hamburgo através de Till, e o fervedor que começou a apitar, Stefan sentiu-se melhor. Pegou no moinho de pimenta e pensou na cara de felicidade que Jon exibía.

– As tuas fotografias são lindas – elogiou este, sentado no sofá ao lado de Katja. – Gosto em especial desta da velha com a gaiola de pássaro.

– Trata-se de uma vizinha que vivia no quarto andar. Morreu há uns tempos. Essas fotos estão aí há séculos, devia mudá-las.

– Para mim são completamente novas.

– O principal é que arranjem emprego – opinou Klaus.

– Um ator com o físico do Jon não vai demorar a ser contratado para fazer televisão e cinema. – Alex estava à porta da cozinha, a olhar para Klaus, que retirava o papel dos *knedlíky*²⁵. A empregada da charcutaria de Praga embrulhara-os com o máximo cuidado e colocara-os numa caixa rígida.

– A paixão dele é o palco.

– Uma coisa não invalida a outra.

– Tu também não te puseste diante das câmaras. Que maravilha, pensaste até nas sementes de papoila.

– Eu não sou ator. – Alex não disse que fora a empregada da loja de Praga a recordar-lhe essa coisa das sementes.

Klaus abanou a cabeça.

– Bolas de pão recheadas de ameixa. E eu que disse no gozo à Katja que devias estar a mostrar na alfândega o que tinhas comprado para preparar o jantar. – Alex contara-lhe no carro que a mala não tinha aparecido e que a

encontraram por fim atrás do tapete rolante da bagagem.

– Do jantar encarregas-te tu – decidiu Alex. – A cozinha não é o meu forte.

– Podias tocar-nos alguma coisa ao piano. A canção do Sondheim.

Alex sorriu: a nova canção preferida de Klaus. Era capaz de ouvir essas canções cem vezes seguidas, até que depois encontrava outra preferida.

Nothing's Gonna Harm You Not While I'm Around. Klaus cantava-a enquanto ia pondo as bolas de massa na concha e as mergulhava em água quente.

– Depois quero que me contes com toda a riqueza de pormenores como correu tudo em Praga – disse em voz alta.

– Quase fui preso pela StB.

Klaus apareceu à porta.

– Estás a referir-te à Stasi checa?

– Sim, é a polícia política de lá.

– Nesse caso dou graças por te ver sentado ao piano. – Enquanto servia as bolas polvilhadas com sementes de papoila, Klaus pensou em Katja, Jon e Stefan. O que estariam a fazer nesse momento na Rua Papenhuder?

Henny desligou o telefone e sentou-se ao pé de Theo junto à lareira.

– Uma conspiração – contou. – Entre Berlim Leste e Hamburgo. Os únicos que não sabiam de nada éramos nós. O plano foi posto em marcha pelo Karsten, o ex-namorado da Katja. A Marike estava a par, tal como o Klaus. O Alex entregou-lhes os passaportes falsos ontem, em Praga.

Theo pousou o copo em cima da mesa.

– O ator da Katja? – perguntou. – O Karsten tirou-o da RDA? E como é que foi que conseguiram os passaportes?

– O Karsten passou-lhes o contacto de um falsificador e o Klaus tratou de providenciar os concertos do Quinteto em Praga. Hoje, quando chegaram a Hamburgo, o Alex vinha com o Jon e o irmão dele.

– Não me agrada nada que sejamos deixados de fora – queixou-se Theo, que durante toda a sua vida dera valor a integrar os planos que se congregavam.

– Vão os dois morar com a Katja?

Henny assentiu.

– Acho que me apetece um xerez. Metade da família a ajudar duas pessoas a fugir. – Ainda bem que não tinha ficado a saber do perigo que correram. – É provável que neste momento estejam todos sentados à mesa da Katja, a comer o esparguete que o irmão do Jon estava a preparar enquanto a nossa neta falava comigo.

A bem da verdade, dava a impressão de que na casa reinava uma imensa paz.

Theo levantou-se para servir o xerez a Henny.

– Depois hão de contar-nos tudo. Os três e também o Alex e o Klaus. – Ficava satisfeito por ele e Henny também terem os seus segredos. – Não se ouviu nada lá em cima – comentou. Não havia dúvidas de que o antigo quarto de Klaus era um lugar que se prestava a conspirações. – Achas que a Marike e o Thies não deixam o filho levar a namorada lá para casa?

– O Konstantin diz que a avó e o avô são mais discretos. Que não sobem a cada meia hora até ao quarto para perguntar se lhes apetece uma fatia de bolo.

Theo sorriu. Fora ideia sua receitar a pílula a Vivi, que tinha dezoito anos. O bloco de receitas que guardava na gaveta da secretária ainda podia ser utilizado sem problema nenhum.

Guste apagou a luz do pequeno candeeiro com abajur de seda num tom de amarelo-vivo. Alex tinha-lhe telefonado para contar que havia regressado são e salvo, trazendo Jon e Stefan na bagagem. Guste juntou as mãos em oração, algo que quase nunca fazia.

– Obrigada, meu Deus. Por me trazeres o Alex para casa. Cuida de todos, imploro-te. Da Ida e da Florentine, do Robert e das crianças. Dos Siemens já se ocupa a Anni. Chegou o momento de parar de ser eu a fazê-lo.

Teve uma morte doce e tranquila, na cama que havia partilhado com o velho Bunge. Sodoma e Gomorra, naquela época.

Auguste Kimrath não despertou na manhã seguinte, um dia de novembro especialmente escuro e sombrio. Faleceu aos noventa e três anos, sem ter chegado a conhecer os berlinenses de leste.

21 Poderia traduzir-se por *Testemunha de Acusação*. (N. da T.)

22 Poderia traduzir-se por *O Novo Livro Negro: Franz Josef Strauss*. (N. da T.)

23 Novembro em checo. (N. da T.)

24 Státní Bezpečnost (que se pode traduzir como Segurança do Estado) eram os serviços secretos da antiga Checoslováquia. (N. da T.)

25 Pãezinhos feitos com farinha e especiarias, cozidos ao vapor, e que constituem um típico acompanhamento para qualquer prato da culinária checa. (N. da T.)

Março, 1982

A Johnsallee sem Guste? Ida aguentou um ano inteiro, mas nesse dia de março abandonou a vivenda, que envelhecera muito apesar do telhado novo e da calefação nova; as janelas ainda estavam pendentes.

«A Milchstrasse vai ficar livre», informara Florentine no outono. «O meu inquilino vai-se embora para Frankfurt. Não será um sinal do destino?»

Florentine voltou de Casablanca um dia antes da mudança de Ida. Posara diante da câmara para a *Harper's Bazaar*. Moda inspirada nos tuaregues. Muito tapada. A cor, azul.

– Vou deixar esta vida – disse para Robert. – Tenho quarenta e um anos, agora é tempo de dar lugar a outras coisas. – Não tivera tudo o que oferecia o belo mundo das aparências?

Lori tinha onze anos e aprendia latim. Nem uma palavra de inglês, algo que desconcertava Alex. Não era esse o idioma em que todo o mundo se expressava? Sobretudo quando alguma coisa afetava alguém?

– O que queres tu que ele seja? Um erudito? – perguntou.

O toucador acompanhou Ida até à Milchstrasse, e também as pequenas poltronas cor de laranja. Parecia mentira que tivesse conseguido carregar sempre consigo essas coisas ao longo da vida: tinham sido uma prenda dos pais quando fizera dezassete anos. Ida aproveitou a oportunidade para proceder a uma limpeza geral. Não pretendia cometer o erro de abarrotar um apartamento de que gostava por ser tão espaçoso e desimpedido quando Florentine morava nele.

«No apartamento da nossa filha tudo é *sexy*», dissera a Kätthe doze anos antes num dia de março. Agora seria ela quem iria admirar os telhados pela janela das águas-furtadas. No entanto, ainda se encontrava no primeiro andar da Johnsallee, a contemplar como as salas ficavam vazias.

Os homens das mudanças da Carl Luppy suavam as estopinhas com a velha escada, que descrevia um ângulo traiçoeiro. Mais de um móvel já tinha arranhado a parede nesse ponto. Ainda assim, a cama individual, que Florentine a convencera a comprar depois da morte de Tian, chegou sã e salva ao piso térreo e tiraram-na depois da casa.

Custara-lhe desfazer-se da cama de casal, onde à noite a sua mão procurava Tian, mas a filha tinha razão: não lhe fazia bem nenhum dormir com uma metade da cama vazia ao lado.

Também a casa ficaria vazia. A mais velha das filhas de Anni e Momme estudava em Tubinga e a segunda estava a acabar o liceu; com os pais já só vivia Turid.

Contudo, o maior espaço vazio havia sido deixado por Guste.

No estúdio da Milchstrasse, Robert olhava pela enorme janela. Quando Florentine comprara aquelas águas-furtadas, ele mostrara-se cético, mas agora tudo se encaixava. Para Ida era o melhor lugar para morar, elegante o bastante para que o seu coração batesse mais depressa, dispondo de um bom elevador, a cozinha e a casa de banho muito mais confortáveis do que as da Johnsallee.

Ouviu a porta abrir-se e virou-se para trás: Florentine, com sacos de compras para encher o frigorífico. Havia já algum tempo que Guste não se encontrava ali para se certificar de que Ida não se esquecia de comer, nem tão pouco Anni, que punha a comida na mesa. Teria Ida cozinhado alguma vez na vida? Não, alguém sempre o fizera por ela.

– Devíamos ficar a pau para garantir que ela come o suficiente, *husky* – advertiu Florentine enquanto ia tirando as compras. – A minha mãe sempre foi muito magra, mas nos últimos tempos começou a ficar escanzelada.

– Agrada-me que tu já não sejas tão magricela – observou ele. – E adoro essa trança. – Nunca deixara de estar apaixonado pela mãe dos seus filhos.

Um as alterações que Florentine vinha a efetuar desde que havia decidido deixar morrer aos poucos a sua carreira de modelo. O cabelo pelo queixo e a franja espessa sempre tinham sido a sua imagem de marca; agora deixara crescer o brilhante cabelo negro, que apanhava numa trança solta.

«Uma trança chinesa», comentara o fotógrafo em Marrocos, nada entusiasmado. Nas fotografias usava um turbante azul. Florentine, o fotógrafo e a editora de moda da *Harper's* tinham chegado a esse acordo antes de a cabeleireira atacar com a tesoura. Não voltaria a fazê-lo, o dinheiro que possuía estava bem investido, Ida pagava uma renda pela casa e além disso ainda contavam com o salário de Robert.

– Os homens da Luppy devem estar a chegar a qualquer momento. Vou buscar a Ida – disse Florentine. – Vai ter de ser ela a decidir onde quer pôr cada uma das coisas.

Entrou no velho *Peugeot*. Se o carro vermelho voltasse a passar na inspeção técnica, ficaria com ele. Ida adorava viajar com a capota aberta, um lenço de seda na cabeça, os velhos óculos de sol de tartaruga. Era uma mulher do mundo. Não se via a si mesma de outra forma.

Não fazia parte de nenhuma companhia. Jon ganhou o seu primeiro salário com as peças radiofônicas da NDR e conseguiu o seu primeiro papel na versão cinematográfica do relato de Böll *Tempestade na Planície*. Agradecia qualquer coisa que se gravasse ou que se dirigisse em Hamburgo, não queria ficar longe de Stefan. Katja tinha muito trabalho na *Stern*.

Tanto Jon como Stefan tinham medo de que ela estivesse presente quando este sofresse um dos seus ataques, algo que dificilmente se podia evitar. Sentiram-se aliviados ao ver a serenidade com que agiu quando aconteceu. Numa outra ocasião encontrava-se ali por acaso Konstantin, estudante de Medicina no seu primeiro semestre.

– Rapazes, eu vivo aqui ao lado – disse. – Se me derem uma chave, posso cá vir nos dias críticos.

Seria possível distribuir o fardo que até àquele momento apenas Jon havia carregado?

Não era nenhum monstro, afinal, o Ocidente capitalista. Stefan dirigiu-se a um estúdio de desenho gráfico em Grindel. Os jovens que lá trabalhavam examinaram a pasta que ele lhes mostrou, desenhos para a DEFA, que Till levava para o lado ocidental. Adoraram, mas, quando confessou que era epilético, nenhum deles se achou capaz de ver Stefan estendido no chão.

Agradecia os trabalhos que lhe encomendavam para que desenhasse em casa. Retirava-se para as suas dependências, nas da frente viviam os apaixonados.

– E se tivéssemos um filho? – perguntou Jon nessa tarde de março. – E se nos casássemos? Dentro em breve farei trinta e dois anos.

– Mais velho do que Matusalém – retorquiu Katja. – Já vai sendo hora de fazermos todas essas coisas. E o Stefan?

– Achas que nos fará falta alguma das salas das traseiras?

No entanto, sabia ao que Katja se referia. Eram muitas as coisas que não havia na vida de Stefan. Alguma vez havia conhecido o amor de uma mulher? Jon não se lembrava de nenhuma. Pelo menos, nada sério.

– Só nos casaremos se mo pedires no Alster.

– Na margem ou dentro de água? – especificou Jon.

Ruth não passava com muita frequência pela casa dos amigos, e menos ainda pela de Rudi e Käthe.

– Devias cá vir mais vezes – pediu Käthe. – Quem sabe quanto tempo de vida resta aos teus pais.

Contudo, Ruth refugiava-se no seu apartamento, em Grindel, desde que deixara de trabalhar na livraria Landmann e vivia dos rendimentos da moradia de Langer Zug, onde em tempos se erguia a vivenda dos Everling. O quê? RAF.

Memórias da Terceira Fila?

Quase fazia um dia de primavera quando percorria Grindelhof e se deteve diante do Etrusker, que já pusera mesas cá fora tendo em vista as temperaturas amenas. O dono, italiano, conhecia o desejo dos habitantes de Hamburgo de desfrutar o quanto antes da primavera.

Mulheres jovens que ofereciam as suas bandejas como se aquele fosse um cinema da UFA nos anos trinta. Pequenos maços de *Gauloises*. Três cigarros, para tomar o gosto. Lapiseiras. Pastas azuis. Pequenas ofertas de propaganda. Obrigada, Ruth não fumava.

Stefan também não fumava, mas comprou um maço pequeno; queria o lápis, o papel azul, um desenho quiçá ou apenas algumas palavras para dizer à mulher dos caracóis curtos o quanto gostava dela. Um esboço que pediu ao empregado de mesa que levasse à mesa dela, para depois ver o olhar que ela lhe dirigiu com os seus olhos cinzentos.

Já se encontravam há meia hora sentados à mesa, a tomar um café expresso, avaliando-se. Stefan surpreendeu-se com o homem que parecia ser de repente. Jon tivera paixonetas, ele não.

- Sou epilético.
 - Porque é que está a contar-me isso?
 - Porque quero ver a sua reação.
 - Porquê?
 - Na esperança absurda de que, apesar disso, me deixe entrar na sua vida.
 - Agora é a minha vez de fazer confissões?
- Será que o dono do estabelecimento punha soro da verdade no café?
- Fui membro da RAF e estive presa.

Stefan ficou em silêncio: vinham os dois com defeito. Seria por isso que se sentiam tão próximos?

- É a filha da Kätthe e do Rudi? – perguntou ao fim de um bocado.
- Ruth fitou-o com cara de espanto.
- Como foi que chegou a essa conclusão?
 - Porque estive muitas vezes na Körnerstrasse e ouvi falar de si. Conheço alguns dos amigos da família; como é que nunca me tinha encontrado consigo?
 - Vivo muito afastada de tudo.
 - Eu também – respondeu Stefan.
 - Conheceu a Katja na Körnerstrasse?
 - Moro com a Katja.
 - Então é o irmão do Jon?
- Stefan assentiu.

– Estou a negligenciar bastante os meus amigos – admitiu Ruth. – E a minha família também.

A princípio, a intenção de Stefan era apanhar o autocarro para casa, mas ambos foram caminhando em direção ao outro lado do Alster, até que Ruth fez um desvio para ir por fim visitar os pais.

– A Vivi anda a tomar a pílula? – quis saber Marike. – Ou será que tu usas preservativos? – Era ridículo ficar vermelho, as perguntas da própria mãe eram sempre demasiado íntimas. Talvez o preocupasse denunciar Theo.

Konstantin bebeu o leite maltado; as coisas não tinham mudado muito, mesmo agora que se preparava para ir para a universidade continuavam a mimá-lo.

– A Vivi toma a pílula.

– Foi-lhe receitada por um ginecologista?

A essa pergunta podia responder que sim.

– Konstantin, a mim a única coisa que me importa é que examinem a Vivi primeiro. A pílula não é um rebuçado para chupar.

Fora isso mesmo que Theo havia dito, e facultara a Vivi a morada de um consultório; a doutora Utesch dificilmente constituiria uma opção a considerar.

– A Vivi está prestes a obter o diploma de enfermeira.

– Não costumam sofrer trombozes?

– Mamã. – Konstantin levantou-se da mesa: tinha de ir para a faculdade.

Não seria má ideia tornar-se independente, de certeza que Alex o ajudaria. Abandonar o ninho quando fosse para Boston realizar o estágio no Hospital Geral pressupunha esperar demasiado. Pegou no anoraque e a mãe, ao seu lado, agarrou no casaco.

– Eu também vou apanhar o autocarro – disse. – O papá levou o carro. Só preciso de ir à lavandaria buscar as batas.

– Mamã, tenho de ir.

– Não achas que eu e o papá devíamos conhecer a mãe da Vivi?

Não, Konstantin não achava.

A velha toda engelhada do postal dirigia-lhe um sorriso desdentado; Ruth virou o cartão. «É assim que eu estou agora», escrevera Florentine. «Envia-me a mim e à Katja uma foto tua para podermos reconhecer-te se te virmos na rua, isso se é que ainda saís de casa?»

Seria demasiado prematuro falar com as amigas sobre Stefan? Tinham almoçado juntos uma vez no Etrusker e depois tinham ido para casa de Ruth. Ele cancelara a segunda entrevista, porque receava sofrer um ataque.

- O que existe entre nós é sério? – perguntou Ruth.
- Duvidas?
- Vamos subordinar aos teus ataques o tempo que estaremos juntos?
- Tenho medo de te assustar.
- Não creio que ainda existam muitas coisas que possam assustar-me.

Ruth pegou no telefone e ligou para Florentine.

– Tens razão – reconheceu. – Já está na hora de nos encontrarmos. A Katja está por cá? Se estiver, venham esta noite a minha casa. Desculpa por te fazer o convite com tão pouca antecedência.

Katja foi a primeira a chegar, fitou-a com cara de curiosidade e depois percorreu a casa.

– A tua secretária está sempre assim tão vazia? – Sobre ela havia apenas uma *Triumph Adler* e um maço de folhas de papel ao lado. – Estás a escrever um romance e ainda procuras inspiração para a primeira frase.

– Meti-o na gaveta, para que a Florentine não se ponha com ideias de o ler em voz alta.

Katja riu-se.

– Agora ela age com muito mais tato.

Quando a campainha tocou e Ruth foi abrir, Katja observou tudo com mais atenção. Havia algo que lhe fazia lembrar os aposentos de Stefan, tanto em Berlim como em Hamburgo. Um espaço criativo, nada pretensioso. Livros, de política, de poesia. Na parede, águas-fortes emolduradas de Horst Janssen. Num dos cadeirões de vime, o *Die Tageszeitung*, o jornal *taz*. Ao lado, o *Frankfurter Rundschau*. Debaixo do *taz*, um papel, azul como o caderno que se encontrava há dias em cima da mesa de desenho de Stefan.

– Imaginava-o mais desenxabido – observou Florentine assim que entrou e deu um abraço a Katja. – Trouxe alguma coisa para petiscar lá do turco. Calculei que não devias ter nada em casa para comer.

Katja e Ruth sorriram entre si: muito mais tato, sem dúvida.

– Vai bem com as folhas de videira recheadas que preparei – retorquiu Ruth.
– Apesar de o vinho ser grego.

– Continuam a viver felizes e contentes na Papenhuder? – quis saber Florentine depois de beber o primeiro copo de *retsina*.

– Sim – respondeu Katja.

– E os ataques do Stefan?

– Isso é de facto muito duro. Sobretudo para ele.

– Como é que são? – perguntou Florentine com interesse.

– Agora não – recusou-se Katja a responder.

– Conta – pediu Ruth. – Eu gostava de saber.

Katja fitou-a, surpreendida: a indiscrição não era uma característica dela.

– O Stefan desmorona no chão de repente e pode ser perigoso, dependendo

do sítio onde caía. Perde os sentidos, tem espasmos. A sua musculatura respiratória também se contrai e por conseguinte deixa de respirar durante alguns segundos. Em seguida chegam as convulsões. Tudo isso demora no máximo uns dez minutos, mas depois fica esgotado.

– E a cara? – perguntou Ruth.

– Abre muito os olhos e o olhar fica fixo, a cara crispada. Há algum motivo para queres saber sobre isto com tanto pormenor?

– Sim. – Ruth pôs-se de pé, levantou o *taz* e pegou no papel azul. Mostrou-o a Katja: um retrato de Ruth. Desenhado com perícia. Por baixo, uma única frase: «Gostaria de conhecê-la.»

Florentine já estava a estender a mão para pegar na folha de papel azul.

– O Stefan – deduziu Katja com a estupefação refletida na voz.

Depois da morte de Tian, Alex fez uma única tentativa, que fracassou. Bebeu um gole de *Earl Grey* demasiado fraco, pois tinha-o servido antes do tempo, pediu a conta ao empregado de mesa, pagou e saiu do salão da lareira do Jahreszeiten.

Havia coisas que tinham acabado, o Jahreszeiten e a Johnsallee. Por isso hesitou quando George Rathman o convidou para o salão da lareira: havia outros lugares para se encontrarem ao fim de todos aqueles anos, mas George adorava o Vier Jahreszeiten, nas margens do pequeno Alster. Associava-o à sua casa, pois antes de emigrar com a família vivia mesmo ao lado, na Rua Colonnaden.

– Sentes a falta do teu amigo – constatou George já sentados ali, a beber uísque, não chá.

– Sim. Éramos muito unidos.

– O meu assistente morreu em janeiro. Com trinta e um anos.

– Lamento muito, George. De quê?

– Em Nova Iorque e na costa oeste existe uma misteriosa síndrome da imunodeficiência que está a causar estragos e que afeta sobretudo os homens homossexuais. O Senhor tem sempre alguma praga preparada para os homossexuais.

– Nunca ouvi falar dessa praga.

– Pode ser que a Europa se salve, e em todo o caso tu e o Klaus praticam a monogamia há décadas.

Alex hesitou. Bebeu um gole de uísque antes de falar. A que propósito é que viria de repente aquela necessidade de contar a George o que havia sucedido?

– Há alguns anos fui para a cama com uma mulher e, ao fazê-lo, traí duas pessoas: o namorado dela e o Klaus. O bebé que nasceu depois podia ser meu. Oxalá tivesse confidenciado esse segredo ao Tian quando soube que a

Florentine estava grávida. Na altura achou que o melhor seria não dizer nada.

– Surpreendes-me. – George bebeu o que restava do uísque e ficou a olhar para o copo com a máxima atenção, como se procurasse uma derradeira gota.

– Gostavas que essa criança fosse tua?

Alex ficou em silêncio.

– Há quanto tempo é que aconteceu isso?

– Em setembro faz doze anos.

– Alguma semelhança identificável?

– O Lorenz é parecido com a mãe.

– Quer então dizer que mantiveste o contacto este tempo todo.

– A mulher em causa é filha do Tian. O namorado dela é o meu técnico de som.

– Caramba, é um assunto delicado. – George Rathman pousou o copo em cima da mesa. – Queres outro?

– Não posso.

– Continuas a tomar muitos medicamentos?

– Nenhum que me faça tão bem como os comprimidos de Boston de outrora.

George Rathman fez sinal ao empregado de mesa para pedir outro uísque puro de malte e uma garrafa de *Apollinaris*²⁶ para Alex.

– Acho-te bastante estável. Voltando a essa nova praga, não creio que vocês corram perigo. Nem tu nem o Klaus foram a São Francisco ou a Los Angeles, que são os outros dois focos da doença para além de Nova Iorque.

– Também não faço tentações de voltar a traí-lo.

– O Klaus perdoou-te? É-te fiel?

– Sim e sim.

– Gostaria que trabalhasses comigo num projeto cinematográfico. Aqui, em Hamburgo, e sobre o género que tocávamos. Metade filme, metade documentário.

– É sobre quê?

– Hugo von Hofmannsthal. Conheces o poema «Die Beiden»²⁷?

– «Que as mãos não se uniram e o vinho escuro se derramou pelo chão» – recitou Alex. – Não tem ar de que possa vir a ser um êxito retumbante.

– Talvez seja um capricho a que me dou ao luxo agora que já sou velho. Sempre tive um fraquinho pelo modernismo vienense.

– E o que queres que eu componha para isso, George? Enquadra-se no romantismo tardio.

– Mas tu gostas de Gustav Mahler e de Hugo Wolf.

– Se é isso que queres, essa é a música que terás.

George Rathman negou com um aceno de cabeça.

– Quero que contraste com o teu *jazz* – afirmou, e dito isto ergueu o copo

de uísque que lhe haviam servido. – Bem-vindo a bordo.

– É provável que os britânicos entrem em guerra com a Argentina, e tudo por causa daquelas ilhas, as Malvinas. – Theo depositou o jornal no respetivo lugar depois de ler os cabeçalhos.

– A verdade é que ficam muito mais perto da Argentina – opinou Henny. Devia comer outra torrada? Já comera duas, era pura gulodice. Contudo, a compota de laranja-sanguínea que Klaus tinha feito era deliciosa, na verdade. – Prova a compota.

– Para além da compota, o Klaus trouxe alguma novidade?

Henny colocou duas fatias de pão de forma na torradeira, que repousava na mesinha de canto da sala de estar.

– Tem cuidado, não vás tropeçar no cabo quando te levatares depois.

– Sou um nonagenário bastante ágil.

– Ainda não tens noventa anos – sublinhou Henny. – Porque é que não subimos a fasquia uns quantos anos mais?

Theo sorriu.

– Até aos cem, já agora – sugeriu. – E diz-me uma coisa, está tudo bem na Schwanenwik?

– O Klaus vai para Nova Iorque. Aceitou por fim o convite do festival de jazz. É em agosto. No entanto, ainda vai ter de contar a novidade ao Alex.

– O que é que se pode dizer? Ou o Alex vai com ele ou então fica em casa com o seu medo de andar de avião.

– O Klaus diz que quer ir ao festival nem que seja apenas uma vez. Podia reunir músicas originais para uma dúzia de programas. E, além do mais, quer conhecer Nova Iorque.

– Pois então que o faça. Porque é que nós não vamos também a Nova Iorque?

– Não – recusou Henny. – É demasiado longe para mim.

Tirou as torradas da torradeira e pôs uma em cada prato.

26 Marca de água mineral gaseificada alemã. (*N. da T.*)

27 Poderia traduzir-se por «Os Dois» ou «Ambos». (*N. da T.*)

Agosto, 1982

Em agosto nunca tinha havido muito trabalho, os franceses apanhavam sol nas praias da Côte d'Azur e os americanos nas dos Hamptons. No setor da moda ninguém ficava nos estúdios quentes como fornos, as fotografias para as coleções de outono e inverno encontravam-se nas gavetas há já algum tempo e as revistas lustrosas na tipografia.

Florentine desfrutava desse mês livre de compromissos. A primavera voltara a levar consigo uma imensidão de telefonemas e, com eles, muito trabalho; a notícia de que ia pôr um ponto final na sua carreira desencadeara um *boom* tremendo a que não pudera resistir.

Em setembro tinham-na escolhido para protagonizar uma reportagem de moda para a revista americana *Vogue* e depois abandonaria tudo em definitivo. Desde que haviam regressado de umas férias passadas no lago Maggiore, era Florentine quem cuidava dos filhos; Pina ficara na Lombardia para se casar com o irmão da sua cunhada. Afinal de contas, os casamentos dos outros eram o melhor lugar para se procurar marido ou mulher.

– Vai fazer as compras? – perguntou a senhora Kuck ao ver Florentine entrar na cozinha e pegar no cesto. – Posso fazer-lhe uma lista.

Uvas, da Grünhöker; os primeiros figos. Uma caixinha de framboesas, que Etta adorava. Quando Florentine saiu de baixo do toldo deparou-se com Alex à sua frente.

– Como um quadro de Renoir – observou. – O vestido, a trança, o cesto no braço.

Florentine sorriu.

– Vens do fisioterapeuta?

– Sim. Desde há uns tempos que a mão voltou a dar-me problemas, fica dormente de vez em quando. E isso não é nada bom para alguém que toca piano.

– E essa crise começou quando soubeste que o Klaus iria para Nova Iorque? O Robert contou-me. Tens uma queda para o dramatismo, Alex. Eu passo a vida a voar para Nova Iorque e irei de novo em setembro. E o avião nunca se despenhou.

– Tens tempo para um café?

Dirigiram-se para uma das mesinhas que havia em frente à confeitaria Wende. Sentadas diante dos respetivos *cappuccini* coroados com natas, as senhoras de idade lançaram olhares curiosos ao atraente casal, uns olhares de que apenas Florentine se deu conta.

– E então?

– Já leste alguma coisa sobre a «peste dos homossexuais», que foi a maneira mais suave que o *Der Spiegel* encontrou para lhe chamar? – perguntou Alex. Baixou a voz quando tomou consciência da expressão de horror estampada na cara da senhora da mesa do lado.

– Sei de um estilista com quem trabalhei em Nova Iorque que foi afetado.

– Tenho medo de que o Klaus seja contagiado.

– Nunca foi pessoa de andar por aí a ir para a cama com qualquer um.

– E essa é a única maneira de apanhar a doença? Isto porque eu tenho a impressão de que andam todos às aranhas, ninguém sabe qual é a causa. E se eu disser ao Klaus para não se esquecer de lavar bem as mãos?

– Se estás com medo de que ele possa enfiar-se na cama com alguém, o melhor que tens a fazer é abordar esse assunto diretamente com ele.

– Não, não é isso. – Calou-se quando lhes puseram à frente as pequenas cafeteiras. – O clima é tão descontraído entre nós que acabei por desabafar contigo.

– A dor que nos causou a morte do Tian e da Guste fez com que a nossa relação tenha mudado – retorquiu Florentine. – E também pôs em ordem muitas coisas.

Alex assentiu.

– Convido-te para almoçar, queres?

– A Etta está prestes a sair da escola e já não temos ama-seca, pois a Pina ficou em Itália.

– Fico comovido ao ver como mudaste. Quem haveria de dizer que tu e o Robert seriam tão felizes?

– A propósito, sabes qual é o novo casal do momento, meu querido cúmplice de fugas?

– O Stefan e a Ruth. A vida é uma caixinha de surpresas. Com muito arroz tufado e de vez em quando uma aliança de ouro brilhante.

– Quando é o voo do Klaus?

– No dia 19 de agosto. Vai ficar fora durante uma semana.

– Vai lá para casa, para ao pé de mim e do Robert, antes que corras o risco de sucumbir à dor da separação. Alex, não faças com que o Klaus sinta remorsos, anda. Quem tem medo de andar de avião és tu. Fica feliz por ele.

– Também te tornaste sábia.

– Esperta sempre fui.

Quando se despediram na esquina da Poelchaukamp, Alex depositou-lhe um beijo na mão. Quando voltou para casa, Florentine tinha-se esquecido por completo da lista de compras da senhora Kuck.

Jon inclinou-se sobre a mesa de desenho: «Felicidade. Felicidade. Felicidade», podia ler-se no papel branco. «Amor. Amor. Amor.» Ensaios de caligrafia.

– Achas que estou a fazer um papel ridículo?

Jon virou-se para trás.

– Enviei-te o correio – informou. – Não é incrível o que nos está a acontecer, Stef? Quem haveria de dizer que iríamos os dois encontrar o amor?

– No meu caso, é claro que não.

– Antes da Ruth, houve alguma mulher na tua vida?

– Houve, sim. Mas como não estava disposta a aceitar uma criança pequena, dificilmente poderia ser a mulher da minha vida. Vou viver com a Ruth, Jon. Em março disse-lhe que só o faria se ela presenciasse um *grand mal* e, apesar de tudo, continuasse a querer que eu me mudasse. Já assistiu a cinco e continua a querer que eu vá.

Jon aproximou-se de Stefan e abraçou-o. Tinham percorrido um longo caminho desde aquela manhã em que embarcaram no comboio rumo a Praga para se transformarem em fugitivos da República.

– Tu e a Katja querem ter filhos? Agora os quartos vão ficar livres.

– Teríamos arranjado espaço para a alcofa no nosso.

– Sempre me preocupei que vocês não tivessem filhos por respeito a mim, para que o pobre do Stef não se sentisse um estorvo maior ainda.

– A Katja não tem um segundo de sossego, está sempre a trabalhar – respondeu Jon. Seria por isso que não engravidava? Andavam a tentar desde março. – Quem sabe se ao pobre do Stef ainda não lhe estará reservada a alegria de ser pai.

Este abanou a cabeça.

– Eu e a Ruth carregamos um fardo demasiado pesado nas costas – declarou. – Seria um peso excessivo para uma criança.

A cabeça de Gesche assomou pela porta do gabinete e fez um gesto afirmativo. Marike, com um sorriso radiante, levantou-se. Era o dia dos abraços.

– Estou confusa – disse Katja. – Vais ser avó?

– Pode interpretar-se o meu sorriso de outra maneira?

– Então, isso quer dizer que estou mesmo grávida?

– Se assim não fosse, quem é que ia fazer de mim avó? O Konstantin ainda

não chegou tão longe, graças a Deus, embora pelos vistos não seja por falta de prática.

Katja soltou uma gargalhada e contornou a mãe.

– Importas-te se eu ligar para o Jon do teu telefone? Quando é que está previsto o bebé nascer?

– Em finais de março. Talvez no dia do aniversário da Henny.

Katja já tinha o telefone na mão e estava agora a marcar o número.

– Jon? Estou no consultório da minha mãe e agora vou para a Jungfernstieg. Não demores, espero por ti no cais. – Desligou antes que ele tivesse oportunidade de dizer alguma coisa.

– Coitado do rapaz – disse Marike. – O que irá pensar que se está a passar? Pelo menos sabe que vieste fazer o teste de gravidez?

Katja abanou a cabeça.

– E o que é que pretendes fazer no cais?

– Entrar num barco com ele para dizer que sim quando o Jon me pedir em casamento no meio do Alster.

Cheio de medo, Jon apanhou um táxi. Acabava de invocar a felicidade, talvez até já se tivesse desencadeado a vingança divina. Embora não fosse católico, temia que Deus pudesse castigá-lo se se mostrasse demasiado arrogante.

Já via Katja, acenava-lhe com a mão, o vestido de verão a ondular ao sabor do vento. Veio-lhe à ideia o vestidinho preto com bolinhas brancas, Katja no outro lado do passeio da Rua Strassburger.

Pagou ao taxista e correu na direção dela. Katja tinha entre os lábios a pequena âncora que estava pendurada no fio que trazia ao pescoço. Fazia isso sempre que estava nervosa. Tê-lo-ia obrigado a ir até ali se tivesse más notícias? Até ao cais? Então percebeu tudo e só lhe apetecia soltar gritos de júbilo. No entanto, esperou que Katja lhe contasse.

– Vamos ter um filho.

Jon tinha lágrimas nos olhos quando, de mãos dadas com Katja, entrou no *Susebek*. Iria perguntar-lhe se queria casar consigo assim que se encontrassem no meio do Alster. Era um idiota feliz.

– Ainda me lembro de quando a Marike me contou que estava grávida da Katja e eu comentei com a Else que ela ia ser bisavó – recordou Henny. – Só ficou feliz de verdade quando se deu conta de que isso significava que eu ia ser avó. No fim começou a pensar que ela e eu tínhamos a mesma idade. A minha mãe podia ser bastante engraçada. – Uma palavra amável para descrever as esquisitices de Else.

– Eu estou encantado por ser bisavô, e aos noventa anos. – Theo sorriu e ergueu o seu copo. – Brindemos à saúde do Lud, o pai da tua Marike. Se ainda fosse vivo, seria bisavô.

– Tinha vinte e quatro anos quando morreu. – Henny abanou a cabeça. Fazia tanto tempo e ainda assim parecia que tinha acontecido ontem. Lud faria parte da criaturinha que seria o filho de Katja e Jon. Quantos genes havia ali. Pegou no copo de sumo de maçã e brindou com Theo. – Tens falado com a Elizabeth nos últimos tempos?

– Ela e o marido vão para um lar de idosos com vista para o rio Avon. Apesar de serem mais novos do que nós. – A sua voz deixava transparecer a surpresa que sentia.

– Nós ainda estamos bem aqui, na nossa casa. É mais do que suficiente que a senhora Kuck cá venha meio dia duas vezes por semana. O que na verdade devíamos fazer era procurar alguém que cuide do jardim. – Henny olhou para a sebe alta de buxo, onde em tempos o mastim havia aberto uma brecha. Era óbvio que a sebe estava algo abandonada.

– Mais tarde posso cortar a relva. Que tal vão os preparativos da viagem do Klaus?

– O consulado já emitiu o visto.

Theo hesitou: não sabia se devia falar com ela sobre os artigos que tinha lido nas publicações de medicina americanas e preocupar Henny com as mortes misteriosas que estavam a verificar-se entre os homossexuais nova-iorquinos. Alex já havia comentado esse assunto com ele. Oxalá se soubesse o que desencadeava a doença. Não partilhava da opinião dos seus colegas do *The New England Journal* de que se devia ao consumo de haxixe.

– Tens as pernas lindas, bronzeadas – preferiu dizer.

Henny esticou-as de modo a poder vê-las. Não estavam mal para a sua idade, só apresentava algumas pequenas veias salientes.

– Telefonamos à Käthe e ao Rudi para que venham até cá? Está uma belíssima tarde.

– Sem dúvida – replicou Theo. – Será muito melhor do que cortar a relva.

Henny levantou-se e dirigiu-se para o telefone. Será que Käthe já sabia que havia um casamento iminente? Há muito tempo que não se realizava nenhum.

Rudi envolveu a bandeja com o bolo de ameixa ainda quente em dois panos de cozinha aos quadrados. Henny bateria as natas depois. Era boa ideia comer o bolo no terraço da Körnerstrasse.

– As vespas vão ficar encantadas – vaticinou Käthe.

– Tê-las-íamos à mesma na nossa varanda.

Käthe plantou-se em frente ao espelho do corredor e pôs o pequeno chapéu

de palha que havia comprado em junho na Stegmann, na Avenida Jungfernstieg.

– Puxa-o um pouco mais sobre a testa – opinou Rudi.

– Dizes isso para que não se note tanto como somos velhos?

– Não, não foi nada disso que eu quis dizer. Talvez me tenham vindo à ideia os anos vinte. Nessa altura, tu e a Henny usavam esse tipo de chapéu.

– Os mais ousados eram os da Ida e da Louise. Elas sempre foram extravagantes. – Käthe soltou um profundo suspiro ao recordá-lo.

– Para mim já me chegam e sobram as extravagâncias da minha Käthe.

Quando atravessaram a ponte e passaram diante do embarcadouro do canal de Mühlenkamp, detiveram-se a fim de contemplar o Alster estival.

– Acreditavas que a Ruth voltaria a ser feliz? – perguntou Käthe.

– Esperava que assim fosse – respondeu ele.

– É um bom rapaz. E se a Ruth consegue dar conta dos ataques, perfeito. O que não creio é que tenhamos netos.

– A epilepsia do Stefan é adquirida, não é genética. – Rudi pousou a bandeja na balaustrada. Desfrutariam de mais alguns instantes, a vista era uma maravilha. Que sorte que Stefan tivesse conseguido chegar a Hamburgo com o irmão. A diferença entre András Bing e o calado desenhador de Berlim Leste não podia ser maior. Rudi nunca tinha visto a filha mais doce e cordata do que nesse ano.

– Anda, é melhor apressarmo-nos e irmos de uma vez para a Körnerstrasse – propôs Käthe. – Devíamos comer o bolo enquanto ainda estiver morno.

– E agora vais ter um filho – comentou Ruth. – Assim, sem mais nem menos.

– Assim sem mais nem menos, não – respondeu Katja com uma gargalhada.

Desfrutavam do sol do meio da tarde na varanda do quarto de Stefan, bebendo limonada. O verão arrancava reflexos ao pátio das traseiras da casa da Rua Papenhuder. O verde-vivo das árvores, as margaridas na relva, as crianças que gritavam de felicidade saltando num alguidar de plástico azul-berrante. Esperara Ruth poder apreciar ainda cenas tão idílicas?

Às vezes, à noite revivia o que havia ocorrido em Hildesheim, nos seus sonhos tudo sucedia em câmara lenta. O carro-patrolha, que se atravessara na rua e a impedira de fazer marcha-atrás. András, que sacara da arma e disparara. Os mortos estendidos no asfalto.

Ruth gritava a dormir quando sonhava com isso. A mão de Stef nas suas costas na primeira vez que dormiu com ele. Uma mão que a acariciava. «Queres falar sobre isso?, perguntara-lhe.

Katja pôs-lhe uma mão no ombro.

– O que é que se passa? Neste momento, a tua cara é de horror em estado puro.

– Continuo a ver com frequência as imagens do parque de estacionamento onde o polícia e o András morreram. Sonho com isso. Desde que o Stefan dorme ao meu lado é mais fácil para mim esquecer esse pesadelo. Adormeço porque o Stefan me passa a mão pela cintura, tal como eu faço com ele quando lhe dá um ataque.

– Deitas-te com ele quando isso lhe acontece? O Jon também o faz.

– O Jon deu-me instruções a esse respeito, desembaraço-me bem, Katja. No início achei que eu e o Stef estávamos demasiado despedaçados por dentro, mas estava enganada. No Japão existe uma técnica para reparar a cerâmica quando se parte. Chama-se «*kintsugi*». Embora se veja onde os pedaços foram colados, as rachas são preenchidas com ouro.

– Vocês preenchem-nas com amor.

– Sim – retorquiu Ruth.

Katja espreitou para o quarto de Stefan através da porta aberta da varanda. No penúltimo dia de agosto iria viver com Ruth. Levaria consigo poucos móveis: a mesa de desenho; o cadeirão *art déco* de couro castanho-escuro, que Stefan comprara no primeiro ano num adeleiro; o pequeno quadro a óleo, a rua coberta de neve de uma povoação que fazia lembrar um poema de Joseph von Eichendorff: «O mercado e as ruas estão desertos, a luz brilha serena em cada casa.»

– O Stefan está a demorar muito – comentou Ruth. – Só ia comprar qualquer coisa para o jantar, a Paulsen fica a dois passos. Lembras-te do edifício meio em ruínas que havia ali depois da guerra? Vivi lá com o meu avô, e também com a Käthe e com o Rudi. O meu avô caiu das escadas, que se encontravam em mau estado, e partiu o pescoço.

O verbo *cair* devolveu-a ao presente. Katja sabia como Gustav Everling tinha morrido.

– Só demoliram a casa em 1976 e depois construíram a nova logo em seguida. – Pôs-se de pé. – Vamos ter com o Stefan.

Ruth levantou-se de um pulo, como se estivesse à espera de ouvir essa frase. Em Berlim, Stefan nunca saía de casa sozinho; em Hamburgo atrevia-se a fazê-lo entre um ataque e outro, o neurologista do UKE encorajava-o a fazê-lo.

Saíram para a rua, as bancas das Samanthas estavam em frente à casa, roupa indiana de cores vivas.

– Lá está ele – declarou Ruth quando o viu. – Ao pé das flores. Se eu desatar a correr, o Stefan vai perceber que fiquei cheia de medo.

– Morro de vontade de comer pêssegos brancos – disse Katja quando chegaram junto de Stefan, que levava um ramo de dalias vermelhas no braço. –

Não vejo a hora de metê-los na boca. Espero que a Paulsen tenha dos brancos. Vão vocês à frente.

– Eu nunca te trai – dissera a Alex quando na noite anterior à sua partida se encontravam sentados no terraço, a comer um melão que estava no ponto certo de madureza com o presunto de San Daniele. – Porque é que achas que iria começar a fazê-lo precisamente em Newport?

Klaus olhou-se ao espelho que estava pendurado na casa de banho do aeroporto de Copenhaga ao mesmo tempo que recordava a conversa que tinham tido na véspera. Lavar as mãos. Era o que Else dizia sempre, e agora era Alex que lhe azucrinava a molécula com o mesmo assunto. A que propósito?

«Medo do outro lado do mar.» Tinha lido um artigo sobre a peste que assolava os homossexuais no *Der Spiegel*. Lavar as mãos era como tomar comprimidos de iodo num ataque nuclear.

Consultou o relógio. O avião da Northwest Orient Airlines não tardaria a partir rumo a Nova Iorque. O especialista em *jazz* da revista *Billboard* iria buscá-lo ao aeroporto e levá-lo-ia no seu carro a Rhode Island. Depois, no sábado, assistiriam ao primeiro concerto, com Gerry Mulligan no saxofone barítono; no domingo, Sarah Vaughan com o seu trio e Oscar Peterson. O colega da *Billboard* era um contacto de Thies, que havia conhecido o tal William em maio, na feira da indústria musical de Cannes.

Klaus relaxara durante o voo, mas quando à sua direita surgiu Manhattan, a ilha banhada pela luz algo enevoadada do dia de verão, o seu coração começou a pulsar com força. Recusara o convite para assistir àquele festival alguns anos antes, por causa de Alex, e agora estava ali.

Pareceu-lhe uma eternidade até que se viu por fim no terminal de chegadas, lançou uma vista de olhos em redor e sorriu ao aperceber-se de que um jovem espigado segurava no ar um letreiro onde se lia: KLAUS, NDR.

Tinha dezanove anos quando conhecera Alex e desde então estava apaixonado por ele e jamais tivera a mínima dúvida a esse respeito. Porque é que pensou nisso quando se viu ao lado daquele jovem, no velho *Chevrolet Corvette*? Três horas e meia. Sempre pela estrada costeira.

Trinta anos era o que devia ter, no máximo, o rapaz, que acabava de lhe propor que lhe chamasse Billy: «Billy da *Billboard*.» Falaram de Barbra Streisand e de Bette Midler, sobre qual das duas tinha o nariz maior. Do festival a que iriam assistir. Do panorama do *jazz* alemão.

– Sei que esse tal Alex é o teu namorado. O líder da banda – afirmou Billy quando já estavam quase a chegar a Newport. Pôs a mão na perna de Klaus.

Billy reduziu a velocidade e avançou com cuidado, dando saltos pelas ruas calcetadas a fim de chegar ao Hotel Harbour, na cidade velha de Newport. Do

seu quarto, Klaus avistava a marina.

Um quarto com uma bela vista.

– Venham cá a casa no domingo com as crianças – convidou Alex. Sentia-se sozinho. Já era o quarto dia sem Klaus. O festival de Newport terminava nesse dia, mas Klaus iria ficar mais dois dias em Nova Iorque.

Alex consultou o relógio: o seu querido companheiro telefonava-lhe sempre por volta das quatro, altura em que em Newport eram dez da manhã. «Billy da *Billboard*.» Porque é que isso o deixava inquieto? Esperava que não se tratasse de um sexto sentido.

Quando a família Yan Langeloh chegou eram quatro e um quarto. Alex gostava de ter perguntado primeiro a Klaus onde é que estivera essa noite.

Teve bastante com que se distrair para não ficar na constante expectativa de que o telefone tocasse: servir o bolo, que comprara na Boyens; tirar os gelados de pauzinho do congelador. Quando Lori pediu o terceiro «gelo de chupar», todos esboçaram um sorriso rasgado.

Às sete e meia, Florentine foi-se embora a fim de pôr Etta na cama e levou Lori consigo também. Robert ofereceu-se para ficar mais um bocado.

– Acho-te angustiado – comentou Robert. Encontrava-se no terraço ao pé de Alex, dizendo adeus com a mão às crianças e a Florentine.

Alex abriu a garrafa de vinho que havia deixado em cima da mesa.

– Telefona sempre, à tarde. Esta manhã liguei-lhe eu, às dez horas. Eram quatro da madrugada na costa leste e o Klaus não estava no quarto.

– Não creio que ele tenha ido ao festival para fazer uma cura de sono.

– Anda, vamos tomar um copo de vinho. É um bom *riesling*.

– Estás com ciúmes – diagnosticou Robert. – Porque é que confias tão pouco no Klaus e em ti?

– Confio no Klaus, mas poderia levar a mal se se sentisse atraído por outro? Eu fui o primeiro homem da sua vida e não creio que tenha havido outros além de mim. Há anos que vive com os meus problemas de saúde, e depois aconteceu o acidente com a mão, já para não falar do meu irritante medo de andar de avião.

Robert bebeu um gole de vinho.

– É muito bom, sim.

– E agora a praga que pelos vistos afeta sobretudo os homossexuais anda a causar estragos por lá.

– Nunca utilizas a palavra *maricas*.

Alex revirava o copo na mão.

– Pois não – admitiu.

– Vejo que elaboraste uma lista das tuas carências. Eu também tenho uma

lista e é curta: vocês amam-se há trinta e um anos, se não estou enganado.

Alex assentiu.

– Continuas a ser um homem atraente. – «Não só para o Klaus», pensou Robert, mas preferiu não abrir a caixa de Pandora. – E, além do mais, és um músico talentoso, que goza de um enorme êxito.

– Ficarias surpreendido se te dissesse que, apesar de tudo, não tenho muita confiança em mim mesmo?

– Não. Conheço-te há mais de trinta e um anos.

– O telefone – anunciou Alex ao ouvi-lo. Pousou o copo e levantou-se.

Robert ouviu um «eu também» no final da conversa.

– Vês? – disse quando Alex saiu de novo para o terraço.

– Disse que estive na borga com os músicos.

– E não achou estranho que lhe tenhas telefonado de madrugada?

– Não – retorquiu Alex.

– Acredita nele – respondeu Robert.

Duas noites no Central Paramount, na Rua Quarenta e Seis. Klaus não desfez a mala toda, limitou-se a passar a ferro duas das suas camisas. Billy ofereceu-lhe a sua casa para ele ficar, no SoHo; Klaus agradeceu-lhe, mas recusou ao mesmo tempo que consultava o *Longines*, como se o relógio fosse uma âncora a que pudesse agarrar-se.

Desfrutou passeando sozinho pela cidade, com o *Guia Baedeker* na mão. Quando foi encontrar-se com Billy na redação, examinaram-no de alto a baixo como se fosse a nova vítima de Billy. Porque é que tinha de ser homossexual o contacto que Thies possuía em Nova Iorque?

À noite foram ao Joe Allen, um restaurante que estava na moda: paredes de tijolo exposto, mesas com toalhas aos quadrados brancos e vermelhos. Depois, quando Billy mandou parar um táxi e forneceu ao taxista um endereço do SoHo, Klaus consultou o relógio de Alex, em vão.

O espelho que estava pendurado por cima do lavatório no aeroporto de Copenhaga. De novo. Klaus mirou-se depois de enxugar as mãos, e pensou em «Billy da *Billboard*». Um homem encantador, se bem que mais velho do que pensava: trinta e quatro anos. Cheio de vitalidade.

«*You bring out the gypsy in me.*» Klaus sorriu para a imagem que o espelho lhe devolvia. Precisava de pedir a Alex que lhe tocasse *Embrace Me*, a velha e linda canção de Gershwin, que fazia parte do repertório do Quinteto. Não, não o faria. Apesar de sentir saudades dos abraços de Alex como há muito tempo não sentia.

– *I love you, Alex* – disse olhando para o espelho.

Quando Klaus aterrou no aeroporto de Fuhlsbüttel, os especialistas do outro lado do Atlântico acabavam de chegar a acordo em dar um nome à misteriosa síndrome da imunodeficiência: sida.

Outubro, 1982

Uma família de amigos. As quatro palavras derretiam-se na boca de Käthe quando as pronunciava, como se fossem um *éclair* de chocolate. Depois chegara Stefan vindo do Leste e soubera quem eram as pessoas que partilhavam a sua vida desde há décadas. E agora Katja e Jon iam casar, Stefan e Ruth eram um casal e ia nascer outro bebé.

– A tua neta e a minha filha agora são cunhadas – disse Käthe para Henny, que estava ao seu lado diante do grande espelho da secção de moda de senhora.

– Em todo o caso, somos uma família desde sempre – referiu Henny.

– Uma família de amigos. É quase como se pudesse saborear as palavras. – Käthe afastou uma madeixa branca de cabelo que não parava de lhe cair sobre a testa no meio do cabelo escuro, ela e o seu cabeleireiro tinham idealizado esse efeito. No caso de Rudi aparecera-lhe de repente uma madeixa assim como aquela e depois o cabelo inteiro ficara branco, e isso era algo que Käthe queria evitar.

– Não te enerva que o cabelo te tape os olhos?

– Para se ser bonita é preciso sofrer – retorquiu a amiga.

– Essa é uma coisa que poderia ter sido perfeitamente a minha mãe a dizer – opinou Henny. – Com este vestido pareço uma saca de batatas. O que é que tu achas? – Reparou no olhar da vendedora dos grandes armazéns Alsterhaus, que percebera que era melhor permanecer em segundo plano.

– Esse tecido engorda-te na cintura.

– Seja como for, o *tweed* não é adequado para um casamento. Nem sequer no outono. Vais levar o vestido cor de canela? Fica-te bem.

– É um tanto ou quanto austero. Acho que vou precisar de algum adereço.

Henny soltou uma gargalhada.

– Pode saber-se porque é que empregas uma palavra tão antiquada? Há séculos que se chamam «acessórios».

– O mais importante é que volto a ter vontade de usá-los. Dantes teríamos levado uma gola de raposa ao pescoço.

– A Else tinha uma pele de arminho – recordou Henny. – Apesar de toda a

naftalina que lhe pus, acabou por ser devorada pelas traças.

- Vou levar o vestido cor de canela. E tu, o que é que pretendes fazer?
- Dar uma vista de olhos ao guarda-fatos – decidiu Henny.

No dia em que Katja contraiu matrimónio na conservatória do registo civil da Rua Poppenhusenstrasse, Henny exibiu um fato de *pied-de-poule*. Quando Jon disse o sim, o Sol saiu de trás das nuvens, banhando durante alguns instantes a sala onde se celebrava o enlace de uma luz dourado-clara e fazendo brilhar as alianças.

– O céu deseja-vos que sejam felizes com esse raio de sol – disse o funcionário do registo quando se despediu deles.

A grande mesa que a previdente Katja havia comprado cinco anos antes estava posta, com todos os amigos sentados a ela, a comer sopa de Vierlande, a que se servia nos casamentos. A sopa nupcial havia sido preparada por Klaus no dia anterior na cozinha de Katja, a grande panela encontrava-se no fogão em lume brando.

Foi Stefan quem se levantou depois de Thies, o pai da noiva, para agradecer a todos por os terem acolhido a ele e a Jon no seio dessa grande família.

– É avassalador e assustador para duas pessoas que viveram vinte anos sozinhas – afirmou, olhando sorridente para Ruth.

– Não imaginam o quanto agradeço pelo facto de terem conseguido fugir – respondeu Henny, pegando na terrina a fim de enchê-la de novo.

«E por ninguém ter ido parar à cadeia», pensou Klaus.

Theo esperou que Henny voltasse a sentar-se para recordar os que já haviam partido: Tian, Louise, Lud, que ele substituíra na qualidade de avô.

– À Guste – disse Theo por último, erguendo a taça –, a quem devemos a receita da sopa de Vierlande. – Em seguida olhou para Jon e para Stefan. – E aos vossos pais.

Não deveria estar Karsten sentado àquela mesa? Sem ele não teria havido casamento. Foi Klaus quem sussurrou essa mesma pergunta a Katja.

– Mandei-lhe o convite – replicou ela.

O convite repousava em cima de uma mesa da Kielortallee, a vizinha de Karsten ia buscar-lhe a correspondência à caixa do correio todos os dias. Nesse momento, Karsten encontrava-se num hospital militar em Israel, a curar-se de uns quantos ferimentos de bala que havia sofrido durante os derradeiros dias da Guerra do Líbano.

– Tu e mais os teus papelinhos – comentou Alex. Pegou no que fora parar diante dos seus pés. Ali não havia nada de Duke Ellington. Nem apresentação introdutória alguma. Havia um número de telefone, com o indicativo de Nova

Iorque: 001 212. – Continuas em contacto com o Billy?

– Sim. – Klaus pegou no papel e guardou-o no bolso superior da camisa. – Tratou-me muito bem.

Alex assentiu. Klaus tinha-lhe contado muitas coisas sobre a viagem que havia feito em agosto, mas o tom da sua voz mudava quando falava de Billy. Parecia fingido.

– O sexo fez parte desse belo acordo?

Há uma semana inteira que andava a remoer nessa pergunta.

– Não, não fez parte do acordo – declarou Klaus. – Preferia que comentássemos o casamento. – Acendeu os candeeiros das mesas. Nesse domingo não tinha havido muita luz durante todo o dia. – Vem sentar-te, anda.

– Uma cerimónia de casamento pequena e íntima – retorquiu Alex. – Surpreendeu-me pela modéstia. Foi bonito que os padrinhos tivessem sido o Stefan e a Ruth.

Klaus assentiu.

– A Florentine vai ser a madrinha do bebé. Tenho a certeza de que quando ela se casar com o Robert vai ser um casamento de arromba.

– Achas mesmo que eles vão acabar por se casar? A propósito, na sexta-feira tocou-me a alma o que disse o Stefan. Para mim também foi uma grande sorte que vocês me acolhessem na vossa família.

– Tu partiste completamente sozinho. Eles, pelo menos, eram dois.

– Klaus, sinto ciúmes do Billy.

– Pois não devias, porque não há motivo para isso. Estou sentado aqui contigo e não em Nova Iorque.

– Sei que não há muito sexo entre nós.

– Esse é um assunto que vem de longe, foram raras as vezes que tu tomaste a iniciativa.

Alex levantou-se e sentou-se ao piano. Lutar ou fugir?

Embrace me, my sweet embraceable you.

Embrace me, you irreplaceable you.

Just one look at you my heart grew tipsy in me.

You and you alone bring out the gypsy in me.

Já não costumava cantar quando tocava piano, no entanto agora estava a fazê-lo.

Klaus também se levantou e abraçou-o. Depois, quando estavam deitados na cama, perguntou-lhe porque é que havia tocado aquela canção.

– Sou um grande admirador do George Gershwin.

– Será que eu cantarolo em demasia as músicas dele?

– Sim – replicou Alex. «Não. Não havia necessidade.» Isso tranquilizou-o?

Como se Henny e Theo receassem superar esse obstáculo. Tinham comemorado os noventa anos dele em setembro, com um círculo reduzido de convidados no Mühlenkamper Fährhaus: no final acabou por vir a ser mais uma pequena festa. Quantas vezes haviam brincado por conta da fasquia que tinham colocado, a promessa que Theo fizera a Henny de fazer pelo menos noventa anos. Agora Henny agarrava-se com unhas e dentes a essas palavras: «pelo menos».

Como o tempo escorria depressa por entre os dedos na vida quotidiana.

– Estás outra vez a pensar no nosso fim? – perguntou Theo quando se encontravam sentados diante da lareira, a meio da tarde. – É isso que vejo na tua cara?

Henny sorriu e contemplou o lume.

– Ainda estamos vivos – acrescentou Theo. – E empolgados com o futuro filho da Katja e do Jon, o nosso bisneto. A Katja tenciona acartar com aqueles sacos pesados cheios de câmaras durante muito tempo?

– A Marike disse que, se ela se sentir bem, pode acartar com alguns quilos. – Levantou-se a fim de acender a luz. – Como anoitece com rapidez outra vez.

– Hoje é como se não tivesse amanhecido o dia inteiro. No casamento houve um momento lindo quando o sol iluminou a sala logo que disseram o sim. – Theo olhou para o relógio que repousava na mísula da lareira. – A Lina já não devia ter chegado?

– Vem às seis. Quando as mulheres fugiam ou iam para os abrigos antiaéreos com crianças ao colo e uma mala na mão ninguém perguntava se estavam grávidas e precisavam de ter cuidado consigo.

– É bem verdade, sim. E também hoje em dia os ginecologistas veem com muito maior tranquilidade o que nós considerávamos arriscado. Mas diz-me cá uma coisa, o que é que vamos jantar mais logo?

Henny fitou-o com uma expressão divertida.

– Nesse aspeto sempre foste e sempre serás da velha escola: da comida encarregam-se as mulheres.

– Queres mandar-me para a cozinha agora, com a minha idade? – Theo sorriu. – A propósito, o Rudi é quem salva a honra dos homens, porque a Kätthe não cozinha. E quem foi que preparou a sensacional sopa nupcial de Vierlande? O Klaus.

– Salmão – disse Henny.

– O quê?

– Para o jantar há tostas de salmão fumado. – Pôs-se de pé quando ouviu chegar o *Volkswagen* descapotável.

Theo foi atrás dela até à porta a fim de saudar Lina.

– Parece mentira que continues a levar o carro à inspeção técnica – comentou. Mas não fazia ele o mesmo com o velho *Isabella*?

– O carocho da Louise. Gasto muito dinheiro nesse carro velho, um sentimentalismo que me sai caro. – Lina desabotoou o casaco comprido de *mohair* e entregou-o a Theo. – Obrigada por te teres lembrado dela no casamento, meu querido amigo.

– Queres sentar-te no cadeirão de couro? – convidou-a Theo.

– Embora aprecie a tua generosa oferta, esse é o teu lugar – respondeu Lina, acomodando-se numa das poltronas estofadas que também se encontravam diante da lareira. Theo acercou a segunda mesinha de apoio quando Henny surgiu com as tostas de salmão. – Também me tocou a alma quando disseste que eras o avô em representação do Lud, apesar de tu o seres muito mais do que o meu irmão.

– Ao contrário dele, eu pude ver a Katja nascer e crescer. O Lud nem sequer pôde ver a Marike crescer.

Lina pegou no copo de vinho que Theo lhe deu.

– Pelo menos escançar eu sei – disse ele para Henny, piscando-lhe um olho, quando lhe ofereceu um copo e ergueu o seu. – Brindemos uma vez mais ao jovem casal – propôs. – E à nossa saúde.

– Que bem que eu me sinto – disse Jon. – A viver contigo.

– Mudou alguma coisa desde há quatro dias? – Katja estava deitada no sofá de veludo, vermelho como as cadeiras dos teatros, com a cabeça no colo de Jon.

– Adoro estar casado contigo, Katjuscha, e agradeço profundamente o facto de podermos viver juntos e já não sermos obrigados a chegar antes da meia-noite ao Palácio das Lágrimas para depois ficarmos separados durante dias e meses a fio. Soubeste alguma coisa do Karsten, ele que orquestrou esta felicidade?

– Deve andar por aí a correr o mundo. Vou telefonar amanhã para os colegas da France-Presse. O Karsten trabalha muito para essa agência.

– Não aceites mais trabalhos perigosos, por favor.

– Há que tempos que não o faço.

– Sentes falta da aventura?

– Tirar-te a ti e ao Stefan da RDA já foi aventura suficiente. E tu, sentes falta da companhia de teatro?

– Gostava de atuar em Hamburgo e ganhar um dinheiro fixo para alimentar a minha família. – Os diretores dos grandes teatros da cidade de momento não podiam oferecer-lhe nada, pois as companhias estavam completas. – O Alex

falou-me de um filme em que está a trabalhar. Com um realizador inglês para quem ele já compôs mais coisas.

– O George Rathman – observou Katja.

– É esse mesmo, sim – confirmou ele. – Disse que quer apresentar-mo.

Jon debruçou-se sobre Katja e depositou-lhe um beijo nos lábios.

Florentine baixou com cuidado o manípulo da porta do quarto de Etta para a abrir, Robert estivera a ler-lhe *Vi på Saltkråkan*²⁸, de Astrid Lindgren. Deitados na manta de croché de várias cores, pai e filha tinham adormecido. Etta estava aninhada no braço de Robert, que tinha sobre si o livro ainda aberto.

– Capotaram – observou Lorenz atrás dela. – É isso que diz o papá. Podes fazer-me perguntas sobre o vocabulário de latim?

– Primeiro deixa-me pôr a Etta na cama. – Florentine entrou no quarto e tirou o corpinho quente da menina do braço de Robert.

Este abriu os olhos.

– Adormeci?

– Quero um cão como o *Botero* – pediu Etta, continuando a dormir.

– Estás a pestanejar – observou Florentine quando, um quarto de hora depois, entrou na sala de estar. Robert tinha acendido velas e posto um disco a tocar. *Double Fantasy*, o último álbum de John Lennon, editado pouco antes de este ter sido vítima de uma morte violenta. *Beautiful Boy* era uma das canções preferidas de Robert. A letra tinha sido escrita por um pai.

*Close your eyes,
have no fear.
The monster's gone,
he's on the run
and your daddy's here.*

Sentou-se ao lado dele no sofá de couro.

– Tens alguma coisa no olho?

– Já pus gotas, mas não sei porquê sinto-o muito seco.

– Talvez tenha de te dar mais beijos na pálpebra, *husky*.

Robert fechou os olhos e Florentine beijou-o. Mas não na pálpebra.

– «A vida é o que acontece quando se tem outros planos» – citou Robert, uma frase da canção. Oxalá Lennon tivesse pedido ao motorista que entrasse pelo pátio das traseiras da casa nova-iorquina, tal como costumava fazer. Desse modo não teria ido direto ao encontro do seu assassino à porta do Edifício Dakota.

– A vida também aconteceu para mim. Tinha outros planos.
– Mas estás satisfeita com a que tens, não estás?
Florentine assentiu e passou-lhe uma mão pelo cabelo.
– A minha vida é mais bonita do que jamais poderia imaginar – declarou Robert. – Também podíamos casar.
– Mãe do céu. A Katja e o Jon deram-te essa ideia?
– Diz-me, porque não? Amas os teus filhos e a mim também.
– Meu querido *husky*, vamos deixar as coisas como estão.
Robert inclinou-se para a frente e levou a mão ao olho direito.
– Importas-te se o tirar? – perguntou-lhe.
– Acho-te *sexy* com a pala negra.
– Amanhã vou ao especialista de próteses oculares – afirmou ele enquanto se levantava. – Só espero que os olhos de vidro não comecem de repente a fazer-me alergia.

– Hoje vens mascarado de Capitão Gancho? – perguntou Alex quando Robert entrou na sala de controlo de som e lhe pôs em cima da mesa o plano de produção.

– O Capitão Gancho tinha dois olhos azuis em perfeito estado. O único problema foi um crocodilo lhe ter comido a mão direita – especificou Robert.
– Tenho o olho inflamado, preciso de pôr uma pomada até sexta-feira e usar a pala.

– Mais uma vez volto a revelar a minha ligeira ignorância.
– Neste caso, nem sequer é ligeira. Mas tenho de admitir que há uns tempos li o *Peter Pan* ao Lori.

– Invejo a tua faceta de pai – reconheceu Alex, que nunca se atrevera a ir tão longe. – E poderás trabalhar hoje com o olho assim?

Robert sorriu.

– Achas que vejo melhor com o olho de vidro do que com a pala?
– A aflição faz-me dizer autênticas baboseiras.
– Causa-te aflição dizer que invejas a minha faceta de pai? Há doze anos pensei que te sentias aliviado por termos decidido sem margem para dúvidas que o pai era eu.

– É possível que pense assim por estar a envelhecer. – «E também por causa da morte do Tian», pensou Alex.

– O teu legado serão as tuas composições. – Robert apercebeu-se assim que o disse de que o comentário não fora o mais acertado.

– Tens planos para a hora do almoço?
– Fazia tenções de ir à cantina – respondeu Robert.
– Convido-te para ir ao Funk-Eck, apetece-te?

– Está certo. Posso passar muito bem sem ouvir os comentários que farão na cantina sobre a pala. Vocês têm todos na cabeça os mesmos lugares-comuns sobre os piratas.

Os dois pediram a omelete com cantarelos e cerveja.

– Faz-te falta um amigo agora que o Tian já não está aqui. Eu sou teu amigo.
– É verdade, és, sim – respondeu Alex.
– O que é que mudaria para ti se soubesses que és o pai do Lorenz?
– Pai é aquele que ama um filho, que cuida dele e lhe concede a segurança necessária para enfrentar a vida. Foi isso que tu fizeste e continuas a fazer. Pelo Lori e pela Etta, por conseguinte, não mudaria nada.

Robert pousou o garfo com o cantarelo que acabava de espetar e olhou para Alex.

– Obrigado – disse.
– Esta tarde o meu afilhado vai apresentar-me a namorada.
– Ainda não a conheces?
– Escondeu-a de mim até agora. Os únicos que a conhecem são a Henny e o Theo, e a Katja viu-a uma vez.

– Sabes qual é o motivo de tanto mistério?

Alex encolheu os ombros.

– A exclusividade? Esta família é encantadora até mais não poder, mas também muito monopolizadora. É possível que alguém que sempre tenha estado rodeado de amor não saiba apreciá-lo.

– Hum – redarguiu Robert.
– Com isso não estava a referir-me aos teus filhos.
– Recomendam os cantarelos?

Alex e Robert levantaram a cabeça.

– Long John Silver – acrescentou Thies.

Robert soltou um suspiro.

– Esse tinha uma perna de pau – sublinhou.

Theo assomou à janela do corredor do andar de cima e seguiu com o olhar Konstantin e Vivi. A namorada de Konstantin fazia-lhe lembrar Henny quando era nova, pela frescura que emanava. «Inocência», pensou, mas talvez esse fosse um pensamento antiquado.

Pelos vistos, a mãe de Vivi parecia-se um tanto ou quanto com Else, a sua sogra: fazia a vida difícil aos jovens. Tinha imensos preconceitos e uma atitude possessiva para com a filha. Konstantin não era bem recebido em sua casa.

– Vejo-me refletida na Vivi – comentou Henny quando o marido entrou na cozinha.

- É muita coisa que continuamos a partilhar, tu e eu.
- Espero bem que sim.
- Porque era isso mesmo que eu estava a pensar, que a Vivi se parece muito contigo. Era assim a Henny Godhusen que eu vi pela primeira vez na Finkenau.
- Exceto no cabelo, eu usava-o comprido e apanhado num coque. Quando o cortei a *la garçonne*, a Else não parou de me moer o juízo.
- A Vivi também irá apanhá-lo quando usar a touca.
- Achas que o relacionamento deles será para a vida toda?
- Acabam de fazer vinte anos – replicou Theo. – O Konstantin quer ir para Boston; quando muito poderá fazê-lo no outono do ano que vem, quando passar no exame final pré-clínico, apesar de o ter aconselhado a fazer primeiro um semestre de estágio no UKE.
- Hoje combinaram encontrar-se com o Alex. Sabes onde? – Theo levantou a tampa de um tacho: compota de maçã. O que significava que nesse dia haveria arroz-doce. – Na Schwanenwik. O Klaus vai visitar a Katja e o Jon.
- Há necessidade disso?
- Não creio que o tenha expulsado de casa. A Vivi sabe há bastante tempo que o padrinho do Konstantin vive com o Klaus.
- Interessas-te muito mais pela comida do que antes – constatou Henny ao ver que Theo dava uma vista de olhos ao frigorífico.
- Acho que é um bom sinal ainda ter apetite e desejo de comer certas coisas.
- E ainda por cima não engordas. Não como o nosso novo chanceler.
- Ouvi dizer que a culinária do Palatinado é muito variada – retorquiu Theo, que vira os caranguejos da peixaria Böttcher.

Katja voltou a sentar-se à mesa da cozinha.

- Era o colega da agência de notícias France-Presse, que retribuiu o telefonema que lhe fiz – contou. – Neste exato momento, o Karsten não está a trabalhar para eles, mas ouviu dizer que foi ferido no Líbano e, ao que tudo indica, se encontra num hospital militar israelita.
- É tudo o que ele sabe? – perguntou Jon.
- A Guerra do Líbano terminou há várias semanas – afirmou Klaus. – Se foi ferido no conflito e continua no hospital, não será por causa de uma bala que lhe passou de raspão.
- Não sei se a informação é recente – respondeu Katja. – A irmã do Karsten andou comigo na Escola de Artes e Ofícios, mas perdemos o contacto. O Karsten mencionou certa vez que ela tinha ido para Bruxelas e que se tinha casado.
- Podemos perguntar às pessoas para quem ele por norma costuma

trabalhar – sugeriu Klaus.

– Nos últimos tempos, julgo que trabalhava muito como *freelancer*.

– Vou entrar em contacto com o pessoal da redação, e tu pergunta na *Stern*, Katja.

– Eu e o Stefan já devíamos ter ido visitá-lo há muito mais tempo, para lhe agradecer pelos passaportes em branco e pelo falsificador.

– Escreveram-lhe uma carta, ele estava sempre fora.

– Ainda assim, foi uma deselegância não o termos feito pessoalmente.

– Vais ter muitas oportunidades de apertar a mão ao Karsten, vais ver – assegurou Klaus. Tinha muita experiência em fingir otimismo, não havia outro remédio quando se vivia com o senhor Kortenbach.

Quando estava a despedir-se, lembrou-se do que Alex lhe tinha pedido para lhes dizer.

– O Alex diz que seria muito bom se na quinta-feira soubesses uma ou outra coisa acerca do Hugo von Hofmannsthal.

O poeta Hugo von Hofmannsthal tinha raízes boémias, lombardas e judias, e George Rathman viu tudo isso no berlinense Jon Feldmann quando ficou frente a frente com ele no salão da lareira do Jahreszeiten. Impressionou-o bastante o jovem ator, que estava familiarizado com o poeta vienense.

– Você trabalhou na companhia do Volksbühne – comentou Rathman. – Não tem experiência frente às câmaras?

Jon falou das pequenas produções da DEFA. *Tempestade na Planície*, de Böll; a encenação de *Vielleicht hat sie ein rosa Hemd*²⁹, de Borchert, para a NDR. Seria suficiente?

– Acho que você é bastante fotogénico e, diga-se de passagem, o Hofmannsthal também era um homem bem-parecido. No entanto, espero que não se ofenda se lhe disser que gostaria que fizesse uma audição.

Alguma vez teria conhecido um produtor mais educado do que George Rathman? Quando voltou para casa com Katja, acalentava bastantes esperanças de poder interpretar algo de Hugo Hofmann, da nobre família Hofmannsthal.

²⁸ Poderia traduzir-se por *Férias em Saltkråkan*. (N. da T.)

²⁹ Poderia traduzir-se por *Talvez Ela Tenha Uma Camisa Cor-de-Rosa*. (N. da T.)

Janeiro, 1985

O piano chegou a Hamburgo vindo de Munique no primeiro dia útil do novo ano. Till Arent e a sua família haviam deixado Berlim Leste para regressar às margens do lago Starnberg.

Katja tocou *Somewhere Over the Rainbow* a fim de dar as boas-vindas ao velho piano, era a canção que melhor tocava. Junto ao mesmo, Jon segurava a menina ao colo, boquiaberta; os sons agradavam-lhe, mas fascinava-a mais ainda o telefone sem fios que Jon tinha na mão.

– Stef, chegou o piano da mamã e soa muito melhor do que antes – informou Jon pelo telefone. – Estás a ouvi-lo?

– Claro, porque quem está a tocar é a Katja e não tu. Dentro de um ou dois dias, eu e a Ruth passaremos por aí para vê-lo e ouvi-lo.

– A Katja vai estar nos Estados Unidos a partir de quinta-feira, mas eu toco alguma coisa para vocês.

Jon pousou Caroline no chão quando terminou de falar. A filha de Katja e Jon tinha o mesmo nome de Lina. Iriam batizá-la em maio, Caroline teria dois anos. Lina pedira para ser apenas madrinha simbólica juntamente com Florentine. «Não podem confiar a vossa filha nas mãos de uma madrinha de oitenta e seis anos», alegou.

Quicá Katja tivesse esperança de que a sua tia-avó fosse imortal.

– Ali, encostado à parede, fica perfeito – declarou Katja, levantando-se do banco alto da cozinha. Queriam comprar uma banqueta para o piano na casa Trübger, na Schanzenstrasse. – Desse modo, quando nos sentarmos à mesa, poderemos ouvir o piano.

– A questão é saber quem vai tocá-lo quando tu estiveres sentada à mesa, porque tenho a certeza absoluta de que não vais querer ouvir o modo como eu o espanco.

– O Konstantin, o Alex. Tanto quanto sei, o Theo também toca um pouco.

– A Caro também – afirmou Caroline.

Katja sorriu.

– A nova geração oferece-se – traduziu, e dito isto sentou-se à mesa, onde Jon lia um guião e ela se preparava para dar um iogurte à filha. – Quantos dias

de rodagem são? – quis saber. Era o primeiro trabalho de Jon num episódio da série televisiva *Tatort*³⁰, da Sender Freies Berlin.

– Cinco – respondeu ele. – Vai ser a primeira vez que volto a Berlim, ainda que seja do outro lado do Muro.

– Sentes saudades?

– Onde é que poderia sentir-me mais em casa a não ser com vocês? – Jon levantou-se, deu um beijo a Katja e também a Caroline no bigodinho de iogurte.

– Em que dias é que filmas?

– No dia 1 e em meados do mês, e aí tu já estarás de regresso. A propósito, como é que a *Stern* não permite que as fotografias sejam tiradas por um fotógrafo nova-iorquino?

– Fui eu quem consegui o contacto com a Deborah Harry e o Chris Stein, e nesse aspeto na *Stern* são justos. Tu e a Caroline ficam bem sozinhos, não ficam?

– Claro que sim – afirmou Jon, olhando para a filha.

– É o piano da nossa mãe – contou Stefan a Rudi. – Suponho que deverás conhecer a história, e agora por fim está em Hamburgo. O Jon sente mais apego por ele do que eu, costumava sentar-se ao colo da nossa mãe quando ela tocava.

– A Ruth contou-nos – retorquiu Rudi. Estava sentado à mesa de desenho de Grindelhof, e ambos procuravam os desenhos para o terceiro número do livro de História em banda desenhada, de cujos textos se encarregava Ruth. Depois do velho Fritz e de Danton, atreviam-se com personagens do próprio século: Rosa Luxemburgo. Uma editora de Altona publicava os livros de banda desenhada.

– Vi no Museu de Artes e Ofícios os cartazes da tipografia Friedländer. Aquilo que vocês faziam era muito bom.

– Eu fui apenas um dos muitos litógrafos que trabalharam para a Friedländer ao longo do tempo – respondeu Rudi.

– És um artista. Conheço os teus desenhos a carvão.

Rudi recostou-se na cadeira e olhou para Stefan.

– Agradeço-vos por terem contado comigo para este trabalho.

– Sentia muitas saudades de não poder trabalhar mais em equipa, agora volto a fazê-lo e, no entanto, encontro-me num espaço protegido.

– Fazes bem a todos nós, Stefan, não apenas à Ruth.

– Convosco tenho a sensação de que sou normal.

– Uma família que viveu duas guerras mundiais, três campos de concentração, quatro anos num estabelecimento prisional, cinco num campo

de prisioneiros de guerra nos montes Urales e a pertença a uma organização criminosamente se deixa intimidar por uma doença como a tua.

Stefan sorriu.

– A Ruth aceitou-me tal como sou e desde então sou um homem bastante afortunado, Rudi.

– Já fiz várias tentativas junto de outros Klaus da casa, senhor Lühr – declarou o mensageiro –, e não conhecem ninguém em Nova Iorque. Isto diz-lhe alguma coisa? – Pousou um sobrescrito plano e branco que parecia vazio em cima da mesa de Klaus. Nele lia-se apenas: «Klaus, NDR.» Billy tinha-lhe escrito de vez em quando, mas sabia qual era a morada completa da rádio, na Rothenbaumchaussee.

– Pode deixá-lo aí – decidiu. – É para mim.

Sem saber porquê, ficou nervoso ao ver o sobrescrito.

O mensageiro continuava de pé junto à secretária de Klaus, ao que tudo indicava à espera de que este abrisse a carta proveniente dos Estados Unidos que se encontrava à frente dele. Klaus colocou o sobrescrito no meio dos outros e concentrou-se na máquina de escrever até que voltou a ficar sozinho no seu gabinete.

Há muito tempo que ele e Billy não sabiam nada um do outro, havia sido tudo demasiado efémero para não ter como perecer nas profundezas do Atlântico. Pegou na carta, observou o carimbo postal e virou-a: não tinha remetente.

Klaus abriu-a com o abre-cartas: um recorte de jornal. Nada mais. Demorou um instante a aperceber-se de que era do *The New York Times*. Na parte superior lia-se «Obituário». Viu o nome no quinto lugar da lista.

WILLIAM GAVIN. EDITOR DA BILLBOARD.

MORRE AOS 36 ANOS.

Alguém havia acrescentado ao lado, a esferográfica, uma palavra: «Sida.»

Klaus permaneceu um bom bocado a olhar para o vazio antes de pegar no telefone. Só conhecia uma pessoa em quem podia confiar. Que inclusive aos noventa e dois anos continuava a ler todas as revistas de língua inglesa e que estava a par do que acontecia no mundo da medicina.

– Preciso de falar contigo – disse quando Theo atendeu o telefone. – Em pessoa e a sós. Encontramo-nos no Filippi? Fica a dois passos da tua casa.

– A tua mãe e a Käthe foram à Milchstrasse, visitar a Ida – respondeu Theo. – Vem cá a casa, ficaremos mais sossegados e à vontade do que no café. Preparo um conhaque?

– Não, preciso de ter a cabeça fria e as ideias no lugar.

Quando o táxi chegou, Theo já estava à porta.

– É alguma coisa com o Alex? – perguntou quando já se encontravam sentados diante da lareira. – É o único capaz de te deixar nervoso.

Klaus soltou um profundo suspiro.

– Afeta o Alex, sim. – Meteu a mão no bolso do *blazer* e tirou de lá o recorte de jornal.

Theo demorou um bocado a ler a necrologia.

– O redator da *Billboard*. Disseste ao Alex que não tinhas ido para a cama com ele.

– O Alex contou-te?

Theo assentiu e levou as mãos à testa, sinal de que estava preocupado.

– Vais dizer-me agora a cruel verdade?

– Devia ter contado ao Alex que fui para a cama com outro?

– Acaso ele não o admitiu de imediato diante de ti?

– Sim – afirmou Klaus. – Por descargo de consciência.

– Quando foi que estiveste em Nova Iorque? Em agosto de 1982?

– Foi há quase dois anos e meio – replicou Klaus.

– Então esse rapaz ainda não devia estar infetado.

– Poder-se-ia afirmar com toda a segurança que o Billy levava uma vida promíscua.

– Klaus, como é que foste capaz de fazer uma coisa dessas? Não é só o Alex que deve ter medo, tu mesmo podias ter contraído essa doença. – Olhou para o enteado, que cobrira a cara com as mãos.

– Foi uma bebedeira, Theo, e na minha vida não houve muitas.

Theo pensou que havia muitas vidas que se viviam sem bebedeiras, mas não disse nada.

– Talvez tenha contagiado o Alex. – Agora Klaus perdeu por completo a compostura.

– Precisas de fazer um teste da sida.

– E isso existe?

– As autoridades sanitárias norte-americanas acabam de aprová-lo.

– E como é que eu faço isso?

– Talvez o melhor seja ir a Maryland, consultar o doutor Gallo.

– E levo o Alex comigo? Digo-lhe que vamos fazer um voo de longo curso para nos fazerem o teste da sida?

– Deixa o Alex de fora disto por enquanto. Se testares negativo, não poderás tê-lo contagiado. A propósito, quem foi que te enviou o recorte?

– Suponho que terá sido alguém da redação do Billy.

– Que pretende infiltrar-te o medo no corpo?

– Olharam-me de alto a baixo quando o Billy me levou à redação. Talvez

alguém tenha ficado com ciúmes.

– Seria uma maneira muito sórdida de se vingar – opinou Theo.

– Tenho mesmo de ir a Maryland? Onde é que isso fica? Perto de Washington?

– No National Institutes of Health, em Bethesda, encontra-se o homem que trata dessa doença desde 1981.

– Conhece-lo?

– Não, mas continuo a manter contactos em Boston, com a clínica onde o Konstantin irá estudar por um semestre a partir de abril. Vou pedir ao doutor Goldenthal que me ponha em contacto com o Robert Gallo.

– Parece arriscado.

– Foste tu mesmo quem provocou esta situação. A nossa neta não vai a Nova Iorque fotografar um grupo musical que tem o mesmo nome do pastor-alemão do Hitler?

Klaus levantou-se da poltrona de um pulo.

– A Katja – disse. – Os Blondie.

– Vamos ter de lhe contar o que se passa – resolveu Theo.

Tudo parecia contribuir para a resolução daquele drama, uma vez que naquela tarde Henny ia ao cinema com Lina. *Em Busca da Esmeralda Perdida*, as duas gostavam do Danny DeVito.

Klaus passou lá por casa de carro para ir buscar Theo e irem a casa de Katja. Também nessa tarde, Alex gravava na NDR, era como se tudo ajudasse na conspiração.

Jon abriu-lhes a porta, era o único que estava ao corrente de tudo para além de Katja. Acaso não havia Klaus partilhado já com eles outro segredo?

Theo tirou uma cânula da sua maleta de urgências, colocou uma banda elástica em torno do braço de Klaus e introduziu a agulha na veia. O frasco de material injetável encheu-se de sangue. Theo fechou-o e entregou-o a Katja, que o meteu no congelador.

– A que horas é o teu voo na quinta-feira?

– Às oito da manhã.

– E quando é que chegas a Nova Iorque?

– De manhã, hora de Nova Iorque.

– Vais ter tempo, entretanto, de apanhar um avião para Washington e depois um táxi até Bethesda?

– Vai ser a primeira coisa que vou fazer, Theo. – Katja olhou para Klaus.

– Espero poder falar amanhã mesmo com o Goldenthal no Hospital Geral de Massachusetts para que me faculte o contacto. Depois traço um plano pormenorizado com todas as moradas, Katja, e o Klaus irá amanhã buscá-lo

para to trazer.

Katja respirou de alívio depois de ter transposto o controlo de passaportes e a alfândega do Aeroporto Internacional John F. Kennedy. Sentia-se satisfeita por viajar sozinha. O colega responsável pelo texto só apanharia um avião no dia seguinte. Nessa altura o recipiente com o sangue já estaria em Bethesda.

Katja passou mais quinze minutos na sala de espera da American Airlines depois de deixar num cacifo a mala e o saco com as câmaras. Acabavam de efetuar a chamada para os passageiros do voo com destino a Washington. Abriu a mala de mão e contemplou o frasquinho com o sangue, dentro da caixa dos tampões *Tampax*. O sangue já tinha descongelado.

O táxi demorou pouco mais de meia hora a ir do aeroporto de Washington até Bethesda, Maryland, pela estrada de circunvalação. O National Institutes of Health era um complexo enorme, semelhante a um *campus*. Se Theo não tivesse planeado tudo com tanto pormenor, Katja ter-se-ia perdido no meio dos inúmeros edifícios; ao invés, desse modo foi direta ao instituto certo. Não teve de esperar muito tempo; pelos vistos o nome do doutor Goldenthal, do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, era o equivalente a uma palavra mágica. O assistente do doutor Gallo recebeu o recipiente que continha a amostra de sangue e deu a Katja um recibo que já tinha preparado.

– Deverão ter os resultados por volta do dia 28 de janeiro.

Já no aeroporto de Washington, Katja telefonou primeiro a Jon e depois a Theo, e ambos mostraram um grande alívio. Theo esperava que Klaus soubesse apreciar o quanto era privilegiado por poder submeter-se ao teste da sida no NIH, pois quase não se encontrava disponível para ninguém.

Katja chegou ao seu hotel, em Manhattan, da parte da tarde. Já não havia luz para fazer fotos, mas também não estava a contar com isso: Debbie Harry fora informada de que se encontrariam no dia seguinte. Katja tinha conhecido a cantora dos Blondie e o seu guitarrista, Chris Stein, já nos anos setenta, quando fotografara o grupo em Hamburgo. Fora um dia de começo de verão emocionante, que passaram nas margens do Alster e em Pöseldorf, e Katja e Debbie, que era cinco anos mais velha do que ela, simpatizaram uma com a outra logo desde o primeiro momento.

Katja tomou um duche demorado antes de ir buscar vodca e sumo de tomate ao minibar a fim de preparar um *Bloody Mary* que bebeu em pequenos goles, como se a vodca com sumo de tomate fosse um remédio. Depois, após ouvir as notícias da CNN, deixou-se cair na cama, esgotada. No entanto, ainda permaneceu acordada durante um bom bocado, a pensar no tio, em Alex e na espada de Dâmocles que pendia sobre eles.

Klaus contemplava o copo de *dôle* que tinha à frente no *bistrot* de Mövenpick, enquanto um pianista de idade tocava canções vienenses. Pequenas evasões que Klaus procurava desde terça-feira da semana anterior, quando lhe puseram o sobrescrito em cima da mesa.

- Estás com olheiras – comentou Katja.
- Não serão os primeiros sinais?
- Não te deixes cair nessa, nem parece teu.
- Katja, não sabes o quanto te agradeço por tudo o que fizeste por mim.
- Tu também não hesitaste quando fui pedir-te que me ajudasses.

«Um último vinho e não voltaremos mais», tocava Hans Rahner, o pianista do *bistrot* da galeria comercial Hanseviertel.

- Dia 28 de janeiro – repetiu Klaus. – Quinta-feira.
- O Alex desconfia de alguma coisa?

Klaus negou com a cabeça. Imaginou o que aconteceria se fosse obrigado a contar-lhe que o seu companheiro sentimental testara positivo na análise que fizera. Era possível que se tratasse de uma sentença de morte. Talvez para os dois.

– Ainda faltam catorze dias – calculou. – Não é nada fácil agir como se tudo continuasse como se nada fosse: preparar programas, viver com o Alex.

– É isso mesmo que te serve como distração. Hoje é o primeiro dia de rodagem do Jon em Berlim. Estará de volta no dia 18.

- E quem é que está agora com a Caroline?
- A tua irmã – respondeu Katja.
- Rezo para que não seja obrigado a fazer esta confissão também à Marike. Katja pôs a mão sobre a de Klaus.
- O Jon faz papel de mau?
- Interpreta uma personagem que se encontra bastante devastada.

Klaus sorriu.

– Identifico-me na perfeição com ele.

– Interpretar o Hofmannsthal foi um pequeno triunfo para o Jon, se bem que até à data o filme só seja emitido no canal três.

– Isso acontece sempre com o George Rathman: os filmes dele são de grande qualidade, mas não obtêm muito êxito entre o público.

«Quando partires, despede-te em voz baixa», tocava Hans Rahner.

– Vai jantar lá a casa amanhã – convidou-a Klaus. – A Caroline pode dormir na nossa cama, tal como tu fazias dantes.

- O Karsten vai visitar-me amanhã à tarde.
- Julgava que ele agora vivia em Paris.
- Continua a manter o contacto, apesar de já só trabalhar para a AFP.
- Parece incrível ter sobrevivido a uma perfuração do pulmão.
- Só acontece se não for afetada nenhuma veia ou artéria. Teve muita sorte.

– Só visto, as coisas a que uma pessoa sobrevive – retorquiu Klaus.

Karsten demorou muito tempo a recuperar. O ferimento de bala que lhe havia sido infligido na Guerra do Líbano acabara por se curar, mas ele não voltou a ter a forma física de antes. Saltar de helicóptero no local onde decorria a ação era coisa do passado. Além de que os quatro lanços de escada para chegar ao segundo andar, onde vivia Katja, o deixaram sem fôlego.

– Olha só para ti, miúda. – Continuava a tentar dar ares de um tipo descontraído, mas não o conseguia em absoluto. – E o ratinho que tens ao colo. Parece mentira que o tio Karsten tenha podido viver para te conhecer.

– O ratinho vai agora mesmo para a cama – afirmou Katja. Ela e Karsten tinham-se visto pela última vez um ano antes, quando Katja se deslocara a Paris para fotografar Paloma Picasso. Karsten já não estava com tão má cara como nessa altura, mas também não se podia dizer que esbanjasse alegria de viver.

– E o jovem que eu incentivei a fugir do Leste?

– O Jon está em Berlim, a rodar durante uns dias para um episódio da série *Tatort*.

– Então isso quer dizer que as coisas estão-se a compor.

Katja assentiu.

– Vamos para a cozinha, preparei umas batatas gratinadas. Deixa-me ir deitar a Caroline.

A menina contorceu-se nos seus braços: a palavra *deitar* não era do seu agrado.

– Deixa-a ficar aqui, ou será que vocês são muito rígidos a esse respeito?

– A educação que lhe damos baseia-se, sobretudo, em modificar princípios educativos. Mas, nesse caso, vamos comer na mesa grande, para que a menina possa dormir no sofá.

Caroline dirigiu um sorriso radiante a Karsten. Meia hora mais tarde já havia adormecido por completo no sofá, com a sua mantinha.

– E contigo, também está tudo bem?

– Tal como deverás ter visto, não estou em boa forma: os meus pulmões já não são o que eram. Os cenários de guerra representam para mim um esforço excessivo. Agora sou eu quem se dedica à caça furtiva no teu território, Katja, embora fotografe única e exclusivamente políticos.

– Eu não me considero especialista em retratos, na realidade vou voltar às reportagens. Só fiz retratos no ano em que amamenteei a Caroline.

– Eu também farei uma reportagem ou outra, mas aqui o papá não voltará para a guerra.

– É difícil para ti abandonar esse trabalho?

– É difícil para mim despedir-me de uma imagem. Sabes que gostava de me armar em machão. Mas, diz-me, o que é feito do irmão do Jon?

– Está a viver com a Ruth.

Karsten soltou um assobio.

– A tua prima, aquela que fez parte da RAF? Nesse caso, fiz a felicidade de quatro pessoas com os meus passaportes falsos.

– E tu? Tens alguma relação estável?

– Aventuras – respondeu. – Apenas aventuras. O Jon chama-te por alguma alcunha carinhosa?

– Katjuscha.

– Fera também é bonito. – Sorriu-lhe. Não havia dúvida de que Karsten tinha acabado por se tornar um bom amigo.

Klaus tentava, em vão, concentrar-se em *A Rapariga do Tambor*, o romance de John le Carré, contudo erguia os olhos do livro e perdia-se a vagar pela sala, a cuja mesa de carvalho Alex se encontrava sentado a compor música.

– *Gloomy Sunday* – disse.

Alex abanou ao de leve a cabeça.

– Estás assim há dias – afirmou. – Pensativo e apático. Acho que nem sequer quando passámos pela nossa pior crise carregaste semelhante fardo. Por favor, diz-me o que se passa.

Klaus largou o livro e esforçou-se por pousar as mãos tranquilas no regaço, como se tentasse fazer um exercício de relaxamento. Poderia contar a Alex o que estava a atormentá-lo? Ou para cúmulo teria de suportar os dias que faltavam com um companheiro histérico e ainda para mais animá-lo?

Alex levantou-se, foi ter com ele ao sofá e passou-lhe o braço pelos ombros.

– Há muito tempo que não sabes nada desse tal Billy, pois não? Depois de todo este tempo, continuas a sentir saudades dele?

– Estás a perguntar-me se estou com alguma desilusão amorosa?

– Talvez seja essa a pergunta, sim.

– Pois bem, não – respondeu ele –, não se trata de uma desilusão amorosa.

– Este mês de janeiro vai fazer trinta e quatro anos que nos conhecemos e que nos amamos.

– Contudo, no início não nutrias esses sentimentos sublimes.

– Sim, só que não o sabia.

– Quero que experimentemos algo diferente, Klaus. Entre nós sempre houve uma clara divisão de funções: tu és forte e sensato, cuidas de mim, apoias-me; eu sou o artista que hesita, é instável, que não foi propriamente feito para a vida quotidiana.

– O que é que pretendes dizer-me com isso?

– Que também pode ser o inverso, que tu te deixes desabar e que seja eu quem te ampara. Por isso, conta-me.

– Não creio que queiras assomar a este abismo.

– Conta – repetiu Alex em voz baixa.

– O Billy morreu de sida.

Alex ficou em silêncio.

– E tu foste para a cama com ele – disse então ao fim de um bocado.

Klaus assentiu.

Alex retirou o braço dos ombros de Klaus de modo a abraçá-lo com força. Sem parar de abraçá-lo acrescentou:

– Tu não tens a doença.

Assomada à janela do estúdio, Florentine contemplava os telhados de Pöseldorf.

– Sentes-te bem? – perguntou, virando-se para a mãe, que estava sentada numa das pequenas poltronas.

– Sim – respondeu Ida. – Acontece que tenho oitenta e três anos.

– E estás fantástica.

Ida encolheu os ombros.

– A Guste também andou fantástica durante muito tempo e de repente tudo aconteceu muito depressa.

Florentine sentou-se.

– Não foi muito depressa. A Guste foi decaindo de forma gradual. *Peu à peu*. Mas também tinha mais dez anos do que tu, mamã.

– Estás feliz por ires a Paris?

– Sim. De vez em quando, ainda tenho vontade de me colocar à frente da câmara, e o fotógrafo é o Jean, o luxemburguês com quem trabalhei tão bem durante tanto tempo. Obrigada por nos dares uma ajuda. Os horários do Robert passam a vida a mudar, de repente tem de fazer os turnos da noite, e a senhora Kuck já prefere dormir na sua própria cama.

– Eu durmo bem na vossa casa. E também no Kempinski e no Storchen. Fui lá com o teu pai. A Berlim e a Zurique.

– Podias muito bem lá voltar. Podes dar-te a esse luxo.

– Sozinha não, filha. E a última prestação que o Momme me pagar será para ti. Depois a Johnsallee será propriedade dos Siemens.

– Tens pena?

– Não. O Momme consegue ser autoritário e nunca partilhei os mesmos gostos da Anni.

– Viveram todos juntos, felizes e contentes, durante anos.

– Sobretudo o teu pai – especificou Ida.

Sim, Tian era o grande mediador. E enquanto Guste viveu houve equilíbrio.

– Vamos? – perguntou Florentine. – Assim podemos jantar com as crianças. De certeza que a senhora Kuck está desejosa de ir para casa.

Levantou-se e dirigiu-se para o guarda-fatos. Vestiu o casaco de inverno e entregou à mãe o seu.

– Essas fotografias que vão fazer são dirigidas a senhoras maduras? Pergunto isto porque tu já tens quarenta e quatro anos.

Florentine sorriu.

– A meio caminho entre a adolescente e a mulher madura.

– A Henny também está bem conservada, e a Käthe vai-se aguentando. A única a quem os anos começam a notar-se e a pesar é a Lina.

– A senhora Kuck encarregar-se-á da cozinha. Por isso, não tens de te preocupar.

– Não devias ter comprado outro descapotável por minha causa – referiu Ida quando entrou no sucessor do carro vermelho que Florentine havia comprado em segunda mão. Outro *Peugeot* vermelho. – O ar bate com muita força com a capota descida. Já não aguento bem isso.

– Não te preocupes, em janeiro não a vamos baixar – respondeu Florentine.

O que aconteceu foi incrível. Alex passava-lhe o braço pela cintura enquanto desciam até ao Alster durante os frios e límpidos dias da segunda metade do mês de janeiro. Beijava-o à frente de toda a gente. Declarava-lhe o seu amor e a sua lealdade. Depositava aos seus pés o que Klaus sempre havia esperado em vão: «Vejam, este é o meu homem.»

Na manhã do dia 28 de janeiro, ao lado do prato de Klaus estava uma folha de ácer que havia permanecido durante imenso tempo no meio das folhas de um livro. «Que rocem por ti as folhas da boa sorte que caem», declarara Klaus naquela época no Parque Jenisch quando a folha caiu da árvore sobre o cabelo escuro de Alex. «*Falling Leaves*. Era essa a canção que estavam a tocar na primeira vez que te vi. Através do vidro do estúdio, na NWDR.»

Alex pousou a cesta com os pãezinhos. O facto de recorrer à bengala em casa durante o pequeno-almoço demonstrava o esforço sobre-humano que estava a fazer para parecer calmo.

– Queres que deixe cair a folha sobre o teu cabelo?

– Seria excessivo e se calhar pueril.

– Sou o teu homem – declarou Alex. – Aconteça o que acontecer.

O que é que iria acontecer se Klaus testasse positivo?

Nesse dia, às cinco da tarde, Theo ligou para Bethesda; em Maryland eram onze da manhã. «Já lhe ligamos de volta», disseram-lhe.

– Pode saber-se o que é que está a acontecer aqui? – perguntou Henny

quando regressou da casa de Käthe à tarde e foi encontrar lá em cima, no escritório, Theo, Klaus e Alex, com as enormes páginas do *Die Zeit* nas mãos, atrás das quais pareciam sobretudo esconder-se.

O telefone tocou quando começava a ouvir-se o genérico do noticiário.

– Chega de segredinhos – disparou Henny ao ver que os três homens se abraçavam. – Pode saber-se qual é o motivo dessas caras de alívio? É como se tivessem estado à espera de ouvir a sentença de um juiz.

– Tu e eu vamos sentar-nos junto à lareira e conto-te tudo – decidiu Theo. – E vamos deixar os rapazes sozinhos.

Pouco depois das nove da noite, Katja apareceu à porta e abraçou Klaus. Pelo menos um que se tinha livrado.

³⁰ Poderia traduzir-se como *O Local do Crime*. (N. da T.)

Maio, 1985

Klaus gostaria de acreditar em Deus. Veio-lhe à ideia uma conversa que tinha tido com Katja, em que lhe dissera que o seu desejo de ter fé era muito maior do que a fé em si. Na infância não representara um papel muito importante para si; numa igreja ministravam-se os sacramentos do batismo, o crisma, o casamento, celebravam-se as missas pelos defuntos. Era um espaço consagrado ao ritual. Tirando isso, a igreja não existia.

No entanto, ficava surpreendido por haver momentos em que se dirigia a Deus, inclusive tinha rezado em janeiro, altura em que mais medo sentira. Será que Deus o havia ajudado? Não. Deus não ajudava nenhuma das vítimas dessa doença e de outras injustiças.

O homem propõe: Deus dispõe.

Os dois conceitos que Bertolt Brecht escrevera para a sua heroína Mãe Coragem mudavam tudo.

Naquela tarde de janeiro em que se encontrava na Körnerstrasse para ouvir a sentença, Katja pedira-lhe que fosse um dos três padrinhos de Caroline. Como se quisesse que o tio voltasse ao círculo dos que tinham futuro.

– Talvez encontres outro que seja mais crente.

– Quero-te a ti – declarou Katja.

Nesse momento, seguiam pelo canal Kuhmühlenteich num luminoso dia de maio, em que o azul e o verde se mostravam resplandecentes. Henny, Katja e ele. Iam marcar a data do batizado de uma criança.

– Agradecemos tanto por pelo menos Santa Gertrudes ter continuado de pé depois dos bombardeamentos que caíram naquelas noites de julho de 1943 – contou Henny, dando a mão ao filho, algo que de há um tempo a esta parte fazia com frequência. Desde que respiravam pela primeira vez, uma pessoa tentava proteger os seus filhos. Oxalá fosse possível.

«Deus dispõe», dissera o pastor anos antes junto ao túmulo de Lud, e benzera o féretro onde jazia o jovem. Ao seu lado, Henny pensara que esse era o último ato religioso a que estava disposta a assistir. Contudo, fora uma ideia precipitada.

O pastor Kaiser era um homem cordial, com quem simpatizavam.

Marcaram como data do batizado o dia 18 de maio, sábado. O único que não estaria presente seria Konstantin, que em março havia começado o seu semestre em Boston.

Caroline Lillian Feldmann. Lillian era o nome da mãe de Jon e Stefan, uma mulher com raízes inglesas. Para surpresa de Katja, Jon pertencia à Igreja Batista Getsémani, em Prenzlauer Berg, uma construção neogótica, tal como Santa Gertrudes.

A sua mãe pretendia estabelecer um contraponto à RDA.

Uma pequena pensão simpática e agradável para artistas. Robert assentiu sorridente quando ouviu a sua Sweet Florraine fantasiar com isso, já parecia tudo muito distante. Acaso não eram muitas as coisas que no final acabavam por não se fazer quando se deixavam de lado durante muito tempo? No entanto, agora a casa do lado ficara vaga.

– O que te parece se eu a alugar, *husky*? A Ida deu-me o dinheiro de uma parte da Johnsallee.

– Nada. Tu e eu não somos ricos. Além do mais, o que pretendes fazer com uma pensão? Os artistas vão tirar-te da cama quando chegarem a meio da noite e vão dizer-te que a sanita está entupida.

– Dantes a ideia não te parecia assim tão má.

– Isso não é para ti, Florentine, tu não és a Guste.

– Sei por experiência própria o que é ficar em quartos de hotel impessoais. Os artistas querem receber inspiração. Fotos a preto e branco em grande formato montadas em tecido, eu e a Katja podíamos escolhê-las. E também móveis em segunda mão, de bom gosto.

– Já contaste isso à Katja?

– Quando falámos sobre a data do batizado. É esquisito que eu vá ser madrinha da Caroline e que os nossos filhos sejam pagãos.

– Isso é algo que se pode sempre mudar.

– Todos os quartos teriam um toque artístico, podiam ser temáticos: Zizi Jeanmaire, Jean Cocteau, Coco Chanel. Seria eu a desenhá-los. Em tempos quis estudar História de Arte na Sorbonne, talvez possa fazê-lo aqui, em Hamburgo.

– É uma ideia estupenda, muito melhor do que a da pensão.

– *Husky*, não vais querer que eu comece a desconfiar que estás a ficar velho para explorar novos caminhos, pois não? Toma muito cuidado com uma mulher insatisfeita; a faculdade e a pensão são compatíveis.

Robert viu-se mais uma vez no apartamento do lado, cuja chave Florentine já tinha. Um pouco mais pequeno do que o deles, já era um começo, mas as quatro divisões estavam desgastadas e maltratadas pelo uso.

– Acho que vai ser bastante interessante conversar com os operários e escolher papéis pintados e tintas – vaticinou Florentine. A sua intenção de delapidar ali o dinheiro que havia recebido pela venda da Johnsallee, ao que tudo indicava, era séria. Pegou-lhe na mão e levou-o até à varanda. – Repara só, recebe muito mais sol do que a nossa, pois não existe nenhuma árvore enorme aqui em frente.

– Talvez possas apanhar aqui banhos de sol enquanto os teus artistas praticam a sua arte – comentou Robert. Foi acometido por uma desconfiança.

– Já assinaste o contrato?

– Estou prestes a fazê-lo.

Lina pediu a Henny que a acompanhasse à Neuer Wall, ao notário diante de quem fizera o testamento depois da morte de Louise. Queria que a parte da Landmann que lhe cabia passasse para Caroline. Podia ser que a menina decidisse ser livreira e um dia se postasse atrás do balcão do seu próprio negócio.

– Um presente generoso – opinou Henny quando, mais tarde, saíram de novo para a rua e percorreram a curta distância que as separava do consultório de Marike.

– Vocês são a minha família. Na sua curta vida, o Lud conseguiu dar-me uma cunhada, uma sobrinha, uma sobrinha-neta e uma sobrinha-bisneta. Devo toda esta felicidade ao meu irmão mais novo.

– Ele teria gostado de ter um monte de filhos – recordou Henny. Sentia-se culpada, depois de tantos anos? Em tempos, sem que Lud soubesse de nada, tinha colocado um anel de Gräfenberg, deixando os filhos para o futuro; no entanto, para Lud não houvera futuro.

Gesche acompanhou-as até ao segundo gabinete; Marike ainda estava com uma paciente, depois almoçariam juntas. Gesche já estava há quinze anos no consultório, mas continuava a ser tão reservada como antes.

– Sabias que é uma mulher abastada? – contou Henny quando ficaram a sós, sentadas no canto onde havia o sofá de dois lugares e as poltronas de couro negro.

– Sei que o Campmann lhe deixou uma pequena fortuna – respondeu Lina.

Gesche quisera continuar a ser assistente no consultório de Marike, não desejava que a situação mudasse. Dissera que tinha medo de perder a estrutura que sustentava a sua vida. Já lhe havia sucedido isso uma vez.

Marike entrou na sala e abraçou a mãe e a tia.

– Convido-vos para irmos à esplanada do Alsterpavillon, para apanhar um pouco de ar – propôs, despindo a bata branca.

O *Aue* foi-se afastando da margem enquanto elas comiam os primeiros

arenques frescos sobre pão negro. Eram tantas as coisas que lhes traziam recordações...

– Sabes alguma coisa do Konstantin? – perguntou Henny. – Está a gostar do que faz no hospital de Boston? Eu e o Theo sentimos saudades dele. Estou deserta para que ele volte.

Marike assentiu ao mesmo tempo que mastigava.

– Está em contacto direto com os pacientes – respondeu ao fim de um bocado. Ainda bem que lhe haviam feito um seguro de responsabilidade civil na Hartmannbund³¹. Nos Estados Unidos processavam os médicos por tudo e por nada, bastava que aparecessem com umas borbulhas depois de uma vacina.

– A Vivi passa por cá de vez em quando – contou Henny.

– Ai sim? – disse Marike. – Gostam dela, não é verdade?

– Claro. É uma pena que o Konstantin não esteja presente no batizado.

– Voltará em setembro, virá para o aniversário do Theo – afirmou Marike. Teria parecido algo ciumenta em relação a Vivi?

Stefan não ouviu o que Ruth dizia; quando entrou no quarto, esta desligou o telefone. No entanto, parecia transtornada, Stefan apercebeu-se disso assim que a viu.

– Más notícias? – perguntou, esperando que não tivesse acontecido nada a Rudi nem a Käthe.

– Um telefonema do passado.

Stefan sempre havia associado a vida anterior de Ruth a András, que morrera dez anos antes.

– Queres contar-me?

Sentou-se à mesa de desenho, onde repousava um exemplar da revista *Berliner Illustrirte Zeitung* de agosto de 1919. Friedrich Ebert em traje de banho. Uma tentativa, que infelizmente obtivera êxito, de ridicularizar o primeiro presidente da República de Weimar. Ele e Ruth não estavam muito seguros quanto a transformar a Alemanha de Weimar no objeto da sua próxima banda desenhada de História. Talvez fosse melhor esperar primeiro para ver como corriam as coisas com o número sobre Rosa Luxemburgo, que acabava de ser posto à venda.

– O Friedhart – respondeu Ruth. – Nunca o apanharam. Eu e o András ficámos em casa da tia dele, em Hildesheim.

– Até que sucedeu aquilo no parque de estacionamento – recapitulou Stefan.

– O que é que ele quer?

– Ficar aqui em casa. Pelos vistos, não sabe que tu existes. E também não me disse onde é que foi desencantar o meu número de telefone.

– Anda a monte por causa do assassinio do diretor da companhia de aviação de Munique em fevereiro?

– Há anos que é um fugitivo.

– E o que foi que lhe disseste?

Ruth acercou-se da janela.

– Que não tenho nada que ver com a RAF e que me deixe em paz. Poderia ser aquele que está ali, à frente do Abaton, embora pareça um chefe de publicidade.

Stefan pôs-lhe a mão no ombro e olhou pela janela.

– Não creio que esteja a controlar-te, com isso só conseguiria chamar a atenção, e não pode dar-se a esse luxo, pesando sobre ele um mandado de busca e captura.

O homem que Ruth achou parecido com Friedhart cumprimentou uma mulher e entrou com ela no Abatinn, o bar do cinema.

– Estou tão feliz por estares aqui... – disse ela.

– Um homem que cai redondo no chão a cada seis dias.

– Os intervalos não se reduziram, Stef.

Era provável que no dia seguinte voltasse a sofrer um dos seus ataques.

A pequena batizada estava a fazer algo tão pouco cristão como arrancar a sama verde e nova do abeto-de-douglas. Katja pousou a câmara de modo a informar a filha que o que ela estava a fazer não era boa ideia: a pequena árvore queria crescer, tal como Caroline.

Desfrutavam de um bonito dia de maio no jardim da Körnerstrasse. Floresciam as primeiras rosas, o lilás, os miosótis e a cimbalária. Lina estava sentada ao lado de Theo no banco de madeira.

– Reparaste na quantidade de fotos nossas que a Katja está a tirar? – referiu.

– É provável que pense que já não vamos durar muito. Tu e eu somos os mais velhos do jardim, Theo, da década de noventa do século passado. E já se fala da passagem do milénio.

– O teu Karl Luetken – retorquiu Theo. – Simpatizo bastante com ele, aliás.

Lina afagou-lhe a mão: os punhos da camisa engomados, nas botoeiras as âncoras de ouro; já tinha aqueles botões de punho há muito tempo. Theo pensara em oferecê-los a Konstantin.

Ergueram os olhos quando Thies se plantou à frente deles, com Caroline encavalitada nos seus ombros.

– Ora então, vamos lá a ver o que é que vos parece o avô e a neta – quis saber Thies.

– A Caroline arranca tudo – comentou Marike ao seu lado, puxando o vestidinho para baixo a fim de tapar a fralda.

– *Papato veniz.* – Caroline apontou para os sapatinhos.
– «Timoneiro, baixa a guarda!» – Henny aproximou-se com o ponche de maio, não adicionara muita aspérula para que não lhe desse dores de cabeça. – Tinhas quatro anos, Marike, lembras-te?
– O cantor de ópera. Pôs-me às cavalitas e andou comigo às voltas pela sala de estar da Guste. Fiquei com medo de acabar no candeeiro.
– Soltavas era gritos de alegria – corrigiu Henny –, não de medo.
– Cantamos nós também, Caroline? O teu avozinho conhece *O Holandês Errante*, embora seja o bicho raro da música ligeira da NDR. Ainda.
Klaus encontrava-se ao pé de Robert na relva. Esboçaram um sorriso trocista.
– Vai para o piano, Alex – pediu Thies. – Podes tocar *O Holandês Errante*? – Thies já tinha bebido um ou outro copinho a mais.
Alex começou a tocar. Terceiro ato, o coro dos marinheiros.

Timoneiro, baixa a guarda!
Timoneiro, vem connosco!
Oh, eh, ié, ah!

Thies ia dando saltos com a menina aos ombros pelo jardim e Caroline soltava gritos de alegria, tal como em tempos o havia feito Marike. Também ela sentia um bocadinho de medo, medo de que o avozinho tropeçasse.

– Um dia para colar no álbum – disse Rudi para Kätthe. – Será por isso que a Katja está a tirar tantas fotografias?

Lina levantou-se do banco com mais facilidade do que Theo. A tarde começava a refrescar, entraram em casa.

– Tu ainda pareces uma rapariguinha – elogiou Theo. – Nasceste quase no final do século.

– Acho bem que deixes à pequena como herança a tua parte da livraria. – Karl deu a mão a Lina enquanto passeavam sobre o cascalho na praia do Elba. – É provável que o Nils tenha um emprego perpétuo na Landmann. Bendito seja o dia em que me ocorreu telefonar ao meu companheiro de armas, o meu filho está muito melhor como livreiro do que estaria como professor. – Curvou-se a fim de apanhar uma pedra em forma de coração que meteu no bolso das calças. Iria oferecê-la a Lina mais tarde, como se a pedra fosse uma das joias da coroa. Ela saberia apreciar o gesto. – Mas que não seja muito em breve, Lina, isso de lhe deixar a herança.

– Tu e eu vamos passar um verão maravilhoso. Se aguentar o que maio promete, iremos até à praia – decidiu ela. – Contanto que o velho descapotável

ainda funcione.

Karl Luetken apertou-lhe a mão. Talvez a felicidade tardia que estava a viver fosse ainda maior e Lina não abreviasse tanto o tempo que passavam juntos. Aquela mulher era um espírito livre de verdade, em todos os sentidos. Contudo, eram essas mesmas mulheres que lhe agradavam, tal como a mãe de Nils, que também tinha a cabeça no lugar e amava o franzino operário do estaleiro.

– Vamos ao Strandperle? – sugeriu. – Está-me mesmo a apetecer uma cervejinha de trigo. Tu também gostas.

– Só no verão – sublinhou Lina. – Mas hoje é como se fosse.

Começaram a caminhar pela areia a fim de se dirigirem para o Strandperle. Naquela tarde a meio da semana, o bar não tinha muito movimento. Na plataforma de madeira só havia um punhado de cadeiras ocupadas. Os cães brincavam no extenso areal, a maré estava baixa. Não, os copos de cerveja cheios não soaram bem quando brindaram com eles. Apesar de tudo, Karl Luetken e Lina Peters brindaram.

Karl estava a contemplar os estaleiros, na outra margem do Elba, quando Lina escorregou pela cadeira. Como se não fosse um assento duro, desdobrável, ferro com ripas de madeira, mas sim uma seda bem esticada.

Agachou-se ao lado dela e segurou-lhe na mão até que a equipa da emergência médica desceu a Escadaria de Jacob desde a Rua Elbchaussee. Karl fez bem em assentir quando lhe perguntaram se era o marido, porque caso contrário talvez não o tivessem deixado acompanhá-la até ao hospital de Altona.

No entanto, quando chegaram, Lina já tinha falecido.

Teria Henny adivinhado quando o viu à porta da Körnerstrasse? Karl quase ficou a revirar nas mãos o boné de marinheiro azul-escuro. Depois, na sala de estar, desatou a chorar juntamente com Henny e Theo, que mal conseguiam acreditar que Lina os tivesse deixado.

Acaso não tinham comemorado juntos um batizado havia apenas poucos dias? Lina, a madrinha simbólica.

A princípio, Karl Luetken não teve consciência do quanto a casa se foi enchendo com os que choravam a morte de Lina, que tentavam consolar-se entre si dizendo que havia sido uma morte santa num soalheiro dia de maio. E que o coração de Lina tinha simplesmente parado de bater.

Novembro, 1985

O medalhão de madeira de tília que Lud esculpira para Lina. Henny encontrou um caracol de cabelo escuro lá dentro e pensou em Louise, embora ela não tivesse o cabelo ondulado; não sabia nada sobre um professor de desenho que havia tombado na primeira das guerras, na batalha do Somme: o primeiro amor de Lina.

Enterraram Lina junto de Louise. Em tempos, Alessandro Garuti encomendara um túmulo generoso, não podia evitar pensar à grande e à francesa. Nele havia espaço para oito pessoas, e os primeiros a ocupá-lo tinham sido Garuti, Louise e Lina.

Quadros. Henny ficou com as *Mulheres de Nidden*; os *Banhistas na Praia do Elba* estava pendurado na casa de Katja e Jon. A praia do Elba onde tiveram lugar os derradeiros momentos da vida de Lina.

Depois da sua morte, Henny, Marike e Katja abriram uma vez mais a janela de três folhas. Sentaram-se junto a ela e contemplaram o canal. Em seguida, fecharam-na e foram-se embora.

Theo tinha a sensação de se ter escondido da morte atrás de Lina. «Tu ainda pareces uma rapariguinha», tinha-lhe dito no dia do batizado quando lhe custara menos levantar-se do que a ele. O seu próprio corpo começava a ser um estorvo.

Nesse dia tinham dado um passeio pelo cemitério, para levar ramos de rosas-de-natal aos vários túmulos: ao de Garuti, que também era o de Lina e de Louise; aos de Guste, Tian e Else. Ele e Henny deram graças por poderem aquecer-se diante da lareira. Porque é que se recordavam os defuntos em novembro, um mês chuvoso e cinzento, com um frio que se entranhava nos ossos, e não num luminoso dia de verão?

– Ainda bem que nos livrámos desta tragédia – disse Henny, olhando para Theo, que lia o *Abendblatt*.

– O que é que estás a ler? Alguma coisa da pilha para reciclar?

Henny mostrou-lhe um exemplar da *Spiegel* de inícios de outubro.

– O Rock Hudson – retorquiu. – Eu e a Kätke adorávamos vê-lo nas comédias com a Doris Day. Nunca nos passaria pela cabeça que ele pudesse

gostar de outra coisa que não fossem as mulheres louras.

– Foi preciso morrer um colega de Hollywood para que o Ronald Reagan pronunciasse em público a palavra *sida* e aumentasse o orçamento destinado à investigação.

– O Hudson veio a público divulgar que estava doente com sida, mas até à data da sua morte nunca afirmou que era homossexual – mencionou Henny. O seu pequeno Klaus. Até mesmo *a posteriori* se sentia mal só de pensar no grande perigo que havia corrido.

– O Kohl elogia a camaradagem do seu gabinete – contou Theo, erguendo os olhos do jornal. – O que quererá ele dizer com isso? Sempre tive a impressão de que o nosso chanceler é uma pessoa autoritária.

– Gostei da nova mulher que entrou para o seu gabinete, a que substituiu o Heiner Geissler no Ministério da Saúde.

– A Rita Süßmuth – disse Theo. – Também enfrenta o problema da sida. – Viu que Henny levava a mão ao medalhão de madeira de tilia. Era um gesto inconsciente que fazia de vez em quando, da mesma forma que outras pessoas levavam a mão ao coração. – Conforta-te pegar no medalhão?

– O Lud realizou muitos trabalhos de carpintaria e entalhe, mas os únicos que restam são o medalhão e o meu pequeno guarda-joias de madeira de cerejeira. Resgatei o guarda-joias, chamuscado, do meio dos escombros da nossa casa; por sorte nunca chegaram a bombardear a casa da Lina.

– Já não usas o anel de granadas que o Lud te deu.

– Ofereci-o à Marike, uma recordação do pai.

– Talvez devêssemos começar a repartir coisas. «*Mani calde.*»

Henny sorriu.

– Era isso que o Garuti costumava dizer. Gostava da forma como soava doar os bens em vida.

– Poderia oferecer as âncoras de ouro ao Konstantin quando ele vier cá amanhã com a Vivi para o *brunch* dominical.

– Não – recusou-se Henny. – A não ser que estejas a tencionar morrer na segunda-feira. – Deus nos livre. Mais outra morte, não.

Alex deixou em cima da mesa a correspondência de sábado, que fora buscar tarde à caixa do correio: um sobrescrito de grande tamanho da Phonogram. Os extratos da conta do Banco de Dresden. Uma carta dos Estados Unidos para Klaus: «The American Foundation for AIDS Research.»

Rock Hudson havia estabelecido os fundamentos doando um quarto de milhão de dólares. Klaus efetuava uma contribuição mensal para uma capela que estava a ser construída como agradecimento por se ter livrado da praga. Ambos apoiavam a organização Deutsche Aidshilfe, mas, além disso, Klaus

agradecia aos americanos o facto de os médicos de Bethesda lhe terem dado a oportunidade de se submeter a um dos primeiros testes de VIH. Era algo que sabia apreciar e dar o devido valor.

– Foi um ano horrível: a morte da Lina, o medo por ti. – Alex pegou no sobrescrito. Em décadas passadas, os contratos chegavam naquele tipo de sobrescritos, mas há já dez anos que não assina nenhum contrato como solista; agora só grava discos com o Quinteto.

– Aguentaste com estoicismo este problema em janeiro. O que é que te envia a empresa discográfica?

– Se é que se pode continuar a chamar assim.

Alex foi à cozinha buscar uma tesoura: o sobrescrito estava muito bem colado. Lá dentro, alguém havia escrito: «Temos o prazer de lhe enviar os CD das produções atuais.» Meteu a mão e tirou-os. *Remember the Sixties, Add the Blues*: os seus últimos álbuns a solo. Apresentados no novo formato.

– Souberam ver os sinais dos tempos. E além disso já não poderás continuar a queixar-te de que a tua foto é grande de mais.

– Como estou jovem.

– Para mim continuas a ser um sedutor.

– Nas palavras do Joe Cocker? «*You are so beautiful. To me.*»

– Tanta beleza habituou-te mal – retorquiu Klaus. – Os discos continuam a ser o que mais dinheiro dá, não é verdade?

Alex assentiu.

– Mas as coisas vão mudar. Os CD estão a ganhar terreno. Sou vaidoso, mas neste caso não se trata do meu físico, Klaus.

– Obrigado por deixares de tentar passar por homossexual.

– O caminho foi longo, tenho muita pena – desculpou-se Alex. – Dentro de mim lutam com força dois polos opostos.

– E já sabemos qual foi o que venceu?

– Acho que sim – respondeu Alex.

– Afinal de contas, são padrões que nasceram com o artigo 175.

– Sabes que sou um medícras.

– Não o foste quando tínhamos que eu estivesse com sida.

– Pobre Rock Hudson. Sempre a interpretar papéis de homem hétero.

– O mais absurdo é o caso do filme *Conversa de Travesseiro*. O Hudson faz o papel de um hétero que finge ser *gay* para se aproximar da Doris Day – recapitulou Klaus.

Konstantin deu à avó amarílis vermelhas.

– Um indício do Advento – afirmou. – Depois de tantos dias tristes em novembro.

Quando Lina morrera, Konstantin encontrava-se em Massachusetts. Agora, a 1 de outubro, começara o semestre de inverno em Hamburgo.

– Onde é que está a Vivi? – perguntou Henny.

– Ficou a cuidar da mãe, que voltou a ameaçar atirar-se da janela se ela sair de casa. A Vivi precisa de se emancipar de uma vez por todas.

Else dominara na perfeição a nobre arte da rabugice de modo a ter Henny sob a sua tutela. Else teria ultrapassado de longe aquelas ameaças.

– Mas elas vivem num rés do chão na Gertigstrasse – referiu Theo. – Quando muito torcerá os tornozelos.

O cruel pragmatismo de Theo fez com que Henny franzisse o sobrolho, mas Konstantin esboçou um sorriso rasgado quando se sentou à mesa a tomar o pequeno-almoço.

– Tu e eu entendemo-nos – afirmou.

Theo serviu o café, a cafeteira repousava sobre um aquecedor.

– Conseguiram encontrar um sítio para morar?

– Por enquanto até março vou ficar na Hartwicusstrasse.

– Não creio que a Marike e a Vivi se deem muito bem – comentou Henny.

– Deus me livre das mães ciumentas. – Konstantin pegou no frasco de *Nutella*, que haviam comprado de propósito para ele.

– No sótão temos móveis da Lina. A Katja levou alguns, mas ainda ficaram coisas bonitas. São tuas se montarem casa.

– De momento, eu e a Vivi vamos dar um tempo.

– Talvez seja o mais sensato – opinou Theo. – Concentra-te nos estudos. Eu já era médico na Finkenau quando me apaixonei pela Henny. Infelizmente, não tive sorte.

– Por favor, essa história outra vez não – interveio a interpelada.

– O Kurt Landmann deu-te tanto cúmel que adormeceste no sofá da casa dele e não compareceste ao encontro que tinhas marcado com a Henny e ela conheceu o Lud no baile.

– Obrigada por teres resumido a história, Konsti – exaltou Henny.

– Essa história faz parte do património cultural da humanidade – assegurou Theo. – Quando é que vais terminar o curso? Antes da especialização, quero eu dizer.

– Em 1988 – respondeu-lhe o neto.

– Nessa altura já cá não estarei – respondeu Theo.

Konstantin tirou a colher do frasco de *Nutella*, chupou-a e pousou-a no prato.

– Mas só faltam três escassos anos – replicou.

– Dentro de três escassos anos eu teria noventa e seis.

– Matusalém chegou aos setecentos e vinte – alegou Konstantin.

– Na nossa família não acreditamos no Antigo Testamento – objetou Theo,

encolhendo os ombros como se o lamentasse.

– Ontem o teu avô falou-me da necessidade de arranjarmos um túmulo – contou Henny.

– A tua avó não quis saber desse assunto para nada. Acha precipitado que eu pense nessas coisas aos noventa e três anos.

Henny abanou a cabeça.

– E está em promoção, o túmulo? – perguntou Konstantin. – Isto porque o que vocês podem fazer é tirar esse assunto da ideia e continuar a viver. – Precisava de conversar com ele sobre um determinado assunto, disse-lhe Theo. Um dia desses.

Os avós foram até à porta de casa enquanto Konstantin entrava no *Volkswagen* descapotável cuja última proprietária tinha sido Lina. Pegou à segunda tentativa. Quando se foi embora, disse-lhes adeus com a mão. Dois velhotes de braço dado.

Talvez fosse desviar-se um tanto ou quanto do conceito o facto de que juntamente com Jean Cocteau, Zizi Jeanmaire e Coco Chanel também Georges Simenon desse nome a um quarto da pequena e simpática pensão para artistas. Karsten instalou-se nela.

– Miúda, quero encontrar um sítio em Hamburgo – disse para Katja, que há algum tempo encolhia os ombros quando ele lhe chamava «miúda».

O pneumologista da confiança de Karsten encontrava-se em Hamburgo e não em Paris.

– O Simenon é cá dos meus – comentou com Florentine, a prima de Katja. – Eu e ele conhecemos as mulheres. Só venho uma vez por mês e fico por uns dias, dá-me esse quarto.

No quarto de Coco Chanel instalou-se uma apontadora de uma certa idade pertencente ao Teatro Thalia que à noite chorava na cozinha por causa do amor que professava por László Löwenstein, que em 1927 atuara no Thalia e depois fizera carreira no cinema num filme de Fritz Lang, *M – Matou: Peter Lorre*. Robert começou a chamar «Boulevard of Broken Dreams» à pequena e simpática pensão para artistas com o comprido corredor e os quatro quartos.

Certa ocasião, a sanita entupiu, mas a astuta Florentine ofereceu de graça um dos alojamentos a um sem-abrigo chamado Fred, um faz-tudo que voltou a ser outra pessoa graças à oportunidade com que Florentine o brindou, e pediu uma fotografia grande de Brigitte Bardot. «Aqui é tudo muito *oh, là, là*», afirmou.

– De onde é que conheces o Fred? – perguntou-lhe Robert.

– Nunca o viste sentado no banco do canal de Mühlenkamp?

Não, Robert levava os sacos das compras do Spar para casa e ficou aliviado

quando pôde largá-los: abacates e ananases para Etta, que continuava a comer apenas abacate e ananás; *Rice Krispies* da Kellogg's para Lorenz; pacotes de um quilo de café em grão para ele e Florentine.

– A Florentine ganha dinheiro com a pensão? – perguntou Klaus numa sexta-feira em que Robert estava a trabalhar em *Quando a Noite Cai*.

– O mais importante é que é feliz – respondeu Robert. – Tanto tu como eu temos uma cara-metade exigente.

Quem iria ocupar o quarto de Zizi Jeanmaire? Quem ocuparia o de Jean Cocteau? Um travesti do submundo ou uma antiga dona de bordel da Herbertstrasse? Robert achava que tudo era possível. Adaptava-se. Toma muito cuidado com uma mulher insatisfeita.

– Queres pôr os Queen esta noite? E ainda por cima *Bohemian Rhapsody*? – perguntou; levava na mão uma das folhas de Klaus com a lista de canções. – Dura seis minutos.

– Antes de acabar o ano quero recordar a grande atuação que fizeram no Live Aid de Bob Geldof – respondeu Klaus. O concerto de beneficência do irlandês Geldof. Em julho, as estrelas do panorama musical internacional haviam subido a palcos paralelos em Filadélfia e Londres. Foram arrecadados duzentos milhões de marcos em donativos provenientes do mundo inteiro para combater a fome na Etiópia.

– A rapsódia dura seis minutos e seis segundos – especificou Robert. – O que irá dizer a esse respeito o nosso bicho raro da música ligeira?

Estavam os quatro no Blockhaus, em Grindelhof: Käthe, Rudi, Stefan e Ruth, todos a comer um *Mrs. Rumpsteak*, o bife mais pequeno dos que havia, que para eles era bastante grande. Com uma batata assada.

– Podemos ir ver coroas do Advento à Blumen Lund – sugeriu Käthe. – Gostava de poder comprar uma clássica, com velas vermelhas e laços. Nas modernas põem-lhes demasiados ornamentos.

Stefan reparou que, ao seu lado, Ruth começava a ficar tensa. Seguiu o olhar dela e viu que na rua um homem de quarenta e poucos anos prendia uma bicicleta. De estatura mediana, magro. Com calças de ganga e um anoraque, debaixo do qual assomava uma camisola de lã. Essa tensão também não escapou a Rudi.

– Não olhem para ele – pediu Ruth. – Senão, chamamos-lhe a atenção. Nesse momento, Käthe também olhou.

– É alguém que nós conhecemos? – perguntou.

– Quem é? – indagou Rudi em voz baixa, como se pudessem ouvi-lo lá fora, na rua. No entanto, o homem estava debruçado sobre a bicicleta.

– Dormiste uma vez no quarto dele, em Kreuzberg.

– O Friedhart – recordou Rudi. – Continua a ser procurado.

Friedhart afastou-se em passo rápido na direção da Rua Rutschbahn. Era o mesmo de antes, não se parecia com o da fotografia do cartaz de PROCURA-SE.

– Talvez tenha encontrado algum sítio onde ficar aqui no bairro – aventurou-se Stefan a dizer. – Nesse caso, saberá que corre o risco de topar contigo.

– Já o tinham visto antes?

– Telefonou em maio, queria ficar na minha casa.

– Não tem medo de que vás à polícia? – observou Rudi.

– Tens de o fazer, Ruth – opinou Käthe.

Esta abanou a cabeça e afastou o prato.

– Não posso denunciá-lo – declarou. – Já deve ter deixado de lado essa vida.

– E por quantas mortes terá sido responsável? – perguntou Stefan.

Ficaram os quatro a olhar para a velha *Hollandrad* preta, presa com uma corrente ao poste de um sinal de estacionamento condicionado.

Stefan levantou-se.

– Não, não faças isso. – Ruth agarrou-lhe na mão.

– Então faço eu – decidiu Käthe –, para que tu e o Stefan não discutam por causa disto. É melhor vocês irem para casa. Antes de eu telefonar. O Rudi paga o almoço.

Ter-lhe-ia passado pela cabeça a denúncia de Ernst quando se viu no corredor, diante dos lavabos, com o auscultador na mão? Era comparável?

Rudi olhou para Käthe quando esta voltou para a mesa.

– Não foste capaz – constatou.

– Vieram-me à cabeça o Ernst Lühr e a Anna.

– Não tem comparação – declarou Rudi. – Também é procurado pelo assassinio dos funcionários da alfândega belga.

Levantou-se e lançou uma derradeira vista de olhos à bicicleta preta. Não teria chegado o momento certo? Surpreendeu-se com o quanto lhe custava também a ele dirigir-se para o telefone. De certeza que a quem menos teria pesado esse fardo teria sido a Stefan.

Era possível que a polícia de Hamburgo não se desse conta de que o idoso que estava a telefonar, de apelido Odefey, era o pai de Ruth Everling, que em abril fizera cinco anos que havia cumprido pena por pertencer à RAF.

Um pato-selvagem que sobrevoava uma lagoa. Dezoito peças de madeira. Caroline desfez o *puzzle* que acabava de completar.

Sentado com a filha no tapete do quarto da menina, Jon esticou as longas pernas. Caroline aproveitou a oportunidade para se equilibrar sobre elas.

Mais à frente, na mesa grande, dava a impressão de que a conversa que Theo

mantinha com Katja e com Klaus era séria. Já se encontravam sentados há três quartos de hora, enquanto Jon cuidava da garota.

A porta abriu-se e a cabeça de Katja assomou.

– Venham. O Theo trouxe uma tarte. – Parecia triste. – O Theo esteve a conversar connosco sobre a nossa herança. Oxalá fosse imortal.

Katja e Klaus concordaram que a casa da Körnerstrasse ficasse para Konstantin, da qual Henny cuidaria com desvelo enquanto fosse viva. Assim o tinham decidido Theo e ela.

– Está tudo resolvido, e, quanto a vocês, quem estiver disposto a conduzir um *Borgward Isabella* velho, mas cuidado com todo o carinho, para servir de motorista ocasional da Henny, que fique com ele. Acho que cuidei bem não só da minha casa como também da minha família. Cuidarão bem de vós e tratar-se-ão com carinho, estou convencido disso. – Theo sorriu-lhes: Katja, Jon, Klaus, Caroline. – O que vos peço mais encarecidamente é que cuidem da minha querida Henny.

Também diria o mesmo a Marike e a Thies. E quanto a Alex? E se o convidasse para o salão da lareira do Jahreszeiten a fim de conversar com ele sobre a despedida? Ou será que esse era o lugar de Tian e de Alex? Talvez fosse melhor escolher outro.

Contemplou a fatia de tarte de nozes que havia comprado na confeitaria Boyens, na Hofweg. Theo estivera quase a escolher o simples bolo de manteiga, de que tanto gostava, mas achou que era demasiado cedo para um bolo como esse, que costumava ser servido nos enterros.

Abril, 1987

O rapaz que tinha à frente pestanejava. Mas de maneira diferente daquela que Robert costumava fazer quando o olho de vidro o incomodava. O rapaz com a grande pasta preta no colo, que acabava de entrar na carruagem na estação de Uhlandstrasse, talvez pestanejasse para se livrar de um resquício de rímel negro que tinha nas pestanas louras, mas Florentine pensou que o que fazia com que as lágrimas lhe assomassem aos olhos era a singularidade de um momento.

O cabelo comprido caía-lhe sobre os ombros, trazia barba de alguns dias e, nas unhas, um tom de cor-de-rosa suave. Agarrava-se com força à pasta.

– Fui admitido na HFBK, a Escola Superior de Belas-Artes de Hamburgo – contou. – Pintura e desenho. Desculpe, acontece que me sinto muito feliz.

– Ora essa, e tem todos os motivos para se sentir assim. Parabéns.

– Na minha terra ninguém achava que eu seria capaz.

– Fica muito longe, a sua terra? – Porque é que fazia essa pergunta? Teria gostado dele?

– Perto de Celle.

– Nesse caso, vai precisar de um quarto – afirmou Florentine, e dito isto entregou-lhe o cartão de visita da sua pequena e simpática pensão para artistas antes que o rapaz se apeasse na estação central. Seguiu com o olhar o jovem de blusão de cabedal, calças de ganga e uma fita de seda colorida amarrada no pulso.

Quando saiu do metro, na Gänsemarkt, Florentine apercebeu-se de que ele nem sequer lhe tinha dito como é que se chamava.

Telefonou no dia seguinte de manhã. Emil, que de repente tivera consciência das oportunidades que a vida lhe oferecia aos vinte anos, incluindo um quarto na pensão para artistas de que era dona aquela senhora de uma beleza exótica que havia conhecido no metro. Horas depois, quando foi vê-la, não ficou com o quarto de Cocteau, mas sim com o de Zizi Jeanmaire, mais pequeno. Já não trazia as unhas pintadas, nem resquício de

rímel nas pestanas, e o rosto estava bem escanhado. Apertou a mão de Robert com timidez e fez um arremedo de vénia, como se viesse de outro mundo e acabasse de receber o sacramento do crisma.

– Achava que aqui se alojariam divas da ópera – comentou Robert depois de o rapaz se ter ido embora – e não pintainhos caídos do ninho.

– As divas da ópera hospedam-se em suítes no Atlantic – corrigiu Florentine, mas ele não estava enganado: talvez tivesse muito mais de Guste do que pensava. A tendência para acolher passarinhos de asas feridas, esse fora o verdadeiro sentido da pensão de Guste.

Como é que Karsten se daria com o rapaz quando se encontrassem na cozinha? Há muito tempo que Karsten também já não era nenhuma águia, mas soubera aceitar o facto de que já não podia contar com toda a sua capacidade pulmonar. Aprendera a ser mais paciente.

– Já o fiz – contou Klaus na cantina. Estava acompanhado por Robert e por Alex, a comer almôndegas.

– Fizeste o quê? – quis saber Robert.

– Enviei os meus contos a uma editora. De Hamburgo, na Rua Hoheluftchaussee. Pediram-me que fosse falar com eles.

Alex sorriu tal como faria um pai orgulhoso.

– Nesse caso poderás instalar-te no quarto de Cocteau da Florentine. No de Zizi está um estudante de Belas-Artes – ofereceu-lhe Robert.

– A nova esperança da literatura alemã fica comigo – objetou Alex. – Já contaste ao Theo? De certeza que ficará feliz.

– Ainda não está nada decidido – salientou Klaus, embora suspeitasse que já não disporia de muito mais tempo para contar a novidade a Theo.

– Tenho tanto medo de o perder... – afirmou Alex.

– Todos temos – concordou Klaus, afastando o prato com os restos do arroz. Theo tinha as forças bastante diminuídas.

– Vamos rever as últimas listagens – pediu Alex a Robert. – Hoje gostava de passar pela Körnerstrasse. – Dito isto, olhou para o seu companheiro sentimental. – Tenho a certeza de que vais querer ser tu a contar ao Theo que o Röhring está interessado nos teus textos.

– Vai, por favor – retorquiu Klaus. – Eu vou ficar aqui a noite toda.

Significava isso que estavam a pensar que seria uma questão de dias?

A *Hollandrad* preta ficou ali durante algum tempo, nos raios das rodas cresciam-lhe ervas daninhas. Alguém que não era Friedhart acabou por ir buscá-la. Friedhart voltara à clandestinidade havia algum tempo.

Uma das inúmeras pistas que seguiam com escasso entusiasmo. Um ancião

julgava ter reconhecido um terrorista procurado, essa gente não deixava a polícia judiciária em paz. Os investigadores nem sequer descobriram a relação que existia entre quem havia telefonado, a sua filha e o fugitivo; caso contrário era muito provável que se tivessem mostrado mais interessados. No entanto, Ruth achou oportuno permanecer no anonimato. Todos os pesos na consciência que a haviam assaltado no Blockhaus, tudo isso havia sido em vão.

Stefan desenhava um novo genérico para a *Rua Sésamo*, o contacto com a equipa da NDR tinha-lhe sido facultado por Thies, o pai de Katja. Nesse momento, Ruth e Stefan estavam com dificuldades financeiras; depois da história de Rosa Luxemburgo não tinha havido mais bandas desenhadas históricas, a história sobre a República de Weimar tinha acabado em águas de bacalhau. Ruth escrevia artigos para o *taz*. O romance que tinha entre mãos continuava inacabado. Ela e Stefan tinham concordado em não tocar no que restava do dinheiro de Gustav Everling.

Combinaram encontrar-se no cais da Alte Rabenstrasse, Katja e Jon, Ruth e Stefan, um domingo agradável; Caroline, que já tinha quatro anos, corria de um lado para o outro pelo relvado do Alster. No outono, quando nascesse o segundo filho de Katja e Jon, teria um irmãozinho.

– O meu avô não está nada bem – contou Katja.

Ruth já sabia, Käthe contara-lhe.

– Ninguém é capaz de se habituar à ideia de que o Theo nos possa faltar – refletiu. – Os meus pais também não.

– A Henny será a matriarca.

Entraram no Bobby Reich, na Rua Fernsicht, sentaram-se na doca a tomar café com bolo. Caroline dava aos patos pedacinhos de pão que Katja levara consigo. De vez em quando olhavam para a outra margem do Alster, para o local onde se situava a Körnerstrasse.

Nos últimos dias de abril do ano anterior, o jardim quase não havia mudado: os pequenos rebentos verdes do lilás, as primeiras flores na relva, orvalho nas folhas. Era possível que o orvalho estivesse contaminado com a radioatividade da catástrofe nuclear ocorrida na central de Chernobyl.

Ninguém sabia ao certo qual era o grau de perigo que isso acarretava, nem sequer para as crianças que ainda não tinham nascido. Alguns ginecologistas haviam aconselhado a que se interrompesse a gravidez.

– Queres sentar-te por um momento no banco? Não tens muito calor com o sol que está?

– Sim, vamos sentar-nos um bocado – decidiu Theo.

– O Alex pergunta se queres que vá contigo à Jungfernstieg comprar uma bengala, vai proporcionar-te mais segurança. Ele sabe do que fala.

– Tarde de mais.

Theo enfraquecia a olhos vistos desde que, em finais de março, conduzira uma vez mais o *Isabella* para ir a Duvenstedt, ao consultório do filho de Stevens. Tinha vendido a casa dos Stevens em finais dos anos sessenta, quando Claas, o irmão de Theo, por fim se aproximara dele.

Desse modo talvez tivesse já encerrado todos os capítulos, depois de ver pela última vez a casa dos seus pais; Jens Stevens vivera a felicidade com que em tempos contara o pai de Theo: o consultório havia passado para o seu filho.

Theo não fora ao cemitério situado entre a reserva natural de Duvenstedter Brook e o bosque de Wohldorf. Em 1973, vinte anos depois da morte de Lotte, renovara o arrendamento do túmulo dos seus pais, mas não se atrevera a ir até lá.

– A despedida foi longa. Aos noventa anos que te prometi foram acrescentados quatro anos, seis meses e vinte e oito dias. Contudo, já não aguento mais.

– Contaste os meses e os dias?

– Fi-lo hoje quando acordei.

– Mas tens a certeza de que vai ser hoje?

– Minha querida Henny – disse em voz baixa. – Leva-me para o cadeirão.

Henny levantou-se e ajudou-o a pôr-se de pé a fim de acompanhá-lo até à sala de estar e levá-lo para o seu cadeirão de couro.

– Vou telefonar aos miúdos – propôs.

– Não. Já disse adeus demasiadas vezes e, além disso, deixei uma carta a cada um deles: estão lá em cima, na gaveta da minha secretária.

– Não queres que telefone pelo menos à Katja e ao Konstantin? Ao Klaus e ao Alex?

– Vamos fazer isto tu e eu, sozinhos. Mas, se te serve de consolo, liga-lhes.

Henny abanou a cabeça.

– Tu e eu, sozinhos. – Custou-lhe falar. Inclinou-se para acender a lareira; de repente começou a ficar frio, embora ainda fosse cedo. As estúpidas lágrimas podiam muito bem esperar até mais tarde. Aproximou a sua poltrona da de Theo e pegou-lhe na mão. – Os anos que passei ao teu lado foram os mais felizes da minha vida.

– Parece mentira que o tivéssemos conseguido com vinte e oito anos de atraso – murmurou Theo. – O bendito *Helbing*.

– Não deixes que essa seja a última palavra que proferes, imploro-te – pediu ela.

– Henny – disse Theo. – Henny. Henny. – Depois emudeceu.

Ela permaneceu sentada um bocado ao seu lado, pelas janelas entrava a luz intensa de um dia primaveril. Em seguida, largou-lhe a mão. Pôs-se de pé e fechou-lhe os olhos. Dirigiu-se para o telefone a fim de ligar a Konstantin e a

Klaus. Pediu-lhes que levassem Theo para cima para que ela pudesse vesti-lo e deitá-lo antes de começar a receber visitas.

*A morte é o final seguro para quem nasceu,
Mas é igualmente seguro que quem morreu há de renascer.
Não nos aflija, pois, o inevitável.*

Alex pronunciou estas palavras junto ao túmulo. No dia seguinte à Páscoa soprava um vento forte, que desarranjou as rosas brancas que haviam depositado no féretro. Nenhum deles se achava capaz de não derramar lágrimas pela perda, embora fosse inevitável.

Outubro, 1987

Quando quisessem, Konstantin e Vivi podiam instalar-se no andar de cima da casa da Körnerstrasse e ela viveria no de baixo. Talvez as escadas acabassem por vir a constituir um problema para uma anciã.

– Eu e a Vivi já não estamos juntos – contou Konstantin quando Henny lhe propôs o acordo. – Conte ao Theo em abril, ele não te disse nada?

Henny abanou a cabeça.

– Mas a Vivi esteve presente no enterro – retorquiu. – Atirou um ramo de lírios para o túmulo.

– Porque gostava muito do Theo, mas não foi na qualidade de minha namorada.

– Que pena – admitiu Henny. – Via-me refletida nela.

– Mas, em todo o caso, eu podia vir viver para cá contigo. Vou fazer o ano de estágio na Finkenau, que fica apenas a quatro paragens de autocarro daqui.

– Vais para a Finkenau? O Theo também sabia disso?

– Não. Ficou decidido há poucos dias.

– Se quiseses, de momento podes ficar no quarto do Klaus; é com certeza mais confortável do que a residência de estudantes.

– Achas a casa demasiado grande?

– Demasiado vazia – replicou Henny.

Sentava-se sozinha diante da lareira e conversava com a foto que se encontrava em cima do piano, com moldura de prata. Theo olhava para a câmara segurando um elegante saca-rolhas na mão, e pelas mangas do *blazer* escuro de riscas assomavam os punhos brancos da camisa. As âncoras de ouro não se viam bem na fotografia a preto e branco, os botões de punho pertenciam agora a Konstantin.

E além do mais não se passava um único dia sem que algum deles fosse sentar-se junto à lareira com Henny, para falar sobre Theo, consolá-la e consolar-se. Karl Luetken também lá ia de vez em quando, queria manter o contacto com a família que havia sido de Lina.

No dia anterior tinha aparecido Katja; a barriga era uma bola dura no corpinho da sua neta. Estava com as primeiras contrações, já não faltava muito

para o parto. Henny teria gostado de ajudar aquele bebê a vir ao mundo e ainda se achava capaz de o fazer, mas o doutor Havekost ficaria atônito se visse a bisavó a trabalhar na sala de partos da Finkenau.

Eram muitas as coisas que haviam mudado. Desde os anos oitenta que na Finkenau existia o *rooming-in*, depois do parto já não se separava mãe e filho. Caroline já pudera permanecer no quarto ao pé de Katja, no seu bercinho móvel de acrílico.

– Se pudesses apagar tudo com borracha e começar do zero, o que é que mudarias? – perguntou Henny a Kätthe.

– Seria uma longa lista de modificações – reconheceu ela. – Do aborto ao Partido Comunista. Ao meu Rudi recebê-lo-ia de novo de braços abertos, e preferiria evitar o Ernst. – Kätthe continuava a pronunciar com relutância o nome do segundo marido de Henny.

– Mas assim o Klaus não existiria – objetou ela. O que é que teria acontecido se tivesse confiado um pouco mais nas intenções do jovem médico Theo Unger? Nem Lud nem Marike existiriam, nem Ernst nem Klaus; mas é claro que teria tido filhos de Theo.

Uns pensamentos que não serviam de nada. A vida dava muitas voltas e percorria becos sem saída, e muitas das coisas boas dificilmente poderiam ter sido descobertas pelo caminho se não houvesse problemas e dificuldades.

Henriette nasceu a 11 de outubro. Se fosse menino ter-se-ia chamado Theo. Desse modo, o nome era uma homenagem à bisavó. Trazer crianças ao mundo era algo que Katja fazia tão bem como tudo o resto. Jon mal podia acreditar no quanto era afortunado: três mulheres maravilhosas.

– Achas que o Muro vai cair? – perguntou a Stefan quando, em julho, diante da Porta de Brandeburgo, Ronald Reagan pedira ao presidente soviético Gorbachev que o derrubasse: «*Mr. Gorbachev, tear down this wall.*»

– Não creio que cheguemos a ver isso, nem tu nem eu – respondeu-lhe o irmão.

Jon pensava amiúde na Berlim Leste onde havia crescido. No bairro de Prenzlauer Berg, na Rua Strassburger. Seria bom voltar a vê-lo sem ser preso pela Stasi.

– Já me tinha esquecido de como são pequenos – comentou Jon ao mesmo tempo que mudava a minúscula fralda à sua filha recém-nascida no trocador da Finkenau. – A Caroline cresceu tanto...

Talvez as suas filhas pudessem percorrer um dia as ruas da sua infância.

Klaus entrou no estúdio onde Alex se encontrava sentado ao piano, a exercitar-se para a gravação seguinte do Quinteto, um concertante que incluía

movimentos difíceis para a mão esquerda.

– Acabado de sair do forno – disse Klaus, pousando um livro em cima do teclado.

Mãos Estelares. Klaus Lühr. Editora Rasch und Röhring.

Alex levantou-se e abraçou-o, ao mesmo tempo que olhava na direção da sala que havia do outro lado da divisória. Robert não podia partilhar da sua alegria, uma vez que não estava ali.

– Parabéns – felicitou-o. – Parece mentira que por fim o tenhas conseguido.

– A segunda sobrinha-neta, o primeiro livro.

– E o mesmo amante de sempre.

– Eu diria que tu e eu envelhecemos juntos.

– Estamos a meio caminho – respondeu Alex. – Saímos esta noite? Podemos ir ao Simbari Bar para comemorar. O Theo teria aberto uma garrafa de *Kupferberg Gold* ou uma de um bom vinho. Já reparaste que na fotografia que há na sala de estar da Körnerstrasse ele tem um saca-rolhas na mão? Da Laguiole. Trouxe-lho quando fui a Montreux.

Alex lançou uma vista de olhos ao salão da lareira do Jahreszeiten antes de ir com Klaus ao Simbari Bar. Pele de antílope nas paredes, que tinha como finalidade eliminar do bar todas as manhãs o fumo do tabaco noturno. Quadros coloristas do pintor italiano Nicola Simbari.

Alex pediu uma garrafa de *Ruinart Rosé* quando se sentaram a uma das mesinhas. Ergueram os copos altos e brindaram a *Mãos Estelares*, a Caroline e Henriette, a Theo.

– Como eu gostava de voltar a passar uma hora com ele e com o Tian. Também não é pedir muito, pois não?

– É pedir muito, sim – objetou Klaus. – O Theo tinha noventa e quatro anos, pudemos desfrutar da sua companhia durante muito tempo.

– Pois foi – admitiu Alex. – Em contrapartida, o Tian era novo.

– Terias gostado de contar ao Tian o que se passou entre ti e a Florentine? – perguntou Klaus.

– Contei-lhe na última vez que falei com ele, na noite anterior à operação, depois de ele me ter confidenciado as suas suspeitas.

– Que tinhas ido para a cama com a filha?

– Que achava reconhecer-me no neto.

Klaus ficou calado durante um bocado.

– Foi só ele quem te disse isso? – perguntou ao fim de um bocado.

– Foi o único, sim – respondeu Alex. – Nem sequer o Theo alguma vez o fez.

– E se fosse verdade? O Lorenz tem dezassete anos, é um adolescente que a Florentine e o Robert criaram e educaram juntos.

– Gostava de saber. Independentemente das conjecturas e supostas semelhanças que alguém queira ver.

– O que é que mudaria, Alex? – Olhou para o empregado de mesa, que tirou a garrafa do balde de gelo prateado e lhes encheu de novo as taças.

– Nele continuaria a ver algo das pessoas que morreram na cave da Gärtnerstrasse – respondeu Alex quando voltaram a ficar sozinhos.

– Sempre foste um sentimental e não me resta a menor dúvida de que morrerás sentimental – opinou Klaus. – Daqui a muito tempo.

Atrever-se-ia Henny a tomar conta das filhas de Katja? Caroline frequentava o jardim de infância da Rua Uferstrasse, a poucos passos da Finkenau.

Henny foi assaltada pelas recordações ao mesmo tempo que efetuava o pequeno desvio com o carrinho de bebé. Passou à frente da clínica de mulheres e da velha casa de tijolo que havia albergado durante muito tempo a escola para cegos. Durante a Primeira Guerra Mundial fora transformada num hospital militar; pouco depois de ter terminado o seu tempo como aprendiz de enfermeira, Henny estivera ali a trabalhar, a cuidar dos soldados feridos.

Um dia vira sair uma senhora do portão da Finkenau com um bebé nos braços e nesse preciso momento soube que queria ser parteira. Catalisadores.

Caroline, que brincava com as outras crianças no meio da folhagem colorida do amplo terreno que havia junto ao canal Eilbek, foi a correr na direção de Henny assim que esta abriu a cancela. Às crianças entre os três e os seis anos era-lhes concedida grande liberdade de movimentos e um generoso voto de confiança de que não sairiam do recinto. Nesse jardim de infância punha-se em prática a pedagogia de Fröbel; sem dúvida de que Lina teria aprovado que Caroline fosse educada regendo-se pelo espírito de Fröbel, discípulo de Pestalozzi.

– Ali em frente, do outro lado do canal, vivia a tia Lina – contou a Caroline, cuja mãozinha agarrava com delicadeza na pega do carrinho da irmã.

Ah, sim, é claro que Henny se atrevia a tomar conta das meninas. E mais, iria adorar e divertir-se a cuidar das filhas de Katja e Jon.

Passou com elas pelo mercado que se realizava dois dias por semana no canal Kuhmühlenteich. Meteu pelo passeio que seguia junto ao canal até à ponte de Mundsburg e enfiou pela Rua Papenhuder.

Katja já estava à porta, esperando-as para se sentar com elas com todo o conforto na cozinha e dar de mamar a Henriette.

– Vai correr às mil maravilhas, Katja – assegurou-lhe Henny. – Prova superada. Tu e o Jon podem ficar sossegados quando tiverem de viajar.

Voltara a arranjar algo para fazer.

Nils Luetken deixou uma pequena pilha de *Mãos Estelares* em cima da mesa que se via assim que se abria a porta da livraria. Nela estava também *O Perfume*, de Süskind, para além de *A Pomba*, o seu conto; *Das serbische Mädchen*³², de Siegfried Lenz, e *O Amor nos Tempos de Cólera*, de García Márquez. A mesa dedicada à literatura.

Momme continuava a considerar-se o chefe supremo absoluto, muito embora Rick Binfield também fosse sócio igualitário, tal como o havia sido Lina até à sua morte, ocorrida dois anos antes. No entanto, Momme começava a não comparecer todos os dias. As suas três filhas estudavam «coisas esquisitas», como ele mesmo dizia, «que não dão dinheiro». Nenhuma delas se interessava pela livraria.

Rick propôs oferecer uma participação a Nils. Havia já quinze anos que o jovem professor ali entrara como aprendiz e agora mostrava-se um livreiro apaixonado. Momme passou todo o mês de outubro a pensar na proposta; como sentia a falta de Lina, que era quem tomava esse tipo de decisões e que o fazia de maneira soberba.

Florentine comprou um televisor para o qual Fred colocou uma prateleira a meia altura na cozinha, que dava ares de uma tasca italiana. A cozinha da pensão tinha-se transformado num ponto de encontro.

«Eu só venho por causa do noticiário», afirmava a apontadora, mas ficava até ao programa *Nachtgedanken*, apresentado por Kulenkampff, e que falava sobre László Löwenstein. Depois Karsten saía da cozinha, mas Emil escutava-a com atenção. Apesar de só passar quatro dias por mês em Hamburgo, Karsten dava-se ao luxo de conservar o quarto; jamais teria confessado a Florentine e a Katja que em Paris vivia como um lobo solitário e que a vida social da pensão lhe fazia bem. Era uma pena que lhe tivessem tirado o tabaco, os seus pulmões dificilmente o haveriam aguentado. Ainda assim, costumava passar o tempo com Fred na varanda, via-o fumar e aspirava o aroma dos *Roth-Händle*. As poucas palavras que trocavam nesses momentos eram suficientes para ambos.

A única movimentação verificava-se no quarto de Cocteau, que de vez em quando era alugado por atores que tinham contratos a termo nos teatros de Hamburgo. Num primeiro momento, era essa de facto a ideia que Florentine tinha para a pensão, mas as coisas tinham corrido de maneira diferente.

Em casa, sentada à sua mesa, Ruth escrevia um artigo sobre a reabilitação das vítimas das purgas estalinistas por parte de Mikhail Gorbachev. Levantou-se quando ouviu as sirenes e assomou à janela. Na praça onde antes se erguia a sinagoga havia uma multidão de gente: alguém estava caído no chão. Um segundo depois, uma frase veio à cabeça de Ruth.

– É epilético! – exclamou ao mesmo tempo que atravessava a rua a correr. – Já lhe passa não tarda nada.

O paramédico fitou-a.

– É seu familiar? Ele embateu de encontro ao pino do passeio quando caiu. E apresenta pelo menos uma fratura das costelas.

Permitiram que Ruth o acompanhasse até ao UKE, sentada ao seu lado na ambulância enquanto Stefan voltava a si. Estava esgotado por completo e agora contorcia o rosto de dor.

– Estou contigo – disse Ruth.

Depois de lhe fazerem uma radiografia, quando Ruth pediu informações, os médicos perguntaram-lhe se era a mulher de Stefan. Porque é que não se limitara a dizer que sim? Só pôde entrar para o ver quando Jon chegou, identificando-se como irmão de Stefan.

32 Poderia traduzir-se por *A Rapariga Sérvia*. (N. da T.)

Fevereiro, 1989

Comemorar o primeiro aniversário, fora a proposta de Käthe. Os dias escorriam-lhe por entre os dedos. As estações do ano. As datas festivas.

Foram ao At Nali, tal como haviam feito no ano anterior depois do matrimónio na conservatória do registo civil de Eimsbüttel. Um copo-d'água turco com os padrinhos, Katja e Jon, e os pais da noiva.

Agora voltavam a estar os seis à frente de um tacho de barro, a comer *izmir köfte*³³, a partilhar *pide*³⁴ e a beber vinho turco. O dia estava acinzentado e frio, no estabelecimento fazia calor e os vidros da janela estavam embaciados.

– Isto não vai voltar a acontecer-nos – afirmara Stefan no dia seguinte ao da queda. – Não te deixarem ficar junto ao meu leito de morte só por não sermos casados. Se aceitas um homem que passa a vida a sofrer quedas, não devias ser forçada a passar por isso, ainda por cima.

Graças a Deus, não tinha sido o leito de morte: apenas duas costelas partidas e um grande hematoma no esterno. Um *grand mal* que não estava previsto. Desde essa altura não voltara a suceder mais nenhum, visto que era possível calcular-se quando surgiriam os ataques.

No dia do casamento, 18 de fevereiro de 1988, Mikhail Gorbachev declarara que cada Estado socialista podia escolher livremente o seu sistema social. Jon e Stefan consideraram isso um bom presságio.

O que é que estaria a acontecer no Bloco de Leste? Nas igrejas, nos estaleiros, na Mesa Redonda de Varsóvia, onde os comunistas se mostravam dispostos a ceder o poder. Em Leipzig, na Igreja de São Nicolau, rezavam-se orações pela paz. Também na Getsémani, em Prenzlauer Berg? Desde que Till Arent já não se encontrava no Leste, quase não lhes chegavam nenhuma informação mais específicas.

– Ao vosso primeiro aniversário – brindou Katja, erguendo o copo de vinho tinto. – Eu e o Jon já nos casámos há quase sete anos.

– Um casamento longo – comentou Käthe, risonha. Ela e Rudi há já muito tempo que tinham comemorado as bodas de diamante. Ser-lhes-ia concedida a graça de poderem continuar juntos durante muito mais tempo?

– Entristece-te o facto de ter renunciado ao teu apelido? – perguntou Ruth

ao pai. Agora usava o de Stefan e assinava os artigos como Ruth Everling. Era raro alguém recordar-se de que esse nome havia figurado nos cartazes de PROCURA-SE.

Rudi respondeu que não, pois não o incomodava Ruth ter renunciado ao apelido Odefey. De resto, não deveria ele ostentar o apelido Garuti?

Os apelidos eram como um truque de cartas. Henny tivera quatro apelidos diferentes.

– Vamos levar a correspondência para cima – disse Henny a Caroline e a Jettchen, que era como chamavam de forma carinhosa a Henriette. Deixaram o carrinho no vão da escada e subiram os dois andares, Caroline à frente, Henny atrás com a pequenita ao colo.

Continuava a estar em muito boa forma; «as de aparência delicada são fortes», dizia Theo na sala de partos quando via uma mulher franzina e delicada com contrações. Agora Konstantin era um jovem médico assistente nas dependências da Finkenau. O avô teria gostado de o saber. Além disso, Konstantin instalara-se na Körnerstrasse, e até ao momento ocupava apenas o antigo quarto de Klaus e o escritório de Theo. Henny continuava com o seu quarto.

– Vão vocês sozinhos – propôs a Katja. – É muita confusão, com as meninas no At Nali. E, além do mais, trata-se do aniversário de casamento da Ruth e do Stefan.

No atrel onde agora Jon estudava os papéis repousavam três sobrescritos: num deles estavam os honorários de Katja da parte da *Stern*, sem dúvida muito bem-vindos, já que lá em casa não entrava muito dinheiro. Katja dedicava-se às filhas; recusava grandes reportagens em que fosse obrigada a viajar, e Henriette acabara de fazer dezasseis meses.

A segunda carta era da agência berlinense de Jon. Esperava que tivessem algum papel para ele que não fosse o de jovem galã quebra-corações. Era isso que acontecia quando um ator tinha boa pinta.

– Podemos esvaziar ovos? – perguntou Caroline depois de terem comido o arroz-doce com canela. – Na escola fizemos alguns para a Páscoa. O meu aniversário é na Páscoa e o teu também.

Caroline ia fazer seis anos. Henny preferiu não dizer quantos faria um dia antes, no domingo de Ressurreição, senão a menina era capaz de deixar cair outro ovo de puro susto.

Katja levou a avó a casa no velho *Isabella*. Quando voltou, Jon estava com as meninas na cozinha. Caroline continuava a pintar ovos e Henriette, sentada no chão, batia com uma colher de pau numa caixa de ovos vazia. Jon ergueu os

olhos da carta que tinha na mão, parecia consternado.

– Más notícias? – perguntou Katja.

– É isso que eu temo, porque não creio que sejamos capazes de conseguir duzentos e sessenta mil marcos. Concedem-nos a opção de compra do nosso apartamento, Katjuscha. De inquilinos a proprietários.

Aquela maldita vaga de aquisições que arrastava os prédios antigos que se encontravam em zonas procuradas. Tinham esperado não ser afetados por isso.

A mera ideia de que os interessados percorressem as casas como se já fossem suas. O dinheiro que Katja tinha herdado de Lina apenas seria levado em consideração como capital próprio; além disso, Katja preferia mantê-lo como reserva no caso de um deles faltar.

– Tanto tu como eu exercemos profissões liberais. Achas que o banco financiará a compra, dadas as circunstâncias? – perguntou Jon. – Jovens somos, isso é verdade.

– Os bancos preferem as pessoas que têm um salário fixo. Temos até quando para decidir?

– Dispomos de dois meses.

Caroline, para além de pintar pontos coloridos nos ovos, também escutava com atenção?

– Eu quero continuar a morar aqui – declarou. – E a Jettchen também. – Caroline levantou o narizinho, um gesto que na maioria das vezes precedia as lágrimas. Tinham de parar de tratar de assuntos delicados à frente da filha mais velha.

– A mamã e o papá vão arranjar uma solução – respondeu Jon, e dito isto levantou-se a fim de abraçar a filha.

Um êxito considerável, palavras de elogio nas críticas do suplemento cultural, mas ainda bem que não tinha de viver de *Mãos Estelares*. Röhring estava disposto a publicar um segundo livro com Klaus, era um editor da velha guarda, apaixonado, perseverante com os autores e com os textos.

O livro encontrava-se ao pé da fotografia de Theo, em cima do piano da Körnerstrasse, como se Henny pretendesse exibi-lo.

– Acho que já o conhece – opinou Klaus, sentado ao lado da mãe. Não havia estado ali desde o primeiro momento? Desde que oferecera à mãe um exemplar autografado com dedicatória? Se Henny não lhe tivesse falado dos textos, Klaus teria duvidado se o teria lido. – Sentes-te bem a viver com o Konstantin? – perguntou-lhe.

– Sim. E pouco a pouco também se torna menos difícil para mim estar sozinha em casa. O Konstantin trabalha muito de noite.

- Só na clínica ou também noutro lado? – indagou Klaus.
- Calculo que digas isso com segundas intenções, não?
- Ele tem vinte e seis anos.
- Com essa idade, tu já tinhas uma relação estável há muitos anos – recordou Henny. – Arrependes-te de ter sido assim?

Klaus abanou a cabeça. Ainda tinha o medo da sida infiltrado nos ossos. Ao longo de todos os anos que estavam juntos, só traíra Alex uma vez, e o que tinha desencadeado com essa façanha! Nesse momento, já havia no mercado medicamentos que, ao que tudo indicava, mantinham o VIH à distância, mas continuava a morrer gente, inclusive ali, em Hamburgo. No outono do ano anterior, o diretor do círculo artístico Kunstverein havia sucumbido à praga aos trinta e sete anos. A exposição «Paisagens», que ele e Alex queriam ver, era um projeto de Vester.

- Acho que o Konstantin é muito ambicioso. Assistente aos vinte e seis anos. Qual será o passo seguinte? Diretor da clínica?

- Quer fazer a especialização para assumir o comando do consultório da Marike – contou Henny.

- Caramba. Será que a minha maninha pretende deixar de ser ginecologista?

- A Marike ainda vai ter de aguentar mais alguns anos, até o Konstantin estar preparado para isso. Todavia, desde que o Thies se reformou, ele insiste para que viagem para conhecerem um pouco do mundo.

- Julgava que o meu cunhado agora escrevia letras para discos.

Klaus e Alex eram os únicos que continuavam na NDR, se bem que Alex fosse mais velho do que Thies e do que Robert. Por ser músico independente, para ele não havia idade de reforma.

- O Thies não se dá bem com a reforma. A Marike diz que ele precisa de uma equipa ao seu redor. E não acha que eu e as suas netas o sejamos. Dá-me a impressão de que se sente insatisfeito. Não creio que se contente com os poucos textos que escreve.

Klaus assentiu. Robert acabava de encontrar uma nova ocupação num estúdio de gravação muitíssimo bem equipado na Rua An der Alster e trabalhava em produções interessantes, sem turnos e sem ter de se submeter à hierarquia da NDR.

- Acho fantástica a tua atitude, mamã.

- Que eu tenha decidido continuar a viver? A verdade é que não me resta outra alternativa – replicou Henny, olhando para a fotografia.

Klaus sorriu.

- E então? Qual é a opinião do Theo?

- Achas-me estrambólica.

- Não. Se o Alex viesse a faltar-me, não só conversaria com ele, como

também lhe pregaria um raspanete por não me responder de modo que eu o entendesse.

– Eu entendo bem o Theo – afirmou Henny. – Continua a dar-me os melhores conselhos.

Um nervoso Jon chocou com ele à frente da sucursal do Banco de Dresden na Hofweg.

– Não te correu bem o assalto ao banco? – gracejou Alex. – Estás branco como a cal da parede, como se tivéssemos diante de nós os funcionários da alfândega de Praga.

– Receio bem que a minha atuação não tenha sido muito convincente.

– Estão a fazer algum *casting* aí dentro?

– É por causa de um empréstimo. Importante.

– Vou fazer as minhas transferências e depois tomamos um café em minha casa. A não ser que não tenhas tempo.

– Tenho, sim. A Henny está com as meninas, a Katja está a fotografar a ex-mulher do Sylvester Stallone na tenda de um circo. Talvez fosse melhor ter vindo com ela. Continuo a ser um cidadão do Leste atemorizado.

– Neste momento eu estou contigo – declarou Alex.

– Quase não usas a bengala – observou Jon quando se dirigiam juntos para a Schwanenwik. – Dantes não era assim.

– Um medicamento novo, mas não confio por completo nele. Em breve veremos quais são os efeitos secundários. Para que é que vocês precisam do dinheiro?

– Não podemos continuar como inquilinos do nosso apartamento, vamos ter de comprá-lo.

Com a cafeteira já ao lume, Alex perguntou qual era o montante. A bem da verdade, era uma pena que nunca lhe tivessem proposto comprar o apartamento da Schwanenwik.

– O problema é que temos os dois profissões liberais.

– O lado bom é que têm trinta anos.

Sentados à mesa de carvalho, Alex serviu com o café um pequeno bolo que Klaus tinha feito. Apreciava pelo que valia essa felicidade doméstica.

– É possível que me tenha deixado intimidar com facilidade.

– Sei como é a sensação. Antes de trabalhar com regularidade na NWDR, um funcionário do Banco de Dresden da Jungfernstieg rasgou-me o livro de cheques à minha frente. Foi em 1950.

– O ano em que eu e a Katja nascemos.

– Caramba, isso significa que sou velho. Quem haveria de dizer. Deixa-me falar com o Klaus, Jon. Ao longo destas últimas décadas, ele e eu ganhámos

algum dinheiro e não gastámos muito.

– Em momento algum me passou pela cabeça pedir-vos um empréstimo.

– No entanto, seria uma boa ideia. Um empréstimo sem juros.

Jon respirou fundo. Seria na verdade possível que existisse uma solução tão indulgente? Poderiam aceitá-la?

– Mas diz-me uma coisa – pediu Alex. – Pode saber-se que interesse é que tem a mulher do Sylvester Stallone?

Jon encolheu os ombros.

– É uma bomba sexual dinamarquesa.

Alex assentiu como se percebesse.

Ida afastou a cortina de fios. Sim, ali estava o homem que havia escrito *Os Versículos Satânicos* e que agora fugia da maldição desse tal *ayatollah*. Defronte do Da Mario, onde ela gostava de comer *saltimbocca*. Depois de comer, Mario oferecia-lhe sempre um cálice de *grappa*, nada de *marsala* nem *sambuca*. Sabia que ela não gostava dessas coisas adocicadas. Ida pegou no telefone para ligar à filha. Ligava-lhe um par de vezes por dia, Florentine sabia de quase tudo.

– Não me digas que o Salman Rushdie está aí à frente – disse, surpreendida, Florentine, que pouco a pouco começava a recear o pior.

– Talvez o Robert possa cá vir, se tu não vieres.

– Estamos a preparar o Lori para o exame de acesso à universidade que tem amanhã.

– Já se examina o acesso?

– Mamã, eu já te tinha contado tudo ao pormenor.

– E o que é que eu faço com o homem que está lá em baixo?

– Está na rua, com pouca luz, e tu consegues ver da janela das águas-furtadas que se trata do Salman Rushdie, é isso?

– Tenho uns binóculos – replicou Ida. – E esse homem aparece muito nas notícias.

– Deixa os binóculos e corre as cortinas, mamã.

– Oxalá levasses mais a sério os meus medos – queixou-se Ida. Desligou a chamada e foi servir-se de um generoso copo de *grappa*.

– Tens de levá-la ao neurologista – aconselhou Robert. – Isso já começa a raiar a loucura, é mania da perseguição.

– Típico de uma demência senil não muito grave. – Florentine suspirou.

Talvez o movimento que havia no quarto de Jean Cocteau fosse uma feliz coincidência e pudesse instalar a mãe nesse quarto, grande e iluminado. Fred, Emil e a apontadora eram as pessoas perfeitas para Ida, e de certeza que a mãe acharia Karsten a pessoa mais encantadora do mundo.

Florentine foi até ao corredor chamar Lori para continuar a preparar com ele a interpretação de *As Mãos Sujas*, de Sartre, que haviam deixado a meio.

³³ Prato típico da cozinha turca e grega que consiste em almôndegas ovaladas picantes, condimentadas com cominhos e alho e servidas em molho de tomate. (*N. da T.*)

³⁴ Pão alongado típico da culinária turca, com uma base espalmada e aberta feita com levedura e azeite, polvilhado com sementes de sésamo ou de nigela e que pode ser recheado com carne picada e queijo. (*N. da T.*)

Setembro, 1989

Na Rua Papenhuder, Jon e Stefan encontravam-se à frente do televisor, a ver como a Hungria abria as suas fronteiras com a Áustria e os cidadãos da RDA atravessavam em massa. O piquenique pan-europeu realizado perto do lago Neusiedl em agosto fora o princípio, a abertura da fronteira durante um breve espaço de tempo possibilitara a fuga de setecentas pessoas. Tudo parecia imparável. Uma massa que fermentava e transbordava.

– Desertámos demasiado cedo? – alvitrou Jon.
– Não – negou Stefan. – Aqui está a Katja, aqui estão as tuas filhas.
– Aqui está a Ruth.
– Teríamos desperdiçado nove anos.
– Cá vêm elas. – Jon foi ao corredor receber Katja e as meninas, que tinham ido ao parque infantil de Planten un Blomen. – Estás toda coberta de areia – constatou assim que pegou na filha mais nova ao colo. – O melhor é irem já as duas direitinhas para a banheira.

– Não posso crer – comentou Katja quando entrou na sala de estar e viu as imagens televisivas. – Não tarda nada, a RDA vai ficar vazia.

Para entrar na Hungria, um país socialista irmão, as autoridades da República Democrática Alemã já não concediam autorizações de viagem, mas quinze mil dos seus cidadãos tinham tido paciência e haviam prolongado as suas férias de verão na esperança de que sucedesse o que acabava de suceder.

Outros tinham-se refugiado em agosto nas embaixadas da República Federal da Alemanha em Praga e em Varsóvia e temiam não poder sair.

Havia exatamente uma semana, a 4 de setembro, em Leipzig, depois da tradicional oração pela paz na Igreja Evangélica de São Nicolau, celebrara-se a primeira das manifestações das segundas-feiras. Cerca de mil pessoas reuniram-se na praça enquanto nas ruas laterais a polícia popular assumia posições e a Stasi misturava-se no meio da multidão. NÃO À VIOLÊNCIA, diziam as faixas. POR UMA NAÇÃO ABERTA COM PESSOAS LIVRES. SIM À LIBERDADE DE VIAJAR, NÃO À FUGA EM MASSA. As autoridades foram indulgentes com a primeira manifestação, mas agora dava a impressão de que reagiam com maior dureza.

– Havias de gostar de estar ali presente, na qualidade de fotógrafa – disse Stefan quando a cunhada se sentou ao seu lado. A redação da *Stern* já não permitia a entrada da sua repórter na RDA, o mais provável era que a Stasi estivesse bem informada do seu papel de facilitadora da fuga dos dois irmãos.

– Sim – admitiu Katja. – Seja como for, quero voltar a trabalhar mais. Comprámos um apartamento e, embora tenha sido financiado pelo Alex, temos prazos para o pagamento. – Dito isto, virou-se para Caroline, que entrou na sala em roupa interior. – Julgava que tinhas vindo da banheira.

– Com a Jettchen lá dentro, não há espaço para mim.

Caroline andava na escola há apenas uma semana e já tinha sede de independência. «Primeiro era uma menina que brincava no baloiço, depois fui para o jardim de infância, agora ando na escola e depois serei uma mulher.» Fora o que dissera a sua filha mais velha no primeiro dia de aulas. Haveria melhor maneira de resumir?

– Prefiro ver no vosso televisor, que é grande, a ver na cozinha da outra casa – afirmou Ida. Estava diante da porta, com a mala pendurada no braço, como se fosse a rainha de Inglaterra em visita oficial em vez de ter percorrido apenas o corredor até chegar à casa de Florentine.

Florentine e Robert ficaram atónitos quando Ida concordara de imediato em instalar-se no quarto de Cocteau, onde agora se encontravam apenas as pequenas poltronas e o toucador. «Sete anos de solidão são suficientes», afirmou, apesar de em momento algum ter estado separada da família.

O médico havia confirmado uma ligeira demência senil, mas a isso juntava-se o facto de Ida nunca ter aprendido a cuidar de si mesma. Fred servia-a como se, de facto, fosse de sangue real, um papel que ela assumia com altivez.

– E o Robert onde é que está? – perguntou Ida depois de se sentar no sofá com cuidado, sem desviar os olhos do televisor. – Não lhe interessam as notícias sobre o Leste?

– Está no estúdio de gravação onde trabalha agora.

Ida abanou a cabeça ao saber dessa reforma tão ativa. Ofereceu a face ao neto para que lhe desse um beijo quando este entrou na sala.

– Não estás a usar o relógio de bolso que era do meu pai – observou.

– Não tenho por hábito usá-lo com *T-shirt* e calças de ganga, avó – retorquiu Lori. Em junho, para comemorar a sua aprovação nos exames de acesso à universidade, Ida tinha-lhe oferecido o relógio de ouro da A. Lange & Söhne Glashütte que pertencera a Bunge.

– E os estudos? – quis saber a sua avó.

– O semestre tem início a 1 de outubro – respondeu com paciência o neto, embora não fosse a primeira vez que o fazia.

A sua decisão de estudar História contava com a aprovação de Ida. Desse modo, Lori poderia ser catedrático em História no Johanneum, que havia organizado uma festa muito elegante a fim de comemorar os exames de admissão. Sim, o Johanneum tinha sido uma boa escolha. Ida voltou a esquecer-se de imediato de que Lori não pretendia dedicar-se ao ensino.

– No *Aktuelle Kamera*, os mandachuvras leram uma declaração onde asseguram que alguns cidadãos da RDA se tornaram vítimas de meios de comunicação hostis – contou Lori, sentando-se no tapete berbere.

– O que é o *Aktuelle Kamera*? – quis saber Ida.

– É o noticiário televisivo da RDA – respondeu Florentine.

– Só que ninguém vê – sublinhou Lorenz.

– Na realidade, esse seria um bom motivo para tomar uma tacinha de espumante – sugeriu Ida ao ver as imagens que passavam na televisão.

Florentine levantou-se do cadeirão *Egg*.

– Já jantaste? – Talvez tivesse sobrado um pouco da mussaca que Etta havia preparado. A filha era vegetariana, o empadão de beringela era a resposta à bolonhesa de Robert.

– O Fred obrigou-me a comer alguma coisa, mas já não me lembro o quê.

– Conseguiu adaptar-te bem à pensão? – perguntou Lori enquanto Florentine estava na cozinha.

Ida sorriu ao neto.

– Claro que sim – garantiu. – É melhor do que estar sempre sozinha. A única desvantagem é esse László Löwenstein, que está sempre presente; dá com uma pessoa em doida.

Henny continuava a cozinhar todos os dias também na Körnerstrasse, apesar de Konstantin não costumar almoçar em casa. Já não havia nenhum Theo para espreitar o que havia nos tachos, para se sentar com ela à mesinha redonda. No entanto, Henny punha a mesa na mesma, embora nela só houvesse um prato, um jogo de talheres.

Nos dias em que não tomava conta das filhas de Katja, talvez pudesse convidar Ida para almoçar. Florentine tinha-lhe confidenciado, triste e embaraçada, que Ida se esquecia com frequência de almoçar, e isso não podia fazer bem nenhum à sua cabeça.

– A mãe da Kätthe era uma excelente cozinheira – comentou Ida certa quarta-feira quando estavam a almoçar na sala de estar, na mesinha redonda.

– Espero que gostes do rolo de carne – retorquiu Henny.

Ida assentiu.

– Tu também te lembras de muitas coisas do passado?

– Sim – reconheceu Henny, olhando para o jardim nesse início de outono,

onde Fred plantava bolbos de túlipas nos canteiros.

– É meu admirador – declarou Ida, que seguira o olhar da amiga. – Eu nunca quis ser viúva, sabias?

– Nesse caso, terias de ter morrido antes do Tian – respondeu Henny, impassível.

Ida cortava a carne como se estivesse a trincar uma vaca.

– A Kätthe e o Rudi podem envelhecer juntos.

– Serve-te de consolo se te disser que quase não mudaste?

– Tenho algumas rugas – respondeu Ida.

Henny sorriu.

– É demasiada carne, não consigo comer.

– Então, deixa-a – sugeriu Henny. Não constituía alegria nenhuma cozinhar para Ida. Talvez fosse melhor ir a um bom restaurante, ela sempre gostara disso.

– Achas que ele é novo de mais para mim?

– Quem? – perguntou Henny.

– O Fred.

Agora foi Henny quem esteve prestes a engasgar-se.

Podia dar de caras com a mamã na Philosophenturm, no *campus*. Embora a ideia não o horrorizasse, também não o entusiasmava muito. Há alguns meses que Florentine frequentava como aluna assistente a disciplina de História de Arte. Sentir-se-ia envergonhado se os futuros colegas tentassem atirar-se a ela. Florentine continuava a ser um espetáculo e isso era algo que ele, mesmo sendo seu filho, via com clareza.

Ele e o pai combinaram encontrar-se na doca do Atlantic, que não ficava muito longe do estúdio onde Robert trabalhava agora. Olhando para sul, os dois ofereceram o rosto ao sol no banco do cais. Lori observou Robert a semicerrar os olhos.

– Podias deixar à mostra um cabelo branco ou outro – opinou.

– Diz alguém que tem o cabelo negro como carvão.

– Tu continuas a ter muitos, só isso já te dá um ar juvenil.

– Envergonha-te o facto de o teu pai pintar o cabelo?

– Também fico envergonhado quando os rapazes assobiam à minha mãe no *campus*.

Robert sorriu.

– Caramba, vê lá só tu a pouca sorte que tiveste com os pais que te calharam em sorte.

– É verdade que andaste atrás da mamã durante muito tempo?

– Foi isso que ela te disse?

– Não, foi a Ida que me contou. Continua a pensar com bastante clareza quando se trata do passado.

Robert olhou para Lorenz. Uma conversa entre pai e filho. Não devia fugir dela, o rapaz já tinha dezanove anos.

– A Florentine entregou o coração por duas vezes – admitiu após uma ligeira hesitação.

– A ti e a quem mais? Eu conheço-o?

– Ao Alex – confessou Robert. Estaria a cometer uma traição?

– Ao Alex? Mas ele é *gay*.

– Antes de conhecer o Klaus, o Alex teve relações com mulheres. Mas nem sequer nessa altura se deixou levar pelo canto da sereia da Florentine. É fiel ao Klaus. – «Salvo numa ocasião», pensou Robert.

– Dantes vocês eram muito mais tresloucados do que nós agora – afirmou Lori.

– Estás a referir-te à tua geração?

– Eram muito doidos nos anos sessenta.

Seria verdade? Robert nunca tinha visto a coisa por esse prisma. Consultou o relógio.

– Ainda tenho tempo, o Alex só vem às quatro. Queres ir ao Max & Consorten petiscar alguma coisa?

– Boa ideia. – Lori levantou-se. – Esta noite é a Etta quem cozinha. De certeza que vai haver outra vez *tofu gratinado*.

– O que é que achas se comermos um bife de porco com cebola?

– Também marcha um escalope à vienense – respondeu Lori.

– Devíamos fazer isto mais amiúde – sugeriu Robert ao mesmo tempo que subiam a Rua Holzdamm. – Ter conversas de homens.

– Foi o que acabámos de fazer? – Lori sorriu. – A propósito, o que é que o Alex vai fazer ao teu estúdio? Isto porque ele continua na NDR, não é verdade?

– Nada, quer apenas dar uma vista de olhos – disse Robert. – Sempre trabalhámos bem juntos, não me importava de continuar a fazê-lo.

Alex examinou a tecnologia novinha em folha e pensou com nostalgia nos gravadores de bobina aberta que havia nas salas de controlo de som quando conhecera Robert, em 1950.

– Com a gravação digital é possível trabalhar as bandas sonoras diretamente no computador – explicou Robert. – És um nostálgico. Consigo ver o ceticismo refletido na tua cara.

– Cá para mim, os gravadores de dezasseis pistas pareciam-me hipermodernos e mais do que suficientes – opinou Alex.

– A verdade é que muitos artistas continuam a apostar neles. Vem, deixa-me

mostrar-te o estúdio.

– Dá a ideia de que és a alma do negócio e o dono disto tudo – observou Alex.

– Gozo de confiança. Olha. – Robert abriu uma porta: outra sala de controlo com uma mesa de mistura tradicional. Do outro lado do vidro havia um piano de cauda.

– Até têm um piano de cauda. Importas-te se tocar?

Robert abanou a cabeça.

– Um *Bösendorfer*. – Acompanhou Alex até ao estúdio e sentou-se numa das cadeiras enquanto ele se instalava frente ao piano.

– Toca o que ainda gostarias de gravar.

Alex tocou as primeiras notas de *Rhapsody in Blue*, de Gershwin.

– Proponho que realizemos mais um sonho – salientou Robert. – O teu negócio é a *Rhapsody in Blue* e o meu é gravar um álbum a solo contigo na qualidade de engenheiro de som. Embora não tenha título.

Alex virou-se para Robert.

– Seria maravilhoso – declarou.

O sumptuoso palácio do príncipe Lobkowitz já se encontrava envolto na escuridão quando o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão assomou à varanda; apenas um pequeno holofote situado junto à porta fazia com que o cenário fosse reconhecível nessa tarde de 30 de setembro.

Quatro mil pessoas esperavam para ouvir o que Hans-Dietrich Genscher tinha para lhes dizer. Aguardavam aglomeradas e espremidas em degraus, em janelas, nos jardins do edifício. Os nervos estavam à flor da pele quando Genscher começou o seu discurso.

– Viemos até vós para vos dizer hoje que a vossa saída do país...

Ao ouvir as três últimas palavras, os presentes irromperam em gritos de júbilo, sobretudo os jovens, que se abraçavam nos jardins da embaixada, comemorando a felicidade de se verem livres de uma cidadania que não queriam.

Foi uma pequena filmagem escura e tremida cuja emissão deixou o mundo sem fôlego. O Bloco de Leste já não voltaria a ser o mesmo. Os cidadãos da República Democrática Alemã haviam conquistado a liberdade ao longo de uma semana de tenaz resistência.

Só existia essa gravação, realizada por uma câmara a partir de uma casa próxima. Na embaixada não haviam permitido a entrada de nenhuma câmara; em Bona, a preocupação de que pudessem enfurecer os berlinenses de leste com um ato propagandístico importante e que no último momento fossem frustradas as viagens rumo à liberdade era grande.

No entanto, os gritos de júbilo ainda ressoavam nos ouvidos quando os primeiros comboios circularam por estações e vias ferroviárias da RDA fortemente vigiadas rumo ao Ocidente para levar os desertores em direção a uma nova vida.

Novembro, 1989

Jon já tinha tido varicela? Stefan não sabia. «Enquanto viveste comigo, pelo menos, não», disse. Jon não tardaria a sabê-lo, uma vez que as filhas estavam com varicela e ele era o único que cuidava delas.

Katja encontrava-se em Berlim Ocidental a trabalhar para a *Stern*, a cidade estava a abarrotar de jornalistas do mundo inteiro que observavam o fervedouro que era a RDA. O presidente Honecker demitira-se em outubro e fora substituído por Egon Krenz; nas manifestações das segundas-feiras de Leipzig tinham chegado a juntar-se cento e vinte mil pessoas. A 4 de novembro, numa manifestação que teve lugar na Alexanderplatz, reuniu-se um milhão de pessoas a fim de defender a democracia e as reformas na RDA.

Katja devia fotografar Jutta Limbach, que há oito meses era senadora de Justiça na coligação vermelha e verde de Walter Momper. O artigo estava pronto, a única coisa que faltava eram os retratos adequados.

Nesse 9 de novembro, o dia apresentava-se mortiço, mas não o familiar mês elegíaco da neblina; sobre a cidade pairava uma tensão elétrica, nuvens que estavam prestes a descarregar.

A senhora Limbach era amável, já tinham marcado as fotografias há algum tempo, mas até mesmo a senadora acabou por se deixar levar pelo caráter imprevisível desse dia. Conversações que não figuravam na agenda, uma reunião de emergência. O que é que aconteceria se os cidadãos furiosos se limitassem a começar a trepar pelo muro que durante tanto tempo os havia separado da zona ocidental da cidade? As autoridades da RDA iriam permiti-lo? A verdade era que já ninguém pensava que fossem defender a fronteira urbana com uma violência a ponto de causar mortes. Pelo contrário, corriam rumores de que Berlim Leste dava os últimos retoques numa nova legislação para viajar.

Na Avenida Ku'damm, Katja comia salsichas condimentadas com caril depois de ter levado os rolos com as fotografias da senhora Limbach aos escritórios berlinenses, na Kurfürstenstrasse. Ligou para casa de uma cabina telefónica: as filhas estavam lamurientas e a febre tinha baixado; depois de lhes pôr uns panos nas pernas que não haviam servido de nada, Jon experimentara

com supositórios.

– O que é que ainda tens de fazer? – quis saber.

– Absorver o ambiente. No Leste está a maquinar-se alguma coisa.

Às seis da tarde teve início uma conferência bastante enfadonha no Centro de Imprensa Internacional de Berlim Leste; a sala estava a rebentar pelas costuras, os correspondentes de todos os países espremiavam-se lá dentro, mas as monótonas palavras de Günter Schabowski, membro do Politburo, não fizeram com que alguém se levantasse de um pulo da cadeira. Uma nova lei de autorizações de viagens, ao abrigo da qual também se podiam solicitar viagens particulares.

– As autorizações serão concedidas com rapidez – lia de forma entrecortada o que dizia o papel.

– Quando é que serão concedidas as autorizações? – quis saber um jornalista.

Schabowski olhou de novo para o papel.

– Que eu saiba... de imediato... sem demora.

Eram palavras desatinadas de dimensão histórica.

Katja acabava de entrar no hotel, que se encontrava por trás dos grandes armazéns Kaufhaus des Westens. Assim que pôs um pé no quarto, o telefone tocou.

– Liga a televisão – pediu Jon. – Caso não estejas de posse de mais informações neste momento. «A RDA abre as suas fronteiras» é a primeira notícia do jornal informativo.

– Dá um beijo às meninas por mim – respondeu ela. – Vou até ao escritório.

– Santo Deus, Katja, aqui faz falta qualquer um que saiba tirar fotos – declarou a secretária da redação. – Vai até ao bairro de Wedding, à Ponte Bösebrücke; do outro lado vão-se aglomerando os *Trabis*.

«Abram a porta, abram a porta, abram a porta.» Os gritos chegavam do outro lado da ponte, no posto de controlo fronteiriço da Rua Bornholmer. A porta abriu-se às 23h29, o tenente-coronel da Stasi que ali estava de serviço tomou uma decisão sensata e sozinho; a caravana de latas velhas de *Trabis* atravessava a ponte que os levaria ao Ocidente debaixo de uma chuva de aplausos dos berlinenses ocidentais, que se aglomeravam de ambos os lados da rua.

Katja teve dificuldade em sair das colónias de hortas que havia também daquele lado da Bösebrücke, mas deparou-se com um colega que a levou de carro até à Kurfürstendamm, onde reinava a animação.

Às duas da madrugada entregou os rolos de fotografia, que enviaram por avião para Hamburgo, e voltou para o hotel, demasiado agitada para pensar

em dormir. E se acordasse Jon? O som do telefone deu-lhe a resposta.

– Katjuscha, desculpa se te acordei. O Stef e a Ruth vieram cá a casa. Estamos completamente pasmados, as imagens são uma loucura. Estiveste na Porta de Brandeburgo?

– Só aí gastei quatro rolos de fotografia – respondeu ela. – Espero que o Stefan e a Ruth já tenham tido varicela.

Ficou satisfeita por nesse sábado Konstantin ter tempo para tomar o pequeno-almoço com ela. Andava tudo muito agitado. No dia anterior, Henny tinha estado com Jon e as meninas, Jon começara a ter as primeiras vesículas, ela estava segura, e Katja também o estaria quando regressasse de Berlim no dia seguinte.

Konstantin entrou na cozinha e deixou os sacos com os pãezinhos em cima da bancada.

– Fui abordado por um rapaz que saiu de um *Trabi* no canal de Mühlenkamp – contou. – Queria saber onde ficava a loja de discos mais próxima.

– Achas que vinha da RDA?

– Meclemburgo não fica longe, para dizer a verdade – replicou Konstantin.

– E mandaste-o para onde?

– Para a Jungfernstieg. À WOM, nos armazéns Alsterhaus. É onde existe maior variedade, imagino que devia andar à procura de gravações da Filarmónica de Viena. Além disso, assim também vê as coisas bonitas de Hamburgo que há nas margens do pequeno Alster.

– O Theo teria gostado de viver este momento – afirmou Henny. – A queda do Muro.

– Agora o Muro já é apenas um monumento – opinou ele. – Quarenta anos da RDA. Na realidade trata-se de um período considerável.

– Claro, diz isso ao Jon e ao Stefan.

– E agora o Jon está com varicela, não está?

– A Marike passou por lá mais cedo para vê-lo. Na maioria das vezes, afeta mais os adultos. Diz que pode cuidar das crianças, mas vou até lá.

– Aciclovir. E, se ele se coçar, antibiótico.

– Na Caroline e na Henriette, as vesículas já estão a formar crosta.

– Depois levo-te à Papenhuder – ofereceu-se Konstantin.

– Fazes-me lembrar tanto o Theo... – comentou Henny quando se encontravam sentados à mesa, a comer bolinhos de mel e a beber café. – Circunspecto e, no entanto, empenhado e nada convencional. Apesar de nem sequer ser teu avô de sangue. O Lud também era um rapaz excecional, mas não sei que tipo de pessoa teria sido. Ainda era muito jovem quando morreu.

– É provável que tenha adquirido algo do Theo – retorquiu Konstantin. – Mas, se o Lud era como a Lina, também possuía essas qualidades.

– Se voltarei mais alguma vez a pôr-me à frente de uma câmara? – Jon esboçou um sorriso forçado. Sem dúvida de que parecia preocupado.

– O mais importante é que o papá não se coce – determinou Caroline. – Senão vai ficar com cicatrizes, foi a Marike que disse.

Jon tinha posto os óculos. Costumava usar lentes de contacto, mas tinha os olhos avermelhados.

– Assim que me vir, a Katja volta logo para Berlim – afirmou.

– Não sabia que eras vaidoso – comentou Henny.

– Nem eu – concordou Jon.

– O papá é um principiante nesta coisa da varicela – interveio Caroline.

– Ainda bem que a Katja já a teve. Lembro-me como se fosse ontem – recordou Henny. – Tinha a mesma idade que a Jettchen.

– No nosso caso, a memória familiar acaba no Stefan. Importas-te se me for deitar um bocado?

– É para isso que estou aqui – respondeu Henny. – Será que mais tarde vos apeteceria umas panquecas com maçã?

– Sim! – exclamou Caroline.

– Sim! – juntou-se Henriette.

Jon sorriu.

– E, além do mais, agora tenho uma avó. E tudo isso por estar a ler o *Der Spiegel* na Rua Clara-Zetkin.

– E por ter entrado a mulher certa.

– E por ter entrado a Katjuscha – corroborou Jon. A verdade era que até mesmo as borbulhinhas vermelhas lhe ficavam bem.

Um dia depois, Katja fotografou as aparições de Willy Brandt, Genscher, Momper e Helmut Kohl à frente da Câmara Municipal; em Schöneberg, a de Kohl perdeu-se no meio das vaías, assim como o hino nacional.

No sábado fazia tenções de ir até Prenzlauer Berg? Será que se podia? Katja desistiu. No domingo de manhã, quando desembarcou do avião da Pan Am em Fuhlsbüttel, sentiu-se grata por ter podido participar num momento histórico, mas feliz também por voltar a estar com Jon e as filhas.

No abril de Jon, Katja deixou um pedacinho do Muro; as pessoas já haviam começado a fragmentar a barreira antifascista em pequenas pedras, era um bom negócio. Ela apanhara aquele bocadinho por sua conta e risco, com a ajuda da lima das unhas; mais do que parti-lo, tinha-o desprendido.

Jon pegou no pedaço do Muro e colocou-o na palma da mão.

– Uma parte daquilo que se interpôs entre nós durante cinco anos – observou.

– E se convidássemos o Karsten, o Alex e o Klaus para virem até cá? – sugeriu ela.

– As pessoas que nos ajudaram a fugir. Faremos isso assim que me curar da varicela, e também gostava que viessem o Stef e a Ruth.

– Este século está a ser bastante especial – disse Rudi.

– Não conheço os outros muito bem. – Käthe embrulhara-se numa manta de *mohair*. De há um tempo a esta parte arrefecia e sentia frio com facilidade, algo que só lhe tinha ocorrido em Neuengamme, durante os dias que passara no barco no Dove Elbe e na colónia de Moorfleet. – É como se o destino inteiro se me voltasse a infiltrar no corpo – contou.

– Em todo o caso, este mês de novembro está a revelar-se chuvoso e frio – referiu Rudi.

– Somos o único casal que resta. Todos os outros já se desintegraram.

– Por alguma razão somos Filémon e Báucis – recordou-lhe ele.

– Os mesmos do mito grego das árvores?

– Um carvalho e uma tília.

– E isso faz com que seja mais fácil? – perguntou Käthe.

– Não sei. Apetece-te um grogue?

– Será que temos rum?

– E do bom, *Hansen*, de Flensburg. – Rudi já se postara à frente do armário da cozinha, onde se encontrava o rum, com as especiarias.

– Agora sou como a Ida. Deixo-me mimar a toda a hora e a todo o instante.

– A tua vida e a da Ida dificilmente podem ser comparáveis.

– Não me refiro à vida, mas sim à velhice.

– Como é que se sentirá o Stefan com tudo isto? De repente, a RDA abriu as fronteiras. Gostava de fazer uma visita à Ruth e a ele.

– Eu prefiro ficar no sofá com um grogue. Só de ver o tempinho que faz lá fora...

– Eu preparo-te um, então. E depois vou telefonar à Ruth.

– Rum com certeza, açúcar se puder ser, água se se quiser. O meu pai costumava dizer isso.

Rudi sorriu ao recordar-se do sogro, Karl Laboe, que era um amante do grogue forte.

– Quando voltar, acendo a lareira. – Não o faziam com frequência, e em contrapartida na casa de Henny e Theo, durante a época do frio, que durava nove meses por ano, ou pelo menos era essa a sensação que se tinha, ardia um lume na lareira todos os dias.

– A sala vai voltar a encher-se de fumo – objetou Käthe.
– O limpa-chaminés veio há pouco tempo. – Rudi levantou-se. Talvez em Grindel os pequenos tivessem outros planos.

Konstantin viu Alex sair do *Alfa*, Klaus sorriu ao sobrinho e cumprimentou-o com um aceno de mão antes de prosseguir.

– Carro novo? – perguntou Konstantin com interesse. – De momento, os meus são todos antigos. O *Volkswagen* da Lina começa a sair-me caro e o *Isabella* do Theo também começa a precisar de cuidados. A Katja costuma pedir-me conselhos; infelizmente, o Jon não percebe nada de carros.

– Foi o Klaus quem comprou o *Alfa*, nesse aspeto eu não tenho preferências. Se quiseres, posso financiar-te um carro novo, um médico precisa de poder deslocar-se.

– Não sou médico rural e já financiei a compra do apartamento da minha irmã. Quase não gastas dinheiro contigo.

Alex sorriu. Tinha no guarda-fatos uma ou outra peça de caxemira, mas os carros só lhe interessavam na medida em que o transportavam do ponto A até ao B.

– Talvez acabe por comprar um piano para mim – cogitou. – Um de meia cauda, que é pequeno o suficiente para entrar à vontade na sala de estar. Serás tu a herdá-lo, Konstantin. Ainda tocas de vez em quando o piano da Körnerstrasse?

– Só para fazer a Henny feliz.

– Acho que não seria capaz de viver sem tocar piano.

Konstantin assentiu: já sabia. Estava um dia enevoado para dar um passeio, mas o sol parecia estar preparado para surgir sobre a neblina.

– Podemos ir até Krugkoppel, ou é demasiado longe para ti?

– Não. Apesar de ter parado de tomar os comprimidos novos, sinto-me bem.

– Faziam-te mal?

– Não queria adormecer em cima do teclado. E, na opinião do Bunsen, a febre constante também não era muito vantajosa.

– Parece mentira que continues a ser seguido por esse médico.

– Ainda não te apercebeste de que sou um tipo fiel?

Não se cruzaram com muitos transeuntes, apenas um par de pessoas com cães, outras a correr. Alex e Konstantin levantaram a gola do sobretudo. Podiam ir ao Bobby Reich, junto à Ponte Krugkoppel, e quiçá seguir até à Körnerstrasse. Quando chegaram à ponte detiveram-se.

– Também havia nevoeiro quando o Klaus me declarou o seu amor aqui neste mesmo lugar.

– E o que foi que tu disseste?
– Que não era homossexual.
– E olha só até onde chegaram.
– Konsti, qual é o teu problema com as mulheres?
– Caramba, foi por isso que viemos dar este passeio?
– Já se passou bastante tempo desde que te apaixonaste pela Vivi.
– Foi ela quem acabou comigo.
– Não sabia disso. Sempre pensei que o curso era mais importante para ti do que a relação com a Vivi. O que é feito dela?

– Foi para Lübeck para se afastar de uma vez por todas da mãe. A última vez que a vi foi no enterro do Theo.

– E desde então não houve outra mulher?

– Não me apaixono com facilidade.

– O que a mim me importa é que não descures a tua vida pessoal. Dá a impressão de que desejavas ser o ginecologista mais jovem de Hamburgo.

– E que mal há nisso? A Marike vai ficar muito feliz. Assim terá tempo para o Thies e pode ser que consiga que ele recupere a sensatez. De repente tornou-se vaidoso. Imagina só, anda por aí com umas calças de cabedal justinhas. O meu pai.

Alex não teceu qualquer comentário. Embora já tivesse reparado que Thies andava em busca da juventude perdida, preferira não dizer nada.

– A família é das melhores coisas da vida – afirmou ao invés.

– Não tenho a impressão de sentir falta de uma família – alegou Konstantin.

– O que é que te parece se formos visitar a Henny? Vai que por acaso ela tem um bolo no forno?

– Então vamos. E depois toco para ela êxitos dos anos trinta – resolveu Alex. Deu o braço a Konstantin. Talvez fosse boa ideia Klaus conversar com Thies.

As meninas já estavam bem, o único que continuava a ser contagioso era Jon, que não saía de casa, embora nesse fim de semana tivesse gostado de se misturar com as pessoas, que soltavam gritos de júbilo.

Da RDA haviam chegado centenas de milhares de pessoas, faziam fila nas estações de correios para levantar os cem marcos de boas-vindas, que gastariam logo em seguida nos grandes armazéns, no mercado de peixe e na catedral. No centro pairava o odor dos motores a dois tempos, era como se Meclemburgo inteira estivesse em Hamburgo.

Os horários das lojas alargaram-se sem mais nem menos, os estabelecimentos inclusive abriam ao domingo. Os teatros distribuía entradas gratuitas. *Trabis* e *Wartburg* estacionados engalanavam-se com laranjas, bananas e doces. Felicidade a rodos. Celebração de amizade. Os

alemães ainda não estavam divididos em *Ossis* e *Wessis*, orientais e ocidentais.
Mantendo-se à margem, Stefan e Ruth olhavam, boquiabertos.

Março, 1990

– No teu aniversário vamos ter de comer *consommé* com folhas de ouro na ostraria Cölln's, mamã?

Henny ergueu os olhos do jornal.

– Achas que agora sou parecida com a Else? – perguntou ao filho.

– Vim a mando da família – anunciou Klaus. – Queremos saber o que queres fazer no teu dia especial.

O olhar de Henny dirigiu-se para a fotografia que repousava em cima do piano.

– Nada – retorquiu. – A Käthe também não comemorou o dela.

– Não creio que isso fosse do agrado do Theo. Esta sempre foi uma casa de comemorações.

Henny levantou-se, soltando um suspiro.

– Nada de festas na Körnerstrasse – decidiu.

– Não precisas de ficar encafuada na cozinha a preparar o *buffet*.

– Acendes o lume? Tens jeito para isso.

Klaus acorcorou-se à frente da lareira. Gostava de não ser capaz de se desligar da imagem de homem jovem? Sempre que era necessária habilidade física, enfiavam-no no mesmo saco que Konstantin, Lorenz e Jon, apesar de serem muito mais novos do que ele.

«Ainda és jovem e talentoso», garantia Alex.

«Querer é poder», já dizia Else.

Mais tarde colocaria uma cortina no duche. No seu quarto, atrás do biombo, Henny mandara instalar um chuveiro. «Pelo sim, pelo não», assinalou. «Não vá dar-se o caso de o Konstantin acabar por ficar com o primeiro andar inteiro. Além do mais, ainda tenho a senhora Kuck, que depois limpa o lixo que o canalizador fizer.»

A senhora Kuck avisara que a partir de abril já não iria trabalhar, nessa altura teriam de arranjar outras soluções.

– Sentas-te um bocadinho ao pé de mim?

Klaus acomodou-se ao lado da mãe, que depois da morte de Theo havia hesitado na hora de reclamar para si o cadeirão de couro; no entanto, já se

servia dele.

– Queres ouvir as minhas propostas? – perguntou-lhe. – Na realidade, reduzem-se ao almoço. Como a minha maninha não gosta de cozinhar, propõe o Mühlenkamper Fährhaus; a Katja estava disposta a organizá-lo na casa dela; eu e o Alex também, só que na nossa casa só se podem sentar oito pessoas à mesa.

– O dia 26 de março calha a uma segunda-feira – observou Henny.

– O que significa que já tinhas ido ver.

– No dia seguinte a Caroline faz sete anos.

– Mas não vais querer juntar as duas coisas, pois não? – Brincar a bater tachos e ao jogo das cadeiras para comemorar os noventa anos. Seria digno de se ver. E no final os convidados receberiam um saquinho com um colar de caramelos ou um apito.

– Gostava de ir com todos ao Teatro Hansa – decidiu Henny.

– É uma ideia estupenda, mamã. Quem é que queres que vá?

– Toda a gente – respondeu ela. – Compra vinte e um bilhetes.

Marike sorriu, a mãe continuava a ter talento para surpreendê-los. O Teatro Hansa. Adorava-o desde pequena. *O Meu Pequeno Cato Verde*. Os Comedian Harmonists. Em março de 1929, Marike tinha seis anos.

Para quem eram os vinte e um bilhetes? Para a grande família de Henny, a de Käthe, a de Ida. Também para Karl Luetken, o amigo de Lina.

– Eu e a Marike só contamos vinte – calculou Klaus. – Incluindo o Karl.

– Compra vinte e um, já te disse – repetiu Henny. – Para sábado, 31 de março.

Ainda havia bastante tempo, o mês de março acabava de começar.

– Achas que há um homem na vida da mãe? – perguntou Marike. – Lembro-me muito bem que o meu professor acabou por vir a ser o teu pai.

– Nessa altura, a mãe não tinha sequer chegado aos trinta anos – contestou Klaus. Abanou a cabeça ao pensar que Marike poderia colocar a mera hipótese de Henny poder amar qualquer outro homem que não fosse Theo, Theo seria o último homem da vida dela.

Klaus comprou vinte e um bilhetes e enviou os convites.

Karsten deslocou-se a Bona a fim de fotografar o chanceler. O redator dos artigos da revista para a qual ia realizar o trabalho falava sobre a grande apreensão que reinava na Europa com a reunificação da Alemanha.

O slogan «Nós somos o povo» era desde há algum tempo «Somos um povo». Em fevereiro, Kohl havia anunciado a breve união monetária; nos cartazes das últimas manifestações das segundas-feiras de Leipzig fazia-se questão de

insistir que a moeda ocidental devia chegar ao Leste. Isso implicaria o fim da unidade monetária da RDA.

Nada de uma aproximação progressiva à meta, mas sim com rapidez e aos tropeções.

Karsten estava sentado à mesa da cozinha, com Henriette ao colo.

– Gosto de me sentir parte da família. A verdade é que quando te tirei do Leste tive uma ideia genial. – Sorriu a Jon.

– Não me incomoda – dissera este quando estava na cama com Katja –, mas acho que o Karsten continua a amar-te. O mais provável é que esteja a ocultar isso há muito tempo atrás dos seus cânticos de guerra.

– Que ideia! O que acontece é que ele gosta de dar a impressão de que pode ter todas as mulheres que quiser.

– Nesse caso, a que propósito é que vem aquela atitude tão reservada no que respeita à sua vida parisiense? Conta que fotografa o Mitterrand e o ministro da Educação, mas nunca fala do que faz à noite.

– Ir para a cama com mulheres.

Jon virou-se para ela.

– Agora que falas nisso, Katjuscha... – afirmou, começando a acariciá-la.

– A propósito, o que queres fazer no dia do teu aniversário, Jon?

– Ficar em casa com todo o conforto e muito bem acompanhado pelas minhas três mulheres.

– Põe um preservativo, anda – pediu ela.

– Não podíamos ter outro filho, Katjuscha?

– Ficaríamos apertados de dinheiro. Gostava de voltar a trabalhar mais quando a Henriette for para a creche no outono. E não quero que a minha avó cuide das meninas durante dias a fio, só em casos excecionais.

– Pode ser que a coisa corra bem e o Bogdanov me aceite na companhia do Schauspielhaus depois da representação no Malersaal.

Seria o ideal. Perto de casa e com um salário mensal fixo. Jon inclinou-se para abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou de lá um preservativo.

De repente ficou com demasiadas coisas na cabeça para conseguir entregar-se ao amor como devia.

Marike olhou para o homem que cortava rosas no jardim das traseiras. Porque é que lhe fazia lembrar um recém-chegado tardio da guerra? Talvez fosse por causa do gorro forrado a pele com orelheiras e o rosto sulcado de rugas.

– Ainda não conheces o Fred? – perguntou-lhe Henny, que havia entrado na sala de estar com o café.

Marike abanou a cabeça.

– O faz-tudo da pensão da Florentine? A Katja vai lá com frequência.
– O Fred é o novo admirador da Ida?
– Não creio. – Marike não se atreveu a perguntar se a mãe também tinha um admirador. – O Klaus deve estar quase a chegar. Fico feliz por ter os meus dois filhos só para mim.

Henny serviu o café para Marike e para ela e colocou na mesa o prato com as bolachinhas florentinas. Os ponteiros do pequeno relógio que repousava em cima da lareira aproximavam-se das quatro horas.

– Toda a gente confirmou a presença no teatro?
– O Klaus sabe disso melhor do que eu. – Marike julgou ouvir o motor do *Alfa*. Levantou-se e foi abrir a porta.

– Minha querida coorganizadora – saudou Klaus, depositando um beijo na face da irmã.

– Filhos, para que não haja nenhuma dúvida, eu também pago os bilhetes. Seria um presente demasiado dispendioso.

– De maneira nenhuma, o convite é meu e da Marike – replicou Klaus, abraçando Henny.

– Vêm todos?

– De momento, é o que parece – respondeu Klaus. – Sobra um bilhete para o teu misterioso convidado de honra.

– Só queria ter um a mais por via das dúvidas. Nunca se sabe. – Henny serviu café na terceira chávena.

Marike reparou na cesta das revistas, junto à sua poltrona. Pegou no *The New England Journal* e na publicação da Medical Association.

– Não deste baixa das assinaturas?

– O Konstantin costuma lê-las. Gosto quando ele se senta ao meu lado a lê-las.

– Continuam a estar no nome do Theo – referiu Marike.

– O Konstantin que mude para o nome dele, se quiser.

– Eu no consultório só tenho a *Medical Tribune*, que é alemã; mantém-me atualizada e ao corrente de tudo, e bem, por sinal. Através da *Tribune* tomei conhecimento da existência da medicina forense em Münster e constatei que estão aptos a realizar exames de ADN. O que até agora só favorecia os técnicos forenses também pode beneficiar os médicos e os particulares. Eu já enviei para Münster amostras de sangue para esclarecer um assunto.

Klaus comeu um pedaço de bolachinha de amêndoa.

– Relacionado com alguma violação?

– Para determinar uma paternidade – respondeu Marike.

– O quê? – Klaus levantou a cabeça e aproximou-se da janela. Com as mãos nos bolsos, olhou para Fred, que revolia os canteiros das roseiras e misturava a terra com adubo de osso e chifre. Klaus virou-se e o seu olhar recaiu no de

Henny. – E não há margem para dúvidas?

Marike olhou para o irmão, sorridente.

– Acaso tu tens alguma que pretendas apurar?

Henny abanou a cabeça ao de leve, um gesto impercetível de que apenas Klaus se apercebeu.

Klaus sentou-se de novo. Teria estado prestes a dizer a Marike que paternidade é que não era clara?

– Esquece isso – aconselhou Henny depois de Marike se ter ido embora para tratar de assuntos na sua tarde de folga do consultório. – O Lorenz faz vinte anos em junho, o pai dele é o Robert. Mesmo que o Alex fosse o pai biológico, não mudaria nada, a única coisa que conseguirias era confundir o Lorenz.

– Sábias palavras – reconheceu Klaus.

– E tu queres saber, porventura?

Ele encolheu os ombros.

– O Alex gostava. Acho que para ele seria um consolo saber que a sua família continua viva numa pessoa jovem. Desde que começou a envelhecer, dá uma grande importância a isso. No fundo nunca superou a morte deles.

– Isto não lhe diz respeito apenas a ele. A Florentine e a família também teriam de estar de acordo – referiu Henny.

– Não posso ocultar-lhe esta informação sobre os testes de ADN, mamã.

Henny soltou um suspiro. Oxalá Theo ali estivesse.

– Nem deves, mas pensem nas pessoas que se encontram no mesmo barco convosco.

– Claro – retrucou Klaus.

Tinham vivido praticamente a vida inteira como um casal, ao longo de quase quatro décadas só se haviam permitido uma aventura cada um, que em ambos os casos tivera uma grande relevância.

Depois de se despedir de Henny, Klaus foi até à emissora. Estacionou o carro na Oberstrasse e percorreu a pé o curto trajeto que o separava da entrada principal da NDR. Ao seu encontro veio um dos novos técnicos de som.

– Na sexta-feira trabalhamos juntos no seu programa – recordou-lhe o jovem. – Por favor, entregue-me amanhã a lista com os títulos.

Quando a Noite Cai e Klaus Lühr em breve seriam dinossauros, mas o novo chefe do departamento de música ligeira que havia ocupado o cargo de Thies não queria mudar o conceito. A Klaus ainda lhe restavam sete anos, isto se a rádio pública não procedesse a modificações na regulamentação da idade da reforma. Por fim, Alex seria o último a ficar nos estúdios.

Viu que na secretária do seu gabinete havia um bilhete: «Por favor, dirija-se

ao grande auditório.» Acabava de chegar da Oberstrasse. Klaus foi à secretaria para se informar melhor, mas não estava lá ninguém.

Saiu do edifício, atravessou de novo a Rothenbaumchaussee, passou à frente do *Alfa* e subiu as escadas da antiga sinagoga. Experimentou o manípulo à espera de encontrar a porta fechada, contudo, estava aberta.

Parecia que acabavam de evacuar o lugar; é claro, quem é que ali estaria às cinco da tarde de uma quarta-feira? Uma das portas do auditório não estava fechada e chegaram-lhe aos ouvidos os primeiros acordes de *Rhapsody in Blue*. Sobre o parquê desguarnecido, no palco da sala quase vazia, erguia-se o piano negro. Alex parou de tocar.

– Estás aqui sozinho? Não devias ter fechado a porta?

– Se o tivesse feito, não poderias ter entrado.

– Desde quando é que chamas ao estúdio 10 «o grande auditório»? – quis saber Klaus.

– Telefonei à vossa secretária para lhe pedir que te dissesse que me encontrava no estúdio 10 e que gostaria que passasses por cá para falar comigo, se pudesses.

– Digamos que ela resumiu um pouco o recado no bilhete que me deixou.

– Quero tocar uma coisa para ti, Klaus.

Este não lhe disse que poderia tê-lo feito no piano da emissora. Sentou-se numa das cadeiras de estrutura de aço e então compreendeu por que motivo Alex queria tocar ali e naquele piano. O som era magnífico e deu a impressão de que a mão esquerda de Alex fazia tudo o que tinha de fazer nos escassos catorze minutos que durava a obra.

Klaus permaneceu calado durante alguns segundos.

– Foi magnífico – disse ao fim de um bocado.

Alex sorriu, rodou as mãos e ficou a contemplá-las.

– Eu e o Robert vamos gravar esta peça. Sem contrato. Assim ninguém mete o bedelho em nada.

– E como é que vais fazer um álbum apenas com esses catorze minutos?

– Vamos acrescentar várias peças do *Songbook* de Gershwin.

– E a quem é que irão propor o lançamento desse álbum?

– Talvez à Verve.

– São muitas as portas que se abrirão – vaticinou Klaus.

– Vais voltar para o gabinete?

– Não. O técnico terá a lista na sexta-feira, não antes disso. Não tenciono permitir que me tiranizem. Muitas vezes o Robert não sabia o que íamos pôr a tocar até à própria tarde em que se emitia o programa.

Quando iam no carro em direção a casa, Klaus aludiu à outra porta que se havia aberto.

– Dantes desejava-o e agora sinto medo. Klaus, será que posso fazer tal coisa

ao Lori? Talvez na realidade eu não seja mesmo o pai.

– Fala com o Robert. Afinal de contas, agora vão passar muito tempo juntos.

– Talvez prescindia do direito de saber – afirmou Alex quando saíram do elevador e começaram a subir as escadas até ao quinto andar.

– És um covarde.

Alex esboçou um sorriso fatigado.

– Isso não é novidade nenhuma.

A jovem de cabelo louro-avermelhado segurava nas mãos umas túlipas que entregou a Henny.

– Entra – convidou esta –, o frio está de volta.

No primeiro dia de março, Vivi tinha ido até à Körnerstrasse sem saber que agora Konstantin vivia ali. Só queria visitar Henny.

Nesse dia calhava a Konstantin fazer um turno longo na Finkenau e por isso ele e Vivi não se cruzariam.

– Não deixei de amá-lo – admitiu Vivi. – Foi um grande erro deixá-lo partir.

– Os erros podem ser corrigidos – replicou Henny, e contou-lhe a sua história com Theo.

Nesse dia, no entanto, Konstantin chegaria mais cedo, e Henny não deixou as coisas nas mãos do destino. Quando a felicidade batia, era necessário abrir-lhe a porta. Acaso não sucedia a mesma coisa com o amor?

Konstantin reconheceu a voz da pessoa que conversava com a avó enquanto despia o sobretudo no corredor. Estava pálido quando entrou na sala de estar e se deparou com Vivi. Dava a ideia de que se encontrava em estado de choque, mas correu tudo muito melhor ali, diante da lareira da casa, do que no *foyer* do teatro.

Ao fim de um bocado, Henny retirou-se para a cozinha.

Maio, 1990

Klaus já estivera uma ocasião na sala de espera do consultório de ginecologia da sua irmã, a folhear revistas, constrangido, tentando ignorar os olhares curiosos das mulheres. Outrora, quando o seu homófobo pai empreendera uma espécie de caça às bruxas e os perseguira, a ele e a Alex, a lei estava do lado de Ernst.

«A fornicação contranatura, praticada entre pessoas do sexo masculino, acarreta pena de prisão.» Artigo 175.

Agora viviam em tempos mais indulgentes.

Klaus ergueu os olhos quando Gesche abriu a porta. A senhora que estava sentada duas cadeiras mais afastada apanhou a toda a pressa o conteúdo da mala de mão, que havia espalhado em cima da mesinha de apoio de vidro. Nesse momento encontrava-se sozinho na sala de espera, tinha a última consulta da manhã.

Desde aquele dia de março em que ficaram a saber da sua existência, Alex e ele tinham falado até à exaustão sobre a possibilidade de efetuar um teste de ADN. E agora, como que caído do céu, Alex tinha-lhe pedido que falasse com Marike a fim de saber em que consistia.

Como que caído do céu. No domingo tinham-se sentado na varanda pela primeira vez da parte da tarde, corria uma brisa cálida, como se se encontrassem no Mediterrâneo e não perto do Alster. Alex levantou-se e, apoiando as mãos na balaustrada, contemplou o céu cor de alperce.

- Falei com o Robert sobre o teste de ADN.
 - E o que foi que ele disse?
 - Que me atrasava em *Somebody Loves Me*.
 - Caramba, isso quer dizer que tiveram uma conversa profunda sobre o assunto. – Klaus abanou a cabeça, que maneira de fugir das coisas.
 - Também é preciso contar ao Lori?
 - Sim, a não ser que sejam capazes de lhe tirar sangue às escondidas.
- Alex parecia atormentado quando se sentou ao seu lado num dos cadeirões de vime, que rangeu sob o seu peso, e pegou na mão de Klaus.
- Gesche apareceu de novo à porta a fim de o informar de que podia entrar

para falar com Marike. Klaus levantou-se, estava nervoso.

– Em que problema de natureza ginecológica é que posso ajudar-te? – perguntou-lhe a irmã, sorridente, do outro lado da secretária.

Klaus decidiu lançar-se à água fria de cabeça.

– É possível que o Alex seja o pai do Lorenz.

Marike não disse nada.

– Desde quando é que sabes disso? – perguntou ao fim de um bocado.

– Que ele tinha ido para a cama com a Florentine soube-o na mesma noite em que aconteceu. Que podia ser ele o pai, no dia em que me pôs em cima da mesa o exemplar da *Paris Match* onde apareciam as fotos da Florentine grávida.

– As coisas por que te faz passar.

– Eu também o fiz passar por uma coisita ou outra – admitiu Klaus.

– Por exemplo?... – Marike esticou os lábios como se fosse assobiar.

– Foi uma grande sorte não o ter contagiado com sida.

A irmã arredou a cadeira e levantou-se. Aproximou-se da janela e contemplou o canal.

– Estás a pregar-me alguma partida com uma câmara oculta? – Marike olhou em redor para ver se descobria a câmara.

– Imprevistos da vida. Tive a sorte de poder submeter-me a um dos primeiros testes de sida que se realizavam e livrar-me depressa do medo. O Theo fez os possíveis, mexeu os seus cordelinhos em Maryland, a Katja levou o frasquinho com o meu sangue quando estive nos Estados Unidos.

Marike não assobiou, mas da sua boca saiu imenso ar. Um profundo suspiro.

– E porque é que pensaste que tinhas sido contagiado?

– Porque o homem com quem tive um caso de uma noite em Nova Iorque morreu de sida.

– Outro escândalo na família – retorquiu Marike. – Em comparação com isso, o meu é muito mais inofensivo. – Sentou-se à mesa e abriu a gaveta. Logo em seguida, entregou a Klaus o recibo de uma florista.

– A quem foi que enviaste cinquenta rosas vermelhas? – perguntou ele.

– Um clássico. Levei o *blazer* do Thies para a tinturaria, pois entornou-lhe um *cocktail* peganhento em cima. Que não tomou comigo.

Klaus ficou boquiaberto. Thies trabalhara durante demasiado tempo na NDR, acaso tinha de pedir recibo de tudo?

– Sabes para que morada é que enviaram as rosas?

– Neste momento sei que vive lá uma antiga secretária dele. Talvez aprecie mais do que eu o seu novo estilo de vestuário.

Klaus tentou recordar-se das secretárias de Thies, mas não conseguiu.

– As escapadelas de um homem idoso. Tiraste satisfações com ele?

- Ainda não. Voltemos às escapadelas do Alex.
- Faz isso, o quanto antes. Pode ser que haja uma explicação inocente.
- Para cinquenta rosas vermelhas?
- A quem é que é preciso tirar sangue, Marike?
- Ao garoto, à mãe e aos possíveis pais. E todos têm de assinar em como concordam que se realize o teste de ADN. Incluindo o Lorenz, que é maior de idade.
- Será que é imprescindível deixarmos o Lori desnorteado antes do tempo?
- Pensem bem no assunto – recomendou-lhe Marike.

Henny pousou a bandeja em cima da mesa do jardim: uma garrafa de água gaseificada *Bismarck*, um prato com sandes. Fred sorriu e foi buscar a camisa, que havia deixado em cima do banco de madeira. Tinha-a despido sem a desabotoar e vestiu-a da mesma maneira.

– Obrigado pelo lanche – disse quando Henny se preparava para entrar em casa.

Ida estava debruçada na janela.

– Desenvolveu uns belos músculos a trabalhar no teu jardim – observou. – E também está bronzeado.

– Já o tinhas visto seminu?

Ida suspirou.

– É uma vantagem não ser invisível. O Fred olha para mim de uma maneira especial e devo admitir que também gosto de namoriscar.

– O homem tem cinquenta e tantos anos. Se não me engano, em agosto tu vais fazer oitenta e nove.

– Ainda assim, sou mais nova do que tu. Também gostei do ilusionista do Teatro Hansa. Foi uma belíssima ideia comemorar ali o teu aniversário. – Esboçou um sorriso conciliador. – Deixa que eu me divirta um bocadinho. Além do mais, o único homem com quem posso namoriscar é o Fred. O Emil não sabe se quer ser rapariga ou rapaz e o Karsten nunca cá está.

– A Katja diz que ele é um mestre do engate.

– E?... Comigo não tenta nada. Só gosta de raparigas novas.

Ida sentou-se à mesa redonda e baixa, onde Henny pousara as taças de vidro com gelado, morangos e natas.

– A comida é o sexo da velhice – declarou Ida –, apesar de nunca me ter interessado em demasia pelo sexo, do que eu gosto mesmo é das carícias.

Henny sentou-se em frente da amiga. Continuava a usar o cabelo pelos ombros, pintado com tinta cor de mel; nos olhos azuis, um risco negro, rímel; um lápis de lábios que Ida já quase havia comido. Era uma mulher idosa, porém atraente.

– Sempre foste a mais bonita de todas.

Ida encolheu os ombros.

– Perdi o brilho e o viço – lamentou-se. Não era verdade, ainda havia resquícios visíveis deles. – Embora eu também tenha gostado do ilusionista.

– Estavas sentada na sexta fila e tinhas o prato com os canapés de enguia à frente, e o ilusionista estava lá em cima, no palco.

Ida esticou o lábio inferior e amuou, como uma criança pequena.

– Mesmo assim – insistiu. – Não sejas sempre tão sisuda. A propósito, correu bem a tua tentativa de alcoviteira?

– O Konstantin e a Vivi? Ela abandonou o emprego no hospital de Lübeck e vai voltar para o UKE. Vem viver para aqui.

– A casa voltará a ficar cheia.

Henny levantou-se.

– Sobrou gelado com morangos para o jardineiro – disse, e ao passar à frente do piano sorriu para a fotografia de Theo.

– Eu levo-lho ao jardim – ofereceu-se Ida. – E a senhora Kuck?

Acabava de lhe cair o último morango da colher em cima da toalha branca. Deixara uma feia nódoa vermelha.

– Agora vem uma vez de quinze em quinze dias – retorquiu Henny da cozinha. – Já não pode mais do que isso. Também já não faz as limpezas na casa da tua filha.

– Não – respondeu Ida quando Henny voltou para a sala. – Agora é o Fred quem faz tudo. – Pôs-se de pé a fim de lhe levar o gelado.

Alex estava a tocar *Oh, Lady Be Good*. Olhou através do vidro para Robert, que assentiu. Se continuassem assim, nesse dia também poderiam gravar o título seguinte; tinham à sua disposição o estúdio com a mesa de gravação até finais de maio. Haviām de conseguir.

Não tinham voltado a falar do teste desde há alguns dias. Teria Robert comentado o assunto com Florentine? Alex não perguntou. Receava perder a concentração de que necessitava para as gravações.

Estaria obcecado em forçar de repente o assunto do teste? Pela brisa cálida e pelo céu cor de alperce e também pela memória da sua família, que tinha abandonado pouco antes de ter eclodido a guerra. Klaus não suportava o braço de ferro que aquela situação implicava. Primeiro atazanar-lhe o juízo para envolver Marike e depois voltar atrás.

– Vamos esticar as pernas – propôs Robert. Já estavam enfiados no estúdio há seis horas.

Subiram até à Rua Lange Reihe para ir ao Frau Möller, um barzinho que fazia esquina e tinha mesas cá fora. Beberam cerveja.

- Achas que isto é necessário? – perguntou Robert.
- Devia Alex contar o que Tian dissera no dia anterior à sua morte?
- Já conversaste com a Florentine? – quis saber.
- Sim – respondeu Robert. – Caso o pai sejas tu, vai pedir-me para casar com ela.
- Tu és o único com quem ela faria tal coisa.
- Só por isso, já estaria disposto a submeter-me ao teste. No entanto, não nos atrevemos a falar com o Lori.

Voltaram para o estúdio e tocaram *Let's Call the Whole Thing Off*. Alex nunca havia trabalhado tão bem com um engenheiro de som como o fazia agora com Robert.

Muito bem. Iriam dar um passeio. Marike mostrou-se irritada quando Thies lhe passou o braço pela cintura; ele ergueu as sobrancelhas e fez cara de surpresa. Não havia nada que pudesse estragar-lhe o bom humor. E, como era óbvio, não se sentia culpado.

Começou a falar das negociações que estavam a entabular as antigas potências vencedoras com as duas Alemanhas de modo a deixar o caminho livre à reunificação. A primeira das quatro conversações tivera lugar no início de maio em Bona.

- A verdade é que não quero falar contigo sobre as negociações dois mais quatro – disse Marike quando se sentaram num banco nas margens do Alster.
- Estás a esquivar-te aos assuntos que nos dizem respeito.

– Aconteceu alguma coisa aos miúdos? – perguntou Thies.

– A quem foi que enviaste cinquenta rosas vermelhas? – Esperava que ele soltasse uma gargalhada e lhe desse uma explicação inofensiva que eliminasse de uma assentada todas as suas preocupações e lhe devolvesse a alegria?

– Com que então é isso. Deixei o recibo por aí?

Marike ficou calada.

– Tu e eu temos a mesma idade – referiu ele.

– E eu tenho o dobro dessa das rosas, é isso?

– Parvoíces. Tu és a médica competente com consultório próprio na Neuer Wall e eu há três anos que não passo de um ex-chefe de divisão da NDR.

– O facto de teres perdido importância? – perguntou Marike. – É isso que te preocupa?

– Gostavas de ter abandonado tudo aos sessenta e cinco anos?

– E por isso andas por aí a fazer figuras ridículas com essas calças de cabedal e ainda por cima arranja uma amante?

– Não é minha amante.

– Então é o quê?

– Uma mulher a quem este velho tolo aqui enviou rosas. Pouco depois de me ter reformado, disse-te o quanto gostaria de viajar contigo.

– Thies, eu tenho o consultório e vou continuar à frente dele pelo menos até o Konstantin concluir a especialização e se encontrar capacitado para o dirigir sozinho.

– Está-me a soar que deverá ser quando as galinhas tiverem dentes.

– Palpita-me que deverá ser no final de 1992.

– Aí vem o futuro ginecologista – observou Thies. – E a Vivi vai ser a nossa futura nora?

Marike encolheu os ombros e dessa vez permitiu que Thies lhe passasse o braço pela cintura e a atraísse para si.

– Essa das rosas já passou à história – garantiu –, mas leva a sério a crise por que estou a passar.

– Talvez possamos ter uma relação como a dos meus pais – dizia Konstantin nesse momento. – Tanto quanto me lembro, nunca passaram por nenhuma crise.

– Eu por mim guio-me pela Henny e pelo Theo – respondeu Vivi. – É a história de amor mais bonita que conheço.

Depois chegaram ao pé do banco onde os pais de Konstantin estavam sentados.

Rhapsody in Blue foi gravada no piano *Bösendorfer*, juntamente com mais onze canções do *Songbook* de Gershwin. Nesse penúltimo dia de maio só faltava uma: *The Man I Love*.

A secretária do chefe do estúdio entreabriu a porta da sala de controlo.

– Está aqui o seu filho, senhor Langeloh – anunciou. Robert fez um sinal a Alex com a mão e premiu o botão do intercomunicador.

– Podemos fazer uma pausa?

– Vou tocar um pouco sozinho – propôs Alex. – Aconteceu alguma coisa? – Mas então avistou Lori do outro lado do vidro. Caras sérias. Teria acontecido alguma coisa a Ida?

– A mamã falou comigo sobre as duas vezes em que entregou o coração – disse Lorenz assim que entrou na sala de controlo.

– Diz-me o que é que sabes, Lori.

O interpelado apontou com a cabeça para a outra sala.

– Que nem sempre ele foi fiel ao Klaus. O Alex ouviu uma vez o canto da sereia da Florentine, tal como tu mesmo lhe chamaste, e foi precisamente nesse momento que eu fui gerado.

– Ai, Lori – respondeu o pai. – Não sabes o quanto lamento que sejas

obrigado a viver esta situação embaraçosa.

– Tu és o único a quem não se pode censurar nada – afirmou Lorenz. – Acho que o Alex devia estar aqui.

Robert premiu o intercomunicador de novo.

– Importavas-te de dar aqui um pulo por um momento? – pediu.

Alex agradeceu por Robert lhe ter oferecido uma cadeira. Não era fácil para si sustentar o olhar de Lorenz, mas fê-lo.

– Sempre gostei de ti, Alex, mas fica-me aqui entalado um pouco o facto de poderes ser meu pai – admitiu o rapaz.

– O Robert foi o pai que estive ao teu lado desde o dia em que nasceste, o pai que te ama e que cuida de ti, Lori, e isso é algo que nunca mudará.

– E, no entanto, queres saber a verdade – comentou Lorenz, olhando para Alex como se o visse pela primeira vez. Virou-se para Robert: – E tu?

– Tu és meu filho, Lori, diga um teste o que disser.

Lorenz assentiu.

– Acho que eu também quero saber a verdade – decidiu, despenteando o cabelo negro de Robert. – A sério, papá, devias deixá-lo branco.

Julho, 1990

– Lamento muito que tenhas de passar por isto, Lorenz – desculpou-se Marike ao mesmo tempo que introduzia a agulha na veia do rapaz e enchia o frasquinho de sangue. – Os teus pais têm hora marcada para esta tarde.

– Talvez tenha sido melhor que entre tomarmos a decisão e o momento presente se tenham passado quatro semanas – ponderou Lori. – Quando apareci no estúdio, ainda me incomodava demasiado a ideia de que outro homem que não fosse o Robert pudesse ser meu pai.

– É compreensível. – Pôs-lhe uma gaze no braço e pediu-lhe: – Pressiona com força.

– O que foi que sentiste quando descobriste que o teu irmão era *gay*?

– Receio bem que no início não tenha levado a sério; afinal de contas, o Klaus só tinha dezasseis anos quando nos contou.

– Achaste que acabaria por lhe passar.

Marike sorriu.

– Isso foi o que pensou a nossa avó. – Em seguida, pôs-lhe um penso no braço. – Incomoda-te de alguma maneira que o teu possível pai biológico seja *gay*?

– Ao que parece, é mais bissexual.

Marike assentiu.

– O Klaus teve sempre de lidar com essa ambivalência.

– A propósito, conseguiste salvar o teu casamento em San Remo?

– São palavras tuas?

– Da Florentine.

– O Alex é um homem maravilhoso. Quando entrou na vida do meu irmão, ficámos todos felizes: a minha mãe, o Theo, o Thies e eu. Se o teste der positivo, terias dois pais incríveis.

– A verdade é que gosto do Alex. Quando é que saberemos?

– No final do mês. As amostras de sangue irão para Münster amanhã de manhã bem cedo.

– O Alex já veio?

– Virá esta tarde – retorquiu Marike. – E o meu casamento está melhor. –

Sorriu. – A verdade é que em ti só vejo a Florentine.

Em junho, Marike encerrou o consultório durante três semanas. Gesche fez imensos telefonemas para adiar consultas e consolar as pacientes. Três semanas em Itália, um dia ela e Thies tinham sido felizes em San Remo.

Fez-lhes bem, Thies sentiu que ela prestava atenção à crise em que a perda de importância o havia mergulhado. Falaram sobre possíveis caminhos que podiam seguir enquanto comiam *torta di verdura* na Cantine Sanremesi, com vista para o mar.

Ele não era o tipo de avô que ia ao parque infantil, mas talvez pudesse ser o sogro que apoiava Jon, que estava atento às datas importantes, que negociava contratos. Embora tivessem aceitado Jon na companhia do Schauspielhaus para a nova temporada, o trabalho de ator era uma espécie de mercearia onde se ofereciam peças radiofónicas, leituras, sincronização. A agência de Berlim possuía demasiados clientes, e nesse aspeto a atenção que Thies dispensava era individual, os contactos que havia feito ao longo de uma extensa vida profissional podiam ser de grande utilidade. Foi fácil convencer Jon.

– Tire esta tarde de folga, Gesche – ofereceu Marike. – Eu encarrego-me dos últimos pacientes.

– Três pacientes do sexo masculino hoje. Não é algo habitual. – Gesche teria gostado de ficar para ver o pianista. Fazendo um pouco de ronha de propósito, conseguiu cruzar-se com ele lá em baixo, na entrada. Gesche esteve quase a desejar boa sorte a Alex Kortenbach.

– Há alguma possibilidade de ter sido a tua assistente quem acabou de me dirigir um sorriso como que a animar-me? – perguntou este a Marike.

– Pode muito bem ter sido. A Gesche acaba de sair. Agora tenho a certeza absoluta de que a privei do prazer de te conhecer, é tua admiradora.

– E sabe a razão que me trouxe aqui?

– Alex, a minha assistente também está obrigada a guardar sigilo profissional.

– Agradeço-te por podermos deixar este assunto nas tuas mãos. Se o Lori não tivesse dado um empurrãozinho, é possível que eu ainda continuasse a remoer o assunto. – Alex assumiu uma atitude resoluta.

– Como é que o meu irmão encara tudo isto?

– Bom, o Klaus há vinte anos que vive com esta ideia. O facto de o Lori ser maior de idade facilita muito as coisas. Entre mim e o Robert não existe nenhum tipo de rivalidade, pois foi ele quem criou o garoto.

Marike fechou o frasquinho e etiquetou-o.

– Dentro de pouco tempo saberemos mais, meu querido cunhado.

Jon não gostava de conduzir; havia tirado a carta no Ocidente, mas, se o percurso fosse longo, cedia de boa vontade o volante a Katja.

Entre Hamburgo e Berlim, o trajeto era longo?

Para Jon era a mesma coisa que dar a volta ao mundo. O coração batia-lhe acelerado quando deixaram para trás Gudow, no estado de Schleswig-Holstein, e chegaram ao posto fronteiro pouco antes de Zarrentin, em Bezirk Schwerin. Como se ainda pudessem cair barreiras e disparar tiros.

No entanto, ninguém saiu das guaritas para pedir uma autorização que lhes permitisse cruzar essa fronteira. Katja, as meninas e ele seguiram pela Autoestrada 24 sem que ninguém os incomodasse e passaram por Ludwigslust, Parchim, Herzsprung, Fehrbellin, até que viram sinalizada a saída de Halensee e Kurfürstendamm.

– Não tenhas medo, papá – tranquilizou-o Caroline. – Nós estamos aqui contigo.

Era o primeiro dia das férias de verão, que haviam começado com uma viagem a Berlim. Dormiram duas noites numa pensão da Bleibtreustrasse, um lugar histórico ao qual Katja queria voltar. Muitos lugares históricos aguardavam por eles.

À tarde transpuseram a Porta de Brandeburgo, atravessaram a Praça de Paris e enfiaram pela Avenida Unter den Linden. Nesse momento, Jon ia ao volante do velho *Isabella* e conseguiu chegar a Prenzlauer Berg e à Rua Strassburger.

– É tudo muito mais cinzento do que eu me recordava – opinou. Leu os nomes desconhecidos na porta e hesitou se devia tocar à campainha de pessoas que não conhecia.

– Caramba, se não é um dos Feldmann. Aqueles que fugiram a sete pés.

Jon estremeceu e virou-se para a mulher que acartava com uns sacos de rede. Não a tinha visto pela última vez num dia de novembro quase dez anos antes, quando foram buscar o piano? Talvez fossem demasiadas recordações.

– Bom dia, senhora Kopenke – disse, cumprimentando-a. Viera-lhe à ideia o apelido dela.

– Vens, papá? – perguntou-lhe Caroline do outro lado do passeio. O olhar da sua antiga vizinha dirigiu-se então para Katja, Caroline e Henriette, que estava no carrinho. A velha fez um breve aceno de cabeça e abriu a porta. Jon foi ter com a família, que se encontrava à frente da velha cervejaria.

– Vamos à Pratergarten – propôs ele.

Primeiro passaram defronte do Volksbühne e foram ao Cemitério de Santa Maria e São Nicolau, mas Jon não encontrou o túmulo dos seus pais. Talvez Stefan tivesse razão, que ainda achava cedo de mais para empreender aquela viagem sentimental.

– Amanhã passamos o dia no lago Wannsee – decidiu Katja.

Jon tinha a impressão de se ter afastado muito, mas, quando viram um homem que fazia girar a manivela de um realejo de Bacigalupo diante da cervejaria ao ar livre da Kastanienallee, quase rompeu em lágrimas.

Se não fosse por Henny e pela segurança que a Körnerstrasse lhe proporcionava, Vivi teria tido mais dificuldade em viver com Konstantin, que fazia imensos turnos na Finkenau para abreviar desse modo o caminho para ser ginecologista.

– Se não fosse por ti, Henny, estaria sozinha num apartamento de duas divisões à espera que o Konstantin voltasse para casa – declarou Vivi ao mesmo tempo que dirigia um jato de água para as raízes do grande ácer e olhava para Henny, que se encontrava sentada num banco.

– Tu também fazes muitos turnos.

– Mas quando estou de folga também me divirto, em vez de ler as publicações especializadas até as desgastar.

– Isso foi algo que ele herdou do avô – elucidou Henny. – Acho que o jardim já está regado mais do que o suficiente, vem sentar-te ao pé de mim. – Como Vivi estava bonita com o alegre vestido que comprara numa loja chamada Hasi und Mausl, o verão refletindo-se nos braços e nas pernas ao léu. Embora fosse de pele rosada, bronzeava-se com facilidade.

Vivi enrolou a mangueira e levou-a para a garagem, onde de vez em quando se guardava o *Volkswagen* descapotável, que nem mesmo lá dentro conseguia livrar-se da ferrugem. Quando voltou para o jardim, levava consigo uma travessa de groselhas para tirar o pedúnculo às bagas.

– «As mãos precisam de estar sempre ocupadas.» Já dizia a minha mãe, para quem sempre lhe importaram mais as mãos do que a cabeça.

– Foi por isso que não estudaste Medicina? – quis saber Henny.

– Precisava de levar dinheiro para casa, não podia dar-me ao luxo de passar onze anos a estudar.

– Lamentas não ter contacto com a tua mãe?

– Não. É a única maneira, ela era viciada em mim, como se fosse uma droga, e agora ao que parece desintoxicou-se. Fico feliz por a RDA estar aberta e que ela tenha ido viver para Juliusruh, com a minha tia. De certeza que foi de uma grande ajuda.

– Como é que imaginas a tua vida, Vivi?

– Vejo-me a constituir uma família com o senhor doutor ginecologista.

– Vais esperar até ele fazer a especialização?

– É isso que o Konstantin quer.

Henny assentiu. Sem dúvida de que a sua época também havia trazido as suas vantagens, a pílula gerava novas condicionantes. Era possível planear-se a

vida com toda a riqueza de pormenores.

– Duas assoalhadas é suficiente para vocês? Dentro de pouco tempo poderia deixar o quarto de dormir.

– Ainda sobes as escadas sem problema nenhum.

– Não te acanhes em dizer-me se quiserem ter mais espaço.

– Para o Konstantin, esta é a tua casa, e eu também acho o mesmo.

– Gostava tanto de conhecer um filho vosso – declarou Henny. Ergueu os olhos quando Konstantin entrou no jardim.

Nem ela nem Vivi estavam a contar que ele chegasse tão cedo.

Assomado à janela da sala de descanso do pessoal, Konstantin contemplava o dia estival quando o diretor clínico entrou na sala.

– Tire o resto do dia livre – disse Havekost. – Com as horas extraordinárias que já fez daria para cobrir uma vaga. Hoje não há muito que fazer, a não ser que surja alguma emergência.

Konstantin quase achou estranho o tempo livre que acabavam de lhe conceder, mas, quando se viu fora da clínica, dirigiu-se para o seu carocha, baixou a capota e arrancou, sendo invadido pela felicidade ao sentir o vento cálido, ao ver o céu azul-escuro. Tentou lembrar-se se Vivi estava a trabalhar nesse dia; se não estivesse, convidá-la-ia para dar uma escapadela, quiçá até Timmendorf, à praia.

No entanto, por fim não se afastaram muito, optando por ir ao Alster. «Podíamos alugar uma canoa», sugeriu Konstantin. «Ou então apanhar o vapor.» Mas também não fizeram nada disso, limitando-se a sentar-se na relva, perto do lugar onde antes se erguia o Uhlenhorster Fährhaus, que agora era apenas um extenso relvado. Contemplaram o resplandecente Alster, os veleiros e os cisnes.

– Os cisnes têm um único companheiro para a vida inteira – contou Vivi.

Konstantin sorriu.

– Podíamos casar – retorquiu.

– É outra opção para passar a tarde? – perguntou Vivi. – Em vez de apanharmos o vapor? – Sempre fizera tenções de se casar. Embora só tivessem falado sobre ter filhos, para ela não havia a menor dúvida. Qualquer outra coisa dificilmente se coadunaria com Konstantin. Não lhe chamara a atenção a primeira vez que o vira, no autocarro, quando ambos tinham apenas dezassete anos? Konstantin irradiava uma tremenda formalidade.

– Que outra coisa poderia ser, senão uma proposta de casamento? – replicou ele. – Não precisa de ser hoje nem tão-pouco amanhã. Primeiro continuo a querer fazer a especialização e começar a trabalhar no consultório da minha mãe.

– Para isso ainda faltam séculos – objetou Vivi, acariciando-lhe a fina penugem do antebraço nu. Konstantin tinha arregaçado as mangas da camisa azul-celeste.

– Apenas dois anos. Até finais de 1992.

– Quase dois anos e meio.

– Nessa altura, tu e eu teremos apenas trinta anos – acrescentou ele. Devia ter-se calado em lugar de a ter pedido em casamento. Vivi mostrava-se um tanto ou quanto obstinada quando se tocava nesse assunto. Virou-se para ela e começou, por sua vez, a acariciar-lhe a pele. – És tão bonita... Uma homenagem ao verão. – Debruçou-se sobre ela e beijou-a. – Temos a vida inteira pela frente.

Pelo céu passaram gansos selvagens emitindo grasnidos ásperos e roucos.

– Cinzento – disse Jon. – Era tudo cinzento, Stef. Até mesmo num dia límpido de julho. Buracos de balas nas paredes. Nem sequer me lembrava de que se encontravam por toda a parte. – Olhou para o verde do pátio, para a varanda do quarto das filhas, onde estavam sentados. Durante os dois anos que passaram juntos em Hamburgo, aquele tinha sido o quarto de Stefan.

– É a falta de hábito. Dantes não nos chamavam a atenção.

– Fizeste bem em não ter ido lá tão cedo, Stef.

No pátio reinava a calma, nem chapões, nem salpicos, nem gritos: férias. Viajar com a família, ao que tudo indicava, era algo que todos os vizinhos davam como certo. Depois dos dias que haviam passado em Berlim, Katja e ele tinham ido mais uma semana com as filhas para Eckernförde. Não se tinham podido dar ao luxo de prolongar os dias de descanso. Embora Alex não quisesse cobrar-lhes juros e lhes concedesse todo o tempo do mundo para pagar o empréstimo, para Katja e Jon era muito importante não se atrasarem nos prazos.

– «Aqueles que fugiram a sete pés» – repetiu Stefan, depois de Jon lhe ter contado sobre a velha Kopenke. – É essa a cordialidade do Leste.

– Também te pode acontecer o mesmo em Grunewald. «Tenho cara de serviço informativo?», largou-nos um quando lhe perguntámos qual era o caminho para Wannsee.

– O túmulo já lá não estava?

Jon abanou a cabeça.

– Vou escrever à administração do cemitério.

– Vão dizer-te que não foram capazes de localizar os dois fugitivos da República para lhes oferecer uma renovação.

– E a mim espera-me o mármore branco do jazigo familiar do pai italiano do Rudi. No ano passado renovaram o túmulo por mais vinte e cinco anos.

- Nesse caso, vão ter de voltar a renová-lo antes de te meterem lá dentro.
- Daqui a vinte e cinco anos, ainda nem sequer terás oitenta anos.
- Talvez o Rudi e a Kätke já não fiquem entre nós por muito tempo.
- Afeiçoaste-te muito à família da Ruth – constatou Jon.
- Stefan assentiu.
- E à da Henny também – retorquiu.

Marika esperou que a última paciente se fosse embora antes de abrir a carta que havia chegado de Münster. O abre-cartas parecia um estilete, Thies tinha-o comprado numa loja da Via Roma, em San Remo.

Um primeiro papel com o resultado. Depois outro com a explicação. Pegou no telefone e ligou para a Sierichstrasse. Leu a Florentine o que dizia na primeira folha de papel. Depois Marika levantou-se, aproximou-se da janela e abriu-a. O canal cheirava a verão e a calor, a flores, a podre. Voltou para a sua secretária e brincou com o cabo em espiral do telefone antes de marcar o número da Schwanenwik.

Florentine voltou para a varanda, onde se encontrava sentada com Robert quando o telefone tocara.

- Quem era? – indagou ele.

Florentine deparou-se com um olhar de surpresa quando foi até aos gerânios, cortou uma flor de um vermelho-vivo e lha ofereceu.

- Casa comigo, *husky* – pediu.

Klaus encontrava-se ao pé da secretária quando o telefone tocou, a preparar-se para pegar numa folha de papel a fim de efetuar anotações para o programa do dia seguinte, sexta-feira. Saiu para o terraço, onde Alex lia o suplemento cultural do *Zeit*.

- Posso propor-te uma coisa?

Alex ergueu os olhos.

- Claro, sempre.

– Liga ao Robert e pergunta-lhe se a ele, à Florentine e ao filho lhes apeteceria vir até cá a casa beber connosco uma garrafa de vinho no terraço.

- Era a Marika ao telefone? – perguntou Alex.

Klaus assentiu.

- És tu o pai.

Janeiro, 1992

– Quer então dizer que vocês se casaram? – Ida examinava as unhas: o luminoso branco nacarado que Emil lhe havia aplicado começava a lascar.

– Mas tu estiveste presente, mamã. Já foi há mais de um ano. Não te lembras do vestido que usaste? O de gola alta?

– Lembro-me. Assim não se viam as rugas do pescoço. Se bem que para comer fosse um martírio, ficou todo manchado de molho.

Essas nódoas já lá não estavam, há muito que haviam mandado o vestido para a tinturaria. A vida quotidiana interessava cada vez menos a Ida.

A apontadora idosa encontrava-se agora umas ruas mais abaixo, na Casa de Repouso São Mateus, mas Ida ficaria com a família, embora apresentasse mais esquisitices a cada dia que passava. O fardo podia ser dividido entre muitas costas: Lori estudava e continuava a viver em casa, Etta estava no décimo segundo ano no Johanneum, Robert tinha liberdade de movimentos apesar de trabalhar no estúdio de An der Alster, e além disso contavam com Fred. Resgatar da rua o afetuoso vagabundo tinha sido uma das ideias brilhantes de Florentine.

Casar com Robert, outra. Para quê ser escrava dos seus próprios princípios? Era necessário rever de forma constante os planos que se faziam, uma certeza que se afigurava nova e refrescante. A promessa, talvez frívola, de o pedir em casamento se a paternidade acabasse por pertencer a Alex revelara-se uma boa ideia. Agora divertia-a chamar «marido» a Robert.

Florentine tinha talento para a vida.

– Vens comigo visitar a Henny? Vamos tomar o pequeno-almoço juntas.

Esperava que assim fosse e que não tivessem de voltar a tirar Henny do duche. Apesar de Henny ser mais velha do que Ida, pensava com absoluta clareza.

– Mas o melhor é tirares esses sapatos de salto de verniz e calçares as botas forradas a pelo, mamã – sugeriu Florentine. – Há neve nas ruas.

– Acontece que as botas não realçam as pernas – objetou Ida.

Henny retirou as chávenas de Konstantin e de Vivi, era frequente tomarem juntos o primeiro café do dia, e em seguida pôs os talheres para Ida e Kätke e adicionou ao pequeno-almoço uma das compotas de Klaus e a salada de gambas da peixaria da Rua Mühlenkamp. Sem pãezinhos, uma vez que Ida receava pelas suas coroas dentárias, mas Henny havia pedido ao padeiro que lhe cortasse em fatias um maravilhoso pão de forma de trigo para torrar. Foi abrir a porta quando a campainha tocou.

O velho casaco de astracá preto de Kätke tinha cotão branco e a sua amiga calçara umas meias de lã grossas por cima das botas, o seu truque de sempre quando havia gelo nas ruas.

– Atraveste-te a vir sozinha.

– Hoje o Rudi sente-se pior do que eu.

– Que estranho que a Ruth não te tenha tirado esse casaco há muito tempo, sendo como é contra as peles; tal como a minha neta, por sinal. – Henny pendurou o casaco húmido num cabide.

– Este cordeiro já morreu há muito tempo. – Kätke olhou-se no espelho do corredor. – Uma coruja velha com as bochechas vermelhas – comentou. – Não me vou demorar muito, deixei o Rudi no sofá, está constipado. – Virou-se para trás quando Ida entrou com Florentine.

– Apetece-te tomar o pequeno-almoço connosco e diminuir de forma substancial a média de idades? – perguntou Henny.

– Estás a falar com a minha filha ou comigo? – indagou Ida.

Florentine sorriu.

– Já tomei o pequeno-almoço com o *husky*. Telefonem-me quando a minha mãe quiser que eu a venha buscar.

– Que tal está o Rudi? – ouviu a mãe perguntar a Kätke. – És a única que ainda não enviuvou.

– Caramba, obrigada pela parte que me toca – retorquiu Kätke. – Se não estivesses avariada da cabeça, levaria a mal.

– É melhor não as deixar sozinhas durante muito tempo – argumentou Henny, e dito isto despediu-se de Florentine, que mal podia acreditar no que ouvia.

Tinha parado de nevar, o Sol despontou e a neve resplandecia. Florentine foi até ao Alster, onde flutuavam fragmentos soltos de gelo; decidiu dar um passeio, era provável que as amigas aguentassem duas horas juntas. Não era apenas pelo facto de Ida estar avariada da caixa dos pirolitos, às vezes também podia ser maliciosa.

Florentine caminhava com grandes passadas, desfrutava da paisagem. Não, a ela ainda faltava muito para ser invisível. As pernas enfiadas numas calças de

lã axadrezadas muito justas, por cima um jaquetão de camurça forrado a pele de carneiro, na cabeça nada. No entanto, só sentiu frio quando chegou ao Literaturhaus.

Entraria para tomar uma chávena de chá bem quente.

Já tinha subido o primeiro dos altos degraus do café quando hesitou e decidiu prosseguir até duas casas mais adiante e tocar à campainha do quinto andar, talvez Alex estivesse em casa.

Teria mudado alguma coisa entre eles desde que Florentine sabia que tinham um filho em comum? Desde que isso era um facto e não uma mera possibilidade?

– Tens tempo para tomar um chá, Alex?

Este já se encontrava à porta quando Florentine saiu do elevador e subiu a escada.

– Não tens frio sem gorro?

– Tenho – admitiu. – Tu usas gorros?

– A ti ficar-te-iam bem – disse ele, dirigindo-se para a cozinha a fim de pôr a chaleira ao lume e encher de *Earl Grey* a pequena bola infusora.

– Deixei a Ida na casa da Henny e apeteceu-me dar um passeio. Quando estava no corredor da Körnerstrasse, ouvi a minha mãe perguntar à Käthe como estava o Rudi e dizer-lhe que era a única que ainda não tinha enviuvado.

– Santo Deus, credo! Admiro a paciência que tens com ela. – Alex colocou duas chávenas numa bandeja, o açucareiro com açúcar mascavado e uma pequena leiteira com natas. – Ou preferes limão?

– Não, tomo o chá como o meu pai costumava prepará-lo.

– Eu não o faço tão bem como ele. – Alex verteu a água no bule e olhou para o relógio. Tian deixava-o repousar durante três minutos.

– Mudou alguma coisa para ti? – perguntou-lhe Florentine, já sentados à mesa a tomar o chá.

– Mostrei ao Lori as fotos da minha família, falei-lhe sobre eles e incluí-o no meu testamento – respondeu ele. Florentine assentiu, já sabia disso. – Sempre gostei do teu filho, mesmo antes de ter a certeza de que era nosso. E para ti?

– Há já muito tempo que considero que somos uma grande família.

– O Klaus disse o mesmo.

Florentine consultou o *Rolex* de pulso.

– Importas-te se eu telefonar à Henny? De certeza que a Ida já começa a ficar impaciente.

Käthe sacudi a neve das meias antes de abrir a porta.

– Já cheguei – anunciou em voz alta no vestíbulo, despindo o casaco. – Rudi? – chamou, acometida pelo nervosismo. As estúpidas palavras de Ida.

Foi para a sala de estar, Rudi estava a dormir no sofá, o jornal tinha-lhe caído das mãos. Käthe aproximou-se e pôs-lhe a mão fria na testa, não estava tão quente como de manhã.

Rudi abriu os olhos.

– Käthe – disse.

– Sentes-te melhor?

– Sim, mas que horas são? Dormir fez-me bem.

– São três menos um quarto. Eu e a Henny ficámos na tagarelice depois de a Ida se ter ido embora. Queres que aqueça uma sopa? De certeza que uma canjinha de galinha vai ajudar-te a recuperar as forças.

Rudi soergueu-se.

– Eu faço isso.

– Tu preparaste-a, acho-me capaz de aquecê-la.

Rudi voltou a apoiar a cabeça na almofada: tinha ficado enjoado por se ter endireitado de forma brusca, não estava habituado a adoecer.

Desde novembro que interpretava Trofimov em *O Cerejal*, uma obra de Tchékhov; era o primeiro teste de Jon na companhia: uma frase com palavras de louvor nas críticas do *Welt* e do *Abendblatt*, nenhuma consagração. Em tempos, Wally, a namorada de Rick, interpretara o papel de Varia em *O Cerejal*, mas agora atuava no Teatro Volksbühne, na Praça Rosa-Luxemburg. Wally, que não conhecia, e ele tinham trocado os palcos.

Quando George Rathman perguntou se Jon queria representar o papel do compositor George Gershwin, que tinha morrido na sequência de um tumor cerebral antes de fazer trinta e oito anos, Jon respondeu de imediato que sim. Alex já tinha gravado a banda sonora do filme havia um ano e meio, o álbum fora distribuído pela Verve e estivera nomeado para o prémio de jazz da Südwestfunk. Um êxito considerável que quase não se havia traduzido em vendas.

No entanto, trabalhar no álbum tinha dado grande prazer a Alex e a Robert. O filme que haviam pensado fazer, a meio caminho entre o documentário e a ficção, podia dar um belo empurrão ao álbum.

– Vai ser gravado nos estúdios de Tonndorf – contou Jon a Katja quando, depois do jantar, continuavam sentados à mesa da cozinha. – Com uma pequena ajuda da Henny, vamos dar boa conta das meninas, mesmo que tenhas de viajar nessa altura.

– Pediram-me que viaje para Dubrovnik.

Jon ficou em silêncio.

– Lá estão em guerra, Katjuscha – recordou-lhe ao fim de um bocado.

O dia 31 de março do ano anterior marcara o início da guerra na Croácia,

um novo foco de conflito numa Jugoslávia que se desintegrava. A 6 de dezembro, sobre o centro histórico de Dubrovnik haviam caído seiscentas e cinquenta granadas de morteiro e dezanove pessoas morreram, todas elas civis. Antes, Vukovar, uma cidade do Leste da Croácia, já se havia transformado no campo de batalha das tropas sérvias.

- Trata-se de uma reportagem importante para a *Stern* – explicou Katja.
- Não podem enviar-te para o meio de uma guerra.
- E não enviam, quem decide sou eu.
- Tens filhas pequenas, Katjuscha. – Jon engoliu em seco. – Se me tiraste da RDA não foi para isto. Para te perder numa guerra.
- Não sejas dramático, Jon. O Karsten esteve em muitas guerras.
- E hoje quase não consegue carregar dois sacos de compras sem que lhe falte o ar. Diz que não, suplico-te.
- Estive no Vietname e não me aconteceu nada.
- Que eu saiba, a Guerra do Vietname já tinha terminado.

Quem podia convencê-la? Henny? Marike? Thies? Konstantin? Klaus? De certeza que todos eles seriam seus aliados para impedir que Katja viajasse para Dubrovnik. No entanto, ela podia ser teimosa se se sentisse pressionada, a alcunha que Karsten lhe havia dado em tempos, Fera, assentava-lhe que nem uma luva.

Jettchen, com o corpinho quente, pois acabava de se levantar da cama, apareceu à porta da cozinha.

– Tenho sede – disse. Olhou de um para o outro; Henriette tinha um olfato apurado para as más vibrações.

Katja sentou a filha no colo e Jon serviu-lhe sumo.

– Tens até quando para decidir? – perguntou ele quando Katja se levantou para ir deitar a menina, que adormecera nos seus braços. – Ou já decidiste que vais?

Ela negou com a cabeça.

- Leva o cachecol – aconselhou Kätthe. – Sopra um vento frio de leste.
- Vesti uma camisola de gola alta.
- Dá no mesmo, estás convalescente.
- Foi apenas uma constipação, Kätthe.

Rudi queria ir à Böttcher comprar halibute fumado, o peixe gordo sabia bem com as temperaturas inverniais. Talvez também um eglefim, para prepará-lo com molho de mostarda e assim voltar a pôr na mesa comida quente. Kätthe era a rainha das sandes.

Ainda sentia as pernas algo fracas, mas o ar frio sabia bem. Encontrou-se com Florentine, que entrou na loja pouco depois, para comprar salmão.

– Fico contente por estares bem – afirmou ela. – Manda cumprimentos meus à Kätthe.

Comprou um eglefim que pesava pouco menos de um quilo. Primeiro devia ter telefonado a Ruth e Stefan para lhes perguntar se queriam e se podiam passar lá por casa para comer peixe com eles. Queria ver a família. Caso os pequenos não pudessem ir, congelaria uma parte do peixe e pronto.

No entanto, ficou satisfeito quando voltou a sentar-se no sofá.

O coro grego que Jon invocara para convencer Katja, ao que tudo indicava, conseguira apenas causar o efeito contrário: Katja ligou para a secretaria da secção internacional a fim de perguntar sobre os voos para Dubrovnik, mas, pelos vistos, a viagem tinha sido adiada, porque o colega que se encarregava dos textos continuava no Usbequistão.

Jon telefonou a Florentine para saber se Karsten estava. Não, mas tinha avisado que chegaria um dia desses. Jon tentou a sorte com o número de telefone parisiense e ficou um grande bocado a ouvir como soava, acreditando ouvir o vazio do apartamento do Marais.

O que esperava conseguir ao pedir ajuda justamente ao antigo herói de guerra? Talvez a única coisa que estivesse a fazer fosse atçar ainda mais a fogueira de Katja.

Kätthe deu-lhe umas colheradas de mel de eucalipto, picou uma cebola, cobriu-a com açúcar-cândi e, depois de mantê-la ao lume durante horas, também deu a decocção a Rudi, mas a tosse que o vento frio de leste lhe havia causado não cedia. Comeram o halibute, o eglefim estava no congelador. Rudi sentira-se demasiado cansado e febril para pedir a Ruth e a Stefan que fossem almoçar lá a casa.

– Amanhã vamos ao médico, ou preferes que o Konstantin venha cá?

– Se amanhã não me sentir melhor, vou ao médico – prometeu Rudi.

Acaso não havia sobrevivido aos campos de concentração e ao inverno russo nos Urales? Aquilo tinha-o fortalecido, não o havia enfraquecido de maneira nenhuma. Rudi meteu-se na cama com um saco de água quente. Ao seu lado, Kätthe achou que a sua respiração já era menos áspera e penosa. Por volta das duas da madrugada acordou, porque no quarto reinava o mais absoluto silêncio.

Konstantin chegou ao mesmo tempo que o médico de urgência, que deixou nas mãos do jovem doutor emitir a certidão de óbito de um velho amigo.

Ruth chegou tarde e sozinha à Marienterrasse, Stefan tinha sofrido um

ataque inesperado ao receber a notícia. Ruth esperou que ele recuperasse a consciência antes de o deixar, exausto na cama, com Jon ao seu lado, que chegara um quarto de hora depois de ela o ter avisado.

– Papá – disse Ruth.

Papá. Papá. Papá. Quanto havia economizado essa palavra que para Rudi era uma carícia. Agora, sentada ao seu lado, envolvia-o com ela, incapaz de fazer outra coisa a não ser repetir «papá» vezes sem conta.

– Vai deitar-te, Käthe – aconselhou Henny quando ficou tudo pronto. – Já não podes fazer mais nada. Vai deitar-te ao pé do teu marido. Ainda está muito escuro, pode ser que consigas dormir um pouco. Tens alguma coisa que possa ajudar-te? Algum comprimido que te acalme?

– Tu deitaste-te com o teu marido quando ele morreu?

Henny assentiu. Deitara-se ao lado de Theo. A noite toda.

Jon convenceu Katja a não viajar para o meio da guerra que se travava na Croácia. O facto de o ter conseguido talvez tivesse que ver com a morte de Rudi, sob cujo efeito Katja ainda se encontrava. Rudi, um lutador valente que nunca havia procurado a guerra de livre e espontânea vontade.

Abril, 1992

QUERCUS ROBUR, dizia o pequeno letreiro que havia pregado a um dos ramos do carvalho. Stefan e Ruth foram alternando a escavação de um buraco à direita da lápide de mármore branco grande o suficiente para plantar a árvore, que media oitenta centímetros de altura.

– Prometam-me que quando me enterrarem a mim vão plantar uma tília à esquerda – pediu Käthe.

Filémon e Báucis, Rudi gostava de afirmar que ele e Käthe eram como o casal da mitologia grega a quem Zeus, o pai de todos os deuses, concedeu um desejo como forma de agradecimento pela sua hospitalidade: morrer em simultâneo para não serem obrigados a separar-se em vida. Quando chegou a hora deles, Filémon transformou-se num carvalho e Báucis numa tília, duas árvores que cresciam juntas.

– Perdi a oportunidade de morrer ao mesmo tempo que o Rudi. Devia ter tomado uma carrada de comprimidos esta noite, em vez de apenas um para me acalmar.

– Vem comigo por um instante – decidiu Henny. Olhou para as duas lápides de Lina e Louise. Tinham levado jacintos-das-uvras para ambas e na cesta havia também floreiras para o túmulo de Theo.

– Eu posso plantá-las – ofereceu-se Konstantin.

No dia anterior tinha levado Käthe e Henny a Poppenbüttel, ao viveiro de plantas, para comprar o pequeno carvalho e as flores primaveris, e nesse domingo tinha combinado fazer o turno da noite na Finkenau para poder passar algum tempo com a avó e a Käthe. A certidão de óbito que havia assinado em janeiro tinha sido a primeira da sua vida de médico. Uma noite que também ele não esqueceria.

Agora Rudi descansava junto ao seu pai sob a lápide com as requintadas rosas idênticas às da laje de uma família toscana. Alessandro Garuti. Rudolf Odefy. Acaso não se havia chamado apenas Rudi durante toda a sua vida?

– Vou visitar o Theo – disse Henny. Encontrava-se ao virar da esquina, passando o depósito de água; até mesmo no cemitério continuavam a estar perto uns dos outros.

Uma laje cinzenta semelhante a um penedo onde estava gravado o nome familiar.

– Devíamos tirar do jardim um dos áceres pequenos e plantá-lo junto ao túmulo – propôs Konstantin. – A ideia das árvores agrada-me bastante e o Theo também teria gostado.

– E também teria gostado de no final do ano ires tornar-te ginecologista.

– Seguindo os passos do avô e da minha mãe.

– Foi o que te propuseste fazer antes de casar.

– Talvez faça a tese de doutoramento primeiro.

– Konsti, porque é que estás sempre a protelar essa decisão?

– Eu e a Vivi só vamos fazer trinta anos no outono. Não há pressa.

Será que Henny estava a pressioná-lo? Quando Klaus nasceu, ela tinha trinta e um anos e já uma filha de nove. No entanto, os jovens levavam o seu tempo na questão de ter filhos. Acaso não havia Henny lamentado amiúde que na sua vida tudo tivesse corrido demasiado depressa?

Ruth estava a regar a pequena árvore quando eles voltaram para junto do túmulo de Garuti.

As amigas começaram a caminhar de braço dado, seguidas por Konstantin, Ruth e Stefan, em direção ao carro novo de Konstantin, que substituíra o *Volkswagen* descapotável e onde cabiam todos.

– Fui a causadora da morte do Rudi?

– Não – negou Florentine pela enésima vez. – Contudo, peço-te por favor, mamã, pensa nas coisas antes de falar.

– A cortesia é muito sobrevalorizada – disparou Ida.

Florentine partiu em quatro pedaços a maçã descascada e pôs o prato em cima da mesa à frente de Ida.

– Ontem foste brusca com o Lori.

– A sério? Só lhe perguntei se tinha namorada.

– O que lhe perguntaste foi se ele tinha saído ao pai biológico.

– Vocês são todos demasiado sensíveis – alegou Ida. – Esta manhã, o Emil também se deu ares de ofendido só porque lhe disse que aquilo que ele pintava pareciam gatafunhos e mamarrachos de uma criança pequena e que para isso não teria precisado de estudar durante tantos anos.

Florentine suspirou. Ida era mais fácil de aturar nos dias em que pensava com clareza.

– E por falar no Alex – acrescentou a mãe. – Boicota todas as minhas tentativas de o seduzir e depois tem um filho com a minha filha. Ainda bem que a Etta se parece com o Robert.

– Podemos mudar de assunto? Anda, come mas é a maçã antes de tomares

os comprimidos. – De vez em quando duvidava se devia dar à mãe as pequenas pílulas azuis que tomava para que a sua deterioração mental não se agravasse. Achava quase preferível que ela agisse como uma desvairada mas que fosse amável.

– Talvez ele devesse arranjar outro quarto – alvitrou Ida. – A única coisa que o Emil faz no de Coco Chanel é rabiscar e pintalgar. Podias muito bem dar-me esse quarto, já que tens a casa da Milchstrasse alugada.

– Tens o quarto maior e o mais bonito.

Era isso que Florentine tinha em mente quando lhe ocorrera a ideia de abrir a pequena e simpática pensão para artistas? O único artista era Emil, que havia concluído o curso de Belas-Artes e andava sempre aflito de dinheiro. Se bem que Karsten também se tinha na conta de artista, desde que deixara de viajar para territórios em conflito. Agora ficava oito dias em Hamburgo.

Além de que se encaixava bem no grupinho da pensão. Dava-se bem com Emil e com Fred e agora aceitava inclusive o coquetismo de Ida.

– Esta noite, o Alex e o Klaus vêm cá a casa – contou Florentine. – O *husky* vai cozinhar a sua famosa bolonhesa.

– Nesse caso será melhor eu ficar no meu quarto – decidiu a mãe –, não vá dar-se o caso de dizer alguma inconveniência aos cavalheiros.

Käthe tirou do congelador o eglefim com pouco menos de um quilo e deixou-o junto ao lava-loiça para que descongelasse. Stefan iria prepará-lo para o jantar, parecia mentira que houvesse tantos homens que soubessem cozinhar. Karl Laboe, o pai de Käthe, quando muito descascava batatas muito de vez em quando, mas não sabia cozinhar peixe.

Precisava de manteiga, três gemas de ovo e um limão para o molho holandês, a que adicionaria a mostarda, disse-lhe Stefan. Não utilizaria farinha para preparar um *roux*, tal como Rudi fazia. Era a primeira vez que se ia voltar a cozinhar na cozinha da Marienterrasse desde que Rudi tinha morrido, uma vez que Käthe se tinha habituado a comer de pé à frente do frigorífico. Se não fosse por Henny, Käthe teria ficado pele e osso.

Nesse dia também não tinha apetite.

– Ir comprar o peixe custou-lhe a vida – comentou, pousando o garfo. – Com o vento frio de leste que soprava no canal.

– Mamã – pediu Ruth.

– O molho está delicioso, Stefan – elogiou Henny.

Contudo, ele já havia pousado a mão sobre a da sogra.

– Eu também sinto imenso a falta dele – declarou.

E então Käthe pôde voltar a comer.

– Achas que és tu o pai? – tinha-lhe Robert perguntado em março vinte e dois anos antes, no estúdio da NDR.

– Acho que és tu – respondera Alex após uma hesitação.

Agora sentia-se feliz quando via o rapaz. Feliz e ainda algo constrangido; tinha dado um neto aos seus pais.

– A mamã está na outra casa, com a Ida – disse Lori –, e o papá está na cozinha, já abriu a primeira garrafa de vinho tinto.

– Um passarinho contou-me que já estás a beber – observou Alex quando entrou na cozinha.

– É um grandessíssimo descarado – respondeu Robert. – Preciso do vinho para a bolonhesa. Tira um copo do armário. Estou quase a terminar a salada. – Robert pegou no seu copo e virou-se enquanto Alex se servia de vinho. – Estou orgulhoso de nós – afirmou.

– Fica orgulhoso sobretudo de ti. És um tipo fantástico.

– Concordo. – Robert sorriu. – Mas diz-me cá, onde é que está o Klaus?

– Tinha uma reunião com o chefe do departamento de música ligeira. Espero que não lhe tirem o programa. Estão a sofrer um ataque de *reformite*.

– O *Quando a Noite Cai*? Não creio. Trata-se de um programa de culto.

– Andam à caça de ouvintes, algo que temos de agradecer ao princípio dual.

– Nem tudo é mau, Alex.

– Acho que começo a ficar velho.

Robert abanou a cabeça.

– Isso não afeta os músicos de *jazz*.

Ambos olharam para Klaus, que entrou na cozinha.

– Tudo em ordem – disse. – Mas será apenas quinzenal. Alternando com um formato novo.

– E não sentes pena? – perguntou Alex.

– Assim terei mais sextas-feiras à tarde para ti. Na nossa velhice.

– Acho que temos muito jeito para tirar o melhor partido de tudo – opinou Robert, sorrindo para a mulher, que se encontrava à porta.

Jon entrou na livraria pouco depois das oito horas. Ainda não se havia habituado por completo ao novo horário, embora já estivesse em vigor desde outubro de 1989: às quintas-feiras, as lojas podiam permanecer abertas até às oito e meia da noite, apesar de os funcionários não acharem tanta piada a essa norma como os clientes. Rick e Nils não pareciam importar-se.

– Tenho um livro para ti, da minha biblioteca pessoal – afirmou Rick Binfield ao mesmo tempo que oferecia um livro a Jon: *The Writer in Disguise*, de Alan Bennett, publicado pela editora londrina Faber & Faber. – Os outros títulos tive de pedi-los a Inglaterra. *Kafka's Dick* é de 1986; *The Old Country*, de

1977.

– O meu inglês é medíocre, Rick.

– Ai, os alemães do Leste. Escondem-se sempre por detrás dos vossos conhecimentos de russo, também está a acontecer o mesmo à Wally no Volksbühne. Já aqui estás há doze anos, Jon.

– Não são tantos, mas é verdade. Tenho lacunas e isso é embaraçoso para mim. Não me atrevi a dizer na companhia que não conheço as obras do Bennett.

– Conheces Alan Ayckbourn? Dele há mais coisas traduzidas. A peça dele *Absurd Person Singular* estreou no Thalia. Foi traduzida como *Que Absurda É a Gente Absurda*.

– As comédias britânicas mais recentes não são o meu forte.

– Se quiseses, posso elaborar-te um catálogo, tenho tempo. É o que acontece quando se ama uma mulher como a Wally, e já há imenso tempo. Pergunta ao meu sócio, o Nils, que vai comigo ao cinema para preencher as minhas tardes solitárias.

– Posso oferecer-te muita animação na nossa cozinha – sugeriu Jon.

– E depois vimos para a livraria – decidiu Rick. – Para mim a animação e para ti o programa cultural britânico.

– Mamã, ainda estás acordada? – perguntou Florentine quando abriu a porta.

Era quase meia-noite, mas depois do jantar de esparguete à bolonhesa tinham ido para a sala de estar. Robert, Florentine, Lori, Klaus e Alex.

– Não te ponhas a pensar coisas absurdas, estou muito bem da cabeça, apesar de vires encontrar-me seminua. – Ida estava à porta com uma camisa de noite abotoada até cima. Pegou na mão de Florentine e levou-a até à outra ponta do corredor. – Estou sozinha com ele. E isso inquieta-me. Talvez esteja a ficar pírulas.

Florentine ouviu a cantoria no corredor, antes de espreitar pela fresta da porta da cozinha: Emil estava empoleirado em cima da mesa vestido com um tecido prateado muito fino, o cabelo comprido e louro num apanhado ousado. Nos pés, uns sapatos de salto agulha prateados; nas faces pálidas, um *blush* demasiado intenso. Ainda assim, era apenas o corpo franzino de um homem jovem, sem nenhum enchimento, sem tentar parecer uma mulher.

Tudo é espetacular.

Em todas as partes há vida.

Na liga da minha tia

e em qualquer outro lugar.

– Meu querido marido – disse Florentine quando Robert surgiu ao seu lado e lhe pôs uma mão no ombro. – Pode saber-se o que ele está a fazer?

– Já é meia-noite. Pode saber-se o que é que estás a fazer, Emil? – perguntou Robert.

– Já é tão tarde? Desculpem. Estou a ensaiar a minha atuação – respondeu Emil. De repente, na cozinha da pensão, tinha um primeiro público. Não apenas Ida, Florentine e Robert, mas também Alex, Klaus e Lori. – É do Ringelnatz – elucidou. Ao descer da mesa, pareceu de súbito uma criança com frio.

Novembro, 1992

O *blister* com os vinte e um comprimidos encontrava-se na prateleira do espelho da casa de banho. Konstantin pegou no pente e deteve-se. Era normal ver ali a caixa da pílula anticoncepcional de Vivi; nesse caso, o que é que lhe parecia desconcertante? Olhou-se ao espelho e ergueu as sobrancelhas.

– Tomas café? – perguntou Henny quando ele desceu as escadas. – A cafeteira está na mesa.

– Sentas-te ao pé de mim? – convidou Konstantin. – Agora estou com tempo.

– A Vivi saiu de casa pouco depois das cinco horas. – Henny pegou na cafeteira, serviu uma chávena para cada um e adicionou leite.

– Esta semana tem o turno da manhã. – Bebeu um pouco de café. – Sabias que a Vivi deixou de tomar a pílula? O *blister* está intacto, não falta nenhum comprimido desde há uns dias, mas ainda não me tinha dado conta disso, a não ser agora.

– Se o tivesse feito, teria conversado contigo a esse respeito. A mim não me disse nada.

– Talvez seja essa a sua maneira de mo dizer, deixando debaixo do meu nariz um *blister* de comprimidos intacto. É um assunto delicado entre nós. A Vivi quer ter um filho já.

– E isso seria um problema assim tão grande? A tua especialização são favas contadas, Konstantin.

– Só vou começar a trabalhar no consultório da mamã no ano que vem e ainda quero fazer a tese de doutoramento. Para quê tanta pressa? Achava que eu e a Vivi já tínhamos conversado a respeito desse assunto.

– A Vivi não é assim tão nova para ser mãe, já tem trinta anos.

Konstantin arqueou as sobrancelhas pela segunda vez essa manhã.

– O relógio biológico pressiona? Na sala de partos há muitas mulheres que já fizeram trinta anos e vão ter o primeiro filho. E também há as que se mostram encantadas por ser mães quase aos quarenta.

– E isso é bom? – perguntou Henny.

– Seja como for, não gosto que me engane.

– Ela não o fez, recebeste e entendeste a mensagem.

Konstantin abanou a cabeça.

– Eu não vejo as coisas por esse prisma. – Pôs-se de pé e beijou a avó. – Peço-te que não ajas pelas minhas costas. Temos tempo de sobra, a Katja já te deu duas bisnetas.

Afinal de contas, durante os anos que se seguiram à guerra também tinha vivido sozinha; Kätthe tentava lembrar-se disso quando acordava e via a cama vazia. Só que nessa altura ainda acalentava uma réstia de esperança de que Rudi pudesse voltar, mesmo que nem sequer fosse capaz de o admitir. Depois, em setembro de 1949, chegara o dia em que se reencontraram diante da cabana do lote de terreno de Willi e Minchen. Oxalá pudesse voltar a abraçar Rudi uma vez mais. Apenas uma vez mais.

Nunca mais. Pensar assim era pior, e Kätthe passava a vida a pensar nisso. Pelos vistos, Henny era muito mais forte, vivia a sua vida sem o homem que amava. Claro que ela não estava sozinha em casa; Konstantin e Vivi viviam com ela, e isso era diferente de se limitar a receber visitas.

Adormecer sozinha, acordar sozinha.

Sentada na beira da cama, Kätthe contemplava os chinelos de trazer por casa. Precisava de ganhar coragem, tomar impulso. Ir à casa de banho; à cozinha fazer café; sentar-se à mesa.

Stefan ia visitá-la mais vezes do que Ruth. Sentava-se com ela e escutava-a. Ruth já conhecia todas as histórias: dos bolinhos franceses do Reichshof aos bailes no Lübscher Baum, o apartamento da Bartholomäusstrasse com a salamandra revestida de azulejos brancos, os anos em que foram perseguidos, as bombas. Como se refugiara no *bunker* no último momento.

Eram muitas as coisas que Kätthe não contava. Não disse nem uma palavra acerca da traição de Ernst Lühr, nem do aborto e do facto de depois disso não ter podido ter filhos. No entanto, muitas vezes pensava que Stefan também ouvia o que ela calava.

– Chamava-lhe sempre «o meu belo Rudi».

Kätthe olhou-se ao espelho da casa de banho: desde a morte do marido não voltara a pintar o cabelo de preto, dava-lhe pelo queixo e agora tinha-o branco até meio. Henny, que continuava a usar o cabelo louro-claro, afirmava que Kätthe lhe fazia lembrar um *border collie*.

– Quando o cabelo branco te chegar às pontas, o pior já terá passado – garantiu Stefan.

Mais um ano. Quantos chegaria a fazer?

Henny ouviu a discussão. Devia intervir? Estava ao fundo das escadas e

voltou discretamente para a sala de estar.

– Não podes obrigar o Konstantin, nem que seja para o bem dele, Vivi.

– Mas tu também és da opinião de que seria para o bem dele, não és?

Passos velozes nas escadas, uma porta a bater com força. Henny aproximou-se da janela e viu Konstantin entrar no carro. Onde é que iria, às nove e meia da noite? A um bar? À clínica? A casa de Katja?

Henny sentou-se diante da lareira. O lume tinha-se apagado, mas desta vez já não se agachou. Bateram à porta.

– Entra – convidou Henny.

– Queres que acenda a lareira?

– Obrigada. Depois vem sentar-te ao pé de mim.

Vivi tirou um jornal da pilha e amarrotou-o numa bola, bocadinhos de madeira, os toros de lenha, um fósforo comprido.

– Foi o Klaus que me ensinou – contou Vivi. – De todos na família, ele é o que tem mais jeito para acender a lareira.

Henny esboçou um sorriso de satisfação.

– É verdade – respondeu. – Ele e o Theo.

– A vossa história de amor toca-me a alma – disse Vivi. – Tu e o Theo são as minhas referências. – Levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos do casaco de malha comprido.

– O que foi que aconteceu com a tua história de amor com o Konstantin?

Vivi encolheu os ombros.

– Enganei-o.

– Deixaste-lhe uma pista, quicá algo críptica, mas está avisado. O Konstantin que tome precauções quando se deitar contigo.

– Deixei o *blister* à vista há uns dias, Henny, como um sinal mudo; antes tirei um comprimido todos os dias de outros dois *blisters*.

– Que tomaste.

– Não tomo a pílula desde princípios de setembro.

Henny ficou muda.

– Estás grávida, Vivi? – perguntou ao fim de um bocado.

A jovem tirou do bolso do casaco uma tira de plástico branco. Parecia um daqueles *chips* que agora se usavam para tudo: para aceder à cantina, como passe para a piscina, ficha de bengaleiro. Henny aceitara esse novo método para descobrir se uma mulher ia ser mãe. Nada de rãs que tinham de desovar para confirmar uma gravidez, apenas um pequeno sinal + na janelinha que se abria no centro do *chip*.

– O Konstantin não é o primeiro homem a precisar de se habituar à ideia de vir a ser pai – tranquilizou-a Henny. No entanto, não achou bem: sim, Vivi tinha-o enganado.

– Sei que vocês são os únicos que posso visitar mesmo que seja tarde – disse Konstantin quando, às dez menos um quarto da noite, chegou à Schwanenwik.
– Se fosse a casa da Katja acordaria as meninas. – Abraçou Klaus, que foi quem lhe abriu a porta.

Alex levantou-se do sofá, estava nervoso. Konstantin não era uma pessoa a que se pudesse chamar espontânea. Sentaram-se à mesa, Klaus foi buscar outro copo e serviu vinho.

– Ou preferes água mineral?

– Não, um copo de vinho está ótimo. Afinal de contas, não sou eu que estou grávido.

– Estás a querer dizer-nos que vais ser pai? – perguntou Alex. – Porque isso seria um bom motivo para brindar, Konsti.

– A Vivi enganou-me. Julgava que ela estava a tomar a pílula, mas parou de o fazer há algumas semanas sem eu saber.

Klaus olhou para Alex: quantas paternidades involuntárias.

– O teu padrinho habituou-se a ser pai. Tenta ocultar-me o quanto está feliz por ter um filho, mas é péssimo nisso. – Klaus sorriu.

– Baboseiras – disparou Alex, minimizando o assunto. – Não se pode comparar uma coisa com a outra, a Vivi e o Konstantin estão praticamente noivos.

– Ela estragou tudo – disse Konstantin. – Esta traição não é um bom alicerce para um relacionamento feliz.

– Tens à tua frente um casal que o é há muito tempo e que conhece os altos e baixos do amor – respondeu Klaus. – A única coisa que posso dizer-te agora é que relaxes.

– Estou de acordo – juntou-se Alex. – Ao fim e ao cabo, tu amas a Vivi e ela ama-te também.

– Não sei se estou a entender-vos bem. Acham que a minha reação é exagerada?

Alex e Klaus encolheram os ombros em silenciosa harmonia.

– Nesse caso, também será melhor que me case agora mesmo?

– Bom, isso pode esperar – opinou Alex.

As meninas ainda estavam acordadas em casa de Katja e Jon. Na realidade, Jon só pretendia introduzir a cassette de vídeo de Thies e ver alguns *trailers* de séries em que podia participar, mas o que pôs a correr foi *Drei Männer im Schnee*³⁵, que os cativou aos quatro.

Caroline soltava risadas. Teria sido ela a trocar as cassetes? No meio deles, na cama enorme, as garotas estavam entusiasmadas por poderem ver a versão cinematográfica do romance de Erich Kästner, o conselheiro particular

Schlütter, a governanta Kunkel, o criado Kesselhut, e ainda por cima à noite e a meio da semana. A mais velha ainda estava eufórica quando Katja desligou o aparelho de vídeo, mas mostrou-se disposta a ir para a cama com a irmã mais nova.

- Está visto que somos uns pais frouxos e permissivos – constatou Jon.
- Uma noite memorável. A família Feldmann fica agarrada e seduzida por uma comédia de 1955 e diverte-se como gente grande. Queres ver os *trailers*?
- De certeza que será pior do que há bocado. Espero de todo o coração que se chegue a fazer o filme do George Rathman, o papel de Gershwin interessa-me imenso.
- Será que conseguirá financiamento?
- O Alex está otimista. – Jon afastou a cortina e julgou ver o carro de Konstantin a sair da Hartwicusstrasse. – O Konstantin foi a casa dos teus pais?
- Se foi, agiu por impulso e num gesto espontâneo – replicou ela.
- Também pode ser que fosse outro *Golf* – comentou Jon na dúvida.

Emil conseguiu tingir a sua voz com o grau de aspereza que a canção requeria. O rapaz, que usava um bolero de penas de marabu para ocultar o peito liso, começou a seduzir o casal que se encontrava à frente do palco do pequeno teatro.

– O uísque é tão fraco como o Emil – acabava de dizer Robert; no entanto, agora estava a ouvir.

O bolero era de Florentine, tinha-o encontrado no fundo do guarda-fatos. Havia sido fotografada com ele vários anos antes para a *Vogue*, depois os filhos tinham-no usado para se mascarar e agora exibia-o Emil, e era esse o seu lugar: a cobrir o peito de Emil e a acompanhar a sua canção.

*Ich weiss nicht zu wem ich gehöre,
Ich bin doch zu schade für einen allein.
Wenn ich jetzt grad hier Treue schwöre,
Wird wieder ein anderer ganz unglücklich sein.*³⁶

- É uma pena que o pianista seja tão mau – declarou Florentine.
- Acho que o Alex não podia. De qualquer das formas, o que é que o Emil está a cantar? – perguntou Robert.
- Friedrich Hollaender. A canção foi composta por Robert Liebmann, um guionista que os nazis mataram em Auschwitz.
- As coisas que tu sabes.
- Foi o Emil que me contou. Encarna essa época quase com desespero. Talvez devesse ter sido ator em vez de pintor.

*Ja, soll denn etwas so schönes nur einem gefallen?
Die Sonne, die Sterne gehör'n doch auch allen.
Ich weiss nicht zu wem ich gehöre,
Ich glaub' ich gehöre nur mir ganz allein.*³⁷

– A letra é fantástica – elogiou Robert. – Vou pedir a garrafa de espumante que consta do final da carta dos vinhos, para brindar ao Liebmann e ao nosso artista. – Aplaudiu com vontade quando Emil agradeceu com timidez. O aplauso foi secundado por parte de uma escassa dúzia de espectadores.

– Eu, por mim, vou beijar o meu marido – retorquiu Florentine –, que me deixa boquiaberta até mais não. Não sabia se devia trazer-te a este café, pois tu trabalhas sempre com artistas sérios.

Deu-lhe um beijo demorado, como nos seus melhores tempos.

– Acho que vamos acabar por ser clientes habituais daqui – respondeu ele.

– Devíamos trazer a minha mãe e os pequenos.

– Pode ser que a Ida recite alguma coisa em público.

– Não me parece que ela tenha inclinação para isso. Em vez de levar a sério as aulas de piano que pediu para frequentar, encontrava-se às escondidas com o meu pai numa pequena cabana.

– Não sabia disso.

– Lembra-se sobretudo de coisas que aconteceram há setenta anos.

Emil aproximou-se da mesa no momento exato em que estavam a servir-lhes o espumante.

Vivi regressou do ginecologista que Theo lhe havia recomendado em tempos: recorrer à mãe de Konstantin parecia-lhe menos indicado do que nunca. Henny não contara a ninguém sobre a sua gravidez. «Isso é algo que têm de ser vocês a decidir», aconselhara a Konstantin quando este conversara com ela a sós. Desde então mostrava-se menos desfavorável.

Estava na sexta semana de gestação, o ginecologista constataria uma falta de progesterona, algo que podia causar um aborto, mas Vivi não queria pensar nisso.

Devia contar à mãe, que se encontrava na ilha de Rügen, que estava grávida? No UKE recebera uma carta de Juliusruh, que demorara catorze dias a chegar da estação de correios à secção de medicina interna, onde ela trabalhava como enfermeira substituta. Não, melhor não. Talvez a mãe se descontrolasse e estendesse o seu desmedido carácter possessivo ao neto.

Nesse dia, Katja iria até à Körnerstrasse, e então eles aproveitariam para lhe contar, tinham pensado comunicar a notícia aos pais de Konstantin no

domingo. Henny tinha dito que iria correr tudo bem.

Vivi consultou o relógio: ainda faltava meia hora para começar o seu turno. Também precisava de falar com a médica do serviço, se bem que no seu trabalho tivesse muito pouco contacto com germes. Mas seria perigoso tirar sangue? Vivi procurou às apalpadelas o relatório do ginecologista, que precisava de entregar no emprego. Não o tinha metido no impermeável? No entanto, ali só encontrou a carta de Juliusruh. Que dia tão chuvoso, havia poças por todo o lado e as ruas estavam sujas, embora comesse a clarear a pouco e pouco.

Iria até ao semáforo em vez de se meter no meio dos carros estacionados de modo a atravessar as quatro faixas de rodagem, tal como gostava de fazer. Caminhar com cuidado. Resguardar-se. Passar à frente das obras. Um pouco mais à frente, o semáforo ficou verde.

Vivi não correu. Não teve culpa de escorregar na lama molhada das obras e bater em cheio com a cabeça de encontro ao bloco de cimento.

Pedi para a ver de novo, apesar de não ser da família, e permitiram-lho. Konstantin teria gostado de depositar um beijo na testa de Vivi, onde já não havia sangue, apenas o seu cabelo claro tinha algo húmido e negro. Hesitara em demasia? O lençol cobriu o rosto de Vivi, Konstantin continuava ali à frente, imóvel. A notícia da sua morte tinha-se propagado e chegara longe.

Do UKE a Henny, a Katja, à Finkenau.

Katja, que estava à espera dele à frente da sala de partos, onde um colega o substituiu. Que agora se encontrava a dois passos dele na cave do UKE, preparada para o amparar. Contudo, ele achava que não estava muito afetado. Que o momento de chorar viria depois. Konstantin ainda era incapaz de o fazer.

Jon encarregou-se de avisar os familiares em Juliusruh, como se conhecesse melhor as pessoas do Leste. Pouco depois, a tia de Vivi comunicar-lhes-ia que a família de Konstantin já nada tinha que ver com Vivi. Nem com os vivos nem com os mortos. A mãe monopolizava de novo a filha e via em Konstantin o culpado pela desgraça. Já lhe inspirava animosidade quando o rapaz tinha dezassete anos. A coisa vinha de trás.

Dias depois, Henny recebeu instruções pelo telefone para onde deveria enviar os escassos pertences de Vivi. Klaus ajudou-a a embalar grandes pacotes que depois levou para os correios. Konstantin estava na clínica, faltara apenas a um turno, numa tentativa maníaca de não pensar em nada que não tivesse a

ver com a medicina.

Henny só ficou com uma coisa de Vivi.

Um *chip* branco de plástico com um sinal +. Tinha-o na mão quando ouviu Konstantin entrar. Henny levantou-se do cadeirão de couro e escondeu o *chip* atrás da fotografia de Theo. Agora tinha as mãos livres para sacar do lenço, enxugar as lágrimas e abraçar o neto.

Käthe passou o dia inteiro a pensar naquele primeiro domingo do Advento de 1933, quando Rudi regressara do campo de concentração de Fuhlsbüttel. O cabelo cortado à escovinha. Destroçado. Morto de frio.

Agora aproximava-se mais outro domingo do Advento, o primeiro sem Rudi. Já não voltaria. Nunca mais. Ruth e Stefan tinham avisado que iriam lá no domingo, mas agora Käthe estava sentada ali sozinha, morta de frio de pura solidão.

Marcou o número de Henny. Falou com Konstantin.

Podia ter ido a pé, a sua casa ficava perto da de Käthe, mas Konstantin levou o carro, era provável que já soubesse que no regresso seriam dois.

A anciã franzina com o casaco de astracã preto ia de braço dado com ele quando Henny abriu a porta. Konstantin trazia uma mala.

– Bem-vinda, Käthe – recebeu-a Henny. – Vais ficar aqui connosco.

35 Filme de comédia alemão estreado em 1955, não havendo registo de que tenha sido exibido nas salas de cinema portuguesas. Poderá traduzir-se o título como *Três Homens na Neve*. (N. da T.)

36 Não sei a quem pertenço, / Apenas a um não mereço. / Se te prometo agora fidelidade, / De outro será causa de infelicidade. (N. da T.)

37 Pois, porque tem algo tão belo de agradar apenas a um só? / O Sol e as estrelas são de todos. / Não sei a quem pertenço, / Creio que só eu me mereço. (N. da T.)

Março, 1994

O oleandro que tinham no terraço iria ficar gelado agora, quando o inverno se encaminhava para o fim; fazia um frio polar, apesar de já estarem no início de março. Klaus contemplou entristecido o grande oleandro. Já era demasiado tarde para o colocar na sala de estar, o ar seco do aquecimento central acabaria por dar cabo da planta meridional de uma vez por todas.

– Gostava de ter uma estufa – declarou.

– Tu e eu perdemos a grande oportunidade de comprar um castelo.

Alex estava a pôr a mesa para três. Klaus tinha um rosbife a assar no forno, de que Konstantin gostava. Tanto frio como quente.

– Achas que o Konsti está melhor?

– Tem dias. A coisa vai indo aos poucos – respondeu Alex. – O consultório deixa-lhe demasiado tempo para se abandonar à melancolia. Ao fim e ao cabo, a Marike continua a ir lá dois dias por semana. Na Finkenau estava mais ocupado.

– Primeiro o Thies pressiona a Marike para deixar o consultório nas mãos do Konstantin e agora dá-se ares de grande empresário. O Thies está armado em carapau de corrida, como se a estreia de quinta-feira fosse dele e não do Jon.

– O nosso chefe voltou a recuperar a importância que tinha – resumiu Alex.

– Descasco já as batatas?

– A que horas é que o Konsti chega? Às duas? – Klaus olhou para o relógio. Continuava a usar o de Alex e Alex o seu, desde que este último sofrera o acidente. – Descasca-as, posso começar a fritá-las.

Deu uma vista de olhos ao forno: o termómetro indicava que a temperatura era de sessenta graus. O rosbife já se encontrava a assar há três horas, em fogo lento.

Klaus ergueu-se.

– Devemos insistir com o Konstantin para ir à estreia? – perguntou.

– A Katja e o Jon já estão a tratar disso.

– Não acho que faça mal nenhum se nós também o fizermos – refletiu Klaus. – O Konsti tem trinta e um anos, não pode centrar-se apenas na

morfose dos carcinomas da mama especiais. É isso, não é?

– Morfologia e prognóstico. Já entreguei a tese de doutoramento.

– O teu afilhado não podia combinar encontrar-se de vez em quando com o teu filho? Afinal de contas, o Lori é uma das pessoas que podem distrair o Konstantin.

– Não pronuncio a palavra *filho* nem metade das vezes que tu o fazes.

Klaus sorriu.

– Tenho vontade de que chegue o dia, que é provável que já não se encontre muito distante, em que tu e eu sejamos avôs. Segundo a Florentine, o Lori já se libertou da sua timidez e as mulheres fazem fila atrás dele.

– Nisso saiu ao Robert – comentou Alex.

Konstantin passou o garfo pelo molho do assado que ainda tinha no prato.

– Continuo a ser o viúvo da Vivi – lamentou-se. – Precisamente porque não quis dar-lhe o que ela mais desejava: casamento, filhos. E agora tento corrigir o erro. Sabem que nem sequer fui capaz de chorar de verdade?

Klaus olhou para Alex.

– O doutor Braunschweig continua a exercer? Foi com ele que aprendeste a chorar.

– O consultório, pelo menos, já não existe.

– Tiveste de aprender a chorar? – Konstantin pousou o garfo junto ao prato.

– Agora é um choramingas – replicou Klaus.

– Baboseiras – afirmou Alex. Mas de repente vieram-lhe as lágrimas aos olhos ao recordar o quanto Vivi era jovem e bonita.

Konstantin encolheu os ombros.

– A Henny diz que a morte é um consolo pelo facto de que uma pessoa volta ao estado em que se encontrava antes de nascer.

– A não existência – referiu Alex. – Ajuda aqueles que cá ficam?

– Uma ideia interessante – replicou Klaus. – Vem connosco na quinta-feira à estreia do Jon, Konstantin. Iria significar muito para os artistas que participam no projeto.

– A minha irmã e o meu cunhado já me estão a azucrinar a molécula com esse assunto. A Henny também vai. A propósito, ofereceu-me o fraque do Theo, assenta-me como uma luva, como se tivesse sido feito sob medida para mim.

– Um *morning suit* não é o mais adequado para a tarde – corrigiu Alex.

Konstantin ergueu as sobrancelhas, algo que tinha tanto jeito para fazer como o tio e o padrinho.

– Pois então vou procurar alguma coisa no roupeiro.

– Escuta, fico muito feliz por teres decidido ir, portanto é-me indiferente o

que vistas ou deixes de vestir.

– Depois vemos isso – retorquiu Konstantin.

– Que tal a vida com as velhotas? – indagou Klaus.

Konstantin sorriu.

– Pois a verdade é que até me fazem bem – admitiu.

Käthe não levou muitas coisas do seu apartamento: a cama; o sofá; o louceiro dos Laboe, que Henny resgatara do ferro-velho e Rudi pintara de vermelho-tomate; todos os desenhos de Rudi, os que estavam emoldurados e os que se encontravam guardados nas pastas. Alguns deles distribuiu-os pelas casas dos jovens. A requintada mesa de madeira de pereira clara, que sempre estivera na cozinha, foi levada por Ruth e Stefan.

De três assoalhadas numa sobreloja à sala de jantar de Henny, que já quase não se utilizava, os grandes almoços de família realizavam-se desde há algum tempo na mesa de Katja.

– O que é que vai acontecer quando já não puderes subir as escadas para o teu quarto? – perguntou Käthe.

– Vou manter-me ágil, tão simples quanto isso – respondeu Henny.

– Que máximo – exclamou Caroline ao ver o quarto de Käthe.

É verdade, não parecia o quarto de uma velha de noventa e quatro anos: o louceiro vermelho-tomate, o sofá italiano aos quadrados brancos e pretos, que continuava a ser moderno, embora já tivesse quarenta anos, os desenhos e as águas-fortes nas paredes.

– Só vais precisar de outra colcha para a cama – decidiu Katja. – Essa é uma relíquia.

– Acontece que eu própria sou uma relíquia – respondeu Käthe.

Fred saiu pela garagem, estava demasiado frio para trabalhar no jardim. Na realidade estava na hora de podar as plantas vivazes, varrer com o ancinho os canteiros para lhes retirar a folhagem do outono. No entanto, Fred limitou-se a encher de sementes de girassol a casita dos pássaros, que pendia do ácer nu, e cumprimentar com um aceno da mão as senhoras de idade, que se encontravam à janela.

– Sabes alguma coisa da vida do Fred? – perguntou Käthe.

Henny abanou a cabeça.

– O tradicional, imagino – aventurou-se a dizer. – Separação, bebida. Nunca toca em bebidas, é provável que antes fosse alcoólico.

– Talvez me tivesse acontecido a mesma coisa se não me tivesses acolhido, Henny.

– Ter-te-ias sentado num banco a beber aguardente?

- Teria arruinado a minha vida, de uma forma ou de outra.
 - Tu sempre saíste dos apuros por ti mesma.
 - Quando ainda tinha o cabelo negro – sublinhou Käthe. Stefan tinha razão: o desgosto amainara quando o branco chegara às pontas dos cabelos. – Talvez tivesse morrido de solidão.
 - Tu e eu ainda temos de decidir o que vamos vestir amanhã para ir à estreia. A Katja está mais nervosa do que o Jon.
 - Não faço tenções de ir ao cinema – objetou Käthe. – É demasiada confusão para mim. Deixa-me ficar aqui, no quentinho.
 - No Streit's também vai estar calor.
- Käthe abanou a cabeça, sorridente.
- Veste o vestido de veludo com aquela gargantilha de bijutaria tão bonita.
 - As safiras falsas. Foi o Klaus que me ofereceu.
 - Tem bom gosto para essas coisas – elogiou a amiga.
 - O Konstantin vai ser o meu acompanhante – contou-lhe Henny.

A testa alta de Gershwin. Jon tinha deixado crescer o cabelo curto e escuro para poder penteá-lo para trás e mantê-lo com brilhantina. O cachimbo frio na boca quase não o incomodava, mas George Gershwin também fumava cigarros, que queriam que se mantivessem acesos enquanto Jon passava os olhos pelas partituras, as mãos nas teclas do piano. Certa vez, o fumo meteu-se nos olhos de Jon, que, por usar lentes de contacto, ficaram inflamados, e foram forçados a interromper a rodagem.

Filmaram as mãos de Alex a tocar piano, e as pequenas manchas próprias da idade foram tapadas com maquilhagem.

– Podias ter sido tu mesmo a representar o papel do princípio ao fim – afirmou Jon.

– Claro: primeiro, sou um ator estupendo e, segundo, o George Gershwin tinha metade da minha idade quando morreu – respondeu Alex.

Jon subiu ao palco do Streit's e, acompanhado pelas intérpretes de Kitty Carlisle e Kay Swift, recebeu os aplausos que lhes prestaram. Eram mulheres que haviam desempenhado um papel importante na vida do músico: Gershwin pedira em vão a mão de Kitty em casamento, e a compositora Kay Swift fora sua companheira e colega.

Realizador e produtor subiram também ao palco.

– Alex e Robert, por favor, venham. O vosso álbum foi o detonador do filme *Gershovitz*³⁸ – declarou George Rathman. Um momento feliz para todos.

– Não é preciso ficares o tempo todo ao pé da tua avó velhota – recordou Henny ao neto quando estavam no *foyer* a beber espumante.

– As safiras são da mesma cor dos teus olhos – replicou Konstantin. Era

incapaz de se imaginar a namoriscar outra mulher que não fosse a avó. Talvez a sobrinha Henriette, que tinha seis anos; a irmã desta, Caroline, com onze, já era demasiado velha.

– E se arriscássemos outra produção? – alvitrou Robert. Piscou um olho a Lori, que tentava seduzir uma amiga de Etta.

– Não começamos a ser demasiado velhos? – perguntou Alex.

– Vou fazer-te uma lista de todos os grandes do *jazz* americano que passam dos oitenta e que continuam no ativo – interveio Klaus. – E ainda falta muito para vocês chegarem a essa idade.

– Mas que a lista venha em folhinhas separadas – pediu Alex.

– Podemos dar-lhe uma vista de olhos – insistiu Robert. – Talvez Rodgers e Hammerstein. *Hello, Young Lovers*³⁹. É o que poderiam dizer dois cavalheiros de uma certa idade à geração mais jovem. – Olhou para a filha, Loretta, que nos pulsos magros usava pesadas pulseiras de pérolas em todos os tons de verde. Etta era uma beldade irlandesa, a menina tinha saído a ele.

– A Ida não veio? – perguntou Henny quando Florentine se aproximou da sua mesa.

Esta sentou-se no lugar de Konstantin, que estava ao pé de Katja e Jon.

– A Ida tinha outros planos, esta noite combinou encontrar-se com o Tian.

– Qual das duas é que ficou doida varrida? – perguntou Henny. – Tu ou eu?

– Está claro que foi a Ida – retorquiu Florentine. Parecia triste.

– Mas não ficou sozinha em casa, pois não?

– Não, claro que não, o Fred e o Emil estão com ela, mas em todo o caso vou apanhar um táxi. O *husky* que fique e se divirta com a festa, na NDR era sempre relegado para segundo plano.

– Vou contigo – decidiu Henny.

– A sério que queres vir? Isto porque posso pedir a um dos garotos.

– Nenhum de vocês conhece a Ida há tanto tempo como eu.

Ida não se encontrava no quarto de Jean Cocteau, embora Fred e Emil estivessem convencidos de que ela dormia o sono dos justos na sua cama individual. Os homens saíram para a noite fria à sua procura.

– Espero que não tenha saído em camisa de noite – disse Florentine. Sentiu-se aliviada quando foi até ao corredor e constatou que o casaco de Ida não estava ali.

– Hoje falou sobre o Tian. Sobre quem mais? – perguntou Henny.

– Achas que pode ter ido até à Johnsallee? Viveu lá muitos anos com o papá.

– Florentine pegou no telefone e ligou a Momme para lhe pedir que desse uma olhadela pela casa e também no jardim. – Mencionou o Hofweg-Palais.

– Não creio que queira ir em busca do Campmann – argumentou Henny. –

Vamos sair com o teu carro e percorreremos estação por estação.

– E quando é que chamamos a polícia?

– Chamaremos a polícia só se não formos capazes de a encontrar.

– Também falou do meu avô, tudo aponta para a Johnsallee, foi lá que o Bunge viveu com a Guste – acrescentou Florentine já no carro, mais outro *Peugeot*, vermelho. – Vamos até lá primeiro? O que é que achas?

Ida não estava nem na Johnsallee nem no Hofweg-Palais.

– Sabes quem é a minhoca? – perguntou Florentine a caminho da esquadra, preparada para comunicar o desaparecimento de Ida.

– Dá meia-volta e vai direta para a Fährhausstrasse – referiu Henny. – Vamos fazer uma derradeira tentativa antes de irmos à polícia.

A casa estava às escuras, embora não parecesse desabitada. Não, não estava descuidada, apenas deserta.

– Estaciona – pediu Henny.

– Quem é a minhoca? – quis saber Florentine.

– A Netty, a tua avó. O Bunge chamava «minhoca» à mulher.

– E porque é que a Ida havia de estar aqui?

– Porque esta casa não abriu as portas ao Tian. Talvez por isso tenha querido ficar com ele na Fährstrasse, era assim que se chamava a rua antes da guerra. Uma das vezes em que tomámos o pequeno-almoço juntas, a Ida contou-me que o Tian se sentia magoado com a discriminação de que era alvo e uma vez veio até aqui para deixar bem claro aos pais da Ida que as suas intenções eram nobres e sérias, mas não chegou a entrar. Foi pouco depois de a tua mãe e o teu pai se conhecerem.

– Não sabia disso – admitiu Florentine.

– Vamos sair do carro. E dá-me o braço, filha, que está muito escuro. – Aproximaram-se do portão alto com gradeamento de ferro, que parecia entreaberto. – Anda, vamos dar uma volta à casa.

– Não está aqui. E ainda por cima não tarda o alarme começa a tocar.

– Se tocar, informaremos os agentes da polícia do que pretendíamos fazer.

Henny agarrava-se com toda a força a Florentine, sentindo a gravilha ranger debaixo dos pés quando seguiram pelo caminho de acesso, praticamente coberto pela vegetação. A única luz era a que saía das águas-furtadas da casa contígua e a que projetava a Lua.

– Lá está ela – exclamou Henny. – Por amor de Deus, está descalça.

– Mamã – disse Florentine. – Somos nós, eu e a Henny.

Ida virou-se.

– A pereira já não está aqui. E o Tian também não.

Ida deixou-se abraçar e rompeu em lágrimas.

³⁸ Jacob Gershovitz era o nome verdadeiro do compositor norte-americano George Gershwin (1898-1937). (*N. da T.*)

³⁹ Esta é uma das canções mais famosas da peça da Broadway e também do filme homónimo *O Rei e Eu*, com músicas da dupla Rodgers e Hammerstein. (*N. da T.*)

Junho, 1994

– Os dias já são longos e há mais luz – comentou Etta. – Assim estarás menos triste, avó, e também será bom para os teus pulmões. – Acomodara Ida na varanda banhada pelo sol, com uma almofada nas costas e uma mantinha de lã nas pernas. – Isto é quase como na montanha mágica. Venho já trazer-te um arroz-doce e vou à procura de Naphta e Settembrini⁴⁰.

– Não sei quem são esses, mas o Karsten que venha se quiser, filha, e diz à Florentine que não tenciono voltar para o hospital. Foi lá que o Tian morreu.

A vida de Ida ficara presa por um fio depois de Henny e Florentine a terem encontrado naquela noite fria, descalça na relva: a consequência da escapadela foi uma pneumonia de que Ida não havia recuperado por completo; «sanatório para tuberculosos», chamava Karsten à pequena e simpática pensão para artistas desde que Ida havia voltado. Também ele tossia mais.

– Queres que me vá sentar um bocadinho ao pé da tua avó? – ofereceu-se quando Etta entrou na cozinha. – O sol vai fazer-me muito bem. Talvez compre uma casita na Riviera. Em Antibes.

– Podes dar-te a esse luxo?

Karsten tirou a saqueta de chá da chávena.

– Poderia, sim, princesa. – Olhou para Etta.

– E passas oito dias por mês na pensão da mamã? O que é que foi feito do teu apartamento de Paris?

– Ainda o tenho.

– E tirar retratos a políticos chega-te para tudo isso?

– Eu e a minha irmã herdámos algum dinheiro.

– Ainda te acho atraente – afirmou Etta.

Karsten sorriu.

– Fazes bem ao velho Karsten, princesa. Mas porque é que estás a dizer-me isso?

– Porque tenho curiosidade. Onde é que estão as mulheres da tua vida?

– Não creio que o meu negócio seja o compromisso, e a única mulher que amei foi a prima da tua mãe. Contudo, fico feliz por ela viver com o Jon; os oito dias que aqui passo são o mais perto de assentar na vida de que me julgo

capaz. E tu? Tu e o teu irmão continuam a viver com os vossos pais.

- A casa é grande o suficiente.
- Pois é, além de que a Florentine e o Robert são pessoas abertas. Ouvi dizer que seguiste as pisadas do teu pai, é verdade?
- Ouviste mal. A cena dele é o áudio e a minha é a imagem.
- Fotografia? Como a Katja?
- Câmara. Bom, vou buscar o arroz-doce. Também queres?
- Não, obrigado. Vou sentar-me ao pé da Ida, ela e eu somos dois cacos velhos com estilo. Quem sabe quanto tempo nos resta.

Emil devia dois meses de renda dos quartos de Zizi Jeanmaire e Coco Chanel, Florentine não lhe deu nenhum ultimato, ele mesmo o fez.

– Não me enquadro – afirmou. – Os meus professores já mo tinham dito. Se não vender nada na exposição, vou-me embora. – Contemplou com tristeza o quarto de Zizi, onde havia apenas uma cama de ferro pintada de branco, duas cadeiras e uma mesa antiga com marchetaria e a perna de ferro fundido que ocultava uma máquina de costura. Emil cosia com ela os seus trapinhos.

– E depois? Vais viver para debaixo de uma ponte? – perguntou-lhe Florentine. O quarto teria estado sempre assim tão desguarnecido?

– Volto para a minha terra e fico a limpar estábulos ou a reabastecer as prateleiras do único supermercado que há.

- Quanto é que te pagam para atuar no Bongo?
- Dez marcos. Com isso compro a maquilhagem na Budni.
- Dão-te dez marcos para cantar lá?
- Porque sou uma estrela – retorquiu ele.
- Cometi o erro de te alugar também o Coco, foi isso que te meteu nesse aperto. Em tempos foste bastante sensato ao arrendar apenas o quarto mais pequeno.

– Com o Coco tive delírios de grandeza porque vendi um quadro. Pensei que no Bongo tinha encontrado alguém que se interessava pela minha arte. Mas o que lhe interessava era outra coisa, não a arte.

- E tu, tens algum interesse no sexo, Emil?
- Abanou a cabeça.
- Se tivesse, enfiava-me na cama de alguém e pronto. Mas nem sequer sou capaz de fingir.
 - Onde é que vai ser a exposição?
 - Numa cave da Marktstrasse. No dia 11 de junho. Vais?
- Uma cave. Isso soava a coisa de pobre.
- Claro – garantiu-lhe ela.

- Desapareceu um artigo – contou Alex. – Tão simples quanto isso.
- Sentou-se numa das cadeiras de jardim que haviam comprado. Os cadeirões de vime tinham caído de podres e de velhos.
- Também não foi assim com essa facilidade toda. Um efeito secundário da reunificação que o Bundestag tratou de eliminar. Caso contrário, como consequência da equiparação jurídica, também teriam de tê-lo endossado aos novos estados federados. Além de que o prazo para a equiparação já terminou.
- Klaus pousou na mesa os copos altos, translúcidos, e uma taça com azeitonas.
- O medo que tu e eu passámos de que nos denunciássem.
- Acho que devíamos comemorar o desaparecimento do artigo 175 na inauguração dessa exposição. Para a Florentine é muito importante que pessoas do meio cultural como tu e eu compareçam à exposição do Emil – referiu Klaus.
- Conheces a obra do Emil? É provável que o mais importante seja comprar-lhe um quadro.
- Não, ainda não vi nada dele, mas, se não forem deprimentes, ponho um na parede e pronto.
- Gosto do modo como ficam as águas-fortes venezianas do Paul Flora nas nossas paredes e também as fotografias de grande formato da Katja.
- Não te feches à mudança agora que somos mais velhos.
- Diz o meu jovem companheiro.
- É assim tão complicado para ti envelhecer, Alex?
- Surpreendo-me por ainda continuar por aqui. Já faz tanto tempo que vivo com achaques que quase não me dou conta do quão lentas muitas coisas se tornam.
- Continuar com bom aspeto ajuda-te imenso, aliás.
- Assim como voltar a ter um álbum que se vende bem. É evidente que o filme contribuiu para isso.
- O Jon e a Katja também vão à inauguração.
- É a primeira exposição do Emil? Isto porque a Florentine nunca fez grande alarde disso.
- A primeira individual – respondeu Klaus. – Talvez possa arrastar até à galeria um colega da secção de cultura. Acham sempre o bairro de Karolinenviertel deveras interessante.
- Está bem, vamos começar por comprar uma obra de arte que não entendamos em absoluto. – Alex ergueu o copo de gim tónico. Ao brindar ouviu-se um ruído surdo.

Quatro degraus conduziam à galeria da cave, o edifício parecia saído de

Berlim Leste. O teto era quase baixo de mais para os quadros de Emil; o galerista mostrava-se pasmado com a quantidade de pessoas que tinham ocorrido ao seu modesto estabelecimento.

– Não achas que no meio de todo este colorido se vê a mão da Florentine? – alvitrou Klaus.

Não, Alex não achava. Gostava de um quadro em que não via nada, no entanto, os muitos tons de vermelho eram luminosos e podiam ficar a matar entre as fotografias de Katja e o ciclo veneziano de Paul Flora.

– São os meus ténis cor-de-rosa de desporto – exclamou Lorenz, que se detivera espantado diante de um dos quadros.

– Nem um único custa menos de mil – comentou Jon com Robert. – Nós não podemos dar-nos a esse luxo.

– Foi ideia da Florentine. Não vender demasiado barato, porque se fizesse isso ninguém levaria a arte dele a sério. Para ti e para a Katja, o preço é negociável.

– Gostam de algum? – quis saber Klaus.

O jovem com o microfone não trabalhava na secção de cultura da Rothenbaumchaussee, mas sim no *N-Joy*, o novo programa da NDR, que desde abril emitia a partir de um pavilhão de vidro do Winterhuder Fährhaus. Num espaço de poucas semanas, a redação granjeara fama de pertencer aos anarquistas da emissora. O jovem adquiriu um quadro, e esse segundo ponto vermelho na arte de Emil desencadeou uma autêntica febre compradora.

– Então, posso ir-me embora? – perguntou Fred.

Henny anuiu e sentou-se com a amiga no terraço.

– És tu? – Ida entreabriu os olhos fechados.

– Não sei de quem estavas à espera.

Ida sorriu e abriu-os por completo.

– De ti.

– Não tens frio?

– Ainda não. Podemos entrar daqui a pouco. A senhora Laboe preparou-nos a sua salada de batata, está deliciosa.

– Quem foi que a preparou, Ida? – perguntou Henny com suavidade.

– A mãe da Käthe. A salada está no frigorífico. Tenho de comprar gelo, o verão acabou de começar.

Henny manteve-se em silêncio. Konstantin não tinha dito que, quando se mostravam assim tão confusas, não se devia corrigir as pessoas, por mais disparatado que fosse aquilo que dissessem?

– A tua filha disse-me que no frigorífico há sanduíches de salmão fumado – disse. – Podemos comê-las depois.

– Também foi ela que as fez – replicou Ida. – É muito trabalhadora.

Continuava a referir-se à mãe de Käthe ou já estaria a referir-se a Florentine? Henny não lho perguntou.

– O Karsten esteve aqui sentado comigo hoje e disse que éramos dois cacos velhos. Conheces a expressão?

Henny conhecia-a, no entanto abanou a cabeça. Dava a impressão de que Ida havia regressado num piscar de olhos ao presente.

– Acho que o Karsten vai morrer em breve. É uma pena, um homem tão encantador e ainda jovem.

– Porque é que achas isso?

– Tem o pulmão afetado, mas não lhe digas nada. Henny, não quero voltar a pôr os pés num hospital. Por favor, se é isso que esperam que eu faça, não permitas.

– Fala com a Florentine e com a família dela.

– Vamos para Berlim – declarou Ida.

Henny franziu a testa. Estaria Ida a referir-se ao governo?

– Tenho muita pena que o Lud tenha morrido.

– Isso já foi há muito tempo – retorquiu Henny, começando a acariciar a mão de Ida.

– Ai sim? – perguntou esta, admirada. – É como se o tempo estivesse preso dentro de uma bolinha de cristal que nos escapa das mãos.

40 Alusão ao romance *A Montanha Mágica* escrito pelo autor alemão Thomas Mann em 1924. (N. da T.)

Agosto, 1994

As pequenas dormiam nas águas-furtadas, sob o telhado de colmo, com Konstantin; Caroline e Henriette no beliche e Konstantin numa espreguiçadeira desdobrável. Jon e Katja tinham uma cama de casal que rangia no piso térreo.

Uma simples casa de férias que em tempos fora o casebre de um pescador, perto do pequeno porto de Breege, na ilha de Rügen. Acaso não sabia Konstantin que do outro lado da praia do mar Báltico, nas margens da albufeira, se situava Juliusruh?

– E se eu me encontrar com a mãe da Vivi? – perguntou no primeiro dia, quando percebeu para onde tinha ido com Katja, Jon e as pequenas. Porque é que a irmã teria feito tal coisa?

Katja e ele estavam sentados na praia, que se estendia ao longo de quase doze quilómetros entre a península de Jasmund e Wittow; Konstantin deixava que a areia branca lhe escorresse por entre os dedos.

– Uma terapia de choque? Preocupa-te que eu não seja capaz de enfrentar a dor, Katja?

– Em novembro faz dois anos, Konsti, e não te vi derramar uma única lágrima.

– Talvez eu chore às escondidas quando estou lá em cima, sentado à secretária do Theo, e a Henny e a Käthe se aquecem junto à lareira.

– Ainda nem sequer tens trinta e dois anos.

– A Vivi já não poderá fazê-los.

– Konsti, não tens culpa por ela ter morrido.

– Dificultei-lhe a vida.

Olharam para Jon, que procurava conchas com as filhas, construía castelos de areia e jogava badmínton. Sete dias de férias. Sentir o sol na pele, tomar banhos de mar no Báltico; Caroline era boa nadadora, mas Jettchen ainda precisava de braçadeiras. Três pares de olhos vigiavam-na.

À tarde foram comer salmão, que defumavam sobre madeira de faia no próprio restaurante, halibute-negro e filetes de cavala, e para as meninas cones de batatas fritas.

Konstantin julgou reconhecer a mãe de Vivi numa mulher de cabelo acobreado, quando se encontrava sozinho no cadeirão de vime, e debruçou-se mais ainda sobre o livro que lia. No entanto, ela passou por ele sem parar, agachou-se para apanhar uma concha e fitou-o por um instante sem interesse algum.

No penúltimo dia, Katja levou-o ao cemitério da velha igreja.

– Tu já aqui estiveste – disse à irmã ao ver que encontravam com tanta facilidade a pequena pedra irregular onde se encontravam gravados o nome e as datas de nascimento e falecimento de Vivi. Konstantin não chorou ali. Só o fez quando entraram na igreja iluminada, a mais antiga da ilha, cuja construção tivera início no ano 1200. Isso era muito tempo.

– Voltam hoje – disse Henny para Käthe. – Espero que tenha sido uma boa ideia, o tiro também pode ter saído pela culatra à Katja.

Apesar de contas, Rügen era bastante grande; podiam ter ido para leste e não para norte. Ou então para Hiddensee.

– Tu sabias de tudo – afirmou o neto quando a viu. – A minha própria avó enganou-me.

– Tanto quanto sei, a Katja não te escondeu que iriam para a ilha de Rügen.

– Talvez tenha deixado que as coisas seguissem o seu rumo – sublinhou Konstantin. Deu a Henny a caixa de peixe fumado e a aguardente de trigo que havia comprado na destilaria.

– Vai até ao jardim – propôs Henny. – A Käthe também lá está. – Dirigiu-lhe um olhar perscrutador.

– No início aborreci-me com a Katja – reconheceu Konstantin –, mas agora sinto-me melhor.

Sentou-se ao pé das velhotas; a mesa encontrava-se diante do banco de madeira, Henny tinha pedido a Fred que a arredasse essa manhã.

– Estás com bom aspeto, Konsti – declarou Käthe. – O ar do Báltico. Eu e o Rudi sempre quisemos voltar a Laboe.

Konstantin ajudou Henny a pôr a mesa. O peixe, o pão, a aguardente, água.

– Faz-me bem estar aqui convosco. Não preciso de mais nada.

– Não podes passar o resto da vida com duas mulheres de noventa e quatro anos – objetou Henny.

– Espero que façam muitos mais.

– É melhor não fazer muitos planos – disse Käthe.

– A futilidade dos planos do ser humano – refletiu ele. Acaso ele mesmo não era um paradigma?

– A Käthe recuperou a serenidade – comentou Ruth. – Graças à Henny.

– O teu pai ficaria feliz por saber que ela conseguiu – retrucou Stefan. Fez um sinal ao proprietário do Etrusker: outro jarro pequeno de *verdicchio*. – Vamos a Berlim na semana que vem? Gostava de te mostrar os lugares onde passei a infância. Dentro em breve, muitas coisas vão mudar, agora que Berlim é a capital. A mudança é paulatina.

A decisão fora tomada em outubro de 1991. Um debate emocional no Parlamento de Bona. Willy Brandt, Wolfgang Thierse e Wolfgang Schäuble foram alguns dos que advogaram por Berlim. Isto porque haveria outra alternativa a Berlim como capital de uma Alemanha reunificada?

– Gostas de recordar a tua infância em Berlim?

– Quanto mais velho fico, mais gosto. Naquela época, a minha mãe ainda era uma mulher jovem e com boa saúde e o meu pai beijava o chão que ela pisava. Éramos uma família feliz. Ao Jon tocou a sorte de viver tempos mais duros. A doença prolongada da Lillian, a morte dela, o desespero do nosso pai.

– Isso também te tocou a ti viver.

– Eu era adolescente e nessa idade uma pessoa sente-se forte e invulnerável. O Jon, em contrapartida, era uma criança pequena.

– Vocês são muito unidos.

– É verdade – respondeu Stefan. – Podíamos pedir o carro ao Jon e à Katja. Vamos pela Fernstrasse 5, atravessamos Havelland. Veremos se a pereira do velho Ribbeck ainda se encontra de pé.

Ruth conduziria, ele não tinha permissão para o fazer desde aquele dia de setembro de 1971.

– Também gostava de ir a Kreuzberg, à Urbanstrasse – disse ela. – Para ver se o Geert e a Tine ainda lá vivem.

– Gostava de saber o que foi feito do Friedhart.

– De certeza que está morto.

– Porque é que achas isso?

– Onde mais poderia ele estar? Na RDA já não se pode refugiar. Em algum lugar do Próximo Oriente?

– Achas que ele teve alguma coisa que ver com o assassinio do Rohwedder?

– Não descarto essa hipótese. Mas isso já foi há três anos, tempo mais do que suficiente para morrer. Até mesmo para o Friedhart.

– Ou para se enterrar ainda mais na clandestinidade. Continuo sem perceber como foi que pudeste envolver-te numa coisa dessas, Ruth.

– Tudo depende das pessoas com quem nos cruzamos na vida, Stef.

– Podes cá vir?

Henny detetou o medo na voz de Florentine ao telefone. Apenas essas três palavras, mas Henny intuiu o que significavam. Pediu a Konstantin que a

acompanhasse à Sierichstrasse, os joelhos tremiam-lhe demasiado para ir sozinha.

– Vocês eram um quarteto magnífico – observou o neto quando saíram de casa. Quando olharam para o Alster viram a quantidade de barcos, transeuntes, crianças, cães. Um dia de agosto quando o dia de trabalho já havia terminado.

– Um quinteto magnífico: a Louise também fazia parte do grupo.

E agora tinha morrido a terceira delas. Henny e Konstantin encontravam-se em frente à casa de Ida, no ocaso de um dia estival. Tinham comemorado havia pouquíssimo tempo o aniversário de Ida, como se isso constituísse uma promessa para desfrutar de mais um ano. Todas aquelas felicitações.

– Esta manhã ofereceu à Etta a tartaruginha e o elefante – contou Florentine em voz baixa. – Pareceu-nos um sinal e a partir desse momento nunca mais a perdemos de vista.

Estavam sentados junto à cama de Ida, no quarto de Cocteau: Florentine, as crianças, Robert. Karsten abriu a porta a Henny e a Konstantin e depois retirou-se para a cozinha.

Henny pegou na mão de Ida.

– Sempre foste a mais bonita – disse-lhe.

Era quase um encontro de toda uma vida. Teria Ida sorrido nesse momento?

Nessa noite permaneceram durante muito tempo em redor da mesa da cozinha daquela comunidade que começara por ser uma pequena e simpática pensão para artistas. Florentine e a sua família, Henny e Konstantin, Fred, Emil, Karsten, que se levantou de novo e foi até ao quarto de Ida.

– Nós, os dois cacos velhos – disse em voz baixa, e dito isto beijou a mão da anciã.

– O que é que estás a fazer aqui sentada às escuras, Käthe?

– A Ida morreu? – perguntou esta.

– Sim, pouco depois das oito horas.

– Quer então dizer que da velha guarda já só restamos tu e eu.

– Aguentemos um pouco mais – propôs Henny na sala de estar da Körnerstrasse, indo sentar-se ao pé da sua amiga.

Janeiro, 1999

Etta acomodou Tamara num dos quartos da pensão; seria uma solução temporária, até que a operadora de câmara e a dramaturga encontrassem apartamento em Schanze. As jovens tinham regressado de Berlim no outono, onde haviam estudado na Escola de Cinema de Babelsberg.

Etta e Tamara estavam a contemplar os quartos amplos, de tetos altos, em casas desmanteladas há duas décadas, mas agora o bairro de Schanze era um lugar muito solicitado por pessoas criativas. Um belo dia, à mesa da cozinha, Tamara conheceu o irmão de Etta.

O primeiro neto de Florentine foi gerado debaixo da fotografia de grande formato do escritor belga Georges Simenon.

Continuavam à procura de apartamento, para uma jovem família. Nas águas-furtadas que Lori ocupava perto do Instituto de Investigação Social, onde trabalhava o jovem historiador, na melhor das hipóteses cabia uma roca.

Tamara já estava de oito semanas quando Lori lhe revelou que o bebé teria três avós: o pai de Tamara e os dois pais de Lorenz. A ideia agradou-lhe.

– Gostava de ver a cara do Alex quando lhe contarem – comentou Robert. Ele e Florentine já tinham sabido da boa nova há dois dias. – E se os convidarmos, a ele e ao Klaus, para virem cá a casa?

Florentine não se mostrou entusiasmada com a proposta, Alex nem sequer conhecia Tamara.

– Deixa que digira tudo sozinho, já sabes como ele é – replicou. – Não lida muito bem com as novidades.

– Nós já assimilámos?

– É evidente que tu já tens idade para ser avô – argumentou Florentine. – E a mim não me falta muito.

Robert sorriu.

– Contudo, encara tudo com alegria, por favor – pediu.

Etta era a única a quem esse assunto aborrecia um pouco, cada vez que pensava em Tamara abanava a cabeça: com vinte e cinco anos acabados de fazer e o título de dramaturga no bolso e ia ter um filho.

Foi ver casas em Schanze com escasso entusiasmo, até que decidiu ficar por

ora na Sierichstrasse.

– Fósseis – repetiu Alex. – Odeio essa palavra. – O diretor de programação da secção de música ligeira referira-se-lhes assim, a Hans, o seu saxofonista, e a ele. Era possível que fosse um elogio. Alex bateu ao de leve no teclado com as mãos.

Hans Dörner e Alex eram os únicos que restavam da primeira formação do Quinteto Alex Kortenbach. Sobretudo no decurso desses últimos anos tinha havido muitas alterações no baixo, na bateria e no trompete.

– Caramba, parece que estás mesmo de mau humor – opinou Klaus, que, sentado à mesa, escrevia cartões de boas-festas.

– Talvez queira colocar um cartucho de dinamite no fóssil. Uma grande explosão e o Quinteto passará à história.

– Não creio. Acabaram de gravar no estúdio 10.

– Sabias que estão a pensar chamar-lhe Estúdio Rolf Liebermann?

– Não – respondeu Klaus –, mas gostei. Atendes tu o telefone? Tenho as mãos sujas de tinta. A minha querida e velha *Montblanc* larga borrões de tinta.

– Levantou-se e tirou um trapo de debaixo do lava-loiça a fim de limpar as mãos, com duvidosa eficácia. Alex surgiu à porta da cozinha.

– O Lori vai passar por cá mais tarde para nos apresentar a namorada.

– Apresentar-nos ou apresentar-ta?

– Temos alguma coisa para lhes oferecer?

– Claro – afirmou Klaus. Esfregou as mãos com um pouco de sabonete e lavou-as com esmero. – A mim ainda me deixam fazer um programa de vez em quando, embora esteja oficialmente reformado. Ninguém vai acabar com o Quinteto, é a figura de proa da emissora; a sua imagem de marca.

– Ponho água a aquecer para o chá? – perguntou Alex.

– Pode ser que prefiram café. Conheces a namorada dele? Andou na escola com a Etta, não foi?

– É a Tamara. Não, não a conheço. Mas pelos vistos o Lori leva a sério a relação com ela. Uma dúzia delas pelo menos nunca mas apresentou.

Ambos simpatizaram com ela, a jovem de cabelo escuro pelo queixo, tal como Florentine usava antes. Era alta como Alex e Klaus, Tamara enquadrava-se bem na família.

Família? Alex não desconfiava de nada ainda quando pôs uma segunda fatia de bolo no prato de Tamara, Klaus tinha-o guardado na arca congeladora.

– Vamos ter um filho – anunciou Lorenz.

Klaus pousou uma mão no ombro de Alex.

– Parece mentira que agora também possa ser avô juntamente contigo –

disse.

– Bom, pois então já são quatro – observou Tamara. O que diriam os pais dela de uma família tão pouco convencional?

– Fico feliz – afirmou Alex. – Fico mesmo muito feliz.

– Para quando é que está previsto que nasça? – quis saber Klaus.

– Por alturas de 12 de agosto – respondeu Tamara.

– Primeiro fóssil e agora avô – recapitulou Klaus. – De certeza que isso causa uma grande moossa no teu espírito juvenil.

– Eu sou o mais velho dos quatro avós.

– Pareces satisfeito. E também não é para menos, conseguiste que os genes da tua família se perpetuem. Será toda uma dinastia.

– Tudo isto faz-te sentir mal?

– Gostava de ter tido filhos contigo. – Klaus sorriu.

– Oxalá o Konstantin volte a ser feliz.

– A Katja disse-me que conheceu uma médica, alguns anos mais velha do que ele, num congresso.

– Acho que a Katja é a confidente dele.

– Seguida de perto pela Henny – observou Klaus. – Faz aí um pouco de barulho com o piano, anda, mas sem esmurrar o coitado.

– Não admira que sejas tão bonito – comentou Tamara enquanto regressavam à Sierichstrasse junto às margens do Alster –, vendo como são todos os teus pais.

– A minha mãe trabalhou como modelo.

– Isso é um eufemismo. Posou para as capas da *Vogue*, da *Twen* e da *Elle*. A Etta mostrou-me as revistas todas, na vossa estante há montes delas. A Florentine Yan foi no tempo dela o que hoje em dia são a Nadja Auermann e a Kate Moss. Podes sentir-te orgulhoso da tua mãe.

– Também me sinto orgulhoso do meu pai.

– Que, além do mais, é um famoso músico de *jazz*.

– Estava a referir-me ao Robert – corrigiu ele.

Tamara deteve-se. Puxou pelo cachecol de Lori de modo a virá-lo para si e beijou-o.

– O *husky* é fantástico – declarou.

– A Ruth, o Stefan, o Jon, a Katja, as pequenas. A Marike e o Thies.

– Porque é que estás a enumerá-los?

– Porque se trata da lista de convidados do teu aniversário, Käthe.

– Não creio que chegue até lá.
– «Parvoíces», como teria dito o teu pai. É daqui a catorze dias. Não vais fugir com o rabo à seringa quando falta tão pouco tempo para fazeres noventa e nove anos, pois não?

Käthe apoiou a cabeça no encosto do cadeirão.

– Não quero fazer noventa e nove anos – anunciou.

– Pois eu quero – afirmou Henny. Começava a irritá-la o derrotismo que Käthe demonstrava. – E cem também.

– Tu estás muito melhor do que eu.

– Nisso tens razão, Käthe, é verdade. Talvez o Konstantin te possa dar uma ajuda. As injeções que te deu em novembro fizeram-te bem.

– Pelo menos não perdi o juízo, como aconteceu à Ida.

Henny olhou um bom bocado para Käthe. A luz cálida do candeeiro de pé conferia frescura ao seu rosto, mas tinha os olhos bastante encovados.

– Vê lá, não te esqueças de plantar a tília em abril.

– Vamos esperar um pouco, minha querida Báucis.

Henny levantou-se quando Käthe começou a rressonar ao de leve. Tapou-a com a manta de *mohair* e dirigiu-se para o vestibulo, uma vez que ouviu a porta. Era Konstantin, que regressava a casa vindo do consultório, com comida comprada na secção de alimentação dos grandes armazéns Alsterhaus e que levou para a cozinha. Henny ainda cozinhava para os três, mas as compras eram feitas por Konstantin, quando não se encarregavam disso Marike e Klaus.

Henny fechou a porta da cozinha e virou-se para o neto.

– A Käthe diz que não vai chegar ao dia do seu aniversário – contou.

Konstantin sentou-se numa das cadeiras, ainda não despira o sobretudo.

– Senta-te – convidou. – Posso voltar a dar-lhe umas injeções, mas todos os órgãos da Käthe estão a entrar em falência. Não aguenta mais, Henny, ao contrário de ti.

– Queres dizer que seria egoísta da minha parte não a deixar partir?

– A deterioração é imparável. Foram uns anos muito bons, desde que a Käthe veio morar connosco. Nessa altura queria morrer, mas era a alma que sofria mais do que o corpo. – Konstantin pôs-se de pé. – Vou despir o sobretudo, vou lavar as mãos e depois vou ver como está a Käthe.

– Pode ser que ela queira comer um pouco das batatas gratinadas que tenho no forno – sugeriu Henny, animada. – Tu queres, não queres?

– Claro – respondeu ele.

– Não tens vida própria, Konsti.

– Esta é a minha vida.

– Vais apresentar-me a médica, aquela que conhecestes no congresso?

– Isso acabou, Henny. Tu mesma dizes sempre que ainda estou na casa dos trinta, ainda não enveredei pelo caminho do celibato. A propósito, a Marike

disse-me que o Lori vai ser pai. Tem vinte e oito anos, não é verdade?

Henny fitou-o com cara de preocupação. Estaria o seu neto a pensar no filho que teria tido com Vivi?

– Sim – confirmou. – O Alex vai ser avô. Acho que isso diverte mais o Klaus do que o aborrece.

– O Havekost mandou chamar-me hoje – contou Konstantin. – Disse que no ano que vem a Finkenau vai fechar as portas. Os custos são demasiado elevados, e então vai passar a fazer parte do Hospital Barmbek.

Henny não disse nada.

– Parece mentira que de repente tudo acabe – retorquiu ao fim de um bocado.

– Bom, pelos vistos também há algumas coisas que começam – objetou o neto.

Katja encontrou na caixa do correio um postal ilustrado de Karsten. Na foto viam-se três velhotas vistosas e extravagantes, com o cabelo pintado de cor-de-rosa, a comer um gelado. «*As Três Mulheres de Antibes*», escreveu. «Somerset Maugham envia-vos lembranças. Como sempre, estão todos mais do que convidados a vir visitar-me no verão.»

Em dezembro tinha passado uns dias em Hamburgo e ficara hospedado numa pensão na Rua Schwanenwik. Karsten transformara em realidade a casinha de Antibes, se bem que em forma de apartamento com varanda e cinco assoalhadas. Já quase não trabalhava, aquele que fora em tempos correspondente de guerra não gozava de boa saúde. «Por este andar, o tio Karsten não tarda a ir para a terra dos pés juntos a passo acelerado», disse-o a Henriette, e fê-lo como se tivesse graça. A Guerra do Líbano voltava a cobrar o seu preço.

Katja deixou o postal na mesa onde Jon estava sentado a ler um guião. Ambos olharam para o corredor. No quarto de Caroline ouvia-se *Quit Playing Games (With My Heart)*.

– Os Backstreet Boys – elucidou Jon. – A Caro está a ouvi-los há horas. Cada vez um pouco mais alto. – Pegou no postal. – Devíamos ir visitar o Karsten à Riviera, estou a falar a sério. Às vezes preocupa-me que não chegue a velho.

– A Henny diz que a Käthe vai morrer em breve. Nem sequer quer chegar ao dia do aniversário, que é a 21 de janeiro.

– A partir de 20 de janeiro vou filmar durante três dias em Colónia. A Henny falou com a Ruth e com o Stefan sobre o estado de saúde da Käthe?

– Sim, um dos dois vai ficar com ela todos os dias. Hoje foi a vez da Ruth.

– Ontem o Stefan sofreu um *grand mal* muito forte.

- Os ataques têm aumentado ou piorado?
Jon abanou a cabeça.
- Sempre foi assim.
- A Henriette está no quarto dela? Não se ouve nada.
- Está em casa dos teus pais. Foi jogar ludo.
- Porque é que não vamos visitar a Käthe amanhã? Podemos levar-lhe *éclairs* de chocolate e faremos como se fosse o aniversário dela.
- A Henriette combinou ir ao cinema com uma amiga e a Caro tem *workshop* de teatro.
- Talvez seja melhor irmos sem as pequenas, Jon. A Käthe cansa-se muito.

– Mas ainda nem sequer é o meu aniversário – objetou Käthe. Comeu meio *éclair* e quase não participou nas conversas, quer fossem assuntos familiares ou de política. Gerhard Schröder, que em outubro havia substituído Helmut Kohl, chanceler desde há uma eternidade, e que agora governava a partir do que havia sido a sede do Conselho de Estado, o Palazzo Prozzo da RDA. As obras da Chancelaria tinham tido início havia dois anos.

– Bom, pois então risquemos os *éclairs* – resolveu Henny. – No dia 21 de janeiro vou fazer-te um bolo de sementes de papoila, de que também gostas.

Henny não se dava por vencida assim com tanta facilidade. Ainda faltavam seis dias para 21 de janeiro. Talvez essa data constituísse um limite que Käthe devia superar para perder o medo de morrer e voltar a sentir-se melhor.

Apesar dos pesares, Henny comprou um frasquinho do perfume preferido de Käthe: *La Vie Est Belle*. E também uma romeira de lã cor de baunilha na retrosaria da Rua Mühlkamp. Henny embrulhou os presentes num papel violeta e guardou-os no seu guarda-fatos.

No dia 20 de janeiro à tarde fez um bolo de sementes de papoila, o aroma inundava a casa inteira.

- Vem sentar-te ao pé de nós, Henny – pediu Käthe.
- O Stefan acendeu a lareira. – Sentada ao lado de Käthe, Ruth segurava-lhe na mão.

– Estás a ver como continuamos vivas? – disse Henny para Käthe quando deram as boas-noites. Depois, Henny subiu as escadas para ir para o quarto, no primeiro andar.

Por volta das quatro da madrugada, Konstantin acordou-a.

– Não ouviste? – perguntou. Não, Henny dormia profundamente.

Käthe dera um grito: «Rudi!» Recorrera a todas as forças que lhe restavam para pronunciar o nome dele pela última vez.

Quando Henny e Konstantin foram até ao seu quarto, Käthe não se mexia. A única coisa que Konstantin pôde fazer foi confirmar a sua morte.

– Sempre foi teimosa – afirmou Henny, entristecida. – «A respondona», era assim que o Theo lhe chamava. – A sua amiga de toda a vida empenhara-se em morrer antes do seu aniversário e conseguiu-o.

– Vai para a cama, eu fico com ela – ofereceu-se Konstantin. No entanto, levou a Henny um dos cadeirões da sala de estar e embrulhou-a em mantas para depois ele próprio se sentar junto da avó e de Käthe.

A florista da Gertigstrasse parecia encantada, ao contrário das floristas que Konstantin conhecia. Achou que tinha penetrado no quadro de um pintor pré-raphaelita quando entrou para encomendar um grande ramo de flores para Käthe: ranúnculos brancos, rosas de um rosa-claro, jacintos azuis, que a florista lhe recomendou. Henny não queria uma coroa, nada espartilhado.

– A senhora não está aqui há muito tempo, pois não? – perguntou à jovem ruiva.

– Desde o verão passado.

– E como é que é possível que eu nunca tenha reparado na sua loja?

– Talvez o senhor venha sempre com pressa.

– É muito provável, sim – admitiu Konstantin. – Quase como se andasse em fuga.

Trocaram um sorriso como se se conhecessem há muito tempo.

Seria possível que quando saiu do estabelecimento, que fazia esquina, tenha acalentado esperanças? Sentira afeto? Quase felicidade? Afinal de contas, Konstantin não fizera mais nada além de encomendar umas flores para o enterro de Käthe.

Dezembro, 1999

Henny abriu o guarda-fatos e tirou a gola de renda de Plauen da gaveta, um trabalho valioso. Konstantin tinha-lhe oferecido essa gola branca no seu aniversário. O seu olhar deteve-se em dois embrulhinhos envoltos em papel violeta.

Käthe já não se encontrava ali, já não precisaria de uma romeira nem de um perfume. Talvez devesse ela mesma usar desde logo as duas coisas, pelo menos a romeira, uma vez que o seu perfume preferido era *L'Air du Temps*, desde que Theo lho oferecera pela primeira vez no Natal de 1948.

Henny aproximou-se do espelho e colocou a gola sobre o vestido de lã cinzento-antracite, podia usá-la quando Klaus e Alex a convidassem no segundo domingo do Advento para cantar os tradicionais cânticos de Natal. Estaria presente uma jovem que era quase uma desconhecida para todos em janeiro desse ano, mas agora Jantje existia, e trouxera luz à vida de Konstantin.

No início do novo ano, Henny deixaria o quarto do primeiro andar e instalaria a cama e o guarda-fatos no aposento contíguo à sala de estar, que antes era a sala de jantar e durante pouco mais de seis anos fora o quarto de Käthe. O louceiro vermelho-tomate estava agora na casa de Ruth e Stefan. O móvel simples com que o pai de Käthe havia surpreendido um dia a sua mulher, Annsche, resistia à passagem do tempo.

O último domingo de um século que chegava ao seu fim, Henny iria apreciá-lo, embora o ano tivesse sido tudo menos fácil, como se a morte de Käthe tivesse trazido à memória todas as outras, evocando umas recordações tristes, quase angustiantes.

E tudo isso apesar de em agosto ter nascido um bebé, a pequena Klara. Quase continuava a parecer incrível que fosse neta de Alex, que vivia com Klaus havia várias décadas.

Henny colocou a gola na gaveta onde guardava as luvas e os cachecóis, despiu o vestido e pendurou-o no cabide. Em seguida, vestiu a saia axadrezada e a camisola com o casaquinho a condizer. O lindo lenço de Paris também poderia voltar a usá-lo em breve, aquele das hortênsias azuis, que combinava bem com a cor dos seus olhos. Como uma tarde de primavera.

– Caramba, é como nos velhos tempos – comentou Alex, tirando da mesa os papelinhos soltos. – *Silent Night* – leu. – Chet Baker. É uma gravação de sonho, mas não te parece algo prematuro?

– Este domingo é o segundo do Advento – replicou Klaus – e convidámos a família, não podes ter-te esquecido disso. – *In the Bleak Midwinter*, escreveu noutra folha de papel, que mostrou a Alex. – Desta tenho a gravação da Shawn Colvin. Qual é a tua opinião?

– Não é jazz, mas gosto.

– Dantes não sentia nem metade do nervosismo, agora falta-me a prática; o último *Quando a Noite Cai* foi para o ar em outubro. Tenho de levar isto sem falta para a rádio, de modo a entregar os papéis ao técnico.

– Queres enviar as folhas por fax?

– Trata de te habituar de vez em quando ao facto de que tenho um computador portátil. – Klaus apontou para a secretária. – Passo tudo para lá e carrego em «Enviar».

– Nesse caso, porque é que continuas a escrever tudo nos papelinhos?

– Faz parte do processo criativo. – Klaus pegou nas folhas soltas, dirigiu-se para a secretária e ligou o computador.

– A propósito, estou a ver que os técnicos conseguiram acabar por te reeducar para que lhes envies todo o material às quintas-feiras.

– Hum – replicou Klaus. Olhou para a fotografia emoldurada da família de Alex e para a de Klara, que tinha doze semanas, ambas em cima da secretária.

– A verdade é que a Klara se parece muito com a tua mãe.

– Sim – concordou Alex.

– E contigo.

– Achas que isso é doloroso para o Old Green Eye?

– Não: a Etta é igualzinha a ele. Logo verás quando tiver filhos, de certeza que serão autênticos clones do Robert.

Have Yourself a Merry Little Christmas, escreveu no computador portátil. Gravação de Frank Sinatra. Alex foi ter com ele e pegou em ambas as fotografias.

– Acrescenta *Mary's Boy Child* – sugeriu-lhe. – Com o Harry Belafonte.

– Essa também não é de jazz.

– O novo chefe não é tão exigente como o Thies. E, por falar nisso, como é que está o Thies? – Pousou as fotos em cima da secretária.

– Removeram-lhe tudo e mostram-se otimistas. Não sei se além disso vai ter de fazer algum tipo de terapia. Combinei encontrar-me com a Marike amanhã, para a grande degustação de pão doce na confeitaria Andersen, depois pergunto-lhe. – Fora diagnosticado ao cunhado um carcinoma basocelular, um cancro da pele bastante disseminado.

– Vamos servir mais alguma coisa no domingo para além do pão doce e das

bolachinhas? – perguntou Alex.

– Tu servirás chá e ponche. Um com e outro sem álcool.

Alex ergueu as sobrancelhas.

– Eu já sabia disso?

– Ficas a saber agora. Vou fazer um gulache. Além disso, devíamos ter em casa vinho tinto, por isso vai à loja e deixa-te aconselhar pelo Tiefenbach. Duas caixas, diria eu, assim teremos que chegue também para o Natal.

– Nesse dia, a família inteira vai estar na casa da Katja – referiu Alex.

– Também comemoraremos a passagem de ano na casa dela.

– Não será demasiado? O Jon tem uma estreia antes do Natal. *Jeff Koons*.

– *Nasti* – retorquiu Klaus.

Alex encolheu os ombros, não percebeu.

– A Katja é a que tem a mesa mais comprida, tão simples quanto isso, mas já lhe dissemos que na véspera de Ano Novo quem cozinha sou eu. No domingo podemos decidir o que faremos para o jantar. Depois da meia-noite, aí sim, salada de arenque, de acordo com a receita da Else.

– Eu voto por salada de batata com salsichas.

– Isso é o que a minha mãe vai fazer na consoada. A propósito, «*nasti*» significa que a Katja tem imensa disponibilidade. Uma interpretação livre, trata-se de uma palavra nova.

– Para os jovens como tu – disse Alex. – Abençoado Natal, com o seu alarido e animação. Assim quase nem vamos ter tempo para nos preocuparmos com o novo milénio.

Florentine puxou pelo cordão do aquecedor antes de despir Klara no trocador, grande e pesado, dos seus filhos, que agora se encontrava no quarto que outrora fora de Ida. Na parede já não estava Jean Cocteau, mas sim um retrato do pequeno tigre-pato de Janosch.

Fred era o único que continuava a ocupar um quarto na que havia sido a pensão para artistas, e onde agora viviam um historiador e uma dramaturga que havia começado a escrever guiões. E Klara, a neta mais bonita do mundo.

Lorenz e Tamara tinham andado à procura de apartamento durante muito tempo, em vão, de maneira que a melhor solução fora oferecer-lhes a casa em vez de continuar a receber hóspedes. Florentine já assinara o contrato de arrendamento havia catorze anos, continuava a ser vantajoso.

– A tua primeira sessão de fotos – comentou Florentine. – A Katja deve estar a chegar de um momento para o outro.

Klara trazia um vestidinho de malha cinzento com um ursinho de peluche cor-de-rosa quando foi sentar-se à frente de Katja.

– Saiu à avó, não me resta a menor dúvida – declarou Katja. – Florentine,

olha só como ela seduz a câmara.

– Nela não há nada de chinês, a minha neta é parecida com o Alex – observou Florentine.

– O teu marido importa-se com isso?

Florentine negou com a cabeça.

– O *husky* é o homem mais generoso do mundo. Quando me apercebi disso, comecei a amá-lo.

– Ainda bem que te deste conta disso – constatou Katja, sorridente.

– No início não conseguia esquecer o Alex. A propósito, o que é feito do Karsten?

– Abandonou de vez o apartamento de Paris, agora vive em Antibes.

– E, em contrapartida, o Emil está agora em Paris. Os pulmões do Karsten aguentam?

– Espero que continuem assim por muito tempo. E agora vamos tirar umas fotos da neta com a avó. Seriam umas lindíssimas prendas de Natal.

No primeiro andar da clínica de mulheres Finkenau ouviam-se uns sons estranhos, vozes que entoavam o cântico de Natal *Es kommt ein Schiff, geladen*⁴¹. Konstantin subiu as escadas até que avistou as cantoras, que avançavam com dificuldade ao longo da música, como se tivessem diante de si a execução de uma ópera complicada. Umas quantas pacientes que haviam saído do quarto, pessoal do hospital.

O doutor Havekost não demoraria nada, informou-o a secretária. As cantoras atacaram *Maria, Tochter Zion*⁴², manifestamente demasiado aguda para as suas vozes. Konstantin contemplou a pequena árvore de Natal, decorada com uma certa negligência. Estaria a respirar-se um ambiente de fim do mundo na Finkenau, que havia sido sinónimo de vida durante oitenta e cinco anos?

Regressou ao piso térreo e sentou-se no banco de madeira maciça, defronte do consultório do doutor Havekost. Agora lá em cima ouvia-se *Maria durch ein Dornwald ging*⁴³. Theo passara a sua vida naquele lugar na qualidade de médico-chefe, e Henny e Käthe tinham-se formado como parteiras ali; para ele tinham sido os primeiros anos no exercício da sua profissão.

– Parece-me muito angustiado, Konstantin – observou Havekost. – É apenas por causa das cantoras? São paroquianas de uma igreja livre, enviaram-nas para cá por conta do Advento. Não tenho bem a certeza de que façam muito bem às nossas pacientes. A música é um tanto ou quanto triste.

– Também é triste que seja o fim desta instituição. A Finkenau faz parte da nossa família. Não podiam ter-se centrado de novo nos partos? Com todas as extravagâncias possíveis que existem nos dias de hoje? Nem oncologia nem

operações que se afastem dos cuidados pré e pós-natais.

– A decisão foi tomada por outras pessoas – replicou Havekost.

– E o senhor? Vai para Barmbek?

O médico assentiu.

– Creio que será em setembro do ano que vem. Venha comigo, Konstantin, sem dúvida de que vai querer fazer uma derradeira ronda de despedida.

Mais tarde, quando voltaram para o consultório, Konstantin acercou-se da janela e apoiou a mão no frio granito do elevado parapeito.

– Era para aqui que vinha o Theo Unger às vezes quando achava que precisava de ver as coisas a partir de uma perspetiva diferente – contou.

Havekost sorriu.

– Conheço a história, a Henny Unger contou-ma. Tudo aponta para que a sua avó consiga chegar aos cem anos, Konstantin.

– Esperemos que sim – respondeu ele. – Está muito bem conservada.

Quando entrou no carro e olhou de novo para a fachada de tijolo que Fritz Schumacher havia desenhado para a Finkenau tantos anos antes, reparou que Havekost se encontrava assomado à janela. Konstantin enfiou pela Rua Hamburger e atravessou Barmbek por caminhos sinuosos a fim de chegar a uma loja situada na esquina da Rua Gertigstrasse. Ali aguardava-o um mundo repleto de aroma a abeto e a rosas-de-natal, amáris e hortênsias secas e também um anjo de cabelo ruivo.

Como soavam diferentes os cânticos de Natal quando se cantavam na sala de estar da Schwanenwik, embora apenas Jon e Alex possuíssem uma voz treinada. A voz aguda de Henny e a grave de Katja; Florentine e Robert, que cantavam entre si como o duo Nina & Frederik. Cada um podia escolher uma canção, folheavam páginas e mais páginas de libretos e livros de partituras.

Henny escolheu o cântico *Am Weihnachtsbaum die Lichter brennen*⁴⁴.

*Zwei Engel sind hereingetreten,
Kein Auge hat sie kommen sehn,
Sie gehen zum Weihnachtsbaum und beten
Und wenden wieder sich und geh'n.*⁴⁵

– O ponche infantil que preparaste está delicioso – afirmou Katja.

– Vai procurar o Alex – disse Klaus. – Já o devia ter posto na cozinha há muito tempo. Estou encantado por delegar tarefas na véspera de Natal e voltarei a fazê-lo na passagem de ano. Vou atribuir-lhe mais tarefas.

Foi Katja quem no dia seguinte arranjou tempo para levar a avó ao centro da

cidade, para fazer algumas compras de Natal. Henny deu-lhe o braço quando seguiam pela escorregadia Jungfernstieg para chegar à Neuer Wall, cujas iluminações de Natal formavam arcos nas ruas; eram as mais antigas da cidade, existiam desde 1926.

– Também quero ir à Gänsemarkt, à livraria Landmann – disse Henny. – Pedi ao Nils que me arranjasse *O Jardim Secreto*, para oferecer à Jantje.

»Este livro já existia quando eu era jovem – contou enquanto Nils o embrulhava. – Lembro-me muito bem do teu pai, Nils. Fez muito bem à Lina, até ao último instante da sua vida.

– Foi uma coisa mútua. Este ano teria feito noventa anos, mas foi fazer companhia às suas mulheres.

– Não gostaria de ter vivido em nenhuma outra cidade – afirmou Henny quando regressavam ao carro pela Jungfernstieg. Detiveram-se por um instante a contemplar o grande abeto iluminado que se erguia no meio do pequeno Alster. – E tu, minha filha?

Katja tinha visto muito mais do mundo do que Henny, mas concordava com ela: acaso não era o que sentia nesse exato momento?

– Quem me dera que de vez em quando me tivessem incentivado a procurar a minha felicidade – refletiu Henny. – Na realidade, o único que o fez foi o Theo, quando me pediu para ir viver para a Körnerstrasse e casar-me com ele.

– Achas que temos de incentivar o Konstantin a procurar a felicidade?

– Não, Katja. Agora já não é preciso.

– Pelos vistos, assim que terminar o ano e começar o seguinte vai haver um caos informático – contou Alex na tarde da passagem de ano. – O que é que achas que vai acontecer com o teu computador portátil? – Uma ferroada inocente, visto que já estava há horas a fazer as vezes de ajudante na cozinha de Katja, lavando e tirando os fios ao feijão-verde e envolvendo-o em *bacon*, ralando cenouras, descascando batatas, enquanto Klaus retirava nervos e veios ao *magret*, fazendo-lhe cortes em cruz, e o preparava para o grelhador.

Jon aumentou a mesa com duas tábuas. A grande família de amigos no seu todo sentar-se-ia ao redor dela, incluindo Fred. Katja e as pequenas puseram a mesa, distribuíram surpresas natalícias, bolinhos da sorte.

– Vamos até ao Alster à meia-noite, Jon? – perguntou Katja.

– Gostava muito. Ao que parece, vão lançar o fogo de artifício do milénio. Virão pessoas de todos os bairros da cidade.

– O Alex já disse que vai ficar em casa com a Henny, e portanto o Klaus também. Não entrará no novo ano sem estar nos braços do Alex.

– Que belo casal – observou Jon. – Como tu e eu.

– E como tantos outros. Agora e antes – retorquiu ela.

Às oito horas encontravam-se todos reunidos em redor da grande mesa de Katja para comemorar a última noite do ano. Do século. Do milénio. Henny, à cabeceira, olhou para cada um deles quando ergueu a sua taça: Marike, Thies, Klaus, Alex, Katja, Jon, Caroline, Henriette, Konstantin e Jantje. Ruth e Stefan. Florentine, Robert, Etta, Lorenz, Tamara e Fred. Klara estava no carrinho, a dormir, mas com ela eram vinte. Uma grande família.

Acaso não se encontravam os mortos em segundo plano, a ver o que faziam os vivos?

Pouco antes da meia-noite puseram-se em marcha prontos para ir até ao Alster, com cestos cheios de garrafas de espumante, taças embrulhadas em panos de linho. Em casa ficaram apenas Henny, Alex e Klaus e também Lori e Tamara com a filha, que tinha quatro meses.

Os sinos vizinhos da Igreja de Santa Gertrudes. De Santa Maria. Ao longe ouviam-se as igrejas da cidade. À segunda badalada, os quatro já se encontravam em redor de Henny, Lori com a menina nos braços. Nesse momento, Klara estava bem acordada, não queria perder pitada do seu primeiro fim de ano.

– Fico muito feliz por estares connosco, mamã – afirmou Klaus. – Por favor, fica connosco muitos mais anos.

Henny inclinou-se para a frente no grande cadeirão, que haviam puxado para mais perto dela, e tirou uma das taças de espumante da bandeja que o filho lhe ofereceu.

– Vou tentar, meus filhos – respondeu. – Logo veremos até onde consigo chegar.

A décima segunda badalada. Dava-se início ao ano 2000.

Também nas margens do Alster as pessoas se abraçavam, declaravam o seu amor entre si, invocavam a sua eternidade. Era provável que o beijo que Florentine deu a Robert tenha sido o mais longo da história de todos os beijos que trocaram; havia muito que invocar.

As fagulhas dos foguetes que as filhas de Katja e Jon acenderam foram o único resquício refulgente que viram nessa noite. Apenas Konstantin e Jantje julgaram ver um foguete brilhante no céu.

O tempo, que estava chuvoso? Os soberbos fogos de artifício? O Alster encontrava-se envolto numa espessa neblina, assim como o novo milénio.

No entanto, quando regressavam às respetivas casas com os cestos e se aproximavam da casa da Rua Papenhuder, deram-se conta de que uma das janelas do segundo andar estava aberta de par em par, e dela saíam os sons tocados ao piano de *Auld Lang Syne*.

Alex tocava no piano de Berlim Leste a canção escocesa que invocava os tempos passados e a cada estrofe que passava soava mais a *jazz*.

41 Cântico alemão típico da época do Advento datado do século XIV, considerado um dos mais antigos do país, composto por Johannes Tauler, e que pode ser traduzido como *O Barco Vem Carregado*. (N. da T.)

42 Outro cântico religioso alemão, desta feita de Lucien Deiss (1921-2007), que pode traduzir-se por *Maria, Filha de Sião*. (N. da T.)

43 Mais outro cântico alemão, anónimo, típico do Advento, cuja música remonta ao século XVI, podendo traduzir-se como *Caminhava Maria por Um Espinheiral*. (N. da T.)

44 Cântico de Natal alemão baseado num texto de Hermann Kletke de 1841, que pode traduzir-se por *As Luzes Brilham na Árvore de Natal*. (N. da T.)

45 Dois anjos acabam de entrar, / ninguém os viu chegar, / junto à árvore de Natal vão rezar, / voltam-se e vão-se embora de novo. (N. da T.)

Epílogo

Filhas de Uma Nova Era. Tempo de Mulheres. As Quatro Amigas.

Três romances que me proporcionaram uma grande felicidade. A felicidade de ter dado vida a estas personagens, uma vez que essa é a impressão que eu tenho: estão ali, existem, de verdade. De vez em quando julgo deparar-me com elas no meu bairro, Uhlenhorst, como se fossem minhas vizinhas e muito mais: a Henny, a Käthe, a Lina, a Ida e todos os seus companheiros de viagem são como uma família para mim.

Também constitui uma grande alegria que vós, os leitores, tenham aberto o vosso coração às minhas personagens e as tenham acompanhado ao longo de um século. Agradeço-vos por isso.

E agradeço também do fundo do coração a todos aqueles que contribuíram para tornar esta trilogia realidade.

Hamburgo, maio de 2018

CARMEN KORN

Fontes

A autora cita excertos de:

Página 15: © *Kinder, heute Abend, da such ich mir was aus*, 1930, BMG Music Publishing München GmbH, Frederik Hollander Music, composta por Robert Liebmann.

Páginas 83 e 426: © *The Man I Love*, 1924, WB Music Corp., Ira Gershwin Music, New World Music, Chappell & Co. Inc., composta por George Gershwin e Ira Gershwin e interpretada por Ella Fitzgerald.

Páginas 124-125: © *Someone to Watch Over Me*, 1926, UMG Recordings Inc., composta por George Gershwin e Ira Gershwin e interpretada por Ella Fitzgerald em 1957.

Página 160: © *Here's to You*, 1971, Universal Music Publishing Group, composta por Ennio Morricone e Joan Baez e interpretada por Joan Baez.

Página 192: © *Me and Bobby McGee*, 1969, Combine Music Corp., composta por Kris Kristofferson e Fred Luther Foster e interpretada por Janis Joplin.

Páginas 204 e 206: © *I'm Not in Love*, 1975, Sony/ATV Music Publishing LLC, composta por Eric Stewart e Graham Gouldman e interpretada por 10cc.

Página 269: © *Blue*, 1980, Künstlerische Arbeitsgruppe, composta por Günther Fischer e interpretada por Renate Krössner para o filme *Solo Sunny*, realizado por Konrad Wolf e Wolfgang Kohlhaase.

Página 280: © *With a Little Help from My Friends*, 1967, Sony/ATV Music Publishing LLC, composta por John Lennon e Paul McCartney e interpretada por The Beatles.

Página 322: © *Embraceable You*, 1930, WB Music Corp., Ira Gershwin Music, composta por George Gershwin e Ira Gershwin e interpretada por Ella Fitzgerald.

Página 326: © *Beautiful Boy (Darling Boy)*, 1980, Calderstone Productions Limited (Universal Music Group), composta e interpretada por John Lennon.

Página 355: © *O Holandês Errante (O Navio Fantasma)*, terceiro ato, cena primeira, ópera composta e escrita por Richard Wagner, 1843.

Página 463: © *Ich Weiss Nicht Zu Wem Ich Gehöre*, composta por Friedrich Hollaender e Robert Liebmann para o filme *Stürme der Leidenschaft*, 1932.

Obras literárias ou cinematográficas das quais, para comodidade do leitor, se cita aqui o título em português, mas que não foram, ainda, traduzidas para o nosso idioma, tendo-se mantido ao longo do texto o título original da obra:

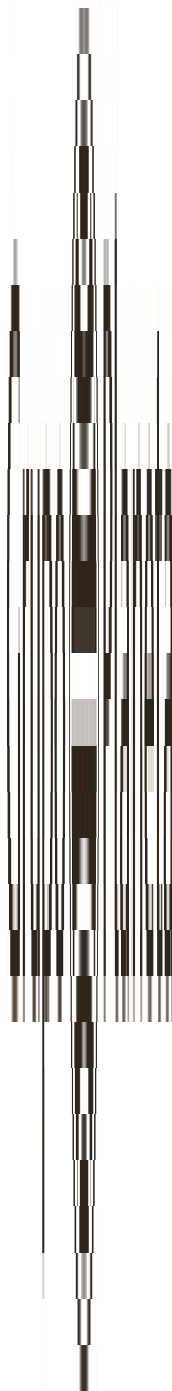
Páginas 50 e 51: *Escola de Coelhoinhos*, de Albert Sixtus e Fritz Kotch-Gotha. Título original: *Die Häschenschule*.

Página 50: *Livros de Texto*, de Helmut Heissenbüttel. Título original: *Textbücher*.

Página 124: *O Verão dos Anciãos*, de Rudolf Hagelstange. Título original: *Altherrensommer*.

Página 207: *O Beco das Almas Perdidas*, realizado por Kurt Hoffmann em 1965. Título original: *Das Haus in der Karpfengasse*.

Página 227: *O Pão do Padeiro*, realizado por Erwin Keusch em 1976. Título original: *Das Brot des Bäckers*.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg
© 2021, Planeta de Livros Portugal

Título original: *Zeitenwende*

Design da capa: Planeta Arte & Design,
baseada na ideia original de any.way, Barbara Hanke e Cordula Schmidt

Fotografia da capa: © Miller / INTERFOTO

Edição em epub: Janeiro de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-680-9 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

1. *Introduction*

2. *Methodology*

3. *Results*

4. *Discussion*

5. *Conclusion*